

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS DA  
RELIGIÃO**

**CLAUDETE RIBEIRO DE ARAUJO**

**"SOU FUNDADEIRA DESSA CIDADE": IDENTIDADE, RESISTÊNCIAS E  
EMPODERAMENTO FEMININO NA UMBANDA GOIANIENSE.**



**GOIÂNIA  
2020**

**CLAUDETE RIBEIRO DE ARAUJO**

**"SOU FUNDADEIRA DESSA CIDADE": IDENTIDADE, RESISTÊNCIAS E  
EMPODERAMENTO FEMININO NA UMBANDA GOIANIENSE.**

Tese apresentada ao Programa de Pós  
Graduação Stricto Sensu em Ciências da  
Religião da Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás como requisito parcial a  
obtenção do título de doutor em Ciências  
da Religião.

Linha de pesquisa: Religião e movimentos  
sociais

Orientador: Eduardo Gusmão de Quadros

**GOIÂNIA**

**2020**

A663s Araujo, Claudete Ribeiro de

"Sou fundadeira dessa cidade": identidade, resistências e empoderamento feminino na umbanda goianiense /Claudete Ribeiro de Araujo.-- 2020.  
464 f.: il.

Texto em português, com resumo em inglês

Tese (doutorado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia, 2020  
Inclui referências: f. 414-427

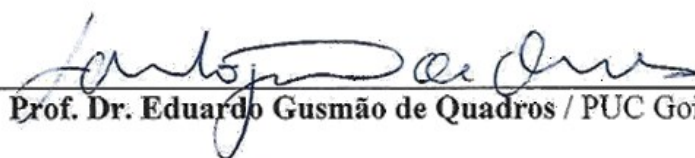
1. Umbanda - História - Goiânia (GO). 2. Mulheres e religião. I.Quadros, Eduardo Gusmão de. II-Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - 02/03/2020. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 259.4(043)

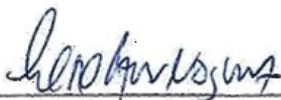
**"SOU FUNDADEIRA DESSA CIDADE": IDENTIDADE, RESISTÊNCIAS E  
EMPODERAMENTO FEMININO NA UMBANDA GOIANIENSE**

Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia  
Universidade Católica de Goiás, aprovada em 02 de março de 2020.


**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás (Presidente)

  
Profa. Dra. Maria Izilda Santos de Matos / PUCSP

  
Prof. Dr. Léo Carrer Nogueira / UEG

  
Profa. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás

  
Profa. Dra. Rosemary Francisca Neves Silva / PUC Goiás

Prof. Dr. Pedro Antonio Chagas Cáceres / PUC Goiás (Suplente)

Profa. Dra. Gislaíne Valério de Lima Tedesco / UEG (Suplente)

## DEDICATÓRIA

Às pequenas Wayra e Diana para que aprendam a força da  
espiritualidade das mulheres na Umbanda.

Ao Pai Joaquim de Aruanda por seus conhecimentos e  
sabedorias presentes nesta tese.

## AGRADECIMENTOS

Tenho tanto a agradecer...

Esta pesquisa de doutorado ficou pronta 20 anos depois. Foram 20 longos anos, não pela pesquisa em si, mas para a autora amadurecer, sair de seu vitimismo que causava sofrimento nela e nos outros, elevar sua autoestima e descobrir suas potencialidades e capacidades tão negadas ao longo de sua história. Deixar sua cidade natal e ir se aventurar em outras terras, descobrir novas pessoas e reencontrar suas raízes e antepassados a fizeram ter certezas de que fazia parte de algo muito maior.

Assim, essa pesquisa atravessa o fim do milênio e inicia outro, com tantas esperanças, expectativas e transformações. Ela não é o início de uma caminhada como acontece com tantos jovens doutores, mas o fim de uma etapa que precisava se fechar para brotar novas sementes, a maioria delas que não verei frutificar.

Quero agradecer inicialmente a minha mãe, dona Isterlita, mulher da diáspora nordestina em São Paulo, que partiu de sua terra na década de 60 num pau de arara para nunca mais voltar. Deixou lá a sombra do pé de Juá, seu cavalo Pipoca, seus irmãos e amigas que se uniam nas festas religiosas em torno da fogueira. Mais do que isso, deixou para trás uma visão de mundo e uma filosofia de vida para se abrir às novas experiências na cidade, que fizeram dela uma mulher excepcional e culminaram nos conhecimentos que dela adquiri para minha sobrevivência e espiritualidade.

Com meu pai aprendi a ética norteadora da sinceridade e da honestidade, como de fato se faz nesta pesquisa, na escuta e na escrita. Foi dele também que conheci Alan Kardec e o espiritismo, advindos da forma de pensar de um semiletrado.

Quero agradecer nestas andanças pelo padre Léo que era pároco católico da Igreja Nossa Senhora de Fátima e a Dom Paulo Evaristo Arns, (ambos já falecidos) que permitiram vivenciar uma Igreja Povo de Deus e com isso me alcançaram na periferia de São Paulo, onde estava destruída, mas com um enorme desejo de estudar e conhecer o mundo. Da periferia para as ruas, agradeço a cada criança que, morando nas ruas, me ensinou que eu não estava sozinha, especialmente a menina Priscila, que nasceu numa praça e pela qual lutamos para que ficasse com

sua mãe, também menina de rua, e que deu o nome à minha primeira filha. Nas ruas com Dom Luciano Mendes de Almeida aprendi que os empobrecidos nos evangelizam na medida em que nos tira da nossa inércia e do conformismo. Daí fomos para os bairros, especialmente na zona oeste da cidade onde ele celebrou meu casamento, na época uma casa cheia de meninos que moravam na rua. Destes meninos, quero agradecer ao Gilberto, que não sei se ainda vive, mas que me ensinou que nem tudo é possível.

Quero agradecer a Pedro Casaldáliga nas caminhadas das Asambleas Del Pueblo de Dios, realizadas em Quito, depois em Medellín e em San Domingos que me fez entrar numa crise de identidade, pois não conseguia ser branca, nem indígena, nem mestiça, nem negra. A crise foi resolvida com o padre Toninho, negro iniciador de uma pastoral afro na Igreja Católica, pois com ele fui à busca da minha história de vida, e dos meus antepassados.

Agradecer ao meu filho e antes de tudo, meu grande amigo, Paulo Inácio, hoje muito distante. Ele nasceu no martírio de Ignacio Ellacuría, um dos pais da teologia da libertação, que me libertara do mundo das ideias, e dois dias depois das eleições onde depusitei nas urnas meu primeiro voto para presidente após a ditadura militar. De Lula e de Ellacuria vieram seu nome e ele foi minha inspiração, de seu lugar de evangélico neopentecostal, para não desistir de minhas metas. Com ele aprendi a escutar o diferente a partir de seu lugar social e de sua experiência religiosa.

Agradecer a minha filha Clara e sua pequena Wayra que me revelou a umbanda. As primeiras incorporações e vidências dela me levaram a este estudo sobre a religião, para perceber especificidades em relação às mulheres.

Agradecer a professora Maria Izilda dos Santos Matos que me acolheu na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no meu mestrado, a qual me ensinou que poderia aprender com a academia novas chaves de leitura para interpretar as pessoas e o mundo, retirando assim o peso que estava sobre mim de crenças limitadoras.

Quero agradecer ao meu companheiro que, apesar de não entender bem a fadiga de um doutorado, me apoiou com sua companhia, compreensão, transcrevendo alguns áudios e principalmente trocando ideias sobre a vida religiosa dos umbandistas. Ele, com sua experiência religiosa, me permitiu acessar os

depoentes, sem julgamentos e sem críticas, como simples pessoas que vivenciam uma religiosidade e organizam suas vidas a partir do sentido que a religião lhes oferecem.

Quero também agradecer a toda comunidade do Instituto Federal do Maranhão, em especial ao professor Antônio Maia de Oliveira, na época diretor do meu campus na cidade de São João dos Patos, que não mediu esforços para transcender a burocracia e conseguir minha liberação para prosseguir minha qualificação profissional. Retorno ao trabalho com ânimo renovado e levo para a comunidade escolar não apenas a metodologia científica da pesquisa, mas a importância de investigar outros protagonistas que fazem história muitas vezes no anonimato. Para isso, a socialização desta pesquisa será fundamental.

Com carinho quero agradecer a todos que participaram diretamente da pesquisa, em especial a todas as mulheres, que gentilmente abriram as portas de suas casas e de seus corações, para narrar suas histórias de vida, muitas vezes cheia de comoção, de memórias tolhidas pelos infortúnios do cotidiano e de lembranças que lhes nortearam suas opções de vida. Foi uma vivência indescritível de estar com elas e aprender de suas trajetórias de vida. A cada uma delas parabeno pela coragem de assumir suas especificidades numa religião marginalizada na sociedade. A todas elas minha eterna gratidão.

Por fim quero agradecer ao professor e orientador Eduardo Gusmão de Quadros, amigo de outros tempos, na participação do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina- CEHILA, que me fez o convite para o Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e que apostou na minha liberdade de fazer a pesquisa de campo e escrever a tese. Sua confiança foi fundamental para o resultado deste trabalho.



A Umbanda ela é prática. Não queira você botar num livro a essência da Umbanda que você não vai ter condições e nem eu [...] a essência da Umbanda é igual a uma obra. Não tem como. É a prática e a vivência.  
(Dona Tereza)

## RESUMO

Esta pesquisa se insere na perspectiva da História das Religiões e apresenta a proposta da escrita da História da Umbanda na cidade de Goiânia. Ela se debruça no estudo de Centros de Umbanda fundados a partir da década de 50 que continuam ativos na realidade atual. Demonstra que houve uma resistência dos empobrecidos para fazer valer na nova cidade elementos de sua cultura religiosa, especificamente dentro da religião umbandista, sejam eles elementos de tradições católicas ou de tradições afro-brasileiras. Para isso, a organização e a linguagem religiosa da religião espírita, semelhantemente, foram apropriadas para que fornecesse uma aparência de religião lícita e institucional, aceitável na nova fisionomia social que se delineava naquela cidade moderna. Demonstra-se nesta pesquisa que mulheres iniciaram ou deram continuidade ao movimento umbandista na capital do estado de Goiás e que os Centros religiosos criados tiveram características diferentes, seguindo as orientações criativas de suas autoras, que creditavam tais idiosincrasias às suas entidades espirituais. Alguns dos Centros religiosos responderam às necessidades dos migrantes empobrecidos advindos da zona rural e de outras regiões do país em busca de melhores condições de vida; outros foram atendendo aos empobrecidos em busca de restituição de saúde, aparando-os, também com novas redes de solidariedades estabelecidas na nova realidade urbanizada. Tais mulheres líderes encontraram significados para suas vidas na religião umbandista e no desenvolvimento de sua mediunidade, o que lhes empoderaram e forneceram prestígio numa sociedade cheia de contradições sociais, raciais e de desigualdade de gênero. Utiliza-se a história oral de vida e a observação participante para conhecer as estratégias que a população foi encontrando na religião umbandista aonde salvaguardaram valores, costumes, palavras e ritos de diversas matrizes. Conclui-se que a Umbanda é parte integrante da história de Goiânia, sendo as mulheres suas principais protagonistas e responsáveis pela manutenção cultural e pela criação de novos comportamentos religiosos necessários a sobrevivência dentro do universo multifacetado da capital goiana.

**Palavras-chaves:** Umbanda, Mulheres, Resistência Cultural, Goiânia.

## ABSTRACT

This research is inserted from the perspective of the History of Religions and presents the proposal of the writing of the History of Umbanda in the city of Goiânia. It focuses on the study of Umbanda Centers founded from the 1950s that remain active in today's reality. It demonstrates that there has been resistance from the impoverished to assert elements of their religious culture in the new city, specifically within the umbandista religion, whether they are elements of Catholic traditions or Afro-Brazilian traditions. For this, the organization and religious language of the spirit religion, similarly, were appropriate for providing an appearance of lawful and institutional religion, acceptable in the new social physiognomy that was outlined in that modern city.

It is demonstrated in this research that women started or continued the umbandista movement in the state capital of Goiás and that the created religious centers had different characteristics, following the creative orientations of their authors, which they credited such idiosyncrasies to their spiritual entities. Some of the Religious Centers responded to the needs of impoverished migrants from the rural area and other regions of the country in search of better living conditions; others were given to the impoverished in search of health restitution, also trimming them, also with new networks of solidarity established in the new urbanized reality.

Such leading women have found meanings for their lives in the umbandista religion and in the development of their mediumship, which empowered them and provided prestige in a society full of social, racial and gender inequality contradictions. The oral history of life and participant observation is used to know the strategies that the population was finding in the umbandista religion to safeguard the values, customs, words and rites of various matrices. It is concluded that Umbanda is an integral part of Goiânia's history, with women being its main protagonists and responsible for cultural maintenance and the creation of new religious behaviors necessary for survival within the universe multifaceted from the Capital of Goiás.

**Keywords: Umbanda, Women, Cultural Resistance, Goiânia.**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Propaganda de venda de lotes em Goiânia .....	38
Figura 2: Goiânia dividida em regiões.....	42
Figura 3: Bairros que se foram formando em Goiânia .....	46
Figura 4: Cartaz em homenagem a Erotildes do Carmo.....	52
Figura 5: Fotos dos fundadores da Tenda Espírita São Sebastião.....	53
Figura 6: Foto da fachada da Tenda Espirita São Sebastião .....	55
Figura 7: Foto do portão da Tenda Espírita São Sebastião .....	55
Figura 8: Mapa da Região Metropolitana de Goiânia-RMG.....	69
Figura 9: Seu Jesus e dona Maria Baiana .....	71
Figura 10: Centro Espírita Estudantes do Evangelho em 1949.....	73
Figura 11: Incorporação numa gira de umbanda.....	76
Figura 12: Centro Eclético Espiritualista Tenda do Caminho em 1954.....	78
Figura 13: Casa de dona Didi na rua 6-Setor central.....	82
Figura 14: Uma das tantas comemorações na Tenda do Caminho.....	84
Figura 15: Dona Didi e Antonieta Alessandri em 1976: .....	85
Figura 16: Centro Espiritualista Irmão do Caminho no Setor Oeste.....	86
Figura 17: Centro Espiritualista Irmãos do Caminho no Setor Marista .....	87
Figura 18: Calendário religioso da Casa de Oração Mãe Dulce .....	90
Figura 19: Ponto riscado dos Pretos-velhos .....	91
Figura 20: Projeto de lei n.26 proposta à Câmara Municipal de Goiânia .....	101
Figura 21: Projeto de lei n.30 proposta à Câmara Municipal de Goiânia .....	102
Figura 22: Carro alegórico na procissão dos Pretos-velhos de 1976.....	104
Figura 23: Procissão dos Pretos-velhos em Aparecida de Goiânia.....	105
Figura 24: Modelo de carteira de chefe de terreiro .....	107
Figura 25: A força de convocação da FUEGO, depois FUCEGO .....	110
Figura 26: Festa em homenagem a Ogum .....	112
Figura 27: Almoço beneficente na Federação .....	113
Figura 28: Pai Elmo, Luis Sales e dona Tereza .....	114
Figura 29: Dona Tereza em reunião na Federação junto com Luís Sales....	115
Figura 30: Obras da na sede da Federação na década de 90.....	116

Figura 31: Dona Tereza organizando almoço beneficente .....	117
Figura 32: Romilda e sua forrça na Federação.....	118
Figura 33: Mãe Isa de Oxum, que foi presidente da Federação em 2008. ...	119
Figura 34: Isa no canto esquerdo participando de reunião. ....	120
Figura 35: Mãe Pedrinha e dona Geraldina. ....	121
Figura 36: A mesa Kardecista no Centro de Umbanda.....	130
Figura 37: Tia Leda na fundação de seu Centro de Umbanda. ....	131
Figura 38: Anuncio em jornal das conclusões do Primeiro Congresso .....	136
Figura 39: Mestre André na Ordem Universal do Planalto Central. ....	150
Figura 40: Ana Luzia na formação de médiuns as sextas feiras.....	154
Figura 41: Ana Luzia incorporada no doutor Zé de Paula .....	155
Figura 42: Tatá de inkince Tancredo Silva Pinto em Goiânia. ....	160
Figura 43: Premio Asé Isese concedida ao Tata Nkisi Elmo Rocha. ....	162
Figura 44: Mãe Isa de Oxum á esquerda e Pai Elmo à direita.....	163
Figura 45: Um desenho demonstrativo de um terreiro de Umbanda .....	170
Figura 46: Aviso na entrada da assistência do Centro Espirita.....	171
Figura 47: Altar na Tenda Espirita Pai João das Matas. ....	172
Figura 48: velas acendidas aos pés do Cruzeiro. ....	173
Figura 49: Seu Jesus e Mãe Lurdes com oferenda para Iemanjá. ....	174
Figura 50: Oferenda para Yemanjá junto com os médiuns.....	175
Figura 51: Vista do Congá do Centro de Umbanda Pai Joaquim .....	178
Figura 52: Seminário Ramatis na sede do CEUPJA.....	180
Figura 53: Imagem do Divino Pai Eterno na entrada do CEUPJA .....	181
Figura 54: Foto do congá do Centro .....	185
Figura 55: Imagem da bandeira.....	185
Figura 56: Certificado de membro do Círculo Esotérico .....	186
Figura 57: Imagem dos boiadeiros e cangaceiros. ....	187
Figura 58: Dona Roxa na festa de Santo Reis.....	189
Figura 59: Imagem dos reis magos visitando o menino Jesus. ....	190
Figura 60: Vista do altar do Centro Espirita Pena Branca.....	191
Figura 61: Dona Rosalina no Centro de Umbanda José Baiano .....	192
Figura 62: Vista do templo de umbanda Ogum Iara .....	199
Figura 63: Imagem da oração do anjo da guarda .....	201

Figura 64: A Imagem de Nossa Senhora .....	203
Figura 65: Imagem da entrada do Templo de Oração de Maria .....	203
Figura 66: Imagem da construção do Templo de Oração de Maria .....	204
Figura 67: Imagem do quadro de Maria de Lurdes .....	205
Figura 68: Vista do congá do Templo de Oração de Maria.....	206
Figura 69: Imagens de Nossa Senhora Aparecida e Yemanjá .....	207
Figura 70: Imagem de ambão com a bíblia.....	208
Figura 71: Imagem de médiuns mulheres no Templo de Oração de Maria ..	208
Figura 72: Imagem do corpo mediúnico na década de 90 .....	209
Figura 73: Maria de Lurdes e Jesus da Conceição.....	210
Figura 74: Procissão de Nosso Senhor Jesus Cristo.....	210
Figura 75: Imagens do padre Osiel.....	212
Figura 76: Imagens do agora bispo Dom João Paulo .....	214
Figura 77: Imagem de casamento realizado pelo padre Oziel .....	214
Figura 78: Imagem do quadro do Sagrado Coração de Jesus e de Maria....	216
Figura 79: Imagem de ícones com temas sobre Jesus e Maria.....	216
Figura 80: Dona Dulce (roupa azul) reunidos com médiuns .....	220
Figura 81: É na corrente que o médium desenvolve sua mediunidade. ....	222
Figura 82: Imagem do Preto-Velho.....	228
Figura 83: Pretas velhas atendendo os consulentes. ....	229
Figura 84: Manifestação de pretas velhas incorporadas.....	230
Figura 85: Altar dedicado aos Pretos-velhos. ....	238
Figura 86: Imagem da oca tida como ponto cabalístico para os Caboclos. .	241
Figura 87: Imagem da cabocla Jurema.....	242
Figura 88: Rosalina no canto a esquerda e seus médiuns .....	244
Figura 89: Médium incorporado.....	251
Figura 90: Imagem de dona Rosalina.....	254
Figura 91: Dona Roxa em reunião na comunidade .....	273
Figura 92: Dona Nadir, seu Kato, seu Júlio e dona Dulce .....	290
Figura 93: Dona Dulce cortando o bolo e dona Josephine em pé. ....	292
Figura 94: Dona Geraldina numa festa de Candomblé .....	300
Figura 95: Médiuns saudando os orixás .....	307
Figura 96: Foto de Manoel Pedro existente no altar .....	311

Figura 97: Paulo Onfre de Melo no Centro de Umbanda.....	314
Figura 98: Umbandistas reunidos na cachoeira.....	315
Figura 99: Romilda e Tom junto na vida e na umbanda .....	319
Figura 100: Maria Baiana com as mulheres negras .....	321
Figura 101: Maria Baiana uma voz entre as mulheres negras.....	330
Figura 102: Dona Roxa participando e sendo homenageada.....	333
Figura 103: Homenagem a Manoel do Carmo em calendário .....	340
Figura 104: Erotildes na sua juventude na sua função de babá .....	344
Figura 105: Foto de dona Erotildes com o filho e o neto de Maria Alice.....	345
Figura 106: Erotildes e seu marido. ....	348
Figura 107: Erotildes com o filho Reginaldo na sua casa .....	349
Figura 108: Dona Erotildes no Centro na década de 70 .....	350
Figura 109: Livros de leitura e estudo de dona Erotildes .....	351
Figura 110: Fogão a lenha na cozinha de dona Erotildes.....	352
Figura 111: Livro de orações de dona Erotildes .....	353
Figura 112: Dona Erotildes no trabalho religioso .....	354
Figura 113: Mãe Conceição, com copo na mão .....	358
Figura 114: Mãe Lia. Foto de arquivo pessoal.....	359
Figura 115: Médiuns em rituais e festas da umbanda .....	361
Figura 116: Noivas na Casa de Oração Mãe Dulce em 2018l .....	363
Figura 117: Mestre André com convidados no jantar .....	364
Figura 118: Convite para a festa de São Cosme e São Damião .....	365
Figura 119: Fila de pessoas para levarem bolos e doces para casal. ....	366
Figura 120: Mãe Lia incorporada na Cosminha junto com outros médiuns. .	367
Figura 121: Doces, bolos e balas na festa de São Cosme e Damião. ....	367
Figura 122: Festa de São Cosme e Damião com o bolol.....	369
Figura 123: Confeccionando o bolo com bolachas em 1994 .....	370
Figura 124: Dona Erotildes recebe os foliões na festa de Santo Reis .....	370
Figura 125: Fila de pessoas na casa de mãe Dulce .....	373
Figura 126: Dona Lurdes com a Vó Cambinda atendendo consulente.....	375
Figura 127: Prédio da Escolinha Lar das Crianças de Pai Joaquim .....	387
Figura 128: Frente do Lar das Crianças Pai Joaquim em 2004.....	388
Figura 129: Barraca de Minas Gerais .....	391

Figura 130: Escola Cosme e Damião .....	392
Figura 131: Time de futebol feminino Monte Cristo Esporte Clube .....	393
Figura 132: Time de futebol feminino Monte Cristo Esporte Clube.....	394
Figura 133: troféus de vitórias dos times femininos e masculinos. ....	395
Figura 134: Meninos da Escola Cosme e Damião.....	395
Figura 135: Maria baiana inspirando as novas gerações de dirigentes .....	402
Figura 136: Maria Baiana na sua luta cotidiana com os vereadores .....	406
Figura 137: Folder com divulgação da candidata a vereadora em 2016 .....	408



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Crescimento populacional em Goiânia.....	58
----------------------------------------------------	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACG,- Associação Comercial de Goiás

ACIEG- Associação Comercial, Industrial e de Serviços do Estado de Goiás.

AFRAM- Associação de Fraternidades Ramatis

AGLUG- Aglomerado Urbano de Goiânia

AMG-Associação Médica de Goiás

ARENA- Aliança Renovadora Nacional

BNH- Banco Nacional de habitação

CEUPJA- Centro Espiritualista de Umbanda Pai Joaquim de Angola

COHAB-Cooperativa Habitacional Brasileira-COHAB

CONDU- Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda

EAC-Estados Alterados de Consciência

EAs-Experiências Anômalas

FEEGO-Federação Espírita do Estado de Goiás

FUCEGO- Federação de Umbanda e Candomblé do estado de Goiás

FUEGO- Federação de Umbanda do Estado de Goiás

R/E-Religiosidade e/ou Espiritualidade

RMG- Região Metropolitana de Goiânia

SFH-Sistema Financeiro Habitacional

TENSP- Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

TULEF- Tenda de Umbanda Luz, Esperança e Fraternidade

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
1 A UMBANDA NA HISTÓRIA DE GOIÂNIA.....	33
1.1 A CIDADE DA MODERNIDADE E AS(OS) MIGRANTES.....	34
1.2 A UMBANDA: ACOLHIDA PARA OS POBRES COM NOVA IDENTIDADE NA CIDADE.....	43
1.3 DO CENTRO PERIFÉRICO PARA A PERIFERIA DA METRÓPOLE: A SAGA DAS MARIAS E DE JESUS.....	56
1.4. UMA UMBANDA ESPIRITA NA SEGREGAÇÃO SOCIAL DA CIDADE: A APROPRIAÇÃO DA RELIGIÃO DOS POBRES.....	72
1.5. NASCE UMA CLASSE MÉDIA E A UMBANDA BRANCA: O KARDECISMO E A UMBANDA.....	81
1.6. A FEDERAÇÃO DE UMBANDA, O IMPACTO SOCIAL E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES.....	94
2 O QUE FAZ A UMBANDA, UMBANDA, NA METRÓPOLE DE GOIÂNIA	122
2.1 AS DIVERSAS TRADIÇÕES E NARRATIVAS DA UMBANDA NO BRASIL.....	123
2.1.1 UM FUNDADOR E UMA TENDA QUE GEROU OUTRAS TENDAS: A UMBANDA QUE NASCE NO RIO DE JANEIRO.....	126
2.1.2 A UMBANDA NASCE NA ÍNDIA E SE EXPANDE PELA ÁFRICA E BRASIL.....	135
2.1.3 A UMBANDA ESOTÉRICA E INICIÁTICA: A UMBANDA NÃO NASCE, FOI REVELADA PELO ALTO ASTRAL E RESSUSCITADA PELOS INDÍGENAS.....	144
2.1.4 OS NEGROS REIVINDICAM SUA HISTÓRIA: A UMBANDA QUE NASCE EM ANGOLA E SE FAZ NOS QUILOMBOS BRASILEIROS.....	155
2.2 OS DIVERSOS ROSTOS DA UMBANDA GOIANIENSE.....	163

2.3 A HERANÇA CRISTÃ CATÓLICA CAMINHA JUNTO COM A TRADIÇÃO ESPÍRITA .....	177
2.4 SINCRETISMO E LIBERDADE: O DESEJO DA RELIGIÃO CRISTÃ BRASILEIRA.....	192
2.5 O DESENVOLVIMENTO DOS MÉDIUNS: UM LONGO CAMINHO A PERCORRER.....	217
2.6 MISCIGENAÇÃO E ANCESTRALIDADE NA UMBANDA GOIANIENSE .....	225
3 AS MULHERES NA UMBANDA E SUA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA, SOCIAL E POLÍTICA.....	246
3.1. A DIVERSIDADE DAS EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS E RELIGIOSAS NA INFÂNCIA E JUVENTUDE: O ENCONTRO COM A UMBANDA.....	250
3.1.1 A EXPERIÊNCIA DE MENINAS DOENTES .....	252
3.1.2. QUANDO SER DIFERENTE SE TORNA LOUCURA.....	260
3.1.3. A EXPERIÊNCIA DE MENINA CURADORAS.....	274
3.1.4. A CLARIVIDÊNCIA COMO LINGUAGEM RELIGIOSA .....	281
3.2. CONSTRUINDO NOVAS EXPERIÊNCIAS PESSOAIS E FAMILIARES ATRAVÉS DA RELIGIÃO	288
3.3. DA ESCRAVIDÃO À LIBERDADE NA RELIGIÃO: AS SENHORAS DOS CENTROS DE UMBANDA.....	319
3.3.1. “VIREI MÃE DE LEITE DO BARRACÃO”: A RAINHA DE ALTO PARAÍSO .....	321
3.3.2. “UMA MISSÃO COM MUITOS ESPINHOS”: A PIONEIRA DE SENADOR CANEDO .....	332
3.3.3. PELA RAÇA E PARA ALÉM DA RAÇA: A MATRIARCA DE GOIÂNIA .....	339
3.4. CONSTRUINDO NOVAS EXPERIÊNCIAS SOCIAIS NO ESPAÇO URBANO: AS FESTAS E OS ATENDIMENTOS COMO EXPRESSÃO DA CARIDADE.....	357

3.5. A CARIDADE NA FILANTROPIA, NA PROMOÇÃO SOCIAL E NA AÇÃO SOCIOPOLÍTICA.....	385
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	410
REFERÊNCIAS.....	414
ANEXO 1.....	428
ANEXO 2.....	445
ANEXO 3.....	459

## INTRODUÇÃO

Como cheira a Umbanda, cheira.  
Povo de Umbanda vem ver os irmãos seus  
Defumai estes filhos na hora de Deus.  
Abrimos nossos trabalhos  
Pedimos a proteção  
A Deus todo poderoso e a mãe da Conceição. (bis)  
(Autoria desconhecida)

Num bairro de Goiânia, uma mulher reservada, recatada, e resguardada conhecida como 'dona Erotildes', seguiu sua vida com a maior discrição possível. Não dizia sequer sua idade para as pessoas (talvez por realmente não ter tal conhecimento). Essa mulher de estatura baixa, filha de ex-escravizado, nascida no início do século XX, construiu um dos Centros mais antigos de Goiânia, responsável pela formação de vários médiuns, pela acolhida de centenas de pessoas, pela cura de milhares de doentes que lá passaram nos sessenta anos de sua existência. Seu Centro de Umbanda fica ainda hoje localizado no Setor Universitário. Foi fruto de um lote de ocupação, na década de 50, quando tudo era 'invasão' e onde ela fora residir.

Outra senhora é Maria de Lurdes, a 'dona Lurdes'. Ela nasceu na Bahia, num povoado de roça, mas ainda pequena veio para a cidade de Posse. Menina negra e pobre mudou-se para Anápolis com sua família. Mais adulta, foi morar em Brasília onde reencontrou Jesus da Conceição, amigo de infância que veio a se tornar seu esposo. Maria de Lurdes desde pequena via e conversava com a mulher que se identificava como Nossa Senhora da Conceição, que a protegeu quando tinha fenômenos paranormais como os desdobramentos e as visões. Foi Nossa Senhora que lhe forneceu as instruções necessárias para montar seu Centro de Umbanda, com as cabalas, os pontos firmados, os uniformes, os rituais. Na década de 80 chegou a Aparecida de Goiânia com sua família, onde montou seu Centro longe da especulação imobiliária e do custo de vida alto da capital, para poder educar seus filhos com o marido que a acompanhava. Quase impossível desvincular a história do Jardim Monte Cristo com a história de sua vida e de sua obra. Foi dela a iniciativa de formar, na década seguinte, o time de futebol feminino que liderou os campeonatos da época e tirou o bairro da clandestinidade. Suas procissões na Sexta Feira Santa, pelas ruas do bairro, chamou a atenção da paróquia local, que apoiava a

manifestação. A festa dedicada a São Cosme e São Damião, no dia 27 de setembro, até hoje mobiliza o bairro levando até lá crianças e adultos de várias partes da cidade.

No município de Aparecida de Goiânia, no bairro Jardim Alto Paraíso, outra mulher fez sua história. Reconhecida como a líder do bairro, essa pioneira se mudou para lá na década de 80, onde não havia ainda infraestrutura para moradia, nem água, luz ou comércio. Empurrada pela especulação imobiliária deixou a Fazenda Vaca Brava no atual Setor Bueno, onde era a caseira e cuidadora junto com seu marido, e onde administrava a Casa Umbandista Mãe Maria Baiana. Depois, veio habitar a periferia de Aparecida de Goiânia, onde os lotes eram mais baratos. De fato, no local onde se situava seu antigo Centro de Umbanda foi edificado o Goiânia Shopping em 1995. Mãe Maria Baiana abandonou o primeiro marido que não aceitava de jeito algum sua mediunidade, e se dedicou a educar, sozinha, os filhos até o próximo casamento. Trabalhou de faxineira em casas de família, fazia serviços de vendas, bicos, mas sempre manteve sua liberdade religiosa. É uma mulher negra combativa e proativa. De suas mãos surgiu a primeira creche do bairro, inicialmente na sua casa, depois num terreno anexo ao seu Centro espírita. De sua luta nasceu o posto de saúde, a escola do bairro, as linhas de ônibus.

Mãe Lia teve paralisia infantil quando criança. Não andava, não enxergava e não falava. Aos nove anos obteve a cura pelo milagre de São Francisco de Assis, e depois, no Centro de Umbanda, aprendeu o controle de seus estados de transe. Deve tudo à Umbanda, na qual se dedica até hoje tocando seu Centro de Umbanda no Jardim Presidente. Mulher branca, nascida em Minas Gerais, recorda com emoção sua história e afirma que se não fosse a experiência religiosa na Umbanda não teria a vida que viveu com intensidade.

No Setor dos Funcionários, há mais de cinquenta anos, encontra-se a Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, fundado por Joseth, ou dona Josy como é conhecida. Essa mulher branca, que tem hoje, mais de 80 anos ainda 'coloca em terra' seu guia e mentor, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, que vem trazer orientações e cura para os que desejarem. Dona Josy ainda administra com 'braço de ferro' seu Centro onde mantém disciplina e tradição. Com poucos médiuns, tocando seus pontos em disco de vinil, dona Josy acolhe aos que a procuram e encaminham para os trabalhos religiosos os que necessitam. Médiuns antigos a

acompanham em seus trabalhos. Seu templo guarda nas suas paredes e no altar a religião sincrética onde quadros e imagens de santo se misturam aos dos orixás e guias da Umbanda.

Dona Roxa tem atualmente 84 anos. Mulher negra, nascida em Morro do Chapéu na Bahia, veio aos 18 anos para Goiânia. Estabeleceu-se na região leste de Goiânia, onde hoje está o município de Senador Canedo. É uma das pioneiras no município, e de sua iniciativa nasceu o primeiro Centro de Umbanda da cidade. Viu o pequeno povoamento nascer, os vizinhos chegarem, a infraestrutura melhorar e os problemas sociais se radicarem. Teve dez filhos e experimentou o abandono do marido e a viuvez por duas vezes. Foi com as 'cobranças da mediunidade' que surgiu a possibilidade de sobrevivência num universo hostil às diferenças de classe, raça e gênero. Junto com dona Josy e dona Geraldina, foi uma das pioneiras na Federação de Umbanda nos primórdios da década de 70.

Dona Rosalina administra e dirige o Centro Espirita José Baiano há 30 anos, localizado no Setor Santos Dumont. Mulher cabocla, nascida em Avelinópolis, interior do estado, veio para Goiânia ainda pequena para trabalhar e morar como doméstica na casa de uma senhora conhecida de sua família, que era composta de agricultores pobres e que desejava um destino melhor para a filha, que desde pequena já apresentava manifestações físicas e mentais difíceis de diagnosticar. Em Goiânia conheceu a Umbanda, trabalhou como médium, abriu seu próprio Centro de Umbanda e entrou para a política partidária para ser vereadora no bairro.

Já dona Dulce morreu em 2015, aos 84 anos. Era Baiana de Andaraí, mas veio ainda menina para o Mato Grosso com a família para trabalhar no garimpo de diamante, na cidade de Tesouro. Chamada de 'Caboclinha', lá se casou e teve seus filhos. Desde muito cedo apresentou clarividência, apontando para outra forma de olhar e se relacionar com a vida. Na década de 70 veio para Goiânia e junto com o marido se dedicou no comércio de armarinhos. Conseguiram comprar um lote no Setor Garavelo e foi uma das primeiras moradoras no novo bairro. Ficou conhecida por suas premonições e por suas revelações. Muitas pessoas iam lhe pedir uma consulta. Ela começou a atender na sua casa com um jogo de baralho comum. A fila cresceu. O marido se aborreceu com tantas pessoas tirando sua privacidade. Resolveu ela, então, alugar uma casa na Vila Lucy e lá montou seu Centro de Umbanda. Junto com dona Josefina desenvolveu novos médiuns, deu palestras,



atendeu as necessidades das pessoas, desfez trabalhos de desobsessão, curou moléstias de doentes e distribuiu cestas básicas e roupas para as pessoas necessitadas. O marido morreu com mais de 90 anos e nunca soube que a esposa tivera um Centro de Umbanda.

Estas e outras histórias fazem parte da História da cidade de Goiânia. São sujeitos ocultos na cidade, que construíram uma religião subterrânea, deixada no silêncio pela mídia. A história oficial da capital do Estado também as desconhece.

A pesquisa aqui apresentada traz o estudo das histórias de vida e as experiências religiosas destas e de outras mulheres que se tornaram fundadoras e dirigentes de Centros de Umbanda em Goiânia. Colocaram-se, assim, na rota da história da cidade e na formação de seus bairros. Nem seria possível deslocar a vida dessas mulheres da vida da cidade. A experiência religiosa acontece em contextos concretos e diversos, obedecendo às realidades sócio-políticas e econômicas, mas acontece também na diversidade religiosa desta religião que integra elementos do Catolicismo, do Espiritismo, da Pajelança e das Tradições culturais Afro-brasileiras.

Há muitas formas de estudar e conhecer um grupo social e religioso. Uma delas é o estudo das práticas e das vivências do sagrado. Estudar as pessoas e seus comportamentos através das religiosidades permite compreender melhor as ações, as atitudes, os anseios, os sonhos, as crenças, as contradições, as esperanças e as frustrações das pessoas em suas trajetórias de vida.

As religiões, através de sua linguagem simbólica, permitem analisar as relações sociais, as estratégias de sobrevivência assumidas numa realidade de contradições e desigualdades sociais, comuns nas regiões do Brasil.

A iniciativa de realizar esta pesquisa nasceu da constatação da carência de estudos históricos que pudessem dar fundamento para as análises antropológicas, sociais ou mesmo das Ciências da Religião em torno do tema da religião umbandista no estado de Goiás. Sobre o tema encontramos o trabalho pioneiro na dissertação do professor Leo Carrer Nogueira intitulado *Umbanda em Goiânia: das origens ao movimento federativo (1948-2003)*, defendida em 2009. Nele o autor estudou os primórdios da Umbanda em Goiânia através da Federação de Umbanda e Candomblé de Goiás e concluiu que a religião era híbrida e que a Federação exerceu um papel aglutinador e centralizador na busca de uma religião unificada.

Sua pesquisa contemplou monografias de conclusão de cursos<sup>1</sup>, onde o tema fora tocado. Dissertações e teses, também foram defendidas na PUC GOIÁS sobre o tema da Umbanda<sup>2</sup>, numa tentativa de trazer a tona uma discussão sobre a religião e de entender seu arcabouço fenomenológico e sociológico, porém poucas se preocuparam em conectar a religião à cidade ou à vida das pessoas numa perspectiva histórica. Outras investigações acadêmicas<sup>3</sup> têm servido de base para novos aportes, mas elas se debruçaram numa historiografia do Sudeste, especialmente do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Por outro lado, as pesquisas em História, Geografia, Sociologia, Arquitetura e Urbanismo tornaram possíveis as análises de como se deu a ocupação sócio espacial em Goiânia e como nela se conformou a segregação social que define a zona urbana da capital na atualidade. Encontra-se um vasto campo de dissertações e teses produzidas nos Programas de Pós Graduação em História e Sociologia da Universidade Federal de Goiás, bem como no Instituto de Estudos Socioambientais da Faculdade de Geografia e do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Planejamento Territorial da Universidade Federal de Goiás. Também dissertações sobre o tema foram defendidas no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Planejamento Territorial da Pontifícia Universidade Católica de

<sup>1</sup> GUILARDUCCI, Tânia Maria. *Surgimento do Espiritismo em Trindade-GO*. (Trabalho de Conclusão do Curso História)-Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003; MELLO, Wandyr Marques. *O sagrado no "sagrado"*– Terreiros de Umbanda na Cidade de Anápolis. (Trabalho de Conclusão de Curso de Geografia)-Universidade estadual de Goiás, Anápolis, 2006; NOGUEIRA, Léo Carrer. *Umbanda em Goiânia – limites entre religião e magia*. (Trabalho de Conclusão de Curso em História)-Universidade estadual de Goiás, Anápolis, 2005; RAMOS, Marcos Paulo de Melo. *A Negativação semântica das religiões de matriz africana a partir do discurso evangélico*. (Trabalho de Conclusão de Curso em História)-Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2007; RICARDO, Raquel Pinto Fabeni. *Entre caminhos, fluxos e interdições – Mapeando o campo religioso negro na região sul de Goiânia*. (Trabalho de Conclusão do Curso de bacharelado em Ciências Sociais)-Universidade federal de Goiânia, Goiânia, 2007.

<sup>2</sup> No Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, encontra-se 6 dissertações defendidas sobre o tema da Umbanda e 2 teses de doutorado. Nenhuma versa sobre a história da trajetória umbandista na cidade.

<sup>3</sup> ISAIA, Artur Cesar. A Umbanda e o Estado Novo: para além da repressão. *Revista. Estudos de História*. Franca, v. 13, n° 2, p. 297-314, 2006; NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 1996; ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro– Umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999; MAGGIE, Yvonne. *Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001; BIRMAN, Patrícia. *O que é Umbanda?* São Paulo: Brasiliense, 1983; SÁ JÚNIOR, Mario Teixeira de. *A invenção da alva nação umbandista– a relação entre a produção historiográfica brasileira e a sua influência na produção dos intelectuais da Umbanda (1840-1960)*. (Mestrado em História)-Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2000; CONCONE, Maria Vilas Boas. *Uma religião brasileira: Umbanda*. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.

Goiás. Essas pesquisas, apesar de não estarem publicadas em sua maioria, nortearam esta pesquisa na compreensão da história de Goiânia.

Ao conhecer os Centros de Umbanda existentes na capital do Goiás e ao estudar a bibliografia, percebe-se logo a carência de uma história da Umbanda que revele as suas originalidades, diferenças e contradições em relação à religião umbandista de outras regiões.

Uma breve visita aos Centros de Umbanda revelou a presença das mulheres, seja como fundadoras de casas religiosas, seja como médiuns e participantes. A presença feminina evidencia não só uma subjetivação da história, mas também um empoderamento que permitiu e ainda licencia às mulheres serem lideranças, e os adeptos da religião liderados por elas. Este fato reforça a ideia de uma Umbanda goianiense feminina presente num universo masculino que dominou e continua predominante na religião, mesmo nos dias atuais<sup>4</sup>. Além disso, observa-se a construção de símbolos específicos da região e da cultura local, sincretizando com o catolicismo popular, o Espiritismo Kardecista e as práticas de religiões africanas, como o Omolokô e o Candomblé. Ao se deparar com a literatura sobre a história de Goiânia e as pesquisas sobre religiões afro-brasileiras no Goiás e em Goiânia<sup>5</sup> percebeu-se que há certa coerência no que tange a origem de Goiânia, os fluxos

---

<sup>4</sup> Há muitas vertentes de estudos sobre os primórdios da religião umbandista no Brasil. Se considerar seu berço a cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, e seus desdobramentos com a criação dos congressos e da formação de uma elite intelectual, apenas os homens se destacaram, a despeito de tantas mulheres que também, nestes anos, criaram e administraram Centros de Umbanda. A esse respeito confere TRINDADE, Diamantino Fernandes. *História da Umbanda no Brasil*. Limeira: Conhecimento Editorial LTDA, volumes 1 a 5, 2014-2017.

<sup>5</sup> Em 2002, Eliesse dos Santos Teixeira Scaramal, docente em História na UFG, deu início ao projeto de pesquisa intitulado ABEREM: África no Brasil: Estudos de comunidades, religiosidades e territórios. Financiado pelo CNPQ, o projeto se propunha a mapear as comunidades de terreiros no Estado do Goiás e a ampliar os estudos acerca das religiões de matriz africana em Goiás. Foram reunidas teses, dissertações, monografias, artigos e outras publicações no âmbito acadêmico que pudessem mostrar a força da cultura africana visibilizada nas religiões tradicionais, principalmente o Candomblé. Frutos desses esforços nasceram dois outros projetos: o IGBADU: Territórios, gênero e história dos Candomblés de Goiânia (FAPEG/SEMIRA) e MÃES DE SANTO: domínios territoriais, sociais e históricos do sagrado em Goiânia - GO (FAPEG /SEMIRA), onde o foco da apresentação eram as relações territoriais do sagrado em Goiânia no tocante às comunidades de terreiros de matriz africana, como o Candomblé. Os estudos impulsionados pela professora Eliesse gerou o CieAA-Centro Interdisciplinar de Estudos África Américas, situado na Universidade Estadual de Goiás na unidade de Anápolis e fundado juntamente com a professora Mary Anne Vieira Silva (Geografia-UEG/UnUCSEH/Anápolis). Confere: SCAMARAL, Eliesse. *Notas bibliográficas sobre a história do Candomblé em Goiás*. In: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>; ALVES PENA, Rodolfo Ferreira; SOUZA, Jailson Silva, SCAMARAL, Eliesse e SILVA, Mary Anne Vieira. *Comunidades de Terreiro em Goiás: Espacialidade, Particularidades e Políticas Públicas*. In: [http://www.prp2.ueg.br/sic2010/fronteira/arquivos/trabalhos\\_2009/ciencias\\_humanas/sic/comunidades\\_de\\_terreiro.pdf](http://www.prp2.ueg.br/sic2010/fronteira/arquivos/trabalhos_2009/ciencias_humanas/sic/comunidades_de_terreiro.pdf). Acesso em 17 fev.2017. Também ver <http://www.cieaa.com.br/>.

migratórios, as formas de trabalho, a cultura goianiense e a construção sociocultural nesta região. Desta forma, compreende-se que a Umbanda acompanha a trajetória da cidade e faz parte da construção da identidade cultural de seus moradores.

Goiânia é uma cidade que nasceu sob o signo da modernidade, entremeada numa luta política entre famílias sedentas do poder estatal. É nesta busca que Pedro Ludovico Teixeira encontrou na fundação de uma nova cidade como capital para o estado, uma forma de exercício do poder, tirando das mãos da oligarquia dos Caiados a capital do estado de Goiás. Aproveitando-se da conjuntura do Estado Novo, visualizou na marcha para o oeste, promovida por Getúlio Vargas, uma oportunidade de construir uma cidade cuja perspectiva ideológica foi assentada em torno do progresso e da modernidade. É nesta cidade planejada politicamente e arquitetada fisicamente que vai nascer uma Umbanda com sua originalidade.

Iniciou-se essa trajetória com questões norteadoras de respostas, tais quais: Quais as origens dessa tradição religiosa? Como a Umbanda chegou nesta cidade e foi acompanhando o crescimento da mesma? Quem foram os homens e mulheres que fundaram Centros de Umbanda em Goiânia? De onde vieram? Quais suas motivações para a criação de suas obras? Que leituras fizeram e fazem de sua missão religiosa? Que impactos sócio-políticos uma religião umbandista feminina trouxe para a cidade? E o que aconteceu na formação dessa cidade que as devoções católicas e os santos populares migraram e sobreviveram nas tendas de Umbanda? O que significa e quais especificidades estes templos tem que os diferenciam de outras casas religiosas de culto afro-brasileiro existentes em outras capitais e cidades do país? O que os diferencia ou os assemelha às tradições religiosas Espíritas que se desenvolveram na cidade? Que estratégias os adeptos destas práticas religiosas usaram para que seus terreiros, pequenos e marginalizados, conseguissem sobreviver durante tantos anos? Em que medida essas práticas religiosas representam uma resistência social e cultural da população goianiense diante das pluralidades culturais e desigualdade social existente na cidade de Goiânia?

Foi em busca dessas respostas que se optou em buscar o material empírico. Ele é novo, calcado nas entrevistas orais contendo as histórias de vida que foram cuidadosamente feitas durante quinze meses. Foram visitados vinte e sete Centros de Umbanda, sendo um terreiro de Candomblé que tem umbanda também. Deste

grupo, 18 Centros de Umbanda foram fundados e dirigidos por mulheres e 9 foram fundados por homens, sendo que dois deles foram herdados por mulheres que seguiram na direção do Centro, outros 2 são de tradição omolokô e um deles de Umbanda esotérica. Destas mulheres 4 dirigentes já faleceram e por isso foi coletado depoimentos sobre suas vidas com familiares e médiuns do Centro por elas fundados. Em 2 destes Centros de Umbanda não foi possível entrevistar as fundadoras-dirigentes e por isso foram acessadas outras fontes que permitissem conhecer suas trajetórias na religião. Também, um dos Centro de Umbanda apontado na pesquisa, não existe mais, e toda sua documentação foi perdida em um incêndio cuja história foi reconstituída através de uma entrevista com um dos ex-dirigente e com uma ex-médium da casa

No total realizaram-se trinta e duas entrevistas que revelaram a existência da Umbanda na cidade e sua grande importância enquanto tradição religiosa. Além disso, coletou-se depoimento de um dos fundadores da primeira federação de Umbanda do estado de Goiás, chamada Federação de Umbanda Sete Luas Indu Cerami, fundada na cidade de Anápolis e existente antes da atual Federação de Umbanda localizada na capital.

Também se teve acesso a outras três entrevistas, cedidas gentilmente pelo professor: Leo Carrer Nogueira: uma de dona Antonieta Alessandri, fundadora do Centro Espirita Irradiação Cristã, de orientação Kardecista; outra de seu Air Gomes, presidente do Centro Espiritualista Irmãos do Caminho e a última de Luís Fernando Salles, fundador do Centro Espirita Anjo Ismael e um dos fundadores da Federação de Umbanda do Estado de Goiás.

Ao material advindo das fontes orais, somaram-se fontes escritas como artigos de jornais da época, documentos da Federação de Umbanda e Candomblé do Estado de Goiás, atas de reuniões, diários pessoais, publicações em diários oficiais da prefeitura e materiais iconográficos como fotografias da época.

Fazer as entrevistas foi um processo difícil. Havia desconfianças sobre a entrevistadora, sobre a pesquisa, sobre a confiabilidade no repasso das informações. Houve necessidade de fazer muitos contatos com a mesma pessoa

para conseguir marcar um horário. Em outros casos, o contato foi em vão<sup>6</sup> e não retornou resultado satisfatório. Houve situações em que as entrevistas foram coletivas, realizadas com duas ou três pessoas, segundo o desejo da depoente.

Para as entrevistas realizadas seguiu-se a orientações da professora Ecléa Bosi, com o estudo exploratório inicial, a consciência dos limites da memória, a criação de vínculos com a (o) entrevistanda (o), e acima de tudo ter clareza de que o fato contado pelo memorialista se torna uma verdade e que não temos o direito de refutá-lo, pois ela ou ele conta a sua verdade (BOSI, 2003, pp.59-67). É claro que esse reconhecimento e respeito à verdade subjetiva de cada depoente não isentou de entender essa memória como construção interessada por cada depoente. Sabe-se que a memória é uma construção pessoal e coletiva. Assim, os depoimentos coletados foram confrontados com outras informações que puderam corroborar ou não com a memória desses depoentes.

Assim, esta pesquisa se coloca como parte integrante do conhecimento histórico da cidade de Goiânia. Ela possibilita revelar as práticas religiosas advindas da religiosidade goiana, acrescida de elementos do universo afro-brasileiro e assentada no prestígio e fundamentação da tradição Espírita no Brasil, que coexistiu desde tempos coloniais e foi se adaptando às conjunturas das novas cidades que traziam novas formas de trabalho e de relações sociais. Ela acompanha o crescimento e o desenvolvimento da cidade de Goiânia, seguindo suas etapas e revelando as bases que assentaram a cidade, a politização da mesma e a participação dos empobrecidos nesta trajetória.

Também aborda as histórias de mulheres anônimas, ou esquecidas, e revela como se construiu uma memória 'interessada' na grande cidade polarizada de forças sociais. A contradição existente no plano político e social aconteceu, também, no âmbito do universo institucional, quando os líderes masculinos da religião propuseram a fundação de uma Federação Umbandista do Estado de Goiás -

---

<sup>6</sup> Como foi o caso da Mãe Fernanda, filha de seu Luís Fernando Salles, que foi o iniciador e presidente da Federação por muitos anos e fundador do Centro Espírita Anjo Ismael. A perspectiva era ver o que tinha mudado com a nova gestão feminina, uma vez que há alguns anos que seu pai faleceu. Mas não houve retorno. Outro contato que não deu certo foi com a Tia Leda do CEUPJA. Também não se conseguiu entrevistar a dona Joseth do Centro Espírita Nossa Senhora da Conceição por ela estar muito doente e não poder nos atender para uma entrevista. Para nos orientar na tese, utilizamos como referência para essas pessoas as observações realizadas na pesquisa de campo, documentos escritos, fotos e outras entrevistas com médiuns da casa e com pessoas entrevistadas que fizeram menção a essas lideranças.

FUEGO, em 1969. A memória dos homens que assumiram a presidência é lembrada, mas as mulheres que estavam lá presentes desde o início desapareceram. Seus nomes, suas doações de trabalho para construir a sede da Federação foram esquecidas e apenas em um momento, quando não havia nomes para substituir um presidente que renunciou, a secretária assumiu a presidência da Federação. As mulheres estiveram presentes na fundação e desenvolvimento da Federação e ao mesmo tempo é como se nunca tivessem estado lá.

Ao conhecer as mulheres e suas práticas religiosas silenciadas na cidade, emergiu um mundo original, onde pessoas simples, e muitas vezes semianalfabetas e semiletradas, criaram e mantiveram redes de relações que priorizaram amizades, convívio familiar, crenças religiosas, e alimentou esperanças de sobrevivência, de resistência e de identidade entre elas mesmas.

Parte-se aqui do conceito de identidade enquanto resultado de construções advindas das experiências dos sujeitos, do contexto e dos modelos vigentes. A identidade não é fixa, e nem é uma construção isolada. Neste sentido pode-se falar de identidade cultural e de identidade subjetiva: “dizer identidade humana é designar um complexo relacional que liga o sujeito a um quadro contínuo de referências constituído pela interseção de sua história individual com a do grupo em que vive” (SODRÉ, 2015, p.39).

Pode-se afirmar que os chamados ‘Centros Espíritas’ ou ‘Centros Espíritas Umbandistas’ ou mesmo ‘Centros Espiritualistas Umbandistas’ ou até mesmo ‘Tendas de Umbanda’ na cidade de Goiânia apresentam uma religião confeccionada por seus próprios agentes, conservados em seu âmago o calendário e imaginário católico, bem como o panteão afro-brasileiro. Com manifestações de entidades próprias e necessárias à sobrevivência na cidade, com algumas conexões entre os cultos tradicionais do resto do país e as possibilidades de inovações e modificações no encontro de tradições diferenciadas, mas próximas, a Umbanda faz sua história.

Este estudo permite analisar, no cotidiano de desafios que a cidade revela, a importância da religião com sua linguagem (ritos, manifestações corporais, músicas, bebidas), suas estratégias de sobrevivência e a construção de identidades geradoras para migrantes, forasteiros e populações de tradições orais. Confirma, assim, a constatação do pesquisador e professor Leo Carrer Nogueira (2009, p.124) quando afirma: “A história da Umbanda, não só em Goiás como no Brasil é uma

história que ainda contará com inúmeros capítulos certamente, uma história que ainda está por ser escrita, e da qual quisemos dar apenas uma breve introdução”.

Para melhor compreender essa trajetória, optou-se por trazer os relatos de mulheres e homens entrevistados, confrontando-os à luz do conhecimento histórico, sociológico e religioso. Inicia-se o primeiro capítulo com uma análise da formação da cidade conectando-a na formação dos Centros de Umbanda. Assim como a cidade foi construída por migrantes flagelados da seca, operários, prestadores de serviço e aventureiros, os Centros de Umbanda vão trazer essas características também, seja na sua liturgia, seja na sua doutrina.

Os trabalhadores de Goiânia foram marginalizados na cidade planejada que não lhe previu terras para suas moradias, uma compensação real e justa por sua força de trabalho ou mesmo condições de sobrevivência com políticas públicas e sociais. Da mesma forma os Centros de Umbanda também foram marginalizados na cidade. Eles se fizeram presentes nas próprias moradias de seus gestores, onde o culto acontecia após a jornada de trabalho e as velas eram necessárias pela ausência de luz elétrica; onde os horários de trabalho foram determinados pelas condições impostas pelo transporte público e a falta de assistência e políticas de saúde pública era driblada pelas rezas, pelas incorporações de entidades sobrenaturais, pelos benzimentos. Os Centros de Umbanda em Goiânia cunharam suas tradições religiosas nas mesmas condições étnico-sociais de seus adeptos, fornecendo a eles a utopia necessária para viver na cidade desigual.

O Espiritismo Kardecista que se foi formando na cidade influenciou a forma de ser umbandista na capital. Migrantes trabalhadores em contato com essa elite foram apreendendo elementos religiosos dessa religião e conformando junto com as tradições próprias de suas famílias na religião umbandista. Por outro lado, intrigados com a religião dos empobrecidos, pessoas da elite também se apropriaram da religião umbandista. Engenheiro se tornou o ‘aparelho’ de Caboclo índio e de Preto-Velho e um Centro de Umbanda foi fundado por um grupo da elite goianiense, funcionando durante dez anos na capital. Após isso, o Espiritismo letrado foi mais interessante à elite, que manteve trabalhos religiosos assistencialistas aos empobrecidos, e que atrai ainda hoje uma classe média que se comunica melhor dentro desse modelo religioso. Os pobres na periferia, também, vão seguir esse modelo assistencialista, mas numa outra lógica de promoção social.



É seguindo essa trilha que se descreve e analisa a prática religiosa umbandista na cidade. A Umbanda em Goiânia tem muitos rostos. Há casas com mais afinidade com os ritos católicos, outras com mais semelhanças com o Espiritismo Kardecista. Em ambas o universo afro-brasileiro com seu panteão ou crenças vão ter papel significativo. Em meio a tudo isso, há 50 anos foi fundada a Federação de Umbanda do Estado de Goiás-FUEGO, que na década de 90 incorporou o Candomblé passando a se chamar Federação de Umbanda e Candomblé do Estado de Goiás-FUCEGO. Ela foi importante como um órgão aglutinador e unificador dos umbandistas respeitando suas diversidades religiosas, mas que pouco se preocupou com as desigualdades de gênero, negligenciando assim a contribuição feminina de mulheres criativas e carismáticas.

O segundo capítulo versa sobre essa diversidade nos Centros de Umbanda, suas especificidades e suas formas de descreverem a si mesmos, bem como interpretarem criativamente seus arcabouços religiosos. Percebe-se que a miscigenação aconteceu como necessidade de sobrevivência da própria cidade e que unir-se em torno de uma religião que traz em seu cerne essa perspectiva, possibilitou a vivência religiosa e ao mesmo tempo os conectou com a vivência social. Para entendimento dessa diversidade religiosa na Umbanda optou-se por trazer quatro narrativas diferentes em torno do nascimento da Umbanda e seu desenvolvimento aqui no Brasil.

Para isso, a literatura escrita na época, derivadas das experiências realizadas no Rio de Janeiro no século XX foi um grande aporte. Apresenta-se neste capítulo os diversos entendimentos sobre a existência da religião, construídas numa sociedade classista e racista, revelando que essas teorias têm componentes ideológicos embutidos, e que estes reforçaram papéis que foram assumidos por brancos e negros, por pobres e ricos. Demonstrem-se os impactos que essas teorias tiveram no campo religioso umbandista goianiense onde ao invés de rejeitar, os umbandistas se propuseram a sincretizar, se apropriando assim do que considera melhor e bom para seus adeptos na marginalidade da periferia. Foge-se desta maneira, de toda e qualquer institucionalidade que não esteja respondendo as necessidades e apelos de seus consulentes.

Também se analisa neste capítulo o longo caminho que os médiuns fizeram para aprender a ter controle sobre seus estados de transe e incorporação e finaliza

com a análise da descoberta da ancestralidade aqui em Goiânia. A multidão de deslocados, que viveram a experiência da escravidão, da perda da terra, de suas culturas indígenas trouxeram seus ancestrais para a capital da modernidade, fazendo assim uma circularidade cultural e uma circularidade da fé.

Por fim, o terceiro capítulo aborda a experiência religiosa dessas mulheres pioneiras na cidade e na religião, que construíram com seus corpos e suas determinações os Centros de Umbanda, que, por sua vez, acolheram, inspiraram e apoiaram as pessoas que habitavam as periferias do centro e da cidade. Compreendendo o lugar social que ocupavam como suas missões designativas e associando-os aos desígnios divinos, elas souberam construir novos papéis sociais na comunidade. Conseguiram erguer diante das adversidades e diversidades da cidade, Centros de Umbanda que fossem inclusivos e que fossem dedicados à caridade, num espaço onde as políticas públicas não se faziam presentes. Elas souberam unir suas experiências pessoais e religiosas e se sensibilizaram diante da realidade de homens e mulheres desabrigados, doentes, desamparados, em busca de suas identidades e de suas colocações sociais.

Tais mulheres conseguiram se empoderar para, semelhantemente, fortalecer a comunidade religiosa. Mais que isso: para empoderar muitos dos habitantes de seus bairros pobres. Mulheres empobrecidas na sua maioria, retirantes, migrantes, incompreendidas nas suas perspectivas e tidas como doentes mentais. Elas souberam inventar a cura para seus 'males' através de práticas religiosas que postulam a escuta do outro e a busca de resolução de problemas. Tornaram-se, assim, mediadoras de conflitos familiares e sociais, pautando uma forma de viver na cidade que pudesse trazer o 'bem viver' diante das extremas desigualdades e injustiças sociais.

Mulheres incompreendidas em sua dedicação religiosa, muitas delas abandonadas por seus maridos, ou rechaçadas por familiares, ou, ainda, odiadas por vizinhos, mas que se mantiveram firmes face às adversidades e intolerâncias sócio religiosas. Mulheres que experimentaram o casamento e que souberam criar estratégias para conciliar o papel de esposa e mãe com a missão religiosa. Todas foram mulheres trabalhadoras que lutaram para sobreviver economicamente com suas famílias e com a missão religiosa. Aqui se traz também a memória das que já

faleceram, resgatada por depoimentos de familiares e adeptos religiosos que as conheceram e conviveram com elas.

## 1 A UMBANDA NA HISTÓRIA DE GOIÂNIA

Nada. Eu não, eu não fiz nada, mas as entidades, os enviados por Deus fez muita caridade aqui dentro. Porque ninguém aqui me amola, também, graças a Deus, eu aqui ninguém me amola, aqui todo mundo gosta de mim aqui... Graças... Eu sou muito bem aceita na cidade, também sou fundadeira dessa cidade.  
(Dona Roxa)

A religião é fruto das relações estabelecidas entre o ser humano na busca do transcendente e essa busca se faz no ambiente social, no contexto sócio econômico e político onde esse sujeito está inserido. Com a religião umbandista não foi diferente. Mulheres e homens construíram uma religião de acordo com o contexto que viviam na cidade e é possível conectar essas realidades com a história de Goiás e do Brasil. Aqui interessa conhecer a história de Goiânia, sua fundação e a criação de inúmeros Centros de Umbanda, muitas vezes instalados nas moradias dos próprios trabalhadores e trabalhadoras, que durante o dia serviam a seus patrões e à noite rezavam para suas entidades religiosas. Trata-se, também, de patrões em busca de perceberem-se a si mesmos nesta nova cidade, incipiente também para eles e que os confinava em situações que nem sempre o dinheiro bastava para trazer soluções. Em ambos os casos, para além dos contrastes sociais, a religião os uniu na mesma busca interior e social que faz parte da existência da capital de Goiás.

A história oficial relata memórias daqueles que sabiam escrever e que deixaram registradas suas impressões e percepções de suas vivências. Entretanto, ao adentrarmos na memória daqueles, que por sua limitação escrita e econômica estavam invisibilizados em suas experiências na cidade, descobrimos que eles não só se reconhecem como parte dessa história, como se sentem fundadores da cidade.

## 1.1 A CIDADE DA MODERNIDADE E AS(OS) MIGRANTES

Ah! Meus pais, que são do Rio Grande do Norte moravam em Ituiutaba. Aí depois meu pai veio para Goiânia, aí nos viemos pra cá. (...) Meu pai mexia com fazenda. Trabalhava para o senhor da fazenda [...] Minha mãe era dona de casa.  
(Mãe Lia)

No Setor Moraes encontramos Flormaria numa tarde de quarta-feira tumultuada. Ela tinha que atender cerca de dez pessoas em quatro horas. Sentada em sua cadeira no espaço do próprio Centro de Umbanda, vestida com roupas comuns, ela se esmerava para atender individualmente cada pessoa que lá estava. Não cobra nada pelos atendimentos onde escuta o consulente e a sua entidade, que diz qual tratamento deve ser seguido, principalmente para doenças físicas, mas se alguém desejar que ‘abra as cartas’ então tem um valor monetário. Conseguir espaço em sua agenda para a entrevista. Suas memórias vão longe, mesmo antes dela nascer. Então relata:

Eu nasci em Goiânia dia 24 de abril de 46, meus pais eram baianos [...]. eles vieram a pé, da Bahia para Goiás [...]. Demoraram 3 meses e 14 dias... Veio uma caravana de 43 pessoas da família, e minha mãe... Eles casaram lá e vieram, quando chegou em Goiânia eu acho que na lua de mel deles, andando aí, eles me fizeram, então, tanto que as vezes eu falo que sou baioiana (DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018, p.2).

O relato de Flormaria é o relato de tantas mulheres e homens que com suas famílias vieram para Goiás ocupar a nova capital em busca de melhores condições de vida.

Conhece-se bem a história das secas no nordeste brasileiro no século XX que entre 1932 a 1945 teve seu maior flagelo, constituindo em alguns estados, como o Ceará, verdadeiros campos de concentração (RIOS, 2014) e em outros fazendo com que as populações se retirassem em massa para o norte, centro-oeste e sudeste do país. Não só a questão climática da estiagem assolava a população das áreas atingidas pela seca, mas também o abandono dos grandes produtores rurais, onde a população estava agregada, com altos preços dos alimentos de gêneros alimentícios que se tornaram inalcançáveis para esse grupo social (NEVES, 2001, p. 115). O fato de não poderem cultivar seus alimentos e tampouco criarem seus animais para abate próprio fazia da população nordestina uma massa faminta de alimentos, de

trabalho, de esperanças, de sobrevivência. A tentativa do Estado Novo de oferecer alternativas para o faminto das secas construindo frentes de trabalho ou mesmo amenizando com distribuição de alimentos não foi suficiente para transformar a realidade da população do semiárido. O próprio Getúlio Vargas vai apresentar uma proposta de ocupação das áreas geográficas do Brasil, inicialmente com a Marcha para o Oeste, fazendo a ocupação da parte ocidental do Brasil. Mais tarde na década de 40, alistando e recrutando os trabalhadores para os seringais do norte brasileiro (NEVES, 2001, p.119).

O fenômeno da migração não decorreu apenas de questões climáticas, mas principalmente da questão agrária que no Brasil se agravou após a segunda metade do século XIX, com a lei nº 601 de 1850, que acabou com as sesmarias e criou uma elite aristocrática em torno da acumulação de terras:

Com poder aquisitivo, foi a única classe capaz de dispor de recursos financeiros para pagar topógrafos, cartórios, fazer cercas, enfim, legalizar suas terras e aproveitar para estender seus limites, abarcando as terras devolutas e as posses cujos detentores não tinham moeda corrente para obter os devidos documentos cartoriais (ALVES, 2002,p.19).

Nasceu, assim, a concentração de terras em poucas famílias, fazendo com que a maioria da população se tornasse agregadas e meeiras em terras alheias. Com isso, ficou cada vez mais difícil aos trabalhadores livres e migrantes que aqui estavam se estabelecendo de possuir a posse da terra. Restou a eles vender sua força de trabalho:

No campo, utilizava-se o trabalho de colonos, assalariados, meeiros, arrendatários e agregados. Os colonos trabalhavam sob contrato, com parte da remuneração em dinheiro e outros benefícios; os meeiros empregavam-se em troca da metade da produção; os arrendatários assumiam uma parcela de terra, pagando ao proprietário, uma parcela da produção obtida. (ALVES, 2002, p. 27).

No centro oeste, o Estado Novo triunfara com a aliança construída com Pedro Ludovico Teixeira, na busca de polarizar as forças políticas a seu favor e se tornar o maior chefe do estado de Goiás. Para isso a estratégia de construir uma nova capital no Centro do estado e trazer novos moradores e trabalhadores para essa capital, o

levaria a ter o controle econômico e político da região<sup>7</sup>. A estratégia era mudar para não mudar:

Passamos a observar o perfil político adotado por Pedro Ludovico, enquanto a política da força ou dominação tradicional, no qual, suas próprias atitudes resultam em um comportamento extremamente despótico, no que se refere à política no âmbito estadual. Se, na República Velha, os coronéis utilizaram o atraso para a manutenção do poder, a partir da emergência dessa nova elite política, ou mesmo antes dela, pode-se observar a modernização como forma de assegurar o poder. (RODRIGUES, 2015, p. 10).

Pedro Ludovico, e seus apoiadores, construíram um discurso que contrapunha as ideias de atraso ao buscado progresso goiano. Divulgaram uma mentalidade higienista sob o discurso de que a antiga capital de Goiás representava o atraso, visibilizado em suas ruas estreitas, onde não havia saneamento básico e as doenças se proliferavam. As alocações reafirmavam a urgência de impulsionar o progresso do planalto central sob a bandeira de uma cidade moderna, reunindo o que de mais novo e moderno havia na época. Ela aglutinaria as mais altas classes numa economia local possibilitando a ascensão de um Estado que até então sofrera com o isolamento no Brasil central.

Foi sob a ideologia de progresso e modernidade<sup>8</sup>, que se construiu a nova capital, cidade de fronteiras com um imaginário utópico que atraiu migrantes em

---

<sup>7</sup> De fato Pedro Ludovico não só conseguiu a façanha de construir e inaugurar a nova capital, como ficou no poder por 35 anos, sendo governador do Estado por 19 anos e como senador do estado por 16 anos. Ele foi nomeado interventor de Goiás na função de governador em 21 de novembro de 1930 e ficou até 1935 quando foi eleito governador. Permaneceu até 1937, quando se deu o golpe de Estado por Getúlio Vargas e novamente ele foi nomeado interventor do estado como governador. Ficou de 1937 até 1945. Neste ano com a queda de Getúlio Vargas, ele também perdeu a interventoria. Foi para o senado onde ficou de 1945 a 1947, Concorreu para governador, mas perdeu as eleições para seu sobrinho Jerônimo Coimbra Bueno (1947-1950). Foi a única derrota que teve. Retornou novamente como governador em 1951 e permaneceu até 1954. De 1955 a 1969 foi senador por Goiás. Neste tempo conseguiu eleger seu filho, Mauro Borges, que governou de 1961 a 1964. Em 1969 teve seu mandato cassado por dez anos pelo AI 5. Morreu em 1979.

<sup>8</sup> São muitas as pesquisas que desconstroem o mito do progresso e da modernidade que liga a construção da cidade com essas ideologias, mostrando que sob esses argumentos se ocultou um projeto de manutenção de poder das elites e de desigualdade social na nova capital. Dentre essas pesquisas destaca-se: CHAUL, N. F. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos Limites da Modernidade*. Goiânia: UFG, 1997; MOYSÉS, Arystides. *Goiânia: Metrópole não planejada*. Goiânia: Editora da UCG. 2004; BORGES, Barsanufio Gomides. *O Despertar dos Dormentes*. Goiânia, Ed. UFG, 1990; MELLO, Márcia Mertran. *Goiânia: cidade das pedras e das palavras*. Goiânia: Ed. UFG, 2006; MENDONÇA, Jales Guedes Coelho. *A invenção de Goiânia*. O outro lado da mudança da capital. Goiânia: Vieira, 2012; GONÇALVES, Alexandre Rodrigues. *Goiânia: uma modernidade possível*. Brasília: Ministério da Integração Nacional: UFG, 2002; GODINHO, Iuri Rincón. *A construção: cimento, ciúme e caos nos primeiros anos de Goiânia*. Goiânia: Contato comunicação, 2013.

busca de vida melhor. Muitos vieram a pé, de jumento, pau de arara, de trem. A nova capital foi decisiva para a interiorização do Brasil, cujo maior fruto foi posteriormente a cidade de Brasília.

A escolha do local da cidade, apesar da opção política, atendia também aos critérios de rede hidrográfica, pois a área escolhida possuía mais de 80 rios e córregos. Além disso, era uma área plana e sem muitos acidentes montanhosos. A escolha do município de Campinas para construir a nova capital teve, além das vantagens geográficas e climáticas, a influência dos padres redentoristas, contrariando o bispo da época que preferia o município de Silvânia. Campinas, na época, era uma cidade agrícola. Ela nasceu do garimpo de ouro nas margens do ribeirão Anicuns, que tinha 'praia de areias brancas'. Os mineradores, vindos de Pilar do Goiás organizaram a Vila Santa Helena no século XIX. Em 1810 surgiu o arraial de Campinas e em 1845 a Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Em 1853 o arraial foi elevado à freguesia e fazia parte da Vila do Bonfim (atual Silvânia). Em 1907 se tornou vila pertencendo à cidade de Barro Preto (atual Trindade) e em 1914 foi elevada a condição de município brasileiro de Goiás.

Pedro Ludovico necessitava de terras para formar a nova capital. Campinas, por sua vez tinha muitos fazendeiros com grandes extensões de terra. Reunidos pelo prefeito Licardino de Oliveira Ney, decidiram doar parte de suas terras em troca dos benefícios que receberiam após a construção da capital. As terras doadas à prefeitura de Campinas foram repassadas ao Estado que comprou a outra parte das terras necessárias para a nova capital, como vemos no exemplo citado por Chaul:

Em 10 de abril de 1934, o Estado comprou de Adrelino de Moraes cerca de mil quinhentos e oito hectares e setenta ares de terras de cultura, por oitenta contos de réis. Comprou também 159 alqueires de oitenta litros de Otavio Tavares de Moraes e Maria Alves de Melo, que possuíam terras em conjunto com Urias Alves de Magalhães, Cândida Tavares de Moraes e Maria Alves de Magalhães. O preço da referida transação foi de trinta e cinco contos de réis. Os vendedores reservaram para si o direito de explorar por 10 anos a indústria de telhas e tijolos na região do "Capim-puba" e "Bota-Fogo" (1988 p.95-96).

As terras circulavam as fazendas de Vaca Brava, Crimeia e Botafogo, todas situadas no município de Campinas. O discurso do progresso e de fomentação econômica da região os animou e em 1935 a cidade de Campinas deixou de existir como município. O ex-prefeito se tornou empresário e fundou em 1937 a Associação Comercial de Goiás – ACG, hoje chamada Associação Comercial, Industrial e de



Serviços do Estado de Goiás - ACIEG. O preço da terra valorizou muito com a construção da capital e Campinas foi transformada num bairro ante o discurso e os interesses econômicos dos fazendeiros.



[Acervo particular de Atilio Corrêa]

Figura 1: Propaganda de venda de lotes em Goiânia pelos irmãos Coimbra Bueno. Disponível em: <https://blog.provenda.com.br/conheca-goiania>. Acesso em: 07 de mai. 2019.

A terra doada e comprada foi depois vendida por Pedro Ludovico como forma de angariar dinheiro para a construção da nova cidade. O interventor recebeu verbas do governo federal de Getúlio Vargas que forneceu 5.663 apólices do Tesouro Nacional para construir o prédio dos correios, da delegacia fiscal, do tribunal eleitoral e juízo federal, da inspetoria agrícola e da inspetoria do trabalho. Contudo, foram as vendas dos lotes de terras, através do Departamento de Propaganda e Venda de Terrenos, na pessoa do jornalista Joaquim Câmara Filho, que fazia propaganda dentro e fora do Brasil para que as pessoas se interessassem em comprar terras em Goiânia, que alavancou realmente a economia goiana e possibilitou a construção dos prédios públicos e outros. Tudo isso aumentou a concentração de imigrantes e migrantes em Goiânia, e fez a cidade crescer sem novos planejamentos urbanos (MENEZES, 2012, p.29-31).

Para planejar a cidade, inicialmente, foi contratado um arquiteto chamado Atilio Corrêa Lima que só ficou em Goiânia três anos (1932-1935) e que fez a

elaboração do plano diretor da nova capital. Vindo de seus estudos na França, trouxe o que de mais atual havia na época: as cidades jardins e a arquitetura geométrica que preservava as áreas verdes na cidade. O arquiteto não traçou no seu plano original, setores para as atividades de educação, cultura, lazer. Centrou seus esforços no Centro administrativo que teria no seu Centro um palácio com a imagem do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, tido como o pioneiro desbravador do estado de Goiás. As áreas de lazer foram reduzidas a parques para contemplação e quadras de tênis. Não previu no seu projeto a ligação da nova cidade com as rodovias e tampouco pensou meios de transportes. Até mesmo o trem de ferro compunha apenas uma paisagem em seu projeto. (DINIZ, 2007, p. 150-151).

Tudo começava num Centro cívico-administrativo e de poder da cidade, de onde saía uma praça que foi chamada de Praça Cívica. De lá partia as principais avenidas por onde circularia a funcionalidade da administração e irradiaria para outros pontos na cidade. O comércio se localizaria nas avenidas e no Setor norte haveria indústrias porque lá estaria a estação de trem. Lá seriam construídas as casas populares destinadas aos trabalhadores. Isso explica o motivo dos lotes serem menores nesta região da cidade. É o que se vê hoje: na região de baixo da Avenida Paranaíba, os lotes são menores, enquanto que entre a Avenida Paranaíba e a Praça Cívica os lotes residenciais são maiores. A Vila Nova e o Setor dos Funcionários (destinados aos funcionários do governo que vieram da cidade de Goiás e a outros que aqui assumiriam esta função) estavam colados ao antigo município de Campinas e eram chamados de bairros populares. Desta forma percebe-se a hierarquização e diferenciação social projetada desde o início na cidade moderna e progressista:

Lefebvre distingue modernismo e modernidade, enfocando a modernidade como um período ou um momento de reflexão crítica, enquanto o modernismo perpassa o tempo em busca do novo, concluindo que a modernidade seria, então, o resultado da reflexão sobre as transformações e as contradições do mundo moderno. Assim, a decodificação da modernidade estaria no descobrimento das contradições essenciais que extrapolam o universo cultural de determinada sociedade (...) o termo passou a significar a ascensão da burguesia e o crescimento econômico, a afirmação do capitalismo e suas manifestações políticas, designando uma forma de estado que separa a vida privada da vida social e política pública (CHAUL, 1997, p.151).

Para as habitações, as áreas foram divididas em moradias urbanas e suburbanas. Os lotes vendidos pelo Departamento de Propaganda e Vendas de Terrenos eram os que estavam previstos no plano diretor, próximos ao Centro administrativo. Os migrantes pobres que vieram trabalhar como operários na capital recebiam autorização de habitar a zona suburbana na mata e cerrado, onde não tinha nenhuma infraestrutura:

A questão social não foi pensada, os operários que vieram de outros estados para a construção da nova capital ocuparam as áreas ao longo dos córregos e as áreas iniciais dos acampamentos provisórios, ficando a margem da “nova sociedade moderna” que se construía. (DINIZ, 2007, p.151).

Aos poucos, esses trabalhadores foram ocupando áreas mais próximas ao Centro. Geraram-se, mais tarde, ocupações pelos operários e suas famílias, criando a cidade marginal, inicialmente nas imediações do córrego Botafogo, a Vila Nova e a Nova Vila, expandido para o leste no Setor Universitário e para o que se configurou, depois, como Setor Pedro Ludovico:

Chegando aqui no estado de Goiás, os meus avós passaram primeiro por Araguari, por Minas, depois de Minas eles resolveram que ia para cidade que estava em construção, Brasília, né? Estando trabalhando um pouco em Brasília, meu avô preocupado com muitos imigrantes que estavam chegando, na grande construção da capital, eles decidiram vir para Goiânia, meus avós e minha mãe. Chegando aqui em Goiânia, eles foram, é, pra Nova Vila, que era um pouco do Universitário, e um pouco da, da nova Vila que hoje é Vila Nova né? (DEPOIMENTO DE ISABEL DE OXUM, 2018, p.2).

Com a saída de Atílio de Goiânia, em 1935, Pedro Ludovico deixou a total execução do projeto com os engenheiros Jerônimo Coimbra Bueno e Abelardo Coimbra Bueno (ambos eram sobrinhos de dona Gercina Borges, esposa de Pedro Ludovico). Eles, desde 1933, tinham com o colega Roberto Penna Chaves, neto do ex-presidente da República Alfonso Penna, a firma Coimbra Bueno & Penna Chaves. A firma fora contratada em 1934 e recebia como forma de pagamento na execução das obras da cidade, valores fixos, comissões por cada obra executada e terrenos (GODINHO, 2013). Tornaram-se, assim, sócios na construção da nova capital. Jerônimo era fiscal de obras designado por Pedro Ludovico e recebeu do arquiteto, Atílio Correia, todos os planos e plantas referentes à nova capital. Em 1936 a construtora Coimbra Bueno contratou como consultor técnico o engenheiro Armando de Godoy (que já estava na comissão que avaliou o local para a

construção da nova capital). Este reviu o plano diretor deixado por Atílio e traçou neles outras linhas que configurou o Setor sul na cidade, mais tarde totalmente loteados pelos irmãos Coimbra Bueno:

Para o engenheiro, onde se estabelecesse uma cidade moderna com um plano nacional obedecendo às determinações do urbanismo, surgiria a trindade econômica, baseada na atividade industrial, bancária e comercial, conseqüentemente valorizaria a terra e evitaria o êxodo das grandes fortunas (DINIZ, 2007, p.107).

A cidade pensada por Atílio Corrêa foi construída em partes. O projeto original foi se descaracterizando pela ambição do capital na figura dos irmãos Coimbra Bueno que acabaram afastando Atílio da capital e fazendo com que Armando de Godoy introduzisse várias modificações no plano original. A cidade que era uma unidade foi fragmentada a partir da especulação imobiliária.

Desta forma, introduziu-se o capitalismo moderno em Goiânia que permaneceu ao longo de toda sua história. Uma capital feita de colagens interessadas sobre o projeto inicial:

As outras colagens sobre a “matriz original do plano” foram sendo realizadas à medida que interessava aos irmãos Coimbra apropriarem-se das áreas públicas ou aumentar os lotes vendidos por eles. Assim, boa parte das áreas livres, de parques, sistemas de áreas verdes, desapareceu do plano original. Os engenheiros Coimbra Bueno fizeram uma intensa divulgação dos trabalhos que estavam realizando na construção da nova capital do Estado de Goiás, utilizando os projetos que Corrêa Lima elaborou (DINIZ, 2007, p.212).

Em 1947, finalmente a empresa Coimbra Bueno e Cia LTDA apresentou a nova planta geral de urbanização de Goiânia. Nessa planta foram destacados os pontos de convergência de cada Setor, entre eles, a Praça da Catedral, no Setor Sul, incluindo o que seria hoje as quadras adjacentes à Praça do Cruzeiro, onde hoje está a Paróquia São José e o Colégio Maria Auxiliadora, no Setor Sul. Também todo o terreno que hoje é ocupado pelos prédios da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), incluindo a Praça Universitária (<http://www.catedralgo.org.br/institucional/historia>). A cidade dava, assim, um salto para sua configuração atual.

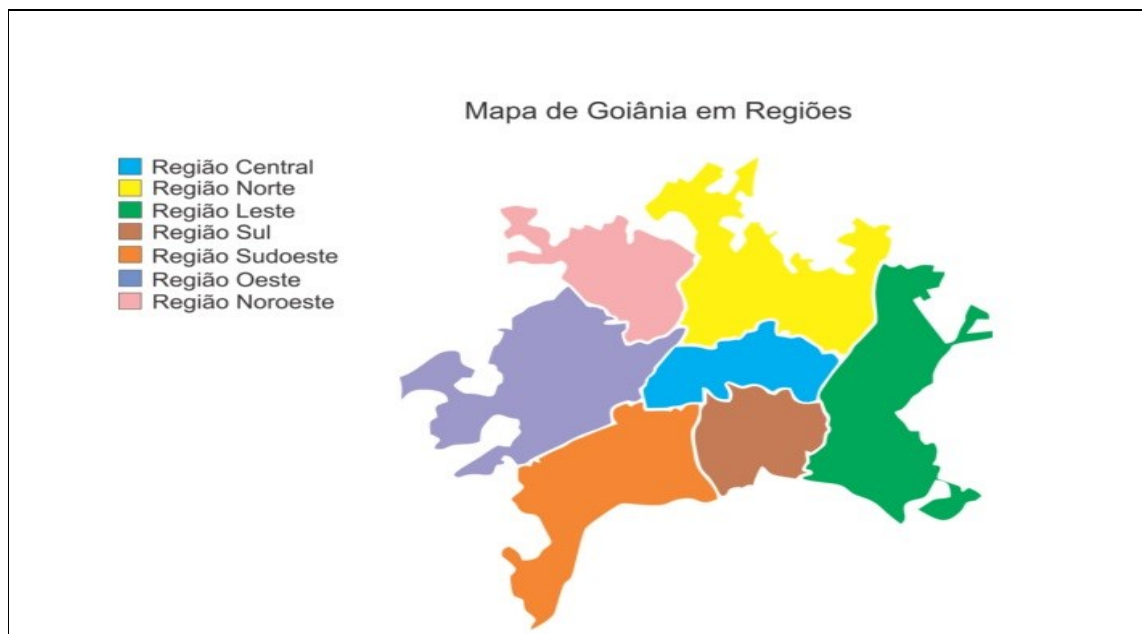


Figura 2: Goiânia dividida em regiões. Disponível em: <http://www4.goiania.go.gov.br/portal/pagina/?pagina=noticias&s=1&tt=not&cd=9932&fn=true>. Acesso em 23 jul.2018.

Em 1942 a cidade tinha 48.166 habitantes<sup>9</sup> e foi quando aconteceu o batismo cultural de Goiânia, isto é, a inauguração oficial da cidade. A cidade planejada para 50 mil habitantes já tinha quase esse montante no início da década de 40. Não temos registro de Centros de Umbanda nesta época, o que não quer dizer que não existiam. Provavelmente devem ter existido junto às moradias de trabalhadores e operários nas ocupações que se multiplicavam nas margens da capital. Sendo uma religião de cura, deve ter existido naquele ambiente onde não havia políticas públicas de saúde, como deve ter servido de memória e apoio para muitos migrantes que aqui estavam se estabelecendo.

Das pioneiras na Umbanda que foram entrevistadas, todas são migrantes ou filhas de migrantes. Vindas da Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Pará e do interior do estado de Goiás, todas batalharam para sobreviver na capital com suas famílias.

<sup>9</sup> Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>. Acesso em 06 ago.2018.

## 1.2 A UMBANDA: ACOLHIDA PARA OS POBRES COM NOVA IDENTIDADE NA CIDADE

Ela acolhia pessoas quem vinham do nordeste, chegava e não tinha lugar prá ficar, ela sempre acolhia várias pessoas.  
(Reginaldo, filho de Erotildes).

Os operários atraídos pela nova capital vão se instalar na beira dos córregos. Cerca de quatro mil trabalhadores passaram pela Superintendência de Obras que tinha, inclusive, escritórios em São Paulo e Rio de Janeiro, e esses trabalhadores organizaram o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Goiânia.

Essa classe trabalhadora teve que enfrentar a exploração da mão de obra, a situação de escassez de produtos e as dificuldades de moradia, alimentação, saúde, educação e lazer:

Tinha a rodoviária e junto desses os retirantes de todos os estados construíam as suas casa, suas moradias, ali no lago das rosas, aquela parte do Bombeiro, aquela parte de baixo ali, aquilo ali era tudo construções de retirantes do Nordeste, de São Paulo, todo mundo que vinha se aglutinava ali (DEPOIMENTO DE ISABEL DE OXUM, 2018, p. 2).

Ficavam de quatro a sete meses sem receber salários, pois o dinheiro para a construção da capital vinha de empréstimos contraídos com o governo federal e demorava em chegar. Como consequência, os trabalhadores fizeram diversas greves e paralisações (BERNARDES, 2009, p.39). Para remediar a situação eram remunerados com vales, que descontavam a juros com os comerciantes na obtenção de alimentos e outros produtos necessários à sobrevivência. Também, no início, muitos operários receberam lotes do Estado com a condição de construir suas casas no máximo de dois anos. Como não conseguiam realizar o projeto por causa dos atrasos no pagamento, eram obrigados a vender os lotes com as construções inacabadas e a preços muito inferiores ao que gastaram. Assim, o trabalhador era expropriado duas vezes: na força de trabalho e na ocupação do solo (BERNARDES, 2009, p.50 ).

Capitalismo, exploração da mão de obra e da mais valia, segregação espacial e social, e exclusão foram as marcas da cidade moderna e planejada. A cidade planejada cria ao mesmo tempo a segregação espacial e social. As famílias

migravam instigadas pelas propagandas e desejo de mudança de vida, pois tinham esperanças de um futuro melhor para si e seus filhos:

No entanto, quando chegavam aos territórios do progresso, transformados em canteiros de obras das futuras cidades-capitais, a maioria desses bravos peões da construção civil e do Setor informal, assim como tantos outros com profissões indefinidas, esbarravam-se vários problemas, entre os quais a falta de espaço para a sua moradia e o sonhado trabalho para garantir a sobrevivência. Os projetos modernos das novas capitais, contraditoriamente, não previam um espaço planejado para a moradia do trabalhador popular que participava da construção das cidades. Os operários e os trabalhadores informais improvisaram o seu hábitat - barracos, lotes e ruas que informalmente constituíam um novo núcleo urbano, fora do traçado cuidadosamente idealizado e projetado. Esses novos núcleos são as invasões, que, aos poucos, vão se consolidando como bairros da cidade em construção; são as cidades dos construtores que vão dar vida e forma à uma cidade ilegal (MORAES, 2003, p. 162-163).

É nesta cidade marginal que vão estar os Centros Espíritas de Umbanda. Moysés e Bernardes chama a atenção para o fato de que entre 1950 a 1958 ocorreu um parcelamento do solo e uma nova legislação que desobrigou o Estado de implantar infraestrutura nos novos bairros, provocando a desestruturação do plano urbanístico original de Goiânia e incentivando um processo migratório muito grande (2005, p. 177). É nesta época que se encontram informações sobre a existência de alguns Centros de Umbanda, muitos deles ativos até os dias de hoje. No Setor Pedro Ludovico, dona Geraldina que já morava lá há mais de dez anos comprou um lote na parte de baixo do Setor quando este foi loteado. Antes morava na ocupação com seu esposo e filhos:

Era aqui no Setor, só que lá me cima, numa casa lá, que eles, eles tinham né? Só que quando saiu o loteamento, o lote dela saiu aqui, era tipo invasão né? E depois que ela veio pra cá, nasceu Auxiliadora, eu e o João, e a Valquíria também nasceu lá (...) saiu o loteamento, e aqui era de um tenente, policia, não lembro mais o quê que era, eu sei que ele ia embora, ele não quis aqui, e ele estava assim, com a corda no pescoço, e ele quis vender, e ele falou “Geraldina eu só vendo esse lote se for para você” “Ah! mas eu não tenho condição” e tal... Aí os próprios médiuns juntaram né? E ela, meu pai, e foram pagando (DEPOIMENTO DE IARA, 2018, p.7).

Estudos sobre loteamentos na cidade de Goiânia mostra a faceta da ocupação do solo urbano interessado ao capitalismo. (PASTORE, 1984). O Setor Pedro Ludovico, por exemplo, nasceu da antiga fazenda Macambira. Um decreto de 1951 aprovou o loteamento da fazenda. A maioria dos moradores não tinham condições econômicas de comprar um lote. Geraldina conseguiu bancar o lote com a ajuda dos médiuns que se uniram porque tinham interesse na manutenção do

Centro de Umbanda. Essa mesma dinâmica aconteceu em outros Centros, que não tiveram financiamento público ou de sociedades filantrópicas. Eles vão existir na cidade por iniciativas de grupos organizados em torno da fé e que se desdobraram para participar ativamente da confecção dos templos umbandistas e de seu trabalho de assistência. Veremos que essa mesma dinâmica se deu na construção da sede e da identidade da FUEGO.

Os loteamentos em Goiânia na década de 50 expandiram a capital e mudaram sua fisionomia, pois alterou a infraestrutura exigindo energia, transporte, esgoto, coleta de lixo, escola, etc... Surgiram novos bairros como Vila Coimbra, Setor Universitário, Setor Ferroviário, Setor dos Funcionários, Setor Sul, Setor Oeste, Setor Aeroviário, Setor Fama, Vila Abajá, Vila Santa Helena e Setor Pedro Ludovico. Nas décadas de 60 e 70 a expansão aumentou fazendo surgir novos bairros como: Jardim América, Setor Bueno, Nova Suíça, Vila Redenção, Vila Canaã, Bairro Feliz, Vila União, Novo Horizonte, Setor Criméia Leste, Parque Amazonas e tantos outros. A configuração inicial de Goiânia no plano diretor se modifica radicalmente. (SANTOS, 2008, p.71).

Os loteamentos foram acontecendo na cidade sem nenhuma forma de controle por parte do poder público. A ocupação do solo passou a ser determinada pelo mercado que afetou os migrantes que vinham para a cidade em busca de realizar seus sonhos:

Muitos dos migrantes possuíam espírito de “novos bandeirantes”, já que saíam de suas terras “livremente” em busca de melhores condições de vida, ou seja, não se deslocavam somente em função dos fatores de expulsão, mas também por fatores de atração, dentre eles a crença de que, numa terra distante, poderiam construir vida nova. A esse afluxo de migrantes acrescentam-se a perda de controle estatal sobre a expansão urbana da cidade para a iniciativa privada e a fragilidade do planejamento diante dos proprietários de terra - imobiliária, incorporadora ou construtora (MOYSÉS, 2004, p.152).





Figura 3: Bairros que se foram formando em Goiânia Disponível em: <http://www4.goiania.go.gov.br/portal/pagina/?pagina=noticias&s=1&tt=not&cd=9932&fn=true>. Acesso em 24 jul.2018.

A nova população de Goiânia foi se instalando nas áreas desocupadas. As ocupações foram comuns no alargamento de Goiânia. As maiorias dos novos migrantes foram ocupando a cidade, os postos de serviço disponível e em busca de sobrevivência enfrentando as desigualdades sociais.

Rosalina foi trazida da casa de seus pais em Avelinópolis para morar com uma família e trabalhar como empregada doméstica em Goiânia na década de 60. Já a avó de Isabel arranhou emprego no Palácio das Esmeraldas como passadeira de roupa:

Os meus avós, parte de pai, eles eram campineiros, e minha vó era uma mulher tradicional, veio de São Paulo, uma negra, com muito conhecimento né? Um pouco até para além da geração dela. Então chegando aqui, logo ela se envolveu com a política, e foi ser passadeira de roupa no que era no início do palácio, né? (DEPOIMENTO DE ISABEL DE OXUM, 2018, p. 2).

Os bairros foram se formando e com eles os Centros Espíritas de Umbanda. Os primeiros Centros dos quais se têm informações registradas datam da década de 50, o que não significa que não existiam antes disso. Em Campinas formou-se a Tenda Espirita São Sebastião em 1958 que na década de 60 veio para o Setor

Coimbra acompanhando o loteamento; no Setor Pedro Ludovico, ainda na década de 50, dona Geraldina criou o Centro Espirita São Sebastião num terreno ao lado de sua casa; nesta mesma década, no Setor Universitário a dona Erotildes fundou no seu quintal o Centro Espirita São Miguel Arcanjo e Dona Roxa, onde está o atual município de Senador Canedo, montou em seu lote um barracão dedicado ao Centro Espirita Pai Oxalá no fundo de sua casa. Na Vila Nova, Nostalgia de Moraes e Colombino Bastos junto com outros amigos construíram uma sede para abrigar os trabalhos de Umbanda que se processavam no quintal de dona Nostalgia já há dois anos. No Setor Fama, Gabriel Elias Neto fundou o Centro Espirita Fé e Amor<sup>10</sup>. Na Avenida Botafogo existiu o Centro Espirita Mãe Iemanjá de Maria Batista Silva, do qual Luís Fernandes Salles, que foi um dos fundadores da FUEGO, teve sua iniciação e desenvolvimento.

Na década de 60, outros Centros foram surgindo de acordo com os novos bairros que iam se formando. Pedrinha de Souza Carvalho, conhecida como Mãe Pedrinha chegou da Bahia e se instalou no Setor Fama, na Rua Bernardo Sayão. Após um tempo no Centro Espirita Fé e Amor, organizou o Centro Espirita Sete Flechas que foi comandado por ela até sua morte precoce em 1994. Após isso, um de seus filhos assumiu a presidência do Centro para manter a obra da mãe. Entretanto, não sendo médium de incorporação, após 12 anos, fechou o Centro. Ainda na Fama tinha o Centro Espirita São Jorge de Maria de Lourdes Evaristo Nunes.

No Setor oeste, mais precisamente na Rua 8, dona Didi atendia seus pacientes e desenvolvia novos médiuns em sua casa. Em 1962 passou a atender numa sede própria dirigida por seu marido, Geraldo Araujo. Vinte anos depois, o Centro mudou para a Avenida Paranhos no Setor Marista, onde se encontra até hoje.

---

<sup>10</sup> Gabriel Elias Lias Neto era filho de Elias Gabriel, um libanês que chegou ao Brasil em 1906 e se fixou em São José do Rio Preto no interior de São Paulo. Ele logo se filiou a maçonaria. Em 1943 veio para Goiânia e abriu um comércio. Também participou da primeira loja maçônica da capital "Liberdade e União". Teve quatro filhos homens que se dedicaram à maçonaria. Gabriel Além de maçom e comerciante dedicou-se às atividades políticas como vereador (1959-1962), suplente de deputado estadual (1963-1967) e foi vice-prefeito na primeira gestão de Iris Rezende (1966-1969) e depois secretário de estado (1968-1970). Acredita-se que foi nesta intensa atividade política e maçônica que construiu o Centro Espirita Fé e Amor na Rua Dez, ao lado da maternidade Irmã Celina, hoje Hospital Dom Bosco, de onde foi diretor na década de 60.

No Setor Ferroviário encontrava-se desde a década de 40 a Agremiação Espirita Doutor Adolpho Bezerra de Menezes na Avenida do Contorno e nos anos de 60 se encontrava sob a direção do tenente coronel Francisco Ferraz de Lima. Numa casa familiar Luís Fernandes Sales montou o Centro Espirita Anjo Ismael, transferindo anos depois para um lote no que se configurou mais tarde como Jardim Goiás. Na alameda P2 dona Joseth Rodrigues fundou a Tenda Espirita Nossa Senhora da Conceição, onde permanece até os dias de hoje. Também no Setor, mais propriamente na Alameda Botafogo várias casas de Umbanda foram surgindo como o Centro Espirita Pai Oxalá de João Martins Alves que depois foi transferido para o Setor Pedro Ludovico na rua 1059. Ainda na rua Z no número 756 funcionava o Centro Espirita Amor e Caridade Caboclo Sete Flechas de Divina Borges dos Santos e na rua 3 encontrava-se o Centro Espirita São João Batista de João Soares da Cruz.

Já Benedita Lemos Santos dirigia o Centro Espirita Ogum Iemanjá, localizado no antigo Bairro Popular, hoje Setor Central.

Leda Xavier Sacramento após anos de trabalho religioso nas casas de amigas e adeptos conseguiu um terreno do então prefeito Iris Rezende e lançou a pedra fundamental do Centro Espiritualista de Umbanda Pai Joaquim de Angola, no Setor Urias Magalhães. Hoje é um dos maiores Centros de Umbanda de Goiânia. Ao lado do Centro ela vai erguer uma casa de assistência para meninas órfãs ou abandonadas. O Setor Urias Magalhães foi um núcleo onde muitos Centros de Umbanda estiveram presentes. Lá se encontrava o Centro Espirita Amor e Fraternidade, dirigido por Paulo Onofre dos Santos, que desenvolveu muitos médiuns- alguns deles hoje na direção de outros Centros-, e que em 1981 veio para o Setor Fama, mais propriamente na sede da FUEGO com o nome de Sociedade Espirita Cavaleiros de Ogum. Outro estabelecimento por onde passou muitas pessoas em busca de socorro foi o Centro Espirita Pai João da Caridade Santa Helena, criado e mantido por Iracy Soter de Castro. Este Centro encerrou suas atividades com sua morte e no seu lugar atualmente está uma Igreja Pentecostal. Antônia Figueiredo Santiago criou a Fundação Evangélica Umbandista Tranca Ruas das Almas no mesmo bairro, ainda hoje em funcionamento. Outro templo de Umbanda no Setor Urias Magalhães foi o Centro Espirita de Umbanda Pai Manoel Caboclo Urubatã dirigido por João Lopes de Sales.

No Setor Universitário, na rua 226, existiu a Tenda Humilde do Castelo Branco de Teobaldo José Pereira e a Tenda Pai Oxalá dirigida por Evatis Ferreira da Silva na rua 251 que na década de 70 mudou para a Vila Maria José. Também Natanael Inácio Nascimento organizou o Centro Espírita Ogum Beira Mar na Rua 226 e depois foi levado para um lote na rua Capri, aonde viria a se configurar o Jardim Europa, onde se encontra em atividades até os dias de hoje.

No Parque Amazônia, Alvina Maria de Oliveira assumiu a Tenda do Caboclo Pena Branca criada por seu irmão Manuel e transferiu o Centro de Umbanda para o Setor Mansões Paraíso em Aparecida de Goiânia no início do século XXI. Também existiu o Centro Espírita Nossa Senhora da Natividade de Alzira Natividade.

No Setor Pedro Ludovico, Damiana Pereira Amaral montou o Centro Espírita Nossa Senhora da Conceição na Rua 1015, que teve assistência de Joseth Rodrigues Montalvão do Centro de Umbanda com o mesmo nome existente no Setor Ferroviário. Provavelmente Damiana foi uma médium da casa dela. Já Silveria Francisca de Assis de Jesus criou e dirigiu o Centro Espírita Pai Oxalá e Cabocla Iara que se localizava na Rua 1022.

No Setor dos Funcionários havia a Tenda Espírita Maria Congá dirigida por Maria Luiza Marcelo e que depois foi transferido para o Jardim América.

Assim como a população migrou para o Goiás, esse mesmo contingente de pessoas continuou numa 'migração' constante pelos bairros, em busca de sair dos pesados alugueis e conseguir um lote mais favorável para suas atividades e vivências. Com estes deslocamentos foi comum a instalação de Centros de Umbanda nas moradias de seus dirigentes ou no mesmo lote, e também comum a mudança para outros bairros, conforme necessidade das pessoas.

Outras famílias saíram do meio rural de Minas ou do estado de Goiás e vieram servir aos seus antigos patrões, de quem eram agregados e que estava abrindo negócios na nova cidade, como foi o caso da família de Luzia:

Lá em Morrinhos, o Drº. Silvio resolveu vir construir em Goiânia, aqui em Nerópolis, construiu uma fazenda, construiu uns negócios de agropecuária aqui em Goiânia, esse médico que meu pai trabalhava com ele Silvio Gomes de Melo, o filho dele Drº. Honório, hoje ainda é médico com oitenta e tantos anos, mas é médico do otorrino da Paranaíba. Ai ele trouxe papai pra cá, para construir lá, e como meu pai ia ficar muito tempo aqui, ele falou eu não fico esse tempo longe da família não, por que vinha de Morrinhos pra cá, a cavalo, aí o Drº. Silvio trouxe a famílias... pôs naquele caminhão de pau de arara, pôs a gente com caixote, cachorro, menino e tudo trouxe para

Goiânia e aqui a gente ficou morando numa casa deles na rua 70, enquanto meu pai trabalhou com ele (DEPOIMENTO DE ANA LUZIA, 2018, p. 2).

De fato, o maior número de migrantes entre a década de 60 a 70 vieram do interior do estado. Erotildes do Carmo veio com seu 'Senhor' da cidade de Goiás, ainda menina, para cuidar dos filhos da família Seixas Brito. Ela era livre numa época em que não existia mais escravidão, mas totalmente dependente dos patrões. Quando teve a ocupação do Setor Universitário na década de 50 ela viu uma brecha para morar longe dos patrões, construiu um casebre, abriu seu Centro de Umbanda e começou a atender as pessoas no seu lote que anos mais tarde foi regularizado pela prefeitura:

O Centro na verdade, eu acho que assim que ela mudou, foi... Ela construiu um quarto só para ela ficar e logo em seguida já tinha o Centro. Eu acho que o Centro veio até primeiro. As pessoas falam, que tal-..., provavelmente, se... É porque não tem data, né? Provavelmente ele é o Centro mais antigo de Goiânia. (DEPOIMENTO DE REGINALDO, 2017, p.9).

As ocupações de terras foram comuns em Goiânia e em 1947 houve um novo plano de edificações para a cidade, permitindo o loteamento da então já ocupada região leste da capital. Os migrantes vieram para trabalhar e se estabelecerem na cidade, mas o poder público não lhes permitia morar perto do trabalho e tampouco ocupar zonas que poderiam ser exploradas financeiramente pelos especuladores de terras. Deixar espaços vazios no Setor central foi uma estratégia de venda de lotes para os especuladores da terra, uma vez que estando assim ela valorizaria o preço e na medida em que a infraestrutura melhorava, a cidade crescia e a estética se modificava, a venda se tornava cada vez mais rentável. Desta forma, uma terra que valia uma determinada quantia numa época, passou a valer cem vezes mais depois de alguns anos. Isso explica a existência de tantos lotes de terras desabitados na capital e na metrópole, e esses lotes vazios são mantidos propositadamente. Moysés e Bernardes catalogaram a partir de dados do cadastro único da prefeitura de 2001, cerca de 111.580 lotes vazios, ou seja, 37,7% dos lotes estavam vazios. A mesma dinâmica capitalista se foi usando na medida em que se expandiu a área de ocupação da capital para outros municípios que foram formando a grande Goiânia (Moysés, 2004, p. 180).

Assim, a ocupação de terras foi uma alternativa possível para os trabalhadores sobreviverem com suas famílias. A situação nessas ‘invasões’ era precária e a falta de políticas em saúde pública era gritante, permitindo o adoecimento desta população. Havia luz, mas a água era de cisterna e não era encanada. Carlos lembra que quando chegou aqui na década de 70:

Não, não. Luz tinha. Luz tinha. Água, não. A água lá era uma dificuldade, porque eu lembro bem que o banheiro era... era... Como é que eu vou explicar? Ah, ela... Então, ela... Eles arranjaram uma vasilha. A água, ela é de cisterna. Então tinha o banheiro lá, mas a... a... Colocaram uma vasilha e furaram ela, assim, prá a água cair como fosse um chuveiro, mas a água vinha da cisterna, pegava na cisterna e despejava. (DEPOIMENTO DE CARLOS, 2018, p. 16).

O setor Universitário e o Pedro Ludovico nasceram de ocupações e de parcelamentos de lotes pelos próprios moradores, que vinham das margens ocupadas do córrego Botafogo. A população empurrada pela polícia de Pedro Ludovico foi adentrando o leste da capital. Muitas pessoas recém-chegadas do nordeste e do interior do estado encontraram abrigo e acolhida na casa de dona Erotildes, uma casa simples com fogão a lenha:

Ela tinha alguns comodozinhos que ela acolhia. Que ela acolhia pessoas quem vinham do Nordeste, chegava e não tinha lugar prá ficar, ela sempre acolhia várias pessoas. Então, eu tive a oportunidade de ver várias pessoas que chegavam. E eu não sei como que chegava até lá, sabe? É... E conseguia se hospedar lá, conseguia ficar lá até arrumar um local definitivo, né? Então isso. Sempre ela foi muito caridosa nesse sentido, de acolher aquelas pessoas que vinham de fora, que não tinham lugar certo prá ficar. (DEPOIMENTO DE CARLOS, 2018, p.3).

Erotildes não media esforços para cuidar de seus ‘hóspedes’ e a religião lhe serviu de suporte para a missão a qual se imputara. Estima-se que milhares de pessoas passaram por sua casa, para moradia ou para acolhida, até se adaptarem na nova cidade, nesses quase 70 anos de existência do Centro:

A Michele que é casada com meu primo, que é sobrinho dela mesmo de sangue, que me ajuda aqui também, ela surgiu do Maranhão, veio ela e três primas dela, aí passou aqui na porta, pediu ajuda (...). Ela deu água, deu comida, perguntou o que que elas tavam por aqui, né? Quando eu vi, ela arrumou emprego para as meninas, as meninas ficou morando aqui até... Essas meninas moraram aqui uns três anos. Aí a Michele ficou, depois arrumou família e tá aí. (DEPOIMENTO DE REGINALDO, 2017, p. 12).

Tudo isso fez Erotildes ficar muito conhecida. Conquistou o espaço próprio dela junto à sociedade fazendo a caridade que ela entendia ser a essência da

Umbanda e sua obrigação moral. Mas, mais do que isso, a caridade permitia uma socialização e uma rede de solidariedade entre pobres. Por causa disso, sua fama cresceu. Em 2014, foi homenageada na 6ª Caminhada em homenagem aos mestres da Tradição Afro-Brasileira<sup>11</sup> promovida pelo Afoxé Omo Odé:



Figura 4: Cartaz em homenagem a Erotildes do Carmo.

Disponível em: <http://colofe.blogspot.com/2014/08/2014-o-sexto-ano-de-uma-caminhada-em.html>. Acesso em 14 ago.2018.

Dois bairros cresceram frutos das mudanças dos irmãos Coimbra Bueno. Um deles foi o Setor Bueno a partir da segunda metade da década de 80 e outro, o Setor Coimbra, que até então era a Vila Coimbra, criada em 1938, como cidade satélite de Campinas. A partir de 1950 se torna Setor Coimbra e deu-se seu loteamento:

Com a aprovação do Setor Coimbra, constituiu-se o primeiro loteamento privado em Goiânia, de propriedade da firma Coimbra Bueno & Cia. Localizado entre a Capital e Campinas, acabou por promover a inclusão desta, enquanto bairro de Goiânia. Assim, a partir dos loteamentos feitos pelo mercado imobiliário, o espaço urbano da capital sofreu um acelerado crescimento. Enquanto o Estado levou dezessete anos para construir 10.000 habitações, o mercado imobiliário precisou apenas de quatorze anos para construir três 'Goiânias', isto é, a cidade triplicou de tamanho (idem, ibidem, p.37). (MARINHO, 2006, p.125).

<sup>11</sup> Disponível em <http://grupocalunga.blogspot.com/2014/09/13914-6-caminhada-em-homenagem-aos.html>. Acesso em 12 set. 2017.

Com isso, os lotes podiam ser vendidos apenas com locação e com a abertura de logradouros. Foi assim que o Setor Coimbra cresceu e nele encontra-se um dos Centros de Umbanda mais antigos da cidade: a Tenda Espírita São Sebastião. A tenda não nasceu lá. Sabe-se que se chamava Centro Espirita São Sebastião e que ficava na rua Mato Grosso, no número 530 do bairro de Campinas e que no dia 09 de janeiro de 1958 membros do Centro se reuniram para fundar oficialmente a nova entidade. Lá firmaram uma diretoria e um estatuto. Desconhece-se o início dos trabalhos em Campinas e sua fundação. Provavelmente deve seguir a tradição dos demais, tendo uma pessoa que apresentou manifestações inexplicáveis pela ciência e que foi identificado com 'mediunidade'. A partir daí a pessoa buscou a solução para esse problema em um Centro e posteriormente deu início a uma religião doméstica até a consolidação de um Centro físico para em seguida formalizar um templo próprio. O Centro teve seu nome mudado para Tenda Espirita São Sebastião.



Figura 5: Fotos dos fundadores da Tenda Espírita São Sebastião  
 Presidente: Alberto Mendes Rosa. Conhecido como Bitá, Morreu em 1981. Na foto, do lado esquerdo, junto com seu cunhado Rosário Andrade Mendes, o mais alto de todos com terno preto. É filho de Glycerio Mendes Rosa.  
 Vice-presidente: Rosário Andrade Mendes. É filho de José Candido Mendes Filho e Ana de Andrade. Casou-se com Maria Mendes Rosa.  
 Disponível em: <https://www.myheritage.com.br/site-individuals-165114541/familia-mendes-e-reis?sort=ddate&page=1>. Acesso em 24 nov.2017.



Não foi possível resgatar a vida do fundador da tenda<sup>12</sup>. Sabe-se apenas que a primeira diretoria foi formada nesta data de 1958, e teve como presidente Alberto Mendes Rosa, conhecido como Bita:

O Bita era dono de uma máquina de arroz na Senador Jaime[...] Era um senhor muito bom. Tinha uma máquina de arroz, ficou amigo de meu marido e eles trabalhavam lá no Centro, né? Todo dia dos trabalhos. Depois aconteceu um acidente ele e uma peia de arroz caiu em cima dele (DEPOIMENTO DE LUZIA, 2018, p.27).

O vice-presidente era seu cunhado Rosário Andrade Mendes. Votaram numa diretoria para dez anos. Após essa data, a Tenda já se encontrava no Setor Coimbra<sup>13</sup>. O bairro sofria as mesmas intempéries de outros bairros em formação na época:

Era pobre, aquelas ruas. Aquelas casa ruim. Tudo cheio de poeira. Poeira, barro. Quando era chuva, era barro que atolava. Quando era tempo de poeira, era poeira também prá vale. Prá enxugar roupa era a maior dificuldade. (DEPOIMENTO DE ALBA, 2018, p.8).

O Centro ganhou um lote doado pelo engenheiro Getúlio Favoretto que conseguiu uma cura nos trabalhos religiosos e doou o terreno. Em 1967 foi presidente da Tenda João de Souza Landim Filho e Alberto Mendes Rosa veio a ser vice- presidente. Em 1998 Serlaine Almeida de Castilho assumiu a presidência e fez revisão dos estatutos abrindo caminho para que Alba Soares da Silva assumisse as próximas presidências na primeira década do século XXI.

Na década de 70 e 80, a Tenda experimentou, como outros Centros, seu auge. Teve um carpinteiro negro chamado Artur Tancredo como médium e cuidador da casa. Ele era quem acolhia e atendia as pessoas que vinham no Centro. Foi ele quem erigiu o templo físico e trouxe as primeiras orientações espirituais, uma vez que morava no lote ao lado com a família.

---

<sup>12</sup> Foi encontrada uma médium que estava nessa fundação e que fazia parte do Centro antes de 1958, Alba Soares da Silva, mas ela teve três aneurismas e como consequência sua memória foi em parte perdida. Ela conseguiu fornecer algumas informações que se juntou àquelas advindas de registros escritos do Centro e aos dados pautados numa entrevista com dona Luzia, uma frequentadora da casa e pioneira do bairro naquela época.

<sup>13</sup> Não foi encontrada atas de reunião do período de 1958 a 1968. As demais atas de reuniões foram confeccionadas apenas num único livro, pois elas eram lavradas em assembleias que se realizavam apenas uma vez por ano para eleição da nova diretoria.



Figura 6: Foto da fachada da Tenda Espírita São Sebastião no Setor Coimbra.  
Foto de arquivo pessoal



Figura 7: Foto do portão da Tenda Espírita São Sebastião envelhecida e conservada apesar do tempo. Foto de arquivo pessoal

A Tenda, apesar dos anos, mantém até hoje a mesma configuração estrutural<sup>14</sup> e litúrgica.

### 1.3 DO CENTRO PERIFÉRICO PARA A PERIFERIA DA METRÓPOLE: A SAGA DAS MARIAS E DE JESUS

Tava chegando o progresso... lá vai eu embora.  
(Maria Baiana)

Nos primeiros anos da construção de Goiânia, como já foi observado, o Estado controlou a venda de terras e o projeto de urbanização. A história de Goiânia se fez pelo controle das terras, seja por parte do governo, seja pela iniciativa privada. Desta forma, para garantir o projeto inicial da capital o governo controlou as terras com decretos-leis. Em 1944, o decreto lei nº 11 proibiu novos loteamentos por cinco anos. O estado era assim o responsável pela comercialização dos lotes cujas receitas constituíam fontes de financiamento (MOYSÉS, 2004, p.143). Em 1947 essa situação sofreu mudanças, na medida em que o engenheiro Jerônimo Coimbra Bueno assumiu o governo. Num primeiro momento, ele aprovou o decreto lei nº 574 que trazia para a cidade o Código de Edificações de Goiânia contendo todas as leis referentes a legislação urbana de ocupação do solo (lei de zoneamento, lei de loteamentos e a lei de uso e ocupação do solo urbano).

Com essa legislação se permitia à iniciativa privada a execução de novos loteamentos, desde que fosse obedecida a obrigatoriedade da implantação de toda a infraestrutura por parte dos vendedores que garantiriam a provisão. Com isso, o poder público abriu mão do controle sobre o uso do solo na região central, favorecendo a venda de lotes em áreas das quais o projeto inicial não havia previsto.

Contudo, três anos depois, o decreto lei foi revogado pela lei nº176 que retirava da obrigatoriedade mínima de infraestrutura na venda dos lotes (BELLORIO, 2013, p.52). Com isso, Goiânia experimentou uma explosão de vendas de lotes e de

---

<sup>14</sup> Em 2011, o teto do Centro desabou num noite de chuva. As paredes, cheias de rachaduras ficaram intactas, mas precisavam de reforços para não cair ao longo dos anos. E assim, os médiuns da casa reuniram esforços físicos e monetários para reconstruir o centro e deixa-lo na mesma configuração que havia sido erigido.

inchaço populacional, mas sem a responsabilidade da iniciativa privada e tampouco do Estado na organização e sustentabilidade dos novos bairros. Lotes passaram a ser vendidos regulados pelos interesses do mercado imobiliário. Os novos moradores estavam abandonados nos novos bairros e tudo dependeria da venda de sua força de trabalho e de sua vontade de resistir e perseverar. A religião umbandista serviu de suporte e inspiração para essa teimosia, como veremos mais adiante.

Entre as décadas de 1960 a 1990, a cidade intensificou os loteamentos e os parcelamentos fazendo a cidade se expandir com a vinda de novos moradores. O governo tentou dois novos planos diretores na década de 60, que foram interrompidos pela ditadura militar. (MOTA, 2005). A cidade se manifesta como fenômeno urbano e inverte o local de moradia da população do estado e do país:

O fenômeno urbano encerra a lógica de uma realidade global, uma vez que implica no conjunto da prática social marcada pela dialética urbana. O urbano, como espaço social, é lugar do possível-impossível, da concentração e da dispersão, da centralidade e da policentralidade (OLIVEIRA, 2012, p.157).

O processo de urbanização se fez com o êxodo rural. Com a ditadura militar esse processo se acirrou, pois, os militares propuseram para o Brasil uma política desenvolvimentista 'conservadoramente' moderna, promovendo uma intensa concentração fundiária na medida em que incentivou a grande produção com meios tecnológicos e reprimiu violentamente os pequenos proprietários e posseiros rurais. O resultado foi a saída de famílias do campo para a cidade provocando uma urbanização pretérita:

O ritmo e a intensidade dessa urbanização caracterizam aquilo que Santos (1993) chamou de "urbanização pretérita", sendo-lhe própria a violência simbólica e física da segregação socioespacial realizada contra a grande massa de trabalhadores pobres, espoliados das áreas urbanas referenciais e confinados em espaços subnormais para a moradia e a reprodução da vida. Esse processo é característico do que se denominou capitalismo tardio, do qual o Brasil é um dos principais signatários. (OLIVEIRA, 2012, p.158),

A cidade de Goiânia que já nasceu na perspectiva de modernidade viu uma ocupação populacional muito maior nesta época. A década de 60 teve novos fluxos migratórios que vão ocupar Goiânia. Muitos trabalhadores vieram da construção de Brasília, que inaugurada em 1960, recebeu de volta muitos trabalhadores que não

puderam ali ficar. De fato, o grande número de trabalhadores de Brasília foram os goianos, muitos deles que se transferiram para a capital do estado após a construção da capital do Brasil.

A cidade passou de 53.389 habitantes existentes em 1950 para 153.505 habitantes em 1960. O número de habitantes se elevou nas décadas seguintes (Em 1970 o número subiu para 380.773; em 1980 para 717.526 e em 1990 para 922.222) devido aos migrantes de outros estados e ao êxodo rural.

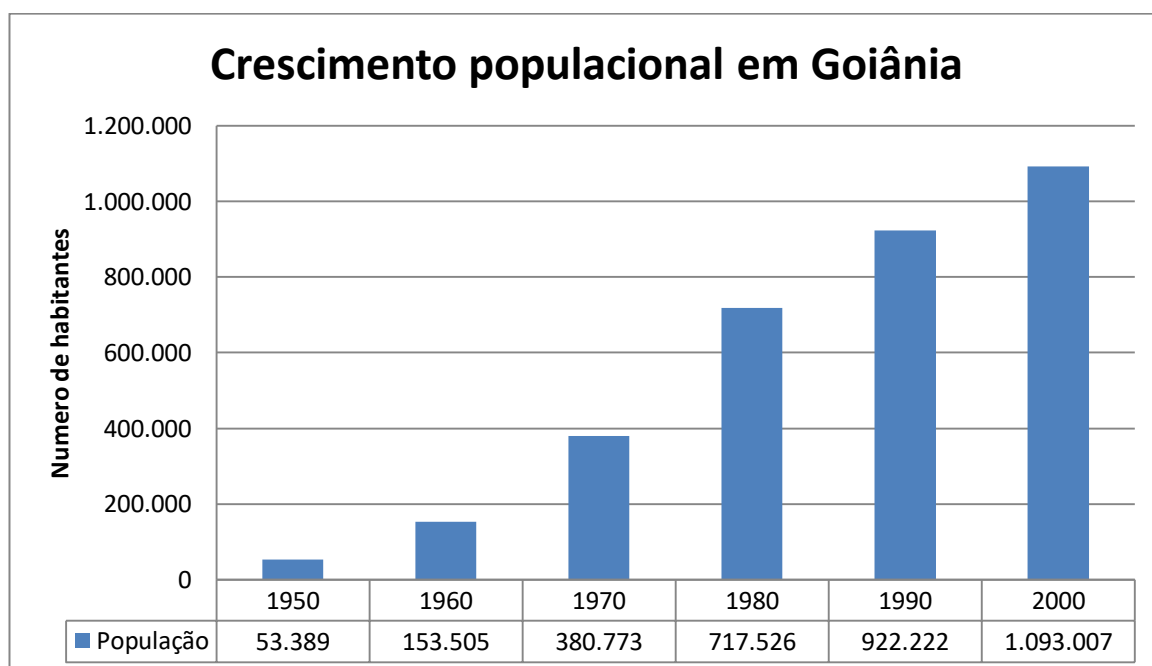


Tabela 1: Crescimento populacional em Goiânia. Dados do IBGE 2010.  
Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>.  
Acesso em 20 ago.2018.

Também em 1960 a grande maioria da população era católica e estava nos meios rurais. Havia um catolicismo popular, leigo que se manifestava nas festas religiosas. Esse catolicismo estava inserido numa região agrária, pobre, isolada da economia da mineração e do comércio, e na sua maioria era iletrada. Havia irmandades e confrarias e o clero local se relacionava com essas irmandades que produziam festas com expressões familiares e domésticas:

O catolicismo popular carece de um estatuto próprio perante as práticas da Igreja, existindo, contudo, em íntima interação com ela. Não a contesta, mas pode, eventualmente, adquirir um viés nitidamente anticlerical. Não se opõem aos atributos do clero, mas cria seus próprios atributos, e é organizado e praticado por leigos que buscam, em maior ou menor grau,

manter sua autonomia enquanto fiéis, ao mesmo tempo em que se declaram filhos da Igreja (SOUZA, 2013, p.5).

Um dado curioso é que a população espírita do Estado de Goiás nesta década de 60 era maior que a população que se declarava protestante (tinha 68.318 espíritas e 59.012 protestantes numa população de 1.917.460 habitantes<sup>15</sup>). Acredita-se que os umbandistas se declaravam espíritas, como muitos se declaram ainda hoje. Dez anos depois esse número começou a se modificar trazendo numa população de 2.938.029 uma população de evangélicos na quantidade de 142.591 pessoas e 93.338 Espíritas. O mesmo se refletiu em Goiânia onde numa população de 380.773 habitantes, havia 28.157 evangélicos e 21.374 espíritas<sup>16</sup>. Somente a partir de 1980<sup>17</sup> é que aconteceu uma verdadeira 'explosão' de Igrejas pentecostais mudando esse quadro e fazendo com que numa população de 3.860.174 habitantes, 89.255 pessoas se declarassem protestantes tradicionais e 189.034 protestantes pentecostais, perfazendo o total de 278.289 ditos evangélicos. Deste total, 100.670 pessoas estavam morando nas zonas urbanas, o que significa que na população rural os evangélicos eram em maior número, apesar de que no total da população contabilizada, a maioria era urbana (2.401.491). Já entre os espíritas, 73.800 se declararam espírita kardecista e 13.880 se declararam espíritas afro-brasileiras. O mesmo se refletiu em Goiânia, onde a população contabilizou o montante de 717.519 habitantes. Destes 26.389 se declararam protestantes tradicionais e 30.242 se declararam protestantes pentecostais, perfazendo o total de 56.631 pessoas de denominações evangélicas. No Espiritismo Kardecista houve 24.514 Espíritas e 5.326 pessoas se declaram Espíritas afro-brasileiras. Nota-se que neste censo houve um campo para identificar as religiões afrobrasileiras e, talvez muitos candomblecistas tenham se declarado neste item, pois se sabe por pesquisas

---

<sup>15</sup> Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Departamento de Estatísticas de População. Censo demográfico de 1960. VII Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional. Goiás, Volume I Tomo XVIII, p. 7-9.

<sup>16</sup> Ministério do planejamento e coordenação geral. Fundação IBGE- Instituto Brasileiro de Estatística .Departamento de censos. Censo Demográfico Goiás. VIII Recenseamento Geral - 1970 Série Regional Volume I - Tomo XXIII,p. 176-183.

<sup>17</sup> Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. IX Recenseamento Geral do Brasil – 1980. Volume 1 - tomo 4 - número 25 Censo Demográfico. Dados Gerais-Migração-Instrução Fecundidade- Mortalidade. Goiás. Rio de Janeiro, IBGE 1982, p. 40-57.

científicas que em Goiânia, somente a partir da década de 70, tem-se a presença da religião do Candomblé (ULHÔA, 2011, p.113).

O censo de 1990 não trouxe para Goiás o censo religioso, não sendo possível medir o crescimento ou não das religiões no Estado, mas nos informa que a população do estado aumentou para 4.018.903 habitantes. O último censo de 2010<sup>18</sup> apontou numa população de 1.302.001, a existência de 177 candomblecistas, 55.930 espíritas, 1.064 umbandistas e 1.301 pessoas que se declararam ser da Umbanda e Candomblé. Quanto aos evangélicos, 422.455 pessoas declararam serem dessas Igrejas. Assim, Goiânia, a cidade projetada para 50 mil pessoas foi crescendo, se modificando e com ela a diversidade religiosa.

Em 1968 Maria Mendes, negra goiana de Itumbiara, filha de baianos, morava com sua mãe, seu marido e seus filhos nas imediações de Campinas quando começou a atender as pessoas na Umbanda, no local de sua moradia. Com o tempo conseguiu alugar um barracão:

É aí, nós mudamo. Mudamo de casa e meu marido já estava bem né? De situação mais ou menos, já dava condição de criar os fí, que aí nós tava com quatro fí [...] Aí a gente pegou e mudou da casa de minha mãe, e fomos morar num barracão. Aonde que já tirou uma sala, já tirou um cômodo para fazer atendimento continuar o tratamento de cura do pessoal [...]. Na vila Abajá (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p. 18).

Foi muito comum reservar um espaço dentro da própria moradia para realizar os trabalhos religiosos. Dos Centros visitados, apenas 30% tinham espaços distintos do lugar de habitação ou em lotes diferentes. Os demais são salões reservados na própria casa ou galpões construídos no próprio lote. Isso acontece por uma necessidade financeira, pois fica inviável para um dirigente arcar com despesas de água, luz e impostos de um Centro de Umbanda e de sua própria casa. Os trabalhos religiosos, salvo exceções são realizados sem cobranças ou taxas, o que não injeta dinheiro na comunidade religiosa. Também não se tem a prática de cobrar dízimos ou outras taxas dos médiuns que participam da casa. Segundo a tradição umbandista em Goiânia, tudo deve ser feito na caridade e no voluntariado. Desta forma, é na casa das dirigentes ou de médiuns que as pessoas da comunidade são acolhidas e atendidas:

---

<sup>18</sup> CENSO AMOSTRA RELIGIÃO. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/aparecida-de-goiania/pesquisa/23/22107?localidade1=520870>. Acesso em 06 de jun.2018.

Ao ocupar parcelas desiguais do espaço urbano as pessoas (re) produzem o lugar coletivo, a partir da finalidade do uso, das relações sociais que estabelecem, dos recursos econômicos de que dispõem, dos projetos políticos que mobilizam e das condições naturais do espaço (OLIVEIRA, 2004, p.4).

Da Vila Abajá, Maria Mendes mudou para o Setor Bueno na década de 70. O Setor Bueno ainda não havia sido loteado pelos grandes empreendimentos que construirão mais tarde os condomínios verticais na década de 80. Até então era um conglomerado de chácaras e casas que se uniam. Havia poucas casas e ruas abertas: “ da parte do Goiânia shopping pra cima já tinha gente que morava, só mansão, aquela coisa, agora do lado de cá não, do lado de cá que era muito mato ainda, mas do lado de cima já tinha gente já” (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p. 20).

Maria foi morar naquela região para cuidar de uma chácara que pertencia a um médico que fora morar nos Estados Unidos:

Eu morava em um barracão de aluguel, a gente alugava uma casa, era aluguel, morava em aluguel. Eu não tinha um Centro, quando a gente... Quando a gente... é... instalou um Centro assim de barracão e tudo, já foi aqui no Setor Bueno. Eu ganhei uma chácara para vim morar(...) hoje lá é... o Goiânia shopping. Ah... eu morei lá até (ênfase no até) até aparecer o pessoal que lá comprou que era um médico que era dono do lugar cedeu lá pra nós, meu marido né? Meu marido trabalhava de pedreiro e foi trabalhar na casa desse... Foi fazer uma reforma para esse médico, aí ele ficou com muita dó de nós, com a menina né? Pagando aluguel, aí ele virou pra meu marido e perguntou pra ele se ele tinha coragem de morar lá. Pra você ver o que era mata... Mata (ênfase no mata) mata fechada. (...). Foi no ano de 1976 (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.18-19).

Na nova chácara, morando agora no barracão, ela e seu marido passaram a zelar pela chácara como ‘caseiros’. Lá ela passou a atender no trabalho religioso de Umbanda: “lá eu abri mesmo, que aí eu conversei com o médico, perguntei com ele se não importava né? Aí a gente construiu o barracão de santo”. (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p. 19). Nasceu, assim, o Centro Umbandista Mãe Maria Baiana e muita gente aderiu ao trabalho da Maria Baiana, sua entidade que ela incorporava. E assim. Maria passou a ser conhecida pelo nome de sua entidade: Maria Baiana. Além de trabalhadores braçais, médicos, engenheiros, jornalistas e até deputados vinham pedir ajuda religiosa às entidades da Umbanda. Nesta mesma época ela registrou o Centro na Federação de Umbanda.



O Setor Sul cresceu da irradiação do Setor Central e aos poucos foi obtendo infraestrutura. Maria lembra que no início as dificuldades eram muitos grandes:

Moça era mato, mato mesmo. Ali a gente pra pegar ônibus nós ia de lá, pegava ônibus lá na oitenta e cinco. Não tinha... nós atravessava ali ó, atravessa aquelas viela no pé, lá do Goiânia... Da T15 que era T15 do lado de cima do coisa ali... da T15 até no... Na oitenta e cinco. a gente comprava alimentos essas coisas, era no Jardim América, não tinha nada lá naquele lugar ali era uma mata mesmo (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.19).

Aos poucos, Maria Baiana viu a realidade local se modificar com melhores infraestruturas de transporte público, prestação de serviços e comércio. Após cinco anos morando na chácara, ela recebeu a notícia de que teria que se mudar da casa:

Que... que o médico vinha embora que era o dono de lá, quando ele deu pra nós, é por que tava ainda nos Estados Unidos, ele deu para a gente cuidar pra ele. Aí ela [ sua entidade ] pegou foi e falou que tava perto, de nós gente ter que mudar dali, por que o dono da terra tava chegando, e ele ia querer lá, e quem falou que eu aceitava isso? Eu acostumei lá o tanto de tempo né? Aí eu acostumei lá, aí tudo já tava muito perto, aí a gente já tinha umas coisas mais perto, a escola dos meninos né? Então era tudo... Meu menino estudava lá no... no... Polivalente Modelo... era tudo muito perto ali. Aí eu falei que não, eu chorava, chorava... (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.21-22).

Com a ditadura militar, houve uma centralização do poder no governo federal que centralizou os recursos públicos, as políticas macroeconômicas e urbanas. Ao mesmo tempo realizava-se a inserção do setor financeiro nas atividades de construção do espaço urbano (OLIVEIRA, 2004, p.12). Tudo isso somados, mudou a configuração da capital. Em 1962 Mauro Borges, então governador do estado, dava início ao novo plano diretor que foi embargado pelo golpe militar de 1964 e os loteamentos privados foram liberados pela administração dos militares. Ao mesmo tempo, o governo ditatorial criou o Sistema Financeiro Habitacional-SFH composto de projetos de financiamento de casas próprias através do Banco nacional de habitação- BNH e a Cooperativa Habitacional Brasileira-COHAB. Até esse momento, Goiânia padecia de ausências de moradias com infraestrutura como asfalto, luz, água tratada e transporte: “Para se ter uma ideia dessa carência, apenas o Eixo Anhanguera possuía infraestrutura e apenas os Setores Centro e Campinas possuíam densidade de construções”( MARINHO, 2006, p.125).

A partir de 1975 houve uma atuação do Estado no sentido de implementar transportes coletivos, o que fragmentou o espaço social de Goiânia. Foi instituído o

Sistema Integrado de Transporte para conduzir a massa dos trabalhadores aos eixos de serviços. Para isso foi criada a pavimentação de 105 km de vias, principalmente ao sul da Avenida Anhanguera, onde foi se concentrando um maior fluxo de carros e de construções. O resultado disso foi um grande estímulo à expansão da região sul, estimulando a venda de lotes, abastecendo com infraestrutura local e criando uma rede de serviços, o que teve como consequência a elevação dos preços dos imóveis:

Foi a partir deste momento que a segregação sócio espacial da cidade se consolidou. Em outras palavras, as diferenças das classes sociais em Goiânia encontraram no fundo de financiamento de habitação do Governo Federal o veículo de sua explicitação espacial, pois para cada faixa de renda havia um tipo de construção (MARINHO, 2006, p. 126).

Com a expansão e a gentrificação<sup>19</sup> do Setor sul, Maria Baiana, como outros moradores foram empurrados para a periferia:

Aí quando foi no domingo, eles passaram lá, do jeitinho que tinham combinado eles: “ a gente veio aqui”... eu fiz outro terremoto, chorei feito uma condenada falei que não vinha para cá, por que era mato já bastava de mato né? Entrei lá no Setor Bueno era mato, na hora quando veio o progresso, chegou, eu vou embora (risos). Tava chegando o progresso... lá vai eu embora; Aí foi aquela dificuldade toda, não deu outra. Quando foi no final do ano aí já tava com 1 (um) ano que a gente tinha comprado aqui. Doutor Edilson chega e vendeu, vendeu lá pro pessoal do Goiânia Shopping (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.24).

O Setor sul composto pelos setores Bueno, Nova Suíça, Jardim América, Bela Vista, Jardim Goiás, Setor Marista e Parque Amazônia mudou sua configuração a partir da década de 80, o que mudou a estruturação social da capital. Cerca de 57 mil unidades habitacionais foram construídas entre 1975 e 1985 e destas 4.304 foram de condomínios verticais de alto porte somando um total de 17.220 apartamentos, concretizando o sonho de consumo das classes medias e altas de morar em apartamentos: “a verticalização só se intensificou e se expandiu para outras cidades do país a partir da década de 1970, com a implantação de programas de financiamento habitacional do governo federal” (MARINHO, 2006, p. 126).

---

<sup>19</sup> Tadeu Arrais analisa que o que define o uso e ocupação do solo é a centralidade e a mobilidade e quando se tem áreas com essa qualificação, ela tende a se tornar uma área “nobre”, resultando na remoção dos pobres da referida área, uma vez que: “a forma espacial da gentrificação é a da homogeneização por cor, classe, renda”. Esse movimento é chamado de gentrificação e tem acontecido nos espaços urbanos em forma de políticas de gentrificação que afeta a cidade e os grupos sociais. No caso brasileiro e goiano trata-se de mais uma estratégia que reforça a segregação socioespacial (ARRAIS, 2014).

Nesta região foi se fazendo presente algumas empresas como a antiga TELEGOIÁS em 1962 e foram construídos quatro shoppings centers: o shopping center Flamboyant em 1981, no Jardim Goiás, nas margens da BR-153; o shopping Bougainville em 1990 no Setor Marista; o Goiânia shopping em 1995, no Setor Bueno e o shopping Buena Vista em 2003. Também foi criado três parques de lazer: Vaca Brava no Setor Bueno, Areião, na divisa entre o Setor Marista e Pedro Ludovico e o Parque Flamboyant no Jardim Goiás. Também é nesta região que se construiu o estádio Serra Dourada, o maior estádio do estado. Por consequência é nesta área que se concentrou profissionais liberais, empresários e fazendeiros. Hoje o lugar de maior adensamento populacional e que tem o metro quadrado mais caro de Goiânia.

Na medida em que o Setor sul foi melhorando sua acessibilidade e infraestrutura, proporcionou a ocupação de zonas periféricas e de loteamentos populares que se estendeu até Aparecida de Goiânia:

Na verdade, a expansão urbana e o desenvolvimento ao sul de Goiânia acabou por promover a ocupação de Aparecida pelas populações de baixa renda, impossibilitadas de adquirir moradia na capital. A expansão das camadas de média e alta renda nos bairros populares da Região Sul, a partir da década de 1980, constituiu um aspecto desta Região, redefinindo, de certa forma, a distribuição das classes sociais na área metropolitana de Goiânia (MARINHO, 2006, p. 127).

Maria Baiana foi morar no Jardim Alto Paraíso. Na época era mato, sem muita infraestrutura. Alugou uma casa para morar provisoriamente enquanto construía seu barracão. Não havia ônibus que ligasse o bairro a rodovia. Alguns médiuns que queria continuar o trabalho com ela tinha que descer na GO-040 e subir a pé cerca de 4 km até sua casa onde continuou os trabalhos religiosos:

Quando eu fiz o meu barracão, já foi feito lá do outro barracozinho pequeno, por que o pessoal de lá... os médiuns vinha tudo pra cá... e descia lá na GO vinha todo mundo de pé, aqui não passava ônibus, aí tudo já foi trabalho meu, aí eu já entrei como líder de bairro, eu que busquei escola para cá (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017,p.25).

Após algum tempo, conseguiu erguer seu barracão e sair do aluguel. No lote comprado, ela construiu sua casa religiosa que permanece até hoje. E no bairro se tornou grande líder buscando melhorias para as imediações e para a população local.

Outras famílias tiveram o mesmo destino. Jesus da Conceição veio de Brasília com sua esposa Maria de Lurdes da Conceição e alugou um barracão na Rua Prudente de Moraes no Parque Anhanguera. Não aguentando o peso do pagamento de aluguel, não teve alternativa senão mudar para Aparecida de Goiânia. Jesus era posseiro de fundação. Neto de escravizados baianos, ele nasceu no interior do estado, na cidade de Posse. Aos seis anos veio para Jataí junto com um tio e aos sete anos para Anápolis morar com a mãe. De lá foi para Brasília com sua mãe que era doméstica em casas de famílias e teve uma jornada de mudanças de domicílios na capital do Brasil: Taguatinga, Núcleo Bandeirantes, Guará, Sobradinho, Ceilândia e depois Cidade Ocidental. Como posseiro de fundação e de construção trabalhou na edificação de Brasília em diversos momentos nas cidades satélites. Também na capital experimentou sua primeira profissão como engraxate de sapatos quando ainda era criança. Reencontrou Maria de Lurdes que trabalhava como faxineira e manicure nos fins de semana e, anos mais tarde, já casados e com filhos retornou a Posse, no bairro de Nova Vista, mas não conseguiu a posse das terras a que tinha direito sua esposa. Enfrentou jagunços de coronéis e grileiros para preservar os 2 mil alqueires de terra que era herança da família, mas perdeu a batalha para o latifúndio. Saiu de Posse e foi então para um povoado chamado ‘Cotovelo’ em Minas Gerais, onde ocupou terras vazias junto com outras famílias. O fazendeiro local não gostou e retirou com tratores as famílias. Outra guerra pela terra. Conseguiram permanecer na terra como agregados, mas em busca de vida melhor, resolvem deixar o ambiente rural e vir para Goiânia:

Aí ela falou: “Jesus, eu vou embora mais você, não vou ficar aqui não.” Porque lá o custo era muito pouco, né? Assim, trabalhar muito prá ganhar pouco. E aqui eu trabalhava uma semana e eu ganhava... o dinheiro de uma semana aqui era um mês de lá, que o trabalho todo não dava mais, né? Ela falou... Eu falei: “Então vamo bora.” Aí nós foi morar lá no... Lá na... Ali na Prudente de Moraes (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018, p.14).

Com o peso do aluguel, negociou com seu patrão um lote de terras na periferia de Aparecida e foi morar onde hoje é o bairro do Jardim Monte Cristo:

Um companheiro nosso que trabalhava no mesmo serviço, morava ali no começo ali, aí me indicou que tava me querendo vender esse lote. Aí eu conversei com meu patrão, né? Ele me arrumou uma parte, eu vim e comprei o lote. Aí fiz um barracão de lona aqui. De lona. Eu mais a minha véia, nós sofremos [,]Aí nós moremos aqui mais ou menos uns dois anos debaixo da lona [...] Com as crianças (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018, p.15).

A vida de Jesus como trabalhador e morador na nova cidade não foi fácil. Os lotes vendidos não tinham infraestrutura e as dificuldades eram muitas. O lote ficava no meio do cerrado, era um lugar isolado, com poucos moradores e oferecia perigo para a família de Jesus que tinha que se defender como podia:

A sorte minha, tinha um vizinho ali, ele tinha uma cachorrinha. E essa cachorrinha que... que acordava nós na hora que chegasse alguém aqui, né? Aí eu tinha vez que eu dormia com uma cartucheira do lado. Aí de cedo até [...] Ah, aqui não tinha lugar. Ah, não tinha povoado aqui, era lugar isolado, a cidade livre, né? Então o povo podia fazer mal às minhas crianças, né? É... No primeiro dia que eu acordei, na hora que eu olhei: um cara dentro do lote. Eu tirei um grito nesse cara, que esse cara saiu daqui correndo (rindo). Aí o compadre de lá do lado gritou lá: “Quê que foi moço?” Eu falei: “Rapaz, o cara aqui, né? Dentro do meu barracão”(rindo) (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018, p. 15).

Com a lei 4.526/71 de loteamento de solo, o executor só podia vender lotes em Goiânia com água, luz, asfalto e drenagem urbana. Isso desestimulou a venda de lotes na capital e estimulou a venda de lotes em Aparecida de Goiânia. O prefeito nesta década aproveitou e autorizou vendas de lotes de maneira desenfreada e sem planejamento:

No período entre 1977 e 1981, um fenômeno mudou repentinamente a paisagem no município: O então prefeito, Sr. Freud de Melo, em menos de quatro anos, autorizou a venda de lotes em mais de 100 novos loteamentos, registrados na conveniência econômica dos proprietários das terras. A esses deveriam somar-se outros 49 loteamentos já existentes desde a fundação da Cidade. A meta do citado gestor era ocupar 70% do território do Município com lotes urbanos. Como efeito dessa política, somente no ano de 1978 foram registrados 44 novos bairros, ou seja, mais de três novos loteamentos por mês (SOUZA, 2014, p.28).

Ocuparam-se, assim, as terras de Aparecida para resolver um problema da capital. A explosão de loteamentos trouxe para a nova cidade milhares de moradores mudando toda a configuração até então existente na cidade. No final de 1970 houve assentamentos com mais de 2000 lotes demarcados na sua maioria pelos próprios assentados. Milhares desses lotes vendidos nesta época ainda esperam hoje a regularização por parte da prefeitura. Tudo isso fez com que a população de Aparecida que era em 1980 de 42.632 habitantes passasse para 174.829 em 1990. Seis anos depois a cidade contabilizava 265.868 habitantes. Hoje é a segunda cidade mais populosa do estado de Goiás (SOUZA, 2014, p.33):

Entre os anos de 1971 e 1991, mais de 100 mil pessoas que fixaram residência em Aparecida de Goiânia tiveram como origem a cidade de Goiânia e os serviços urbanos executados pelos prefeitos se limitavam

ao asfaltamento dos bairros com maior população (SOUZA, 2014, p.37-38).

Aos poucos Jesus vê a possibilidade de sair das condições precárias de sua moradia:

Aí eu falei assim: “Lurdes, vamo prá...” Ela falou... eu falei: “Vamos desenhar uma casa aqui prá nós fazer?” Ela falou: “Vamos.” Aí nós desenhemos. Eu mais ela, nós desenhou essa casa aqui [...] Eu mais eu... nós fizemos. Aí eu desenhei. Aí eu fui no engenheiro, né? Mostrei prá ele. Ele fez o projeto, aí eu vim e marquei. Fiz, fui levantando devagarinho. Eu num era pedreiro não, mas eu fui fazendo. Aí o compadre ali tinha um... Aí ele chegava aqui: “Jesus é assim... Bate aqui... Mas tá bom, pro início... tava ótimo”. Fui levantando sozinho, fui... Aí graças a Deus nós foi dando conta de fazer essa casa (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018, P.14).

Maria de Lurdes era clarividente e após participar do Centro Espírita São Jorge Guerreiro e Mãe Yemanjá, pertencente ao seu Quininho, recebeu um ‘chamado’ para criar sua própria casa de Umbanda e atender as pessoas. Assim, um pequeno barracão foi construído ao lado da casa que estava sendo levantada e lá Lurdes vai começar a atender as pessoas. Ficou conhecida no bairro e muita gente a procurava para curas e aconselhamentos.

Além do Jardim Alto Paraiso desbravado por Maria Mendes e do Bairro Jardim Monte Cristo onde Jesus e Lurdes se estabeleceram, outros bairros nasceram em Aparecida de Goiânia. Alvina foi para o Setor Mansões do Paraiso já mais tardiamente, no ano de 2000, após a morte do marido. De fato, o bairro foi loteado em 1975, mas sua ocupação se deu apenas no final de década de 90. Tradicionalmente, o Centro Espírita Caboclo Pena Branca ficava no Parque Amazônia e foi local de desenvolvimento de muitos médiuns que hoje tem seus próprios Centros religiosos. Novamente com a gentrificação, ela foi empurrada para a cidade vizinha e com a ajuda de alguns médiuns e amigos construiu sua nova casa e transferiu o Centro religioso para seu lote em Aparecida:

Não tinha nada, isso aqui era cerrado[...]fui eu que comprei. É... Eu comprei e... e eu tive uma ajuda do mestre de obra, que é muito bom prá mim, sabe? Ele me ajuda demais. Ele e a muié dele me ajudou eu construir o Centro. Eu não sou de pedir dinheiro prá médium, eu não gosto. Sabe por quê? Porque eu acho assim: que os médiuns todos são decadente também, de pobre, né? Então prá que vou pedir? (DEPOIMENTO DE ALVINA, 2018, p.11).

Mestre André da Ordem Universal do Planalto Central comanda sua casa de Umbanda no mesmo local de sua moradia, no bairro Sítios Santa Luzia, aonde após se casar foi morar, em 1989. Ele conta como o bairro se modificou:

Ah... antes aqui era um bairro sem boa iluminação, um bairro sem esgoto, um bairro sem infraestrutura nenhuma, e hoje é um bairro cercado por condomínios, inclusive, ele é cercado por condomínios, tem infraestrutura excelente, tem esgoto, excelente iluminação, tem uma, uma avenida que constitui uma rede comercial, é, é, espetacular, então é um bairro hoje que cresceu muito economicamente (DEPOIMENTO DE MESTRE ANDRÉ, 2017,p.14).

Apesar desses avanços a cidade de Aparecida continua negligenciando as necessidades básicas das famílias, pois cerca de 85% do território não tem rede coletora de esgotos e 60% das famílias moradoras na cidade não tem água tratável.

Em 2012 o IBGE cadastrou 245 bairros, frutos dessa ocupação desordenada do solo e da falta de planejamento e acompanhamento da administração pública “que continua com sua política de favorecimento, de apadrinhamento e de poder pela propriedade da terra” (SOUZA, 2014, p.41).

. Uma mãe de santo tem o Centro Espírita Reino dos Orixás no Jardim Tiradentes, mas mora em Goiânia no Setor Sudoeste. Isaíldes comprou um lote no bairro de Cidade Tiradentes em 1990 aproveitando uma boa oportunidade:

Quando foi um belo dia, estou aqui com minha mãe. Aí chegou um homem e falou assim pra mim, pra nós, pra mim e pra ela- lembro que na época eu trabalhava de manicure-, eu estava fazendo uma unha quando o rapaz chegou, na porta da casa, dessa casa aí, e falou assim-, ah... minha mãe se chama Marta né? Era, era afilhado da minha mãe: “Madrinha a senhora não sabe quem quer comprar um lote não? Com, com barracão? Tem um cômodo, e um banheiro, no Tiradentes”. Na época 400 cruzados, eu olhei pra ele e falei assim: “aonde é mesmo?” ele falou assim: “no Tiradentes”. Falei: “que tamanho que é?” Aí ele falou. Eu não tinha muita noção. Falei: “tá, sexta feira você vem pegar o dinheiro”. Desse jeito, comprei, paguei no escuro (DEPOIMENTO DE ISA, 2017, p. 18).

O Jardim Tiradentes tem 3.894 lotes à espera de regularização, apresenta um menor número de crianças na escola e tem um altíssimo número de violência. Da mesma forma que a população migrou de Goiânia ou de outros estados para Aparecida de Goiânia, o deslocamento populacional dos moradores também foi grande internamente. Assim, os lotes comprados inicialmente foram muitas vezes vendidos a terceiros por alguma razão e assim a posse do lote foi acontecendo, passando, muitas vezes, através de venda combinada, de um proprietário para um

segundo e deste para um terceiro e assim sucessivamente. As condições de trabalho serão decisivas para o desenvolvimento individual e da cidade:

A categoria sócio-ocupacional concentrada em Aparecida de Goiânia é a dos trabalhadores do “tipo médio inferior, operário e popular periférico” e que as do tipo “médio, médio superior e superior” estão concentradas na Capital, permitindo a inferência de que a ocupação do espaço da metrópole tem a ver com a posição social que os indivíduos ocupam na hierarquia social (SOUZA, 2014, p.43).

Configurou-se, assim, o aglomerado urbano de Goiânia- AGLUG instituído pela lei 8.956 de 1980 dando conformidade a grande Goiânia. Depois, em 1999, se institucionalizou a região metropolitana de Goiânia- RMG, formando a grande Goiânia com onze municípios. Atualmente a RMG é formada por 20 municípios. As cidades de Caturai, Nova Veneza, Inhumas e Brazabranes integram a RMG, mas não aparecem no mapa abaixo:



Figura 8: Mapa da Região Metropolitana de Goiânia-RMG. Disponível em: <http://www.blogdosergiovieira.com.br/2014/12/governador-autoriza-elaboracao-do-plano.html>. Acesso em 23 ago.2018.

Não somente Aparecida de Goiânia experimentou migração e explosão demográfica. A atual cidade de Senador Canedo viu sua população aumentar quase vinte vezes entre as décadas de 1980 a 2000. Em 1970 Senador Canedo era um



bairro da cidade de Goiânia e possuía 3.042 pessoas. Nesta mesma década, em 1988, conseguiu sua emancipação política. No ano 2000 a população foi recenseada com 53.105 moradores (LIMA, 2010, p, 87). A estrada de ferro construída na década de 30 pouco alterou sua população e economia. Foi apenas com a instalação da Transpetro (subsidiária da Petrobras) que se deu início ao maior polo petroquímico da região centro oeste do Brasil, mudando radicalmente a relação dos moradores com a cidade e permitindo que ela saísse da condição de cidade dormitório para se tornar uma cidade com desenvolvimento próprio.

Dona Roxa, pioneira da cidade, faz parte dos primeiros contingentes de migrantes que habitou a cidade na década de 50. Vinda da Bahia relata o que encontrou na época quando chegou ao Centro oeste:

Aqui não tinha nada, aqui não tinha estrada, aqui não tinha luz, aqui não tinha condução pra Goiânia. Aqui tinha o trem de ferro, o noturno que ia pra Goiânia, de Araguari a Goiânia, e ele passava 7 horas da manhã, e voltava às vezes 7, 8 horas, 9 horas da noite, que o trem atrasava muito. Prá nos ir em Goiânia diferente disso, era só um leiteiro, que tinha aqui, que ia prá Goiânia, que não tinha nada aqui não... eu conheci quando era aqui, só tinha só uma vendinha, de um senhor que trabalhou na linha de ferro, ele pôs uma vendinha assim de vender, às vezes um saco de açúcar, um saco de pouquinho de café, um trem... acabava isso nós ficava, não tinha onde comprar, não tinha nada. Aí o padre que tinha prá cá, tem uma chácara aqui em baixo, plantava muita cana, ele moía cana e falava: "vai minha filha, buscar garapa pra fazer café, tem açúcar" (risos), e não tinha nada, nada, nada, nada. Morreu... Quantas mães de família morreu de parto porque não tinha recurso... (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p. 6).

Foi nestas condições de sobrevivência que ela encontrou saída na vivência religiosa, na medida em que percebeu que podia sobreviver como sacerdotisa da religião. Passou a viajar por todo país oferecendo seus serviços religiosos e assim conseguiu sustentar seus filhos e construir sua casa, onde se encontra ainda hoje o Centro Espirita Pai Oxalá.

Dona Roxa, Dona Alvina, Mestre André, Seu Jesus, dona Lurdes e dona Maria Baiana desbravaram matas na luta pela sobrevivência na cidade e contribuíram à sua maneira com a sustentabilidade de suas famílias e dos moradores do bairro.



Figura 9: Seu Jesus e dona Maria Baiana desbravaram a cidade em busca de sobrevivência e colocação social. Foto disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10218549400635073&set=t.100005567087599&type=3&theater>. Acesso dia 24 de junho de 2019.

Os empobrecidos, empurrados para a periferia resistiram da melhor maneira possível, construindo estratégias que permitiram a solidariedade na compra ou no mutirão, o pagamento em forma de parcelas mensais, o levantamento de um barracão de lona ou madeira para depois transformar em alvenaria. Ao adentrar nos lotes levavam suas famílias e a convicção de que poderiam sobreviver ao abandono do Estado. Para isso construíram redes de solidariedade e movimentos organizados para reivindicações e melhoria da vida nos bairros. A fé que portavam se transformaram em instituições religiosas que foram decisivas para a manutenção da esperança e da luta nesses novos ambientes.

#### 1.4. UMA UMBANDA ESPIRITA NA SEGREGAÇÃO SOCIAL DA CIDADE: A APROPRIAÇÃO DA RELIGIÃO DOS POBRES

No começo foi um Espiritismo que tinha por meta final a implantação do evangelho nas consciências, surgindo através de falanges aguerridas[...]falanges sempre dirigidas por vigorosos mentores: Caboclos, índios, Pretos-velhos que deixaram indeléveis recordações em trabalhos realizados de limpeza, de desobsessão e de pioneirismo espiritual[...] esses trabalhadores do Invisível limpam o terreno para o evangelho.  
(Silvia Alessandri)

A história da Umbanda se confunde com a história do Espiritismo<sup>20</sup>. Em 1935 “um grupo de operários fundaram um Centro em um barracão de tábuas, às margens do Botafogo” (VELOSO, 2010, p.117). Segundo a literatura Espírita, este seria o início do Espiritismo em Goiânia. Neste Centro, o doutor Alcenor Cupertino que era agrimensor nas obras e assessor de Pedro Ludovico, vendo as péssimas condições do Centro religioso conversou com Pedro Ludovico e conseguiu um terreno para a construção de um novo templo, na Rua 3, no Setor Central, para ser a nova sede do Centro Espírita. Assim, no dia 08 de março de 1938 inaugurou-se oficialmente o primeiro Centro Espírita de Goiânia que recebeu o nome Centro Espírita Aprendizes do Evangelho. Esse mesmo assessor do interventor esteve presente na inauguração, anos mais tarde, do Centro Eclético Espiritualista Tenda do Caminho. Os nomes dos operários fundadores do Centro de madeira e palha são desconhecidos. Ficou a memória do patrão, filho de uma família de elite da cidade de Goiás que se articulou com o interventor do estado Pedro Ludovico. Os fundadores do Espiritismo em Goiânia estão até hoje no anonimato e no esquecimento.

---

<sup>20</sup> No dia 15 de março de 2017 o prefeito municipal Iris Rezende sancionou a lei 10.022 e incluiu no calendário oficial de eventos da cidade a Semana Espírita Municipal a ser realizada na primeira quinzena de junho de cada ano. Assim, em abril do mesmo ano, houve uma homenagem em sessão especial na Câmara dos vereadores ao Dia do Espírita (dia 18 de abril) e lá compareceram espíritas, candomblecistas e umbandistas. Disponível em: <https://www.dm.com.br/politica/2017/05/o-abraco-de-goiania-aos-espíritas.html>. Acesso em 9 set. 2018.



Figura 10: Centro Espírita Estudantes do Evangelho em 1949.  
Disponível em: <http://blogdadonadidi.blogspot.com/2011/06/historia-do-espiritismo-em-goiania.html>. Acesso em 09.set.2018.

Em novembro de 1943 é criada a Agremiação Espírita Dr. Adolfo Bezerra de Menezes<sup>21</sup> e foi nesta agremiação que foi fundada, em 1950, a Federação Espírita do Estado de Goiás-FEEGO, que naquela época recebeu o nome de União Espírita Goiana. (No conselho fiscal empossado jazia como membro o coronel Francisco Ferraz de Lima, que dezenove anos depois, em 1969 esteve presente nesta mesma sede para discutir com outros líderes umbandistas a fundação de uma Federação de Umbanda do Estado de Goiás). Ewane Loyola, que foi presidente da Agremiação conta que:

Este Centro, ele foi o primeiro Centro, um dos primeiros Centros de Umbanda branca, de Umbanda branca que nasceu em Goiânia. Ele foi o primeiro. Ele é de 15 de dezembro de 1943. Dele, deste Centro saiu a Irradiação Espírita Cristã (...) o Dr. Colombino de Bastos, ele foi arquiteto deste prédio, na Avenida Contorno. Está lá até hoje o prédio. Então ele criou, ele junto com mais outra equipe, criou esse Centro e tinha o Kardecismo e tinha uma Umbanda, uma Umbanda de mesa, aquela Umbanda de mesa antiga que pouco se fala dela hoje (DEPOIMENTO DE EWANE, 2018, p.1).

<sup>21</sup> Não foi possível encontrar documentos escritos referentes à Agremiação Espírita Dr. Bezerra de Menezes. A história do Espiritismo não o menciona e houve um incêndio no Centro queimando as atas de reuniões, fotografias, iconografias, e demais documentos.

Essa informação de Ewane parece ser mais coerente com os fatos históricos, pois parece muito difícil que operários que moravam nas margens do Botafogo, que eram migrantes trabalhando na construção da cidade nos primeiros anos e possivelmente iletrados pudessem fundar um Centro Espírita para estudar os livros de Kardec<sup>22</sup>. Como se poderia legitimar um Centro de Umbanda naquele contexto? Também não sabemos se o patrão fora chamado porque era Espírita ou se porque sendo agrimensor era quem cuidava da ocupação da terra naquele contexto. O que se sabe é que o primeiro Centro recebeu atenção do espírita Alcenor Cupercino.

Até os dias de hoje, os Centros de Umbanda em Goiânia, com algumas exceções, se chamam 'Centro Espíritas' e poucos acrescentam a palavra 'Umbanda' ao seu registro. Nas atas da FUEGO encontram-se registrados nomes de dirigentes e representantes de 'Centros Espíritas'. Como distinguir naquela época um Centro espírita de orientação Kardecista de um Centro Espírita de orientação umbandista? Onde essas fronteiras se separavam na história da Umbanda em Goiânia? Parece que não se separavam e não parece ter sido um problema nas primeiras décadas ter um Centro Espírita que unia a tradição kardecista com a tradição umbandista. Eram religiosos práticos, voltados para tratamentos espirituais, principalmente de saúde e onde havia incorporações de entidades voltadas para isso: "Então nós tínhamos casos de curas impressionantes, que a Umbanda é capaz de fazer e Centro Espírita não sei se faz" (DEPOIMENTO DE ANTONIETA, 2008, p.2).

O Espiritismo sofreu muita incompreensão social no fim do século XIX e na primeira metade do século XX. Houve inúmeras e persistentes perseguições das leis republicanas. Um artigo no código penal de 1890 confundia a prática Espírita com magia:

Artigo 157: "É crime praticar o Espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública. Pena: prisão celular de 1 a 6 meses e multa de 100\$000 a 500\$000."(CÓDIGO PENAL, 1890).

Apesar da existência de deputados declarados Espíritas como Bezerra de Menezes, o artigo se manteve assim até 1940 quando teve a reforma do código penal.

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.feego.org.br/a-instituicao/missao-e-origens>. Acesso em 18 set.2018.

Alcenor Cupertino de Barros era sócio da construtora ETC. fundada por Colombino Augusto de Bastos que era da cidade de Goiás e que se formou em engenharia e arquitetura no Rio de Janeiro em 1941. Veio para Goiânia em 1945 e fundou a empresa. Como chefe de obras, Colombino cuidava dos operários, mas começou a ter ‘ataques de nervos’, maltratando-os e dispensando-os do trabalho por motivos banais. Diante disso, seu sócio Alcenor resolve levá-lo para tratamento espiritual no Centro Espírita Estudantes do Evangelho<sup>23</sup>, já situado na Rua 3 no natal de 1945 e lá: “Na segunda vez que Colombino participou da reunião, incorporou”(VELOSO, 2012, p.106). Porque incorporou? Porque havia possibilidades para isso? Será que o Centro tinha rituais que possibilitavam esse tipo de manifestação? Também não fica claro se o Centro Espírita acima citado o aceitou com sua mediunidade, ou se o próprio Colombino achou melhor não se misturar com os membros que organizavam o Centro. O que se sabe é que a partir disso, Colombino começou a atender em domicílios. O fato de atender nas casas das pessoas e nelas fazer as reuniões onde trazia seus guias, talvez acene para a dificuldade que o Espiritismo tradicional teve para aceitar as incorporações de Colombino.

A incorporação sempre foi motivo de controvérsia entre kardecistas e umbandistas. Alan Kardec admitiu a incorporação confundindo-a com possessão. No livro dos espíritos, Kardec afirma que não é possível coabitar dois espíritos num mesmo corpo, mas que a alma pode se encontrar na dependência de outro espírito, sempre subjugada ou subsidiada. Isso foi entendido como obsessão. Assim “a palavra possesso deve ser entendida apenas como a dependência absoluta em que a alma possa se encontrar em relação aos espíritos imperfeitos que a subjugam” (KARDEC, 2012, p.251). Mais tarde, retificou essa perspectiva entendendo que havia a possibilidade de incorporação na medida em que o médium podia permitir que um espírito se comunicasse em seu corpo através da voz. A isso ele chamou de psicofonia. (KARDEC, 2003, P.578).

---

<sup>23</sup> A literatura menciona ‘Centro Espírita Aprendizizes do Evangelho’ e ‘Centro Espírita Estudantes do Evangelho’. Deve ser o mesmo Centro, pois ora se nomeia assim, ora de outra forma. Talvez quando o Centro se mudou para a rua 3 a palavra ‘aprendizes’ tenha sido trocada para ‘estudantes’.



Figura 11: Incorporação numa gira de umbanda. Foto de arquivo da FUCEGO

Ora, desde as primeiras manifestações da Umbanda enquanto sistema religioso, no Rio de Janeiro, estar possuído por um Caboclo, como foi o caso do Caboclo Sete Encruzilhadas que se manifestou no corpo de Zélio Fernandino de Moraes e mais tarde, de um Preto-Velho que se identificou como Pai Antônio de Aruanda, pareceu aos kardecistas uma religião que exaltava e seguia espíritos imperfeitos e maléficos. Nas crenças culturais brasileiras e no kardecismo de tradição positivista, os indígenas, africanos ou descendentes de africanos no Brasil, eram representantes de povos atrasados, selvagens, incultos e imorais. A Umbanda, neste sentido, representou por muito tempo a religião do retrocesso e da involução.

Na sua última obra, Kardec diferenciando possessão de obsessão, admitiu a existência de possessão de espíritos bons num corpo encarnado:

Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, toma do corpo de um encarnado, que voluntariamente lho empresta, como emprestaria seu fato a outro encarnado. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo (KARDEC, 2013, p. 260).

A religião umbandista assumiu essa perspectiva do ‘espírito bom’ que toma o corpo do médium por livre e expressa vontade deste de querer essa incorporação. Alexandre Cumino, sacerdote de Umbanda, entende que:

Quando incorporamos, nosso espírito não sai do corpo para outro entrar, eles coabitam o mesmo corpo, por isso que o médium deve aprender a ficar quieto e não interferir para que seu guia possa se manifestar (CUMINO, 2018, p. 40).

Já W.W. da Mata e Silva, na década de 60, falava de incorporação enquanto alteração de consciência. As entidades trabalham irradiando a sua luz e se manifestando através do corpo do médium, permitindo a comunicação da entidade. Ela pode acontecer de modo totalmente inconsciente onde as partes psíquicas, sensoriais e motoras do médium são totalmente dominadas e ou de uma forma semiconsciente onde:

Dá-se uma espécie de desprendimento involuntário da vontade sobre o sistema nervoso do médium, que deixa de controlar em 70% (cálculo relativo) o seu corpo físico, ou seja, os seus órgãos, principalmente o vocal e fica com o seu consciente ou psiquismo, assim como que “alheio” ou sem força para interferir diretamente (SILVA, 1984, p. 70).

Colombino, em sua missão curadora, esteve na casa do amigo Francisco Ribeiro Scartezini que tinha um bazar de livros e materiais escolares na Rua 4, e lá tratou de sua esposa, dona Alice, no ano de 1947. O tratamento espiritual foi feito na casa de Francisco onde

Na corrente formada em torno do leito violenta falange tomou os médiuns atirando-os contra a parede e moveis, dominada enfim, pela direção espiritual que sempre surgia através da mediunidade de Colombino (VELOSO, 2012, p.107).

Colombino recebia uma entidade que se apresentava com o nome de ‘O velhinho’ (CASTRO, 1995, p. 29). Era um Preto-Velho que se apresentava por esse codinome. Será que numa sociedade tão segregadora seria possível se apresentar como ‘Preto-Velho’, que fora escravizado na época colonial e agora vinha como ‘espírito evoluído’ para ensinar a humanidade?

Francisco Ribeiro Scartezini se empolgou com a cura de sua esposa e passou a acompanhar Colombino em sua jornada espiritual, convocando inclusive pessoas para se reunir com ele em residências dos membros do grupo, pois “os Pretos-velhos, índios e Caboclos nem sempre eram bem recebidos pelos dirigentes dos



Centros” (CASTRO, 1995, p.30). Essa informação revela que já existia um conflito entre o Kardecismo e a Umbanda desde o início. A mesma dificuldade que se encontrou no Rio de Janeiro em aceitar as entidades da Umbanda, se revelava aqui também. Por outro lado, essas entidades foram importantes naquele momento para aquelas famílias.

Juntou-se ao grupo, vindos do Rio de Janeiro, o coronel Joaquim de Souza Junior, conhecido como Quinzinho e sua esposa Margot que tinham experiência com a Umbanda. Vão sugerir que se crie um Centro de Umbanda e assim nasce em 20 de janeiro de 1951 a Tenda do Caminho, tendo Colombino Augusto de Bastos como presidente. Ele ficou por oito anos.



Figura 12: Centro Eclético Espiritualista Tenda do Caminho em 1954  
Disponível em: <https://blogdadonadidi.blogspot.com/search?q=tenda+do+caminho>. Acesso em 28 ago.2018.

Este Centro era espírita e umbandista, sendo original na cidade e em 06 de fevereiro de 1954 foi inaugurado oficialmente com o nome Centro Espiritualista Eclético Tenda do Caminho, e contou nesta festa com a presença do fundador de Palmelo, tida como a maior cidade espírita do Brasil, Jerônimo Cândido Gomide. O Centro se considerou eclético porque tinha as entidades da Umbanda, como os Pretos-velhos e os Caboclos, mas ao mesmo tempo tinha a leitura das obras de Allan Kardec como base doutrinária do Centro. A obra integrava em suas fileiras

peças de tradição espírita como as irmãs Maria Antonieta e Sílvia Alessandri e, também, pessoas de elevada classe social portando curso superior:

O grupo inicial, constituído quase todo de pessoas portadoras de curso superior, teria, a par da conquista da humildade, a mais difícil das virtudes a ser adquirida, segundo Santo Agostinho, a de curvar a cabeça com respeito e reverência para ouvir a mensagem simples e abalizada dos mestres espirituais na linguagem afetiva dos Pretos-velhos, índios e Caboclos (CASTRO, 1995, p.33).

De fato, a alta sociedade passou por este Centro. Figuram nomes como Olinto Manso Pereira, José de Andrade, José Crispin Borges, Ernani Cabral de Loyola Fagundes, Alcenor Cupertino, etc. Eram médicos, professores universitários, advogados e engenheiros, profissões essas consideradas nobres e com poucos representantes em Goiânia na década de 50. Também participou o jornalista Geraldo Araujo Vale que depois escreveu *Tenda do caminho: mensagens espiritualistas*.

As mulheres se dedicaram à parte social da entidade, coletando fundos para construir uma sede definitiva para o Centro e para construir obras de assistência aos menos favorecidos. Eram jantares beneficentes, festividades, barracas de exposição na Agropecuária, campanha para novos sócios, etc... Assim, o Centro Eclético construiu várias obras sociais<sup>24</sup>, sob a batuta de Colombino, que aos domingos de manhã colocava o ‘velhinho’ em terra para dar palestras e atendimentos aos presentes, bem como desenvolver novos médiuns como Sílvia Alessandri e dona Geraldina Araujo, a dona Didi.

Havia o guia maior que era o mentor da casa, o Manoel Maior, também entidade de Colombino e que provavelmente era um Caboclo. Era ele que abria a sessão e coordenava os trabalhos que aconteciam três vezes por semana e nos domingos pela manhã. Consistia em reuniões abertas que se iniciava com a prece do Velhinho. Seguia com hinos e oraoes. Alguns hinos foram recebidos ‘por via mediúnica’ como o hino a Matilde, hino ao Emmanuel, e Hino a Mocidade

---

<sup>24</sup> Dentre essas obras têm a escola profissional Casa da Pequena Costureira em 1952; a Creche Tenda do Caminho, também de 1952 e inaugurada em 1957; a Obra do Berço fundada em 1954; o Ambulatório Bezerra de Menezes desde 1952; em 1953 foi fundado o grupo escolar ‘Humberto de Campos’ e em 1954 a Mocidade Espírita Aprendizagem do Caminho. Todas criadas e dirigidas pelas mulheres. Colombino irá desenhar e supervisionar, tanto materialmente como espiritualmente, essas obras.

Aprendizes do Caminho (CASTRO, 1995, p.61). Após isso havia a palestra do Velhinho e se lia o *Evangelho segundo o Espiritismo* de autoria de Alan Kardec.

As incorporações ocorriam em caráter reservado<sup>25</sup>, bem com os tratamentos espirituais. Com o passar do tempo foram surgindo cursos de evangelização aos domingos que, inicialmente era apenas para os membros do Centro e depois para todo o estado de Goiás. Então a radio Brasil Central abriu um espaço para um programa infantil que foi intitulado “Era uma vez...” e que ia ao ar aos domingos de manhã, contando histórias para a criançada.

Em 1958, com apenas 45 anos de vida, Colombino faleceu e então Antonieta Alessandri<sup>26</sup> assumiu a presidência do Centro e das obras. Ficou na direção por 28 anos. Ela vinha de um lar espírita de Minas Gerais, era formada em filosofia e dirigia o departamento de assistência social do Centro. Por intermédio dela, o Centro recebeu diversas subvenções municipais entre os anos de 1960 a 1968, principalmente para a creche Tenda do Caminho<sup>27</sup>.

Foi com Antonieta que o Centro deixou de ser eclético para se tornar apenas um Centro de orientação Kardecista. O ritual de Umbanda que coexistia no Centro terminou. O nome da instituição mudou em 1961 e se tornou Centro Irradiação Cristã. As obras sociais também mudaram de nome. Antonieta era uma mulher empreendedora. Na primeira diretoria do Centro Eclético ela assumiu o Departamento de Assistência. Era casada com o primeiro médico cardiologista de Goiânia, Clóvis Figueiredo, muito conhecido na alta sociedade goianiense. Como ela não tinha necessidade de trabalhar para seu sustento material, dedicou sua vida a construir obras sociais e fundar Centros Espíritas, tanto em Goiânia, quanto em outras cidades, inclusive em outros países:

E como eu acho o Espiritismo uma coisa importante, eu tinha filho na Europa, a Raquel Teixeira, minha filha né, morava na Europa, fui pra lá,

---

<sup>25</sup> Essa perspectiva de incorporação em local reservado que não ficasse à vista dos participantes, foi mantida em alguns centros de umbanda de Goiânia. Depois que os médiuns estão incorporados, é que a assistência pode adentrar no recinto para conversar com as entidades.

<sup>26</sup> Maria Antonieta Alessandri era do triangulo mineiro, da cidade de Monte Alegre. Filha de uma família tradicional e influente. Fez o magistério na sua cidade e seguiu com o curso de filosofia na USP em São Paulo. Posteriormente fez pedagogia na UFG em Goiânia. Sua família era espírita e criou Centros Espíritas e obras sociais na cidade local inspirada na obra do mineiro Eurípedes Barsanulfo.

<sup>27</sup> Pode ser que essa prática já houvesse na década anterior, mas os diários oficiais do município apenas serão publicados a partir de 1959. É nos diários oficiais que se encontra a doações que a prefeitura fazia para a creche e para o Centro Espírita.

fundei lá 6 Centros Espíritas, nos Estados Unidos, lá em Washington, Miami, em todo lugar, depois fomos lá pra outro lugar, lá na Alemanha, fundamos Centro Espírita, até na Rússia eu fundei um Centro Espírita (DEPOIMENTO DE ANTONIETA, 2008, p. 2).

A obra iniciativa de Colombino e de suas entidades religiosas passou para Antonieta que a destituiu da religião umbandista. Nem todos aceitaram essa decisão. Geraldina Araujo, a dona Didi começou a receber mensagens do guia da casa, Manoel Maior e resolveu junto com seu marido e mais outros médiuns se retirar do Centro Espírita Irradiação Cristã. Nasceu assim, em 1962, o Centro Espiritualista Irmãos do Caminho.

#### 1.5. NASCE UMA CLASSE MÉDIA E A UMBANDA BRANCA: O KARDECISMO E A UMBANDA

Aqui em Goiás a umbanda se diferencia do resto do Brasil, por quê? A grande maioria das casas de umbanda veio de kardecistas.  
(Mãe Karen)

O Centro Espiritualista Irmãos do Caminho foi obra de outra mulher: Geraldina Araujo, a dona Didi. Nascida em Minas Gerais em 1922, desde pequena apresentou doenças e fraquezas na sua saúde. Veio com sua família adotiva para Goiânia no trem de ferro que saía de Uberaba com destino a Leopoldo Bulhões e de lá tomou uma condução até Campinas. Havia muitas dificuldades para acessar a capital. Além de transporte de animais (bois, cavalos e burros), a estrada de ferro era a única que possibilitava chegar a Goiânia nas décadas de 30 a 60 até que nasceu a opção pelo rodoviarismo:

A primeira estrada de rodagem foi a que ligou Goiânia a Leopoldo de Bulhões, onde se encontrava a última estação da estrada de Ferro Goiás. A Segunda estrada a ser aberta foi a que ligou Goiânia a Hidrolândia e Pouso Alto (hoje Piracanjuba). Mais tarde, foi construída a estrada Goiânia-Nerópolis. A ferrovia, que era a principal via de comunicação do Estado, foi sufocada pelo rodoviarismo, permanecendo estagnada por muitos anos. A Estrada de Ferro, em Goiás, só conseguiu atingir Goiânia em 1950 (SANTOS, 2008, p.67).

Em 1935, Didi estava com treze anos de idade e estudava no Colégio Santa Clara em Campinas. Professava junto com sua família o catolicismo. Dois anos depois, em 1937, estava se casando com José Araujo aos 15 anos de idade, num casamento arranjado pela família dela. José era comerciante e tinha a Casa Araujo na Avenida Anhanguera onde vendia de tudo. Além disso, mantinha bar e restaurante também no comércio. Ele era cunhado de Venerando de Freitas Borges que era prefeito de Goiânia, e era Espírita do Centro Espirita Estudantes do Evangelho. José participava do Centro quando Colombino fez o tratamento e lá ficaram amigos. Didi ainda afastada de tudo isso nos conta:

Eu era católica, destas pessoas que confessavam e comungavam quase diariamente. José era Espírita, mas nos dávamos muito bem, apesar de ele ser muito doente (DIÁRIO DE DONA DIDI, 2010, [http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010\\_07\\_18\\_archive.html](http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010_07_18_archive.html)).

O casal foi morar na Rua 6 no Setor central. Tiveram sete filhos e lá viveram por 30 anos.



Figura 13: Casa de dona Didi na rua 6-Setor central

Disponível em: [http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010\\_05\\_16\\_archive.html](http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010_05_16_archive.html). Acesso em 9 set. 2018.

. Foi nesta época que Didi foi chamada ao Centro Espirita que seu marido frequentava para conversar com o mentor da casa:

Inicialmente, minha mãe, muito católica, o criticava dizendo que ele ia para a macumba... Um dia (...), ela foi jogada no meio da enorme sala de estar na casa da rua seis e se cortou toda. Meu pai certificou-se de que tudo estava bem e saiu. Ao retornar, trazia um recado do mentor da casa de oração: Didi devia comparecer em dia específico, quando haveria uma reunião festiva aberta a todos. Eles compareceram e naquele dia voltaram comentando o que havia acontecido. Chamada à cúpula, ouviu lindas palavras do mentor e foi informada que tinha uma missão junto à

espiritualidade. Ela só soube disso bem mais tarde, porque assim que adentrou o recinto, incorporou e ao retornar não se lembrava de nada que havia acontecido! Foi sempre médium inconsciente e desenvolveu diversas formas de mediunidade, conforme será relatado por inúmeros depoimentos de pessoas que presenciaram esses fatos (DEPOIMENTO DE REGINA LUCIA, 2010, [http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010\\_05\\_16\\_archive.html](http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010_05_16_archive.html)).

Ora, Didi foi ao Centro Espirita que seu marido frequentava que era o Centro Espirita Estudantes do Evangelho e lá incorporou. O fato de ter um mentor da casa e incorporar revela que o Centro Espirita em questão permitia a manifestação de entidades da Umbanda. Foi esse o mesmo Centro em que Colombino incorporou e a partir daí começou a atender, até fundar a Tenda do Caminho. Alguns anos mais tarde, ela anotaria em seu diário<sup>28</sup>:

Era o ano de 1951. José eu assistimos à cerimônia da pedra fundamental da futura TENDA DO CAMINHO, no dia 20 de janeiro. Em 1952, assistimos à inauguração da Tenda do Caminho, na Rua 201, hoje, Rua Dr. Colombino Augusto de Bastos, o grande fundador desse grandioso evento. Médium cumpridor de seus deveres dirigiu por alguns anos esta obra Espírita. Meu esposo José Araújo foi o tesoureiro e por acréscimo de misericórdia ajudou o Dr. Colombino com algumas das construções assistenciais (DIÁRIO DE DONA DIDI, 2010, [http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010\\_07\\_25\\_archive.html](http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010_07_25_archive.html)).

Geraldina abraçou a causa do Espiritismo Umbandista. Mesmo com filhos pequenos ia três vezes por semana no Centro:

Frequentávamos o Centro Espírita as segundas, quartas e sábados. Nas quintas e domingos fazíamos o culto evangélico do lar, conforme nos ensinou do Dr. Colombino (DIÁRIO DE DONA DIDI, 2010, <http://blogdadonadidi.blogspot.com> ).

---

<sup>28</sup> Dona Didi escreveu suas memórias em 1998. São pequenos cadernos com relatos de acontecimentos de sua vida dedicada aos filhos. A família criou um blog dedicado à memória e homenagem à dona Didi. Neste blog encontram-se depoimentos, cartas, poemas, dedicatórias, agradecimentos e o próprio diário de dona Didi. Ela faleceu em 13 de fevereiro de 2005 (<http://blogdadonadidi.blogspot.com>).



Figura 14: Uma das tantas comemorações na Tenda do Caminho, hoje Irradiação Espírita Cristã. O quadro ao fundo é o mesmo que está hoje no Centro Espiritualista Irmãos do Caminho. Disponível em://blogdadonadidi.blogspot.com/2010\_05\_16\_archive.html. Acesso em 09 set. 2018.

Lá ela recebeu sua preta velha, a mãe Francisca. Didi era devota de São Francisco de Assis. Após a morte de Colombino, ela começou a receber o guia da casa, Manoel Maior e passou a dirigir espiritualmente os trabalhos da Tenda do Caminho:

Resumindo a minha trajetória junto à espiritualidade, trabalhei três anos mediunicamente na Tenda do Caminho antes do desencarne do Dr. Colombino. Depois mais quatro anos dirigindo os trabalhos espirituais na Tenda, hoje, Irradiação Espírita Cristã. Em 1961 até 1962, nós tínhamos um núcleo em nossa casa que se especializou em trabalhos de materialização. Éramos 12 médiuns e juntos aprendemos muito em todo aquele tempo. Em 1962, após quatro anos de trabalho de direção espiritual na Tenda, meu marido José Araújo e eu doamos um lote que possuíamos na Rua 8 “A” do Setor oeste para a construção do Centro Espiritualista Irmãos do Caminho, obedecendo às orientações espirituais (DIÁRIO DE DONA DIDI, 2010, [http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010\\_08\\_01\\_archive.html](http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010_08_01_archive.html)).

Não sabemos se houve conflitos entre Antonieta, que era agora a nova direção da casa e Geraldina. Afinal, Antonieta não era médium de incorporação. Era uma mulher empolgada com a causa do Espiritismo e tinha condições de criar Centros Espíritas, estabelecer relações públicas, trazer financiamentos para as obras beneficentes (muito ao gosto da alta sociedade), mas não era o centro das atenções na Tenda do Caminho. No trabalho religioso, as pessoas queriam se

consultar com os guias e receber uma palavra amiga ou um caminho de cura. Antonieta era uma grande administradora e por isso desejou e alicerçou outra forma mais particular de exercer a religião. Segundo seu depoimento, o motivo foi construir uma religião mais voltada para a evangelização: “muita gente acha que Espiritismo é só incorporação. Espiritismo é estudo da face científica do evangelho, não é só rezar, e a gente vai despertando né, não pára “ (DEPOIMENTO DE ANTONIETA, 2008, p. 5-6).

O Centro Espiritualista Irmãos do Caminho prosperou. Muitos homens e mulheres começaram a participar e a desenvolver suas ‘capacidades mediúnicas’. Dona Didi relembra:

Foi um grupo maravilhoso! Todos nós comungávamos o mesmo ideal. Foram desenvolvidos 152 médiuns que faziam parte dos trabalhos do novo Centro. Havia especialidades em todo fator mediúnico. Lá trabalhamos, aprendemos e realizamos a assistência a todos que passaram por aquela casa Espírita (DIÁRIO DE DONA DIDI, 2010, [http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010\\_08\\_01\\_archive.html](http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010_08_01_archive.html)).



Figura 15: Dona Didi e Antonieta Alessandri em 1976: A amizade que perdurou. Didi está sentada ao Centro da mesa com roupas cor de rosa e Antonieta em pé a sua esquerda junto com o marido.  
Disponível em: <http://tendaumbandistasaosebastiao.blogspot.com/2013/11/luz-paz-e-amor.html>. Acesso em 09 set.2018.



O novo Centro também pautou obras sociais no mesmo modelo herdado pela Tenda do Caminho e assim criou a creche Casa do Caminho localizada no Jardim América. Além disso, fazia o natal dos pobres todos os anos, arrecadando brinquedos, roupas, alimentos para famílias pobres. Regina Lucia, filha de dona Didi lembra que:

O natal dos pobres era organizado anualmente. Cadastravam as famílias, mas no dia aparecia muito mais gente! Todos saiam satisfeitos, agradecidos, mas como trabalhavam os irmãos do caminho! Houve um ano em que pude acompanhar bem de perto. Eu tinha então dois filhos pequenos e morava no barracão no fundo da sede dos Irmãos do Caminho, à Rua 8 "A", no Setor oeste. A fila dos cadastrados se alongava por mais de um quarteirão e ia engrossando cada vez mais... Quando foi dado o sinal para entrarem, todos quiseram fazê-lo ao mesmo tempo e ao transporem o portão, derrubaram o muro (DEPOIMENTO DE REGINA LÚCIA, 2010, [http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010\\_05\\_16\\_archive.html](http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010_05_16_archive.html)).

Dona Didi atendia no Centro e em sua casa. Ela era muito solicitada porque suas entidades eram de cura, e ela fazia cirurgias espirituais. Isso levou muitas pessoas para o Centro de Umbanda. Em 1981 o Centro passou a ser na Rua Ricardo Paranhos:

Como estava pequeno, construímos a nova sede na Alameda Ricardo Paranhos, na QD 259, lote 12. Como o lote tem duas frentes, este fato favoreceu o aproveitamento de toda a área. No dia 9 de setembro de 1981, inauguramos a nova sede com uma sessão de quarta-feira, patrocinada pelo Irmão Fritz, por Bezerra de Menezes e Manuel Maior, com trabalho de receituário e curas neste novo local (DIÁRIO DE DONA DIDI, 2010, [http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010\\_08\\_01\\_archive.html](http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010_08_01_archive.html)).



Figura 16: Centro Espiritualista Irmão do Caminho no Setor Oeste.

Disponível em: [http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010\\_05\\_16\\_archive.html](http://blogdadonadidi.blogspot.com/2010_05_16_archive.html). Acesso em 09 set.2018.

Não se sabe se o motivo desta nova construção foi apenas o espaço ter ficado pequeno mesmo. Também se desconhece o motivo da escolha do Setor Marista, uma região considerada nobre na atualidade onde habitam pessoas de maiores poderes aquisitivos.



Figura 17: Centro Espiritualista Irmãos do Caminho no Setor Marista  
Disponível em: <http://meuespiritualismo.blogspot.com/2013/05/ceic-Centro-espiritualista-irmaos-do.html>. Acesso em 22 out. 2018.

O Centro Espiritualista Irmãos do Caminho herdou do Centro Espiritualista Eclético Tenda do Caminho, o Guia maior da casa, a forma litúrgica, os rituais e as doutrinas. Era uma forma de organização religiosa que agregava a doutrina kardecista e a prática umbandista. Seu Air, dirigente atual do Centro Espiritualista Irmãos do Caminho define:

A doutrina Kardecista, ela tem um patamar inicial que é mais intelectual e a Umbanda é mais prática. Então o que se diz é que o Kardec é a escola e a Umbanda é a oficina. Então a história desta oficina, ela não tem muito ensinamentos em termos verbais, ela tem muito ensinamento em termo experimental, é onde você aprende a se comunicar e praticar em todos os níveis de evolução, desde os elementais, que são os quatro elementos da natureza, e seus representantes, até a linha dos santos, é uma pirâmide que vai subindo e vai se especializando. A escada de Jacó, o símbolo da escada de Jacó é exatamente um exemplo da vivência do espiritualismo em todos os níveis (DEPOIMENTO DE AIR, 2008, p.2).

A religião praticada na Tenda do Caminho tinha uma parte de evangelização e outra parte de atendimento e cura pelas entidades: “Era uma parte, um dia tinha de umbanda, os outros dias era estudo do evangelho” (DEPOIMENTO DE ANTONIETA, 2008, p.2).

. Na agremiação Dr. Adolfo Bezerra de Menezes também era assim. Nas segundas e sextas tinha o ato religioso da Umbanda e nas quartas tinha a prática Kardecista de mesa, até mesmo com psicopictografia:

Eu mesmo comecei dirigir os trabalhos de Umbanda, de Kardecista na quarta-feira. E aí começou ir uns gato pingado, e aí ia cinco, seis, sete pessoas. A gente continuou lendo, fazendo as oração, a mesma coisa, não mudei nada. Botava a mesa lá no meio lá, a gente sentava. Às veis vinha... é... é... Vinha pintor, né? Pintava (DEPOIMENTO DE EWANE, 2018, p.7).

Esse modelo litúrgico vai influenciar outros Centros de Umbanda em Goiânia.

Apesar de cada casa seguir orientações próprias, elas terão um esquema que pode ser resumido da seguinte forma:

- Acolhida com música ambiente (instrumental ou cantos da Igreja Católica como do padre Zezinho)
- Orações (Invocação a Trindade, Pai Nosso, Ave Maria, oração de São Francisco, oração aos anjos, Credo, Salve Rainha, ladainhas a Nossa Senhora, reza do terço, oração de Caritas, oração a São Jorge, São Jerônimo, outras).
- Leitura do Evangelho segundo o Espiritismo (escolhe-se um capítulo e lê para os presentes)
- Pequena reflexão da leitura feita por um dos médiuns do evangelho segundo o Espiritismo ou mesmo alguma mensagem como as sete lágrimas de um Preto-Velho, uma história com fins didáticos, uma mensagem recebida por uma entidade, etc.
- Defumação (em algumas casas a defumação pode acontecer antes da leitura do evangelho ou até mesmo antes do início da oração inicial). A defumação é sempre acompanhada com cantos, geralmente em forma de pequenos e fáceis mantras que todos podem repetir. Em algumas casas pode ser acompanhado de palmas ou de atabaques. Mas o tradicional são cantos que buscam dar uma harmonia sonora ao conjunto da liturgia.
- Invocação aos espíritos protetores da casa e sua vinda (Pode acontecer de diversas formas como cantar para os santos, para Nossa Senhora, para os orixás em algumas casas). Geralmente a liderança

na frente do altar recebe primeiro o seu guia e mentor da casa para depois os demais médiuns receberem, também, seus mentores<sup>29</sup>. Cada casa organiza a presença desses espíritos sagrados. Algumas determinam anteriormente quem vai ‘trabalhar’ naquele dia ou naquela noite, chegando até mesmo a fazer calendários e cronogramas de trabalho (dia de Pretos-velhos, dia de Caboclos, etc...), outras deixam as entidades se manifestarem na hora. Em algumas casas, as entidades de todos os médiuns ‘baixam’ ao mesmo tempo em que a dirigente da casa e em outras, a dirigente recebe inicialmente seu mentor que dá a sua mensagem e depois vai embora, deixando os trabalhos espirituais a serem realizados pelos mentores dos demais médiuns.

---

<sup>29</sup> A expressão “mentor espiritual” tem muitos sinônimos, pode ser chamado de “amparador espiritual” ou “espírito protetor” ou “espírito guia” ou “guia espiritual” de “anjo da guarda” ou ainda de “seres de luz”. O termo com seu conteúdo aparecem sistematizados no Livro dos Espíritos de Allan Kardec afirmando que cada indivíduo em particular tem um espírito mais evoluído que ele para acompanhá-lo em sua trajetória terrestre e o proteger. Note-se que a palavra mentor não aparece no livro ( Livro dos Espíritos, cap. IX, Intervenção dos Espíritos no Mundo Corporal, item 6-Anjos guardiões, Espíritos Protetores, familiares ou simpáticos, versículos 489-521). Na Umbanda, esses mentores espirituais são identificados como entidades reais que se manifestam em diversas condições na liturgia sagrada. Podem ser entendidos, também, como mensageiros dos orixás. Como no Espiritismo, cada médium traz sua entidade de berço, de cabeça e é ela que virá no indivíduo encarnado para fazer a caridade e assim evoluir enquanto espírito. As entidades na Umbanda goianiense são os Pretos-velhos, os Caboclos, as crianças, os exus e pomba giras. Alguns Centros também evocam a presença de baianos, ciganos, boiadeiros, cangaceiros, médicos e malandros. Nas religiões esotéricas e na Umbanda esotérica, esses espíritos são hierarquizados, compondo de mestres (espíritos muito elevados que não precisam mais se reencarnar), mentores (espíritos muito evoluídos, mais que está perto da humanidade para ajudá-la na sua evolução) e guias espirituais (espíritos que pertenceram a família do indivíduo e que tem como missão acompanhá-lo e protegê-lo).



Figura 18: Calendário religioso da Casa de Oração Mãe Dulce  
Foto de arquivo pessoal

- Estando a entidade presente, ela recebe uma pomba<sup>30</sup> com a qual faz um ponto riscado no chão. Cada ponto riscado<sup>31</sup> tem sua simbologia e é sempre em torno de um círculo. Dentro deste círculo pode se colocar água, vela, erva aguardente, vinho, outros objetos (depende da

<sup>30</sup> Toda religião tem seus objetos sagrados. A pomba é um objeto sagrado na Umbanda. Ela é uma espécie de giz branco com as quais a entidade incorporada no médium faz desenhos no chão dentro do rito religioso. A palavra pomba vem de origem quimbundo e significa apartar. Faz, assim, alusão à destruição de qualquer malefício a fim de se abrirem os 'caminhos', ou seja, atrair a graça dos espíritos. Possui largo emprego na Umbanda, servindo para caracterizações que, obrigatoriamente, se executam nos lugares concernentes à liturgia.

<sup>31</sup> Os pontos riscados são desenhos mágicos e considerados sagrados, realizados pelas entidades no chão do Centro de Umbanda dentro do ritual religioso. Considera-se uma forma de identidade dos mentores que incorporam no médium. Desde a primeira aparição oficial, do Caboclo Sete Encruzilhadas no médium Zélio Fernandino de Moraes, no Rio de Janeiro em 1908, a prática de ponto riscado se mantém na religião umbandista. Cada entidade tem seu próprio ponto riscado que pode consistir de símbolos como flechas, estrela, lua, cruz, tridente, coração, flor, folha, espiral, círculo, pontos, linhas retas ou curvadas, etc. Em todos os Centros observados houve os pontos cantados e os pontos riscados.

entidade e de sua necessidade). São os cambonos<sup>32</sup> que os auxiliam nesta tarefa. Todo esse processo é acompanhado com os pontos cantados<sup>33</sup>.



Figura 19: Ponto riscado dos Pretos-velhos  
Acervo da Tenda Espírita Pai João das matas

- Estando 'em terra' as entidades, elas vão ao 'trabalho', atendendo individualmente cada pessoa que veio para falar com essas entidades. Em alguns Centros se distribuem fichas numéricas e seguem-se essa ordem. Difícilmente se escolhe a entidade com quem vai passar.

<sup>32</sup> O médium que ainda está em desenvolvimento, que é um aprendiz ou um médium que não tem a necessidade de incorporação é chamado de cambono(a). A palavra cambono remete a ajudante da mãe ou do pai. O (A) cambono exerce funções práticas dentro do Centro como preparar o ambiente para o trabalho religioso, limpar e organizar apetrechos e objetos que serão usados na liturgia, acolher e assistir as pessoas da assistência. Na gira ou sessão religiosa, o cambono(a) acompanha e assiste o aparelho que incorpora acompanhando-o em suas necessidades. Observa e está atento a todos os atendimentos que são realizados. Pode eventualmente traduzir a fala de uma entidade para o consulente ou mesmo escrever a prescrição de banhos, de remédios naturais ou de orações para o mesmo.

<sup>33</sup> Na Umbanda, segundo as crenças, os cantos religiosos são chamados pontos, porque pretendem com a música atingir determinados pontos do universo e convocar a força dos espíritos do alto. Os pontos podem homenagear uma entidade ou convidá-la ao convívio no Centro. Quando os fieis entoam os pontos de Umbanda, eles estão ao mesmo tempo fazendo uma prece e invocando as falanges, chamando-as para fazer uma visita. Os pontos de Umbanda precisam ser cantados com cadência própria, em harmonia e varia de Centro para Centro. O ponto é essencial para 'dar a luz' necessária e equilibrar a 'energia' para a vinda dos guias e protetores espirituais, e também para que os trabalhos realizados no terreiro sejam bem sucedidos. Em Goiânia há um ritmo lento para os pontos e sem acompanhamento de atabaques (com raras exceções). Alguns deles os pontos são acompanhados com palmas, permitindo a concentração e a meditação dos fiéis.

Acredita-se que todas são autoridades para o atendimento, salvo se houver um tratamento individualizado em que a entidade pede para retornar com ela. Em outros Centros as pessoas são atendidas pelas fileiras que ocupam nas cadeiras, chamando-as aquelas que estão à frente primeiro e indo até o final. Dependendo da necessidade da pessoa e da casa, a pessoa pode ser ouvida e tratada ali mesmo com o 'trabalho de transporte'. Muitas pessoas saem das consultas levando velas ou ervas para casa, onde sentem a impressão de que estão sendo amparadas pelas entidades fora dali. Pode haver ou não entoação de pontos durante o atendimento; Outras casas colocam música ambiente enquanto realizam-se os atendimentos.

- Após o trabalho de atendimento, as entidades deixam o ambiente e seu 'aparelho'. Geralmente os médiuns agora se reúnem para agradecer a oportunidade do trabalho realizado. Novamente há preces e orações e até pontos cantados. Importa que todos saiam da casa com a sensação do trabalho realizado.

Este ritual religioso e sua forma litúrgica são muito tradicionais e próprios da cidade de Goiânia. Procópio Ferreira analisou a Umbanda paulista no fim da década de 50 e início dos anos 60. Conheceu uma Umbanda com outras características, muito mais influenciadas pelas tradições afro-brasileiras. Goiânia teve, também, essa tradição como se pode ver na própria existência da religião na cidade, mas sua principal influência será o Espiritismo Kardecista e o Catolicismo Popular. Veremos que atualmente há uma tentativa nos Centros de Umbanda dirigidos por médiuns da nova geração de resgatar a identidade umbandista afrobrasileira, tendo como modelos a Umbanda carioca e paulista, amplamente divulgada pelas redes sociais:

Então acho que a umbanda, a identidade da umbanda no estado de Goiás, agora que ela tá começando a ter uma identidade mais africana, de inserir o atabaque, de louvar mais os orixás e menos os santos católicos. Então agora que tá tendo essa pegada, na minha visão, mais afro-brasileira (DEPOIMENTO DE KAREN, 2018, p. 20).

A religião umbandista acompanha a história da cidade. Os trabalhadores e as trabalhadoras que conviveram com seus patrões, aprenderam deles novos valores.

Eram-lhes exigidos novos comportamentos e formas de se apresentar. O Espiritismo era enaltecido pelas classes mais altas. O Catolicismo romanizado

trouxe a devoção familiar individualizada. Tudo isso vai ser apropriado pelo trabalhador na construção de sua religião e à medida que a cidade crescia a Umbanda também foi expandindo. Rituais tradicionais se uniram a novos rituais dentro das possibilidades condicionadas ao espaço urbano. Nos Centros de Umbanda foi possível conservar tradições e crenças religiosas familiares, uni-las às condições socioeconômicas das pessoas que a buscavam e criar a partir disso, soluções religiosas para a falta de políticas públicas nas periferias do centro da cidade, inicialmente, e depois nas periferias da metrópole.

Porque Espiritismo Kardecista nos Centros de Umbandas? Ora, esses Centros de Umbanda eram lugares onde os operários, empregados informais, serviçais de todo tipo, desempregados, frequentavam, para através da fé, alimentarem seus sonhos diante das dificuldades impostas pelas condições de segregação social que a própria cidade impunha. Era viver entre o discurso modernizante e progressista em uma cidade planejada para poucos e para uma determinada classe de pessoas e ao mesmo tempo sobreviver nos espaços de exclusão que a cidade os confinava. A contradição era imperante. Por um lado a cidade os tolerava porque necessitava de sua força de trabalho. Por outro lado, a cidade os excluía por sua própria condição social de trabalho. Diante do espaço reduzido, era necessária a resistência a tudo isso. Sob esse prisma a religião umbandista desenvolvida nesse modelo permitiu a homens e mulheres uma circulação religiosa que lhes davam sentido de viver na metrópole e ao mesmo tempo se sentir parte dela. Se a cidade os segregava, a religião os unia. Se a cidade os desvalorizava por mais que se esforçassem para ser parte dela, a religião os valorizava, fornecendo consolos e soluções para se integrarem na cidade excludente.

A religião umbandista apropriada por engenheiros, professores e médicos era a religião dos Pretos-velhos, dos índios, das crianças, dos operários. É no mínimo curioso perceber que o Espiritismo em Goiânia tenha sido marcado pela presença de Preto-Velho (o Velhinho) e do Caboclo (Manoel Maior) que consolidou mais tarde a obra Kardecista mais famosa do Estado. Quando Antonieta se apropriou da religião para fazer com que o Centro de Umbanda se tornasse um Centro Kardecista, filiado à Federação Espirita, ela se apropriou de uma obra espiritual que era representativa de empobrecidos. A mesma dinâmica se fez na cidade. Foi o



suor, o sangue e o trabalho de operários e de mulheres pobres que edificaram esta cidade, fazendo cimento, assentando tijolos, levantando colunas, lavando e passando roupas das senhoras, cuidando dos filhos das famílias burguesas que aqui vieram se instalar. E são esses trabalhadores e trabalhadoras que sairão de cena quando a cidade não mais necessitar deles. Foi assim que seus pais e avós fizeram ao longo da história: foram para as periferias das periferias e desbravaram novos horizontes.

O comando da cidade, bem como o comando de determinados Centros Espíritas ficaram para as famílias da elite. E a elite no Brasil já havia se apropriado da religião espírita, fazendo com que sua diferenciação social estivesse numa religião letrada, dita científica e filosófica se distanciando das devoções católicas e, por conseguinte das massas populares.

#### 1.6. A FEDERAÇÃO DE UMBANDA, O IMPACTO SOCIAL E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES.

Deveríamos mantermos atentos em introdução de irmãos conhecedores de leis jurídicas, por que os umbandistas, quase sempre eram compostos de pessoas de conhecimentos humildes, pendidos realmente para os costumes de Caboclos e Pretos-velhos.  
(Emanoel Pereira Lima)

No dia 15 de dezembro de 1968 houve uma reunião na sede da Agremiação Espírita Dr. Adolfo Bezerra de Menezes que ficava na Rua do Contorno, nº93, no Bairro Popular, cujo presidente era o coronel Francisco Ferraz de Lima. Além do presidente da Agremiação, estiveram ali presentes os presidentes do Centro Espírita Três poderes Humilde Camilo Castelo Branco, da Sociedade Evangélica de Umbanda, do Centro Espírita Ogum Beira Mar, do Centro Espírita Anjo Ismael e do Centro Mãe Iemanjá. Além deles, estiveram presentes duas presidentas: da Tenda Espírita Pai Xangô, dona Ornelina Maria da Silva e do Centro Espírita Ogum Iemanjá, dona Benedita Lemos dos Santos. Além delas, consta a presença de uma irmã que fazia parte da casa da Sociedade Evangélica de Umbanda e que foi trazida

à reunião pelo presidente Emmanuel Pereira Lima. Essa sociedade tinha uma peculiaridade que era o ensino de estudos bíblicos no Centro de Umbanda.

Também esteve nesta reunião um representante do Centro Espírita de Sobradinho e de Taguatinga, ambos situados em Brasília, que veio para apoiar a criação de uma Federação em Goiânia e que tinha como preocupação “que não confunda nem misture cardecismo com umbandismo, e o fator principal a irradiar é a moral firme de cada irmão”(ATA DA FEDERAÇÃO, 1968, p. 2b). Foram ainda convidados os presidentes e presidentas dos seguintes Centros, mas não compareceram: o Centro Espírita Pai José, a Tenda Urubatão, a Tenda Espírita São Benedito, o Centro Imaculada Conceição Iemanjá, a Tenda Espírita São José e Nossa Senhora do Rosário, a Tenda Espírita Santo Antônio, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, o que significa que já havia um poder de articulação neste momento por parte dos umbandistas.

A Federação de Goiânia nascia de uma necessidade de organização dos templos de Umbanda num contexto em que politicamente o militarismo estava presente criando delegacias de controle e repressão, com objetivos de nivelar ideias, costumes e comportamentos<sup>34</sup>. Ao mesmo tempo, chegava a Goiânia os primeiros terreiros de Candomblé vindos da Bahia ou do Rio de Janeiro que, estilizados e paramentados, traziam práticas de sacrifícios animais e despachos em terrenos, parques e praças da cidade. Esses rituais eram estranhos à Umbanda goianiense, mas os órgãos de poder não sabiam distinguir um do outro, colocando todos no mesmo patamar de casas públicas ilegais<sup>35</sup>. Sabia-se que a Umbanda em outros estados havia se organizado em federações e estas tinham tido sucesso no que tange proteger o sagrado da religião na sociedade. Tudo isso fez com que dirigentes de templos umbandistas fossem convocados para se unirem em prol de uma federação na capital goiana. Era imperativo “iniciar um processo e entendimento necessário dentro da Umbanda, em um só roteiro” (ATA DA FEDERAÇÃO, 1968,

---

<sup>34</sup> Em Goiânia havia duas delegacias especializadas para fazer o controle social: a Delegacia de Ordem e Controle Social-DOPS e a Delegacia de Costumes, Jogos e Diversões Públicas que deveriam controlar e reprimir com aparato policial. A delegacia de Costumes tinha poder de cassar licenças e alvarás caso encontrassem casas públicas que estivessem perturbando o sossego público ou que fossem contrárias ao que se entendia por bons costumes (Carrer, 2009, p.97)

<sup>35</sup> Depoimentos fornecidos à pesquisa trazem como memória perseguições policiais em trabalho de despacho religioso feito em locais públicos como ruas e cemitérios. Nogueira, em sua pesquisa, encontrou diversos Centros de Umbanda enquadrados pela polícia em crimes de jogos ilícitos de carteados (2009, p.95)

p.1). Também não se sabia a extensão da religião até aquele momento. Os convites foram feitos para os conhecidos e vizinhos. Foi somente a partir do trabalho da Federação nos anos posteriores que se dimensionou a força da Umbanda na cidade.

Para que essa reunião tivesse sucesso, precisava-se da experiência do coronel Ferraz<sup>36</sup> que ‘tocava’ Umbanda em seu Centro Espírita, mas mantinha as sessões de mesa branca conforme tradição do kardecismo. Ele tinha sido fundador da FEEGO em 1950 e tinha o modelo de estatuto que pudesse ser utilizado para fazer os estatutos da nova federação, agora de Umbanda. Também se convidou o presidente do Centro Espírita Umbandista de Brasília, de Sobradinho e Taguatinga<sup>37</sup>, o que evidencia que tinham experiência com organização de Centros de Umbanda.

Via-se a necessidade da união dos umbandistas a partir das responsabilidades dos diretores espirituais dos Centros de Umbanda: “Que todos os chefes de terreiros se unam em grau de amizade, de esforço, para trocarem ideias, para que haja um verdadeiro progresso” (ATA DA FEDERAÇÃO, 1968, p.1b). Por outro lado, havia a preocupação com Centros de Umbanda com portas abertas na

---

<sup>36</sup> O coronel Francisco Ferraz de Lima nasceu em Aruanã, em 02/04/1899. Segundo o livro *histórico PM*, o tenente coronel da Polícia Militar Francisco Ferraz de Lima assumiu pela primeira vez o comando geral da PM em Julho de 1932 (interinamente) até outubro de 1933. Também o fez por pouco tempo em 1937 e depois em 1946. De 1943 a 1946 foi comandante do 1º batalhão de infantaria da PM e saiu daí para o comando geral onde permaneceu de março de 1946 a abril de 1947. Em 1975 foi indicado e assumiu como delegado algumas cidades do interior e o fez assim pelos anos seguintes até se aposentar. Trabalhou como delegado em Anápolis, Catalão, Inhumas. Além de seu poder como força policial, ficou conhecido como um dos ‘pioneiros’ de Goiânia por sua paixão pelo futebol: em 1940 fundou o América Foot Ball Clube. Três anos depois, em 1943, fundou o Vila Nova futebol Clube organizando o clube e o inscrevendo na Federação de Desportos ( de fato, esse time de futebol nasceu da iniciativa do padre José Balestier que coordenava os congregados marianos e com eles organizava os jogos de futebol, mas foi Ferraz que o oficializou.). Em 1948 assumiu a vice-presidência do Botafogo de Goiânia. Faleceu em Goiânia, em 1984 com 85 anos. Ferraz era Espírita e esteve presente na fundação da FEEGO e depois na fundação da FUEGO, revelando como eram estreitos os limites entre uma tradição religiosa e outra.

<sup>37</sup> Não se tem o nome desse representante. O que se sabe é que devia existir diversos Centros de Umbanda em Brasília, mas o primeiro a ser registrado foi o Centro Espírita Assistencial Nossa Senhora da Glória, de Jorge da Costa Faria, em 1965, que é tido como o terreiro de Umbanda mais antigo de Brasília, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/08/15/interna\\_cidadesdf,494730/m\\_ais-antigo-terreiro-de-Umbanda-do-df-completa-hoje-50-anos-de-trabalhos.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/08/15/interna_cidadesdf,494730/m_ais-antigo-terreiro-de-Umbanda-do-df-completa-hoje-50-anos-de-trabalhos.shtml). Acesso em 24 de ago.2018. Em Brasília a Federação de Umbanda e Candomblé de Brasília e Entorno foi criada oficialmente no dia 6 de agosto de 1976.

cidade e que tinham trabalhos religiosos que não pareciam a esses dirigentes serem da religião umbandista<sup>38</sup>.

Acreditava-se, também que seria importante formar uma comissão de 'frequentadores', ou seja, umbandistas que pudessem fazer visitas nos Centros de Umbanda para verificar se havia cobrança ou não de trabalhos religiosos. Entendia-se que a prática de caridade seria o grande diferencial de outras religiões que cobravam pelos seus ofícios. Benedita Lemos se pronunciou a esse respeito: "Em relação à caridade que deva ser feita dentro dos Centros umbandistas em prol dos irmãos necessitados. Trabalhar sem interesses monetários, por que não é assim que a organização espírita ensina e exige" (ATA DA FEDERAÇÃO, 1968, p.2b). Já o coronel Ferraz, que também era corregedor da Federação Espírita Umbandista<sup>39</sup>, se preocupava com os direitos dos Centros umbandistas, pois era preciso: "ligar os direitos necessários para o conjunto de amor dos Centros umbandistas de Goiânia". (ATA DA FEDERAÇÃO, 1968, p.3) Imediatamente se formou uma comissão provisória formada por: Walter Ferreira que foi eleito para o cargo de 2º secretário e Eurípedes Gonçalves de Souza que foi eleito tesoureiro. Como secretaria ficou Francisca da Cruz Porto Rodrigues e como presidente Luiz Fernando Sales. O coronel Francisco Ferraz de Lima ficou como presidente de honra.

---

<sup>38</sup> Como já foi ressaltado, há uma preocupação por parte de dirigentes umbandistas em institucionalizar uma identidade religiosa que desse uma visibilidade à religião umbandista no seio da sociedade naquele contexto de mudanças, acompanhada de perseguição.

<sup>39</sup> A Federação Espírita Umbandista do Estado do Rio de Janeiro nasceu por iniciativa de uma mulher, Victória Feliz Naciff. Na época ela trabalhava no Fonseca, um Bairro de Niterói, no terreiro Caboclo Tupinambá e resolveu organizar um trabalho social para as crianças. Surgiu assim a Casa de Caridade Nossa Senhora da Glória e a registraram como personalidade jurídica em 1955. Com as perseguições aos Espíritas, os diretores da Casa de Caridade Nossa Senhora Glória resolveram transformar os estatutos da casa de caridade num órgão com mais poderes aos perseguidos das autoridades. Nasceu assim a Federação Espírita Umbandista no Rio de Janeiro em Fonseca, Niterói, para combater a intolerância religiosa. A entidade teve vida curta, pois logo surgiram outras na mesma época. Com a morte da fundadora, a Federação teve seu nome mudado para a Federação Espírita do Brasil e sua sede foi para Cariacica no Espírito Santo com personalidade jurídica em todo território nacional. (Disponível em: [www.fedespbrasil-es.org.br](http://www.fedespbrasil-es.org.br). Acesso em 09 de abr.2018). O nome confunde com outra Federação, na mesma época, em 1950, de Tancredo da Silva Pinto, o Tatá de Inkince do Omolokô que fundou a Confederação Espírita Umbandista do Brasil, no Rio de Janeiro na Rua do Lavradio, Nº102. Acontece que com o acirramento do regime militar a confederação se dividiu quanto as encaminhamentos a serem dados, até mesmo por que ela tinha como membro um general do exército, o Mauro Porto. Como foi impossível o entendimento, Tatá Tancredo junto com outros membros se desligou da Confederação e fundou a Congregação Espírita Umbandista do Brasil, em 1968, na sua casa, onde se fixou uma sede provisória no Bairro de Santo Cristo. Em 1970 foi para a Rua do Riachuelo no Centro do Rio e ficou até 1998. Independente da existência de federação local foi comum um Centro de Umbanda se filiar a outra federação em outro estado. Provavelmente foi o que aconteceu com a Agremiação Bezerra de Menezes dirigida pelo coronel Ferraz.

Dez dias depois, no dia 26 de dezembro de 1968 a diretoria provisória se reuniu para elaborar os estatutos da que seria a FUEGO, no Centro Espírita Anjo Ismael. Novamente o coronel Francisco Ferraz de Lima da FEEGO estava presente a convite de Luiz Fernandes Sales. Também foram convidados outros presidentes, mas apenas compareceram João Galvão do Nascimento, Carlos Gomes Gonçalves e novamente Emmanuel Lima. Nesta reunião apresentou-se um modelo de estatuto e ficou aberto para quem quisesse apresentar outros modelos. Também o grupo reunido mostrava certo “conhecimento de alguns centros que não agem dentro dos rituais, tendo alguns que cobram, por intermédio de fichas, o passe recebido e que essa atitude benéfica da Federação, consistirá justamente em evitar essas faltas”. (ATA DA FEDERAÇÃO, 1968, p.4) Também se falou da ‘Federação Umbandista de Anápolis’<sup>40</sup>, que abrangia todo o Estado e que já existia, mas que não aceitou o convite pra integrar a equipe e criar essa federação na capital.

Ficou marcada a próxima reunião no Centro Espírita Fé e Amor no Setor Fama (antiga Vila Fama) e de fato, no dia 05 de janeiro de 1969, no referido Centro deu-se a reunião de fundação da Federação Umbandista de Goiás. Nesta reunião já havia a participação de outros presidentes e presidentas de Centros de Umbanda, o que indica que houve mobilização dos umbandistas para trazer um número maior de apoiadores.

Foi lido para todos os estatutos da federação e foi estabelecido dois revisores para o mesmo: Francisco Alves Rodrigues e José Braga Filho, que recebeu cada um, uma cópia do estatuto. A reunião de manhã se encerrou e à tarde, às 16h30 todos voltaram a se reunir para aprovação da diretoria e as primeiras medidas aprovadas pela federação. Estiveram presentes nessas duas reuniões deste dia 05, oito mulheres:

---

<sup>40</sup> A Federação Espiritualista de Umbanda Sete Luas Indú Cerami do Estado de Goiás foi fundada na década de 60 em Anápolis por iniciativa de Benício Alves dos Anjos e teve seu primo Dario Alves como coadjutor neste processo. Benício organizou seu Centro Espiritualista de Umbanda Sete Luas Indú Cerami na década de 50 e se tornou uma grande referência para os umbandistas em Anápolis, formando diversos médiuns que criaram Centros de Umbanda na cidade. Acredita-se que Benício nasceu em Anápolis, mas sua família era migrante de Correntina na Bahia. Na sua juventude foi para Salvador e se iniciou no Candomblé, mas não seguiu a religião. Ao organizar seu Centro, trouxe elementos da Umbanda branca, mas também de tradições candomblecistas, o que gerou uma originalidade para sua Umbanda. Na década de 70, Benício foi assassinado pelo genro e após isso seu Centro foi dirigido pelo primo Dario e por dona Teresinha, uma médium da casa por mais alguns anos, até que fechou. A Federação Espiritualista de Umbanda Sete Luas Indú Cerami encerrou suas atividades com a morte de Benício.

- Amância Araújo Cavalcante presidente ou representante do Centro Imaculada da Conceição Iemanjá que não assinou a ata, contendo a observação: ‘não será filiado’ no lugar de sua assinatura (não se sabe o motivo da não filiação).
- Geraldina Barbosa Ataíde presidente do Centro Espirita São Sebastião.
- Ornelina Maria da Silva presidente da Tenda Espirita pai Xangô.
- Benedita Lemos dos Santos, presidente do Centro Espirita Ogum Iemanjá<sup>41</sup>.
- Joseth Rodrigues da Tenda Nossa Senhora da Conceição.
- Alice Rodrigues Pedrosa do Centro Espirita União e Fraternidade.
- Iracy Soter de Castro do Centro Espirita Santa Helena.
- Maria de Lurdes Evaristo Sousa do Centro Espirita São Jorge.

Dos homens, estavam presentes:

- Eurípedes Gonçalves de Souza do Centro Espirita Mãe Iemanjá.
- Teobaldo José Pereira da Tenda Espirita Camilo Castelo Branco.
- José Freitas Filho do Centro Espirita Iemanjá e São Benedito.
- João Candido da tenda Espirita Três Poderes.
- Emanuel Pereira Lima da Sociedade Evangélica de Umbanda.
- Mario Augustinho Ferreira do Sanatório Espirita Estrela do Oriente.
- Edmundo Nascimento do Centro Espirita Deus Ama a verdade.
- Natanael Inácio do Nascimento do Centro Espirita Ogum Beira-Mar.

Portanto, havia uma paridade de gênero nesta primeira reunião que fundava a segunda Federação de Umbanda para o estado de Goiás e a primeira na capital. Mesmo assim, a nova diretoria foi composta por homens, excetuando a secretaria, onde Francisca da Cruz Porto Rodrigues foi reconduzida ao cargo de lavrar as atas. Ela ficou na função por três meses, quando renunciou ao cargo, pois era “comerciante com suas obrigações particulares em reuniões, secretarias e especialmente assistência no lar” (ATA DA FEDERAÇÃO, 1969, p.11b) e se via com muita demanda para participar de mais reuniões. Apresentou sua carta de renúncia em abril. Além da diretoria geral, foram criados dois conselhos: um deliberativo e um fiscal. Nenhuma dessas mulheres se tornaram conselheiras.

---

<sup>41</sup> Apesar de Benedita estar nas reuniões de fundação da FUEGO, e de ter sua assinatura, seu Centro de Umbanda não se filiou por falta de dinheiro. E isso foi assunto da reunião de 11/05/1969 quando Luiz Salles colocou na pauta “o problema do Centro Espirita Ogum e Iemanjá, da avenida oeste, cuja presidente não dispõe de meios para afiliar-se à Federação Umbandista” (Ata da Federação, 1969,p.19) Talvez outros Centros de Umbanda tenham passado pelo mesmo problema.

Sabe-se que houve mais mulheres presentes que não assinaram a ata, pois consta, por exemplo, que a irmã Geruza fez a prece de encerramento. O coronel Francisco Ferraz de Lima assinou a ata, pois estava presente, mas não assumiu nenhum cargo.

Nos anos seguintes a Federação cumpriu seu papel de filiar os Centros de Umbanda da capital e do interior. Na década de 70 foram registrados 192 Centros de Umbanda e na década de 90, após o ano de 1993, quando a FUEGO se torna FUCEGO, nova tentativa de filiação dos Centros foi feita. Tem-se registrados 178 Centros de Umbanda e terreiros de Candomblé. Os documentos preservados pela federação não faz jus a rotina da própria Federação. Muitas atas e documento se perderam. Livros foram feitos com registros de filiados e havia fichas cadastrais para aqueles que quisessem se filiar. Estão preservadas 117 fichas de homens, sendo que destas 83 pertencem a dirigentes que tinham Centros em Goiânia e os demais no interior do estado. E 139 fichas de mulheres, sendo que 99 estavam na capital e 40 no interior de Goiás. Foram preservados alguns livros e atas, sendo 2 livros para atos da FUEGO e 3 livros para atos da FUCEGO. São 41 páginas de reuniões realizadas em 1969 e 18 dedicadas ao ano de 1970. Em 1971 algumas reuniões foram lavradas em ata e em dezembro de 1971, em reunião ordinária, a Federação recebeu a visita de Edson Rodrigues Nunes. Veio a pedido do vice-presidente da Federação, o capitão Honório Martins Rocha, para ser o candidato nas eleições que se procederiam no mês seguinte. Assim que tomou a palavra falou a todos sobre seus projetos enquanto possível presidente de FUEGO. A maioria apoiou sua candidatura e de fato, em janeiro de 1972, Edson Nunes se tornou o presidente da FUEGO. Desta vez, no Conselho deliberativo uma mulher foi eleita: Perceliana Freitas Correia, e outras três mulheres foram eleitas suplentes: Terezinha Dias de Rezende, Geraldina Barbosa Ataídes e Dilza Costa.

Pouco se sabe sobre Edson Rodrigues Nunes. Muitos afirmam que ele viera do Rio de Janeiro e devia ser um médium de cargo, talvez um ogã de alguma casa de Umbanda em Goiânia, o que lhe conferia experiência e poderes para o desenvolvimento dos médiuns que promoveu na Federação posteriormente. Ele não é citado em nenhum momento como dirigente de algum Centro de Umbanda. Ele era militar e apoiava bravamente a ditadura militar instalada no Brasil a partir de 1964, que acreditava tinha trazido a democracia para o Brasil. Era, também, jornalista e

fundou o jornal *O repórter*. Além de militar e jornalista, exerceu a função de vereador como suplente na 8ª legislatura municipal pelo partido da Aliança Renovadora Nacional-ARENA, entre os anos de 1973 e 1977. Foi nesta época que colocou seu poder político à disposição da religião. Organizou a procissão dos Pretos-velhos como evento que tirou da clandestinidade a religião: “no tempo do Edson Nunes, a gente fazia desfile na rua. Ia na Praça Cívica dos Preto-Velho, né? Quando era do Edson Nunes eu fazia muito desfile, eu participei de uns oito”(DEPOIMENTO DE ALVINA, 2018, p. 12).

Propôs que o dia 13 de maio fosse oficialmente o dia da Umbanda. Esta foi proposta foi rejeitada pela Câmara.

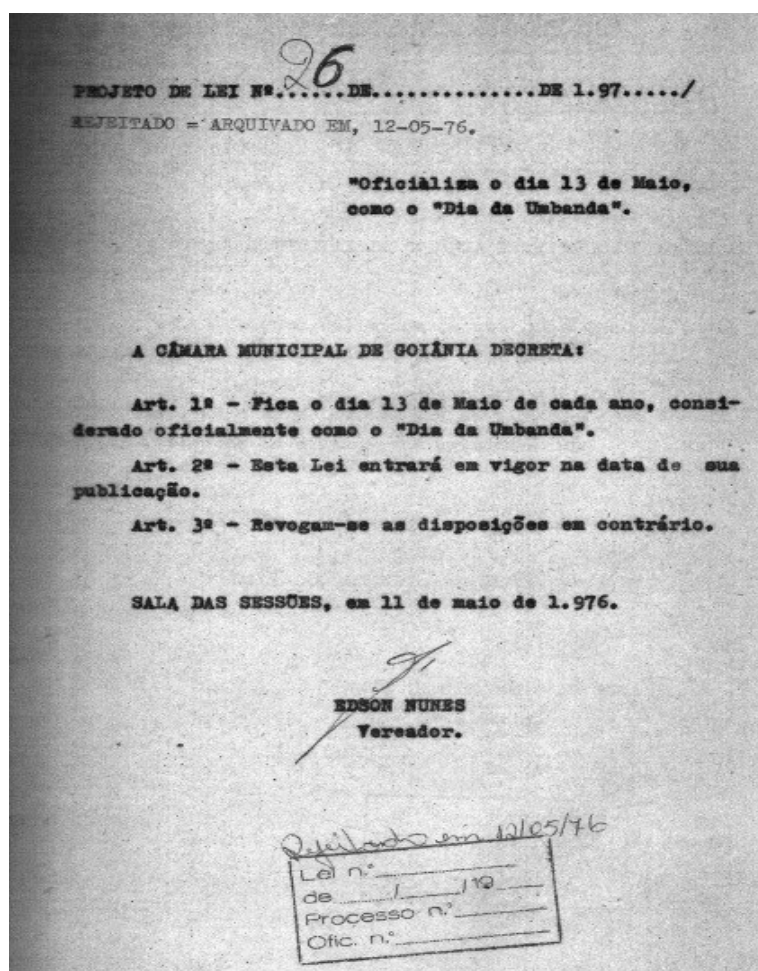


Figura 20: Projeto de lei n.26 proposta à Câmara Municipal de Goiânia instituindo o dia da Umbanda.

Deu utilidade pública ao Sanatório Espírita Eurípedes Barsanulfo (sancionada pelo prefeito em 8 de maio de 1976) e fez o projeto de lei instituindo o dia do Preto-



Velho em Goiânia a ser comemorado no dia 13 de maio de cada ano. Este projeto, aprovado pela Câmara não foi sancionada pelo prefeito Francisco de Freitas Castro na época.

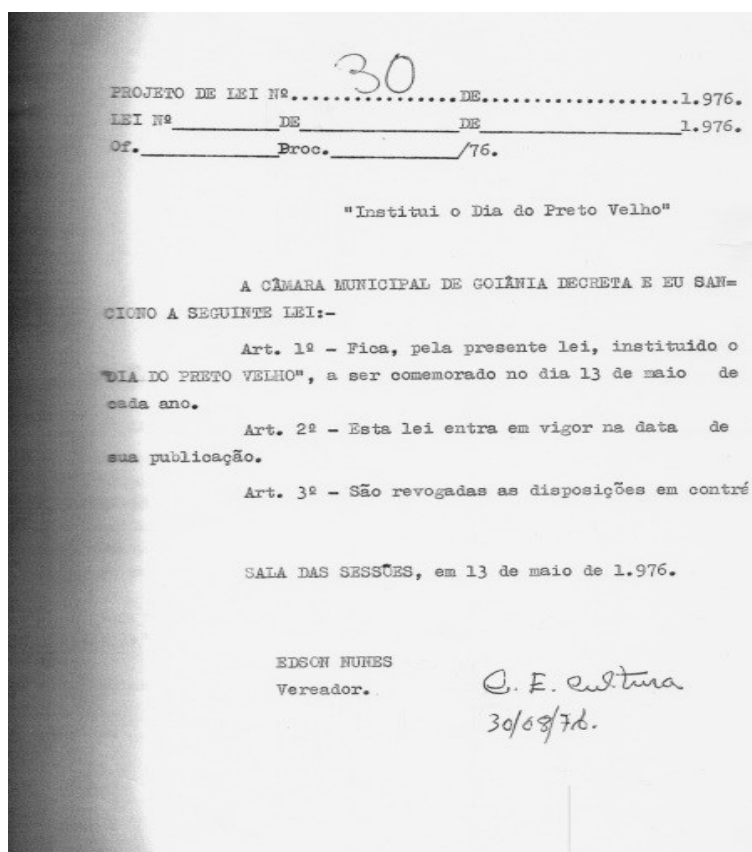


Figura 21: Projeto de lei n.30 proposta à Câmara Municipal de Goiânia instituindo o dia do Preto-Velho.

A data de memória e celebração dos Pretos-velhos, ainda hoje, continua sendo o dia 13 de maio e ela é emblemática. Por um lado, umbandistas querem exaltar os Pretos-velhos e nele a figura dos afrodescendentes que sofreram no período da escravidão, que foram libertados e que continuam vivos como exemplo de resistência e teimosia, pois não sucumbiram com a escravidão. Por outro lado, a data é rememorada com a lembrança da Princesa Isabel, exaltada, também, como libertadora dos escravizados. Isso reforça a ideia de democracia racial numa nova ordem social, onde brancos e negros estão juntos no mesmo plano, como se fossem

iguais e irmãos<sup>42</sup>. Vejamos um dos pontos cantados nos Centros de Umbanda de Goiânia:

Isabel lá no reino do céu  
 Quem agora louvamos  
 Com amor e com fé  
 A Mae Preta abençoada  
 E a Princesa Isabel (bis)  
 Só com minha gente  
 Com tambor quero dançar  
 Bate a matraca pra o batuque começar  
 Ai vem criança pode festejar  
 Vai batucando ate o dia clarear  
 Isabel lá no reino do céu  
 Quem agora louvamos  
 Com amor e com fé  
 A Mae Preta abençoada  
 E a Princesa Isabel (bis)  
 13 de maio dia da libertação  
 Graças a Deus  
 Acabou a escravidão  
 Louvado seja quem mereça gratidão  
 Porque lutaram pela nossa abolição

---

<sup>42</sup> Robert Daibert Junior (2004) em seus estudos sobre a Princesa Isabel constatou que a República fez esforços para apagar da memória da nação a ideia da princesa redentora dos escravos, porque de alguma forma, isso exaltava a monarquia. Mas apesar disso, os escravos libertos fizeram questão de lembrá-la como redentora e construíram um discurso de benevolência e caridade em torno de sua pessoa. Isso foi possível graças ao arquétipo existentes nos libertos de monarquia, pois todos vinham de lugares onde haviam reis e rainhas que mantinham certa ordem social. De fato, quando se observa as congadas, o maracatu, as festas de Nossa Senhora do Rosário e outras expressões culturais dos afrodescendentes, encontramos a coroação de rei e rainhas. Isso explica em parte essa construção em torno da princesa libertadora dos escravizados e a comemoração da data: “A abolição foi carregada de um sentido especial para os negros na medida em que possibilitou uma melhor expressão de seus valores culturais, ao mesmo tempo em que abriu as portas para o estreitamento do laços de solidariedade entre eles”. Festejar com os Pretos-velhos e trazê-los pessoalmente para Goiânia através das incorporações revela como estava viva na memória dos goianienses a experiência negra da escravidão.

Mostrar para a sociedade uma religião ordeira, que não trazia conflitos, conformada com seus papéis sociais e apenas compondo a moldura social junto com tantas outras manifestações religiosas foram as procissões dos Pretos-velhos em Goiânia, que tinham inclusive carros alegóricos com imagens desses escravizados libertados.

Por outro lado, revelava o enorme esforço que os afrodescendentes faziam para se integrar na sociedade brasileira. Eles desejavam uma nação onde estivessem inseridos e não fossem segregados por sua condição racial e social. As representações das procissões públicas, nesse sentido, mostrava a força de uma resistência contida numa religião associada à cultura negra e ressignificada no universo brasileiro.



Figura 22: Carro alegórico na procissão dos Pretos-velhos de 1976.  
Acervo do Centro Espírita Ogum Beira Mar no Amor a Caminho da Luz.

Atualmente, o prefeito de Aparecida de Goiânia, Gustavo Mendanha sancionou um despacho alterando a Lei Municipal nº 3.182/2014, que instituí a data comemorativa do dia Municipal dos Povos e Comunidades de Matriz Africana de

Aparecida de Goiânia, para transformá-la no dia da procissão dos Pretos-velhos a ser comemorada anualmente no terceiro domingo do mês de maio<sup>43</sup>.



Figura 23: Procissão dos Pretos-velhos em Aparecida de Goiânia em 2019.  
Acervo da Ordem Universal do Planalto Central.

Edson Nunes foi assassinado em 1978 em uma briga por motivos particulares, referente à sua companheira. Era membro da CONDU e por ocasião de sua morte, a entidade lançou uma nota de pesar:

Ao encerramento dos trabalhos do primeiro dia da Convenção, o Conselheiro JOSÉ RAYMUNDO DE CARVALHO propôs que se fizessem um minuto de silêncio em memória de EDSON NUNES, ex-Conselheiro do CONDU no Estado de Goiás, recentemente desencarnado em condições trágicas (ATA DA REUNIÃO DA CONDU, 1978).

<sup>43</sup> A data promulgada foi fruto da luta de candomblecistas e umbandistas como o mestre André da ordem Universal do Planalto Central. Ele, conectado com a política local e governamental tenta dar maior visibilidade à religião umbandista no contexto de intolerância e perseguição religiosa por parte de segmentos de Igrejas pentecostais. O fato de mudar o dia destinado aos povos e comunidades de matriz africana para o dia da procissão dos Pretos-velhos, evoca o caráter menos político da festa, uma vez que a procissão diz respeito a uma tradição religiosa (inda que compartilhado com outros segmentos) e uma procissão de entidades religiosas é mais pacata que outras possíveis mobilizações políticas em torno das reivindicações dos afrodescendentes. Por outro lado, coloca-se nas ruas de Aparecida os Pretos-velhos, representantes dos ex-escravizados no Brasil, que no dia festa 'descem' para atender a todas as pessoas em praça pública.

A gestão de Edson Nunes foi aquela que colocou a Umbanda no espaço público de Goiânia. Tudo que ele realizava como presidente da FUEGO se tornava um evento para mostrar a visibilidade da religião. Desta forma, fez questão de provocar uma solenidade pública no ato de sua posse, no Parque de Exposição em Goiânia salientando “que só no estado da Guanabara e da Bahia, apresentaram publicamente um espetáculo de Umbanda, disse que Goiás está de parabéns por essa realização” (ATA DA FEDERAÇÃO, 1972, p.4).

Logo no início de sua gestão propôs uma nova sede para a Federação, na Rua Bernardo Sayão, 168, no Setor Fama, do qual Dona Roxa se lembra:

Menina, eu conheço a federação há muitos anos. Eu conheço a federação na Fama quando abriu ela na Fama. Não tinha Fama... Só tinha umas 4 casas na fama, muito nova, muito nova. Aí tinha aquela casa. Lembro a casa do jeitinho que era. Era uma casa assim grande assim [...] Aí eu frequentava lá, né? Eu ia, era difícil prá gente ir, mas eu ia, ia... Aí foi indo, foi desenvolvendo, foi passando gente por gente (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p.8).

Essa nova sede teve Carlos Gomes Gonçalves, que também fazia parte da diretoria, como morador nela, para atender noite e dia. Justificou sua decisão baseado no caso que recentemente havia acontecido:

De uma irmã que foi presa ilegalmente e que, o Sr. presidente, só tomou conhecimento no dia de sábado, na qual ela foi presa na sexta-feira, toda machucada e sendo recolhida na casa de detenção, como (uma) digo um marginal qualquer mas também logo tomei conhecimento procurei libertar a mulher<sup>44</sup> (ATA DA FEDERAÇÃO, 1972, p.4).

Outra iniciativa do novo presidente foi criar uma carteira de identidade para os umbandistas “cujo modelo será encaminhado às autoridades policiais, para que se evite dissabores com a policia” (ATA DA FEDERAÇÃO, 1972, pp.4-5). Ela seria fornecida aos umbandistas reconhecidos pela Federação. Para isso, criou algum tempo depois a Academia Brasileira de Umbanda com sede na Avenida 24 de outubro no Setor Campinas em Goiânia, e com ela pôde fazer carteiras de identidade para todos os umbandistas e certificados de funcionamento para os Centros de Umbanda.

---

<sup>44</sup> Esse parece ter sido a necessidade e importância da Federação nesta época em Goiânia. Não se sabe quem é esta mulher e nem se casos assim aconteciam frequentemente para a Federação defender. A iniciativa de Edson Nunes de lotar a casa com um funcionário para receber esse tipo de ocorrência, indica que era comuns prisões nesta época. Talvez muitos outros casos tenham ocorridos, mas não estão registrados nas atas existentes atualmente na Federação.



Figura 24: Modelo de carteira de chefe de terreiro expedida pela Academia Brasileira de Umbanda, onde a FUEGO estava filiada em 1975. Acervo do Centro Espírita Pai Oxalá.

Dona Roxa diz a esse respeito:

Ele era do Rio de Janeiro, o Edson Nunes era do Rio de Janeiro. Pai de santo do Rio de Janeiro, ele veio, abriu lá. Aí ele não quis ficar na federação na Fama, ele abriu a federação lá na 24 de outubro [...] E, aí ele abriu lá, nós foi trabalhar lá. Aí foi aonde eu recebi mais proteção assim, com ele cuidando né? Mas eu trabalhava assim no meio da rua, aí... aquilo era... era... gente pra trabalhar com ele, ele tinha uns santos grande na federação (Depoimento de Dona Roxa, 2018, p. 8).

Além disso, Edson Nunes esteve com o prefeito pedindo verbas para a construção da sede; com o time de futebol Vila Nova Futebol Clube com quem conseguiu um jogo beneficente cuja venda de ingresso seria revertida à Federação. Propôs a confecção de um diploma de sócio contribuinte para os Centros e entrou em contato com um deputado para conseguir a utilidade pública da Federação em âmbito municipal, estadual e federal.

A diretoria de Edson Nunes, também, foi marcada por conflitos internos. Ele sonhava e lutava por uma Umbanda no espaço público, recebendo divisas governamentais e verbas para grandes realizações públicas. Para isso, ele postulava a imagem de uma Umbanda que tinha que ter presença no cenário político. Por isso, fazer grandes eventos e conseguir novos membros para a Umbanda que fossem das 'altas classes e grandes autoridades' era para ele prioridade. É dentro desta perspectiva que ele propôs um novo estatuto que

permitisse esse trânsito político; criou um departamento jurídico, outro social e outro espiritual dentro da Federação; abriu a possibilidade de um programa radiofônico que dependia da contribuição dos diretores dos Centros de Umbanda.

A inauguração da nova sede da Federação em fevereiro de 1972, contou com a presença do prefeito da cidade, Manoel dos Reis e Silva, do maçom Gabriel Elias Neto que, além de presidente do Centro Espírita Fé e Amor, era secretário municipal; do radialista Moraes César e de outros presentes. O prefeito enalteceu “a religião umbandista, principalmente pela sua ascensão vertiginosa, em Goiás, nos últimos meses” e lembrou que esteve presente à posse da diretoria no Parque de exposições da cidade, enaltecendo “a popularidade do umbandismo, popularidade esta, e também fé, testemunhada por ele, na posse pública e simbólica da 2ª diretoria da FUEGO” (ATA DA FEDERAÇÃO, 1972, p.6 ).

No dia 21 de maio de 1972, na sede da FUEGO, houve uma festa pelo aniversário de Edson Nunes. Lá receberam muitas pessoas, dentre elas dirigentes da Cabana Espírita Beira Mar da cidade de Praia Grande em São Paulo<sup>45</sup>. Aqui pela primeira vez aparece o nome de Waldir Roma que apesar de “não ser umbandista nato” estava se dedicando “na elevação do nome da religião umbandista no estado de Goiás” (ATA DA FEDERAÇÃO, 1972, p.9).

Uma das características da gestão Edson Nunes era visitar e participar no culto umbandista em outras cidades. Chegava sempre com uma ‘grande comitiva’, após lotar ônibus em Goiânia para irem à cidade agendada, que por sua vez contava com a presença do prefeito local, jornalistas, políticos, empresários, etc... Às vezes shows pirotécnicos e desfiles pela cidade eram realizados como aconteceu na cidade de Itapaci ao visitar o Centro São Sebastião, Fé, Amor e Caridade.

Tudo isso fez com que o presidente anterior, Luís Salles, entregasse sua carta de exoneração para a diretoria. Não queria mais continuar na Federação e alegou ‘motivos espirituais’. Sua perspectiva de finalidade da Federação e sua orientação entre política e religião eram bem diferentes.

Não se sabe a data de término do mandato de Edson Nunes, pois os registros de ata de reunião vão até agosto de 1972 e depois retorna os registros em

---

<sup>45</sup> Talvez o Centro de origem de Edson Nunes, pois ele era médium que tinha como seu santo de cabeça Ogum Beira Mar. O relato diz que ele cantou, dançou e tocou atabaque, o que nos informa a sua condição de ogã, e, portanto não era médium de incorporação.

dezembro de 1977, quando Waldir Roma<sup>46</sup> está como presidente em exercício. O que se sabe é que ele estava ainda como presidente na Federação em 1976 juntamente com Waldir Roma que era vice-presidente, quando promoveu a V Procissão dos Pretos-velhos. Registrada pelo jornal *O Repórter* em sua edição semanal de 18 a 24 de maio de 1976, a Federação promoveu uma grande festa onde trouxe o deputado Atila Nunes (na época vice-presidente da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro) e conselheiro do CONDU, Tancredo da Silva Pinto que era presidente da Confederação de Umbanda e de Cultos Afro-Brasileiros e Jerônimo de Souza, presidente das associações de entidades umbandistas do Brasil. O jornal informou que Edson Nunes era irmão de Atila Nunes, mas não foi possível comprovar essa informação. Também registrou em sua matéria que:

Centenas de Centros de Umbanda com muitos carros alegóricos alusivos as festividades de comemoração a Libertação dos escravizados, desfilaram pela Avenida Goiás, concentrando na Praça Cívica, como nos anos anteriores, os umbandistas cantavam e gritavam de alegria, entoando cânticos, e batiam seus atabaques em comemoração à data alusiva ao Preto-Velho, e o público em geral participava desta alegria, ascendendo suas velas e tomando seu passe das entidades que se achavam incorporadas nos médiuns (JORNAL *O repórter*, 1976).

De fato, a memória em torno da procissão pública reforça os jornalistas:

Nós saía da praça, da praça dos trabalhador, pra subir a Goiás, todo mundo de branco, todo mundo com sua vela acesa, eram 6 horas a procissão. Todo mundo com seus terreiros cantando né? Cantando, rezando, ate chegar na praça cívica, chegando na praça cívica fecharam lá, ai os terreiro ficaram, trabalhava, mas todo mundo trabalhava, o trabalho aqui, outro trabalho pra lá, e era cheio de todo mundo, hoje acabou tudo (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p.22).

Dona Geraldina do Centro Espírita São Sebastião gostava da procissão e anualmente reunia seus médiuns, mas discordava das incorporações acontecerem em praça pública. Para ela se tratava de algo sagrado que não devia ser exposto dessa maneira:

Bagunçou, e, e ela não concordava com aquilo de, dos médiuns irem, expor os médiuns, que aí os médiuns incorporavam em plena praça. Ela não concordava com isso, era o jeito dela. Já que nós estamos fazendo uma demonstração, espírito, tomar passe, é lá no terreiro... (DEPOIMENTO DE IARA, 2018, p.30).

---

<sup>46</sup> Waldir Roma veio participar junto com Edson Nunes em sua gestão. Acredita-se que se deve tratar do mesmo Waldir Roma que foi matéria nos jornais em 1980 por ter matado uma mulher da família Caiado, sua ex-esposa Maria Helena Caiado (COSTA, 2006,p.107).



A procissão dos Pretos-velhos nestes moldes iniciou no ano de 1972 e vai durar até 1993, até perder sua força enquanto concentração pública. Na década de 90 surgiram novos Centros Espiritas Umbandistas que se agregaram aos já existentes, e também Centros de Candomblé que apareceram na cidade. A federação mudou seu nome e seus estatutos em 1991<sup>47</sup> para FUCEGO- Federação de Umbanda e Candomblé do Estado de Goiás, uma vez que os terreiros de Candomblé não tinham outra representatividade no estado e sentiram necessidade de um órgão que os pudesse defender.



Figura 25: A força de convocação da FUEGO, depois FUCEGO na década de 90.  
Acervo da FUCEGO.

Acredita-se que o caso do menino Michel Mendes de 4 anos que foi sacrificado num ritual no terreiro de Candomblé Axé Ilê Oxalufã, situado no Setor

<sup>47</sup> Nesta data foi eleita uma nova diretoria composta com muitos membros femininos. Rosinete Blattner Peixeiro assumiu o cargo de secretaria geral e Isaildes Oliveira Souza o cargo de 1ª secretária. No conselho fiscal Divina Ferreira Vilas Boas e no conselho deliberativo Romilda Cassiana Batista e Pedrinha de Souza Carvalho, tendo como suplentes Selene Martins dos Santos e Iracy Soter de Castro. O Departamento de assistência social foi o único composto exclusivamente por mulheres, a saber: Sonia Maria Pereira Passos Vale, Núbia Oliveira Araujo e Raimunda Silva Santos. No departamento cultural Eloisa Mafalda de Oliveira e no departamento social Isaildes Oliveira Souza. Também foi constituída a Fundação Pai Xangô com muitos componentes femininos: Raimunda dos Santos Silva, Sonia Maria Pereira Passos, Nilda Urias Pignata e Maria José Martins Oliveira. No departamento de doutrina foram escolhidas Eloisa Mafalda, Grécia Martins Santos e Lígia Noêmia Souza Oliveira e por fim no Departamento espiritual Francisca Alves de Oliveira compunha com Everton Carbus e Luís Sales. Desta forma, a FUCEGO se inicia com uma participação feminina mais significativa que na FUEGO.

Rio Formoso, em 1989 possa ter sido o gatilho para essa adesão dos terreiros de Candomblé na Federação. O caso foi amplamente divulgado nos meios de comunicação da época e como houve crueldade e torturas na morte do menino, o caso chamou muita atenção.

Também na década de 90, a Igreja Universal do Reino de Deus- IURD- que já havia chegado à Goiânia, se expandiu, e através da TV Record passou a propagar um discurso de negação da legitimidade religiosa de cultos de tradição afro-brasileira, trazendo medo, incompreensão, confusão e intolerância para a população diante dessas práticas religiosas.

Em 1992 aconteceu outro caso, da menina Fernanda Militão, de 12 anos, que foi estuprada e morta num suposto ritual de magia negra na cidade de Guapó, e em 1995, Edir Macedo publicou e distribuiu gratuitamente o livro intitulado *Orixás, Caboclos e guias: deuses ou demônios?* Tudo isso fez a Umbanda ser vista como uma ameaça à ordem social: “no último desfile que teve foi, assim, muito perigoso, porque os crente começou a jogar trem” (DEPOIMENTO DE ALVINA, 2018, p. 12).

O fim da procissão dos Pretos-velhos trouxe sentimentos variados aos umbandistas que estavam acostumados a se reunirem anualmente no centro da cidade e as justificativas para o fim dessa prática também são diversas. Dona Roxa concorda que os crentes se tornaram uma ameaça aos umbandistas no espaço público e acredita que os orixás vieram protegê-los de um mal maior na derradeira procissão:

Acabou porque o povo num... a derradeira procissão que teve foi, deixa eu ver aqui, era o Valter, era do Valter. Aí nesse dia mesmo já tava, gente chegou lá e reunimos, os ônibus veio buscar a gente, aí quando nos chegou na praça do trabalhador, aí reuniu todo mundo, que os evangélico, na hora que a gente tivesse lá na concentração na praça Cívica ir soltar uma bomba lá, era prá gente, muito com concentração, mas nós vamos, nós subindo, todo mundo, aquele acompanhamento de gente, viu? Quando chegou na praça Cívica, que rodeou a praça Cívica, que fechou. Iemanjá soltou água, nós tudo ficamos ali molhado, recebendo aquela chuva, concentrado, e não saímos da lá, ninguém saiu... aí quando terminou... todo mundo pegou seu ônibus e veio embora. Mas mostrou que não foi soltar, que estava tudo de prontidão, eu tava... alguma coisa ia acontecer, porquê? Porque não tinha jeito de chuva, de repente aquela água caiu, tanto de chuva, e nos ficamos tudo em pé, Iemanjá e Oxalá mandou chuva (risos). Iemanjá e Oxalá mandou chuva. Eu não esqueço disso, e nos viemos para casa todo mundo molhado, foi muito bom, e também nunca mais teve. Aí foi entrando esses governador que não dão apoio, governador que acha que... então, a caridade antigamente era mais (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p. 23).

Já Tom, esposo de Romilda e presidente do Centro Espirita Cavaleiros de Ogum credita o fim da procissão á fragilidade politica da própria Federação:

A procissão dos Pretos-velhos era uma beleza... Saía em jornal, saía em televisão. Aí, os diretores antigos foram desaparecendo, entraram outros novos com outras mentalidades. No final, de uma forma ou de outra, justificando que não tinha recursos, que o povo é preguiçoso, ninguém quer fazer... Umas justificativas esquisitas. E acabou. Nunca mais teve (DEPOIMENTO DE TOM, 2017, p.3).

Dona Rosalina atribui o fim da procissão à fusão da Federação de Umbanda com o Candomblé, que no seu ponto de vista dividiu a Umbanda:

Tinha procissão, a gente saía na rua, todo mundo vestido de branco, né? Cada um com suas capas, com as suas bandeiras né? Depois foi mudando. É igual falei pro cê: mudou demais, o Candomblé entrou e bagunçou... (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017, p. 36).

Se Edson Nunes deu um caráter mais político à Federação e público à religião, Luís Sales deu um caráter mais administrativo para o órgão federativo e mais festivo e centralizado à religião umbandista. Em sua gestão a FUEGO promoveu cursos para dirigentes de casas de Umbanda, organizou e festejou datas comemorativas como o dia da Umbanda, dos Pretos-velhos, a festa de ogum, de lemanjá, Xangô, dentre outras:

E tinha as festas tradicionais, que a Federação sempre comemorava, que era as festas de Cosme e Damião, as festas do dia de Ogum, de São Sebastião, que era de Oxóssi, as festas de Ogum, a procissão de Preto-Velho, treze de maio, o patrono da Federação, que era festa de Xangô... Então sempre tinha atividades (DEPOIMENTO DE ELMO, 2017, p. 9).



Figura 26: Festa em homenagem a Ogum na sede da Federação em 1996 Acervo da FUCEGO

Também houve muito eventos caritativos e beneficentes voltados para a construção da sede da Federação na Rua Clóvis Figueiredo no Setor Campinas<sup>48</sup>.



Figura 27: Almoço beneficente em prol das obras de construção da sede da Federação.  
Acervo da FUCEGO

A Fundação Pai Xangô fundada em 1991 tinha como objetivo prestar auxílio social à comunidade carente e foi ideia de dona Raimunda dos Santos Silva, uma médium da casa do Centro Espírita Anjo Ismael, que pensou numa parte social da Federação com membros que pudessem fazer visitas aos Centros de Umbanda para implementar a caridade<sup>49</sup>. Mas não deu certo, aos poucos as ações sociais se voltaram para o sonho de uma Federação que fosse grande, com uma boa sede e com força para unir os umbandistas. Em 1994, dona Tereza do Centro Espírita

---

<sup>48</sup> A construção desta sede levou muitos anos e necessitou da força de trabalho e perseverança das mulheres. De fato, as mulheres foram aquelas que sustentaram e construíram a sede. Para isso foi fundado em 1991 a Fundação Pai Xangô. Na Federação foi preservado um exemplar de ata dessa Fundação que revela os esforços e trabalhos que as mulheres tiveram para reverter seus trabalhos físico e mental em dinheiro para a Federação. Na véspera da inauguração da nova sede, descobriu-se que a construção foi mal planejada e por isso tinha que ser desfeita e refeita novamente.

<sup>49</sup> Havia preocupações em como se implementaria um trabalho social com as crianças, uma vez que o ECA havia sido promulgado e havia outras exigências para trabalhar com elas. Também havia um desejo de abrir uma frente social com as mães solteiras e mesmo tempo abrir uma escola de cabeleireiros para profissionalizar as mulheres na periferia. A ideia era buscar ajuda governamental para esses projetos (ATA DA FUNDAÇÃO PAI XANGÔ, 1993).

Ogum Beira Mar no Amor a Caminho da Luz substituiu Raimunda na presidência<sup>50</sup>. Foi oito anos de dedicação de sua vida integralmente a Federação, onde deixou o seu Centro de Umbanda na administração do esposo: “Porque 10 anos eu dediquei 24 horas à federação, o Amâncio não contava comigo aqui dentro, ele tocava sozinho” (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018, p. 51).

O marido foi contra essa atenção exclusiva da esposa à Federação porque achava que ela se esforçava demais para algo que não valia a pena, que ela iria se arrepender e sofrer, mas ela estava disposta a dar sua contribuição:

Mas eu vou, Amâncio, nossa religião precisa, nós precisamos sair desse marasmo nosso, desse confortinho nosso, cada um dentro do seu terreiro e pronto, nós precisamos botar a cara para fora (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018, p. 50).

E assim, dona Tereza começou, não somente a participar das reuniões da Fundação, que aconteciam em sua própria casa e nas quais o marido participou algumas vezes, como a levar as decisões dessas reuniões para a diretoria, obrigando que esta colocasse em pauta as reivindicações de um grupo com rosto mais feminino, que fazia parte da Fundação.



Figura 28: Pai Elmo, Luís Sales e dona Tereza na década de 90 na sede da Federação.  
Acervo da FUCEGO

<sup>50</sup> Nesta eleição, tomaram posse da direção da Fundação a dona Tereza como presidente, dona Romilda como vice-presidente, mãe Isa de Oxum como assistente social, e Divina Ferreira como relações públicas. Os homens ficaram com a tesouraria, a secretaria e como assessor de atividades culturais e marketing (ATA DA FUNDAÇÃO PAI XANGÔ, 1994, pp.4-5).

A parte social da Federação tinha sido associada à função feminina e elas se agarraram ao único espaço possível para mostrar suas capacidades de organização e fraternidade:

Eu mais o Senhor Luiz, ele não gostava muito, mas nós rodávamos no sol quente, queimando a cara no sol assim o dia inteirinho atrás de terreiros. Eu era contra pedir doação, eu achava que a nossa obrigação era descobrir aquele terreiro que não pagou mais o alvará, o porquê, se foi por falta de condição para livrar ele do alvará e ele voltar a participar da federação. É, filha, era isso que eu queria, eu queria unir os terreiros, porque o oxalá é um só, os orixás são um só, os Pretos-velhos que baixa aqui baixa no seu, baixa no do outro, baixa no do outro, o Caboclo que baixa aqui... Meu Deus, nós somos um só. Às vezes rodava toda semana, tirava um dia na semana, uma tarde. Uma tarde, é. Tinha muito, terreiros assim de estrutura material pequena, mas com força espiritual grande (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018, P.51-52).



Figura 29: Dona Tereza em reunião na Federação junto com Luís Sales.  
Acervo da FUCEGO

Desta forma, Tereza acabava obrigando a Federação a fazer um trabalho na base dos umbandistas, onde estavam os Centros de Umbanda realmente, e ver suas realidades para poderem atuar num campo possível e mais próximo da realidade. Aproveitava essas visitas para auxiliar os Centros de Umbanda na ampliação dos trabalhos sociais que poderiam fornecer à comunidade local. Mas todos estes esforços não surtiram os resultados esperados. Os Centros de Umbanda, na sua maioria, eram de baixa renda, tinham muitos problemas de demanda locais para resolverem e desejavam uma Federação que pudesse auxiliá-

los na resolução dos seus problemas ao invés deles pagarem anuidades para sustento de um órgão que lhes revertia muito pouco segundo suas necessidades e compreensão. Isso forçou dona Tereza a mudar de estratégia:

Eu chegava a levar tudo para fazer sopa nos terreiros para ensinar como é que vão fazer, mas não consegui. Então eu direionei o período que eu estava lá, na construção da sede, não desfazendo do barracão que tinha, que não era melhor do que aqui (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018, p. 37).

Foram almoços, jantares, festas juninas, churrascos, sopas, feijoadas, bingos, galinhadas e demais promoções, onde as mulheres faziam os ingressos, preparavam as refeições e as vendiam. Toda a renda era revertida para a Federação, principalmente para a construção da sede onde ela idealizou um dos espaços de dois andares com ofertas de serviços para a comunidade como formação profissional e atendimento às pessoas necessitadas.



Figura 30: Obras da na sede da Federação na década de 90.  
Foto do arquivo da FUCEGO

Mas seu sonho nunca realizou. A morosidade da diretoria e as dificuldades financeiras nunca conseguiu fazer da sede da Federação o Centro de unificação e integração com a qual idealizava e se dedicou por anos. Com o passar do tempo, as mulheres sentiram necessidade de terem mais autonomia em seu trabalho porque a Fundação era parte da Federação e tudo que tinham que fazer esbarrava nas

decisões da diretoria. Daí elas resolveram transformar a Fundação num Conselho Assistencial Pai Xangô em 1998<sup>51</sup>:

Nós não tínhamos autonomia para nada. Então para que nós tínhamos um... Então era melhor ser um departamento do que... Não podia ter uma conta, não podia movimentar nada, tudo tinha que passar pela Federação (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018, p.36).

Em 2003 Tereza deixou o trabalho na Federação. Saiu muito decepcionada porque suas conquistas não foram satisfatórias.



Figura 31: Dona Tereza organizando almoço beneficente na sede da federação  
Acervo da FUCEGO

Romilda também se dedicou à Federação. Ela também fez parte da fundação Pai Xangô<sup>52</sup> e, mais tarde do Conselho. Foi grande parceira de Dona Tereza. Além disso, os atos religiosos e festas de santos promovidas na Federação tiveram a organização e a participação dela. Ela puxava os pontos, abria as orações,

<sup>51</sup> Para isso, houve uma autorização da Curadoria de Fundações e Associações da Procuradoria de Justiça, na pessoa da Dra. Marlen Glayds Ferreira Machado Jaime. A finalidade continuou sendo a mesma: “prestar auxílio social à comunidade carente” (ATA DA FUNDAÇÃO PAI XANGÔ, 1998, p. 19).

<sup>52</sup> Existe apenas um livro de atas das reuniões da Fundação Pai Xangô, que registram reuniões entre os anos de 1993 a 1999. Há uma lacuna referente aos anos de 2000 e 2001, e retorna em 2002 até fevereiro de 2003. Nestas atas estão todas as atividades realizadas pelo grupo para arrecadar dinheiro para a Federação.



organizava o espaço, trazia as entidades na gira: “Lá na federação, ela era a matriarcal mesmo, que cantava os hinos. Ela que ficava à frente de todos os eventos, festividades, angariar dinheiro” (DEPOIMENTO DE TOM, 2017, p.7).



Figura 32: Romilda e sua força na Federação.  
Foto de arquivo pessoal.

Apenas uma única mulher ficou presidente da Federação nestes 50 anos de sua existência. Para chegar a este posto, passou por outros cargos:

Então, aí eu fui com a dona Alvina, e eu comecei na Federação como suplente, na época a dona Alvina me empurrou de suplente, e eu nem sabia o que era aquilo. E aí eu fui de suplente, passei para primeira secretária, segunda secretária... não...é, terceira secretária, segunda secretária, primeira secretária, secretária geral, o que eu aprendi muito com a Rose, que era secretária do seu Luiz na época, então aí eu fui, comecei lá suplente, e fui até chegar a presidência, que foi na época também, tudo, me impondo, nada por livre espontânea vontade (DEPOIMENTO DE ISA, 2017, pp.34-35).

Isaíldes Oliveira Souza, conhecida como mãe Isa de Oxum foi presidenta da Federação durante o ano de 2008, porque o presidente da Federação na época, Ewane Loyola, precisou se retirar do cargo no meio do mandato. Ficou apenas um

ano como mandato tampão: “e eu tive que assumir, porque eu era secretária, e não tinha vice-presidente, então quem que assume? Secretária geral” (DEPOIMENTO DE ISA, 2017, p.36).



Figura 33: Mãe Isa de Oxum, que foi presidente da Federação em 2008.  
Acervo do Centro Espírita Reino dos Orixás

A Federação de Umbanda nunca elegeu uma mulher para sua presidência, e na diretoria o único cargo aceitável foi a de secretária:

Quando, aí eu fui, fiquei muito tempo de secretária geral, na federação junto com seu Luiz, junto com Valter, junto com é, junto com seu Luiz de novo, e aquela coisa, aí, quando Ewane pegou a presidência, eu continuei como secretária, por quê? Todo mundo conhecia meu trabalho, não abria mão de mim, entendeu? Não me deixavam ir para outros cargos, até porque eu, como diz o outro, como muita gente falava “ah.. quem, quem administra é a Isa, seu Luiz só tinha enfeite”, mas não era bem assim não, porque, assim, eu tomava frente, mas com aval do seu Luiz (DEPOIMENTO DE ISA, 2017, p.36).

Desde o principio uma mulher foi secretariando as reuniões e fazendo as atas. Salvo algumas exceções, as atas da Federação encontram-se registradas pelas mulheres. Mesmo em momentos que a diretoria elegeu um homem para o

cargo de secretário, e um suplente homem para esse mesmo cargo, se encontra uma mulher escrevendo as atas, como foi o caso de Cleonice Cristina Aragão que ficou secretária da Federação por cinco anos, entre 1974 e 1978<sup>53</sup>.

Isa foi apenas uma dessas mulheres que ficou secretária por muitos anos.



Figura 34: Isa no canto esquerdo participando de reunião. Ela foi muitos anos secretária da Federação. Acervo da FUCEGO

Quando precisou assumir a direção da Federação, por não ter nenhum homem disponível naquele momento, sentiu o apoio de todos os seus colegas de trabalho:

Assim eu tive muito apoio do Elmo, de todos os diretores que estavam por lá, seu Jesus, entendeu, seu Jesus também faz muito, faz parte muito tempo também, então eu tive muito apoio deles. Então eles: “Isa pode assumir que a gente vai com você”. E graças a Deus eu fui muito bem, muito querida dentro da Federação, como até hoje pelo seu Jesus, pelo Elmo, né? Mas assim, eu tinha um apoio ali sabe? “Isa pode ir que a gente vai com você, a gente não vai te abandonar”, e eu, como fui porra louca, enfiei a cara, e vamos lá (DEPOIMENTO DE ISA, 2017, p.37).

Foi uma gestão rápida, onde teve que enfrentar um processo trabalhista deixado pela gestão anterior<sup>54</sup>.

<sup>53</sup> Cleonice foi pauta da reunião do dia 27 de janeiro de 1978, quando a nova diretoria empossada trouxe a termo o fato de ela estar sendo secretária há cinco anos e que deveria receber uma gratificação por isso. De fato, ela recebeu a quantia de Cr\$5.000.00 como donativo para seu casamento. (ATA DA FEDERAÇÃO, 1978).

Na fundação da Federação e em toda sua existência, as mulheres estiveram presentes. Dona Geraldina do Centro Espírita São Sebastião foi uma das poucas mulheres que acompanhou as diretorias da Federação por vários anos, mas nunca assumiu cargo algum e também não se sabe se conseguia influenciar nas decisões tomadas pela Federação. Sua memória está presente em depoimentos: “É uma das pioneiras, é uma das que ajudaram a fundar a federação, também tava lá junto” (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p. 35).



Figura 35: Mãe Pedrinha e dona Geraldina.  
Mulheres presentes na umbanda goianiense e na Federação. Acervo da FUCEGO.

Também não se encontra registrado nas atas existentes nenhuma chapa exclusivamente feminina. Talvez essa possibilidade tenha passado despercebido, tanto para homens como para as mulheres.

A FUCEGO prossegue na atualidade em sua tentativa de se adequar às novas demandas e aos novos desafios que advém do mundo digital e da juventude umbandista.

---

<sup>54</sup> Infelizmente, as atas referentes ao período compreendido entre 2004 até 2018, não foram encontradas para que se pudesse analisar melhor essa gestão e outros atos pertinentes à Federação.

## 2 O QUE FAZ A UMBANDA, UMBANDA, NA METRÓPOLE DE GOIÂNIA

*Já que você tá pesquisando, então assim, é o conhecimento de cada um, né? Eu tenho certeza que eu tô passando isso pra você. Se for em outras casas eles podem falar a mesma coisa ou talvez diferente, mas cada um fala dentro do seu conhecimento né? E o que eu vou falar pra você é dentro do meu conhecimento. [...] Por que fala de Umbanda? O que é a Umbanda? Ela é paz, amor e caridade. A Umbanda ela é mista, ela é uma religião mista porque ela tem um pouco do Kardecismo, um pouco do catolicismo e um pouco do culto afro-brasileiro [...] ela tem um ritual que vem o Preto-Velho, que vem o Caboclo, que tem as guias, que tem a vela, tudo isso é ritual né? Então nós trabalhamos. A Umbanda não me impede de ir à Igreja assistir a missa, não me impede de assistir um culto, ela não me impede nada, porque tudo é Deus.*  
(Rosalina)

A religião umbandista, apesar de ter suas especificidades, não é original do estado de Goiás. Ela se origina aqui a partir das tradições católicas sertanejas que portavam os migrantes, dos arquétipos de seus antepassados guardados na memória inconsciente distante, e da necessidade de atualizar as práticas religiosas em busca de respostas ao presente que vivenciavam na cidade que se construía<sup>55</sup>.

No mesmo ritmo cidade e Umbanda se fizeram. Da mesma forma que a cidade trouxe para si o modelo de outras cidades para sua edificação, a Umbanda também se baseou em outras experiências religiosas e numa amalgama a religião foi construída<sup>56</sup>.

Apesar de todos os esforços torna-se muito difícil para qualquer pesquisador definir a Umbanda na cidade de Goiânia. Ela tem o rosto de seus moradores, as

---

<sup>55</sup> Toma-se aqui emprestado de Carl Jung o conceito de inconsciente coletivo uma vez que se acredita que o inconsciente individual repousa sobre uma camada mais profunda “que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo” (JUNG, 2000, p.16). Segundo o autor, esse inconsciente é de natureza universal e contém conteúdos e modos de comportamentos que se traduzem em imagem universais que existem desde tempos mais remotos e que são representados coletivamente na religião, formando arquétipos pela sua elaboração inconsciente.

<sup>56</sup> Ortiz nos fala da integração e legitimação da religião umbandista na sociedade urbana industrial, uma vez que a modernidade aplicada aos novos contextos traziam mudanças sociais e culturais. A Umbanda enquanto religião faz essa “reinterpretação dos valores tradicionais, segundo o novo código fornecido pela sociedade urbana e industrial”. Neste sentido, a Umbanda seria um dos produtos das transformações socioeconômicas que acontecia no século XX. (ORTIZ, 1999, p.48)

práticas religiosas de tradições conservadas no âmbito das famílias e a flexibilidade necessária para adaptar essas tradições nas novas realidades. Ela clama pela autoridade religiosa que as legitima e confere poderes às suas lideranças. Ela nasce de necessidades prementes de indivíduos que se estende às famílias e comunidades. Ela segue o padrão perpetuado na história do Brasil de memória da escravidão e de seus descendentes andarilhos em busca de acolhida e de identidade própria; dos povos autóctones que foram se inculturando nas realidades dos povoados coloniais e das novas cidades republicanas; de sertanejos abandonados pelo Estado em diversas situações e épocas, e de migrantes em busca de sobrevivência e de aventura. A Umbanda reúne todas essas situações e guarda na sua memória essas trajetórias, vivências e sínteses de seus construtores que traduzem alegria, canto, movimento e esperança. É uma Umbanda sincrética e criativa que permanece viva e que se coaduna com uma determinada manutenção de 'ordem' na cidade, conseguindo, portanto, não somente sobreviver, mas se multiplicar a despeito das mudanças significativas pelas quais foi sendo submetida.

## 2.1 AS DIVERSAS TRADIÇÕES E NARRATIVAS DA UMBANDA NO BRASIL

O processo da criação de Umbanda é um processo puramente sociológico, não obedecendo senão a causas sociais, não se explicando senão pelo contato das civilizações. Mas se o vulgo pode aceitar a contradição em si próprio, pois não a sente, aquele que reflete deseja ultrapassar o estágio do homem marginal, dividido contra si mesmo; daí, essas racionalizações. No entanto elas permanecem frágeis ou contraditórias, pois, sob a harmonia do sistema, nem por isso deixam os mitos de continuar. Uma dentre as duas correntes acabará por vencer, corrente que será ora o Espiritismo, ora a macumba africana, mas a macumba elevada à altura de uma requintada teogonia.  
(Roger Bastide)

Existe o tempo do fato histórico e o tempo da memória. Em torno da religião Umbanda houve diversas construções de narrativas que pudessem dar condições para que ela se tornasse uma prática religiosa lícita e aceitável perante a sociedade brasileira de tradição católica. Marilena Chauí analisa que no sentido antropológico:

“a narrativa é a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade.” (2001, p.5).

A história da Umbanda é longa e complexa. Por um lado encontramos o movimento umbandista brasileiro que se espalhou pelo Brasil com abertura de Tendas, Centros, Templos, Cabanas, Terreiros, etc. Como estava no controle popular, sua organização religiosa, com crenças e ritos, se manifestou na prática e criatividade de seus dirigentes, tendo como base a tradição oral e a autoridade da divindade da casa, subtendida em espíritos de Caboclos, Pretos- Velhos ou mesmo Exus. Multiplicaram-se essas experiências religiosas pelo Brasil ao longo do século XX e pouco diálogo havia entre elas. Na direção de promover uma visibilidade e legitimidade a cada Centro, as casas religiosas se aglutinaram em federações, agremiações, colegiados, uniões, conselhos e até primados na tentativa de dialogar, de se organizar socialmente, de buscar pontos de homogeneidade e unidade entre os religiosos. Essa tentativa se fez, também, nas esferas estaduais. O resultado foram centenas de organizações religiosas umbandistas com os mais diversos objetivos e metodologias de trabalho. Chegou-se, até mesmo a cogitar um papado de Umbanda<sup>57</sup> na tentativa de colocar um término nas contradições advindas de diferenças doutrinárias e de prática religiosa que grassava a religião e a enfraquecia diante das perseguições e discriminações que tinha que enfrentar no âmbito local.

Por outro lado, a religião tinha diversos inimigos comuns como a Igreja Católica, a perseguição política, a legislação vigente que a enquadrava como religião ilícita portando superstições, charlatanismo e exercício ilegal da medicina, além da incompreensão das pessoas comuns que a confundia com religiões mágicas tidas como perniciosas. A palavra ‘macumba’ e ‘macumbeiro’ ganhou uma conotação pejorativa de poder destruidor trazendo insegurança e medo ao público em geral. Os meios de comunicação da época utilizavam esses conceitos livremente e de forma distorcida para disseminar o temor e o afastamento das pessoas de tais

---

<sup>57</sup> Em 1952 um grupo de presidentes de Tendas no Rio de Janeiro lançou o desafio de criar um papado de Umbanda, aos moldes da Igreja Católica, com um chefe supremo e um grande conselho de presidentes. Sua função seria normatizar a religião com um único ritual para todas as casas, um catecismo próprio, uma escola de médiuns, procissões, batizados e casamentos, hinos, cânticos, e casas de caridade como parte integrante da religião. Acreditava essa parcela de dirigentes que com a unificação das leis da Umbanda o povo brasileiro teria uma religião ‘grandiosa’. A ideia foi logo rebatida por outros dirigentes que se opunham a unificação das tendas espíritas. Afirmavam que o ritual e a liturgia já existiam na religião e que não havia necessidade de papas, cardeais ou bispos (TRINDADE, 2014, pp.62-66).

grupos religiosos, e isso foi criando um saber de senso comum em relação às religiões que portavam elementos da cultura africana. Eram corriqueiras as notícias nos jornais a respeito de prisões de ‘macumbeiros’ e de ‘falsos médicos’(confundidos com zeladores de casas religiosas) ou mesmo de pessoas que eram internadas em sanatórios mentais porque haviam ‘enlouquecidas’ nos trabalhos espirituais das Tendas de Umbanda.

Por tudo isso, não foram raros os esforços de legitimar a religião, fazendo tentativas filosóficas de purificação das práticas africanas subjacentes à mesma e que teimavam em sobreviver em festas populares religiosas como a macumba, o jongo, a cabula, o omelokô e o candomblé de Caboclo. Eram práticas que os remanescentes de escravizados traziam de seus ancestrais e as revitalizavam no seu presente, no novo contexto de cidade que não os integrava por sua cor e suas histórias de vida. Os invisíveis sociais ganhavam notoriedade na ‘calada da noite’ quando evocavam seus antepassados para que se fizessem presentes e indicassem o caminho que deviam tomar na nova conjuntura de cidade grande e cultura moderna.

A Umbanda foi perseguida, também, por ser uma religião considerada Espírita. A perseguição às manifestações espíritas não foi novidade no país. Ronaldo Vainfas (1995) ao estudar a história das práticas religiosas indígenas no Brasil relata a perseguição às santidades, práticas dos indígenas do recôncavo baiano onde os xamãs, chamados de caraíbas, conduziam o povo à ‘Terra sem Males’, perdida no sertão da América Portuguesa. Lá era onde não haveria fome, nem sofrimento e nem morte. A santidade do Jaguaribe foi formada e destruída na década de 80 do século XVI e dela temos a narrativa do padre Manoel da Nóbrega mostrando como se dava a manifestação da santidade nos indígenas:

Em chegando o feiticeiro com muita festa ao lugar, entra em uma casa escura e põe uma cabaça que traz em figura humana, em parte mais conveniente para os seus enganos. Mudando a própria voz em a de menino junto da cabaça lhes diz que não curem de trabalhar, nem vão à roça, que o mantimento por si crescerá, e que nunca lhes faltará que comer, e que por si virá á casa, e que as enxadas irão a cavar, e as frechas irão ao mato por caça para seu senhor e que hão de matar muitos dos seus contra rios e captiuarão muitos para seus comeres e promete lhes larga vida, e que as velhas se hão de tornar moças e as filhas que as deem a quem quiserem e outras cousas semelhantes lhes diz e promete, com que os engana, de maneira que creem haver dentro da cabaça alguma cousa santa e divina, que lhes diz aquellas cousas, as quaes creem. Acabando de falar o feiticeiro começam a tremer, principalmente as mulheres, com grandes tremores em seu corpo, que parecem endemoninhadas (como de certo o são), deitando-



se em terra, e escumando pelas bocas e nisto lhes persuade o feiticeiro que então lhes entra a santidade (NAVARRO, 1988.p. 419-420).

Religiões com manifestações de espíritos de mortos ou os chamados encantados<sup>58</sup> nunca foram bem vistas nas Colônias portuguesas e no Brasil imperial e republicano. Eram tidas pelas instituições religiosas e pelos meios de comunicação como ignorância, selvageria, primitivismo, superstições, e por isso deveriam ser eliminadas. A Umbanda, na medida em que se institucionalizava, também via a necessidade de se diferenciar do Espiritismo Kardecista, mesmo tendo sua base de crenças fincadas nesta tradição. Tudo isso, fez com que se criasse uma narrativa contundente, que pudesse fornecer à religião autoridade para legitimar suas práticas religiosas no Brasil na qual ela se expandia. Mas como fazer isso se realmente havia pretos e índios como centro de revelação da religião?

### 2.1.1 Um fundador e uma tenda que gerou outras tendas: a Umbanda que nasce no Rio de Janeiro

É por que a religião afro brasileira é aquela que tem muito fundamento dos que os negros trouxeram né? Da África. Que é o caso do Candomblé, que o Candomblé é brasileiro ele não é africano né? Mas tem a ritualística, os festejos africanos. E a Umbanda que eu acredito seja Umbanda mesmo, essa tem pouco tempo, tem cento e pouco tempo né? Centro e dez anos agora. É trazida pelo Zélio de Moraes né? Fernandino e pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas que é um dos mais simples que tem. Você conhece a historia não é? Então essa é a Umbanda, e que eu sempre acreditei, pra mim essa é a Umbanda.  
( Mãe Conceição)

---

<sup>58</sup> Os encantados são pessoas que não morreram, mas se tornaram encantadas porque foram atraídas por outros encantados para seu local de encanto que pode ser rios ou matas. Eles são invisíveis, mas possuem corpo e espírito e podem se manifestar de várias formas. Uma delas é através da incorporação em pessoas que tem o dom do xamanismo ou da pajelança. (MAUÉS, 2001, p.265).

A narrativa mais aceitável e divulgada<sup>59</sup> foi aquela que gerou uma linha histórica do tempo. A Umbanda teria se iniciado com Zélio Fernandino de Moraes em 1908 no Rio de Janeiro, que era capital do Brasil na época. Nesta narrativa aparece um jovem de 17 anos que tem perturbações físicas e mentais entendidas como ‘ataques’ e que não foram sanadas pela medicina local através de seu tio Epaminondas de Moraes que era psiquiatra e diretor da ‘Colônia dos alienados’ em Vargem Alegre. É levado a um padre, que era também tio da família, o qual ministrou uma sessão de exorcismo. Não resolvendo o caso, convidou outros dois padres para uma nova sessão, que também não solucionou o problema. No dia seguinte, 14 de novembro, o jovem amanheceu com uma paralisia facial. Então sua mãe, Leonor Moraes, o levou a uma negra benzedeira, por nome Eva, que incorporava um Preto-Velho chamado Tio Antônio e ao conversar com Zélio lhe comunicou que este tinha uma mediunidade muito grande e que após algum tempo ele seria o aparelho de outro Preto-Velho chamado Pai Antônio, o qual ele receberia para trabalhar na caridade com os necessitados.

Não satisfeito com a avaliação da negra senhora, o pai, Joaquim Fernandino Costa levou o filho no dia seguinte à sede da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro em Niterói e lá se manifestou nele um espírito de um Caboclo que se identificou como Caboclo Sete Encruzilhadas. Junto com ele se fez presentes outros espíritos de Caboclos e Pretos-velhos, o que deixou confuso o diretor da sessão, José de Souza, que pediu a retirada daqueles espíritos ‘baixos’. Segundo a narrativa, travou-se um diálogo entre o Caboclo e o presidente da Federação Espírita, onde aquele fez algumas revelações:

1. Que havia preconceito de origem e de cor naqueles médiuns ali presentes que ficaram ‘horrorizados’ de se comunicarem com espíritos ‘atrasados’;

2. Que no dia seguinte se iniciaria uma nova prática religiosa na casa de Zélio, onde espíritos de pretos e índios dariam sua mensagem aos mais humildes “simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos”;

---

<sup>59</sup> Os sites de Umbanda na sua maioria e os cursos de formação dos novos médiuns nos Centros de Umbanda repetem essa versão. O dia 15 de novembro passou a ser o Dia Nacional da Umbanda segundo a Lei 12.644 de 16/05/2014 a ser comemorado juntamente com o dia da Proclamação da República. Em 22/07/2009, essa narrativa se tornou a justificativa para que a Umbanda se tornasse patrimônio imaterial do estado do Rio de Janeiro segundo a Lei nº2274/2009 que foi sancionada pelo governador Sérgio Cabral.

3. Que os Espíritas Kardecistas haviam criado uma representação de separação social e racial para o mundo dos mortos e afirmou que Caboclos e Preto-Velhos também podem trazer importantes mensagens do 'Além';

4. Que haveria muitas mudanças morais nos comportamentos dos seres humanos tais quais: a emancipação feminina, a exploração sexual, o consumismo, as mudanças de gênero e mudanças políticas que teriam como consequências:

Uma onda de sangue varrerá a Europa e quando todos pensarem que o pior já foi atingido, outra onda de sangue, muito pior que a primeira voltará a envolver a humanidade e um único engenheiro militar será capaz de destruir, em segundos, milhares de pessoas. O homem será uma vítima de sua própria máquina de destruição (LINARES, 2018, p.23).

5. Que essa nova religião se chamaria 'Alabanda' cujos objetivos seriam de harmonizar as famílias e que ela perduraria entre as gerações, e seria realizada numa casa, ao redor de uma mesa onde:

Toda e qualquer entidade que queira se manifestar independente daquilo que haja sido em vida, e todos serão ouvidos e nós aprenderemos com aqueles espíritos que souberem mais e ensinaremos aqueles que souberem menos e a nenhum viraremos as costas nem diremos não, pois esta é a vontade do Pai (TRINDADE, 2014, p.123).

6. Por fim, daquele dia em diante a casa de Zélio onde se desenvolveria esse culto se chamaria Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, dedicada a Maria que "acolheu Jesus da mesma forma que a religião ampararia os desesperados".

Talvez esses fatos acima citados, atualmente reproduzidos em revistas, jornais e sites de casas umbandistas, e repetidos por muitos adeptos da Umbanda nunca tenha acontecido<sup>60</sup>, mas é válido notar a representação simbólica presente na narrativa. A religião nasce com um jovem e não com um idoso. Era um jovem estudante, filho de uma classe média de militares, que terminara seus estudos

<sup>60</sup> Os fatos acima descritos foram resgatados apenas na década de 70. Inicialmente foi publicada e divulgada por uma mulher no boletim de Umbanda chamado MACAIA, que era confeccionada na Tenda de Umbanda Luz, Esperança e Fraternidade-TULEF (inicialmente se chamava Tenda Nossa Senhora do Rosário). A médium do Caboclo Oxóssi Mata Virgem, Lilia Ribeiro, na edição de abril de 1971 publicou como matéria de capa *Umbanda - A manifestação do Espírito para a caridade-Homenagem a Zélio de Moraes*. Para a matéria, Lília fez entrevistas gravadas com Zélio que na época estava com 81 anos e que narrou sua história, do Caboclo Sete Encruzilhadas e das tendas que fundou. A entrevista pode ser verificada no <http://www.Umbanda.com.br/index.php/gravacoes-e-videos-historicos> ou <https://www.youtube.com/watch?v=kTfoSdDHJE4>. Em 1972, o radialista e umbandista Ronaldo Linares fez outra entrevista com ele e foi um dos primeiros a divulgar a história de Zélio e a Umbanda para os jornais de grande circulação em São Paulo e na televisão. (TRINDADE, 2009a, pp.213-214). Em 1977, o Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda- CONDU reconheceu a Umbanda como religião nacional fundada por Zélio de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

secundários no início do século XX. Representa a nova geração pós-proclamação da República na capital do Brasil e ao mesmo tempo o jovem 'Brasil', uma vez que o número de analfabetos era muito grande e raro aqueles jovens que conseguiam terminar os estudos secundários. Esse jovem passou a manifestar doenças, tidas como 'males' mentais e físicos. Dizia-se que ele mudava de timbre de voz, conversava sozinho e com sotaques diferentes, mudava de personalidades e seu corpo se transformava como se tivesse fazendo atuações teatrais.

O jovem passou por quatro tentativas de reabilitação: o médico, o padre, a benzedeira e o espírita. O médico relembra a ciência formal cuja pretensão é curar a mente e o corpo. A medicina estava chegando e se ampliando aqui no Brasil. Mesmo assim, o médico, que era, inclusive, da família do rapaz, não conseguiu prescrever tratamento, pois não tinha conhecimento científico para combater a doença que se manifestava no rapaz. O padre, por sua vez, também da família, apresenta a presença do catolicismo com seus conhecimentos teológicos, que se tornam obsoletos na cura do jovem rapaz. A benzedeira negra era conhecida na vizinhança. Ela representa a presença da religiosidade e sabedoria afrobrasileira, transmitida através das mulheres negras, filhas de ex-escravizados, que são portadoras da memória e da ancestralidade africana. Ela não cura, mas analisa os sintomas, faz o diagnóstico e prescreve o tratamento que deve ser feito.

Desconfiado em se entregar totalmente ao tratamento da negra, pois seu conhecimento era tido como não oficial, o jovem é levado à sede da Federação Espírita, aonde 'espíritos desencarnados' se manifestam e um Caboclo de tradição indígena se revela. Ele fala, age, e acima de tudo proclama a vinda de uma nova religião, que aconteceria num ambiente doméstico, para que esses espíritos advindos de camadas mais inferiores da escala social brasileira pudessem se manifestar. É a volta para a casa. Ela seria uma religião diferenciada com seu próprio 'status', mas sua fundamentação viria do Espiritismo. Ela é anunciada de dentro da sede da Federação, que era o centro de coordenação dos Centros Espíritas na época. Assim a umbanda nasce, nesta narrativa, como filha do Espiritismo, mas seguiu seu caminho próprio, onde as tradições de cura, do catolicismo e das práticas africanas continuaram a coexistir no mesmo ambiente.

Nos diálogos travados entre o representante do mundo dos vivos e o representante do mundo dos mortos, aparece o objetivo da religião: aconselhar e

cuidar dos marginalizados, chamados de ‘humildes’. A casa de Zélio passou-se a chamar ‘Tenda’ e passou a ter referência de Nossa Senhora e com ela rituais do catolicismo<sup>61</sup>. A mesa da sala se tornou a mesa com médiuns (que era comum aos Centros Espíritas na época) para receber as mensagens de seres espirituais e mais tarde para a desobessão. A foto abaixo ilustra os trabalhos religiosos na Tenda Nossa Senhora da Piedade-TENSP, com a mesa formada e os médiuns ao redor dela. Outros médiuns de branco estão de pé. Ao fundo o congá, muito parecido com o altar católico ornado de imagens de santos. Nas laterais um quadro de Preto-Velho à esquerda e de Caboclo à direita. Está formada a Umbanda que serviu de modelo para as casas de Umbanda na cidade de Goiânia.



Figura 36: A mesa Kardecista no Centro de Umbanda. Reunião dos dirigentes das Tendias fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, presidida por Zélio de Moraes na TENSP.S/D. Disponível em: <https://www.tensp.org/fotografias-historicas>. Acesso em 9 de fev.2019.

Como se lê no primeiro capítulo desta tese, o coronel Joaquim de Souza Junior, conhecido como Quinzinho, juntamente com sua esposa, tinha experiência com a Umbanda carioca e ao morarem em Goiânia, na década de 50, trouxeram essa experiência do Rio de Janeiro que serviu de paradigma para outros Centros de Umbanda que passariam a existir na cidade.

<sup>61</sup> Zélio em entrevista diz ter sido católico justificando assim ritos católicos e uso de imagens de santos em sua tenda. De fato ele não era e nem vinha de família Espírita.

Também, na década de 60, dona Leda Xavier, vai para Niterói para a casa de sua prima. Na época estava muito doente e foi lá que encontrou a cura e a inspiração para fundar o Centro Espiritualista de Umbanda Pai Joaquim de Angola:

Ao ser atendida naquela casa, o Mentor Pai Joaquim de Aruanda esclarece a missão de fundar em Goiânia uma casa Espírita nos moldes da cabana de Niterói. Orientou-a para retornar e iniciar o funcionamento da casa sob a responsabilidade de Pai Joaquim de Angola como Mentor e com a incumbência de realizar pelo menos uma vez na semana um trabalho na linha das Almas ([http://www.ceupja.com.br/historia-da-casa/Acesso em 09 fev.2019](http://www.ceupja.com.br/historia-da-casa/Acesso_em_09_fev.2019)).

Na década de 50, quando a Umbanda começa a despontar na capital do Goiás, os Centros de Umbanda já estão consolidados no Rio de Janeiro e em São Paulo.



Figura 37: Tia Leda na fundação de seu Centro de Umbanda.  
Construção da sede atual do C.E.U. Pai Joaquim de Angola no Setor Urias Magalhães.  
Disponível em: <http://www.ceupja.com.br/historia-da-casa/>. Acesso em 09 de fev.2019.

Na noite da primeira sessão na TENSP, se registrou a primeira cura: de um paraplégico. Nesta mesma noite, Zélio através de seu Caboclo, colocou as regras da casa, que mais tarde se tornou normas para muitos Centros de Umbanda no Rio e em Goiânia:

1. O culto religioso se chamaria sessão
2. O templo religioso se chamaria 'tenda'
3. O horário do culto deveria ser das 20hs às 22hs

4. O uniforme dos 'trabalhadores' deveria ser branco de tecidos leves
5. Os cânticos deveriam ser cantados sem acompanhamento de atabaques ou de palmas
6. Deveria ter atendimento ao público gratuito e sem retribuição financeira com passes e com recuperação de pessoas obsedadas

A Tenda prosperou. Curiosos, jornalistas, médiuns, doentes se aproximaram da casa religiosa para conhecimento ou curas. Matérias eram publicadas em jornais e livros começaram a ser publicados sobre o tema.

Em 1925, Antônio Eliezer Leal de Souza organizou e publicou o que é considerado como primeiro livro de Umbanda<sup>62</sup>. Recebeu o título *No mundo dos espíritos*, onde descreve sua ida a diversos Centros Espíritas, de Umbanda, Kardecistas e de macumba para revelar ao público, através de matérias jornalísticas, as manifestações dos espíritos de mortos e sua comunicação com os vivos. Ele os chamou de 'inquérito com os espíritos' tentando confrontá-los com o saber científico da época. Oito anos depois, já convertido totalmente à Umbanda, ele publicou o opúsculo intitulado *O Espiritismo, a magia e as sete linhas de Umbanda*. Saiu inicialmente como diversos artigos do jornalista para uma coluna do jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro. Tido pelo jornal como imparcial em suas observações e análises, ele demonstrou a difusão dos Centros Espíritas no Rio de Janeiro e diferenciou a magia negra da magia branca. De fato, o livro tem como objetivo mostrar as diferenciações do Espiritismo do Rio de Janeiro e esclarecer ao público a diferença entre Espiritismo e feitiçaria. Leal de Souza fez a primeira diferenciação entre os diversos Espiritismos e cunhou o que ele chamou de falso Espiritismo. Para ele:

O falso Espiritismo tem duas faces: - a deturpação da doutrina e o fingimento sistemático de manifestações de espíritos. Ajustam-se essas duas faces num só rosto, constituindo a fisionomia dos exploradores que enganam e roubam os ingênuos ou ignorantes (SOUZA, 1933, p. 28).

Essa também foi uma preocupação em Goiânia revelada nas práticas da Federação, pois assim que foi fundada formou uma comissão para visitar os Centros

---

<sup>62</sup> Diamantino Trindade Fernandes o considera o primeiro intelectual de Umbanda com essa publicação. Alexandre Cumino também reitera essa ideia. No livro, o autor não tem a pretensão de descrever a Umbanda e nem descreve apenas fenômenos da Umbanda, mas nele se encontra sua visita a Tenda Nossa Senhora da Piedade e seu diálogo com o Caboclo Sete Encruzilhadas (TRINDADE, 2009b, p.11; CUMINO, 2010, p. 223).

de Umbanda na capital, registrá-los a fim de reunir os que eram considerados ‘verdadeiros’ e separá-los de outras experiências que fugiam do modelo vigente e, portanto, considerados ilícitos.

Realizar testes em médiuns para comprovar realmente suas incorporações e ter certeza de que não estavam fingindo foi outra preocupação dos Centros e Umbanda no Rio e da Federação em Goiânia. Dona Roxa lembra-se dos testes aos quais eram submetidos os médiuns para que a Federação tivesse certeza de que as manifestações espirituais eram verdadeiras, separando-as assim das mistificações:

Todo médiuns passou por puro teste, se não fizesse o teste não ficava [...] O teste... ele fazia teste de fogo, fazia teste de pólvora, fazia teste de [...] Prá ver se o espírito tava incorporado. O meu eu passei! Eu não tenho medo. Aí ele ainda deu o diploma da gente, tudo, acho que eu ainda tenho carteirinha aí dentro... ai, ai a gente, muitos anos atrás, aí foi trabalhando... (DEPOIMENTO DONA ROXA, 2018, p.8).

Dona Maria Baiana relembra que na Umbanda da década de 70 eram exigidos diversos testes para os médiuns que incorporavam no terreiro e que estes eram testes físicos, culminando em dores nos corpo:

Nossa... Umbanda naquela época era bem primitiva, não tem essa evolução que tem a Umbanda hoje. Eu falo muito pros meus meninos, pros médiuns aqui em casa, eu falo: “gente vocês fosse na minha época, desenvolvido na minha época, era tudo muito primitivo. Era teste para você incorporar né? Passava por coisa muito sofrida. [...] Era, era muito sofrida. [...] Obrigava assim, pra poder provar que você estava incorporada né? Se cortava, se queimava né? Era muitas coisas que eles faziam teste na gente.[...] Era muito dolorido (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.14).

O Rio de Janeiro parece ter experimentado um *boom* de explosão religiosa com a criação de centenas de Centros Espíritas no fim do século XIX e primeira metade do século XX<sup>63</sup>. O fenômeno da magia, que portava as tradições africanas guardadas nos Centros de Macumbas, no Rio de Janeiro, eram motivos de curiosidade por um lado e medo de outro. Como a alta sociedade carioca começou a aderir aos fenômenos espíritas, isso chamou a atenção dos jornais da época que começaram a enviar jornalistas para escrever sobre os fenômenos do sobrenatural.

---

<sup>63</sup> Os primeiros Centros espíritas inspirados no Espiritismo francês de Alan Kardec surgem no Brasil a partir de 1850 e encontrou um terreno fértil para crescer, uma vez que as religiões indígenas e africanas também tinham a tradição de comunicação com os familiares já falecidos. Também lideranças médicas ou governamentais poderiam vir do mundo dos mortos para trazer aos vivos, receitas de remédios ou decisões a serem tomadas pelo bem do grupo. Assim, quando os Centros Espíritas Kardecistas surgem, já havia inúmeros grupos que se reuniam para esses contatos com o sobrenatural (PRIORE, 2014).



Além deles, a população começou a procurar mais e mais Centros Espíritas nas periferias para atendimento.

A literatura umbandista, na tentativa de construir uma história legítima da Umbanda a partir da tradição de Zélio e seu Caboclo demonstra que surgiram mais sete tendas, derivadas da casa de Zélio de Moraes, a saber:

1918: Tenda Nossa Senhora da Conceição fundada e dirigida por Gabriela Dionysio Soares, mas que por volta de 1930, Antônio Eliezer Leal de Souza assumiu a presidência;

1925: Tenda São Pedro presidida por José Meireles Alves;

1927: Tenda Nossa Senhora da Guia, dirigida por Duval de Souza;

1933: Tenda santa Bárbara, cujo presidente foi João Aguiar Filho;

1935: Tenda Espirita São Jorge onde foi dirigente João Severino dos Santos;

1935: Tenda Espirita São Jerônimo com a direção do capitão José Alvares Pessoa;

1939: Tenda Espirita Oxalá cujo presidente foi o médico Paulo Lavois.

Essas casas eram coordenadas mensalmente em reuniões com Zélio de Moraes que colocava em terra o Caboclo das Sete Encruzilhadas para nortear e dirimir questões em relação à gestão das mesmas. Todas essas casas religiosas foram coordenadas por homens, exceto a Tenda Nossa Senhora da Conceição que foi a primeira a ser fundada e o foi por uma mulher. Nada sabemos sobre ela e também não sabemos o motivo de Leal de Souza ocupar seu lugar, apenas que ela tinha um Caboclo por nome Sapoéba.

No Rio de Janeiro, após a libertação dos escravizados, os remanescentes se reuniam em cortiços e casebres no Centro da cidade e acreditavam ter liberdade para, livremente, colocar em práticas as religiões recebidas de seus antepassados. Entretanto, esses descendentes coexistiam com grupos de elite republicana que davam o tom político e social na capital, recriando as diferenciações sociais da antiga sociedade escravocrata.

## 2.1.2 A Umbanda nasce na Índia e se expande pela África e Brasil

Desde, porém, que estudiosos da doutrina de Jesus se dedicaram a pesquisar os fundamentos desta grande filosofia, que é, ao mesmo tempo, Luz, Amor e Verdade, e a praticam hoje, sincera e devotadamente em sua alta finalidade de congregar, educar e encaminhar as almas para Deus, o Espiritismo de Umbanda readquiriu o seu prestígio milenar, assim como o acatamento e respeito das autoridades brasileiras. (Diamantino Coelho Fernandes)

No dia 19 de outubro de 1941 o jornal *O imparcial* publicou uma matéria de capa intitulada *Reunidos em assembleia Caboclos e africanos*<sup>64</sup>. Nele anunciava que mais de 30 Centros, representando a Umbanda do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Bahia estariam reunidos na antiga capital para participarem do 1º Congresso de Espiritismo de Umbanda. No artigo publicado o jornalista afirmava que “o Espiritismo de Umbanda é uma religião com mais de dez mil anos de existência e durante todos esses anos foi seguida por homens cultos”(JORNAL O IMPARCIAL, 1941, p.2). De fato o primeiro Congresso reuniu homens letrados que pudessem expor seus pensamentos elaborados sobre a Umbanda, religião que tinham adotado como prática de sua fé.

O Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda foi realizado entre os dias 19 a 26 de outubro de 1941 no centro do Rio de Janeiro e promovido pela Federação Espirita de Umbanda, fundada em 1939<sup>65</sup>. Entendia-se a Umbanda como uma “modalidade de práticas Espíritas cujo número de adeptos cresce de modo notável por toda parte”, mas que ao mesmo tempo não tinha homogeneidade em suas práticas e as pessoas acabavam confundindo-a com “outras práticas inferiores de Espiritismo” (FEDERAÇÃO ESPIRITA DE UMBANDA, 1942). Era objetivo de o Congresso esclarecer a identidade do que chamaram de ‘Espiritismo de Umbanda’, expurgando os que não comungavam com ela de suas fileiras: “ a fim de varrer o

---

<sup>64</sup> Jornal O imparcial. Rio de Janeiro, Edição 1964 de 19/10/1941.

<sup>65</sup> A Federação Espirita de Umbanda foi fundada em 1939. Derivou da Federação Espirita de Umbanda do Brasil fundada em 1937 com o objetivo de “oferecer proteção aos seus filiados contra a repressão policial.” Seu primeiro presidente foi Zélio de Moraes a pedido, segundo ele, do Caboclo Sete Encruzilhadas (Trindade, 2009a, p.166).

que aí se praticava com o nome de Espiritismo de Umbanda” (FEDERAÇÃO ESPIRITA DE UMBANDA, 1942).

**DIARIO CARIOCA — Terça-feira, 28 de Outubro de 1941**



Figura 38: Anuncio em jornal das conclusões do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda

Foto disponível em: <https://www.slideshare.net/cbusa/as-origens-da-Umbanda-ii>. Acesso em 25 de jan. 2019.

O presidente da Federação que convocou o Congresso foi Eurico Ladgen Moerbeck, que era chefe do Departamento de Correios e Telégrafos do Estado do Rio de Janeiro e o comitê organizador ficou por conta do engenheiro Jayme Madrugá. Também Alfredo Rego que era funcionário do Ministério da Educação e Saúde e Diamantino Coelho Fernandes que era Chefe de publicidade do *Jornal do Comércio*, secretário e vice-presidente da Federação estavam juntos nesta comissão.

Para a organização do Congresso foi criada pela Federação uma comissão que fez visitas em alguns Centros de Umbanda como a Tenda São Jerônimo, Tenda São Jorge, Tenda Humildade e Caridade, Tenda Nossa Senhora da Conceição, dentre outras.

No encontro foi proposto a desafricanização da Umbanda com o intuito de fugir da repressão policial<sup>66</sup> que era muito grande naquele momento e ao mesmo tempo revelar uma religião dentro dos moldes positivista, postulando a evolução. Ora, evoluir para a elite brasileira naquele momento passava pela miscigenação das raças<sup>67</sup>, desde que os negros integrassem a chamada raça branca, entendida como superior, para formar a nova nação que estava em busca de identidade. Desta forma, um dos trabalhos apresentados no Congresso foi obra de Diamantino Coelho Fernandes, que era médium da Tenda Espírita Mirim. Essa Tenda foi fundada por Benjamim Gonçalves Figueiredo que procedia de uma família de tradição espírita. A avó de Benjamim foi uma das primeiras pessoas a trazer o Espiritismo da França para o Brasil. Ele era, portanto, praticante da doutrina kardecista junto com sua família, mas em 1920 incorporou o Caboclo Mirim e com isso ficou insustentável permanecer no Centro Kardecista. Foi para a TENSF e lá desenvolveu sua mediunidade umbandista. Em 1924 fundou a Tenda Espírita Mirim, contando com colaboradores como Diamantino que também vinha do Kardecismo.

A Tenda cresceu ao ponto de 28 anos depois fundar o Primado de Umbanda e a primeira escola iniciática de Umbanda para estimular os estudos de Umbanda e dar formação sacerdotal. A Tenda Mirim foi a oposição ao Candomblé. Sua tentativa de purificar a religião dos negros pelos brancos foi adotada posteriormente por outras Tendências. Benjamim eliminou todo o sincretismo com as imagens católicas e

---

<sup>66</sup> Espíritas, umbandistas e macumbeiros foram perseguidos pela força policial. Era comum encontrar matérias nos jornais que circulavam pela cidade fazendo sensacionalismo com homens e mulheres que eram presos acusados de praticar feitiçaria ou curandeirismo. No *Diário da Noite* de 25 de março de 1930, a matéria a ser lida trazia o seguinte título: “vão sofrer os rigores da lei: o Caboclo “ouro preto” da linha de “Umbanda” perdeu o prestígio”. Em seguida relata o caso da prisão de dois religiosos, Claudemiro e Domingos, que foram condenados a três meses de cadeia e a pagamentos de multas por exercer falsa medicina na cura de moléstias como espinhela caída, ventre virado, fluido dos rins e mal dos pobres no Centro de macumba e o jornalista conclui: “Desta vez o seu Caboclo não teve forças para salvá-lo da penitenciária”. A foto colocada no jornal dos dois homens revela que eram negros (DIÁRIO DA NOITE, 25/07/1930, edição 248. P.5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961\\_01&PagFis=775&Pesq=Umbanda](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961_01&PagFis=775&Pesq=Umbanda). Acesso em 18 de fev. 2019.

<sup>67</sup> O termo raça usado nesta pesquisa parte do pressuposto que a maioria dos pesquisadores brasileiros que atuam na área das relações raciais e interétnicas recorrem com mais frequências ao conceito de raça. Ele é usado não para afirmar sua realidade biológica, mas sim para explicar o racismo, na medida em que este fenômeno continua a se basear na crença da existência de raças hierarquizadas. É realidade que alguns pesquisadores tentaram substituir o termo ‘raça’ pelo termo ‘etnia’, mas isso não destruiu o sistema de relações hierarquizadas que foi construído séculos atrás. O racismo de ontem continua atualmente sob o nome de etnia ou identidade cultural e se expressa em mentalidades e crenças onde o racismo teima em sobreviver e se reformular. (Munanga, 2014, p. 12-13)

retirou todas as guias que se usavam. Toda prática de ‘camarinha’ ou de ‘obrigação’ e ‘recolhimento’ que tinha no Candomblé e que era comum às práticas religiosas do povo afro-brasileiro foram abolidas pela Tenda Mirim. Assim, toda relação com as macumbas cariocas, com o catolicismo e com a cultura africana desapareceu em sua Tenda (Trindade, 2010, pp.85-86).

Neste modelo de Umbanda a única imagem que se preservou foi a de Jesus Cristo, acima da altura da cabeça dos médiuns com a inscrição: *o médium supremo*. A experiência da Tenda Mirim gerou uma literatura que se aproxima da parte esotérica da religião, propondo uma hierarquia pautada em sete graus de iniciação, utilizando a terminologia da língua nheengatu para identificar os respectivos graus de evolução aonde cada médium vai ascendendo no ritmo de seu próprio desenvolvimento espiritual<sup>68</sup>. Na tenda Mirim não se usava velas e não se trabalhava com Exú, bastante pré-conceituado por Benjamim. A partir dessa experiência, Diamantino montou seu texto de filosofia e história da Umbanda colocando o início da religião fora do Brasil e existente no mundo há milhares de anos:

O Espiritismo de Umbanda existiu sempre entre as raças espiritualmente mais adiantadas do globo terrestre [...]vamos encontrá-la, de forma copiosa, abundante, em vários sistemas filosóficos mais antigos de povos de todas as raças terem alcançado o mais alto grau de cultura filosófica que é possível alcançar em nosso mundo atual (FEDERAÇÃO DE ESPIRITISMO DE UMBANDA, 1942).

Segundo o autor, a palavra Umbanda tem sua tradução no sânscrito significando evolução constante ou fonte permanente de vida. Ela havia nascido e influenciado o sistema religioso da Índia como o Brahmanismo e o Vedantismo, bem como as filosofias gregas com Sócrates, Pitágoras e Platão. Seu objetivo era despertar nos seus adeptos o desejo de elevação moral pelo abandono de práticas viciadas, permitindo uma reencarnação melhor. E conclui:

A Umbanda que adotamos[...] outra coisa não é senão aquela mesma filosofia, ou conjunto de filosofia hindus, dentro das quais atingiram o grau máximo de evolução terrena algumas centenas de milhões de almas mais antigas que as nossas (FEDERAÇÃO DE ESPIRITISMO DE UMBANDA, 1942).

<sup>68</sup> São sete graus: 1º grau: Bojá mirim que são os médiuns iniciantes; 2º grau: Bojá que são os médiuns de descarrego; 3º grau: Bojáguaçu que são os médiuns que dão passes; 4º grau: Abaré-mirim que são os médiuns que tomam conta do terreiro e das sessões; 5º grau: Abaré são os médiuns que se tornam formadores de outros médiuns e se preparam para dar consultas espirituais; 6º grau: Abareguaçu são os médiuns que fazem trabalhos espirituais e se preparam para a escola de Comando e 7º grau: Morubixaba que são os médiuns comandantes e, portanto podem orientar todos os demais.

Essa história do nascimento e crescimento da Umbanda é totalmente diferente da narrativa de que Zélio fundou a Umbanda com seu Caboclo Sete Encruzilhadas. Aliás, essa memória não é citada nem lembrada no Congresso. Ao que tudo parece, Zélio não participou do Congresso, nem apresentou nenhum trabalho para reflexão e também não esteve em nenhuma mesa de conferências. Seu nome não é citado no livro final editado com as proposições do Congresso. Parece que essa narrativa de linha de história que começa em 1908 e continua com o Congresso não faz jus aos acontecimentos, chegando mesmo a ser discutido nos trabalhos científicos atuais como mito fundador (BROWN, 1985; GIUMBELLI, 2008; RIVAS, 2014).

A Umbanda no Brasil não tem um único fundador, e Zélio pode ser considerado um desses fundadores de Centro de Umbanda, mas isso não significa que a gênese da religião seja somente sua experiência religiosa<sup>69</sup>. Também há a ausência de Eliezer Leal de Souza que ainda estava vivo, mas não sabemos por que não participou do Congresso. Há apenas uma referência no Congresso ao Caboclo das Sete Encruzilhadas, feita por António Barbosa, presidente da Tenda Espírita São Jorge que o saúda como idealizador da Federação Espírita de Umbanda.

Os congressistas observaram que quem trouxe a Umbanda para o Brasil foram os sudaneses e os bantos, em 1530, quando vieram aqui traficados. Chegaram de Angola, Moçambique, Costa do Ouro, Costa dos Escravos, Congo e Sudão. E constata: “Daí o ritual semi-bárbaro sob o qual foi a Umbanda conhecida entre nós, e por muitos considerada magia negra ou Candomblé” (FEDERAÇÃO DE ESPIRITISMO DE UMBANDA, 1942). Segundo eles os povos africanos aprenderam e praticam os rituais da Umbanda de uma forma rudimentar e degradada. Também foram esses africanos que tiveram contato com os povos indianos. Esses indianos

---

<sup>69</sup> Emerson Giumbellini acredita que se pode distinguir as origens da Umbanda de sua fundação. Neste sentido, as origens da Umbanda estaria na cultura brasileira e Zélio pode ser um de seus fundadores. José Henrique Motta de Oliveira aponta que traçar uma cronologia para a história da Umbanda e referendar Zélio como seu fundador aponta para a força do mito social que legitimou a Umbanda enquanto religião diante das intolerâncias e perseguições que sofria. Toma emprestado da teologia o termo ‘anúncio’ e demonstra que com Zélio a Umbanda foi manifestada e ele seria seu profeta. Diana Brown aponta outro relato de fundação que seria com um grupo de kardecistas de classe média que começou a incorporar figuras afro-brasileiras em seus trabalhos espirituais no Rio de Janeiro. Já Mario Teixeira de Sá Junior aposta que a Umbanda deriva da macumba e preserva essas origens, mas o mito foi construído para revelar a nova nação que nascia do regime republicano, ao integrar as tradições brasileiras.

chegaram à África pelo continente perdido de Lemúria<sup>70</sup>, e na medida em que ele desapareceu, a raça negra também pereceu:

Morta, porém, a antiga civilização africana, após o cataclismo que destruiu a Lemúria, empobrecida e desprestigiada a raça negra, — segundo algumas opiniões, devido à sua desmedida prepotência no passado, em que chegou a escravizar uma boa parte da raça branca — os vários cultos e pompas religiosas daqueles povos sofreram então os efeitos do embrutecimento da raça, vindo, degrau em degrau, até ao nível em que a Umbanda se nos tornou conhecida (FEDERAÇÃO DE ESPIRITISMO DE UMBANDA, 1942).

Portanto, o Congresso afirmava que a Umbanda apesar de ter elementos da cultura africana, não era africana, uma vez que os povos africanos com suas características eram entendidos como povos inferiores na classificação das raças<sup>71</sup>.

A cultura afrobrasileira construída ao longo dos séculos de escravidão não fora admitida nem tampouco absorvida pela nova organização social que se fazia presente no Brasil republicano. Da mesma forma que os remanescentes não eram integrados na formação da nova sociedade brasileira. Sua cosmovisão de mundo, religiosidades e presença não eram acolhidas pela ‘modernidade’ que teimava em se fazer discurso na sociedade carioca. Sodré afirma que os escuros são:

Cidadãos postos no interior de um paradigma étnico que os socializa segundo as regras de uma branquitude imaginária, anacronicamente

---

<sup>70</sup> Em 1867 o cientista de zoologia e biologia Philip Sclater postulou uma teoria científica e a publicou na obra *Os mamíferos de Madagascar* onde provava que antes da separação dos continentes havia uma formação de terra que ligava Madagascar, a Índia meridional e a Austrália. Em torno desta teoria, ocultistas e esotéricos criaram teorias sobre as raças que ali existiram, muitas vezes colocando-os como descendentes de extraterrestres advindo de outros planetas. Essa raça foi tida como muito evoluída em relação às demais existentes no planeta Terra. No Brasil, o médium Francisco Candido Xavier publicou um livro em 1939 intitulado *A caminho da luz* onde menciona Lemúria e sua raça super desenvolvida, os arianos puros, que foi submergida pelos oceanos pacíficos e Índicos, restando alguns remanescentes destes na Austrália. A tese do cientista foi contestada em 2003 quando se estudou as placas tectônicas, comprovando que houve sim uma porção de terras ali, mas que havia desaparecido há 84 milhões de anos, portanto sendo improvável a existência de seres humanos (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lem%C3%BAria>. Acesso em 12 de jan.2019; Xavier, 1939, pp.23-24; 28).

<sup>71</sup> Sabe-se que os estudos de classificação das raças foram feitos para trazer a ideia de superioridade e inferioridade de povos que estavam dominando e sendo escravizados. Era importante no século XIX ter um estudo científico que comprovasse a prática centenária do tráfico de escravizados que existia desde o século XVI calcado em justificativas religiosas. Com o positivismo, era importante trazer a lume a evolução das espécies humanas, demonstrando que havia espécies superiores que pudessem justificar a escravidão e a exploração comercial das terras dos menos afortunados. Assim, em 1869 Samuel George Morton publicou o estudo *Crania americana* onde demonstrou, através de estudos de crânios, a superioridade dos caucasianos, uma vez que seu crânio tem uma estrutura mais complexa e avançada apontando para uma maior inteligência e capacidade de raciocínio. Nasceu, assim, o racismo científico. Com base nesses estudos Cesare Lombroso escreveu *O homem delinquente* em 1876 demonstrando que existe uma aptidão inata em determinados indivíduos para o crime e esses indivíduos seriam das raças inferiores. Somente em 1981 Stephen Jay Gould publicou *A falsa medida do homem* e provou que não existe relação alguma entre raças e os níveis de inteligência e desenvolvimento dos povos.

colocada no patamar superior de uma escala de valores com pretensão à universalidade humana (Sodré, 2015, p.12)

Deste modo, percebe-se a sobrevivência da herança psicossocial escravagista e autoritária de nosso país. Por outro lado, as elites e a classe média urbana da cidade também buscavam construir uma nova identidade de brasileiros calcados na ideologia da ‘modernidade’ e ‘civildade’, buscando modelos europeus como na belle époque francesa ou na cultura norte-americana<sup>72</sup>, na qual definitivamente a cultura popular não cabia. Para reforçar esse processo identitário de modelo branco europeu usou-se a ideologia do positivismo associado ao uso de leis. Assim, as práticas religiosas kardecistas passaram a ser vistas como métodos civilizados em detrimento de práticas afrobrasileiras que eram tidas como selvagens e de ignorantes:

O fim do sistema escravista, em 1888, coloca aos pensadores brasileiros uma questão até então não crucial: a construção de uma nação e de uma identidade nacional. Ora, esta se configura problemática, tendo em vista a nova categoria de cidadãos: os ex-escravizados negros. Como transformá-los em elementos constituintes da nacionalidade e da identidade brasileira quando a estrutura mental herdada do passado, que os considerava apenas como coisas e força animal de trabalho, ainda não mudou? Toda a preocupação da elite, apoiada nas teorias racistas da época, diz respeito à influência negativa que poderia resultar da herança inferior do negro nesse processo de formação da identidade étnica brasileira (Munanga, 1999, p. 51).

Escolas e faculdades públicas e privadas foram criadas nas capitais e em grandes cidades para os filhos da classe média e em 1934 é fundada a primeira universidade no Brasil voltada para que os filhos da classe alta pudessem estudar no país sem precisar ir para o exterior. Professores estrangeiros foram contratados pelo Estado paulista para que pudessem vir ao Brasil formar os novos doutores. Os livros que circulavam traziam uma concepção de fazer ciência, os avanços

---

<sup>72</sup> Tudo estava em mudança no fim do século XIX e início do século XX nas capitais brasileiras, principalmente na capital do Brasil: projetores de imagens, bondes elétricos, consumo do café e do cigarro, o uso dos chapéus permitindo o que se chamou de ‘elegância’, moveis, tapeçarias, vacinas e remédios industrializados, objetos de *toilette* individuais, a eletricidade iluminando as avenidas, os gramofones que chegavam da Europa, artigos de maquiagem e beleza...a cidade se transformava com os objetos importados, ritmos e ritos que lhes convocava a um novos hábitos sociais. O espaço privado e social era remodelado de acordo com os novos valores trazidos pela modernidade: individualismo, trabalho fabril como possibilidade de realização pessoal, mais formalidade e menos informalidade. A velocidade das máquinas urbanas solicitou das pessoas a velocidade no andar nas ruas: “caminhar pelas ruas sozinho e às pressas era chama-lo de “andar a americana”[...]o que caracteriza “o passo inglês” ou o “andar a americana” é sobretudo a atitude de total despreendimento por tudo e por todos que estão ao seu redor (SEVCENKO, 1998, p.551).



científicos experimentais, a cosmovisão e a experiência europeia ou norte americana de mundo no ensino das profissões. O Brasil apostava mais uma vez na dependência dos países desenvolvidos para formar uma elite que gestaria as instituições no Brasil, inclusive as religiosas. O Brasil republicano se pensava branco:

A pluralidade racial nascida do processo colonial representava, na cabeça dessa elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca, daí por que a raça tornou-se o eixo do grande debate nacional que se travava a partir do fim do século XIX e que repercutiu até meados do século XX. Elaboraões especulativas e ideológicas vestidas de cientificismo dos intelectuais e pensadores dessa época ajudariam hoje, se bem reinterpretadas, a compreender as dificuldades que os negros e seus descendentes mestiços encontram para construir uma identidade coletiva, politicamente mobilizadora (Munanga, 1999, p.51).

Aos poucos, o país foi conformando sua identidade nas ausências do que estavam presentes como valores no mundo moderno. Desta forma, surgiu a doutrina do embranquecimento e a tese da miscigenação como possibilidade de progresso para o Brasil (SCHWARCZ, 1998, pp. 174-243). É dentro deste contexto que as práticas religiosas afro-brasileiras serão marginalizadas, condenadas ou purificadas para que se tornassem religiões legítimas e civilizadas. Aliadas a isso, leis serão criadas para coibir práticas que cada vez mais serão vistas como transgressão à boa moral e a ordem social. O negro era visto como um apêndice nesta sociedade e tinha que desaparecer com ele a história da escravidão, suas crenças, suas histórias de vida, e suas resistências ao desaparecimento cultural<sup>73</sup>.

O Espiritismo, apesar de ser uma crença no sobrenatural e nos espíritos desencarnados que não se pode ver a olho nú e nem à luz das ciências, foi se compondo de cientistas e de pessoas das altas classes sociais que portavam crenças e atitudes religiosas as quais tendiam a ser 'racionais e civilizadas'. Suas reuniões aconteciam em torno de uma mesa com toalhas brancas e limpas; havia diálogo entre os vivos e os mortos; as mensagens eram recebidas mentalmente e transmitidas oralmente ou escritas; para a desobessão de espíritos negativos, usavam-se palavras de convencimento e passes magnéticos através de imposição das mãos. Liam-se livros de renomados atores espíritas, geralmente de doutores

---

<sup>73</sup> Kabengele Munanga estudou profundamente o dilema da mestiçagem no Brasil e mostra como houveram tentativas de extinguir qualquer identidade negra no Brasil através da segregação ou através da assimilação no que foi configurado como mistura de raças.

das faculdades ou livros de Alan Kardec e o único objeto usado como 'sagrado' era a água que após as orações se tornava magnetizada, tida como fluidificada pelos espíritos bons, e que era bebida por todos.

Essa religião Espírita se abria para o povo em geral através das práticas beneficentes. O pobre e o negro dificilmente seria um médium espírita haja a ver que precisaria escrever para psicografar, e as escolas estavam muito distantes da população em geral. O analfabetismo era enorme nas primeiras décadas do século XX. Tampouco conseguiria atravessar as barreiras sociais definidas pela sociedade escravocrata que subsistia nas mentalidades e comportamentos das novas gerações. Contudo, era esse empobrecido o objeto de 'caridade' das classes mais abastadas recebendo destes Centros Espíritas remédios, roupas, comida e até mesmo formação técnica profissional para emprego no mercado de trabalho.

A Umbanda sofreu o mesmo impacto na medida em que foi recebendo como novos adeptos, jovens jornalistas, médicos, militares, advogados, engenheiros que aos poucos foram organizando e fundando seus próprios Centros de Umbanda. O modelo kardecista impunha a ideia de um 'Espiritismo de Umbanda' que reproduzisse as relações da sociedade carioca, mas mantendo como seus idealizadores as entidades como Pretos-velhos, Caboclos e até Exus. Esses existiam sem hesitar ou questionar a sociedade real e recebiam pessoas afins em seus 'territórios'. Era comum entender que os Centros de Umbanda deveriam existir de acordo com as classes sociais:

Meter os trabalhadores na reunião dos sábios seria deslocá-los de seu meio, e até incompatibilizá-los com a doutrina, pois, nesse ambiente, o seu ensino e explanação seriam feitos através de conhecimentos e vocábulos inacessíveis à inteligência dos operários. É certo que as sessões Espíritas não se organizam por classes sociais, porém, os indivíduos de diversas categorias que as constituem ligam-se, mais ou menos, entre si, pelas afinidades(SOUZA, 1933, p.30).

Assim, essa nova religião foi se fazendo na purificação dos gestos e ritos afro-brasileiros para se aproximar o máximo possível do modo europeu, e ao mesmo tempo ela foi se construindo na apropriação de rituais considerados necessários para manter a religião. Estava consolidada o 'Espiritismo de Umbanda' ou a 'Umbanda branca e demanda'.

### 2.1.3 A Umbanda esotérica e iniciática: a Umbanda não nasce, foi revelada pelo alto astral e ressuscitada pelos indígenas

A Umbanda, em seu movimento incessante de renovação, revelou seu real propósito que é de colaborar para o ressurgimento do Aumbandan, a Tradição de Síntese, detentora da Realidade-Una e Primeva, de onde surgiram todas as tradições da Terra. Essa é a profunda intenção e destino do Movimento Umbandista, trabalhar para o resgate do Conhecimento Uno, patrimônio de toda a humanidade, foco de convergência da Filosofia, da Ciência, da Arte e da Religião, os quatro pilares do conhecimento humano.  
(Rivas Neto)

Em 1991, Diamantino Fernandes Trindade<sup>74</sup> publicou um livro intitulado *Umbanda e sua história*, trazendo no seu prefácio “explicações necessárias ao leitor” no qual expunha sua renúncia à Umbanda popular, na qual militou por dez anos. Convertendo-se à Sagrada Corrente Astral de Umbanda, reconhecia que suas obras anteriores estavam em “desalinho com as leis que regem o movimento umbandista atual” (Trindade, 1991, p.15). Dentre esses ‘desalinhos’ Diamantino elencou algumas ‘deturpações’ que admitia fizera nos anos anteriores como as oferendas a

---

<sup>74</sup> Diamantino Fernandes Trindade inicia-se na Umbanda em 1980 no Templo de Umbanda Ogum Beira Mar, dirigido por Edson Cardoso de Oliveira, onde vai ficar por dez anos. Neste tempo foi vice-presidente da Federação Umbandista do Grande ABC e membro do Conselho Consultivo do Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo. Foi relator do Fórum de Debates: A Umbanda e a Constituinte, realizado na Assembleia Legislativa de São Paulo, em 1988, e colunista do Jornal *Notícias Popular*, em 1989, escrevendo aos domingos sobre a história e os ritos da Umbanda. Nasceu daí seu interesse pela história da Umbanda, que ele assume como missão: “Em 1990 recebi do astral a tarefa de resgatar a memória da nossa religião” (Trindade, 2016, p.14). A partir daí começou a procurar por documentos originais e históricos em arquivos, jornais, revistas, fotografias, coletando material que serve de base para a escrita de seus livros. Assim, produziu diversas obras dentre elas *Umbanda e sua história*, *Umbanda Brasileira: um século de história*, *Iniciação à Umbanda*, *Os Orixás na Umbanda e no Candomblé*, *Manual do Médium de Umbanda*, *A construção histórica da literatura umbandista e História da Umbanda no Brasil* com nove volumes. Em 1990 vai conhecer a Umbanda iniciática proposta por Rivas Neto e em 1993 vai fundar o Templo da Confraria da Estrela Dourada do Caboclo Sete lanças, onde vai ficar até o ano 2000. Além disso, pesquisou a Umbanda e os cultos Afro-Brasileiros-Ameríndios em diversos terreiros, visitando várias vezes a Tenda Nossa Senhora da Piedade e a Cabana de Pai Antônio onde conviveu com Zélia de Moraes e Zilméia de Moraes, filhas de Zélio Ferdinando de Moraes. Hoje é sacerdote do Templo Cristão Umbanda do Brasil, localizado no bairro do Ipiranga em São Paulo e ministro religioso da Casa de Cultura Umbanda do Brasil. Também é discípulo dos Babás Adisa Salawu e Adekunle Ogunjimi no culto de Orunmila-ifá, dos quais recebeu o nome iniciático de Ifasoya. Para além de sua vida religiosa, é professor aposentado do Instituto Federal de São Paulo onde lecionou química e história das Ciências. É doutor e pós-doutor em educação pela PUC/SP. Atualmente trabalha como professor do curso de Pós-Graduação em História e Cultura Afro-Brasileira do Centro Universitário Salesiano.

Yemanjá com pentes, espelhos e sabonetes; a consagração com bebidas na cabeça; o uso de guias de vidro e louça para incorporação, dentre outras.

Diamantino descobrira a doutrina esotérica de Umbanda, proposta por Rivas Neto<sup>75</sup>, sucessor de Woodrow Wilson da Matta e Silva, conhecida como W.W. da Matta e Silva<sup>76</sup>. Este, a partir da década de 50 escreveu livros com revelações sobre a Umbanda e que foi tida por muitos e por seus seguidores como a “verdadeira Umbanda, sem fetiches e tolas crendices” (TRINDADE, 1991, p. 101).

Em 1964, W.W. da Matta e Silva publicou o livro *Umbanda e o poder da mediunidade* onde apresentou as origens da Umbanda no Brasil e seu autor afirmava que não o fez antes por “bloqueio do próprio astral”. O livro se considerava de “elevada cultura esotérica” com doutrina de “alta magia” e trazia um tópico sobre os elementos de magia sexual para conhecimento da aura de seu parceiro (a). O livro faz referências às obras de Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Edson Carneiro e Roger Bastide, para afirmar que não se pode “ligar diretamente Umbanda do Brasil a uma pseudo-Umbanda africana ou angolense” (SILVA, 1978, p.9).

Para Matta e Silva, houve na história da humanidade uma fonte original religiosa da qual derivaram todas as religiões do mundo, todas as correntes espiritualistas e esotéricas de todos os povos, inclusive o conhecimento dos sacerdotes de raça negra como os chamados babalorixás e tatas. Essa *religio vera*

---

<sup>75</sup> Francisco Rivas Neto, Pai Rivas ou Mestre Arhapiagha é o sucessor legal de W.W. da Matta e Silva. Em 1977 fundou a Ordem Iniciativa do Cruzeiro Divino-OICD com sede em São Paulo que hoje tem sub sedes em cidades como Brasília, Campinas e Rio de Janeiro. Escreveu sete obras, dentre elas *a proto-síntese cósmica da Umbanda* e organizou a chamada Umbanda iniciática, dando continuidade a obra de seu mestre. Rivas Neto é o responsável pela criação da primeira Faculdade Teológica Umbandista em 2003, hoje Faculdade de Teologia com ênfase em religiões afro-brasileiras. Seu principal interesse, também, era cuidar da formação dos médiuns umbandistas e unir os templos de Umbanda rumo a uma síntese universal. Faleceu em 2018 na cidade de São Paulo.

<sup>76</sup> Woodrow Wilson da Matta e Silva nasceu em Pernambuco em 1917 e com cinco anos de idade mudou-se para o estado do Rio de Janeiro. Entre 12 e 13 anos de idade passou a viver fenômenos pré-mediúnicos (visões). Sua primeira manifestação mediúnica ocorreu aos 16 anos com a incorporação de Pai Cândido. Nessa época Matta e Silva trabalhava como auxiliar de redação em um periódico carioca e morava no Centro da cidade do Rio de Janeiro, numa república perto da Light. Em 1940 fundou a Tenda de Umbanda Oriental –TUO na Pavuna, depois transferida para Itacuruça. Em 1956 escreveu sua primeira obra intitulada *Umbanda de todos nós* onde colocava os fundamentos esotéricos da religião. Após isso produziu mais oito obras. Rivalizou com os tradicionais de Umbanda por ser sua obra que combate o sincretismo, as tradições africanas, católicas e o kardecismo. A tradição de Umbanda Esotérica criou quatro ordens: Ordem do Círculo Cruzado(1968), fundada por seu discípulo Mestre Itaoman; Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino(1977), fundada por Mestre Arhapiagha; Ordem Esotérica Olho do Mestre(1988), fundada pelo discípulo Mestre Yassuamy; Ordem de Umbanda do Cruzeiro do Sul(1995), fundada pelo “neto” de Yapacani, Mestre Thashamara.

ainda existe escondida ou velada em determinados lugares da Terra. Ela é uma espécie de síntese divina e sua fragmentação se deu devido ao espírito ambicioso e egoísta dos seres humanos. Essa síntese religiosa científica ainda está ao alcance da humanidade, mas ela ainda não atingiu “condições psicológicas ou culturais para assimilar os mistérios e os conceitos” (SILVA, 1978, p. 27). Fruto disso é a existência de crenças baseadas em mitos, lendas e credices que geram “ritos rústicos e singelos para deuses, divindades, santos, demônios, etc.” (SILVA, 1978, p. 27).

Desta forma, ele constata que desde a mais remota antiguidade sempre existiu uma ‘tradição autêntica esotérica’ com raízes míticas e místicas. Para o autor, essa proto-síntese religiosa estava no continente asiático, mais propriamente na atual Índia que foi conquistada e dominada por povos de raças negras e que embaralhou sua antiga síntese divina. W.W. da Matta reforça uma ideologia que foi amplamente divulgada junto com as teorias das raças de que os povos negros foram os maiores senhores de escravizados no passado:

Então, de certa forma, a raça negra já dominou o mundo. Dominava desde quando atingiu seu apogeu e estendia seu poderio até certas regiões da Europa, a qual vivia incursionando pelo Mediterrâneo, fazendo prisioneiros de raça branca, como seus escravos (SILVA, 1978, p.31).

Segundo o autor, por volta de 8.600 A.E.C. Rama<sup>77</sup> tirou a Índia do poderio da raça negra e fez circular esse conhecimento esotérico nas regiões que conquistou no continente asiático e africano. De lá se espalhou para os demais continentes influenciando as tradições religiosas dos povos do passado, inclusive os povos ameríndios como os astecas, incas, guaranis e tupis do Brasil. W.W. da Matta e Silva vai mais longe em suas elucubrações, afirmando que Rama era um grande iniciado celta da Ordem Dórica e que:

Firmou com as letras dos Alfabetos Sagrados e os símbolos, Signos, sinais etc... as chaves ideográficas, antológicas, morfológicas,

---

<sup>77</sup> Na literatura considerada sagrada na Índia, foi preservada o Ramayana, um livro que faz parte do ‘cânion hindu’. Ramayana significa ‘a viagem de Rama’ e tem cerca de 24 mil versos em sânscrito. Provavelmente foi escrito entre 200 A.E.C. e 200 D.E.C. pelo poeta indiano Valmiki que compilou tradições orais do século VIII A.E.C. Rama ou Ramachandra é apresentado no livro como a sétima encarnação de Vishnu, e veio ao mundo para mostrar o comportamento de um rei ideal e santo. O livro narra feitos de conquista, glórias e lutas pelo amor de Sita e traz a perspectiva moral de um casal fiel um ao outro como marido e mulher. Rama é evocado como modelo de homem e marido evoluído que atingiu a perfeição. Sua jornada épica evoca a vivência perfeita nos caminhos do dharma (aquilo que dá sentido e significado para a essência da vida). Rama é tido como exemplo de conduta e ética perfeitas (BACELLAR, 2012).

sonométricas, as regras científicas da confecção dos nomes sagrados nesse seu Planisfério Astrológico (SILVA, 1978, p. 29).

Isso explica os sinais grafados que são mantidos nos templos iniciáticos ao invés das imagens de santos ou de orixás. A partir dessas e outras reflexões, W. W. da Matta vai compilando uma religião umbandista o mais distante possível das tradições africanas e kardecistas, que para ele tinha muita teoria e pouca prática:

E no que toca às sessões Kardecistas, o que há mesmo é muita doutrinação, muito palavratório incisivo, “mecanizado”, muitas mensagens e comunicações anímicas. Enfim, muita gente a falar bonito, mas mediunidade mesmo, que é boa e que resolve, nada, sumiu como por encanto. (SILVA, 1978, p.59).

Chegou mesmo a afirmar que com o tempo a Umbanda iria absorver o kardecismo. Desta forma, argumenta que a Umbanda já existia desde tempos remotos, e que foram guardados muitos de seus ensinamentos pelas raças africanas:

Esse termo UMBANDA perdeu o seu significado real nas chamadas línguas mortas, desde o citado Cisma de Irshu, quando tudo foi ocultado. Em realidade, Umbanda significa “conjunto das leis de Deus”. Somente as raças africanas por intermédio de seus Sacerdotes Iniciados, como dominadores que o foram da raça branca, guardaram mais ou menos sua origem e valor. Porém com o transcorrer dos séculos, foram dominados e seus ancestrais, que guardavam a chave-mestra desse vocábulo Trino, desapareceram, deixando uma parte velada e outra alterada, para seus descendentes que, em maioria, só aferiam o sentido mitológico, perdendo no fetichismo o pouco que lhes fora legado (SILVA, 2018, p. 46).

Mas não foram essas ‘raças’ que trouxeram a Umbanda para o Brasil. Trouxeram apenas ‘crendices’ e ‘fetiches’. Então, como foi que a Umbanda nasceu ou foi anunciada novamente para o Brasil? Para entender o fato histórico, ele narra o que aconteceu no plano espiritual.

Um dia houve uma reunião na Confraria dos Espíritos Ancestrais para debater “aspectos sombrios que estavam influenciando negativa e pavorosamente sobre o carma individual, grupal e coletivo das criaturas adeptas ou praticantes das chamadas seitas afro-brasileiras” (SILVA, 1978, p.49). Considerava que esse meio estava:

Contaminado pelo que existe de mais escuso no baixo astral, tudo sob a orientação ou comando voraz das legiões negras, ou seja, dos mais conhecidos e endurecidos magos- negros do astral e de todos os tempos, ali atraídos, dada a mistura de ritos fetichistas, aliados a um baixíssimo sistema de oferendas (SILVA, 1978, p.49).

Após debate da questão resolveram tomar providências e intervir nessa coletividade com uma corrente astral que pudesse “opor resistência” e combater com uma nova doutrina essas religiões. Para essa tarefa se escolheu a corrente dos magos brancos, pois era, a “única dotada de certos poderes, de certos meios, de certos conhecimentos apropriados para enfrentar esse dito meio” (SILVA, 1978, p.49). Desta forma, os magos brancos começaram a recrutar espíritos muito velhos que já tinham acumulados sabedoria e experiência devido a inúmeras reencarnações. Assim, foram convocados os Pretos-velhos e Caboclos que usariam como arma de combate os conhecimentos da magia nesta batalha da “luz contra as trevas”. E para convencer as massas seguidoras dessas manifestações religiosas afrobrasileiras, ficou decidido que se incrementaria meios mediúnicos extraordinários que a fariam repensar suas práticas e crenças. Como bandeira para essa empreitada se lançou um mantra, o UM-BAN-DAM. E foi assim que se formou a corrente astral de Umbanda com:

A missão de agir sobre o Brasil e por dentro dessa massa humana dos adeptos dos cultos afro-brasileiros em todos os sentidos, sobretudo com a finalidade de fiscalizar, frear e sustentar as correntes de fundo esotérico, espiritualista e espiritualista (SILVA, 1978, p.50).

De fato para W. W. da Matta as forças negras estavam em ação constituindo o império do astral inferior manifestados em “sistemas fetichistas e bruxistas” nas religiões étnicas africanas no Brasil.

Assim, a Umbanda não veio para o Brasil trazida na diáspora africana. Ela ressuscita no Brasil através da corrente ameríndia que se manifestaram nos Caboclos nos terreiros, sendo o Caboclo Sete Encruzilhada o primeiro deles. A esse respeito André de Oliveira Pinheiro afirma:

Desta forma, a Ordem Inicial do Cruzeiro Divino não desconsidera o mito fundador da Umbanda baseado nos episódios envolvendo Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Sua interpretação, em vez de negar, apenas ressignifica, dá a esta narrativa um outro sentido, tornando-a parte de um processo maior, esotérico, que se inicia antes – com a Raça Vermelha no Baratzil, há milhares de anos – e se encerrará no futuro, com a restauração do Aumbandam em terras brasileiras (2009, p.86).

Se W. W. da Matta e Silva não tinha intenções preconceituosas ou racistas ao escrever sobre Umbanda, com certeza reforçou mentalidades e formas de pensar cunhadas no sistema escravagista brasileiro, numa época em que os descendentes

de escravizados tentavam se colocar no universo brasileiro com sua cultura e religiosidade. Tudo que era associado ao mal, era tido como 'negro' e a palavra 'branco' aparece como sinônimo de tudo que é vital e bom. W.W. da Matta e Silva reforçou a ideia de que o povo negro era inferior, bem como suas formas de pensar e vivenciar a religião. Apontou para uma Umbanda de homens brancos ou negros que portassem essa clareza de ideia doutrinal advinda do conhecimento científico e acadêmico, e que revelasse uma Umbanda universal, vinda do oriente e que não rivalizasse com as leis e a 'estabilidade' do universo social brasileiro. W.W. da Matta e Silva era branco, pobre e nordestino, mas repetia a ideologia daqueles que dominavam os meios de comunicação e representava uma sociedade moderna e disciplinada nos meios políticos e econômicos.

Em Goiânia, a Umbanda Esotérica chegou mais tarde com Mestre André. O menino André Luís nasceu em Goiânia no ano de 1969, mas sua família desde cedo tentou a vida em Brasília, em busca de melhores condições de vida. Ele recebeu esse nome por causa do mentor de Chico Xavier e desde cedo recebeu críticas por ser Espírita:

Quando eu adoeci, minha mãe, ainda bebê me levava no médico, eles falavam "mas o nome dele é André Luís, é o nome de um espírito, isso pode prejudicar a vida dele, você tem que tirar, já..." (risos), então naquela época a gente já sentia que existia uma certa intolerância, contra religiões como a espírita naquela época (DEPOIMENTO DE MESTRE ANDRÉ, 2017, p.1).

Retornou para Goiânia em 1984 e começou a participar de Centros de Umbanda. Desenvolveu sua mediunidade com a 'madrinha Alvina' e após isso 'trabalhou' por oito anos no Centro Espírita Ano Ismael onde aprendeu seus ensinamentos umbandísticos. Foi somente em 1995 que começou seus estudos pessoais com os livros da Umbanda Iniciática. No ano seguinte montou um grupo de médiuns para estudar quinzenalmente as obras de Umbanda Esotérica. Em 2003 abriu seu Centro de Umbanda.

Assim, a Ordem Universal do Planalto Central foi criada pelo Mestre André Luís, agora mestre Itapira<sup>78</sup>, e tem como seu guia o Caboclo Urubatão e no Caboclo Caçador seu mentor. Orientado pelas ideias de Rivas Neto no livro *Umbanda a*

---

<sup>78</sup> Na Umbanda iniciática os médiuns são convidados a evoluírem aumentando de estágios. São sete graus de evolução. Quando iniciados recebem um nome específico chamado digina que é escolhido pelo Caboclo da casa e que tem sua grafia em nhengatu fazendo jus a tradição dos indígenas brasileiros.



*proto- síntese cósmica* e seguindo orientações de seus mentores, organizou o Centro de Umbanda que funciona aos domingos às 18hs com sessão aberta aos médiuns e convidados, e nos sábados para estudo com seus médiuns. O Centro está organizado num bairro de periferia de Aparecida de Goiânia e tem cerca de 20 médiuns. Segundo mestre André, como o Centro ainda não está registrado e não tem CNPJ, os trabalhos que acontecem são internos, abertos apenas para os médiuns e pessoas interessadas ou convidadas.

O espaço do Centro tem chão de ardósia verde escura e forro de madeira no teto. Tudo neste espaço foi pensado de forma esotérica. O altar se encontra no canto esquerdo sul, pois segundo ele, é do sul que vem a força da estrela do Cruzeiro do Sul que está nesta localização. Este altar tem sete placas de madeiras com hieróglifos dispostos na parede formando um triangulo. Segundo pai André, cada placa de madeira com seu hieróglifo representa um orixá. Ao Centro deste canto uma placa maior com hieróglifos representando as divindades maiores e a força da Umbanda.



Figura 39: Mestre André na Ordem Universal do Planalto Central.  
Acervo da Ordem Universal do Planalto Central.

No altar comumente se acendem sete velas e se coloca uma bacia com água no chão. Ele está revestido com uma renda branca. Na parede central encontram-se três placas de madeira, sendo a maior delas com doze pontas contendo uma cruz

que representa terra e fogo, além de hieróglifos que representa o mentor da casa. Ao lado dela duas placas de madeiras com sete pontas representando os sete orixás da Umbanda. Em cada canto das paredes há uma cantoneira de madeira com uma vela encima e quartinha de água. Em cada uma tem as representações dos elementais: terra, água, ar e fogo. No teto tem o desenho de uma estrela de seis pontas com sete lâmpadas, sendo duas azuis, duas vermelhas, e três brancas. Disposta ao redor da estrela seis lâmpadas brancas e no chão, na direção da estrela acima, um desenho de uma estrela de cinco pontas. Há ainda dois atabaques pequenos num dos cantos do templo, mas que estão apenas como ponto de energia para a casa, pois não são tocados nos cultos litúrgicos.

Apesar de seguir o modelo de Umbanda proposta por Rivas Neto, mestre André mantém suas tradições africanas e mantém seu Centro de Quimbanda também. Assim, ao entrar no quintal da casa se encontra um quarto do lado direito de quem entra que é especialmente feito para a quimbanda e suas entidades. Lá tem várias imagens de Exus e Pombas Giras, bem como alguns assentamentos para seu presidente, o Exu Tranca Rua das Almas, que tem seu trono, sua capa e chapéu. Segundo mestre André, Tranca Rua das Almas é uma entidade muito poderosa que ele recebe para trabalhos de magias e de feitiços. Anualmente, ele faz a festa para o Exu Tranca Rua das Almas numa chácara em Aparecida de Goiânia. Também trabalha com seu Exu Meia noite com o qual tem uma história próxima: “eu vivi com o Meia-Noite, na encarnação do Meia-Noite, uma das minha encarnações eu vivi com ele, o Meia-Noite” (DEPOIMENTO DE MESTRE ANDRÉ, 2017, p.59).

À frente da casa de seu Tranca Rua tem um pedaço de terreno fechado por cerca de arame onde existe uma encruzilhada e onde Tranca Rua faz seus trabalhos. Nela se encontra também um pé de Jurema muito grande.

O fato de ser adepto da vertente da Umbanda iniciática não impede o mestre Itapira de manter suas tradições de Umbanda goianiense. Os trabalhos de Umbanda

se iniciam aos domingos às 18hs com o ‘evangelho no lar’<sup>79</sup>, feito no quintal de sua casa com os médiuns e sua famílias e vai até às 19hs. Interrogado sobre o uso do *evangelho segundo o Espiritismo* ele respondeu que todas as casas de Umbanda aqui em Goiânia têm essa tradição e ele mantém também. O uso do livro de Alan Kardec nos Centros de Umbanda em Goiânia é uma tradição, e mesmo tendo uma grande publicação de livros de doutrina e reflexão sobre Umbanda ou mesmo mensagens dos Pretos-velhos psicografadas atualmente, os Centros de Umbanda goianienses mantêm a tradição da leitura do livro *O evangelho segundo o Espiritismo*. Isso mostra, por um lado a aproximação do Espiritismo que também incentiva essa prática e por outro lado a diferencia de outras tradições cristãs. Ao lado das orações e invocações aos santos católicos, tem o livro do *Evangelho segundo o Espiritismo*. Aqui cabe salientar que, independente de qualquer estilo adotado pelo Centro de Umbanda, seus coordenadores e seguidores se consideram cristãos, principalmente os mais antigos. Isso explica, também, o motivo de muitos se declararem Espíritas ou Católicos no censo demográfico.

Apesar de seguir os ritos e orientações da Umbanda esotérica, André tem sua própria concepção de ritual de Umbanda calcada nas suas raízes culturais:

Surge a ordem iniciática, e, e então eu, eu como, como sacerdote, passo a, a por em prática todos os ensinamentos que eu aprendi, desde a tenda do Caboclo Pena Branca, desde o Anjo Ismael, inclusive na minha liturgia do meu ritual eu trago muitos elementos ainda do Pena Branca, das minhas raízes, eu trago muitos pontos que eram cantados naquela época, eu trago Pontos do Caboclo, do Centro Espirita Ismael, eu tenho parte de liturgias que é do Centro, que eu trago; eu aprendi com meu mais velho, então eu ponho em prática pros meus mais novos, então tudo isso... Agora a vertente é com a Umbanda iniciática, né? É uma Umbanda que ela já não usa assim realmente imagens como vê né? Nós usamos grafias esotéricas né? São os ideogramas sagrados, tem um aspecto dentro do tempo esotérico, as posições esotéricas, né? Então é, os iniciados eles passam por uma formação iniciática, ela perdura por varias etapas, são graus de iniciação, que vai até 7 anos, e depois com 14 anos para se tornar um mestre, e 20 para se tornar um grão mestre, então tem todas as etapas ao longo de 21 anos, então passa realmente por processos iniciáticos (DEPOIMENTO DE MESTRE ANDRÉ, 2017, p.15-16).

<sup>79</sup> A prática de ler *O evangelho segundo o Espiritismo*, nas casas, surgiu na década de 40 no Brasil. O livro escrito por Alan Kardec não tinha essa finalidade. O autor recomendava ler as instruções dos espíritos que podiam ser encontradas em qualquer uma de suas obras (REVISTA ESPÍRITA, p. 318 do volume de 1864 da FEB Editora). Também, inicialmente era prática a leitura do evangelho canônico e somente aos poucos essas leituras foram se transformando nos cultos domésticos no lar, com a anuência da FEB e dos mentores de Chico Xavier. Aos poucos se consolidou a leitura do *Evangelho segundo o Espiritismo*, até mesmo para diferenciar dos protestantes que liam o evangelho canônico na Igreja e nas casas.

De fato, a liturgia em sua casa foi sendo implementada segundo suas intuições e estudo: não tem toque de tambor; os médiuns se dispõem ao redor do salão, sendo do mais novo para o mais velhos que vai ficando na porta; os pontos são mantras repetitivos e cantados em tom e velocidade reduzida, conforme aprendeu no Centro Espirita Anjo Ismael, onde desenvolveu sua mediunidade com Luís Sales, já falecido. No meio da sessão, os médiuns tomam água fluidificada para ‘firmar’ os seus chacras e passam perfume de alfazema nas mãos se preparando para as incorporações; também em dado momento os médiuns se ajoelham perante o mestre pedindo a benção em yorubá: “Motumba” e recebem a resposta: “Motumbá Axé”. Para as incorporações, utiliza o sistema de girar o médium até receber as entidades.

Além da Ordem do Planalto Central, encontra-se em Goiânia a Fraternidade Espirita Luzes de Aruanda-FRESLA, localizada atualmente no Conjunto Riviera, e foi idealizada e criada por Ana Luzia:

A partir do estudo da *Umbanda de Todos Nós*. Nessa época eu já tinha computador e internet, aí o que acontece, já foi dos anos 90 pra cá, aí eu já comecei a pesquisar e eu montei a primeira apostila de Umbanda Iniciática. Aí nós reabrimos o Centro, já com estudos iniciáticos, já foi Umbanda esotérica, mas tinha um pouco, pouquinho de sincretismo, pouco, pouco... É... Não sabíamos nada de Umbanda iniciática, só da esotérica, mas só trabalhávamos sete ritos, é sempre direcionado, né? A coisa vai... Flui... Flui(DEPOIMENTO DE ANA LUZIA, 2018, p.29).

Ana Luzia é goiana, da cidade de Morrinhos. Vem junto com sua família de lavradores para Goiânia num processo de migração em busca de trabalho. Menina pobre trabalhou desde cedo para ajudar a famílias e estudou. Casou-se, teve quatro filhos e continuou estudando até formar-se como professora de letras e também advogada. Atualmente mora numa das áreas nobres de Goiânia, no Setor Flamboyant.

Antes de abrir a FRESLA, passou por outros Centros de Umbanda e abriu Centros de Umbanda inicialmente em Aparecida de Goiânia, como o Centro Espírita Cabocla Jurema na Vila São Pedro e depois o Centro Espírita Mensageiros de Jesus na Vila Brasília, que depois mudou para o Jardim Brasil. Foi somente a partir de 2008 que resolveu se dedicar aos estudos de apometria e de Umbanda Iniciática criando em 2013 a FRESLA. Ela mesma explica o motivo da mudança de orientação umbandista:

É a forma de trabalhar. A Umbanda branca eles não aceitam o Exu, e assim normalmente eles trabalham mais na mesa, porque a Umbanda branca é kardecista. A Umbanda popular atua muito com sincretismo, muitos ainda utilizam a matança, os conhecimentos deles são passados... Pouco estudo, quase não tem estudo, as orientações são dos orixás... E aí a iniciática, esotérica iniciática, é baseada em estudo profundo, baseada na ciência, científico, não tem adivinhação (DEPOIMENTO DE ANA LUZIA, 2018, p.34).

A FRESLA tem hoje cerca de 90 médiuns e Ana Luzia se preocupa com a formação deles. Todas as sextas-feiras são dedicadas à formação mediúnica. Considera importante que saibam os fundamentos para incorporação e para o atendimento às pessoas.



Figura 40: Ana Luzia na formação de médiuns as sextas feiras. Ela porta uma conta de guia no pescoço (brajá), revelando que é sacerdotisa da casa.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2120794594906309&set=pcb.2120796504906118&type=3&theater>. Acesso em: 10 de fev. 2019.

Em seu Centro, faz tratamentos de curas de doenças físicas com o doutor José de Paula, uma entidade que ela recebe. Narra vários casos de curas conseguidas com o tratamento do médico do espaço.



Figura 41: Ana Luzia incorporada no doutor José de Paula no trabalho religioso na Fraternidade Espírita Luzes de Aruanda em dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1733403383645434&set=ecnf.100009273660508&type=3&theater>. Acesso em: 10 de fev. 2019.

A despeito de suas obras e por causa delas, W.W. da Matta e Silva vai rivalizar com outro criador da Umbanda nas décadas de 60 e 70 no Rio de Janeiro. Toda polêmica estava na defesa ou não das tradições afrobrasileiras na Umbanda. É assim que aparece a energia e o vigor de tatá Tancredo da Silva Pinto.

2.1.4 Os negros reivindicam sua história: a Umbanda que nasce em Angola e se faz nos quilombos brasileiros

Minha grande Umbanda que vem dos Luandas-Quiocôs, tribo situada ao sul de Angola, de grande fundamento e deturpada, devorada e cobiçada por uma avalanche de mentores e aventureiros de todas as camadas sociais e que dizem ser Umbanda uma religião nacional[...] não mais permitiremos que indivíduos sem escrúpulos queiram desvirtuar o nome da nossa querida Umbanda.  
(Tata Ti Inkice Tancredo da Silva Pinto )

Conforme se tem percebido, a Umbanda, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX, enquanto produção popular sofreu impactos de vários grupos de pessoas que foram se conformando às perspectivas de Leal de Souza, Benjamim Figueiredo, Zélio Ferdinando de Moraes ou mesmo de W.W. da Matta e Silva. Entretanto, outros grupos de pessoas, também colocaram suas expectativas na religião. Eram homens e mulheres empobrecidos, expulsos do centro da cidade pelas reformas urbanas e que foram encontrar nos morros condições de sobrevivência; ou aqueles que advinham de outras experiências religiosas que não eram apenas o Catolicismo ou mesmo o Espiritismo, e que trouxeram suas contribuições; além de outros que vinham de outras regiões e estados do Brasil e que migraram para trabalhar na antiga capital do Brasil. A cidade era espaço de circulação de pessoas diferentes, as quais também se amalgamaram numa interação tal que permitiu novas expressões e organizações culturais. É neste sentido que a Umbanda se tornou uma dessas expressões religiosas fomentada na apropriação de novos sujeitos na religião. Essa assimilação aconteceu concomitante aos novos contextos e fatos históricos e o olhar da literatura umbandista permite essa análise.

Assim, ainda na década de 50, apareceu um representante da comunidade negra que, nos meios intelectuais, registrou sua perspectiva da religião umbandista, a qual não a separava da experiência dos cultos de nação, principalmente o Candomblé:

Servir à causa da “Umbanda-Candomblé” que congrega todos os cultos Afro-Indígenas-Brasileiros tem sido o objetivo de muitos respeitáveis cidadãos e cidadãs, cada grupo possui seu campo benemerente de estudo e trabalho, sempre com a finalidade de engrandecimento da “Religião Umbanda-Candomblé do Brasil”( PINTO, s/d, p. 244).

E ainda mais do que isso, vai escrever uma literatura esotérica da religião a partir da cosmovisão de elementos africanos. Desta forma, o Tata Ti Inkice Tancredo da Silva Pinto esclarecerá em suas obras que não existe magia branca ou magia negra, porque magia é simplesmente a “força do poder oculto” (PINTO, 1970, p.10). Também elucidará que a Umbanda não veio das filosofias indianas e nem nasceu com o Caboclo das sete Encruzilhadas, mas já era praticada na África pelos bantos, especialmente na região de Angola e que se desenvolve aqui no Brasil. Assim ele escreve:

Na sua origem a Umbanda desenvolveu mais aqui no Brasil, onde se proliferou devido as imigrações africanas com vários cultos de diversas regiões ou aldeias daquele continente, professando e respeitando a doutrina de uns e de outros. Dentro dos quilombos então foi que se deu a conjunção de raças ou vários cultos antes da liberdade ao apoio, chegando assim pretos de várias nações, para pregarem seus rituais, o que era aceito pelo chefe do quilombo. Então quando foram destruídos, encontraram imagens dos santos católicos como: São Benedito. Santa Ifigênia, N.S. Aparecida que adotaram com muita precisão, aonde foi apoiada como a padroeira do Brasil considerada também, pela sua epiderme, a padroeira dos negros (PINTO, 1970, p. 9).

Segundo tata de Inkice Tancredo, é justamente nos quilombos que se deu a troca cultural entre brancos pobres, indígenas e negros foragidos, em busca da liberdade e da justiça. De fato, os estudos sobre o cotidiano dos quilombos<sup>80</sup> têm demonstrado que os quilombos e mocambos foram possíveis graças a uma rede de solidariedade que funcionava entre os grupos sociais marginalizados diante do sistema escravagista que beneficiava os senhores de engenho, comerciantes de navios negreiros, grandes fazendeiros e alguns poucos funcionários da Coroa.

Tatá ti Inkice vinha de uma tradição própria conhecida como Omolokô. Ela vinha de Angola e preservava a filosofia dos bantos no modo de viver e de organizar as casas religiosas. Em seus rituais tinha o culto aos orixás com uma similitude aos cultos de nação, com iniciação, feitura de santo, obrigações, comida para santo, sacrifícios de animais, etc., mas também tinha o culto aos antepassados que se tornavam entidades conselheiras, como os Caboclos, os Pretos-velhos, os Erês, os Exus, etc. Também as tradições do catolicismo popular foram preservadas em suas casas, mantendo os santos católicos. Por tudo isso, o Omolokô se aproximava da Umbanda resgatando-lhes a tradição africana e distanciando-a do kardecismo. Configurou-se, assim o culto Omolokô da religião Umbanda afrobrasileira.

O conhecimento de Tata Ti Inkice é baseado, por um lado na numerologia e na teosofia, fundamentando o culto banto nestas perspectivas esotéricas, o que faz de suas obras uma leitura complexa. Por outro lado, ele resgata mitos, depoimentos, entrevistas, histórias de pessoas simples, de chefes religiosos que tinham suas casas informais para restituição da saúde da população e que eram perseguidos pela polícia e caluniados pelos jornais. No seu livro *Mirongas da Umbanda* ele narra

---

<sup>80</sup> Reis, João José; Gomes, Flávio dos Santos (org). *Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; Gomes, Flávio dos Santos. *Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015.



a história de um curador que tinha por nome Gino e que morava na Barra do Piraí. Foram visitar o curador e constataram que ele era curandeiro e rezador, e que desconhecia os cultos africanos e os orixás. Ele curava com os ‘espíritos da selva’:

Perguntamos que culto era aquele. Responderam-nos que era a “linha das Almas”. Desconheciam totalmente os cultos africanos e os seus orixás, dizendo que trabalhavam com os espíritos das selvas. Terminado o serviço, deram as raízes aos consulentes, dos quais, diga-se a verdade, muitos ficaram curados. Assim também, com a defumação das ervas, paráliticos andavam, as mazelas saravam, etc. Os jornais da época não publicavam notícias de tais fatos, em virtude da perseguição reinante na época. Pessoas iam do Rio comprar raízes e remédios em Barra do Piraí, atraídas pela fama de Gino. Ora, se os Kardecistas vissem isso, logo diriam que se tratava do “baixo” Espiritismo. Como, porém, classificar de “baixo Espiritismo” a prática da caridade? Os “guias” da selva ajudavam os sofredores e muitos ficavam curados (PINTO, 1957, p. 37).

Traz memórias de comportamentos e costumes dos antepassados africanos aqui no Brasil, de rezas, cantos e rituais que se faziam, e critica a falta de conhecimento que as lideranças religiosas na Umbanda tinham sobre a religião: “não podemos exigir de cada chefe de terreiro que possua cultura literária. O que podemos exigir é que possua cultura religiosa, pelo menos na parte relativa ao culto de que se diz praticante e oficiante”. (PINTO, 1972, p.115). Defende o respeito às tradições dos antigos e acreditava que não se podia abrir um templo religioso de Umbanda apenas por vaidade ou por interesse financeiro. Denuncia o que vai chamar de ‘anarquia de Umbanda’. É nesta perspectiva que ele fundou em 1950 a Confederação Espírita Umbandista do Brasil. Além disso, escrevia na coluna do jornal *O Dia*, defendendo que a Umbanda era uma religião afrobrasileira: “Com isso: conseguiu grande ascendência sobre os setores mais humildes da religião, chegando a receber o título de Tatá de Umbanda” (TRINDADE, 2017, p.32).

Em 1956 a Confederação se uniu com a União Espiritista do Brasil (antiga Federação de Espiritismo de Umbanda), o Primado de Umbanda ( da Tenda Mirim) e a Ordem Mística Espiritualista Agla-avid (única dessas agremiações fundada por uma mulher, Diva de Freitas Veloso, a Mestra Yarandasã que ficou conhecida como a ‘deusa branca da Tijuca’), para fundarem o Colegiado Espiritualista do Cruzeiro do Sul. Teve como primeiro presidente Benjamim Figueiredo da Tenda Mirim. O objetivo era unir e harmonizar as diversas correntes religiosas- espiritualistas.

Em 1961, o Colegiado organizou o Segundo Congresso de Umbanda<sup>81</sup>, no Maracanãzinho, com milhares de umbandistas de dez estados brasileiros e muitos representantes políticos na defesa da Umbanda.

Em 1968 ele deixa a Confederação e funda a Congregação Espirita de Umbanda do Brasil que continua funcionando até hoje no Rio de Janeiro e representa mais 2.300 Centros de Umbanda no Brasil.

Tata Ti Inkice teve suas ideias sustentadas pela sua militância. Andou pelo país dando palestras e fundando federações nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo e Pernambuco.

Em 1976 esteve em Goiânia por ocasião da V procissão dos Pretos-velhos realizada no dia 13 de maio, considerado o dia da libertação dos escravizados. Nesta época eram presidente e vice-presidente da FUEGO, respectivamente, Edson Nunes e Waldir Roma. Nesta ocasião ele recebeu uma homenagem arranjada por Edson Nunes na Câmara dos vereadores onde recebeu flores da vereadora da ARENA, Goianita Bessa, e seguiu para a prefeitura onde foi recebido pelo prefeito Francisco de Castro. Mais tarde dirigiu-se para a Praça Cívica para receber o cortejo organizado pela Federação e pelas casas de Umbanda em homenagem aos Pretos-velhos. O jornal O repórter, na sua edição de 18/05 a 22/05/1976, que também pertencia ao jornalista Edson Nunes estampou na sua primeira capa a matéria intitulada *Alegria, beleza e fé na V procissão dos Pretos-velhos* e em sua matéria afirmava que milhares de pessoas se reuniram na Avenida Goiás para saudar os Pretos-velhos e receber 'o papa da Umbanda no Brasil':

---

<sup>81</sup> O Segundo Congresso de Umbanda também se realizou no Rio de Janeiro, entre os dias 16 e 31 de julho de 1961 e reuniu milhares de pessoas de dez estados do Brasil. No mesmo dia da abertura do Congresso, o frei Boaventura Kloppenburg lançou o livro *Umbanda no Brasil: orientação para os católicos* mostrando o quanto a religião era perniciososa para os católicos. No dia 28 houve uma celebração com mais de quatro mil médiuns com seus uniformes e estandartes reunidos no Maracanãzinho e mostrando a força popular da umbanda. O contexto do início da década de 60 permitia manifestações populares e grupos organizados para debates e mobilização local e nacional. O Segundo Congresso é expressão disso. Na maioria dos estados, já havia federações representativas dos umbandistas, além de vereadores e deputados. A máxima do Congresso foi a união dos umbandistas no país todo. Aceitou-se o vocábulo Umbanda como 'arte de curar' e advinda da língua quimbundo. Concluiu-se que havia uma heterodoxia na religião umbandista, mas que ela era de todos e nacional. Apostou-se que os umbandistas deveriam se unir politicamente e eleger deputados federais e até governadores, pois se percebeu que os umbandistas eram uma força eleitoral. Fruto deste Congresso é a ideia da umbanda como religião brasileira, mas com sua diversidade de expressões. Esse ideal articulador da religião como força nacional foi bloqueado pela ditadura militar que reforçou novas perseguições aos centros de umbanda e forçou a religião a sair do campo político e público para entrar na esfera privada ( TRINDADE, 2014,pp.392-410; BROWN, 1985,p. 27)

A Federação Umbandista do Estado de Goiás, com a colaboração da Prefeitura Municipal de Goiânia, proporcionaram mais uma festa em homenagem ao dia da libertação dos escravizados, no ultimo dia 13 de maio, fazendo realizar a V PROCISSÃO AO PRETO-VELHO que desta vez recebeu como visitantes o papa da Umbanda no Brasil, Babalorixá Tancredo da Silva Pinto, presidente da Confederação de Umbanda e de Cultos Afro-Brasileiros e autor de 35 obras sobre a Umbanda e Candomblé, Babalorixá Jerônimo de Souza<sup>82</sup>, presidente das associações de entidades umbandistas do Brasil, e o deputado Atila Nunes, vice-presidente da Assembléia legislativa do Rio de Janeiro e conselheiro geral do Conselho Nacional de Umbanda (JORNAL O REPÓRTER, 1976).



Figura 42: Tatá de inkince Tancredo Silva Pinto em Goiânia.

Ele está ao Centro. Do seu lado, à direita o deputado Atila Nunes e no canto direito com óculos escuro o vereador Edson Nunes. No canto esquerdo pai Jerônimo de Souza. Na festa dos Pretos-velhos em 1976 em Goiânia. Acervo do Centro Espirita Ogum Beira Mar no Amor a Caminho da Luz.

Em Goiânia, a Umbanda propagada por Tata Ti Inkice foi trazida á cidade por Elmo Rocha bem mais tarde, somente quando chegou aqui, em 1985, para trabalhar numa filial da empresa Vulcabrás de produção de sapatos.

Um ano depois conheceu a goiana Zuleide Lopes, que viria se tornar sua esposa. Por causa disso, Elmo ficou morando em Goiânia. Em 1986 foi convidado para um seminário no Centro Espirita Tranca Rua das Almas no Setor Urias Magalhães, onde ficou conhecido e foi convidado para participar da FUEGO no

<sup>82</sup> Jerônimo de Souza era presidente da Federação Nacional das Sociedades Religiosas de Umbanda, que em 1967 se uniu com outras entidades para formar o Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda-CONDU, do qual fazia parte Edson Nunes representando a FUEGO. A CONDU na época de sua fundação reuniu conselheiros de 46 federações, representando mais de 40 mil terreiros e foi o primeiro organismo umbandista de caráter nacional. Em 1972 foi publicado seus estatutos.

conselho sacerdotal. Inicia aí uma longa trajetória na Federação que permanece até os dias de hoje.

A Umbanda Omolokô, como é conhecida em Goiânia, toca os atabaques, faz feitura de santo, coloca os orixás em terra, segue as orientações e proibições dos orixás, prepara comida de santo, mas também é Umbanda:

O Omolokô é a única nação que cultua alma, as outras nações não cultuam alma, é a linha da Salauim, que é a linha da ancestralidade... Então o que é essa ancestralidade? São as linhas que se cultuam na Umbanda, que é o boiadeiro, é o marinho, é o Caboclo brasileiro, Tupi Guarani, e sua adversidade de nações, é o Caboclo campestre, que é o boiadeiro, são as crianças, que na Umbanda chama São Cosme e São Damião, chama meninos de Angola [...] Entende? E a linha de Salauim, ela nos dá esse direito, então nós cultuamos um dia a Umbanda, que é a única religião genuinamente brasileira (DEPOIMENTO DE ELMO, 2017, p.13).

Elmo nasceu no bairro de Santa Tereza em Belo Horizonte, em 1958 e foi lá que conheceu aos dez anos de idade a Umbanda. Alguns anos depois se iniciou no Omolokô, se tornando neto de Tancredo da Silva Pinto:

A iniciação do Orixá na nação de Omolokô foi com o senhor Antônio Pereira Camelo. Sou neto de Tancredo da Silva Pinto. [...] Ele era filho do Tancredo da Silva Pinto, que era praticamente o pai do omolokô. [...] Ele era jornalista, compositor... esse meio pra mim foi o meio mais lindo que eu achei, durante o meu decorrer espiritual. Por quê? O Omolokô da raiz de Tancredo, ele te oferta visões e conheceres, como astrologia, numerologia, búzios (DEPOIMENTO DE ELMO, 2017, p.5).

Elmo toca seu ritual de Umbanda sempre as segundas feiras na sua casa, localizada em Senador Canedo e sua esposa é seu braço direito neste trabalho religioso. Elmo deu uma grande contribuição à FUEGO e depois a FUCEGO. Criou a escola de formação para sacerdotes, visitou muitos centros e terreiros, organizou seminários para unir os religiosos numa mesma bandeira de luta, e, buscou parcerias com o Estado para prover políticas públicas que favorecessem as religiões de matriz afrobrasileira.



Figura 43: Premio Asé Isele concedida ao Tata Nkisi Elmo Rocha, que está de roupa branca.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/CasaDeArteCaminhosDasAguas/photos/pcb.548079428675249/548074322009093/?type=3&theater>. Acesso em: 10 de fev. 2019.

Outra representação de Omelokô em Goiânia é a mãe Isa de Oxum. Professora efetiva do Estado, mora com sua família no Setor Sudoeste e tem seu Centro de Umbanda na cidade de Aparecida de Goiânia. Como Elmo, ela passou pela Umbanda antes de chegar ao Omelokô. Foi médium do Centro de Umbanda de dona Alvina, no Parque Amazonas e lá desenvolveu suas entidades. Um dia foi passear na casa de uma prima na cidade de Araxá em Minas Gerais e lá conheceu o omelokô. Fez o 'santo' e a partir daí resolveu abrir sua própria casa religiosa. Por sete anos administrou, apenas, Umbanda em sua casa religiosa que recebeu o nome de Centro Espírita Reino dos Orixás:

Toquei Umbanda, aí depois da primeira reforma, aí que fiz os fundamentos de, que, aí eu cresci a casa, por quê? Porque uma casa de omolocô ela precisa de uma camarinha para recolher, e eu não tinha, eu tinha o quê? Eu tinha espaço, que eu dividia entre a assistência e a corrente mediúnica, né? E, eu tinha um banheiro, então como eu ia recolher? Não tinha como recolher ninguém, então eu fiz os fundamentos sim, mas eu comecei, tocava Umbanda, só Umbanda (DEPOIMENTO DE ISA, 2017, p.25).

Elmo a considera como se fosse sua neta, apesar de serem de casas com orientação diferenciadas. Um dos filhos de santo, de mãe Isa, Warley Portugal, após desenvolver sua mediunidade com sua mãe, fundou sua própria casa religiosa, o

CASUE, também localizado no Jardim Tiradentes e ‘toca’ igualmente Umbanda e Omolokô.



Figura 44: Mãe Isa de Oxum á esquerda e Pai Elmo á direita. Dois expoentes do Omolokô em Goiânia.

Foto disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=262670954237705&set=t.100000857414929&type=3&theater>

Além dessas casas, o omolokô teve mais dois Centros de Umbanda na capital, mas que já desapareceram. Também não se sabe se eles eram mais antigos que esses referendados ou contemporâneos.

## 2.2 OS DIVERSOS ROSTOS DA UMBANDA GOIANIENSE

Nunca vai existir isso. Nunca vai existir. Porque a Umbanda não veio pra isso, ela não veio pra ter um dogma, uma cartilha, ela não veio pra ter um... Veio pra realmente ser diferente. Porque é do espírito, é uma coisa natural( Mae Maria Baiana).

Goiânia é uma cidade nova e planejada e quando comparamos com outras capitais, uma cidade jovem. Contudo, é uma cidade onde seus moradores conservam suas tradições religiosas, seus hábitos e comportamentos que aprendem na família, seu modo de falar, suas crenças políticas e sociais:

Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes. A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes. A tradição não só resiste à mudança como pertence a um contexto no qual há, separados, poucos marcadores temporais e espaciais em cujos termos a mudança pode ter alguma forma significativa (Giddens, 1991, p.38).

As religiões são vasos, por excelência, de acondicionar tradições e conservar costumes. Com a Umbanda não foi diferente. Ao visitar Centros de Umbanda, constata-se que cada um deles tem uma criatividade própria, desde a organização do Centro com sua estética até a forma de desenvolvimento mediúnico, o atendimento aos pacientes e o código moral de cada casa. Tudo passa pela individualidade de cada gestor na sua cosmovisão de mundo, sua forma de se relacionar socialmente e com a natureza, seus valores morais, sua compreensão e tolerância com as pessoas. É claro que teologicamente não se afirma assim. Para cada diretor ou diretora de Centro de Umbanda, sua unidade religiosa é pensada e ditada pela sua 'entidade de frente'. Neste sentido é o mundo transcendental quem dita as regras da casa: quais pontos cantar, que imagens se deverá adquirir, que ritos devem ser obedecidos, o que é permitido ou não nas incorporações, onde a casa deve fixar seu endereço, quais códigos morais observar... Tudo é detalhado pelo chefe espiritual da casa e os dirigentes dizem seguir essas prescrições.

Para essas pessoas de fé, é a autoridade religiosa existente em outro plano, em outro mundo, que define o que é ou não melhor para a vivência religiosa. Neste sentido, não há uma doutrina ou liturgia universal. Na realidade, existe a tradição que o iniciante carrega consigo de seu aprendizado com as experiências espirituais que foi acometido, e com o convívio religioso no centro de umbanda. Após isso ele adiciona outros conhecimentos advindos de outros dirigentes de casa de Umbanda e acrescenta o que lhe convém para melhor desenvolvimento da religião, de acordo

com seus valores, ideologias e visões de mundo. O chefe espiritual da casa, que pode ser um Caboclo, um Preto-Velho ou mesmo um Exu vai 'ditar as normas de como os trabalhos podem acontecer'. É comum essas entidades fazerem uma locução dentro da liturgia semanal, quando incorporadas no dirigente da casa, e forneceram instruções para os médiuns e até para a assistência.

Por outro lado, os Centros de Umbanda visitados conservam práticas do Catolicismo em seus rituais como as orações a Nossa Senhora, à Santíssima Trindade e aos santos. Todos rezam o Pai Nosso e a Ave Maria. É comum ver os médiuns persignarem-se antes de adentrar aos trabalhos no Congá e ao final deles. Sacramentos como batismo, confirmação, matrimônio e 'encomenda' dos mortos são mantidos e relidos na religião. Benzer com ramos verdes aspergido em água e usar terços para proteção são comuns nestes Centros que tem imagens, ícones e altares como na Igreja Católica. Contudo, essas práticas não sobrevivem no seu estado bruto. Elas são depuradas pelo dirigente e seu corpo de médiuns que a casa possui, podendo ser modificada, acrescentada ou retirada palavras, símbolos ou até mesmo a linguagem que pode ser diferenciada. Uma dessas formas de preservação-criação se dá nos pontos cantados, como no exemplo abaixo:

*No toco da árvore eu vi, marrado de pés e mãos*

*É Oxossi de demanda, ele é São Sebastião*

*Ele é São Sebastião*

*Guerreiro do mundo inteiro*

*Com seu arco e sua flecha, ele é o nosso padroeiro (bis)*

Quem já viu a imagem difundida de São Sebastião, sabe que ele é representado como um homem quase nú pregado num toco de árvore com os pés e as mãos amarrados, crivado de flechas da qual escorrem sangue de suas feridas. Ora, a recriação popular colocou Oxóssi como o dono do arco da flecha. São Sebastião não morreu, ele agora domina as matas e conhece a arte da caça. As flechas que o mataram agora está sob seu domínio e isso faz dele o padrinho, o padroeiro, o protetor dos que sofrem e tem fé nele. O índio vive nas matas e domina o arco e a flecha. Oxossi é o senhor da falange dos Caboclos que visitam o planeta Terra e aqui trabalham. Assim, índio, Caboclo, Oxossi, São Sebastião estão todos interligados.



Todos os Centros de Umbanda visitados apresentavam ritos católicos, mas os mais antigos mantêm mais forte essas tradições, enquanto que os mais novos tendem a enxertar outros ritos religiosos, se distanciando assim do catolicismo popular sertanejo.

Também algumas práticas do Espiritismo Kardecista foram conservadas nestes Centros de Umbanda como a tradição da leitura e explanação do evangelho segundo o Espiritismo. A Bíblia foi substituída pelo livro de Alan Kardec. Também os estudos de formação da casa, no desenvolvimento do médium, seguem os livros produzidos pelas editoras espíritas. A prece de *caritas* é rezada em todos os Centros e o médium a sabe decorada. A tradição da mesa desapareceu e a encontramos apenas em dois Centros tradicionais que ainda a usa como desobessão. A água fluidificada existe em quase todos os Centros. Aliás, o símbolo da água é importante nos Centros de Umbanda, seja na sua forma natural para ser distribuída aos pacientes no ritual ou após ele, seja como água que as pessoas levam em garrafas para ser 'benzida' pela entidade.

Entretanto, o fato desses Centros de Umbanda, trazerem elementos do Catolicismo e do Kardecismo, não fizeram desaparecer as tradições afrobrasileiras. Pelo contrário, elas existem e resistem ao tempo sob outras formas. É possível perceber isso com clareza quando relemos a Umbanda à luz dos antigos Calundus coloniais<sup>83</sup>. Os Calundus eram cerimônias de adivinhação que envolvia possessão e cura e foram muito comuns na América Portuguesa entre os séculos XVII a XIX. Eles eram realizados no espaço doméstico, em casas ou fazendas e muitas pessoas, escravizados, forros e não escravizados participavam dessas sessões que acontecia geralmente à noite e durava cerca de duas horas. O esquema de transe e atendimento que acontecia no Calundu eram bastantes parecidos com o da Umbanda.

A sessão iniciava-se com cantos e toques de instrumentos de percussão e atabaques onde os presentes podiam acompanhar com cantos e palmas, e a

---

<sup>83</sup> MARCUSSI, Alexandre. *Estratégias de mediação simbólica em um calundu colonial*. Revista de História da USP, São Paulo, v. 155, p. 97-124, 2006; MOTT, Luiz. *O calundu-Angola de Luzia Pinta: Sabará, 1739*. Revista do Instituto de Arte e Cultura, Ouro Preto, n. 1, p. 73-82, dez. 1994; SILVEIRA, Renato. *Do calundu ao candomblé: os rituais de fé africanos ganham seu primeiro tempo no início do século XIX*. In: FIGUEIREDO, Luciano (org.) *Raízes africanas*. Rio de Janeiro: SABIN, 2009. DAIBERT, Robert. *A religião dos bantos: novas leituras sobre o calundu no Brasil colonial*. Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 28, nº55, p. 7-25, janeiro-junho 2015.

sacerdotisa ou sacerdote do Calundu aparecia com roupas especiais que podia ser com fitas, penas ou panos na cabeça e começava a dançar. Em dado momento ela (ele) entrava em estado de transe e incorporava podendo neste momento cair no chão, mudar a voz, falar palavras e frases ininteligíveis para os presentes, apresentar trejeitos de diversas formas. Após isso, o espírito incorporado se apresentava e, na maioria das vezes, se referia a um antepassado da(o) sacerdotisa(o). Era-lhe oferecido alimentos e bebidas e ela (ele) seguia com os atendimentos individuais a fim de ‘adivinhar’ o que estava acontecendo com a pessoa que a(o) procurou. Geralmente era identificado uma doença ou uma perturbação diagnosticada como ‘feitiçaria’ feita por um inimigo do paciente. A essa doença ou feitiçaria se usava o termo calundu. Diz-se, então que a pessoa está com calundu e que a resolução viria do mundo dos mortos. Se fosse doença, era feito remédios com ervas e raízes para curar o corpo doente. Se fosse feitiçaria, eram feitos rituais ou até mesmo remédios para fazer sair da pessoa o espírito maligno que a acometia e produzia os sintomas que sentia. Era uma espécie de transporte como vemos hoje nos Centros de Umbanda. Em alguns Calundus, se usava uma pomba, feita de barro branco, com o qual a sacerdotisa fazia riscos no corpo e na face com o fim de entrar em contato com o mundo espiritual (SWEET, 2007, p.177).

Muitos senhores de escravos levaram os seus escravos para serem curados nos calundus, mas como esses rituais eram funcionais, ficaram populares e as pessoas não escravas começaram, também a ir aos Calundus em busca de respostas: “Com o tempo, também os brancos começaram a adotar formas centro-africanas de cura, recorrendo aos calundeiros (praticantes do calundu) para curar as doenças de que padeciam” (SWEET, 2007, p.173).

Esse mesmo esquema ritualístico se encontrava nos terreiros de macumba no Rio de Janeiro e em São Paulo no começo do século XX:

A macumba é composta por crenças e ritos que se relacionam por meio de um processo sincrético, onde a estrutura de seus significados é construída pelos agentes sociais em uma situação urbana, preservando os símbolos dominantes da tradição africana (TRINDADE, 2000).

Assim, a Umbanda foi configurada por uma série de ressignificações e reinvenções que interconectavam tradições religiosas, que dialogavam entre si. A umbanda define com quem e com quais elementos ela vai sincretizar, e estes

elementos estão sendo redefinidos o tempo todo. Isso dá ao sincretismo diferentes sentidos, expressos através de tradição e costumes de cada Centro, que por sua vez, negociam com os elementos simbólicos que foram disponíveis nos momentos histórico em que viviam ou na atualidade. Pode se pensar o sincretismo na umbanda Goianiense como uma estratégia de mediação simbólica por meio de uma interpretação própria de tradições em diálogo (MARCUSI, 2006).

É numa dinâmica dialógica que se pode compreender os Centros de Umbanda e suas crenças e práticas religiosas.

Apenas em sete Centros visitados, sendo dois pertencentes à nova geração de umbandistas, percebeu-se uma linguagem religiosa e rituais mais incluídos de religiões de nação como o candomblé. Nestes encontram-se imagens de orixás e se toca os atabaques nos rituais litúrgicos. Conceição explica essa tradição:

O atabaque dentro da Umbanda, ela não é um fundamento. O atabaque ele é mais do Candomblé, né? Da religião afro, né? A gente, o nosso negócio é mais cantar, bater palmas... Mas isso não impede, da gente ter o atabaque na Umbanda entendeu? Na maioria das casas que quando tem o “ogã” ou alguém que queira tocar a gente aceita, mas não é fundamento da Umbanda (Depoimento de Conceição, 2017, p.14).

Percebe-se que a nova geração, ao herdar as casas antigas, inspiradas em informações da mídia e na nova literatura umbandista à disposição dos médiuns na internet, tendem a acrescentar novos elementos religiosos aos antigos, principalmente afro-brasileiros.

Nas narrativas recolhidas, quando se afirma que um Centro é Kardecista, afirma-se que seu dirigente espiritual quer distanciar das tradições afro-brasileiras. Realmente o povo umbandista de Goiânia entendeu a Umbanda como Espiritismo de Umbanda branca e de demanda, deixando de fora muitos dos elementos religiosos que permitisse ao povo em geral a memória das macumbas, das quimbandas, das manifestações culturais e religiosas do campo afro brasileiro como os toques dos atabaques, as danças aos orixás, as roupas coloridas e as comidas aos orixás. Goiânia por ser uma cidade urbana planejada que surgiu na década de 30, não experimentou o período escravagista no Brasil.

Cidades como Vila Boa (hoje cidade de Goiás) ou Pirenópolis que foram cidades coloniais receberam o tráfico de escravizados negros, mas quando Goiânia nasceu, a escravidão não mais existia. Mas isso não isentou os migrantes, que

trouxeram memórias de experiências de cativo e de diáspora, de erguerem a cidade com suas raízes africanas, e por isso elas sobreviveram de outras maneiras nos Centros espíritas. Como afirma Artur Ramos (1942): “É que no Brasil o mestiçamento não é só físico e intelectual, é ainda afetivo ou dos sentimentos, religioso igualmente portanto” (p. 12).

Na realidade, viver em Goiânia, numa cidade com a ideologia da modernidade acarretou algumas dificuldades que seus moradores tiveram que enfrentar. Tinham que conviver com a realidade de ser estrangeiro numa terra estranha, de ter que suportar a desqualificação do trabalho, a pobreza com os quais tinham que lidar e com o abandono do Estado. Então, ter ainda que coexistir com o preconceito de raça era demais para essa população. Então se fez o possível para conseguir viver com ‘boa reputação’ e ‘boa vizinhança’ sem o ônus da cor e da cultura advinda da cor, muito depreciada pela ideologia da modernidade.

Os Centros de Umbanda goianiense apresentam algumas características comuns, dentre elas o tempo litúrgico e alguns símbolos usados como velas, água, incenso e ervas. O espaço do Centro obedece mais ou menos a uma mesma diretriz como podemos ver na figura abaixo:

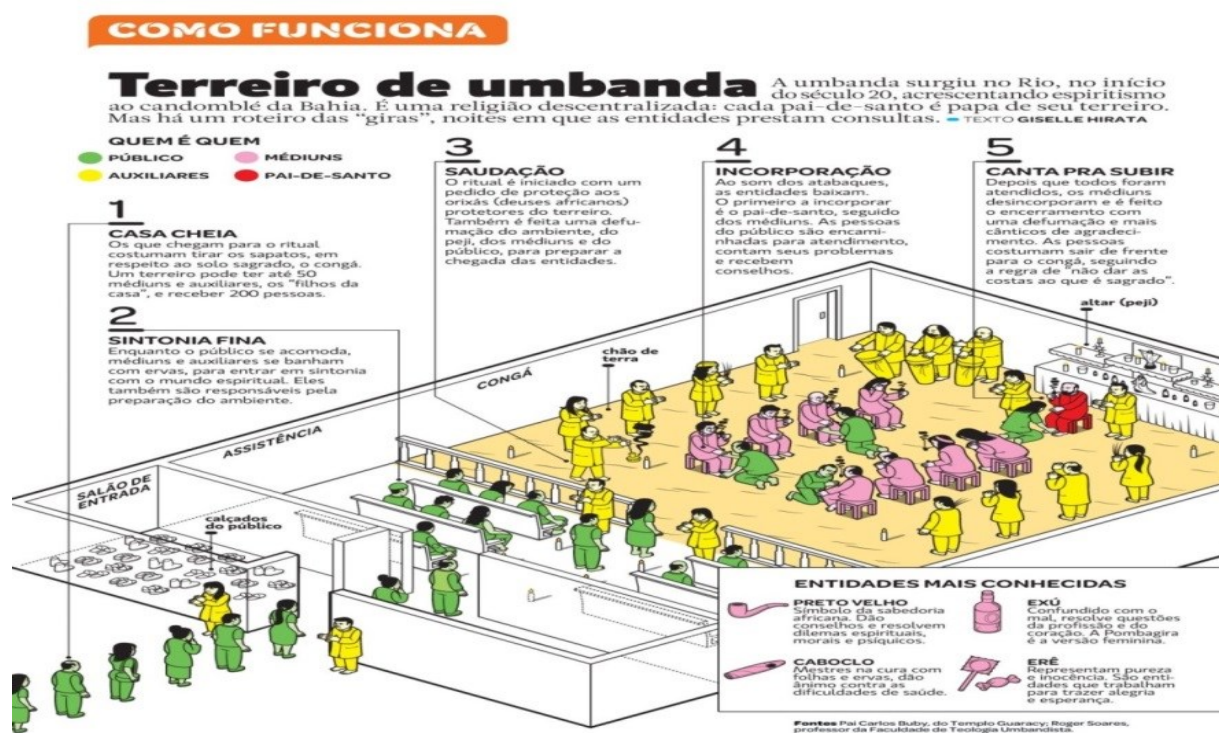


Figura 45: Um desenho demonstrativo de um terreiro de Umbanda por dentro. Disponível em: [www.wemystic.com.br/artigos/como-funciona-terreiro-Umbanda-saiba-passo-a-passo](http://www.wemystic.com.br/artigos/como-funciona-terreiro-Umbanda-saiba-passo-a-passo). Acesso 02 dez.2018.

Ao adentrar no espaço sagrado, os pacientes (também chamados de consulentes) são convidados a retirarem seus sapatos, bem como objetos de metais como relógios, brincos, pulseiras, etc... Quando não tiram seus sapatos na entrada, tiram ao sentar-se nos bancos das onde aguardam o atendimento. Onde se situam os pacientes são chamados de assistência e onde ficam os médiuns se chama Congá. Os médiuns podem ser de incorporação ou apenas de acolhida e assistência, os chamados cambones. Ao fundo encontra-se o altar onde fica geralmente o diretor ou a diretora espiritual que atendem também as pessoas, quando incorporadas em suas entidades. Esse espaço é cuidado e preservado para os trabalhos pelo chefe da casa e seu corpo mediúnico.

No Centro de Umbanda Pai André de Guiné, o portão abre meia hora antes do trabalho se iniciar e fecha meia hora depois de iniciado. Alguns Centros de Umbanda tem essa orientação. Para isso, um médium é escalado para tomar conta da porta e acolher as pessoas. No horário estipulado, após quinze ou meia hora após o início dos trabalhos, depois da defumação, a porta é fechada e ninguém mais entra. Talvez essa prática tenha insinuado a ideia de trabalho secreto, oculto e

perigoso, mas é apenas um ritual para melhor organização dos trabalhos e tem uma teoria por trás dela, pois se acredita que uma pessoa pode estar acompanhada por espíritos desencarnados, que podem ser algozes (cobradores) e estas o levam para os Centros de Umbanda, o que podem trazer problemas para o bom andamento do trabalhos.

Na Tenda Espírita São Sebastião, eles são muito rígidos com os horários. As terças e sextas feiras pontualmente às 20hs se inicia os trabalhos. Após a defumação, o portão é fechado e ninguém mais entra, mesmo se estiver passando mal ou se for um médium da casa. Segundo o presidente é ordem dos mentores da casa.

Também nestes dois Centros as pessoas ao chegar devem desligar seus celulares, sentar e fazer silêncio. O som ambiente geralmente é eletrônico e apenas quando se inicia os trabalhos cantam-se os pontos da Umbanda.



Figura 46: Aviso na entrada da assistência do Centro Espirita Pai André de Guiné. Acervo do Centro Espirita Pai André de Guiné

Na maioria dos Centros o paciente ao adentrar para os trabalhos devem portar velas que serão acesas no Congá para seus respectivos anjos da guarda, ou no caso das entidades necessitarem que o paciente acenda uma vela no altar ou para alguma entidade no Centro. Às vezes acontece do consulente ganhar uma vela para acender em casa, dependendo da avaliação do caso da pessoa em questão.

Velas são importantes e todos os trabalhos religiosos da Umbanda terão velas acesas nas tronqueiras, nas firmezas de Ogum, nas canjiras, no Congá<sup>84</sup> e em espaços reservados para a firmeza de anjo da guarda dos médiuns e dos pacientes.

Também, durante os trabalhos de atendimentos, a entidade ao fazer seu ponto riscado no chão coloca uma vela acesa para poder atender aos pacientes.



Figura 47: Altar na Tenda Espirita Pai João das Matas.  
Acervo da Tenda Espirita Pai João das Matas.

Localizada em Aparecida de Goiânia Localizada em Aparecida de Goiânia, a empresa Zuppani, é responsável atualmente por mais de 356 itens distribuídos em

<sup>84</sup> Geralmente os Centros de Umbanda montam diversos altares, todos composto por imagens de santos e outras decorações evidenciando o espaço sagrado. Todas as casas tem um Congá, que é o espaço onde acontece o trabalho religioso e apenas a(o) dirigente da casa com os seus médiuns podem adentrar. O Congá é composto de um altar central onde tem em destaque a imagem do Cristo redentor ou do Sagrado Coração de Jesus, entendido como Oxalá, o orixá criador de todas as coisas na Terra. Ao lado de Oxalá se encontram diversas outras imagens de santos católicos e de entidades da Umbanda. Em algumas casas, nestes altares, podem se encontrar a imagem do mentor da casa ao Centro, e ao lado, o Cristo redentor. Duas das casas visitadas tiveram ao Centro a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Os Centros mais esotéricos tendem a ter no Centro do altar símbolos no lugar de imagens católicas. Neste espaço sagrado a assistência poderá entrar quando for se consultar com as entidades. O espaço sagrado pede reverência ao entrar ( as pessoas geralmente abaixam a cabeça), entrar de pés descalços e sem objetos de metais (tidos como magnetizadores de energias negativas) e sair de frente para o sagrado e nunca de costas, que é tido como desrespeitoso. Além do Congá e das tronqueiras mencionadas, as casas podem possuir uma canjira dedicada ao Exu e Pomba Gira. No Centro Nossa Senhora da Conceição essa canjira é bem grande em forma de uma gruta no fundo do Centro, onde as pessoas podem se ajoelhar, sentar e acender as suas velas. Também pode existir a firmeza de Ogum, que é outro altar dedicado a Ogum e onde se encontra a imagem de São Jorge, ou várias imagens de São Jorge. O altar é decorado com folhas de São Jorge e outras folhas e podem ter como acréscimo outras imagens. Nele se acende velas nos dias de trabalho. Ogum é tido como protetor e aquele que abre os 'caminhos' para a prosperidade e fecha para a 'maldade' que pode advir do outro.

16 marcas nos supermercados. Inicialmente ela criou a marca de velas *rainha* e, desde 1983 comercializa velas para as casas religiosas sob os nomes de velas *São Tarcísio* (que foi comprada pela empresa) e *Divino Pai Eterno*, evidenciando possíveis vendas lucrativas tanto para umbandistas como para católicos. No Setor Pedro Ludovico a Casa das Velas fabrica e comercializa as velas *São Jerônimo*, em diversos tamanhos.

Algumas casas pedem como donativo pacotes de velas, devido ao alto preço e ao grande consumo das mesmas nos trabalhos religiosos.



Figura 48: velas acendidas aos pés do Cruzeiro, existentes em várias casas de umbanda. Acervo da FUCEGO.

A água é outro elemento importante nos Centros de Umbanda da capital. Os trabalhos de atendimento dos pacientes acontecem com os pontos riscados no chão, onde além da vela acesa tem um copo ou uma cuia de coco com água. Eventualmente, essa pode ser modificada para chá, café, vinho, água de coco, suco de laranja ou mesmo aguardente. O paciente ao ser atendido pelas entidades muitas vezes é convidado a dar três goles na bebida ou mesmo beber um copo de água. Essa água conserva na memória a água benta introduzida aqui no Brasil pela Igreja Católica. A Casa Umbandista Mãe Maria Baiana tem no seu Congá uma gruta dedicada a Iemanjá com filetes de água corrida. Iemanjá é associada às águas, e na primeira metade do século XX, foi introduzida no Rio de Janeiro a prática de fazer o



réveillon na praia, ofertando barquinhos com apetrechos e flores para Nossa Senhora<sup>85</sup>.

No Centro-oeste do país não se tem mar, mas as águas de cachoeiras, riacho ou dos rios podem se transformar em praia para essas oferendas, como no caso de seu Jesus e dona Maria de Lurdes que iam à cachoeira junto com os médiuns fazer oferendas à Iemanjá na passagem do ano e sempre que podiam faziam excursões para a cidade de Goiás passar um dia nas matas, tomar banho de cachoeira e fazer lá suas oferendas:



Figura 49: Seu Jesus e Mãe Lurdes com oferenda para Iemanjá. Foto de acervo do Templo de Oração de Maria

---

<sup>85</sup> A Umbanda terá inúmeras imagens de Yemanjá a partir de um quadro que foi criado na década de 50 em homenagem a Dra. Dala Paes Leme, por seu marido. O quadro apresentava uma mulher magra, saindo do mar, com cabelos longos negros, pele morena e traços indígenas. Este quadro percorreu a tenda do Caboclo Mirim e outras tendas do Rio de Janeiro e deu início às giras de fim de ano nas praias cariocas. A partir do rodizio do quadro, a própria Dala, que era umbandista, criou a comissão de divulgação da imagem de Yemanjá, que se disseminou pelos Centros e Umbanda. (TRINDADE, 2015, pp. 98-101)



Figura 50: Oferenda para Yemanjá junto com os médiuns.

Foto de acervo do Templo de Oração de Maria

É comum as pessoas levarem garrafas pet, grandes ou pequenas para serem 'benzidas' pelas entidades sagradas nos trabalhos religiosos. As pessoas colocam essas garrafas na área do Congá e em outros Centros elas podem ser recolhidas pelos médiuns que a levam ao altar principal do Congá e ali permanecem durante toda a sessão religiosa.

No Centro Espírita São Sebastião, localizado no Setor Pedro Ludovico, eles tem um grande cesto de palha onde são acondicionadas essas garrafas, cada uma com o nome escrito de seu remetente e esse cesto é colocado no Congá. Ao fim dos trabalhos, dois médiuns pegam esse cesto e levam até a assistência para que cada pessoa possa retirar sua respectiva garrafa de água. Considerada 'benzida', 'energizada', 'magnetizada', 'fluidificada', essa água será levada para casa e dada a uma pessoa doente, para um filho dependente químico ou para o marido alcoólatra; pode ser uma filha desajustada ou a esposa que sofre dos nervos; ou mesmo o marido ou filho desempregado, enfim, ela serve para harmonizar a relação familiar e social.

Depoimentos não faltam de que a água advinda das bênçãos dos mentores e entidades produzem milagres, desde a proteção corporal para não serem vítimas de assalto, invejas e intrigas até curas de doenças tidas como incuráveis. Linda,

paciente e depois médium descreve a cura que teve de uma tuberculose na década de 70, através da água abençoada pelo Pai Mateus no Centro Espirita Anjo Ismael:

O médico falou assim que a minha chance era mínima, que meu pulmão esquerdo estava muito afetado e o pulmão direito tinha começado [...]Pai Mateus benzeu uma garrafa de água e mandou para mim. Os médicos deu que com menos de seis meses eu não saia de lá(do hospital)[...]aí foi, levou essa garrafa de água prá mim e eu fui bebendo, bebendo... com 15 dias que eu estava lá já tinha recuperado meus pesos tudinho. Não tinha mais nada. Só mancha, não tinha bacilo mais vivo, só mancha mesmo (DEPOIMENTO DE DONA LINDA, 2018).

Entre o conhecimento médico e as diversas possibilidades de restauração da saúde, as pessoas encontram mediações em objetos simples ou elementos da natureza capazes de transformar suas realidades.

Cada Centro de Umbanda tem sua forma litúrgica de apresentação e realização do trabalho religioso, mas em nenhuma delas falta o incenso para defumação.

A prática de usar incensos em trabalhos religiosos é antiga. Incenso vem do latim *incensere* que quer dizer queimar. Todas as religiões antigas utilizaram ou usam ainda incensos. O incenso tem diversos significados, dentre eles o mais comum é afastar os maus espíritos ou más energias mentais e limpar o corpo físico para manter certa harmonia no ambiente. O trabalho na Umbanda só procede após a defumação que consiste na queima de ervas num incensário que solta uma fumaça perfumada com o qual o adepto faz gestos de limpeza em seu corpo. Esse rito é acompanhado de cantos. Após incensar o ambiente e as pessoas, o incensário é levado para fora onde se incensa o ambiente externo e o portão, sendo deixado na tronqueira ou trazido de volta e deixado no chão do altar. A defumação também é justificada como elo de união entre o médium e o mundo espiritual, preparando-o para a incorporação.

A fumaça considerada sagrada também se dá através de charutos, cigarros de palha e cachimbos. Na Igreja Católica, se mantém em diversos rituais o uso de incenso, onde se acredita que a fumaça desprendida da queima do incenso, eleva a Deus as preces dos fiéis. Na Umbanda, as manipulações feitas pelas entidades no

corpo do consulente se dão com as baforadas de fumos, invocando a ‘fumaça sagrada’ que elimina os miasmas ou larvas astrais<sup>86</sup>.

Além do uso do incenso, as ervas são essenciais ao trabalho religioso. Elas estão presentes no altar junto com as velas e as imagens. Dependendo das entidades a serem invocadas no trabalho, haverá um tipo de ervas que pode ser espada de São Jorge, arruda, guiné, samambaias, alecrim, colônia etc...

Também o médium só adentra ao ritual após tomar banho de ervas selecionado pelo chefe espiritual da casa. O banho pode ser tomado na casa do médium ou no próprio Centro. Vai depender da orientação da casa religiosa. As ervas vão estar também à disposição do médium quando este tiver incorporado para as manipulações e benzeções que pode vir a acontecer no corpo do consulente. Além disso, banhos de ervas<sup>87</sup> podem ser indicados para serem feitos em casa, caso a entidade ache necessário.

### 2.3 A HERANÇA CRISTÃ CATÓLICA CAMINHA JUNTO COM A TRADIÇÃO ESPÍRITA

O que é a Umbanda? Ela é paz, amor e caridade. A Umbanda ela é mista, ela é uma religião mista porque ela tem um pouco do Kardecismo, um pouco do catolicismo e um pouco do culto afro-brasileiro. Ela tem... Porque ela tem um culto afro porque ela tem um ritual também, não é aquele ritual de Candomblé, ritual de omolokô, mas ela tem um ritual que vem o Preto-Velho, que vem o Caboclo, que tem as guias, que tem a vela, tudo isso é ritual né? Então nós trabalhamos, a Umbanda não me impede de ir na Igreja assistir a missa, não me impede de assistir um culto, ela não me impede nada, porque tudo é

---

<sup>86</sup> Para a antropologia umbandista, o ser humano é uma unidade de mente, corpo e espírito. Essa unidade é geradora de energia que interfere na vida pessoal e social. Assim, todo pensamento, sentimento e ação intervém no bem estar de todos. Se esses pensamentos são negativos, os sentimentos são de ódio e vingança, e o desejo é de destruição do outro, a energia gerada é negativa formando o que se chama de miasma que em grande quantidade e permanência formam larvas astrais. Essas larvas astrais podem causar grande sofrimento às pessoas que podem ter depressões, doenças mentais e até mesmo doenças físicas. Acredita-se que ela pode ser limpa ou extinta com as manipulações realizadas no trabalho religioso, devolvendo o bem estar à pessoa.

<sup>87</sup> Os banhos de ervas na Umbanda é uma ritualística que vem das sociedades tradicionais como as indígenas e os nativos africanos. As ervas são preparadas de acordo com as necessidades de cada médium ou paciente e servem para limpar, proteger ou curar. Em muitos Centros, ervas são fornecidas aos consulentes para que possam tomar os banhos indicados pelas entidades atendentes.

Deus. E quando a Umbanda, os negros vieram da África, eles não podiam cultuar seus orixás, que é mais de Candomblé, né? Que eles mais valorizavam muito, é... Os ritualismos, era de tambor, era de muita coisa que eles fazia. E como os senhores não aceitavam a religião deles, que até hoje ainda é discriminada, não aceitava, pra eles cultuar seus orixás eles começou a usar o sincretismo católico. Eles passou a usar o sincretismo católico.  
(Dona Rosalina)

O Centro Espiritualista de Umbanda Pai Joaquim de Angola tem hoje uma média de 60 a 80 médiuns e todos os dias, excetuando os domingos, se realizam trabalhos espirituais no Centro com atendimento para a população. Na segunda-feira os Pretos-velhos descem na 'linha das Almas' e cerca de 100 pessoas são atendidas no horário das 20h00min às 22h00min. Muitas dessas pessoas são direcionadas para o trabalho de terça-feira quando o Pai Joaquim de Angola, incorporado na Tia Leda, vem atender no trabalho de cura. É uma noite dedicada a curas de doenças físicas e mentais que afligem as pessoas.



Figura 51: Vista do Congá do Centro espiritualista de Umbanda Pai Joaquim de Angola. Acervo pessoal de Lucas Gonçalves Brito

Na quarta-feira comparecem ao Centro homens e mulheres com a intenção de estudar para autoconhecimento e 'equilibrarem suas energias', para posteriormente desenvolver suas mediunidades. É requisito para esse

desenvolvimento espiritual que os integrantes tenham participado nos trabalhos do 'portal' nos sábados, durante um ano.

Na quinta-feira tem estudos fechados para os médiuns e para os que estão desenvolvendo novas habilidades. Tem treinamento para os trabalhos práticos como a mesa de desobsessão e a incorporação.

Na sexta-feira acontece o trabalho de desobsessão onde comparecem homens e mulheres que querem 'melhorar de vida' e atribuem muitas de suas aflições a espíritos desencarnados obsessores. Muitos chegam com depressão e/ou doenças mentais que vem impedindo suas carreiras profissionais ou relacionamentos familiares. Este trabalho não é feito individualmente, mas de forma coletiva.

O Centro de Umbanda aposta no tratamento espiritual que é oferecido para que o interessado possa se servir dele a semana toda e encontrar, assim, sua cura ou as respostas que desejam para as devidas mudanças em suas vidas, inclusive de desenvolvimento de suas mediunidades, tida pela Umbanda como solução para curas definitivas, tanto de doenças do corpo, quanto de fracassos existenciais.

Aos sábados, oferece-se um estudo semanal, realizado no que é chamado 'Portal do Céu' sob a proteção e direção do guia espiritual Bernardo de Quintavalle (1180-1241) que foi o primeiro seguidor de São Francisco de Assis. Com o lema "Umbanda tem fundamento, e é preciso preparar", o portal oferece duas horas de estudo teórico semanal, abrangendo temas que vão desde a história da Umbanda, seus conceitos, os guias, os orixás até práticas de tratamentos como reike, apometria, musicoterapia, etc. Após um ano de estudo e participação nos trabalhos religiosos, o candidato pode participar do desenvolvimento mediúnico prático que acontece nas quartas e quintas feiras. Ele também começa a servir na portaria, na acolhida dos pacientes, na limpeza e arrumação do templo. Aos poucos vai recebendo permissão para atuar em diversos trabalhos como médium da casa. Esse Centro recebe semanalmente cerca de 200 a 300 pessoas, totalizando entre oitocentos a mil e duzentos atendimentos num mês. No ano de 2017 iniciou-se uma reforma de ampliação no Centro para acolher mais pacientes diante da demanda cada vez maior.

O Centro espiritualista de Umbanda Pai Joaquim de Angola é um templo ligado a Associação das Fraternidades Ramatis<sup>88</sup> e por isso nos últimos anos tem cada vez mais se dedicado a reorganizar o templo e sua espiritualidade de acordo com essas orientações.



Figura 52: Seminário Ramatis realizado no ano de 2014 na sede do CEUPJA. Disponível em <http://www.triangulodafraternidade.com/2014/09/>. Acesso em 21 de fev.2019.

Ao chegar ao templo, adentra-se uma sala de entrada onde as pessoas são acolhidas por um médium e recebe uma ficha. Na entrada do salão encontra-se uma imagem dedicada ao Divino Pai Eterno e no lado esquerdo um cruzeiro com espaço reservado para acendimento de velas para os anjos da guarda. Qualquer pessoa pode levar sua vela para acender para si ou para algum ente querido.

<sup>88</sup> Ramatis é entendido como um mestre sideral que vem ao planeta Terra ajudar na evolução espiritual dos terrestres. Sua primeira mensagem foi codificada em 1955 pelo médium Hercílio Maes, onde faz sua apresentação. A partir de 2000, o médium Norberto Peixoto tem psicografado suas obras. Existem 36 obras psicografadas de Ramatis. As duas últimas tiveram como título *a missão da Umbanda* (2006) e *Umbanda pé no chão* (2009). A Associação de Fraternidades Ramatis nasceu em 1996 fruto do primeiro congresso da Sociedade Espírita Ramatis que congregou organizações Ramatis do Brasil. O Centro Espiritualista Pai Joaquim de Angola é o único Centro de Umbanda da região Centro-oeste a se associar a AFRAM.



Figura 53: Imagem do Divino Pai Eterno na entrada do CEUPJA no Setor Urias Magalhães. Todas as pessoas ao chegar no Centro se benze na imagem.  
Acervo do CEUPJA

Homens e mulheres sentam-se separadamente sendo homens à esquerda e mulheres à direita. Mesmo tendo casais, para assistir as sessões devem sentar separados<sup>89</sup>. O local é todo ambientado com músicas clássicas da Igreja Católica, principalmente do padre Zezinho e se pede silêncio no momento em que se adentra o salão. É comum as pessoas chegarem, tirarem seus sapatos e objetos de metais como relógios, brincos, correntes e desligarem seus celulares. Entram num ambiente onde as emoções ficam todas voltadas para a oração individual e interior.

Outros Centros de Umbanda tem rituais parecidos como esse, mas esse é o único que atende todos os dias da semana. O CEUPJA é um Centro antigo que mantém a vertente da tradição do Caboclo Sete Encruzilhadas do Rio de Janeiro, pois não tem linha de Exu. Igualmente o TENSF de Zélio de Moraes, as sessões iniciam às 20hs e termina as 22hs e o templo mantém a linha das almas.

Os médiuns não tem nenhuma ligação com ritos afro-brasileiros como feitura de santo, comida para orixás ou mesmo atabaques. Os pontos são cantados no início da sessão e tem, além da linha das almas, sessão de Pretos-velhos, Caboclos e Erês. É um dos dois templos que mantém o chão de congá com areia para que os trabalhos se realizem. Há imagens de santos, mas não imagens de orixás africanos, e não fazem culto aos orixás, apesar de seus pontos mencionarem os orixás. Os médiuns usam branco, todos com avental branco por cima das roupas brancas como

<sup>89</sup> Parece que a separação por gênero obedece a um costume antigo nos Centros para manter a ordem. Alguns justificam teologicamente essa prescrição por causa dos polos positivos e negativos que representam homens e mulheres na complementariedade dos sexos. Na maioria as mulheres ficam a esquerda e os homens a direita. Centros onde a tradição do Candomblé ou afro-brasileiras são mais fortes, na assistência senta-se misturados.



se fossem profissionais da saúde. Não usam panos brancos para cobrirem as cabeças<sup>90</sup>.

A abertura dos trabalhos no CEUPJA se dá com a invocação da Trindade, tal qual se faz numa missa católica, e se faz a invocação cantada:

*Em nome do Pai, em nome do Filho, em nome do Espírito Santo estamos aqui (bis).*

Logo depois vem os pontos de defumação invocando Nossa Senhora:

*Nossa senhora defumou seus amados filhos para deles o mal retirar*

*Dá licença minha aldeia de Caboclo pro mal sair e o bem entrar (bis)*

*Defuma, defuma nas horas de Deus*

*Defuma Umbanda*

*Os filhos seus (bis)*

*Que lindo o barquinho, que vem a navegar.*

*É a Rainha do mar, que a paz vem deixar. (bis)*

*E à seus filhos...*

*E à seus filhos abençoar.*

*Salve, salve, salve a Rainha do mar. (bis)*

*Salve, salve a casa que ela vem abençoar. (bis)*

E se for o ponto das almas invoca-se São Miguel:

*Eu vou pedir a Deus e aos anjos lá do céu (bis)*

*Que abra essa Umbanda*

*Glorioso São Miguel (bis)*

*Cajueiro Santo, aonde nasceu Jesus. (bis)*

*lô minhas almas, minha Divina luz. (bis)*

*Abre a porta do céu São Pedro, deixa as almas trabalhar. (bis)*

*lô minhas almas, venham nos ajudar. (bis)*

E assim segue o culto com muitos pontos a São Miguel, às santas almas, a Nossa Senhora, a Jesus Cristo, a São Jorge e assim por diante. Neste Centro reza-se a oração de São Francisco de Assis, o Pai Nosso e a Ave Maria. Todos os

<sup>90</sup> Em Centros espíritas que tem mais afinidade com as práticas africanas, é comum os médiuns cobrirem a cabeça com um pano nos trabalhos espirituais. É chamado 'torço' para as mulheres e 'barrete' ou 'filá' para homens. Teologicamente se justifica como uma proteção para aqueles que recebem as entidades e foram 'coroados na Umbanda' ou 'iniciados' nos orixás.

presentes conhecem os pontos e as rezas, demonstrando que são frequentadores assíduos nas sessões promovidas pela casa religiosa.

A religião umbandista é uma religião onde mente e corpo caminham juntos. Os adeptos se entregam de corpo total para a religião num inclinar-se ao sagrado de uma forma integral, seja ele médium ou não. Observando os comportamentos dos adeptos, tem-se uma religião que por sua excentricidade e linguagem transcendental atrai as diversas pessoas para o absoluto mistério da vida. Buscam no misterioso e no oculto aquilo que não conseguem explicar racionalmente para si mesmas. Se não se pode cientificamente atestar esses fenômenos, pode-se afirmar pelos seus resultados que são simplesmente funcionais, seja no âmbito do corpo físico (restituindo saúde mental e física), seja no âmbito das relações intra e/ou interpessoais que vai se transformando com o seguimento religioso.

Dona Erotildes se definia como católica. Aos domingos assistia assiduamente às missas. Na sexta-feira santa mantinha a tradição de ir a sete missas em sete paróquias diferentes:

Na sexta-feira, ela tinha um hábito também de frequentar, na Sexta-Feira Santa, sete Igrejas católicas [...] Sete Igrejas católicas a pé. Então ela caminhava... É... Sete Igrejas. Eu num presenciei, mas certamente o que... Quando ela chegava na Igreja o que ela fazia. Se era oração, certamente, mas... É... Ela fazia isso toda Sexta-Feira Santa. Caminhava, saía de lá e caminhava em sete Igrejas. [...] Sozinha. Sozinha fazia isso. Sete Igrejas (DEPOIMENTO DE CARLOS, 2018, p.4).

Além disso, ela tinha uma conexão com a Igreja Católica semanalmente, encomendando missas para vivos e mortos. Fazia questão de juntar dinheiro para isso. Era como se a Igreja Católica, para ela, complementasse sua missão, ou a legitimasse:

A Tilde ela tinha outra coisa também, que eu falava assim, eu pego ela assim e levava, mas toda a quinta e sexta a gente passava na Igreja de São Francisco, tinha vezes que ela tinha dinheiro, tinha vezes que ela não tinha e eu inteirava, ou eu dava o dinheiro pra ela, porque ela sempre tinha missas né? Então ela sabia as data de todo mundo. Que nasceu e que faleceu. Da nossa família, da famílias do Dr. Hélio, das pessoas que eram de convívio dela, então ela chegava lá e falava: “olha, eu queria missa de Fulano de tal, de tantos anos de falecimento, eu quero uma missa prá Fulano de tal de nascimento”, então ela que pedia as missa de todo mundo daquela semana, né? Aí pagava ali dez, quinze reais, vinte reais, porque não é cobrado, né? Mas ela dava. Então ela pegava e dava esse dinheiro, tinha vezes que ela chegava: “não, eu tô meio sem dinheiro, meu filho, mas...”, aí eu: “não tia, mas quanto tá faltando pra inteirar aí?”, aí ela pegava, isso era sagrado pra ela, né? (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, p.17).

A quaresma era muito significativa para dona Erotildes que aproveitava a ocasião para rezar, com os joelhos no chão, as rezas que aprendeu dos mais velhos:

Na quaresma, então, ela tinha o hábito de reunir na quarta... Segunda, quarta e sexta, que era, inclusive, o dia dos trabalhos lá, reunir os médiuns e fazer orações. Então, inclusive, colocava todos de joelhos, faziam as orações durante a... a quaresma. Inclusive, quando... assim... ela aumentava mais quando ia aproximando da Sexta-Feira Santa. Aí ela aproximava mais, ela fazia mais orações ainda, com um tempo maior (DEPOIMENTO DE CARLOS, 2018, p.4).

O sincretismo não é uma inferioridade ou uma menoridade intelectual dos africanos e seus descendentes, nem tampouco foi um disfarce para enganar senhores de escravos, mas o sincretismo é expressão que revela como os afrodescendentes conseguiram reestruturar um universo fragmentado e reconstruir uma 'africanidade' que havia sido interrompido na diáspora.

Foi a Igreja Católica que no final do século XIX, com a romanização, fez um esforço para que se criassem fronteiras entre a fé católica e o candomblé, classificando toda a criatividade dos afrodescendentes como superstição e negando os sincretismos. Nasceu assim a ideia de inferioridade intelectual dos africanos e de inferioridade social dos cultos afro-brasileiros. A Igreja Católica necessitava desprestigiar determinados grupos para insistir em sua "pureza da fé" e para isso precisava cindir e romper com outras religiões. Mais do que isso, a religião dos afrodescendentes seria um encobrimento, uma dissimulação, uma farsa. O olhar institucional dos cientistas reforçou essa ideia e a religião dos afrodescendentes deixava de ser multiforme e pluricultural. Ora, a América Portuguesa "não pode ser tratada como um bloco rígido, mas, como um espaço em movimento no qual as relações aconteciam" (SOUSA JUNIOR, 2003, p.19). Da mesma forma, em Goiânia, o sincretismo de cada comunidade umbandista só pode ser explicado a partir das condições concretas e histórias vividas por cada grupo. Assim, nem tudo que se vê e que aparece, corresponde às realidades em que este mostrar se construiu.

O templo de Erotildes mantém a mesma simplicidade de sua fundação. Como o Centro Espiritualista de Umbanda Pai Joaquim de Angola, o Congá tem chão de areia e o altar tem muitas imagens de santos, Pretos-velhos e Caboclos.



Figura 54: Foto do congá do Centro  
Arquivo do Centro espírita São Miguel Arcanjo

Também tem a bandeira do Centro que para ela era muito significativa.



Figura 55: Imagem da bandeira.  
Acervo do Centro Espírita São Miguel Arcanjo.

Também o altar se compõe com uma imagem de Buda e de ciganos. Acredita-se que essas devoções venham da sua compreensão esotérica, uma vez

que participava junto com um sacerdote e outros membros no Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento<sup>91</sup>:

Mas ela não deixou de ser católica, nem... Ela muito católica ainda, de defender... [...] a vida inteira. Mesmo ela sendo Espírita, ela frequentava a Igreja Católica e ainda todo domingo ela ia para o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, que é um... que tem aqui no Centro. A vida inteira ela frequentou, ela sempre foi de ir sempre à Igreja, de ir sempre... No dia de finados ela... Há uns dez anos atrás ela já parou porque ela não dava conta de ir mais, né? Mas eu acho que até há uns dez anos atrás ela ainda ia todo dia de Finados, ou dia santo aí, sei lá qual que é...E ia aí em sete Igrejas, ia em sete Igrejas a pé (DEPOIMENTO DE REGINALDO, 2017, p.3).



Figura 56: Certificado de membro do Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento conferido a dona Erotildes. Arquivo do Centro espírita São Miguel Arcanjo

A Umbanda que Erotildes tocava não tinha atabaques. Com a justificativa de que não devia incomodar os vizinhos, ela não tocava tambores, mas fazia culto aos exus, que ela chamava de 'esquerda' nas sextas feiras. Seu templo, além do altar central, tem pequenos oratórios nas paredes laterais para os Pretos-velhos e para os baianos, representados nas figuras de cangaceiros:

<sup>91</sup> Erotildes do Carmo entrou para o Centro de Irradiação Mental Tattwa Jesus Cristo filiado ao Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento em abril de 1964. O Centro foi fundado em 18 de março de 1940 no bairro popular de Goiânia. Foi membro por mais de quarenta anos, quando deixou de participar pela idade avançada.



Figura 57: Imagem dos boiadeiros e cangaceiros. Arquivo do Centro Espírita São Miguel Arcanjo.

Na quaresma, dona Erotildes fazia o ritual de ‘fecha corpo’ com os médiuns da casa e toda a comunidade:

De quinta prá sexta, ela fazia... juntava, pegava... Não sei se a senhora conhece arruda e guiné. Eu não lembro se tinha mais alguma coisa. Mas dessas duas eu me lembro bem, que ela tinha um pilão daqueles antigos, de fazenda, de socar. Colocava no pilão, socava aquilo bastante e, depois, colocava em uma garrafa com pinga. Certo? Aquilo ali... É... Quem estava lá... Ela não deixava ninguém dormir antes da meia noite. De quinta prá sexta. Antes de tomar um pouquinho dessa mistura que ela fazia. Que ela costumava chamar de fecha corpo, que era prá fechar o corpo. Então eu mesmo tomei, porque na época eu tava lá. Então a gente tomava, assim, menos um pouquinho do que uma xícara de café, pequena quantidade. A gente tomava, ela fazia a gente tomar antes de deitar. E não deitava antes da meia noite, porque isso a gente tomava meia noite. E no outro dia... No outro dia, então, pela manhã, já tinham muitas pessoas, que isso já vinha há muito tempo. Já sabiam disso, iam lá prá tomar disso[...]Na sexta-feira de manhã, antes de tomar o café da manhã. Então chegava muita gente prá falar: “Não... Vim tomar o fecha corpo.” Aí ela pegava e servia prá todos, né? Isso eu cheguei a presenciar lá, esse fecha corpo (DEPOIMENTO DE CARLOS, 2018, p. 4).

O umbandista em Goiânia, em muitos Centros de Umbanda, se sente católico, se identifica com a Igreja Católica, segue o calendário litúrgico das festas católicas e agrega o panteão ioruba e banto, segundo as interpretações de cada Centro Espírita.

Pode-se assim, pensar num sincretismo afro-católico, cujas explicações não estão na ideia de farsa ou de dissimulação diante da obrigatoriedade do culto católico imposto ao africano durante a escravidão e tampouco na ideia de mistura, de algo inautêntico, atrasado e incompleto diante do catolicismo entendido como completo, autêntico e universal: “O sincretismo afro-católico vai além das relações exteriores estabelecidas com o Catolicismo” (SOUSA JUNIOR, 2003, p.11). Ele não foi apenas imposição do sistema colonial, mas se trata de “modos ou estilos de viver e sobreviver inventados pelos africanos, a partir de brechas encontradas no próprio catolicismo”(SOUSA JUNIOR, 2003, p.11). Mais do que isso se pode pensar sincretismo como modo de sobrevivência, ritualização e transformação de tradições religiosas.

Desse modo, a umbanda em Goiânia permitiu aos umbandistas incluírem ao seu universo católico sua religião.

Também não faltava a leitura do evangelho segundo o Espiritismo e a ausência do atabaque para realmente mostrar ao bairro que se tratava de uma casa de ritual lícito e dentro dos padrões aceitáveis socialmente.

Estas mesmas práticas religiosas ainda se tem nos Centros de Umbanda de Dona Alvina, Dona Roxa e mãe Maria Baiana que seguem o calendário litúrgico católico, mantendo e guardando a semana santa, e outras festas religiosas.

Dona Roxa, em seu Centro Espirita Pai Oxalá promoveu em 20 de janeiro de 2018 mais uma festa de Santo Reis em Senador Canedo com a presença do prefeito Divino Lemos e do vereador Rosalvo<sup>92</sup>. A festa, que se tornou tradicional na cidade, faz parte da sua devoção católica, que ela entende como missão:

Eu vou na Igreja. Eu cumpro minha missão lá na Igreja. Eu não trabalho na quaresma. Não. Respeito. As minhas orações é todo dia. Considero, e tenho o meu seguimento como o deles. Não trabalho na quaresma. Passa a quaresma... se dedica as nossas orações pro Pai (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p. 5).

---

<sup>92</sup> Disponível em: <https://www.senadorcanedo.go.gov.br/festa-tradicional-movimenta-noite-de-sabado-em-senador-canedo/> Acesso em 23 de abr. 2019



Figura 58: Dona Roxa na festa de Santo Reis

Disponível em: <https://www.facebook.com/jornalopequi/photos/tradi%C3%A7%C3%A3o-f%C3%A9dona-roxa-mant%C3%A9m-viva-a-tradi%C3%A7%C3%A3o-da-folia-de-reis-nestes%C3%A1bado-aconte/744421022358030/>. Acesso em 12 ago.2019.

Para Dona Roxa não se trata de sincretismo no sentido de transposição de devoções, mas se trata de assumir teologicamente a sua fé. Em sua compreensão, do seu ponto de vista cultural, não é possível separar catolicismo de Espiritismo, mas ela tem clareza de que o catolicismo não se confunde com Espiritismo:

É porque nós na Bahia não tem isso. Nós da Bahia não tem negócio de dizer: “Ah! que não vai na Igreja, porque é espirita” Não. Nós somos da Igreja e somos da Espiritualidade. Que a Igreja, lá do Senhor do Bonfim, que é lavado, somos nós do terreiro que lava a Igreja. Então, agora eles aqui não, disse que não, porque quem é espirita não pode...Não. Isso é engano. Pai Filho Espírito Santo, né? [...] Pai, Filho, Espírito Santo. Qual é... que nosso pai deixou? Ele é espirito. Ele é o Pai, mas ele é o Espírito, não é isso? Deixa nós cumprir. Então a gente tem a missão. Ele deixou a missão assim: da gente cumprir, ver essas forças espiritualmente, porque não é eu só, tem muita gente, né?(DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, pp.4-5).

Para ela, Espiritismo vem do Espírito Santo de Deus, portanto a religião é licita de seu ponto de vista. Justifica, assim, a existência da religião isentando a si própria de qualquer culpa. O templo de Dona Roxa foi construído nos fundos de sua casa. Ela mantém ainda hoje as imagens que foi colecionando ao longo do tempo





Figura 59: Imagem dos reis magos visitando o menino Jesus.  
Acervo do Centro Espírita de Umbanda Pai Oxalá

Dona Alvina, médium do Caboclo Pena Branca, também observa o calendário litúrgico católico da Paixão de Cristo, assim como dona Erotildes:

Na Sexta-Feira da Paixão eu não trabalho. Eu trabalho na... Eu faço vigília de quinta prá sexta, e sexta os médium vai descansar, vai dormir [...] Faço vigília sim. De quinta prá sexta, proíbe bebida nesse dia (DEPOIMENTO DE ALVINA, 2018, p.7).

Sua interpretação da religião permite oferecer os sacrifícios da quaresma para os Pretos-velhos que tanto lhe tem valido:

Eu faço jejum na minha quaresma de... Na quaresma não como carne em homenagem aos meus Preto-vei. Eu passo a quaresma todinha sem comer carne, não vou ni festa, entendeu? [...] Por causa da minha religião, respeitando meus Preto-véi, porque eles são a vida da gente, os Preto-véi (DEPOIMENTO DE ALVINA, 2018, p.8).

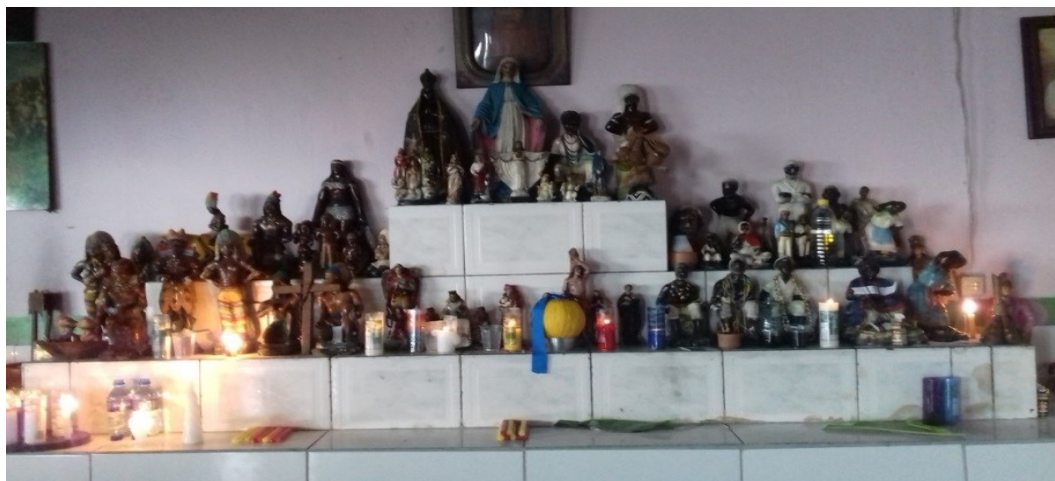


Figura 60: Vista do altar do Centro Espirita Pena Branca. Acervo do Centro Espirita Pena Branca

Já Rosalina, fundadora do Centro Espirita José Baiano, localizado no Setor Santos Dumont, se define como Espírita. Rosalina morou no Capuava e na segunda metade da década de 80 comprou um terreno onde construiu uma casa para sair do aluguel. Lá ela começou benzer e depois iniciou um ‘congozinho’ com os mais próximos:

Aí já tinha uma turma, uns colega lá, tudo já, “não, vamo fazer um congo aqui, vamo fazer um congozinho aí pra nós poder, né? Aí pergunta ao seu Zé Baiano se pode nós fazer um congo só pra ele poder firmar o ponto dele e a gente chegar e fazer oração”. Aí ele concordou (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017, p.10).

Da casa para um galpão, do galpão para o Centro, ela foi construindo a religião e se identificando com a tradição de Zélio Fernandino de Moraes:

Cê sabe que a Umbanda foi fundada, né? No dia quinze de novembro, né? De 1908, por aquele Zélio de Moraes, numa mesa Kardecista, e eu parece que foi seguindo o caminho também, porque eu vim de uma mesa Kardecista pra ser umbandista. Então... É... Eu também passei por todo esse processo eu não sei se você numa sexta-feira aí assistiu o trabalho desde o começo, porque a minha doutrina é mais Kardecista. [...] É, tem o evangelho, a gente faz as preces, preces de *Caritas*, preces do anjo Ismael, que é do Kardec (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017, p.14).



Figura 61: Dona Rosalina no Centro de Umbanda José Baiano  
Foto do Arquivo do Centro de Umbanda José Baiano

Assim, na apropriação de elementos católicos, espíritas e afro-brasileiro, presentes no universo sociocultural, a Umbanda goianiense foi revelando aos poucos a liberdade que homens e mulheres empobrecidos tiveram na construção da religião, encontrando nas suas entidades espirituais a autoridade necessária para fazer a assimilação e a diferenciação de cada experiência religiosa que se expressa nos Centros de Umbanda.

#### 2.4 SINCRETISMO E LIBERDADE: O DESEJO DA RELIGIÃO CRISTÃ BRASILEIRA

Porque cada um de nós já trazemos o nosso conhecimento,  
então a Umbanda é isso, a Umbanda não é cartilha, não é  
curso, não funciona. A Umbanda não é copiada, ela acontece,  
é intuitiva, ela é da raiz, ela é da erva, ela é do índio que chega  
e te passa uma sabedoria, ela é do Preto-Velho que chega e te  
ensina uma erva.  
(Mãe Iara)

Estudos nos informam que a Umbanda prosperou em todos os lugares do Brasil. Vinda com homens e mulheres do meio rural, seja os ex-escravizados em suas rotas migratórias, seja com os nordestinos na sua firme decisão de buscar novos lugares para sobreviver com mais abundância de alimentos e infraestrutura. Na segunda metade do século XX a Umbanda já estava consolidada com toda sua diversidade e tendências internas, se comunicando com a cidade através de ‘modernos’ Centros Espíritas que usavam mesas, toalhas brancas, uniforme em seus médiuns, cantos e rituais específicos. Além disso, foi organizado congressos nacionais com o objetivo de determinar certa homogenia para a religião e também politizá-la no espaço urbano; com o tempo se criou programas de rádio e jornais impressos. Jornalistas e políticos se tornaram umbandistas e muitos intelectuais deram forma a uma literatura bastante vasta e heterogênea.

Em Goiânia, a realidade dos Centros umbandistas acompanhou como já se foi dito, o ritmo das migrações. Na medida em que os nordestinos e goianos mudavam de cidade, a religiosidade migrava junto. Esses camponeses, advindos de uma cultura rural, migravam para a cidade grande e sua religiosidade era ‘transportada’ para os Centros de Umbanda. Devido a isso, o sincretismo e o imaginário afro-brasileiro estão na organização do culto e dos ritos na religião.

A Tenda Espirita Nossa Senhora da Conceição, localizado no Setor ferroviário, se parece muito com uma Igreja Católica<sup>93</sup>. Até mesmo a grade de madeira para definir o local sagrado do Congá existe, lembrando a separação feita em templos católicos do espaço do altar e dos fiéis. Este é um dos Centros mais antigos de Goiânia, existente desde a década de 50. O Centro tem um espaço bem grande com quatro repartições. Inicia-se com um portão na rua com vista para uma escada grande e, ao adentrar nela chega-se ao primeiro espaço onde tem uma plataforma com venda de lanches do lado direito e do lado esquerdo uma porta que se encontra fechada. Após isso se tem acesso ao segundo espaço todo de cerâmica nas paredes e chão, com portas laterais que dão para uma casa. É a casa da diretora espiritual do templo.

Nele é comum ver alguns jovens se sentarem no chão para assistir as sessões. Descendo mais uma pequena escada com cinco degraus chega-se numa

---

<sup>93</sup> Não nos foi possível tirar fotos, filmar ou mesmo entrevistar a dirigente do Centro.

sala contendo bancos de madeira tradicionais de templos religiosos destinados à assistência. No lado esquerdo de quem entra há uma canjira com imagens de exus e pombas giras contendo tons ou cores vermelhas. No chão em frente a esse altar algumas velas acesas. Do lado direito uma médium fica com um defumador. Todos que quiserem participar da sessão devem passar por ela e ser defumado. Então se pode sentar nos bancos de madeira, sendo que se mantêm homens do lado esquerdo e mulheres do lado direito. Do lado direito desta sala encontra-se banheiros masculino (interno) e feminino (externo) a partir de uma porta que dá para o lado externo, onde se encontra espaços que servem para preparação e vestuário dos médiuns. Nesta mesma parede tem outro altar, dedicado a Ogum, composto por imagens de várias nossas senhoras e de São Jorge. São imagens grandes, médias e pequenas reunidas numa mesa. Da mesma forma, velas se encontram acesas no chão.

Desta sala grande adentra-se num outro espaço igualmente grande, também composto por bancos de madeira, também designados para homens do lado direito e para mulheres do lado esquerdo. Esse salão é dividido por uma grade com portão de ferro baixo pintado de cor de rosa, dividindo o espaço da assistência com o espaço do Congá. Nesta sala da assistência tem esses bancos e no fundo existem dois altares, um em cada canto. Um deles contém uma imagem de um casal de Pretos-velhos enormes, negros, vestidos de branco, com as mãos estendidas. Lá se tem recipiente para moedas, flores e muitas velas brancas. No outro lado um altar dedicado aos Caboclos, com imagens de Caboclos numa mesa e lugar para colocar velas embaixo.

Todo o Centro tem o chão de cerâmicas. As paredes estão devidamente pintadas com as cores amarelo e branco. O teto é de madeira, pintado de branco. Sentado num dos bancos tem-se a frente o espaço do Congá, separado pela grade cor de rosa. Nele tem uma mesa de madeira com cerca de quatro cadeiras, também de madeira. A mesa encontra-se do lado esquerdo do Congá e tem uma toalha cor de rosa com renda branca sobre ela. Encima uma bandeja com copo de vidro e uma garrafa de água fria para que o médium incorporado no Caboclo possa se hidratar durante os trabalhos. O altar do Congá é simplesmente um altar católico, tipo barroco e cheio de imagens. Existem centenas de imagens nesta parede. Essas imagens estão dispostas em três andares. O mais baixo traz muitas imagens de

Caboclos de diversos tamanhos. No altar acima deste, encontra-se imagens dos Pretos-velhos e no andar mais acima comporta diversas imagens de Nossa Senhora. Predominam as cores azuis e brancas nestas imagens demonstrando que elas foram escolhidas por suas cores. Junto com os ‘Caboclos’ e ‘Pretos-velhos’ encontram-se imagens de outros santos como são Jerônimo ( em formatos e rostos diferentes, mas todos portando um livro, característico deste santo); imagens variadas de são Jorge, de são Sebastião, de santo Expedito. Uma imagem grande representando Jesus Cristo redentor encima de um globo com os braços abertos está no congá junto com a imagem do menino Jesus de Praga, do Sagrado Coração de Jesus, e, muitas outras imagens de ‘nossas senhoras’ que existem em grande quantidade, como Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora Auxiliadora, Nossa Senhora da Conceição, etc...).

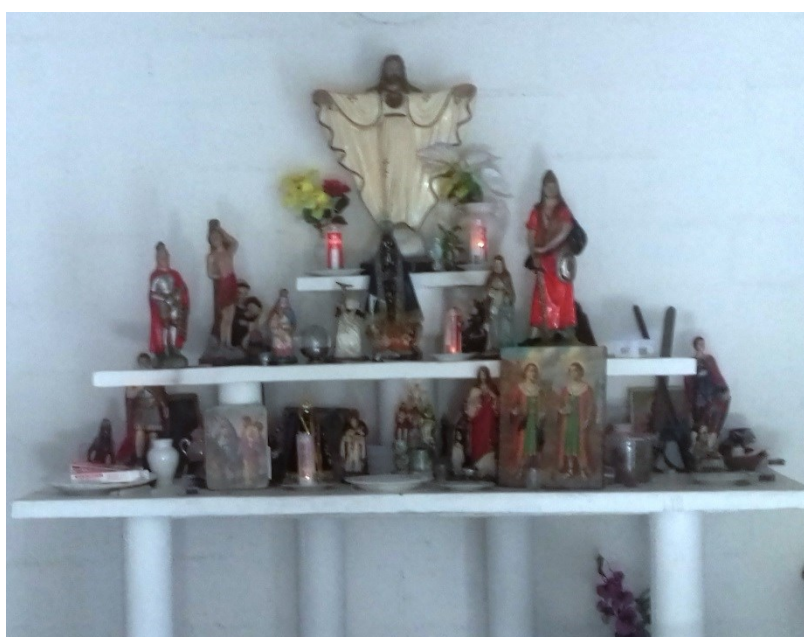


Figura 62: Cristo redentor no congá do Centro Espirita Pai Oxalá. Foto de arquivo pessoal

Nota-se que o altar é fruto de anos de trabalho religioso e as imagens foram compradas aos poucos, ganhadas ou recolhidas e adicionadas no altar. Alastradas nesses três altares estão outras imagens que se destacam por seu tamanho grande e que trazem placas de identificação embaixo: Ogum (para imagem grande de São Jorge matando um dragão vermelho); ‘Oxocê’ para a imagem do mártir São Sebastião; e assim para Oxum; Iemanjá e Omolu. Essas imagens grandes são alternadas com uma série de imagens médias e outras pequenas, compondo, assim,

um altar de centenas de micro e macro imagens. Do lado esquerdo deste altar tem uma imagem enorme escrita: 'Lampeão' e do lado desta imagem, na parede lateral à direita duas pequenas imagens de Lampião e Maria Bonita, feitas artesanalmente. Nelas Maria Bonita é uma senhora gorda com roupa de cangaceiro, com saia no lugar das calças compridas. Este altar todo é ornado com velas acesas. Coroando tudo isso, encontra-se a imagem mor deste altar: Nossa Senhora da Conceição, bem acima de todas as outras e ao Centro. Ela está num oratório grande enfeitado com pequenas lâmpadas amarelas, formando galhos de árvore ao seu redor e tem uma lâmpada que a ilumina ao fundo. Todo esse altar compõe um grande oratório muito e próximo do estilo existente em Igrejas barrocas e a sensação que se tem ao estar ali e de que se adentrou num templo católico muito antigo.

O culto começa às 19h30 e termina quando a diretora espiritual da casa incorporada no 'chefe espiritual' da casa determinar. Pode ir até às 22hs ou 23hs. Os pacientes após entrar no recinto, não poderão sair mais, somente quando o trabalho religioso terminar é que as portas se abrirão para a saída de todos. As mulheres só podem entrar de vestido ou saia. Não é permitido usar calças compridas femininas. Se, por acaso chegar alguma mulher sem essa vestimenta, lhe será oferecida uma saia para usar. A cor de roupa dos participantes não importa. O que importa é designar roupas para homens e para mulheres. Os médiuns desta corrente usam uniformes brancos. São blusas brancas de manga curta com botões e um bolso do lado direito com o símbolo bordado de cada médium. Cada médium tem seu símbolo que corresponde ao ponto riscado de suas entidades. Acima deste desenho cada um porta uma placa de metal com o seu nome e seu cargo abaixo (serviços gerais, relações públicas, vice-presidente e assim por diante). Os homens além da camisa estão de calças brancas padronizadas, quepe de marinheiro totalmente branco na cabeça, meias e sapatos ou tênis impecavelmente brancos. Ficam do lado esquerdo do Congá.

Do outro lado do Congá ficam as mulheres portando um vestido avental, tipo de enfermeiras da década de 50. São vestidos brancos, contendo bolsos, com gola até o pescoço, e saia abaixo do joelho. Tem mangas compridas e marca a cintura. Tem bolsos nas laterais e botões brancos na frente para abrir e fechar. Além do

vestido, usam-se meias brancas até o joelho e sapatos ou tênis totalmente brancos<sup>94</sup>. A limpeza e a brancura são marcas deste templo.

Além das imagens, as paredes estão compostas de quadros de Pretos-velhos, Caboclos e santos católicos. É como se dona Josy tivesse juntado esses quadros a vida inteira. São quadros grandes, todos com molduras de vidros pregados na parede de modo a adornar as paredes. Existe mais de 50 quadros espalhados nos recintos da assistência. Além dos quadros, abaixo deles existem pequenos altares com imagens de Pretos-velhos e Caboclos. São pequenos altares que cabem apenas uma imagem, todos assentados em cima de um guardanapo cor de rosa com renda branca ou rosa, e um desenho de uma flor pintada. Paredes inteiras estão adornadas com esses altares e seus panos cor de rosa. Da mesma forma, todo o altar do congá tem panos rosa com renda branca e/ou rosa e pintura de rosas leves em branco. Isso faz com que haja contraste entre o azul advindo das imagens e o rosa das toalhas litúrgicas dando uma estética agradável ao ambiente. Nesta mesma parede do altar tem duas janelas, pintadas de rosa e com cortinas rosa para ventilação do ambiente. Assim, reproduz-se e ao mesmo tempo modifica-se o espaço devocional da Igreja Católica a partir da vontade e criatividade de dona Joseth, que idealizou, criou e preside o Centro Espírita. Ela aparece como uma verdadeira 'sacerdotisa' do culto e do Centro.

Dona Joseth incorpora nada menos que Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião<sup>95</sup>. Aparece para ela na 'roupagem' de um Caboclo. Ela incorpora e trabalha com ele cerca de duas a três horas numa noite, mesmo estando ela com grave infecção nos rins que a obriga a receber hemodiálise duas vezes por semana. O trabalho ocorre na mais alta disciplina. Os participantes da casa se conhecem e sabem quem está vindo pela primeira vez. A maioria da assistência é composta por idosos e dificilmente se vê crianças. Na corrente mediúnica apenas três jovens, o que indica que essa disciplina de Umbanda, tão valorizada no passado, já não está mais atraindo os jovens.

---

<sup>94</sup> Desde os primórdios da Umbanda oficial no Rio de Janeiro, a tradição coloca o Caboclo das Sete Encruzilhadas designando o uso de uniformes brancos para os médiuns, diferentes da roupa de ração usada nas rodas de Candomblé.

<sup>95</sup> A tradição popular relaciona Lampião com Nossa Senhora. Conta que Nossa Senhora da Conceição era a madrinha de batismo do cangaceiro Lampião. Foi por isso que ele numa ocasião se retirou de uma casa familiar, quando descobriu que na cumeeira da casa estava escrita uma frase do ofício de Nossa Senhora, e deixou todo mundo em paz.



No canto direito do altar do Congá, chama a atenção a existência de uma mesa contendo uma vitrola vermelha, tocando discos de vinil juntamente com um aparelho de CD. No alto da mesa, duas prateleiras contendo numa delas cd's de música e noutra discos de vinil. Todos os cantos que compõe a ritualista da casa são tocados em disco de vinil ou em cd's, sendo responsável pela músicas uma médium mais jovem. Trata-se de músicas populares sertanejas tradicionais, com os temas dedicados a Nossa Senhora, na sua maioria, e a Jesus Cristo.

Entre um canto e outro o Caboclo incorporado em dona Joseth fazia uma preleção exortando todos os presentes á prática da virtude, da moral e da caridade. Após esse ritual, as mulheres se levantam e adentram no espaço sagrado, dando voltas no Congá. Dois médiuns sentaram à mesa com papéis. Se houvesse pessoas que estavam ali pela primeira vez, deviam fornecer seus nomes e endereços para os médiuns que anotavam num pedaço de papel. Após isso, o consulente de posse desse papel ia até o Caboclo que conversa com o visitante. Após as voltas pelo Congá em fila, as pessoas se retiravam e outras entravam. Assim foi feito com todas as mulheres e depois com todos os homens, até findar o trabalho religioso. As pessoas que frequentam o Centro parecem ser todas acostumadas a esses ritos. Sabiam cantar todas as músicas e acompanhavam junto com as faixas musicais. Sabiam a hora de levantar e de se sentar. Muitos foram ali para descansar, pois enquanto se tinha o rito de canto e exortação, se percebia algumas pessoas lendo bíblia, outras dormindo nos bancos e outras cochilando. O silencio por parte da assistência era respeitado e não houve nenhuma interação com os consulentes. Ninguém conversava ou manipulava celulares. Uma senhora confidenciou que “o Caboclo é muito bom e que ela alcançou muitos benefícios com ele”.

Já na Vila Boa, nas segundas e quintas feiras o Templo de Umbanda Ogum lara faz suas sessões de gira. O Centro existe há 45 anos e é dirigido por dona Uiara que hoje tem 84 anos.



Figura 63: Vista do templo de umbanda Ogum Iara-Fé, esperança e caridade. Foto de arquivo pessoal

Ao chegar, os participantes adentram um templo simples e aconchegante. Passa-se por um corredor com vários altares, que ela chama de tronqueiras. São casinhas simples ou altares dedicados aos Exus e Pombas Giras que servem para proteger a casa. É entendida como aquilo que dá ‘firmeza e proteção’ para a casa de Umbanda sempre ameaçada pela sociedade intolerante. Neste Centro existem várias tronqueiras, o que indica que o Centro passou por muitas situações de discriminação.

Acredita-se que quando a assistência chega à casa para os trabalhos, cada pessoa vem ‘carregada’ de maus fluidos e de espíritos que muitas vezes ‘sugam suas energias’. Para isso, cada Centro de Umbanda é ‘firmado’ com uma ou mais tronqueira, que pode ser fixa quando se trata de um terreno específico onde está o Centro de Umbanda ou pode ser provisório quando se trata de trabalhos realizados no âmbito da moradia do médium presidente. Dona Uiara teve a preocupação de construir várias tronqueiras dedicadas aos Exus:

Só tronqueira eu tenho 13 tronqueira. É assim que segura os terreiro. Treze tronqueiras, e cada um conheço todos eles. Cada tronqueira tem seus falangeiros. Eu tenho meu pai Caveirinha que tem onze falangeiros que trabalha com ele, onze que ele comanda, e tem a tronqueira de Calunga que tem seis que trabalha com ele; tem a tronqueira do Maioral; tem a tronqueira dos Tranca; tem a tronqueira do Zé Pelintra; tem a tronqueira do Caveira com oito entidade que trabalha com ele... O meu Caveirinha, onze pessoas, onze, onze... onze espírito. Eu vou te falar: eu agradeço a Deus demais... ( fala contigo Nossa Senhora), tem o Exu Cruzeiro; tem o seu Exu Mangueira; e tem o meu pai Exu do Tempo que me comanda agora,tá lá na entrada. Nada me pode... pode gastar dinheiro, fazer trabalho prá mim, que

nada me prejudica, graças a Deus. Nunca, nada me prejudicou (DEPOIMENTO DE DONA UIARA, 2018, p.7).

Ao adentrar na sala da assistência, as pessoas tiram os sapatos e os colocam num canto da sala. Pegam um avental branco e um banquinho e sentam no Congá deixando os bancos da assistência livre para os ‘espíritos desencarnados que vem assistir a sessão da Umbanda’. Sentados no banco em frente ao altar do Congá todos iniciam os trabalhos rezando o terço dedicado a Nossa Senhora. Ele é rezado conforme se ensina na Igreja católica, inclusive com as dedicações e jaculatórias. As ‘Ave Marias’, rezadas no terço tem algumas alterações da tradição, ficando desta forma:

Ave Maria, cheia de graça. O Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre: nasceu Jesus.

Santa Maria, mãe de Jesus. Rogai a Deus por nós que somos pecadores, agora e na hora de nosso desenlace, que assim seja.

No final reza-se a oração *Salve Rainha*, faz os agradecimentos pela reza e segue com um bendito cantado:

*A estrela da guia, guiou nosso Pai*

*Guiai estes filhos a caminho da paz*

*Oh! viva Jesus nosso pai e mentor*

*Que na santa cruz seu sangue derramou*

Rezar o terço é para dona Uiara proteção e encaminhamento das almas sofredoras:

Tem 30 anos que faço esse terço e não sofro nada [...] É proteção, porque os menos esclarecidos, o Exu Cruzeiro encaminha, se tiver doente encaminha pro hospital, se tiver faltando sabedoria vai pra escola do espaço [...] É. Por isso que eu rezo todos os trabalhos eu rezo o terço, todos os trabalhos (DEPOIMENTO DE UIARA, 2018, p.17).

Após a reza, os banquinhos são levados para o fundo do salão e todos se sentam nos grandes bancos para participar dos trabalhos, exceto os médiuns da corrente que se colocaram no Congá para os trabalhos.

Tanto os médiuns, como os participantes devem acender uma vela a seus anjos da guarda. Quem não tiver vela pode comprar uma com um médium. As velas são importantes neste Templo e diz dona Uiara: “tem que acender e saber fazer os pedido, saber fazer os pedido se não souber não adianta, tem que saber fazer os

pedido”(DEPOIMENTO DE DONA UIARA, 2018.p. 9). Ela pessoalmente distribui um papel com a oração ao anjo da guarda para aqueles que não sabem orar:

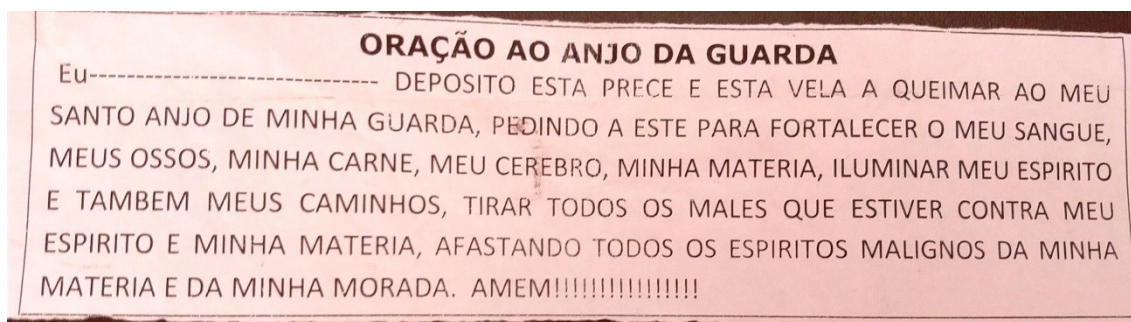


Figura 64: Imagem da oração do anjo da guarda no Centro Espirita Ogum Iara. Foto de acervo pessoal

A fé de dona Uiara a fez unir a espiritualidade da Igreja Católica com suas crenças umbandistas. Rezar o terço a conecta a suas raízes rurais e católicas que ela traz para o Centro umbandista sem fragmentar nem profanar. Cria e mantém com jeito próprio, certa ritualística em seu Centro de Umbanda.

Também Jesus da Conceição inicia a abertura dos trabalhos religiosos invocando a proteção de Nossa Senhora e a Santíssima Trindade. Logo após puxa a ladainha de Nossa Senhora, e todos os médiuns ajoelhados rezam a ladainha repetindo as jaculatórias: ‘rogai por nós’ e ‘tende piedade de nós’. Após isso, todos rezam o Pai Nosso, a Ave Maria, a Salve Rainha, o Credo e finaliza com uma variação de um bendito aprendido no sertão:

*Amado Jesus, José, Joaquim, Ana e Maria*

*Eu vou dou o meu coração e minha alma ânsia*

*Assistir-me com piedade e na última agonia*

*Glória seja ao Pai. Glória seja ao Filho, Glória seja ao Espírito Santo*

*Há um só Deus, em pessoas as três*

*Louvemos a Deus*

*Para sempre Amém*

*Minha alma engrandece ao Deus, meu Senhor*

*Meu espírito se alegra ao meu Salvador*

*E Glória seja ao Pai, ao Filho, amor também e a uma só pessoa, as três para sempre. Amém*

Os Centros de Umbanda em Goiânia ainda abriga a memória das rezas, da cantoria, das histórias e dos símbolos apreendidos no sertão, que teimam em reviver nos seus membros como se fossem invocações do passado atualizadas na liturgia do cotidiano a relembrar as raízes desse povo.

Maria de Lurdes e Jesus conectavam seu Centro e suas festas às da paróquia local, fazendo inclusive catequese de crianças no Centro de Umbanda. O Templo de Oração de Maria Centro Espirita Vó Cambinda, Pai Joaquim, São Cosme e São Damião, por sua variedade religiosa se torna o mais eclético de todos. O próprio nome do Centro revela sua existência: ele é um templo consagrado a Nossa Senhora, mas é ao mesmo tempo um Centro Espírita e é dedicado aos Pretos-velhos. De fato, Dona Maria de Lourdes e seu Jesus souberam reunir essas heranças religiosas numa casa que faz a diferença no bairro. Logo ao chegar à Rua 13 do Jardim Monte Cristo se avista o templo, cuja fachada apresenta no alto de sua construção um oratório que abriga uma imagem grande de Nossa Senhora da Conceição.

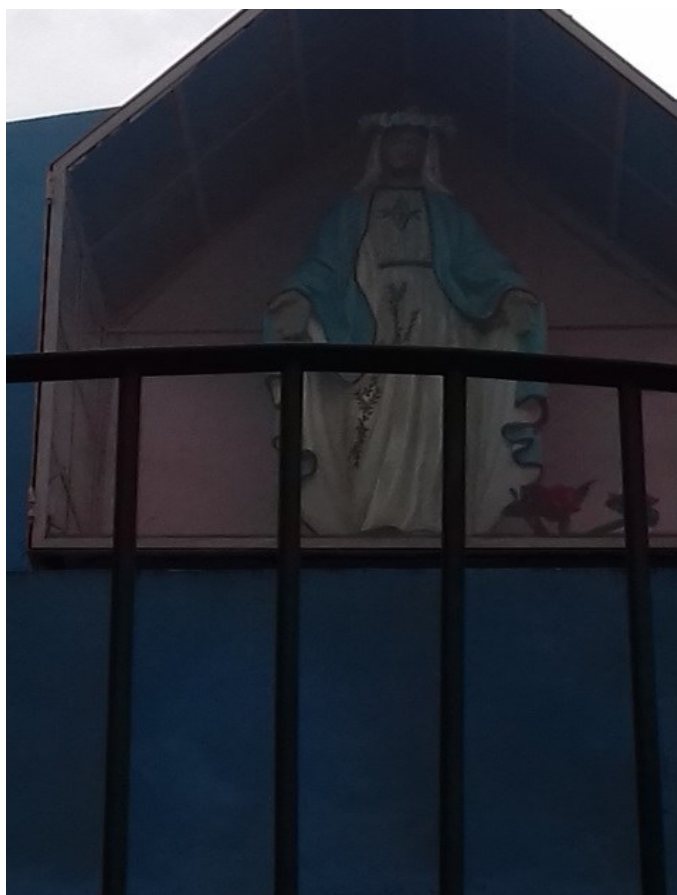


Figura 65: A Imagem de Nossa Senhora na fachada do templo de Oração de Maria. Foto de Acervo pessoal



Figura 66: Imagem da entrada do Templo de Oração de Maria. Foto de acervo pessoal

A imagem foi feita sob encomenda pelo atual presidente do Templo, seu Jesus da Conceição e veio diretamente da Bahia. O templo dedicado a Nossa Senhora da Conceição se deve a uma cura recebida pela mentora do templo:

Porque minha mãe desde pequenininha ela é devota a Nossa Senhora. É porque minha mãe foi curada muitas vezes, minha mãe foi queimada, né? Minha mãe já... Minha mãe também ficou muito tempo debaixo d'água, minha mãe, né? A pessoa encontrou ela já desacordada. Então por causa das queimaduras que ela passou em coisa fervendo, né? É mel, né? Aqueles negócio de mel que ela fazia muito na época, né? Com a minha vó, com meu vô. Ela acabava queimando, e Nossa Senhora vinha curar ela. Fato que tem um lugar lá, que eu não sei o nome, que eles fez uma capelinha onde minha mãe foi curada, e fez uma cruz (DEPOIMENTO DE JANAINA, MARIA DE FÁTIMA E JESUS, 2018, p. 11).

O templo foi oficialmente inaugurado em 24 de junho de 1990, mas dona Lurdes atendia há mais de dez anos na sua casa, ao lado do templo. A construção foi aos poucos:

Até um certo tempo que a gente... As próprias entidades da minha mãe falou assim: "Que ela queria ter o próprio... A casa dela." Né? Aí é tanto que o primeiro Centro era chamado de capelinha. Você vai ver na foto. É capelinha, porque era uma capelinha pequenininha. E prá atender as pessoas, meu pai e os médium fez um... Como se tivesse assim um... Como fala? De lona, né? Com uma madeira [...] Uma barraquinha de lona [...] Uma barraquinha de lona prá pessoas ficar lá fora, porque dava muita gente e a capelinha era muito pequena[...]Era muita gente mesmo, as pessoa ficava lá (ênfase no "lá") no meio, lá na rua (DEPOIMENTO DE JANAINA, MARIA DE FÁTIMA E JESUS, 2018, p.8).



Figura 67: Imagem da construção do Templo de Oração de Maria.  
Acervo do Templo de Oração de Maria

O Templo foi idealizado e organizado de acordo com as orientações de Nossa Senhora, junto com a Vovó Cambinda e o Caboclo Tupinambá. Nossa Senhora, segundo depoimentos, aparecia para Maria de Lurdes quando ela estava em condições de desdobramento. Ele tem as paredes, também, pintadas de rosa claro suave, o teto forrado com madeira pintado de branco e pintado de azul encima do congá com uma cruz iluminada. Na assistência tem 20 bancos de Igreja divididos em quatro fileiras. Cada banco cabe cerca de cinco pessoas. O chão é de piso de cerâmica e uma cruz fica do lado direito de quem entra. Acima um quadro do sagrado coração de Jesus e do outro lado da assistência um quadro do sagrado coração de Maria. Uma mureta baixa revestida de cerâmica divide o congá do espaço da assistência com uma cortina amarelo dourada. No lado esquerdo ha um quadro da fundadora escrito: Maria de Lurdes matriarca do Templo de Oração de Maria.



Figura 68: Imagem do quadro de Maria de Lurdes.  
Acervo do Templo de Oração de Maria

No Congá, do lado direito, ficam quatro ataques grandes e na parede alguns instrumentos musicais de enfeite junto com um cocar de penas bem grandes. Nesta parede há uma porta que da para o corredor de fora. Do lado esquerdo um quadro com as imagens do Sagrado Coração de Jesus e de Maria. Na parede da



frente encontra-se no Centro o congá com muitas imagens. São três prateleiras com imagens e velas acesas. Tem imagens de São Cosme e São Damião, São Jorge, Santo Antônio e muitas outras pequenas e dedicadas a Nossa Senhora. Na última prateleira a imagem do Cristo redentor junto com Santa Bárbara e várias 'Nossas Senhoras'.

Acima das prateleiras um oratório em forma de triângulo com a primeira imagem que mãe Lurdes recebeu junto com uma imagem de uma pomba representando o Espírito Santo, outra de Jesus à direita e de Maria à esquerda. Do lado esquerdo Nossa Senhora da Conceição ao lado de São Jerônimo pequeno. Na parede ao lado uma gruta com São João Batista encima. E do outro lado um ponto cabalístico<sup>96</sup> em forma de oca dos índios norte americanos dedicada aos Caboclos e tendo várias imagens de Caboclos dentro dela com velas acesas.



Figura 69: Vista do congá do Templo de Oração de Maria. Foto de acervo pessoal.

<sup>96</sup> Segundo seu Jesus, todos os objetos no congá foram colocados de acordo com as ordens superiores dos mentores da casa e eles possuem força cabalística. A ideia da cabala vem do judaísmo que trazia a perspectiva de interpretações de significados ocultos na Torá subjacente por trás de números e símbolos. Apropriando desse conhecimento, a cabala se tornou um método esotérico que engloba um com junto de conhecimentos relacionados a Deus, ao universo, ao mundo, a morte e a vida. A Umbanda por trazer a tradição da magia acredita na força cabalística presente em seus símbolos. O pentagrama, a estrela de Davi, os números, as ervas, os pontos riscados, todos podem ser vistos como pontos cabalísticos que tem forças misteriosas operando em si mesma. A força cabalística tem poder mágico, pois se trata de códigos registrados na terra que já existem em outros planos superiores. Acredita-se que a pomba tenha poderes mágicos quando usada pelas entidades espirituais incorporadas na terra, sendo capaz de trazer essa força cabalística nos pontos riscados ou no 'cruzamento' do corpo do médium dando-lhe proteções sobrenaturais.

Como no Centro Nossa Senhora da Conceição, nas paredes há uma iconografia variada com mais de 40 quadros grandes onde estão pintados santos e santas cristãos e onde se mistura com o panteão da Umbanda: cabocla Jurema, pintura de uma paróquia católica, Iemanjá, Preto-Velho, Sereia, São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida, Santa Luzia, etc.



Figura 70: Imagens de Nossa Senhora Aparecida e Yemanjá, rodeada de Marinheiro e Ogum Beira Mar. Acervo do Templo de oração de Maria.

No lado esquerdo deste congá encontra-se, também, um ambão com uma bíblia grande aberta. Este foi o único Centro visitado que não utiliza o livro do *evangelho segundo o Espiritismo* de Alan Kardec. A Bíblia aberta no ambão também é vista como ponto cabalístico.



Figura 71: Imagem de ambão com a bíblia.  
Acervo do Templo de Oração de Maria

Todas as imagens do altar recebem velas acesas. São cerca de 50 velas acesas nos dias de trabalho para os santos e entidades. As mulheres neste Centro vestem roupas na cor rosa (blusão e saia) e os homens vestem roupas de cor azul no trabalho religioso. Também havia médiuns homens ou mulheres de branco, indicando que estão em desenvolvimento. A maioria cobre a cabeça com faixas, torços ou filás.



Figura 72: Imagem de médiuns mulheres no Templo de Oração de Maria  
Foto do acervo pessoal.

Nem sempre fora assim. No início da década de 90 quando o Centro se fez, havia um uniforme específico para homens e mulheres baseado no imaginário religioso católico, como podemos verificar na foto abaixo:



Figura 73: Imagem do corpo mediúnico na década de 90. Acervo do Templo de Oração de Maria

Note que no início homens usavam faixas na cor rosa e mulheres na cor azul, indicando que as convenções sociais relativas ao gênero não tinha tanta importância assim. Até hoje os homens ficam a direita de quem entra e mulheres ficam a esquerda, e da mesma forma se posicionam na assistência. As crianças são valorizadas na religião e as mães podem ficar com seus bebês e filhos pequenos na corrente mediúnica. Também os adolescentes e jovens podem acompanhar seus pais ou suas mães no trabalho religioso.

Os adeptos do Centro se entendem como uma grande família onde nascem e crescem partilhando da mesma casa, se responsabilizando conjuntamente por todas as tarefas e pelas despesas. Seu Jesus é hoje o grande patriarca, mas foi com sua esposa que tudo começou.



Figura 74: Maria de Lurdes e Jesus da Conceição.  
Acervo do Templo de Oração de Maria

Outra iniciativa do Centro foi fazer a procissão de rua na sexta feira santa. Como eram muito queridos e tido por pessoas muito boas no bairro, a população piedosa acompanhava a procissão nas noites de sextas feiras. Seu Jesus Afirma que nunca tiveram problema com a paróquia católica local por causa disso.



Figura 75: Procissão de Nosso Senhor Jesus Cristo na sexta feira santa em 1995.  
Acervo do Templo de Oração de Maria.

O catolicismo que veio para o Brasil e que fez parte da cultura brasileira foi concreto, prático e vivencial. Ele foi absorvido, vivenciado e recriado pelos católicos afro-brasileiros na criação de seus templos umbandistas. Nesta criação observa-se o desejo do afrodescendente de manutenção da fé recebida e adicionada como um forte elemento no seu panteão religioso. Da mesma forma que na África se utilizavam as ervas, os benzimentos e amuletos, em Portugal estes também eram utilizados e, eles imigraram para a América Portuguesa. Se no Candomblé, o africano, uma vez escravizado não podia definir livremente suas práticas sociais, sexuais, familiares e religiosas, na Umbanda, os deslocados e migrantes o fizeram. Usaram suas opções e a utilizaram em seu proveito.

No Brasil houve convivências entre africanos de diversas nações, com crioulos e com indígenas, e isso facilitou o intercâmbio cultural. É bom lembrar que:

Apesar de o escravo ser identificado nos escritos oficiais e relatórios de cronistas e viajantes como mercadorias, sinônimo de “coisa”, eles próprios não se viam assim e nem mesmo os que com eles conviviam cotidianamente[...] Ele foi, também, construtor de sua história, muitas vezes à revelia do senhor” (FARIAS 1999, p.291).

Se a constituição do sincretismo afro-católico foi atuação dos próprios escravizados na busca de construção de espaço de identidade social, o sincretismo na umbanda goianiense foi resultado da atuação do próprio migrante, deslocado de seus estados de origem, na busca de construção de espaços sociais para sua nova identidade.

O migrante estava culturalmente equipado para responder ao que lhe acontecia após a traumática experiência da migração forçada causada pela seca, pela expulsão das terras, ou pela gentrificação dos centros urbanos e o enfrentou com diversas expectativas. É este sistema cultural que vai lhe fornecer uma teia de significados (GEERTZ, 1978) permitindo ao migrante reestruturar seu universo fragmentado, reconstituindo identidades e culturas perdidas na diáspora. Desta forma, manter as relações com o catolicismo insere-se no esforço de preservar suas origens, suas tradições primárias e ao mesmo tempo construir algo contemporâneo e novo às suas tradições. Assim, o catolicismo é enquadrado neste constante reinventar que é continuidade e descontinuidade.

O sincretismo, assim como a cultura, é algo que vai sendo redefinido o tempo todo e isto está inserido na perspectiva de construção e reconstrução de sistemas simbólicos. O universo umbandista é reconstruído e reinventado e atua como um sistema de símbolos capaz de estabelecer disposição e motivação nas pessoas:

O sincretismo e o anti-sincretismo devem ser entendidos como discursos de sujeitos históricos, concretos que dizem respeito mais às suas histórias de vida. Você pode ser autêntico sem ser puro. A própria identidade é um processo de contínua reconstrução. Tanto a tradição tida como pura, quanto a misturada podem se tornar únicas. O que as torna autênticas é um discurso que as defende como tais (SOUSA JUNIOR, 2003, p. 187).

Desta forma, negar o sincretismo ou diminuí-lo como religião menor, faz justamente desaparecer os seus sujeitos, inventores e reinventadores da umbanda goianiense. Sua originalidade está calcada na sua liberdade criativa que permitiu que cada Centro se tornasse uma fonte de investigação cultural e de significados simbolizando as histórias, lutas, conquistas e infortúnios de cada grupo cultural.



Figura 76: Imagens do padre Osiel.  
Disponível em <http://peosiel.blogspot.com/>. Acesso em 13 mar.2018

O Templo de Oração de Maria teve apoio do padre Osiel Luiz dos Santos<sup>97</sup> que trabalhou em Aparecida de Goiânia. O padre fez muitos batismos de crianças e sacramentou matrimônios:

Ele faz casamento e batiza[...] Aqui, só esse templo aqui os médium tudo aqui são casado com ele [...] Os Padre aqui fala que não, que ele não é mais Padre (rindo). É mais é porque ele é casado, né? É um Padre que casou [...] O Padre é que ele... ele é casado. Mas eu acho melhor um Padre casar do que um Padre que não é casado. Porque o Padre casado, ele vai entender o que significa uma família. Um Padre que nunca teve uma esposa, como é que ele vai entender um problema de uma família? Ele não entende. Ele só entende o conhecimento religioso. [...] Por isso que os Padre fala que ele não é Padre mais não. Mas a Igreja dele... Ele pertence a... É a... Como que é? Igreja Católica Libertadora (DEPOIMENTO DE JANAINA, MARIA DE FÁTIMA E JESUS, 2018, pp.17-18).

Em maio de 2008, o arcebispo de Goiânia invalidou todos os batismos e matrimônios realizados por padre Osiel, que se defendeu:

Se as pessoas pedem o sacramento, a gente não pode negar, disse. Eu celebro onde as pessoas quiserem, até em Centro Espírita. Onde estiver o

---

<sup>97</sup> Padre Osiel nasceu em 1946 na cidade de São Gabriel de Irecê na Bahia. Veio para Goiás em 1960, num pau de arara com mais 40 pessoas, inclusive crianças para trabalhar na fazenda Santa Terezinha de Ubirajara Ramos Caiado. Lá experimentou o trabalho escravizado. O fazendeiro enviava homens (gatos) para trazer trabalhadores braçais para trabalhar nas fazendas do Goiás. O contrato feito era de dez meses para os solteiros e de dois anos para os casados. Em troca os arrendadores pagavam as pequenas dívidas que a família tinha no comércio da cidade e dava uma quantia em dinheiro para a família se manter por um tempo. Para não fugirem antes de completar o tempo estipulado, os trabalhadores eram trancafiados em barracões e se tentasse fugir eram caçados como animais, torturados, apanhavam de palmatórias nas mãos e nos pés, acorrentados, humilhados a trabalhar com as mãos em ervas espinhosas e outras sevícias. Muitos jovens morreram nestas condições e seus corpos foram jogados em córregos. Osiel conseguiu sobreviver, e afirma: “que foi nesse inferno que nasceu minha vocação”. Vindo para Goiânia, entrou no seminário e em 1981 foi sagrado sacerdote por Dom Fernando Gomes dos Santos. Sua primeira missa foi na invasão dos posseiros urbanos do bairro Boa Sorte, pois tinha tralhado lá como diácono e prometera fazer lá sua primeira missa, que foi retalhada pela polícia que o prendeu e o levou para o DEOPS, juntamente com outras lideranças. Foi Vigário fundador da paróquia Nossa Senhora de Guadalupe no Parque das Laranjeiras e fundador do Centro Comunitário Dom Oscar Romero no Parque Santa Cruz, e foi também um dos fundadores do bairro Boa Sorte, onde celebrou sua primeira missa em homenagem aos posseiros urbanos. Fundou o Centro Comunitário São João Batista, no Jardim Bela Vista; Fundou a Igreja Nossa Senhora da Conceição no Parque Anhanguera e foi vigário da Paróquia São Geraldo em Goianira, Santa Luzia em Aragoiânia, São João Batista em Brazabrantes e Jesus Bom Pastor no Jardim Guanabara. Em 1988, aos 42 anos, conheceu Cledma Maria de Castro com que se casou. Na época o arcebispo Antônio Ribeiro de Oliveira o alertou sobre sua condição irregular, e o suspendeu. Ficou um ano sem exercer o sacerdócio, mas depois retomou. Organizou uma comunidade onde dava assistência, celebrando missas e ministrando os sacramentos, inclusive em outras comunidades e domicílios. Foi um dos fundadores do Conselho Tutelar de Aparecida de Goiânia, trabalhou três anos e no último foi o Presidente. Foi nesta época que conheceu seu Jesus e seu Centro de Umbanda. Em 2008 foi demitido das suas funções eclesiais por Dom Washington Cruz que declarou nulo todos os batismos e matrimônios realizados nestes últimos 20 anos. Em julho de 2011 foi sagrado bispo por Dom Lucas Macieira da Igreja Episcopal Latina do Brasil, com a condição de que ele não sairia da sua Igreja, mas continuaria na sua comunidade. Nasceu assim a Igreja Católica Apostólica Libertadora-ICAL pelas mãos do agora Dom João Paulo. Disponível em: <http://peosiel.blogspot.com/>. Acesso em 12 de mar.2018.



povo de Deus, eu estarei lá. Eu celebro no nome de Deus e não em meu nome (DEPOIMENTO PADRE OSIEL, ULTIMO SEGUNDO).



Figura 77: Imagens do agora bispo Dom João Paulo. Disponível em <http://peosiel.blogspot.com/>. Acesso em 13 mar.2018

A atitude do bispo não fez nenhuma diferença para a famílias de santo de seu Jesus que continuou recebendo as visitas de padre Osiel, casando seus médiuns e batizando suas crianças.



Figura 78: Imagem de casamento realizado pelo padre Osiel no templo de Oração de Maria. Acervo do Templo de Oração de Maria

Alguns Centros recebem a visita de padres e muitos médiuns e dirigentes vão à missa e buscam os sacramentos. Mãe Lia é devota do Divino Pai Eterno e vai sempre ao santuário de Trindade junto com o marido, apesar de ser dirigente do Centro Espirita Vovó Maria Conga e de ter sido iniciada no Candomblé para Oyá, tocando desde então o Candomblé em seu Centro de Umbanda. Ela explica que sua catolicidade é: “Por causa da minha missão, da minha religião, porque ela também segue também a católica” (DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, p.26).

Mãe Lia vai à missa e se confessa com o padre no Setor Garavelo. Ela casou recentemente na Umbanda e agora espera celebrar seu novo casamento na Igreja Católica.

A Umbanda, apesar de agregar tradições de origem africana e desta forma ser classificada como religião de matriz africana, ela não se constituiu no Brasil como religião étnica, não postula uma nação ou uma etnia específica. Interrogada sobre esse tema, mãe Maria Baiana adverte: “Minha religião é brasileira” (DEPOIMENTO DE MÃE BAIANA, 2017, p 27). Ao afirmar isso, remete ao fato da Umbanda ser uma religião que consegue adequar diversas tradições sociais e religiosas existentes na cultura brasileira, principalmente as do catolicismo popular, sejam as tradições mais antigas, dos séculos XVI a XIX quanto às devoções mais novas construídas ao longo do século XX. A tradição africana vai estar horizontalmente como memória e prática, como cultura e cosmovisão religiosa. Como afirma Elmo Rocha: “a Umbanda é brasileira. Brasileira, com essências afro” (DEPOIMENTO DE ELMO, 2017, p.13).

Percebe-se que os Centros mais antigos tem mais afinidade com as devoções católicas tradicionais. Esses Centros de Umbanda vão existir numa época em que a reforma católica a partir da romanização já está consolidada.

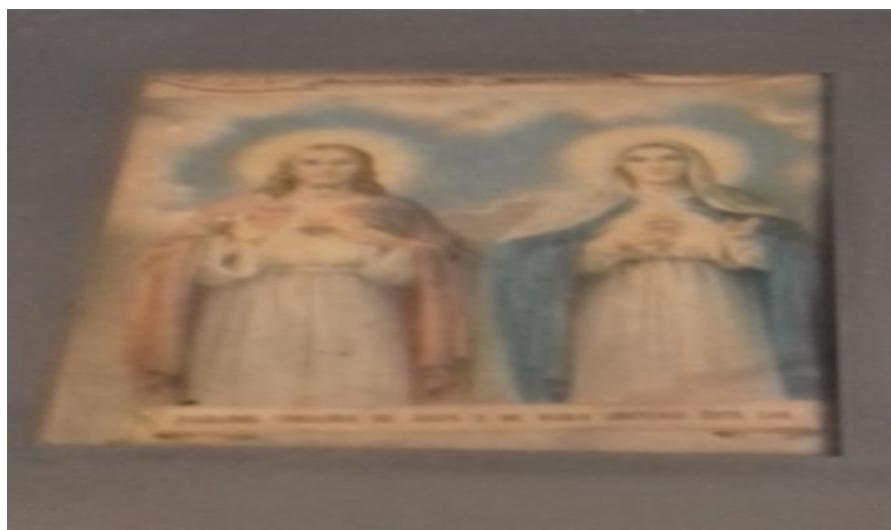


Figura 79: Imagem do quadro do Sagrado Coração de Jesus e de Maria. Acervo do Centro Espirita São Miguel Arcanjo



Figura 80: Imagem de ícones com temas sobre Jesus e Maria. Acervo do Templo de Oração de Maria

As novas devoções aos santos europeus que foram introduzidas no universo brasileiro na segunda metade do século XIX vão coexistir com as antigas devoções.

É desta forma que as imagens ao Sagrado Coração de Jesus e do Sagrado Coração de Maria convivem juntas com as imagens de São Jorge, São Jerônimo, São José, Nossa Senhora, São Sebastião, Santa Bárbara, etc..

## 2.5 O DESENVOLVIMENTO DOS MÉDIUNS: UM LONGO CAMINHO A PERCORRER

A espiritualidade tem magia, mistério, depende do coração e da mente, da atuação de um bom trabalho, ter um bom andamento. Depende de você praticar durante o dia todas as necessidades: não beber, não fumar, não falar palavrão, conscientizar que vai ter um atendimento. É preciso que haja mais calma no coração, na alma, é preciso que você... E não é perfeição... Que uma hora você pode xingar, uma hora você pode falar uma palavra ruinhosa, pode ter um pensamento ruim, porque ninguém aqui é santo, não tem perfeição. Mas o que a gente sabe que deve fazer e a gente procura fazer com respeito, com amor, a gente não esquece.  
(Flormaria)

Ser médium inspira nas pessoas admiração ou temor, e ao contrário do que as pessoas imaginam o caminho percorrido para ser um médium não é fácil. As religiões afro-brasileiras trazem tradições bastante rígidas para seus adeptos se iniciarem na religião. No caso da Umbanda, que adequa tradições de religiões nativas com o Espiritismo Kardecista, as condições impostas para o desenvolvimento da mediunidade exigem perseverança e disciplina. Cada casa mantém suas regras e códigos morais que devem ser observados pelos neófitos e pelos efetivos da casa. Cada casa define, também, os conteúdos, a metodologia, e a avaliação para que os médiuns recebam sua formação e estejam prontos para o árduo trabalho que lhes esperam posteriormente.

O templo de Oração de Maria tem trabalhos nos sábados e nas quartas feiras. Nas quartas é dedicado às entidades que vem atender as pessoas. Nos fins de semana se alterna o trabalho de desenvolvimento dos médiuns num sábado e no outro de transporte. O transporte é uma palavra usada para se referir a desobsessão de uma pessoa que está sob influência de um 'espírito ruim', um 'espírito perseguidor' ou um 'espírito cobrador' ou mesmo de 'quiumba'<sup>98</sup>. Todos os Centros de Umbanda em Goiânia têm trabalhos de transportes. Ele pode acontecer numa gira específica para isso ou num trabalho comum. O trabalho de transporte é feito com a autoridade da entidade espiritual e a 'caridade' dos médiuns que emprestam

---

<sup>98</sup> Espírito obsessivo.

seus corpos para que os espíritos perturbadores de uma pessoa possam sair dela e entrar no corpo do médium, como aconteceu com a filha de dona Dulce:

É. Aí ela começou a frequentar mais o Centro por causa de mim. Eu tinha uma dor assim... E eu caía no chão, eu gritava, ela levava no médico. Esse Arnaldo aí gastou muito dinheiro comigo, cardiologista, trem e nada. Mas eu gritava, e minha avó falou: “Enquanto você num for no Centro levar ela, ela num cura.” Aí quando chegou lá minha mãe levou no Centro. Minha mãe... Uma muié lá caiu no chão gritando igual eu ficava. Aí desse dia que ela começou frequentar, nunca mais tive nada (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, p. 7-8).

Ele pode ser retirado posteriormente pela entidade ou ascender a outros planos astrais pela corrente dos médiuns reunidos em oração. Acredita-se que retirando essas influencias, a pessoa possa retomar sua vida com mais qualidade. Assim, ser médium na Umbanda significa estar pronto para servir o irmão necessitado, sendo mediação entre ele e seus obsessores. Para isso, os médiuns enfrentam um duro caminho para preparem suas mentes e seus corpos para o trabalho religioso de desobsessão e de incorporação.

No Templo de Oração de Maria, os médiuns da casa enfrentam um longo caminho em seu desenvolvimento:

A pessoa, prá entrar na casa, ela fica na assistência pelo menos três meses, prá ver se realmente é aquilo que ela quer. Depois que ela passa prá corrente, ela também fica, prá ver se realmente ela vai conseguir ficar ali dentro. Prá ver ela, se tá com insegurança, tá gostando, se ela vai confiar na gente, nós também podemos confiar nelas. Aí passou esse prolongamento de tempo, né? Três meses fora, uns dois meses dentro da corrente, aí a pessoa fala: “*Não... É realmente isso que eu quero.*” Aí... aí dá o iniciamento da pessoa (DEPOIMENTO DE JANAINA, MARIA DE FÁTIMA E JESUS, 2018, p.20).

Além disso, devem abandonar os vícios da bebida e das drogas e viverem para suas famílias. As mulheres devem ser virgens até o casamento e o casal não podem se divorciar<sup>99</sup>. Elas também não devem cortar seus cabelos ou usar maquiagem; é proibido fazer tatuagens no corpo e todos devem ser fiéis á religião e às suas entidades sob pena de fracassarem na vida material e afetiva e de contaminar o lugar sagrado. O dirigente da casa dá aulas sobre todos os assuntos que envolva os trabalhos religiosos:

---

<sup>99</sup> O divórcio é aceito quando acontece por causa da infidelidade de um dos cônjuges. Neste caso, o cônjuge infiel é retirado da corrente mediúnica do templo. Também pode ser aceito no caso de violência doméstica, quando o marido ou esposa não é da corrente; se por acaso participar, fica de fora.

A nossa regência é diferente, né? Porque quando eu desenvolvi, né? Era mais girando mesmo, né? As aulas eram poucas, né? Mais... Só mais doutrinária. Mas hoje não, hoje nós tem... dá aula bíblico, nós dá aula espiritual, né? Nós dá aula, é... familiar, o quê que significa um pai, uma mãe, um fio. O quê que significa uma esposa, um marido... Então tudo isso o que significa? A droga...O que significa os vícios, né? Boates, certos bares. Então a vida profana... Prá ser umbandista de verdade tem que abandonar.[...] Não precisa estudar não. E acaba estudando, né? É porque muitas coisas que nós... Aí não tá escrito. Então a regência daqui não aceita o homem trair a mulher, nem a mulher trair o homem, e nem separar. Quando tem alguma coisinha, constato alguma desavença, eu já preocupo logo. Já procuro saber o quê que tá acontecendo, tem alguma coisa atropaiando... (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018, pp.30-31).

O templo de Umbanda é entendido como uma grande família onde se devem preservar as normas e a boa convivência: “o que tá errado fica de fora. Agora, o que tava certo fica dentro” (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018, p.31). Todas essas orientações, inclusive de perdão e de exclusão, foram fornecidas pela vovó Cambinda como regente da casa: “Isso veio da regência, da mãe Cambinda mesmo, é. A véia Cambinda ela... ela é perdoativa demais. Ela ensinou a gente a perdoar, ela ensinou a gente amar o... o... o próprio inimigo” (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018, p.31).

Todos se conhecem, se visitam, participam de uma rede de solidariedade ajudando uns aos outros em casos de doenças, de desemprego, em outras situações. Também a maioria é do bairro e moram perto uns dos outros. Os que moram longe compartilham dessa visão e dessas práticas.

No Centro Espirita Mãe Dulce, o desenvolvimento dos médiuns acontece nos sábados pela tarde. Desde sua fundação esteve sob o comando de uma mulher, a dona Josephine. Sob a orientação de seus guias, ela coordenou este trabalho formando e orientando médiuns para sua casa religiosa e para outras casas. Qualquer um que fosse orientado pela entidade da casa poderia entrar na formação.

Ele deveria inicialmente ‘se limpar’ fazendo um trabalho de desobsessão e de desapego com outras experiências religiosas frequentando o Centro durante sete semanas e acendendo uma vela branca ou de cada cor diferente indicada pela entidade. Após isso, recebem aprovação da entidade para vir aos sábados na formação. Trazem roupas brancas e aos poucos, conforme vão recebendo suas entidades, e confeccionando suas guias apropriadas para o receberem. Na medida em que estiverem prontos, podem começar a atender na corrente.



Figura 81: Dona Dulce (roupa azul) reunida com médiuns após trabalho religioso. Acervo da família Viana Oliveira

Essa formação pode durar anos, dependendo do médium e das suas capacidades e condição de seu espírito. Outra coisa importante que o médium aprende é 'firmar' seu anjo da guarda, oferecendo para ele uma vela, seja em casa, seja nos dias de trabalho.

No Centro espírita José Baiano, Rosalina segue as orientações de seu Zé baiano que a guia no desenvolvimento dos médiuns. Tal qual o Templo de Oração de Maria, o médium que deseja desenvolver não pode beber álcool. Ela fundamenta:

O médium, pra ele trabalhar, o médium que vai trabalhar mesmo, ele não bebe bebida alcóolica. Porque a bebida alcóolica é a chave principal pra abrir o corpo do médium, pra você que já tem o dom, seu dom é de desdobraimento, você recebe. Você bebeu qualquer quantidade, você abriu seu corpo. Ele fala que é igual uma casa, você tem essa casa, e uma chave desse tamanhinho, ela abre e pode entrar qualquer um, pra fazer o que quer, faz bagunça. E tem pessoas que ele não pode beber nada, nada, nada, o comportamento dele se transforma. Ele lúcido é uma pessoa, ele bebe e vira outra pessoa. E quando ele é um médium, principalmente desenvolvido, que bebe, aí começa a descer tudo quanto é coisa negativa. Só coisa ruim que aproxima dele, aquilo ali pode ser o que for que cê não tira. Enquanto ele tiver alcoolizado, não sai... Sai um, volta outro (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017, p.16).

Para que o médium entre na corrente, ele fica cerca de noventa dias participando do Centro, mesmo que ele já seja um médium desenvolvido em outro Centro. O médium fica:

Assistindo, participando dos trabalhos, participa das reuniões mediúnicas que tem, é um estudo né? A segunda e a última quarta feira de cada mês tem um trabalho mediúnico, aí é um estudo mediúnico do desenvolvimento, né? Por que eles tem que ficar ali noventa dias? Você pode ser uma médium desenvolvida que pega as sete linhas, as sete linhas, mas pra você

entrar na corrente você tem que passar os noventa dias. Por quê? Cada casa tem sua doutrina, cada casa tem sua hierarquia. Então assim, você vai conhecer a casa, você vai conhecer a doutrina e a hierarquia daquela casa e a casa também vai te conhecer nesse período de noventa dias, pra não ficar aquelas pessoa que chega, entra, fica uma semana, sai, aquela coisa, aí começa a trabalhar a mediunidade, fica aquilo ali tudo em aberto, porque tem pessoa desequilibrada, totalmente desequilibrada, aí pra entrar na corrente tem que passar por esse trabalho. Essa doutrina, né? De ficar os noventa dias. Tem gente que fala “ah, mas eu já sou médium”, mas da doutrina, seu Zé Baiano não gosta de pegar pessoas médium que já veio desenvolvido de outras casas, porque ele fala que vem com mania (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017, p.15).

De fato, os primeiros bancos do Centro são dedicados àquelas pessoas que manifestaram desejo de desenvolver suas mediunidades naquela casa. Elas desde cedo aprendem a não beber mais bebida alcóolica, devem ter uma alimentação mais leve nos dias de trabalho, tomar seus respectivos banho de ervas e vestir roupas brancas.

Essa mesma dinâmica acontece na Tenda Espírita São Sebastião, onde os neófitos devem ficar três meses apenas sentados no banco assistindo aos trabalhos e se consultando com as entidades, todas as terças e sextas feiras. Devem também participar das aulas de desenvolvimento mediúnico uma vez por mês, reservado apenas aos médiuns iniciantes e aos mais velhos, onde terá formação sobre a religião e as entidades da casa. Também é fornecido ao candidato uma lista de livros de literatura espírita e umbandista que deve comprar e ler aos poucos. É exigido do candidato que deixe os vícios da bebida, das drogas e do fumo. Ao fim dos três meses, o candidato está apto a vir nas quintas feiras para o trabalho de tratamento mediúnico do médium diretamente com o pai Pavão. A entidade vem tratar espiritualmente do médium cuidando do seu corpo físico. O trabalho se processa com uma maca, panos brancos limpos e os Pretos-velhos ajudando no trabalho de limpeza dos chacras e corpo do médium. Após três semanas de tratamento, o candidato volta para o banco e continua a frequentar as aulas e desenvolvimento mediúnico que é feita com o Caboclo da casa, o Caboclo Sete Encruzilhadas. No desenvolvimento acontece a gira e aos poucos os candidatos vão aprendendo a incorporar e a desincorporar. O desenvolvimento mediúnico é estritamente pessoal:

A gente sempre pontua a questão da pessoa entender que ela é que faz parte, né? Assim, ela tem que querer, a pessoa tem que querer prá poder a coisa realmente poder funcionar, né? [...] Então essas coisas são bem,



assim: “Olha, você vai querer?” É você que tem que querer. Eles estão aqui para ofertar. E agora se a pessoa não se dispor a querer... (DEPOIMENTO DE RICARDO, 2018, p. 4).



Figura 82: É na corrente que o médium desenvolve sua mediunidade.  
Foto de arquivo da Federação

O mesmo acontecia no Centro Espirita São Miguel Arcanjo, dirigido por dona Erotildes do Carmo entre os anos de 1960 a 2016. Lá também o médium não podia beber ou comer carne vermelha nos dias de trabalho e o desenvolvimento semanal acontecia com a metodologia da gira:

Toda quarta-feira era dia de desenvolvimento de... de médiuns, né? Aí, então, é... O método usado prá desenvolvimento era a gira. O médium fazia a gira, né? Acompanhado do... de um canto, que podia ser prá Preto-Velho, podia ser prá Caboclo, né? E, então, isso era a forma do desenvolvimento lá. E também tinha as leituras, porque todos os trabalhos sempre alguém fazia uma leitura. Tinha as leitura do evangelho, coisas assim, sempre teve isso lá, né? (DEPOIMENTO DE CARLOS, 2018, p.8).

Há médiuns que vem por necessidade, ou seja, têm sintomas os quais não conseguem explicar como males físicos que não tem diagnóstico médico, perturbações mentais como sonhos atormentadores, visões de cenas ou pessoas que os outros não enxergam; escutas de barulhos e vozes que não conseguem distinguir a autoria, e os remédios psiquiátricos não resolveram. Há pessoas que vem com depressão ou outras doenças e com o tratamento espiritual encontram a cura e resolvem se tornar membros da umbanda. Outras são atraídas pela própria religião no desejo de fazer alguma coisa diferente, participar no grupo ou mesmo

conhecer uma nova doutrina. De qualquer forma, o caminho para ser um participante ativo da corrente não é muito fácil e nem rápido.

Mãe Maria Baiana designa sete sessões de transporte para que o médium comece a participar da sua casa. Ela diz que muitas pessoas vêm pedir ajuda para desenvolver mediunidade, porque acreditam que se não o fizer vão morrer: “ a maioria das pessoas que chegaram aqui é porque falaram que se ele não entrar pra Umbanda é porque ele vai morrer, né? Ele tá com isso, tá com aquilo, tá perturbado...” (DEPOIMENTO DE MAE MARIA BAIANA, 2017,p.34). Entretanto afirma que isso não passa de uma lenda porque cada pessoa tem seu livre arbítrio e ninguém pode ser coagido a nada. Tem que ser a escolha da pessoa pela religião, na qual enxerga nela uma missão. Por isso, após as sete sessões, o neófito fica mais um ano apenas assistindo os trabalhos, se consultando com as entidades, para ter certeza de que é isso mesmo que deseja para sua vida. Se não quiser, pode desistir e os sintomas que dizia ter desaparecem após esses tratamentos espirituais. É somente após esse tempo que ele poderá receber suas entidades e começar a trabalhar.

Nem sempre o desenvolvimento mediúnico foi desta forma. As narrativas apontam para processos dolorosos e longos, passando por testes e por provações que pudessem atestar a mediunidade verdadeira e a capacidade de perseverança física e mental do neófito. Mãe Maria baiana conta que na sua época era:

Muito mais forte [...] Mais rígido, com meu pai era [...] Meu pai era aquela história, pra começar tinha a questão de semana santa, quaresma, ficar quarenta e cinco dias sem comer carne, você pra formar, você passava sete dias na mata... Era fogo até... [...] Sete dias deitado na mata[...] ele deixava comida, deixava as coisas, deixava tudo, mas era você, o pai de santo e o cambone (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017,p.39).

Ir para as matas e passar por várias provações revelava a capacidade do iniciado de suportar as agruras pelos quais vão passar após se tornar médium. Fortaleza, coragem, convicção e vontade eram critérios pelos quais o médium tinha que provar que os tinha. Segundo ela o objetivo era:

Te fortalecer com o orixá [...] e a natureza, buscar energia da natureza. E era outra coisa que ele também fazia muito: a preparação igual nós faz hoje, nós faz lá em casa, antigamente não fazia, fazia era no mato. É igual eu tô falando, é sete dias na cachoeira, você passava na cachoeira, você passava nas matas, você passava na encruzilhada, você passava por tudo isso. Trabalho de exu era feito era na mata, na encruzilhada, e não na casa (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.40).

Qualquer um, independente de credo, formação econômica, grau de escolaridade, identidade de gênero, profissão pode ser um médium. Segundo a compreensão da Umbanda goianiense, cada pessoa já nasce com sua mediunidade e com sua missão e esta só é confirmada no Centro de Umbanda. Por isso encontram-se nestes Centros, médicos, psicólogos, professores, dentistas, enfermeiras, faxineiras, vigias, policiais, servidores públicos, comerciantes, advogados, dentre tantos outros. O mesmo se pode dizer do público que frequenta. Tem todas as faixas de idade e condições sociais, bem como políticos e religiosos. É comuns narrativas que atestam que padres, pastores e políticos vão aos Centros em busca de resolução para problemas pessoais e muitas as narrativas de curas de pastores ou de seus familiares como no depoimento abaixo:

Já veio aqui dentro da minha casa, um pastor com uma muié que a muié tava se mordendo, tava arrancando pedaço. E ele tava morrendo de medo de levar a mulher no hospital porque não sabia o que tava acontecendo com a muié. Trouxe a mulher pra cá, tirou o terninho, sabe? Deixou lá dentro do carro. Só que a mulher tava doida sim, e o psiquiatra, porque a gente sabe muito bem que era, né? Aí quando eles colocaram ela dentro do Centro, ela gritava assim “Pastor Jair, não me deixa aqui nesse Satanás! Satanás tá aqui!” e ele sentou lá no cantinho até ela melhorar [...] Lógico, ele saiu com ela escondidinha lá e veio bater aqui (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.28).

O depoimento de Maria Baiana vai ao encontro com a constatação que Artur Ramos faz após visita aos terreiros da Bahia:

O número dos brancos, mulatos e indivíduos de todas as cores e matizes que vão consultar os negros feiticeiros nas suas aflições, nas suas desgraças, dos que crêem publicamente no poder sobrenatural dos talismãs e feitiços, dos que, em muito maior número zombam deles em público, mas comumente os ouvem, os consultam, esse número seria incalculável se não fossem mais simples dizer de um modo geral que é a população em massa, à exceção de uma pequena minoria de espíritos superiores e esclarecidos que tem noção verdadeira do valor exato dessas manifestações psicológicas (RAMOS, 1942, p.11).

Ir às escondidas é uma das estratégias que muitos evangélicos, pastores ou não, encontram para visitar um Centro de Umbanda e obter o resultado esperado para seu problema Maria baiana relata o caso de um pastor que foi curado de uma cegueira e queria continuar a frequentar a casa de Umbanda dela:

Outro dia teve um pastor, tem pouco tempo, ele até começou a frequentar aqui, mas sabe o que aconteceu? A cúpula de pastores começou a dar de cima dele e fez ele voltar pra cá obrigado, fazendo chantagem com ele. O que acontece? Ele até... Ele quis sair de lá, mas a conta da Igreja era no nome dele, eles pagam pra ele, ele tem uma conta a parte, a conta da Igreja, os obreiro... Os funcionários tudo é ele que registra a carteira, ele

tinha cinco Igrejas, que era ele que ministrava tudo isso. Sabe o que falaram pra ele? “Se você sair da Igreja, nós te denuncia e você vai preso”, a própria mulher dele.[...] Ele falou pra eles, “eu não encontrei com o demônio lá no Espiritismo, eu encontrei foi com Deus lá”, ele tava praticamente cego quando ele veio pra cá. Só que esse aí não vai falar mal de nós mais (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.29).

O embate entre evangélicos e umbandistas se acirrou a partir da década de 90 com a afronta discursiva pelos meios de comunicação contra as religiões afro-brasileiras. Igrejas começaram a adotar palavras até então existentes nos Centros e terreiros de Candomblé para caluniar e colocar a sociedade contra os povos de tradição afro-brasileiras. O resultado foi muitos umbandistas deixando a religião e se voltando para Igrejas evangélicas. Casas foram fechadas, tanto em Goiânia, como em cidades históricas como Rio de Janeiro e São Paulo<sup>100</sup>.

## 2.6 MISCIGENAÇÃO E ANCESTRALIDADE NA UMBANDA GOIANIENSE

Isso por que esses tipos de espíritos ancestrais já se manifestavam muito antes do tal período da institucionalização, possivelmente desde os primeiros cultos sincréticos documentados em solo brasileiro, já no século XVIII.  
( Rodhe)

Os diretores e diretoras de casas de Umbanda em Goiânia concordam que a religião umbandista é brasileira, apesar de cada um trazer uma justificativa diferente. Mas também todos concordam que ela tem muito do que pai Elmo chama de ‘essência afro’: “Não, ela é brasileira. Brasileira, com essências afro. Aí você me pergunta o que seria essas essências? São a ancestralidade que ela cultua que é dos negros africanos, são os Pretos-velhos”(DEPOIMENTO DE ELMO, 2017, p.13).

Essas essências seriam a ancestralidade. O termo diz respeito à hereditariedade e é composta de antepassados, isto é, o antecedente já morto do qual a pessoa é herdeira. Em muitas culturas, a pessoa quando morre continua viva em outras dimensões, ou seja, a vida não se finda com a morte. Na diáspora africana no Brasil, restou aos escravizados cultuar a memória de seus antepassados nos cultos realizados nas matas e que se preservou nos variados ritos formatados

<sup>100</sup> Cumino aponta que desde a década de 80 em São Paulo aconteceu um grande refluxo na Umbanda. O número de umbandistas diminuiu por fatores internos e externos (2010, pp. 180-185).

pela comunidade diaspórica. Também os povos indígenas do Brasil tinham essas crenças em torno da ancestralidade. Para alguns grupos culturais os mortos continuavam vivos e agindo na aldeia através dos xamãs ou pajés.

A cena se passa no Rio de Janeiro, na casa de Zélio Fernandino de Moraes. Na primeira noite em que acontecia a inauguração da Tenda Nossa Senhora da Piedade, Zélio realizava os trabalhos com o Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando de repente seu corpo foi se modificando, reclinando suas costas, ficando com um aspecto estranho em seu rosto e se movendo inquieto naquele espaço. Ficou num canto olhando o que acontecia até que alguém se aproximou para conversar com Zélio e perguntou se ele não queria se sentar à mesa com os outros médiuns, ao que a entidade incorporada em Zélio respondeu: “nego num senta não meu sinhô, nego fica aqui mesmo. Isso é coisa de sinhô branco i nego deve arrespeitá [...] num carece preocupá não, nego fica no toco que é lugá di nego” (TRINDADE, 2014, pp.137-138).

O diálogo travado entre a entidade e o médium da casa revela o corpo domesticado dos negros que viviam aqui no Brasil na época da escravidão. De fato, na sociedade escravocrata manter as diferenciações de raças foi uma forma de controlar os escravizados:

Assim, ao desembarcar no Brasil, o negro recém chegado ou negro novo era obrigado a aprender o português para falar com os senhores brancos, com os mestiços e os negros crioulos e a língua geral para se entenderem com os parceiros ou companheiros de escravidão (RAMOS, 1942, p. 19).

A linguagem rústica do preto-velho lembra códigos linguísticos usados pelos escravizados na sua aprendizagem ao trabalho doméstico na casa dos seus senhores: “nego”, “sinhô”, “toco”, “arrespeitá”. O negro escravizado era desde pequeno ensinado a ‘ficar no seu lugar’ e a jamais ocupar os lugares dos brancos<sup>101</sup>. Daí a resistência do negro incorporado nesta casa religiosa em sentar-se a mesa junto com outros homens brancos. O diálogo continua então quando um médium pergunta sobre quem era. Ele respondeu que era um Preto-Velho da senzala e que

---

<sup>101</sup> Os homens livres do continente africano que aqui chegavam como escravizados tinham que passar pelo processo de se tornar escravizados. Os filhos de escravizados que nasciam na casa grande sob a tutela do senhor de escravos tinham que aprender desde cedo a se comportar em seu papel de escravizado, sempre devedor de sua vida a esse ‘homem bom’ que o tinha como mercadoria necessária para sua manutenção social e o cuidava bem junto com todos os seus pertences. Como afirma Florentino: “não é suficiente apresar um homem para se possuir um cativo- é preciso torná-lo escravo” (1997, p.37).

se chamava Antônio. O Preto-velho não se apresenta com um nome africano, tampouco vem falando em nagô, ioruba, angola, quimbundo ou qualquer língua ou dialeto africano. Ele vem no trabalho religioso falando o português arcaico e sertanejo, o que indica que era um escravizado nascido no Brasil, um crioulo, ou um negro que se adaptou muito bem ao sistema escravagista. Em conversa com os médiuns da casa, Pai Antônio contou que na fazenda de seu senhor trabalhou até a hora de sua morte, e já era idoso quando foi cortar um feixe de lenha para seu senhor, se sentiu mal e morreu. Perguntado se sentia saudade de alguma coisa, disse: “minha cachimba, nego qué o pito que deixou no toco... manda muréque busca” (TRINDADE, 2014, p.139). O toco de árvore para sentar e o cachimbo para fumar são elementos da roça evocados na memória de Pai Antônio. A partir de então, ficou comum na Umbanda ter um toco e um cachimbo, nas apresentações dos Pretos-velhos.

Registra-se, assim, a primeira manifestação do Preto-velho na nova religião advinda da Umbanda. Mas as memórias e manifestações em torno do Preto-velho eram muito mais antigas, e a encontramos tanto no folclore como na literatura. No folclore temos o Preto-velho que se refere ao negro preto ou que aparecem nas referências folclóricas em diversas regiões brasileiras revelando estereótipos negativos em suas representações, bem como preconceitos raciais, uma vez que: “falar em cor ou raça significa, também, falar em desigualdade biológica e cultural” (SANTOS, 1998, p.11). Os negros podem ser representados como o negro perigoso, fujão das fazendas (que vem pegar as criancinhas à noite), ou como o velho negro bom, o ‘preto de alma branca’ como o Pai Joaquim, o Pai João ou mesmo o pai Benedito, de José de Alencar, que nas imagens e literatura trazem: “comportamentos calcados em valores-símbolos da sociedade escravocrata, como obediência, humildade, resignação e tolerância” (SANTOS, 1998, p.14).



Figura 83: Imagem do Preto-Velho. Acervo do Centro Espirita Ogum Beira Mar no Amor a Caminho da Luz.

Esses valores foram amplamente propagados em discursos e narrativas, pela Igreja e pelos senhores de escravos, na história do Brasil. O escravizado africano tinha que se transformar em escravizado bom, cristão e para isso precisava fortalecer algumas de suas qualidades, que se acreditava, traziam do além-mar: a afetividade, a lealdade e a passividade. Nuno Marques Pereira, na sua obra o *Peregrino da América*, no século XVIII, apresenta cenas de como via esse escravizado no Brasil. Em seu trabalho de evangelização vai admoestar negros escravizados e repreender seus senhores que permitiam batuques e calundus nas fazendas. Em uma de suas caminhadas pela América Portuguesa descreve um desses Pretos-velhos:

Eu conheci um preto casado, por nome Manoel, em certa vila, o qual sendo cativo tinha sua casa na fazenda de seu senhor, mui limpa, e asseada: e na varanda tinha um nicho feito, e nele um altar, onde estava colocada uma imagem de Cristo, e outra da Nossa Senhora do Rosário, com outros santos. E todos os dias cantava o terço de Nossa Senhora com sua mulher, e filhos: e depois se assentava em um assento, e exortava aos demais que vivessem bem, e que sofressem o trabalho temporal; porque maiores eram as penas da outra vida para os que já serviam todo dia a um homem, ao menos de noite não deixassem de louvar uma hora a Deus, que os havia de salvar. Com estas, e outras razões os capacitava, e evitava de muitos vícios, e pecados. Era muito bem visto de todos os brancos: e nas eleições de suas confrarias, e irmandades, tinha o primeiro voto, pelo zelo com que servia a Deus, e a Nossa Senhora do Rosário na sua matriz. Teve muita boa morte, e acabou com muita boa opinião (PEREIRA, 1728, p. 151).

A memória do Preto-Velho ultrapassou a barreira do tempo. O preto Manoel se manifesta agora em tantos outros Preto-velhos que vêm do mundo espiritual para lembrar aos presentes que essas virtudes são necessárias para a sobrevivência econômica e social. De fato, na Umbanda, os Pretos-velhos são entidades masculinas ou femininas que se incorporam nos médiuns da Umbanda e vem para curar doenças físicas ou dar conselhos aos consulentes que vão a esses espaços sagrados. Conhecedores das ervas e das velhas tradições africanas, bem como das vicissitudes da escravidão, com as quais aprenderam a lidar, eles descem do mundo espiritual para a Terra, nos Centros ou Tendas, para cuidar de seus 'fios', para 'limpar' as pessoas possuidoras de 'energias ou carmas negativos' como invejas, doenças físicas, perturbações mentais, fracassos nos relacionamentos pessoais, obsessores, etc...



Figura 84: Pretas velhas atendendo os consulentes.  
Devoção que ultrapassa o tempo. Foto do arquivo da FUCEGO

Os Preto-velhos quando incorporam aparecem de maneira mais leve no corpo do médium e são espíritos de pessoas idosas, que nasceram filhos de escravizados no Brasil ou vieram do continente africano e se adaptaram à cultura brasileira. Dizem ter vivido suas vidas no tempo da escravidão. A maioria representam filhos de escravizados nascidos no Brasil, que viveram a vida toda como escravizado ou que experimentaram a alforria em dado momento de sua história.

O médium incorporado fica com o corpo sempre encurvado, fala com dificuldade e muitas vezes enrolado; tem o peso da idade e da escravidão, fala



baixo, alguns fumam cachimbos ou cigarro de palhas e bebem café, chá ou pinga com mel. Usam bengalas ou cajados. As mulheres colocam lenços na cabeça e usam xales enquanto os homens geralmente usam um chapéu ou gorros. Em alguns Centros são aqueles que acolhem e batizam as crianças. Em outros fazem os casamentos. São tidos como espíritos humildes, bondosos, compreensíveis da dor e dos problemas humanos, uma vez que passaram pelas agruras da escravidão e aprenderam a perdoar, a ter humildade, a ser resignar como forma de sobrevivência naquelas condições.



Figura 85: Manifestação de Pretas velhas incorporadas na festa do dia 13 de maio ocorrida na FUEGO em 1995. Foto de acervo da FUEGO

O sujeito negro na América Portuguesa tinha que ter um corpo domesticado. Os castigos corporais e a obediência fez com que o corpo se tornasse dócil, fácil de manipular e controlado:

Correção, emenda, disciplina ou simplesmente castigo: este, o instrumento de controle senhorial para submissão de seus escravizados. Sustentá-los para que não pudessem e castigá-los para que produzissem. Não se tratava, porém, de qualquer castigo: em todos os autores citados há longas recomendações sobre as características, modo e métodos que transformavam o ato de castigar em verdadeiro exercício do poder senhorial, instrumento de dominação (LARA, 1988, p.49).

Junto com as prédicas propagadas nos sermões e textos escritos ao longo da história do Brasil, se construiu práticas de obediência, de submissão, de desigualdade e a religião oficial na época validou esses atos na ideia de vontade e obediência a Deus. O sistema escravagista propôs uma religiosidade de humilhação

confundida, muitas vezes, com a virtude da humildade e que permanece até hoje atrelada à obediência às autoridades. O Preto-velho evoca, também, essa memória de assimilação e vitimização, contrário aos Exus, que foram ‘errantes’, muitas vezes vítima da injustiça, mas que reagiram com violência, usando de trapaças ou se vingando de seus algozes.

O Preto-velho não é exclusividade da Umbanda em Goiânia. Arthur Ramos conta a visita que fez a um terreiro de macumba no Rio de Janeiro onde teve a oportunidade de presenciar a vinda de Pai Joaquim, que lá ‘baixava’ há 24 anos:

Pai Joaquim aproxima-se. Quando ele passa, todos se inclinam e lhe pedem a benção. Ele abraça aos velhos conhecidos como se tivesse chegado de longa viagem. Pergunta pela saúde de cada um, dá conselhos, resolve dificuldades, exatamente como em Angola os espíritos familiares intervinham nos assuntos domésticos para resolvê-los com conselhos judiciosos (1942, p. 155).

Também outros estudos apontam a presença dos Preto-velhos em outras manifestações religiosas:

Tais como o Candomblé Ketu (M.D. SOUZA, 2006), o Candomblé de Caboclo (PRANDI; VALLADO; SOUZA, 2001), o Catimbó (BASTIDE, 2001), o catimbó-jurema do Recife (BRANDÃO; RIOS, 2001), a Umbanda nordestina (ASSUNÇÃO, 2001), o Espiritismo Kardecista (M.D. SOUZA, 2006; SANTOS, 1998), o tambor de mina do Maranhão (FERRETI, 2001), o culto daimista da barquinha (M.D. SOUZA, 2006) e até mesmo cultos recentes ao estilo Nova Era como a arca da montanha azul (M.D. SOUZA, 2006) (DIAS, 2011, p.85).

Na cidade de Goiânia, o capitalismo moderno e urbano exigiu um corpo dócil<sup>102</sup> para viver e trabalhar na cidade. A religião umbandista, por um lado contribuiu na adaptação dos migrantes na cidade grande. Esse corpo tinha, por necessidade de sobrevivência, se adaptar na cidade moderna através do trabalho urbano racionalizado. Neste sentido, ao participar dos rituais de Umbanda, esse sujeito aprendia aos poucos a viver na cidade do trabalho. Por outro lado, essa mesma religião oferecia aos seus adeptos a possibilidade de vivenciar e reviver em sua vida cotidiana as tradições de seus antepassados, que viveram em ambientes

---

<sup>102</sup> O conceito de docilidade em Foucault é muito mais do que corpo domesticado. Trata-se de perceber os mecanismos que constroem um corpo dócil, isto é uma pessoa que tem certeza de que sua docilidade é algo natural e necessária para seu próprio bem estar e de todos. As instituições todas são pensadas de forma a terem como resposta esse corpo docilizado, muito mais fácil de controlar. É um corpo que não questiona, não discute, não reage ante a sua própria exploração, porque naturalizou sua própria submissão: “ tem como fim principal um aumento de domínio de cada um sobre seu próprio corpo” (FOUCAULT, 1987, p. 119).

rurais, fazendo assim com que os Centros de Umbanda se tornassem locais de resistência desse corpo instrumentalizado pelo capitalismo:

Pra mim a Umbanda vem dessa resistência, vem do quilombo urbano que somos nós, e ela vem trazendo suas ancestralidades de todos os brasileiros, ela é extremamente brasileira, aonde seus marinheiros, seus Caboclos, a suas crianças, todos eles são brasileiros, que aqui na terra derramaram seu sangue, foram para o outro lado, do pó vieram pro pó voltaram, mas a sua vibração, a sua energia, a sua espiritualidade permaneceu, e hoje vem ali no meio das suas famílias, dos seus membros, que são as incorporações, por exemplo, dona Sete Encruzilhadas eu acredito que ela é uma ancestral da minha família, ela faz parte da minha família, foi alguém que viveu uns anos na geração dela, no momento dela, buscou-se evoluir, houve sua evolução, e hoje ela se materializa, não só no meu aparelho mediúnico, mas por todos os cantos ai aonde há uma Umbanda realmente brasileira e com fundamentos (DEPOIMENTO DE ISABEL DE OXUM, 2018, p.17).

Nos rituais de Umbanda, o médium pode ter, em posse de seu corpo, seus antepassados, ou figuras arquetípicas que trazem significados de cuidado e proteção para ele. Ao fazer isso, jaz subjacente uma crítica ao sistema capitalista moderno, na capital, que os reconhece apenas pela sua força de trabalho. Se o capitalismo deseja que ele trabalhe com o objetivo de enriquecer um pequeno grupo de homens, e ele se vê sem alternativas de recusar essa tarefa, na gira de Umbanda ele trabalha para os seus ancestrais, para a sua comunidade, para aqueles que conseguem enxergar nele muito mais que simples mão de obra no complexo emaranhado da cidade grande. Emerge, na Umbanda, o sujeito até então invisibilizado pelo traçado do espaço e das relações na cidade.

As incorporações, realmente e simbolicamente, transformam o corpo. Era necessário que esse corpo mudasse com novos hábitos para se adequar às exigências do trabalho moderno na cidade. As incorporações traziam essa ambiguidade: se por um lado oferecia novos hábitos para esse novo corpo que vai à vida cotidiana para o trabalho pesado e para as dificuldades de locomoção, por outro lado oferecia formas de resistir e se refazer das exigências do capitalismo moderno. De fato, o sujeito tinha que aprender a incorporar sem reclamar; entender isso como uma missão privilegiada que os diferenciava dos demais pares na sociedade e trabalhar para os outros sem receber remuneração justa pelo seu trabalho. Era isso que a sociedade exigia desses novos corpos trabalhadores e a Umbanda em partes provinha isso.

Não é a toa que a palavra usada na Umbanda para representar esse novo corpo é 'trabalho'. O corpo incorporado numa entidade vem 'trabalhar'.

O umbandista em Goiânia, vindo do espaço rural, aprendeu a sobreviver na capital do trabalho transpondo para o espaço religioso suas realidades sociais e familiares, suas necessidades, e seus desejos adormecidos refletidos na manutenção da tradição dos ancestrais, configurando arquétipos, que evocava uma liberdade para além da escravidão.

. É neste contexto que podemos entender os Pretos-velhos:

Os preto-velhos tal como incorporados (em duplo sentido) pelos umbandistas parecem ser produto de um processo abrangente de sacralização e mitificação de personagens e fatos históricos, calcado na necessidade de reatualização e expressão de memórias profundamente arraigadas no âmago das comunidades afro-brasileiras desde os primeiros tempos de suas afirmações culturais e identitárias. Memórias que guardam os momentos mais significativos e coerentes das vidas humanas; vozes que ecoam na história e em vívidas experiências pessoais, onde singular e coletivo emergem e se encontram (Casal, 1997), e a experiência de cada um pode mover-se através das lembranças e vidas dos outros, ganhando alcance comunitário e expressando situações comuns ao grupo (Bairrão & Leme, 2003). (DIAS, & BAIRRÃO, 2011, p.148).

Na Umbanda trabalha-se para a caridade. Trabalha-se para o outro e ao fazer isso se acredita evoluir como ser humano. Essa ideia de servir ao outro para também ser beneficiado está em consonância com a cosmovisão e filosofia banto que veio com os escravizados nos navios negreiros. Trata-se de outra visão de mundo, de pessoas e de relacionamento, onde um depende do outro para sobreviver. A cosmovisão dos povos bantos revela que as redes de solidariedade construídas pelos escravizados nas fazendas e minas guardaram valores e aspectos que sobrevivem hoje, de forma modificada, na Umbanda.

Altuna (1985) observa que nas relações entre os bantos existe uma lei do dinamismo vital e sua interação e interdependência. Por esta lei todos os seres estão ligados e influem um no outro. Nenhum ser criado existe independente dos demais e todos tem a obrigação ética de cuidar e defender essa grande comunidade. Existe uma interação de forças ontológica que podem ser controladas através da magia. Os vivos reforçam os defuntos e estes interferem na vida dos vivos. Daí o culto aos antepassados:

A sociedade banto forma uma continuidade vital, solidária, de vivos e antepassados e de vivos entre si. É um círculo de comunicações vitais

incessante. A ordem social, a religião e a vida comunitária fundamentam-se em idêntica corrente vital que une, sem possibilidades de separação, os dois mundos (p.62).

São sete palavras chaves fundamentais para entender a cosmovisão dos bantos: família, comunidade, antepassados, magia, feitiçarias, possessão e adivinhação. Elas explicam e compreendem o universo filosófico, teológico e social dos bantos. Para melhor entender essa perspectiva, Sweet (2007, pp. 127-130) descreve a cosmologia religiosa africana antes da diáspora americana e nos informa que apesar das mais diversas variações de crenças religiosas entre os diversos grupos étnicos, havia um conjunto de concepções que eram partilhadas pelos povos da África Central. O universo era dividido entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos. Estes mundos eram separados por uma massa grande de água que os mortos tinham que atravessar para chegar ao outro mundo e se juntarem aos seus antepassados, mas esses espíritos nunca abandonavam de vez o mundo dos vivos. Entre esses dois mundos havia certa fluidez que permitia que os antepassados convivessem com os vivos, influenciando-os na vida quotidiana dos seus familiares e sobre o destino dos mesmos. Desta forma, os antepassados podiam interferir numa caça na floresta; proteger as mulheres durante o parto e permitir colheitas abundantes. Em troca, os vivos alimentavam os antepassados com comidas nas festas comunitárias, faziam cerimônias funerárias frequentes a eles e levavam oferendas em suas sepulturas. Assim, vivos e mortos formavam uma só comunidade, e as obrigações sociais e morais eram recíprocas.

Percebe-se o quanto esse imaginário é vivo na cultura brasileira e se faz presente como prática na religião umbandista. É dentro desta perspectiva que Rosalina interpreta a mediação dos Exus:

Eles trabalham de acordo com o que você pede. Não, o que você pede não. Trabalha de acordo com o que você busca dele. O que você busca? Por que... Agora tá no... o exu, você leva farofa, leva bode, leva galinha preta, leva pinga, leva vela preta, vela vermelha, fazer aqueles trabalho, aquelas coisa ali assim, será que vai oferecer aquilo pra exu e tudo, pra ele derrubar alguém? Ele não vai fazer aquilo. Quem vai fazer a maldade, o verdadeiro diabo, é sua mente e seu coração. É aquela vibração negativa que você vai jogar. Qual que é o maior feitiço da Terra? Qual é a maior bruxaria da Terra que existe? A inveja... (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017, p. 22).

Já os seres humanos eram compreendidos como seres duplos, compostos por um invólucro exterior e visível e uma entidade interior e invisível que seria a

essência real da pessoa. Essa 'alma' pode agir independente do ser exterior. Desta forma, quando uma pessoa dorme ela podia sair de seu invólucro e viver grandes aventuras. Acreditava-se, também, que as pessoas que detinham poder na comunidade eram possuidoras de uma essência interior mais completa.

Quando acontecia de ter doenças na pessoa ou família, isso era visto como uma fraqueza da alma e um fracasso social. De alguma forma, tinha-se falhado junto com os antepassados que invocavam doenças como forma de castigar aos que tinham falhado com suas obrigações familiares. Também a doença podia ser interpretada como ação de feiticeiros e espíritos malévolos, que separavam a alma do corpo da pessoa enquanto ela dormia e a roubava para dela se alimentar, aumentando o risco de doença e até de morte. Para se livrar dos tormentos que antepassados descontentes ou feiticeiros zombadores lhes impunha, os vivos invocavam os adivinhos que tinham a capacidade de reler o passado e profetizar o futuro e podiam determinar quais espíritos estavam atacando o corpo da pessoa. Após isso, podiam solicitar um curandeiro que podia prescrever uma série de remédios à base de ervas e raízes, bem como aconselhar a feitura de rituais com oferendas capazes de aplacar a ira dos feiticeiros. Também podiam existir julgamentos onde essa pessoa seria testada para determinar ou não sua culpa.

Para ser um curandeiro, havia uma escolha do mundo espiritual (espíritos da terra ou da água) preparando-os para determinadas curas e eram através de objetos mágicos (conchas, bolsas medicinais, estatuetas, búzios, etc.), manipulados de forma ritualizada, que esses espíritos se revelavam ao curandeiro permitindo receber o poder do mundo dos espíritos. Também podia acontecer dos curandeiros confeccionarem objetos afins para venderem às pessoas como forma de se protegerem das forças malévolas que atraíam ladrões, animais selvagens, infertilidade, pragas nas plantações dentre outras coisas. Enfim, para o Centro-africano não se diferenciava mundo social e político do mundo religioso:

As ideologias políticas, sociais, económicas e culturais estavam todas integradas numa cosmologia que continha a explicação para as origens do universo, a criação da pessoa e as relações entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Esta cosmologia alargada ditava regras de comportamento e práticas rituais, explicava a origem das doenças, da infertilidade e de outras situações desagradáveis, delineava as relações entre os seres humanos e as várias divindades (SWEET, 2007, p.128).

Como se pode perceber, muitas dessas crenças continuam a se fazer presente no universo brasileiro religioso e a Umbanda salvaguarda essa cosmovisão na ‘roupagem’ do Kardecismo. De alguma forma, o umbandista se entende Espírita, cuja doutrina foi facilmente aceita entre a elite brasileira e circula livremente pelos espaços sociais e religiosos. Desta forma, salvagam crenças ancestrais que teimam em continuar vivas a despeito das mudanças de tempo e de configurações territoriais.

Por isso, a palavra ‘Evolução’ está no universo umbandista. Ela tem a filosofia banto de ‘continuidade de forças’, mas também se apropria do positivismo espírita advindo do pensamento de Alan Kardec, onde se acredita que todos os espíritos, estejam eles desencarnados ou encarnados, estão em evolução. A entidade (Preto-Velho, Caboclo, Criança, Boiadeiro, Vaqueiro, Baiano, Cigano, Marinheiro, Exus, Pomba Giras, Cangaceiros, Freiras, Padres, etc...) se manifesta para a evolução de si mesma e do ‘aparelho’ que as está portando. Isso significa que esses personagens identificados por sua condição social querem mudar sua identidade evoluindo até mesmo ao ponto de se tornar um ‘grande espírito de luz’ e não ter mais necessidade de ‘baixar na terra’ para cumprir seus desígnios. É a volta ao mundo dos antepassados:

Umbanda para mim é, ela é extremamente brasileira, ela vem de uma resistência e necessidade, das pessoas entenderem o que são esses mentores, que não são através do Kardec, que é essa, essa ancestralidade daquilo que pode ter vindo até de origem da sua família, da sua família, lá em outras gerações, em outros momentos. São Caboclos que já viveram na terra, que já sofreram dor, que já passaram seus mártires, evoluíram e vem com uma digina em nome daquela entidade. São Pretos-velhos que vem com a mesma herança; são marinheiros, são baianos, são crianças, para mim não existe essa coisa que é uma religião afrobrasileira, ela é brasileira, e ela vem para prática do amor e da caridade. (DEPOIMENTO DE ISABEL DE OXUM, 2018, pp.16-17).

Nas entidades ‘evoluídas’, está a utopia e o sonho de negros dominados pelo peso da miséria e da cor num universo onde há um modelo vigente de ser humano bem sucedido. A esse respeito dona Maria baiana explica:

Não é o mesmo Preto-velho de trinta, vinte anos atrás não, moça [...] Porque mudou de espírito, não é o mesmo espírito que atendia antes, não é o mesmo que já... Como diz o outro, aquele espírito que usava o nome de Pai João de Aruanda, hoje é um branco, hoje é um estudado, um médico, ih, ó, cê nem imagina... Há trinta anos, eu falei isso no terreiro, quando a gente tava na federação, eu fui discriminada dentro da federação (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.23).

Desta forma, para muitos já não tem mais sentido o negro ser associado à escravidão, e neste sentido, o Preto-velho não é mais necessariamente o homem preto, tão inferiorizado e discriminado no universo brasileiro. A perspectiva do Preto-velho ser branco e rico pode ser vista como um sonho daqueles que desejam para si e para os seus uma vida melhor e integrada nos padrões da sociedade vigente onde brancos tem mais privilégios que os negros. Ao mesmo tempo revela o quanto as comunidades negras tem que despojar de sua cor, de sua identidade e cultura para poder sobreviver neste país. O estereótipo do preto como escravizado parece não ajudar em sua ascensão social e por isso na sua 'evolução' o negro que baixa nos Centros de Umbanda não seria mais aqueles que foram escravizados:

Eles tão aceitando hoje não é só o negro do passado. Quer dizer que o negro não evoluiu? Sofreu tanto, passou tanta coisa, e ainda continua o preto véio negro lá. Não. Tem muitos que ainda vem com essa característica porque eles querem ser dessa característica, eles querem conservar aquela coisa, mas não tem mais não. Tem nego escravizado mais não descendo no terreiro aqui não (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.23).

Em diversos Centros de Umbanda, esta perspectiva é ressaltada para que haja aceitação do público que cada vez mais está sendo de outras classes sociais, e para que o negro consiga se integrar cada vez mais no modelo racial e social vigente.

Para Mestre André, a existência dos Pretos-velhos está ligada a uma função cármica:

Você vê os Pretos-velhos. Ah... Os Pretos-velhos na Umbanda viveram a grande maioria deles, óbvia, a grande maioria deles viveram no período colonial e foram escravos mesmo. Imagina muitos deles, ali, vivenciando aquela tortura, vivenciando tudo aquilo ali, vivendo tudo aquilo ali, por questões cármicas, porque foi por questões cármicas, e ele veio na Umbanda, muito das vezes... Talvez para alguns ajude com certeza, mas também eles vêm com aquela missão de que, ao se desligarem, ao se desligarem desse processo, é, é, desencarne daquela situação de escravidão, ele atinge o grau de aprimoramento, uma grande maioria, atinge grau de aprimoramento espiritual, e de evolução espiritual, e trabalha dentro da, da, da corrente astral de Umbanda, no sentido que a partir daquela condição da prática fluídica de Preto-Velho, ele passa a saber muito bem a mensagem que ele vai dar para pessoa que precisa de ajuda, porque ele vivenciou isso na escravidão, ele aprendeu isso na escravidão, e ele ainda trás isso interpretando, baseado na vivência que ele teve, então por exemplo um Preto-Velho aqui uma vez falou assim: "porque que vocês ainda se sentem, e se colocam nas amarra das correntes das suas ignorâncias? ó, nas amarras das correntes da escravidão, vocês se sente escravizado pela ignorância, pelas corrente, que os prendem como se fossem ainda escravos de suas próprias ignorâncias" então ele usa termo filosófico, o Preto-Velho, sábio, em transe, bem incorporado no médium, ele



usa esses termos com filosofia para poder despertar um nível consciencial dessas pessoas que buscam ele, para a pessoa entender: “verdade, eu não posso agir assim, por isso eu estou vivendo assim”. A Umbanda é filosofia, agora tem que haver uma formação por parte do médium (DEPOIMENTO DE MESTRE ANDRÉ, 2017, p. 62).

Mestre André entende que o negro não pode mais ser associado, apenas, ao acontecimento do passado da escravidão negra. E, o fato, do Preto-velho aparecer, agora, como um filósofo e trazer sua sabedoria para todos, conclamando a todos para que abandonem suas ignorâncias e busquem conhecimento, com o fim de despertar a consciência. Revela o desejo de muitos homens e mulheres que lutam para que suas identidades sejam reconhecidas em suas plenitudes, sem estereótipos criados pelas teorias raciais definidoras de comportamentos que negros e brancos devem ter.

Por outro lado, esse corpo que incorpora um ‘espírito em evolução’, fica forte para suportar a discriminação, o preconceito, as injustiças, a baixa remuneração, a falta de compreensão dos novos padrões e da sociedade como um todo em relação a sua condição social. A Umbanda foi e é um espaço privilegiado onde as tradições rurais puderam ser transportadas para o espaço urbano e sobreviver junto com seus agentes às adversidades na cidade.



Figura 86: Altar dedicado aos Pretos-velhos.  
Foto de acervo pessoal

Dona Joseth, dirigente do Centro de Umbanda Nossa Senhora da Conceição recebe até os dias de hoje o Caboclo que se apresenta como Virgulino Ferreira da

Silva. O Caboclo, que é mentor da casa, atende individualmente a cada pessoa sem se delongar muito nestes acolhimentos e diz a cada um quando chega pela primeira vez no Centro:

Caboclo sente que as coisas não estão boas para você. Vou correr durante a semana para ver o que está acontecendo e ir na sua casa. Na próxima semana eu converso com você. Por enquanto, confia neste Caboclo e reza, que as coisas vão melhorar (ANOTAÇÕES DE DIÁRIO DE CAMPO, 2018).

O Lampião não ficou no nordeste. Ele veio com seu povo para Goiânia e aqui ‘trabalha’ há setenta anos como guia espiritual. De fato, Goiânia tem ligações mais que espirituais com o cangaço. O Setor Pedro Ludovico nasceu de umas terras doadas de Pedro Ludovico a Pedro Alagoano. Seu filho conta que:

Pedro Alagoano, ele era um homem nordestino, morava em Matinha de Água Branca, em Cachoeira de Paulo Afonso, então, tinha na época lá o cangaço, do outro lado né, Pernambuco. Intitulado líder lá era Lampião, Antônio Virgulino. Pedro Alagoano achou por bem de acompanhar uma parte do cangaço, que lá, praquelas rapaizin, quatorze, quinze anos, pra eles, aquilo ali era uma diversão né, acompanhar o cangaço. Como Maria Bonita era prima primeira dele, aceitou essa criança junto, e se tornou de criança já um líder, por ser muito fiel e muita coragem. Logo em seguida o cangaço foi disperso, aí vieram parar em Goiás, mexendo com garimpo. Aí chegando em Goiás, invés de ouro era bala. Que era a época da revolução. [...] Logo Pedro Ludovico ingressou eles num pequeno grupo de polícia civil... aí Pedro Ludovico doou estas terras para o meu pai (Wanderley Guimarães dos Santos, 2012). (COSTA, 2016, p.64).

A história de Pedro Alagoano, parente de Maria Bonita e membro do bando de Lampião mostra uma tênue ligação entre os nordestinos que vieram para Goiânia e conheceram a experiência do cangaço. Essa experiência valeu a Pedro Alagoano, pois ele se tornou o homem de confiança de Pedro Ludovico e fez parte da primeira ‘guarda armada’ que Pedro Ludovico criou para colocar ‘ordem’ nos bairros e na ocupação do solo. Costa acredita que a ironia do destino de Pedro Alagoano pode ser vista como uma alegoria à modernidade que se fazia na cidade de Goiânia:

A trajetória de Pedro Alagoano pode ser vista, ainda, como uma espécie de alegoria da nossa modernidade. O ex-cangaceiro, primo de Maria Bonita que se torna fiel ao interventor de Vargas em Goiás, atua na formação do território da cidade de traços modernos, mas não como sujeito do Centro, é antes de tudo um sujeito periférico: da periferia do Nordeste migrou para outra periferia, contudo teve uma importante ação no processo de integração dos migrantes assentados naquela região ao projeto da cidade que estava em curso. O cangaço como expressão típica de banditismo na periferia, combatido e disperso pelo Estado modernizador e centralizador, acabou por integrar, em outros territórios, alguns desses sujeitos dispersos. São “esses sujeitos” que tornam a

modernização capitalista no Brasil possível, são traços típicos de nossa modernização (COSTA, 2016, p. 68).

Segundo Wanderley, filho de Pedro Alagoano, Goiânia ainda tem uma ligação com o cangaço: “De Lampião tem muita gente, ainda agora, há pouco tempo veio um neto dele aqui. Sempre eles vinham aqui em papai, eles tinham sempre comunicação (Wanderley dos Santos, 2016).” (Costa, 2016, p.68).

Essa comunicação física entre os parentes e amigos de Lampião que continuou a existir na vida prática, nos Centros de Umbanda acontece com comunicação espiritual, nas formas de incorporações e mensagens. Assim, ter um Cangaceiro como guia da casa ou como entidade que vem atender na casa é mérito de muitos Centros de Umbanda espalhados pelo Brasil. Os Cangaceiros ficaram na memória do povo nordestino e migrante como aqueles que enfrentaram a pobreza e a injustiça com violência e crueldade. Viviam sempre foragidos, morando nos meios da caatinga, enfrentavam o poder de muitos coronéis e seus policiais, exaltavam a fidelidade e a lealdade ao bando, viviam em comunidade e muitas vezes ajudavam os mais pobres roubando dos mais ricos. Eles tinham um código moral rígido e eram muitos religiosos, apesar da vida que levavam. Por tudo isso, acredita-se que eles mereceram uma segunda chance de ‘pagar pelos seus erros’ concedendo-lhes a possibilidade de evoluírem espiritualmente no atendimento às pessoas nos Centros de Umbanda.

Dona Erotildes acreditava que Lampião não tinha sido morto. Essa versão foi difundida no Brasil, o que indica o desejo das pessoas de que essa liderança marcante continue inspirar a resistência contra as desigualdades sociais:

É eu lembro bem, quando eu tava lá tinha uma senhora do... do Ceará. Mas eu não lembro o nome dela mais, não lembro. Teve até um dia que eu conversando com ela sobre o Lampião, falando que Lampião... Do negócio da morte do Lampião lá. E ela ainda ficou brava comigo, que disse que: “O Lampião não tinha sido morto” (DEPOIMENTO DE CARLOS, 2018, pp. 21).

A fé popular coloca os Cangaceiros junto com as imagens de padre Cícero ou com Nossa Senhora da Conceição.

Ariano Suassuna captando a devoção do povo o coloca em sua obra como alguém que foi direto para o céu<sup>103</sup>. Os Cangaceiros podem vir na linha de Boiadeiros<sup>104</sup> ou ter uma linha própria de apresentação. Pode ser o chefe guia da casa ou não.

Os Caboclos representam a ancestralidade advinda dos povos indígenas. Eles são rememorados como guerreiros e valentes. Quando 'baixam' nos terreiros eles gritam, batem com força no peito e no chão, fazem gestos de atirar arcos e flechas, caminham de um lado para o outro como se estivessem preocupados. Ao contrário do Preto-velho sorridente e falador, os Caboclos são sérios e de poucas palavras. Agem mais e falam pouco. Casos mais difíceis são encaminhados para ele que convoca sua falange para dar conta do trabalho necessário.



Figura 87: Imagem da oca tida como ponto cabalístico para os Caboclos. Acervo do Templo de Oração de Maria

<sup>103</sup> Ariano Suassuna em sua obra teatral *O auto da compadecida* traz a figura de Severino que é uma alusão a Virgulino, o Lampião. Enquanto cangaceiro reconhece que matou muita gente. No julgamento que houve após sua morte, Jesus o absolve e diz que ele está salvo, pois ele “fora instrumento da cólera de Deus”, depois de ter enlouquecido após a polícia ter matado sua família. Severino entra no céu abraçado com seus companheiros de cangaço (Suassuna, 2013, p.179).

<sup>104</sup> A Umbanda trabalha com a perspectiva das linhas de trabalho, que por sua vez estão ligadas às falanges, e estas pertencem a um orixá. Elas podem ser de sete linhas que é a mais tradicional, proposta por Leal de Sousa em 1933 que compreende as linhas de Oxalá, Ogum, Iansã, Xangô, Iemanjá, Oxóssi e as almas(santos). Cada orixá tem uma cor e cada linha tem seus trabalhadores, Os Pretos-velhos, por exemplo, veem na linha de Oxalá e na falange dos Pretos-velhos tem as crianças (erês). Na linha de Oxóssi vêm os Caboclos e assim por diante. Com o tempo outras denominações umbandistas foram aumentando e as linhas foram se ampliando bem como as falanges e os tipos de trabalhadores. De qualquer forma, a organização de linha de trabalho na fábrica que se reporta os Centros de Umbanda não se perdeu.

É comum os Caboclos terem seus próprios dias para atendimento, mas é também comum eles serem convocados pelos Pretos-velhos quando o trabalho fica específico e necessita da presença deles. Em Goiânia, é comum a saudação: "Salve Tupã", se referindo a um mundo espiritual onde existe Tupã, o Deus na mitologia dos tupis guaranis, que criou tudo que existe e que deu o conhecimento das ervas e dos rituais mágicos de cura. Os Caboclos riscam seu ponto no chão e com ervas, charuto e terço na mão ou guias de contas, manipula o corpo dos pacientes, dando passes e curando as pessoas.



Figura 88: Imagem da cabocla Jurema.  
Acervo do Centro Espirita Caboclo Pena Branca

Uma entidade nordestina que veio para Goiânia, diretamente dos porões da memória indígena, estes massacrados de todas as formas pelos portugueses e latifundiários, é o Caboclo Campeiro. Vindo dona Alba, da Bahia, ela ouvia falar que ele era da sua terra e um dia voltou a Cotegipe, com sua irmã, para verificar a veracidade dessa informação. Ela nos conta:

Aí o Caboclo Campeiro nasceu na Bahia, Num terreno dos meus tataravôs. E ele... Tinha umas pedras que ele comia banana, rapadura em cima daquelas pedra. Eu mais a Odair, muito curiosa, nós fomo lá. Quando nós fomo lá deu uma chuva grossa que tampou as pedra tudo. Aí eu não vi as pedra, mas eu vi até onde era o lugar das pedra (DEPOIMENTO DE ALBA, 2018, p. 5).

O Caboclo Campeiro quando incorporado em dona Alba falava tupi-guarani e segundo ela, ele não sabia falar português e por isso não conseguia se comunicar com as pessoas. Ele atendia na linha de cura e fazia tratamentos numa sala existente na Tenda Espírita São Sebastião, para pessoas que precisavam deste tipo de atendimento. Segundo ela, tinha uma participante que entendia o que ele falava e que ele aos poucos foi aprendendo a se comunicar na Língua Portuguesa. Inicialmente falava com gestos e posteriormente aprendeu a língua:

É ele falava tupi-guarani. Só aquela dona menina... Como que chama? Que ela mudou de lá, porque ela entendia alguma coisa, que ele cenava, e ela foi cenando, ele falava que era. Ele falava tupi-guarani, quem conhecia... Quem... quem... quem... [...] Entendia... Ninguém. [...] Ele falou que ia aprender, e aprendeu (DEPOIMENTO DE ALBA, 2018, p. 14-15).

Os Caboclos podem fazer referência, também, aos tipos miscigenados no Brasil, afinal a mistura do índio com o branco nos sertões gerou o Caboclo, do qual pode vir a fazer parte das entidades trabalhadoras.

Além dos Caboclos, os Baianos também se fazem presente nesta memória. Mãe Maria Baiana ‘coloca em Terra’ sua entidade Maria Baiana, que se apresentou para ela:

O que ela nos conta, que ela foi uma mãe de terreiro na Bahia, ela conta que ela veio da África, depois quando houve a abolição da escravatura ela era jovem ainda e ela teve um terreiro na Bahia, que ela era de Candomblé inclusive (DEPOIMENTO DE MÃE MARIA BAIANA, 2017, p. 10).

Também no Centro da mãe Rosalina, é seu José Baiano o mentor da casa. Apesar das tradições de Rosalina serem goianas, o mentor de sua casa e entidade principal é um Baiano. No ritual de sextas feiras às noites, após a defumação e as orações seu José Baiano chega, coloca seu chapéu e embainha na cintura seu facão com o qual corta simbolicamente tocando o chão do Congá nos quatros cantos:

Aí eu fui pro Pai Boiadeiro, que era do Lázaro, lá no Capuava. Aí lá no Pai Boiadeiro<sup>105</sup> eu fiquei 8 anos. Então lá foi que minhas entidades começou a chegar mesmo. Aí eu comecei a receber Caboclo, Preto-Velho, né? Aí por último veio meu baiano, que hoje a minha casa aqui é Centro Espírita José Baiano, e eu trabalho com ele, né? [...] Lá no Pai Boiadeiro que ele veio. Aí já começou aquele guia chegando e fazendo tudo e atendendo as pessoas

<sup>105</sup> O Centro Espírita Pai Boiadeiro ficava no Capuava e nele participou além de Rosalina o Pai Kênio que hoje é pai de santo no Candomblé, do Ilê Ase Alaketu Omi Osolufon localizado na Vila Rosa. O Centro não existe mais.

tudo demais, aquela procura para ele, porque ele falava, ele via as coisas que ia acontecer e tal e. ficou, então, ele ficou como meu guia de frente, seu José Baiano (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017, p.6).

Talvez o fato de Rosalina ter realizado seu desenvolvimento como médium numa casa onde o mentor era um boiadeiro, tenha lhe trazido sua entidade protetora na identidade de um baiano.



Figura 89: Rosalina no canto a esquerda e seus médiuns na homenagem a Oxum. Acervo do Centro Espírita José Baiano

No Centro Espírita São Sebastião, o marido de dona Geraldina que veio migrante da Bahia no final da década de 40 recebia como entidade um Baiano. Talvez sua ancestralidade. E dona Geraldina também recebia o Baiano Manoel Antônio. Mas Geraldina, nascida e criada em Morrinhos, no interior de Goiás, tinha como seu guia e mentor espiritual um pajé: o pajé Flecheiro<sup>106</sup>. Foi esse pajé que montou seu Centro de Umbanda e que atendia as pessoas. No ultimo momento, perto de sua morte Geraldina pediu o colar do Pajé para abençoar os filhos:

Definhando, acabando, e aí, o ultimo momento dela assim... Ela fez aquele sinal na minha testa, do meu irmão, e aí ela fez assim, antes disso ela pediu para eu levar (o Pajé tinha um colar, tudo de semente, de coisas indígenas mesmo), e ela pediu ele. Eu levei, foi a ultima fala dela: “trás o colar pra mim” eu levei, ela fez o sinal na gente, e aí, ela já entrou em coma, num teve mais, mais como (DEPOIMENTO DE IARA, 2018, p.17).

<sup>106</sup> Uma pesquisa na internet revela diversos Centros de Umbanda cujos chefes espirituais é o Caboclo flecheiro. No caso de Geraldina, sua entidade se apresentava como Pajé de Flecheiro. Não se sabe se é o mesmo.

A religião que trouxe a adaptação no espaço urbano foi sofrendo modificações, também, pela influencia da própria cidade. O Preto-Velho da escravidão e das senzalas passou a ser o Preto-Velho evoluído; o médium que aprendia com seu diretor espiritual e com seu mentor a religião, se apropriando da experiência de seu mestre, agora aprende com os livros e com a internet; o Centro de Umbanda que vivia escondido nas periferias, tal qual os empobrecidos, agora buscam ficar à vista de todos e assim como os grupos sociais periféricos e minoritários foram se organizando, a Umbanda também foi se refazendo. A religião revela a trajetória, a adaptação e as mudanças pelos quais seus agentes passam na realidade econômica e política, oferecendo criativamente possibilidades para os sujeitos de viver na cidade.



### 3 AS MULHERES NA UMBANDA E SUA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA, SOCIAL E POLÍTICA

Eu acredito que você tem tudo pra ser feliz, mesmo com pequenos problemas, às vezes com desgosto, alguma contrariedade que existe em famílias. Todos nós temos problema, uns de um jeito, outros de outro, uns que tem solução, outros que às vezes faz tudo e não consegue achar a ponta da meada, mas você não perdendo a esperança e a fé, você vai. A gente reanima, cria coragem, tem fé, tem... a gente vê o sofrimento dos outros, a gente aprende a ver que o da gente é mínimo. Às vezes eu penso que eu tô passando por um pedaço difícil, quando vem gente aqui, parece que é prá da um exemplo... Parece não, é. Eu falo: “meu Deus, como que tô chorando de barriga cheia”.  
(Flormaria)

O termo experiência vem do grego *empeiria* e do latim *experientia*, e indica uma correlação entre o corpo e os sentidos em seu contato com o meio ambiente e as pessoas. Refere-se a vivências de eventos ou de fenômenos e envolve todo o mundo fenomenológico de um indivíduo.

Todo ser humano é capaz de experimentar, reconstituir e modificar algo. Assim, o indivíduo é a soma das diversas experiências realizadas por ele que ao longo de sua vida vai se realizando. Otto Maduro afirma que experiência se associa com conhecimento, e que a partir da experiência, o sujeito elabora mapas da realidade com os quais busca justificar os sentidos de suas ações e atitudes “para olhar e avaliar nosso meio circunstante e orientar nosso modo de nos comportar” (VALLE, 2010, p.25).

Desta forma, o ser humano é empírico por sua natureza humana e experimenta a tudo e a todos em todos os momentos. Entretanto, existem experiências vivenciadas pelas pessoas que são incomuns ou irregulares, e que difere das experiências ordinárias, como as experiências relacionadas à Psi. Essas experiências são denominadas pela Psicologia de Experiências Anômalas (EAs). Nelas encontramos dois grandes grupos. O primeiro consiste em experiências extrassensoriais, onde o sujeito obtém informação sem utilização de canais

sensoriais ou de inferências lógicas. O segundo diz respeito a psicocinesia onde o sujeito experimenta uma interação com o meio ambiente de forma direta, sem mediação de instrumentos que afetam as pessoas com comunicações diretas entre mentes, conhecimentos de ocorrências distantes, informações sobre o futuro, etc.

Essas EAs podem ser experiências religiosas e/ou espirituais (R/E) ou não, e elas podem ser recepcionadas de forma saudável ou perturbadora.

No caso destas mulheres, suas experiências religiosas marcaram profundamente suas infâncias e as respostas que deram para elas foram novas vivências religiosas, que por sua vez moldaram o jeito delas guiarem suas escolhas.

Essas mulheres optaram pelo sacerdócio na religião, administrando templos religiosos, agregando um possível matrimônio a esse sacerdócio, formando famílias e convivência social dentro dessa perspectiva.

Todas elas vinham de lares de classe de trabalhadores e tiveram ao longo de suas vidas que enfrentar o mundo do trabalho para sobreviverem com suas famílias. Houve companheiros que as aceitaram com sua opção religiosa e outros que a rejeitaram, mas também houve aquelas que buscaram a separação ou o divórcio por desejaram outro tipo de companheirismo em suas histórias. Num ou noutro caso, os argumentos para ficar ou sair foram religiosos.

Nem sempre a compreensão religiosa foi mútua e tampouco contínua, mas todos aprenderam a conviver com suas opções de vida, que as foram empoderando como mulheres numa sociedade marcada pelo sexismo, pelo racismo e pelo patriarcado.

A palavra empoderamento vem do inglês *empower* (empoderar) que, em 1651 foi usado pela primeira vez e significa “dar poder ou habilidade a algo ou alguém” (BERTH, 2019 p.28). Na década de 60, Paulo Freire criou a teoria da conscientização crítica e apostou que, com a conscientização crítica, os próprios grupos oprimidos desenvolveriam suas habilidades adormecidas, através do próprio meio em que vivem e teriam, assim, condições de empoderarem a si mesmo para o processo de libertação social. Esse processo é para ele sempre coletivo, pois a libertação é um ato social. E esse empoderamento aconteceria na medida em que os grupos oprimidos desconfiassem da docilidade das classes dominantes e das estruturas de poder.

Já em 1977, o sociólogo estadunidense Julian Rappaport utilizou a palavra *empowerment* (empoderamento) significando “ganhar liberdade e poder para fazer o que você quer ou controlar o que acontece com você”(BERTH, 2019, p.29). Rappaport acreditava que era necessário dar ferramentas para que grupos oprimidos se empoderassem e tivessem autonomia, ou seja, somente a consciência social não bastaria, era necessário intervenções.

Essa perspectiva de Rappaport influenciou o uso da palavra empoderamento como conceito no discurso de ações desenvolvimentistas, sendo o conceito apropriado por agências de desenvolvimento e banco mundial que o utilizou de forma bastante diferente do original, como instrumento para a democracia, para erradicar a pobreza e não como um fim em si próprio (SANDENBERG, 2006, p. 2).

Mais tarde, na década de 80, o movimento feminista denunciou que os oprimidos tem classe social sim, mas têm também outras intersecções como gênero, raça, sexualidade e outras categorias que, quando aplicadas às teorias da construção social e pós-coloniais, revolucionou o conceito para o empoderamento dos subalternos. Desta forma, o empoderamento como teoria social está:

Ligado ao trabalho social de desenvolvimento estratégico e recuperação consciente das potencialidades de indivíduos vitimizados pelos sistemas de opressão e visa à libertação social de todo um grupo, a partir de um processo amplo e em diversas frentes de atuação( BERTH, 2019, p. 46).

No caso das mulheres lideranças umbandistas, pode-se considerar o uso da palavra empoderamento em duas situações. A primeira consiste numa atuação que levou essas mulheres a atuarem em seus próprios benefícios, utilizando assim de uma ou mais das quatro dimensões abaixo:

São elas a dimensão cognitiva (visão crítica da realidade), psicológica (sentimento de autoestima), política (consciência das desigualdades de poder e a capacidade de se organizar e se mobilizar) e a econômica (capacidade de gerar renda independente) (SANDENBERG, 2006, p.6).

Realmente constata-se que essas mulheres modificaram suas próprias concepções de pessoas no mundo a partir desse investimento em si mesmas. Todas elevaram seu padrão de autoestima, construíram possibilidade de renda independente, conseguem se aperceber da realidade e tem sobre ela determinadas maneiras de analisá-las, agindo sobre a mesma com capacidade de atuação e mobilização. Mas essa atuação de resistências culturais a partir da religião não

atinge o estágio político de transformação social. Não podemos imaginar essas mulheres como lideranças na luta contra as desigualdades de classe ou de gênero. Elas foram importantes como protagonistas públicas no trabalho social, mas não se empoderaram a ponto de desconfiar da docilidade das classes dominantes e gerar um processo de 'libertação social'. Essa dimensão cognitiva da realidade não estava ao alcance dessas mulheres e sua mobilização, que muitas vezes não foram além das práticas de assistência social em seus locais desamparados pelo poder público e pela inércia dos agentes públicos.

Numa outra situação, essas mulheres tiveram um empoderamento na medida em que, como mulheres empobrecidas, vítimas do patriarcado e do racismo, as possibilidades de fazerem escolhas lhes eram negadas e quase que nulas. Desta forma, o empoderamento aconteceu num processo em que adquiriram capacidades de fazer escolhas:

Poder é a capacidade de fazer escolhas. Escolha, no caso, implica na possibilidade de alternativas. Só que algumas "escolhas" têm maiores consequências do que outras em nossas vidas. Nessa perspectiva, o empoderamento pode ser entendido como o processo através do qual se expandem os limites de se fazer escolhas estratégicas, num contexto no qual isso era antes impossível/proibido/negado. Essa possibilidade de se fazer escolhas de maiores consequências, implica em três dimensões distintas, embora interrelacionadas, quais sejam: Recursos (pré-condições), Agência (processo), e Realizações (os resultados) (SANDENBERG, 2006, p. 7).

As mulheres umbandistas transformaram suas experiências religiosas em capacidades de fazer escolhas estratégicas para suas vidas, e atuaram num campo social, influenciando pessoas a partir da linguagem e da dinâmica religiosa. Elas montaram redes de solidariedade e convocaram todos ao alcance para mudanças em suas vidas pessoais (como se percebe nos atendimentos individuais nos Centros de Umbanda) e na participação em atos coletivos na comunidade e no bairro. Mas é ilusão creditar a elas uma consciência de classe, gênero ou mesmo raça; uma militância política ou mesmo uma perspectiva de mudança sociopolítica para suas próprias realidades. Os Centros de Umbanda são locais de resistência cultural e até mesmo de lugares onde os trabalhadores se reúnem, mas com a finalidade religiosa de investir num mundo mágico e transcendental para mudar sua realidade de necessidades imediatas, na maioria das vezes enxergadas apenas pelo prisma da subjetividade e interpretação individual. O olhar crítico dessas lideranças ainda é

muito reduzido, o que faz com que as ações das entidades espirituais sobre as pessoas, também sejam mínimos diante da urgência de transformação social da realidade que reduza as desigualdades sociais, de gênero e de raça.

A vida sacerdotal é pública e envolvida no serviço à comunidade. Assim tratase de mulheres voltadas para a vida dos moradores de seus bairros, onde habitavam e onde ficaram conhecidas. Eram mulheres benzedoras, rezadeiras, curadoras, desobssessoras, acolhedoras, assistentes sociais, conselheiras. Além dos eventos litúrgicos em seus templos religiosos, promoviam eventos nas ruas, casas de moradores do bairro, festas de natal, ano novo. Essas práticas foram exercidas em nome da caridade e é sob esse mote da caridade que elas vão renunciar á prosperidade material ou outras realizações para marcar presença física na cidade de Goiânia.

Outras mulheres tiveram, além de toda demanda de sobrevivência e gênero, que encarar, também, o racismo estrutural da sociedade brasileira e encontraram na religião estratégias de resistências e de poder.

### 3.1. A DIVERSIDADE DAS EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS E RELIGIOSAS NA INFÂNCIA E JUVENTUDE: O ENCONTRO COM A UMBANDA

Se eu pudesse escolher pra ser espírita? Eu escolhia, passaria. Passaria mas não abandono minha religião, por nada. Porque ela é tudo para mim. Eu enxerguei nela, andei nela né? Cuido das pessoas que necessita, então é minha vida (chorando), eu amo minha religião, amo demais. Um dia meu pai perguntou pra mim: “minha filha, você não quer sair dessa religião?” Eu falei: “papai não pede isso pra mim, pede qualquer coisa que o senhor quiser, mas não pede para mim abandonar minha religião, que eu posso tá sozinha, papai, mas eu vou tá dentro dela, nunca sairei, só depois da minha desencarnação”[...] Porque ela é muito importante para mim, minha religião, muito, ela não é filosofia, chega gente aqui, não tem condições, eu faço o que eu posso, eu desdobro, entendeu?  
(Mãe Lia)

Eram meninas pequenas com idade entre cinco a nove anos; outras maiores, com onze, quinze anos, que começaram a demonstrar comportamentos que eram incomuns ao cotidiano local. Apresentavam sintomas como desmaios, viam e

escutavam pessoas e/ou situações que outros não identificavam; falavam e agiam dormindo, adivinhavam o passado, previam o futuro, sabiam receitas de remédios e práticas de cura, levitavam etc...

Essas experiências levaram seus responsáveis a procurarem auxílios, principalmente médicos, que pudessem fornecer compreensões para o que estava ocorrendo, mas a medicina não foi capaz de encontrar respostas suficientes a não ser transferindo os possíveis diagnósticos para a área da saúde mental. Era algo anormal e como tratamento ofereceu-se os modernos sanatórios públicos e remédios de controle mental. Infelizmente, esses hospitais se mostraram ineficazes em dar respostas para essas crianças e suas famílias. Então, como último recurso recorreu-se à religião em busca de explicação plausível e tratamento para o que estava ocorrendo. Tentaram as Igrejas cristãs Católicas, Pentecostais e o Espiritismo, mas encontraram uma solução definitiva na religião umbandista. Nesta religião, não somente encontraram discursos que explicavam os 'fenômenos' pelos quais passavam essas crianças, como a religião tinha uma maneira de 'fazer desaparecer' todos os sintomas que as atormentavam: canalizando-os para uma prática religiosa, lícita e sagrada, dentro de um ritual religioso, impedindo assim, que a portadora continuasse tendo em sua vida esses sintomas de forma espontânea, mas agora com controle.



Figura 90: MEDIUM INCORPORADO. Controle do domínio da experiência religiosa.  
Acervo da FUCEGO

A partir do momento em que foram restauradas na religião, e cresceram, passaram a vivenciar de forma intensiva novas experiências religiosas, agora nos

Centros de Umbanda, o que lhes foi fornecendo uma identidade. A partir daí, suas escolhas profissionais, afetivas, familiares, sociais e políticas passaram a ser moldadas pela perspectiva de suas experiências religiosas.

### 3.1.1 A experiência de meninas doentes

A minha historia é espiritual pra chegar até aonde cheguei. Na minha infância foi assim: eu não tive aquela infância de crianças pra brincar de tudo... que sempre vi as coisas. Eu via coisas lindas, via coisas... via não. Eu vejo. Vejo coisas bonitas, vejo coisas terríveis, imagens esquisita, alma sofrida (Flormaria).

Rosalina nasceu na roça nas imediações da cidade de Avelinópolis, no Centro goiano, há 76 km de Goiânia. Ela acredita que já nasceu com a espiritualidade umbandista: “ Eu vim com essa missão, só que eu sofri demais, porque meus pais não aceitavam a espiritualidade” (Depoimento de Rosalina, 2017, p. 1). Aos sete anos começou a ter visões, como uma cobra preta no córrego que lavava roupas com sua irmã, ou um periquito branco que ficou com ela por três dias e depois desapareceu:

Eu caí doente. Aí começou a... A eu ver as coisas, entendeu? Eu via essas coisas, eu ouvia, aquilo era um medo tão grande... Aquilo era um medo tão grande que eu tinha que dormir entre meu pai e minha mãe, e se tivesse alguém pra deitar por cima de mim, aí talvez seria, né? Eu ficava mais tranquila. De medo. [...] As vezes até eu desmaiava de medo. Eu desmaiava, aí eu via eles conversando comigo, pegava na minha mão, meu pai passava álcool, punha álcool no nariz, até da gente afogar, né? Ele fazia aquilo tudo pra ver se eu voltava e eu vendo tudo, só não reagia. Não tinha força. Aquilo ali me acabava (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017, p. 2-3).

Vindo para Goiânia se tratar, o médico deu o diagnóstico: ovo de solitária na cabeça. Na época não tinha cura. A menina foi piorando. Ela conta:

Eu via tipo assombração. É... Caveira... Ouvia vozes, aquelas coisas toda embaralhada, sabe? Falando... E aquilo assim, eu não tinha conhecimento, era tudo misturado, cê entendeu? (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017, p.3).

Dos sete aos 14 anos tentou de tudo: benzimentos, rezas e tratamento no Centro Espírita André Luís, na rua 240 no Setor Coimbra. Lá foi seu primeiro contato com o Espiritismo. Trazida de Avelinópolis por uma amiga da família, a dona

Londina, ela começou a participar das sessões de mesa branca com finalidade de 'desobessão e doutrinação de espíritos obsessores'. Mas nada trouxe a solução para seu problema de saúde. Aos 14 anos, foi levada pela tutora ao Centro Espírita Zé Pilintra, localizado na época na rua P33, no Setor dos Funcionários e lá iniciou um tratamento com dona Lucy que a diagnosticou com 'mediunidade' que só poderia ser desenvolvida após sua maioridade. Dona Lucy identificou um antepassado de Rosalina, sua avó, falecida no Mato Grosso, no mesmo dia em que ela nasceu e que se aproximava dela, causando diversos mal estar em Rosalina:

Aí era de um parente, de alguém mais próximo, alguma coisa que era encosto. Aí diz que era ela que fazia eu desmaiar, ela que fazia aqueles trem, chegava e aproximava de mim, eu sentia aquele frio, como se tivesse aquele vento frio, ia me pegando assim e eu começava a gritar e desmaiava (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017, p.6).

Também ela realizou diversas 'firmezas'<sup>107</sup>, para a menina, com rituais contendo velas, rezas e banhos. Mais calma, chegou aos 18 anos e foi procurar um Centro de Umbanda para desenvolver sua mediunidade, uma vez que dona Lucy havia fechado seu Centro de atendimento para morar na cidade de Santa Terezinha. E foi no Centro Espírita do Pai Boiadeiro, dirigido por Pai Lázaro, no bairro Capuava, que ela desenvolveu sua mediunidade:

Aí lá no Pai Boiadeiro eu fiquei oito anos, aí lá que minhas entidades começou a chegar mesmo, lá que eu comecei a receber Caboclo, Preto-Velho, né? Aí por último veio meu baiano, que hoje é minha casa aqui é Centro Espírita José Baiano (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017, p.6-7).

---

<sup>107</sup> Acredita-se que o médium deve ter sua cabeça firme, ou seja, ele deve viver a vida normalmente sem que sinta sintomas físicos ou mentais que não sendo explicado pelas ciências médicas, é atribuído ao mundo superior e espiritual. Ao firmar a cabeça, a partir de determinados rituais, os sintomas indesejados de contatos com espíritos desencarnados desaparecem. Entretanto, não basta para o médium de incorporação que ele apenas firme a cabeça. Ele necessita incorporar, pois desta forma libera as chamadas energias espirituais que se acumulam em seu corpo e, assim, pode viver normalmente sem atribuições físicas ou mentais.





Figura 91: Imagem de dona Rosalina. Acervo do Centro Espírita José Baiano

Também Maria de Lurdes começou a incorporar aos cinco anos de idade para confusão da avó que cuidava dela. Menina nascida na Bahia veio ainda bem pequena com a família para a cidade de Posse, na divisa com o estado de Goiás. Lá que teve suas primeiras manifestações:

Minha mãe, quando ela começou incorporar ela tinha cinco anos, e minha vó pensou que ela tava era doída, né? E levou ela por vários hospital, vários médico prá ver ela. Até que chegou um certo médico Espírita, que era Espírita, e falou prá minha vó o que minha mãe tinha. Minha mãe incorporava... era pequenininha, cinco ano, a entidade chegava. Ela disse que: *“Vinha a entidade vindo, e travessava ela, ela sumia.”* Aí ela incorporava e minha vó achava que ela tava doída ou alguma coisa. Até que ela conseguiu chegar num médico, que era médico... Aí esse médico falou prá... falou: *“Não, sua filha tem é um dom.”* Foi explicar prá minha vó. Minha vó, como era uma pessoa mais da roça, pessoas mais caseira, né? Ela não entendia o que era aquilo, não sabia o que era aquilo. Aí que foi explicar. Aí minha mãe... Aí foi que... Foi, minha mãe foi caçando um Centro prá ela, prá ela desenvolver (DEPOIMENTO DE JANAINA, MARIA DE FÁTIMA E JESUS, 2018, p.12).

Crianças pequenas que sentiam em seus pequenos corpos distúrbios físicos ou mentais e que não tem explicação plausível para seus sintomas eram classificadas de doentes, porque os cuidadores próximos não sabiam o que fazer diante do quadro apresentado.

No caso de Maria de Lurdes, ela logo foi encaminhada para uma casa religiosa, onde fez oferendas para São Cosme e São Damião, o que fez os

distúrbios pararem por alguns anos. Afinal, era muito pequena para continuar com as manifestações em seu corpo:

Pequena. Ela foi lá... Aí ela... Mas ela passou por um Centro do Barbudo, foi explicar prá ela também. Que ela era muito criança, né? Prá também ajudar ela, porque as entidades prá descer nela também era muito pesado. Vinha prá ajudar ela um pouquinho, controlar a mente, o corpo. Prá ela conversar mais com os espírito, prá num incorporar com as entidade dela. Aí ela foi conversando com as entidade, foi pedindo as entidade prá esperar ela, né? Ela ter mais postura, né? Prá incorporar com ela. Daí tanto que minha mãe... Foi por isso que tem a... Minha mãe esperou sete anos, minha mãe fez a devoção a São Cosme e São Damião. Com sete anos, né? Por isso que até hoje nós faz essa festa de Cosme e Damião. É a tradição da casa. É dia 27. Aí os cosmo veio equilibrar ela, prá ter estrutura até ela ter estrutura de incorporar. Aí... aí ela fez a devoção, ela fazia o bolo todo ano prá eles. É tanto que até hoje nós faz esse bolo (DEPOIMENTO DE JANAINA, MARIA DE FÁTIMA E JESUS, 2018, p.13).

A História de Isaíldes foi marcada pela rejeição do pai em relação ao sexo da filha. Ele não aceitava o fato da filha ter nascido num corpo, dito, feminino. Desde pequena, ela foi vitima da discriminação e violência do pai. Não se sabe se por isso ou por outros motivos, ela desde pequena se apresentou como uma criança muito doente:

Aos dois anos de idade minha mãe começou a ter, a perceber que eu andava e caia, então eu não tinha firmeza nas pernas, levou ao médico, não tinha nada, então eu continuei tendo aqueles problemas, andava e caia, as pernas ficavam bambas né? Depois com um pouco mais de idade, seis, sete anos, aí eu comecei, isso minha mãe conta, né? Aí eu comecei a perceber que eu tinha muito medo de tudo, principalmente a noite (DEPOIMENTO DE ISA, 2017, p.1).

O medo parece ter sido uma das emoções que extravasava e, de certa forma, protegia essas meninas vulneráveis e tidas como doentes:

Não, pavor... pavor, pavor, pavor. Do que? Eu não sabia explicar, eu tinha medo, eu tinha medo do escuro, tinha medo de ficar, dormir sozinha, entendeu? Essas coisas, como eu descobri que eu era médium? E aí a gente começou com muita dificuldade, meu pai ele era muito mulherengo, e então... e as mulheres nessa época fazia muita magia pra ele, entendeu? E pegava na gente, pegava na minha mãe, é uma vida muito difícil, uma vida muito sofrida. (DEPOIMENTO DE ISA, 2017, p.2).

As justificativas encontradas por Isaíldes para os comportamentos do pai estavam ligadas à ideia de 'trabalhos feitos de magia' o que resultava num homem que tinha atitudes machistas, era infiel no casamento saindo com várias mulheres, agressivo com esposa e filhos e dificultando financeiramente a sobrevivência da família: "aí o meu pai também teve um problema: uma mulher fez, fez uma magia pra

ele, ele perdeu tudo que tinha, perdeu tudo, tudo, tudo, chegamos numa situação assim de comer arroz branco”(DEPOIMENTO DE ISA, 2017, p.4).

O pai norteado por suas concepções de gênero era muito rigoroso quanto à liberdade da filha, impedindo a filha de se expressar em seu corpo conforme seu desejo:

Ele rejeitou talvez porque eu ser mulher, né? Depois de um tempo que eu fui entender, por eu ser mulher, primeira filha, né? Mulher, sendo que ele tinha combinado, queria um homem, né? E, então assim, ele rejeitava no sentido assim, tudo que eu fazia estava errado. É, ele não permitia... era tão assim, sabe muito tempo... mas ele não permitia a gente cortar o cabelo, a gente não podia usar esmalte[...] ele não me aceitava, ele não cuidava... assim, eu adoecia, ele não tava nem aí, era minha mãe tinha que sair correndo; alimentação era minha mãe, então eu era aquela pessoa, aquele filho, aquela filha assim que... a gente nunca se deu bem, entendeu? Minha mãe conta que eu não podia chorar quando criança. Ele ficava bravo, queria me bater... (DEPOIMENTO DE ISA, 2017, p. 2).

Isa continuou com os sintomas físicos de doença. Indo ao médico ela foi diagnosticada com problema grave de coração. Ela narra:

Tonteira eu tinha. Eu não podia, não podia andar sozinha, eu tinha a menina que ia pra escola e voltava comigo, porque eu passava mal.[...] Eu deitava, eu sentia tonteira eu deitava, e a cama fazia assim comigo (demonstra como fazia), literalmente, e eu segurava na beirada da cama assim e eu gritava, eu ia cair. Isso me dava, não era, é, tal hora, x hora, não... na rua era esporádico, mas na rua, na escola, em casa, de noite, então eu tinha uma menina que me acompanhava para ir para escola... aí eu fui ao médico, minha mãe me levava ao medico, e o médico (aí quando, primeira vez que eu fui, isso eu me lembro) o médico falou assim pra mim assim: “procura um cardiologista urgente”, minha mãe desesperou. Cardiologia é o quê? Urgente, problema de coração. La vai nós, aí nos fomos, achamos o Dr. Jorge Nauim na época, no hospital Coração de São Jorge ali hoje perto do SAMU, e lá eu comecei o tratamento. Então assim, minha mãe, do nada eu passa muito mal, eu tomando remédio para pressão, tomava um remédio caríssimo, e minha mãe tinha que sair, tipo, ela não tinha hora para sair correndo comigo pro médico (DEPOIMENTO DE ISA, 2017,p.4).

Os remédios não curaram. Vieram as dores de cabeça condensadas em fortes enxaquecas. A menina faltava muito na escola e começou aos poucos ter vergonha de ir estudar porque adoecia no ambiente escolar. Numa outra busca de cura, a mãe a levou numa casa onde aconteciam sessões de Umbanda:

Aí, tá aí, quando foi, de um tempo aí, na idade, eu não me lembro mais qual foi a idade, minha mãe me levou no Centro, no Parque João Brás, lembro do Setor direitinho, e lá eu sentei, eu e minha mãe, sentei, hoje eu sei que são os erês, os ‘cosminhos’, mas na época eu não entendi. Aí sentei lá, aí mandaram eu sentar lá no meio dos meninos, os meninos estavam comendo pipoca, isso era por volta de umas 10 horas da manhã, aí o dono do, não era um terreiro, era uma casa, que a maioria dos terreiros, muito raro não ter casa hoje, aí entidade me deu uma velinha desse tamanho,

queimou, ele apagou, entregou pra mim e falou assim “vai no cemitério e ascende lá no cruzeiro”. Foi isso que curou a minha dor de cabeça, eu fui, passei direto já, acendi a vela no cruzeiro do Cemitério Santana, e fui embora, nunca mais senti dor de cabeça (DEPOIMENTO DE ISA, 2017,p.6).

Curada das dores de cabeça e das tonturas, ela precisava ainda acertar outros aspectos da vida, porque agora já estava adolescente e trabalhava durante o dia e estudava a noite. Não parava nos empregos e era assediada sexualmente por homens no trabalho e na rua. Os assédios passaram a ter agressão física. Além disso, o pai a proibiu de namorar, o que a fez ter medo de se relacionar com homens: “O homem chegava aqui para namorar comigo, ele punha os dois pra correr, então juntava tudo isso, eu falei: “ah... eu vou arrumar namorado pra quê?” eu ficava com medo, né?” (DEPOIMENTO DE ISA, 2017, p. 2).

O quadro melhorou quando ela começou a praticar a religião frequentando o Centro Espírita Caboclo Pena Branca presidida por dona Alvina. Inicialmente ela apenas frequentava, sendo atendida pelas entidades da casa. Posteriormente viu a necessidade de se desenvolver mediunicamente para que sua vida tivesse certa ‘normalidade’. Até que um dia indo para Araxá em Minas Gerais, foi iniciada na tradição de omolokô, onde permanece até hoje.

Rosalina, Lurdes e Isa eram crianças de lugares diferentes, duas delas de área rural e uma do espaço urbano, e que tiveram trajetórias diversas na vida. Nunca se conheceram na infância e seus contextos familiares eram muito distintos. Entretanto todas tiveram desde muito pequenas sintomas físicos e psicológicos que causavam incômodos e que eram inexplicáveis pela ciência médica e psicológica existente na época por que:

havia entre os modernos uma crença altamente difundida de que comportamentos religiosos estivessem associados à imaturidade, buscas infantis e falta de comprometimento com tratamentos médicos (ALMINHANA, 2017, p.41).

Em 1994, a Associação Americana de Psiquiatria revisou o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, publicado na década de 50 e incluiu a categoria de problemas religiosos e espirituais. Foi um passo marcante na área da psiquiatria, mas foi somente no ano 2001 quando foi publicado o *Handbook of Religion and Health* por três cientistas norte americanos, contendo 8 partes e 34 capítulos num compêndio de mais de 700 páginas com 1200 pesquisas que ficou

claro que religiosidade e espiritualidade afetavam a criação, o crescimento, o desenvolvimento e o tratamento de doenças. Mais do que isso, clareou-se a percepção de que:

O religioso possui um impacto positivo na saúde, atuando como efeito protetor para depressão, ansiedade, uso e abusos de álcool e drogas; bem como para o enfrentamento de doenças cardíacas e câncer (ALMINHANA, 2017, p.42)

Pesquisas surgiram também no Brasil demonstrando que há a necessidade de enfrentamento do campo científico para diferenciar as experiências de religiosidade e espiritualidade (R/E) não patológicas de sintomas psicoativos, como a esquizofrenia. Surgiu o termo ‘emergência espiritual’ para definir experiências anômalas muito semelhantes a processos dissociativos. Estes podem surgir de forma tranquila ou perturbadora, apresentando, como essas meninas demonstravam características auditivas, visuais e sensitivas, mas que podiam ter desfecho saudável com o correto encaminhamento (ALMINHANA, 2015, p.49).

Neste sentido, os Centros de Umbanda em Goiânia, não somente foram prontos socorros emergenciais para curas físicas, para envolvimento afetivo, mas, sobretudo locais onde se podia responder de forma positiva ao tratamento religioso, organizando e explicando essas experiências R/E e restabelecendo a saúde mental dessas protagonistas. Ainda assim permanece o desafio no contexto brasileiro onde a vivência e a linguagem religiosa é comum e cultural de: “como compreender experiências aparentemente patológicas, como o transe religioso, a possessão, a mediunidade (dentre outras), tão comuns na realidade brasileira?” (ALMINHANA, 2017, p.42)

Todas as meninas atravessaram o mesmo ciclo de experiências anômalas que foram identificadas como religiosas e que consistia em:

1. Apresentarem sintomas físicos que as incomodavam como ver e ouvir coisas que outros não viam ou escutavam; ficarem ausentes neurologicamente do tempo e espaço presentes; sentir tonturas, cair com facilidades, terem dores de cabeça, dentre outras;
2. Sentirem medo e pavor diante do mistério que as envolvia;

3. Serem auxiliadas por mulheres que buscaram entender seus sintomas e ampará-las de alguma forma (uma amiga, a avó, a mãe);
4. Procurarem auxílio médico onde encontram diagnósticos que não resolveram seus problemas de saúde e nem eliminaram os sintomas;
5. Buscar a religião em busca de respostas para as 'perturbações' que sentiam, uma vez que a medicina oficial falhou. No caso de Rosalina ela passou a frequentar um Centro Espírita Kardecista e somente mais tarde foi num Centro de Umbanda. Lurdes e Isa foram direto ao Centro de Umbanda;
6. No Centro de Umbanda, foram realizados rituais que eliminaram os sintomas que elas sentiam. A todas são anunciadas que elas tem mediunidade e que mais tarde deveriam seguir a religião, 'colocarem suas entidades em terra' para fortalecer seus corpos e mentes;
7. Quando se tornaram adultas, os sintomas reapareceram. Então optam por entrar num Centro de Umbanda e 'desenvolver suas mediunidades', passando a ter total controle sobre esses sintomas e desaparecendo os incômodos.

Esse ciclo se repete em cada experiência religiosa das mulheres na Umbanda. Elas não eram da religião umbandista, nem conheciam religiões mágicas ou religiões Espíritas, e mesmo assim, desde muito pequenas, perceberam que eram pessoas diferenciadas por suas experiências sensoriais corporais e que suas vidas seriam norteadas por elas:

O fato é que tais eventos têm efeito avassaladores *hic et nunc* sobre a pessoa e sobre sua psique e, de maneira indireta, sobre todos aqueles que nele são envolvidos e que muitas vezes vêm aí os sinais de um mundo pertencente ao "divino". É a "dimensão mística" presente no mundo das religiões" (TERRIN, 1998,p. 115).

Esses fenômenos não são específicos de mulheres. Também meninos podem apresentar esses mesmos sintomas. Pai Elmo sofreu a incompreensão de sua família quando com cinco anos começou a ter visões. Tudo que contava era visto como parte de sua imaginação ou para chamar atenção dos adultos. Aos dez anos incorporou o que ele identificou como Exu Mirim e foi aí que ele recebeu auxílio de uma mulher, a dona Laurentina que o iniciou na Umbanda.

### 3.1.2. Quando ser diferente se torna loucura

O caso dela não é médico não, é sanatório não. Causo dela é a força da espiritualidade.  
(Dona Roxa)

Crianças que tiveram experiências anômalas e não compreendidas, foram classificadas como 'anormais'. De alguma forma não se enquadravam dentro dos parâmetros considerados 'normais' na sociedade vigente e muitas destas crianças visitaram e moraram em instituições psiquiátricas. A maioria delas permanece no anonimato, e muitas delas foram vítimas de manifestações religiosas incompreendidas na época.

Na realidade, mesmo nos dias de hoje, os estudos sobre o campo da experiência religiosa são muito limitados e ainda incompreensíveis:

Na verdade, ninguém sabe ainda decifrar aquilo que se esconde na profundidade da psique humana, ninguém consegue sondar esse terreno sem fronteiras e sem limites: *on the boundary* (na linha da fronteira) entre o incógnito e o religioso, entre o oculto e o sobrenatural (TERRIN, 1998,p. 115).

Tudo isso gera o que Aldo Terrin (1998) chama de mal estar porque não podemos entrar na cabeça dessas pessoas para verem o que acontece, tampouco temos instrumento para fazer as pesquisas adequadas. Então, a psique continua sendo essa nossa desconhecida, com seu mundo inconsciente e esse mundo espiritual que se coloca nos limites entre o humano e o sobrenatural (p. 118).

Mãe Lia também teve doenças físicas quando pequena. No seu caso, ela identifica como paralisia infantil. De fato, até hoje ela tem uma perna diferenciada que a faz mancar ao andar, consequência da grave doença que teve na infância: "Minha infância foi assim, tive problema de cegueira, eu fui cega, parálitica. É. Eu tive paralisia infantil, fiquei cega. Ai minha mãe cuidava de mim, né?" (DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, p.2). Para piorar o quadro, ela começou a ter outras manifestações na cadeira de rodas que ficava, falando coisas que não tinham sentido para a mãe e preocupando-a:

E eu incorporava, fazia incorporação e minha mãe não entendia, vinham vozes, né?... Eu na cadeira de roda falava voz com minha mãe, meu... Minha Cosminha falava com minha mãe, minha mãe não entendia (risos), pedia bolo demais, doce demais e minha mãe não entendia. Ai minha mãe

achou que eu estava com problema mental (DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, p.2).

No depoimento de Mãe Lia, ela analisa que as vozes que ela recebia era de uma criança. Mais tarde, já na religião, ela identificou como uma 'entidade' na linha das crianças, um Erê, chamado Cosme e a prova de que se tratava dele são os pedidos por doces e bolos.

Mãe Lia nasceu na cidade de Ituiutaba, em Minas Gerais no ano de 1952. Seus pais eram migrantes do Rio Grande do Norte, mas quando ela tinha sete anos, veio para Goiânia com a família que era evangélica. Nunca tinha tido contato com a religião espírita ou umbandista, mesmo assim, ainda estando na cadeira de rodas, ela começou, segundo interpretação dela, a incorporar. Tudo isso assustou muito a mãe que recorreu à sua tradição religiosa mais antiga: o catolicismo popular. Então fez uma promessa a São Francisco de Assis para que a filha ficasse boa da saúde:

Ai foi quando que minha mãe fez um voto. É. prá São Francisco de Assis. Aí eu vi um homem chegando, aí eu corri, e andei, enxerguei, e andei. São Francisco de Assis, porque ele tava com uma roupa marrom, com laço, uma fita, um cordão amarrado na cintura, e uma chinela de cordão, assim de... de couro no pé. É isso percata – feito de couro, no pé. Eu vi perfeito, corri com medo. Aí eu andei. Não andava, de cadeira de roda (DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, p.3).

Apesar dos pais frequentarem Igreja Pentecostal, a mãe recorreu ao santo católico para curar a filha. Ela sabia que era um caso gravíssimo e sua tradição de família falou mais alto no cuidado da filha. A esse respeito Marilena Chauí afirma que na cultura brasileira há:

Uma aceitação simultânea de uma pluralidade de crenças aparentemente incompatíveis entre si. Na busca de uma graça, o indivíduo se dirige aos santos católicos, aceita os rigores da ética pentecostal, vai ao terreiro de Umbanda ou Candomblé e consulta um médium Espírita. (CHAUÍ, 1986,p.83)

Livre da paralisia, mas não das perturbações mentais, a mãe, então recorreu ao pastor da Igreja:

Aí minha mãe, como minha mãe era evangélica, a minha mãe me levou pro Tabernáculo da Fé, e lá no Tabernáculo da Fé, o Tabernáculo... o pastor pediu para mamãe levar eu prá um Centro...(DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, p.2).

O pastor consultado ou se sentiu incapaz ou não quis resolver o problema da menina e sugeriu que a mãe encontrasse um Centro Espírita. Nota-se uma



circularidade entre as confissões religiosas e as fronteiras institucionais. A mãe não levou a menina ao Centro, desejava outra forma de curá-la dos fenômenos que não desapareciam e que intrigava a família. Resolveu, então, internar a filha numa instituição psiquiátrica:

Eu ia e incorporava. Minha mãe não entendia porque era crente, né? Evangélica. Não entendia porque o Caboclo descia, porque o Preto-Velho descia, Cosmo descia, painho descia, cada um era uma voz, e minha mãe não entendia. Aí minha mãe me internou. Ela me internou [...] ai ela me internou lá no hospital que tinha ali na Tocantins com Araguaia, [...] Doutor Edson, esse foi o meu médico. [...] Ai minha mãe me internou lá (DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, 4).

Ela não sabe precisar quanto tempo passou no hospital, mas conseguiu fugir de lá:

Quando foi um dia, eles vieram me dar a injeção (risos) pra mim dormir. Aí eu peguei e falei assim "oiá a cobra" (risos), e fugi do hospital. Ai eu fugi do hospital. Quando eu fugi do hospital, era ali na Anhanguera, eu iria descendo a Anhanguera, aí tinha um hotel Santa Terezinha. Aí eu parei no hotel Santa Terezinha, ai eu perguntei: "moça onde que eu tô?". Isso eu era menina. Aí ela falo: "ah! cê tá aqui em Campinas" eu num sabia o que era Campinas, não sabia que era Campinas, ai eu fiquei andando, andando ate que eu cheguei no Setor Coimbra, na porta desse Centro, que é o meu hoje. Ai a madrinha Luiza, que eu chamo ela de madrinha, que é minha mãe de santo, a minha mãe de santo viu eu sentada, na calçada da casa dela, ela me recolheu pra dentro da casa dela. Ai minha mãe pôs no jornal, me procurando e tudo, e eu vi e não saí, porque eu ficava com medo da minha mãe me por de novo no hospital (risos). Ai minha madrinha Luiza me pôs dentro do Centro, ai eu comecei a trabalhar, comecei... as entidades vinham me pegar, né? Incorporei. Ai eu fiquei lá muitos anos, ate eu sair de lá. Eu tava com 38 anos. (DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, p.4)

Foi assim que Mãe Lia chegou ao Centro Vovó Maria Conga, na Vila Mauá, no Setor Coimbra, dirigido por dona Maria Luiza Melo, que ela vai ter por madrinha. Lá ela vai desenvolver sua mediunidade, receber seus guias e ajudar na condução do Centro. Mas esse processo não foi fácil. Ela era menor de idade e a família não a queria morando com estranhos. Encontrando a menina, tentam dissuadi-la da ideia de ficar no Centro de Umbanda:

Ai minha mãe me... me encontrou (risos) ai eu fui pra casa da minha irmã que era do lado do Centro, né? (Que é minha irmã que mora aqui no Garavelo) Eu fui pra casa da minha irmã, e aí como a entidade desceu lá, que é a esquerda, e elas puseram a bíblia em cima de mim, aí eles rasgaram a bíblia, aí minha irmã queria me internar de novo. Aí não me internaram. Aí a madrinha Luiza falou: "Não. Ela é uma médium de nascença, o que é que tem? Tem que ela precisa desenvolver". Aí eu fiquei desenvolvendo, trabalhando lá ajudando ela, trabalhando... é... eu incorporava na rua, e não "entendia" porque aqueles... aquela força tamanha tava em mim. Porque que eu estava estranha. Aí eu fui entendendo. Minha mãe [ **madrinha Luiza**] foi me dando pra me estudar,

ela foi me dando sabedoria, ele me explicava, tinha reuniões, né? E nisso eu fui começando trabalhar no espiritual (DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, p.4).

A ação da dirigente do Centro Espírita, a dona Maria Luiza foi decisiva para que Mãe Lia não retornasse ao hospital psiquiátrico. Ela partiu da compreensão da experiência anômala que Mãe Lia estava tendo, provavelmente porque também já tinha passado por experiências semelhantes, e lhe forneceu uma opção religiosa que satisfizesse suas necessidades, tirando-lhe da sensação desagradável que essas experiências traziam. Além disso, forneceu uma explicação que foi suficiente para aceitar sua realidade e seguir em frente.

Quando se tornou adulta e depois de muitos anos como médium no Centro de Umbanda, sua madrinha faleceu e ela herdou o estabelecimento religioso, e o transferiu para o bairro Jardim Presidente onde se encontra atualmente.

Maria Baiana com a morte de seu pai teve que ser internada em um convento de freiras. Foi lá que teve seus primeiros sintomas de 'loucura':

Quando é no final do... Quando foi, mas no final de dia, depois de uns cinco ou seis meses que eu tava lá eu comecei a ter problemas espirituais que pra eles era loucura, né? Eu tava doida... (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p. 5).

Não se sabe se foi por decorrência da vida pesada que levava no colégio, o fato é que Maria começou a ter comportamentos tidos como anormais para uma menina na sua época. O desequilíbrio, não compreendido pelas pessoas levou o padrinho dela, que era médico, a interná-la no hospital psiquiátrico Adauto Botelho:

Aí eu tava com oito anos, quando chegava na noite, eu levantava da cama ia na cama das meninas. Catava os lençol, coberta e tudo... Fazia uma trouxa de roupa, punha na cabeça e ia pro Jardim cantando. Chegou um tempo que ninguém ficava mais para dormir comigo. Eu só conseguia dormir no quarto da madre por que ela parece que me entendia, então deixava, ela trancava as porta e conversava comigo por que eu era sonâmbula né? Fazia eu voltar para cama. Eu trabalhava, cantava. Não via o que eu tava fazendo, e aí a madre me ajudava, ela fazia eu voltar para cama não deixava eu ir .Mas só que, isso acho que ficou cansativo pra ela né? Que ela vai e fala para meu padrinho que eu era louca, ela falou pro meu padrinho que eu era louca. Que eu não podia ficar lá, no meio das internas por que eu tinha um problema, que eu não era normal. Meu padrinho era médico, doutor Mário Guedes em Itumbiara, meu padrinho pega vai e me traz para Goiânia, e me interna no Adauto Botelho (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.5).

Foi muito comum no século XIX e XX que estados de transe e experiências místicas ou mediúnicas fossem consideradas manifestações de transtornos mentais

graves pela maior parte da comunidade científica. Paulo Aguiar, concordando com Robert Croninger acredita que isso está ligado ao fato de que a academia científica rejeitou o estudo de fenômenos religiosos:

No final do século XIX, havia um amplo interesse nos fenômenos espirituais entre acadêmicos até que muitos supostos médiuns foram expostos como fraudes (Kottler, 1974). Desde então tem havido grande resistência entre os acadêmicos de até mesmo considerar a possível realidade da vida após a morte como sugerido pelos médiuns e clarividentes. [...] Apesar de haver exceções notáveis como Francis Collins (2006), a maioria dos cientistas de ponta são altamente materialistas e rejeitam a crença em qualquer transcendência, como a crença em Deus ou na vida após a morte (Larson e Witham, 1998). Como resultado, há uma grande pressão social entre os cientistas para reduzir toda a explicação científica a mecanismos materiais e para rejeitar a consideração de qualquer fenômeno que não possa ser explicado por mecanismos materialistas considerando-o uma tolice impossível ou o resultado de um rigor científico inadequado na observação (2017, p. 15).

Ele percebe que ao longo da modernidade foram sendo criadas interpretações sobre os pensadores do renascimento e do iluminismo definindo-os como materialistas (em oposição a espiritualistas), gerando uma perspectiva materialista do universo, o qual não confere com a realidade pensada e vivenciada por esses pensadores. Atualmente, essa rejeição em estudar 'fenômenos transcendentais' continua quase como um paradigma do fazer científico e a maioria dos cientistas os fazem condicionados pelo contexto em que vivem, onde geram suas convicções pessoais e filosóficas a esse respeito.

Não foi só Maria Baiana que experimentou uma passagem para o moderno hospital de Goiânia. Mãe Conceição conta que:

Sim, tomava muito remédio, tinha tempo quando me internavam me davam aquele sossega leão, né? Então eu fiquei seis meses internada no Santa Monica<sup>108</sup>. O primeiro hospital que eu fui internada, eu era muito adolescente foi no Adauto Botelho (DEPOIMENTO DE CONCEIÇÃO, 2017, p. 11).

O hospital Psiquiátrico Prof. Adauto Botelho foi inaugurado em Goiânia em abril de 1954 pelo governador Pedro Ludovico Teixeira, o ministro da saúde Miguel

<sup>108</sup> O Hospital Santa Mônica foi fundado em 1967 pelo Neurocirurgião e Psiquiatra Samyr Helou e funcionou inicialmente como clínica psiquiátrica no Setor Sul e recebeu a denominação de Clínica Santa Mônica. Em 1975, houve a mudança para sua sede atual, na Chácara Aurora, em Aparecida de Goiânia. Atualmente é uma referência em neurologia. Disponível em: <http://hsmonica.com.br/site/o-hospital/apresentacao/>. Acesso em: 28 de jul. 2019.

Couto Filho, o padre Luiz de Matos e o próprio Aduino Botelho<sup>109</sup>. O Hospital era uma obra grandiosa e prometia ser a instituição do estado moderno oferecendo à população as práticas mais evoluídas da medicina psiquiátrica:

Buscavam-se novas técnicas terapêuticas que substituíssem o papel meramente custodial predominante. Os instrumentos mais avançados da psiquiatria biológica eram introduzidos em nosso país, como o choque cardiazólico, a psicocirurgia, a insulino-terapia e a eletroconvulsoterapia, e tentavam afirmar para o psiquiatra sua função médica verdadeira (PAULIN&TURATTO, 2004, p.244.).

Aduino Botelho era um discípulo de Juliano Moreira, médico negro baiano, considerado o pai da psiquiatria científica no Brasil. Foi ele que introduziu a ideia de tratamentos mais humanos aos psicopatas (como eram chamados os doentes mentais) e com possibilidades de cura a partir de procedimentos científicos, diferenciando das antigas repressões corporais infringidas a esse tipo de doentes. É claro que o manicômio goiano, na realidade, passou a exercer a função de auxiliar do controle social, a partir da contenção da loucura, tida como um mal social, afinal era o que afirmava o doutor Alfredo Paes, neuropsiquiatra do dito nosocômio, num artigo da Revista Goiana de Medicina no ano de 1959: “Personalidade normal, é aquela: livre de sintomas, desembaraçada de conflitos, dotada de satisfatória capacidade de trabalho, apto para amar o próximo como a si mesmo.” (PAULA, 2009,p.6). Fora desse parâmetro, todos eram considerados loucos, o que é claro implicava setores da população social compostas por errantes que vagavam pelas ruas, vadios, criminosos ou que envergonhavam a cidade ou famílias com comportamentos classificados como antissociais.

Na ditadura militar esse ‘quadro de loucos’ se intensificou e nesta perspectiva, o hospital se tornou um centro real e simbólico dessa exclusão “considerada

---

<sup>109</sup> Aduino Junqueira Botelho nasceu em Minas Gerais no ano de 1895 e doutorou-se em medicina no ano de 1916 no Rio de Janeiro. Em 1921 fundou a primeira clínica particular dedicada aos doentes mentais, o Sanatório Botafogo e em 1925 chefiou a Clínica Psiquiátrica e no mesmo ano, através de concurso, ingressou na carreira acadêmica como livre docente da clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1940 assumiu a direção da Divisão de Assistência a Psicopatas do Distrito Federal e por sua iniciativa foi criado em 1941 o Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM), o qual foi diretor entre os anos de 1941 a 1954. O SNDM expandiu os serviços médicos na assistência aos doentes mentais criando ambulatórios de saúde mental nos estados do Amazonas, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Goiás, Mato Grosso e Distrito Federal (Rio de Janeiro). Na gestão de Aduino Botelho, além da criação dos ambulatórios, foram abertos 16 mil leitos psiquiátricos pelo país, alguns em colônias e outros em hospitais. Entre 1956 e 57 ocupou interinamente a cátedra de Psiquiatria da UFRJ e em 1958 foi diretor do Jornal Brasileiro de Psiquiatria. Faleceu em 1963. Ocupa a cadeira nº 57 da Academia Nacional de Medicina (PICCININI, 2009; Academia Nacional de medicina).

limpeza, onde são trancafiados os discursos que poderiam vir a contrapor a norma vigente”( PAULA, 2009,p.7).

O hospital, como outros no Brasil, ficaram a mercê de políticas públicas que foram escasseando, de acordo com os interesses dos administradores públicos, e desta forma, na década de 70 e 80, o hospital encontrava-se em péssimas condições e superlotado. Foi desativado em 1995 e demolido dois anos depois pelo governador Maguito Vilela por motivos de interesses imobiliários (ARANTES E TOASSA, 2017, p.52).

Mãe Conceição ia e saía dos hospitais. Os sintomas apareciam, ela era internada, tomava remédios, voltava para casa. Depois os sintomas retornavam e ela ficava mal de novo e tornava a voltar para o hospital. Ela conta que:

Depois fiquei um tempo lá, mas foi muito rápido, sabe? Por que assim que eu melhorava me davam alta, aí eu passava um tempo bem, aí estudava e eu era assim, eu não parava de fazer as coisas. se eu tava estudando eu continuava estudando, se eu estava trabalhando eu continuava trabalhando, sabe? é assim, era uns pontuais...tipo assim, eu mudava a voz, né? às vezes eu ficava com um Caboclo, né? Hoje eu falo que é o Caboclo, mas outras vezes eu ficava com o trevoso entendeu? É... eu ficava, eu incorporava o trevoso, aí você queria quebrar tudo, né? aí xingava coisa, falava coisa que... entendeu? aí nisso já ficava todo mundo assustado. aí levava pro pronto socorro, e lá pegava remédio e assim foi minha vida foi assim, tomando remédio pra não dar essas coisas, né? Aí passavam remédio, ficava bom, o médico me dava alta, mas continuava minha vida (DEPOIMENTO DE CONCEIÇÃO, 2017, p.12).

Dona Roxa, chegando a Goiânia, na área onde hoje está a cidade de Senador Canedo, passou por uma intensificação de um quadro sintomático que tinha desde os dez anos de idade na cidade de Morro do Chapéu, onde morava com a família. Em sua perspectiva, migrar para o Goiás já estava em seu destino e ela vinha para sofrer:

Nossa...Eu fiquei louca, 1 ano e 6 meses. Quando eu tinha 10 anos, junto, em cima de uma árvore dessa, eu ouvi falar prá mim assim: “oia tu não vai ficar aqui, tu vai embora pra um lugar, que é uma cidade, um lugar que fica perto de uma cidade Anápolis”. Eu sabia o que que era Anápolis? Ninguém nem falava em Minas, Goiás, onde é Minas? Eu era pequena, tinha 10 anos, ai eu desci da árvore: “é Goiás, é Goiás” (risos) Os trabalhador trabalhando e eu gritando: “Goiás, Goiás”. Após, eu vim pra cá. Passô tempo, passô tempo, com 18 anos, eu dei a loucura de vim pra cá. Aí eu casei. Minha filha, eu sofri... Um dia eu tava em Feira de Santana mais minha tia, passou um rapaz, um senhor. Ele olhava pra nós, olhou pra mim e falava assim: “essa menina, essa menina tem muita boa sorte, mas se ela não escutar conselho ela vai sofrer monte, porque vão levar ela, ela vai parar num lugar que ela vai sofrer monte”. Se mudasse esse destino... Eu vim endoidar aqui. Aqui foi a terra que eu sofri. Aqui foi a terra que eu passei todo o trabalho. Fiquei louca, fiquei abandonada. Assim abandonada

porque o marido me largou com os filho tudo pequeno (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p.2 ).

Dona Roxa começou a andar e a cantar pelas ruas, mudava a sua voz, pedia perfumes e flores para os vizinhos; atendia as pessoas em qualquer lugar com uma entidade que ela reconheceu, mais tarde, como a menina Janaína. Essa situação fez os vizinhos denunciarem ela para que providências fossem tomadas diante de seus comportamentos extravagantes:

Eu sofri muito. Eu cantava no meio da...ainda ontem eu tava falando, porque eu tenho uma entidade, uma menina, né? É Janaina menina, então pra quem tá aqui, ela desceu. Muito tempo que eu parei assim de trabalhar... fiquei não querendo trabalhar mais, porque o povo chama a gente de macumbeira, não sei mais o quê, mais o quê, mas a gente não é não. Aí eu, muito tempo que era conhecida, aí ela chegou aqui. Tava trabalhando ainda, e ela desceu. Ele disse que não sabia o que que era Janaina, não tinha entidade, ele não conhecia essa entidade- Janaina-, eu falei: “ pois é, prá quem não existe, essa entidade foi quem me olhou, quem me desenvolveu, porque ela me pegava na rua, pedia flor...eu andava na rua parecendo uma doida, pedindo flor, perfume e fita. Todo mundo que chegava nas casas,( ela é menina, né?) Falava igual menina: “me dá flor, me dá fita, me dá perfume”. Aí o pessoal já me conhecia ali porque já sabia que nós morava ali. Então, não tava bem da cabeça. Aí eu saía com ela, chegava lá na frente pedia outra, aí sentava no meio da rua (risos). Aí eu comecei a trabalhar, sem ninguém me dar explicação de nada, que eu fiquei doída, quando eu melhorei o Adatao Botelho em Goiânia veio me buscar para ir para o Adatao Botelho, que eu tava doida, doida, doida, doida, furiosa (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p.3).

Ir para o manicômio parecia o correto para a comunidade e ela mesma não entendendo o que estava acontecendo acreditava realmente que estava louca e que devia ir se tratar. Foi por causa de um vizinho, que tomou sua defesa que ela se livrou de uma possível estadia no hospital:

Aí veio eles me buscar aí. Falaram lá que eles me buscavam pra levar pro hospício. Um senhor, vizinho, falou: “não, ela não vai, ela não vai” (eu falava língua de tudo que era tipo) Falou: “ela não vai não. Causa dela não é- ele conhecia, né?- o causo dela não é médico não, é sanatório não. Causo dela é a força da espiritualidade” (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018,p.3).

Maria Baiana ficou pouco tempo no hospital psiquiátrico, pois lá encontrou um médico, o doutor Juari, que estranhou a pequena ali no hospital e em sua experiência profissional, logo percebeu que eram ‘fenômenos religiosos’ e que o hospital em nada ajudaria a menina:

Fui internada, aí cê escuta essa pra você ver. Eu fiquei lá quinze dias, no quatorze dias, eu tava sentada lá no hospital, tinha um passeio onde que passava assim um Jardim de um lado e Jardim do outro. E eu sentada no Jardim, eu só sabia chorar, eu não conversava com ninguém não. Aí eu chorando, eu chorando, passou um médico e o médico parou perto de mim

perguntou o que eu tava fazendo ali. Aí eu falei que eu era internada, aí chorando, aí ele perguntou: “quem que internou?” Aí eu contei que era minha mãe, meu padrinho que tinha me internado: “quem era seu padrinho?” “Doutor Mário Guedes”. Aí ele pegou foi e falou: “que dia que seus padrinhos vêm aqui?”. Aí eu falei: “no dia da visita”. “Então você fala para eles ,quando eles chegar aqui, para eles me procurar. Eu sou o doutor Juari”. Esse nome nunca mais eu perdi da minha cabeça, isso de tão agradecida que eu fiquei ao cara: “eu sou o doutor Juari, fala para ele me procurar”. Aí quando meu padrinho mais a minha mãe chegou, que eles vinham de Itumbiara toda semana para me visitar. Quando meu padrinho chegou, a primeira coisa que eu fui correndo foi contar para eles, que o médico falou queria contar a eles e eles foram conversar. Aí saiu minha mãe, saiu com os olhos cheio d’água, e virou falou pra mim, que ia me levar embora, que não ia me deixar mais não e não me disse nada do que se tratava né? “Umbora minha filha, você não tem nada não, quem vai te curar é Jesus, umbora”. Aí foi aí nesse meio prazo vai...vai... Eu continuei, eu tinha pesadelos horríveis (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, pp.5-6).

Ela ficou livre do hospital, mas mesmo com o aconchego de sua família, ela continuou a ter os sintomas incomuns para sua idade e para seu corpo. Então a mãe revela para a menina que ela tinha ‘problemas espirituais’, os quais ela associou a estar possuída pelo demônio:

Os pesadelos era, tanto faz dormindo, como acordado não tinha horário para isso. Aí eu acordava no meio da cidade, para mim eu tava numa mata, tava num lugar muito estranho, e por isso que elas falavam que eu era louca. Por que às vezes eu tava trabalhando, quando eu dei fé eu tava conversando com gente, sabe! Eu tava conversando outras línguas, então era isso que as madre falavam que eu era doida e acontecia e continuou acontecendo a mesma coisa, depois que eu saí do hospital que eu continuo fazendo, né? Aí acho que minha mãe, de tanto ver eu sofrer, que eu acordava chorando, eu não conseguia dormir. Minha mãe vai e me conta o que o médico tinha dito, né? Que o médico tinha falado que era para sentar comigo, contar minha historia, por que eu tinha, que meu problema não tinha nada de louca, que eu tinha um problema espiritual, e que devia ser cuidado e que eles tinham que me contar, que eu tinha uma missão pra cumprir. Aí minha mãe me conta e aí quem ficou louca foi eu de verdade, né? Por que eu chorava feito uma condenada, eu não aceitava aquilo: que eu era de Deus, que eu não era do demônio (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, pp.6-7).

A falta de conhecimento desses fenômenos é fonte de angústia e terror para muitas crianças e jovens ainda hoje:

Aí com 17 anos eu casei, ai com o casamento essas coisas que se manifestavam em mim, de mudar a voz, de falar o que que ia acontecer, tava aflorando muito ai eu fiquei internada várias vezes em hospital, em casas de repouso, tratando com psiquiatra, que eu já tava achando que eu era doida (DEPOIMENTO DE CONCEIÇÃO, 2017,p.2).

Além da falta de conhecimento, ainda existe paradigmas do que é certo ou errado no comportamento religioso, bem como crenças naturalizadas em torno do maniqueísmo, o que aumenta a angústia dessas pessoas. Maria Baiana passou por isso e tentou corrigir o problema intensificando sua participação na Igreja Católica, pois acreditava que nessa luta espiritual o que ela considerava o 'bem' venceria;

Aí eu falava: “pelo amor de Deus, mamãe, eu não quero ser, eu não quero”. Aí ela falou: “bom, eu to fazendo minha obrigação, de contar para você eu também não acredito, mas você, a responsabilidade saiu, você já tá com onze anos, agora você sabe o que você quer da vida”. Com onze anos sabia o que queria da vida, né? Tem lógica, né? Aí bom, ela contou e eu ficava chorando, e rezava e fazia novena e fazia a... Eu era na Igreja, eu era da filha de Maria. E eu virei... Virei aquela coisa assim, carola de Igreja, eu não saía da Igreja de medo (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, pp.7).

Outra mulher que sofreu muito com isso foi dona Tereza. Menina nascida na colônia agrícola de Ceres, em 1953, desde pequena ela foi criada na Igreja Católica. A família era fervorosa e frequente na Igreja. O pai era mestre de obras e a mãe era filha de fazendeiro, mas depois do casamento se dedicou às funções da maternidade e do lar. Tereza era filha única. Quando ela tinha nove anos, o pai se mudou com a família para Corumbá. Lá ela conheceu as irmãs de Santa Catarina e se apaixonou pelo modo de vida das mesmas. Ficou lá até os 14 anos estudando no colégio das freiras e lá manifestou desejo de entrar para a congregação religiosa. Entretanto, para entrar no noviciado precisava ter 16 anos e a mãe ficou muito doente por causa do mal de chagas que tinha. Diante disso, o pai resolveu vir à Goiânia para tratar a mãe, e a filha veio junto para cuidar dela e esperar o tempo devido para entrar no convento. Instalaram-se no bairro Canãa e foi neste lugar que, após a reza de um terço numa noite, ela teve sua primeira experiência anômala:

Passei, entrei dentro de casa, também deitei e dormi, não era acostumada com... e fiquei ouvido a musiquinha, dormi. Dizem que a meia noite eu acordei já. Aí acabou a festa do vizinho e juntou a vizinhança inteiro no terreiro e disse que eu não saía da cama não, mas que falava tudo, quer dizer, para minha família eu enlouqueci repentinamente (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018,p.3).

Estar dormindo e conversar ao mesmo tempo assustou a comunidade. Ela não se lembra de nada disso. Tudo foi contado para ela posteriormente. Ela diz que, para ela, ela estava dormindo. Em suas conversas falava coisas que não tinha sentido para as pessoas. O pai assustado chamou um carro para levá-la ao hospital. Foi quando um casal vizinho que participava do Centro Espirita Ogum Beira Mar



conseguiu acalmá-la e ela voltou a si. Após isso, ela começou a frequentar, muito a contragosto, o Centro de seu Amâncio, policial reformado, que se dedicava naquela ocasião apenas às tarefas religiosas no Centro. Foram seis meses de tratamento e seis meses de manifestações incompreensíveis para ela, sua família e o bairro:

Na rua quando eu saía, assim que uma criança gritava: “Terezinha” -porque eles me chamavam de Terezinha, porque eu era muito alta e magrinha- e eu não respondesse, já saía gritando: “Pai, mãe” e saía todo mundo atrás. Tadinha da mamãe, não teve paz. Escondia a chave, quando conseguia dormir, que acordava assustada e eu não estava em casa mais, saía, corria todo o mundo, acordava a vizinhança, vinha aqui no Amâncio, que é o fundador do Beira Mar, e ele montava em uma bicicleta e ia me achar nas encruzilhadas sozinha e Deus<sup>110</sup>. Uma, duas horas da manhã lá sozinha. Que encruzilhada, a gente sabia o que era isso? (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018,p.6).

Ana Luzia nasceu em 1944 na cidade de Morrinhos no interior de Goiás. O pai era descendente de escravizado com uma mulher índia e a mãe vinha de Minas Gerais e tinha descendência polonesa. O casal teve dez filhos, nascidos na roça. O pai trabalhava com construções em geral e mãe fazia sabão, doces, plantava arroz, dentre tantos trabalhos que realizava.

Aos doze anos de idade, Ana Luzia começou a ter visões:

Minha mediunidade começou mais ou menos eu tinha uns 12 anos, de 11 para 12 anos, é eu via..eu via...antes eu não sei, eu não me lembro se eu comentava não, mas dessa época eu me lembro eu comentava com a mamãe os espíritos, que estavam lá em casa mas eu não sabia diferenciar se era espírito ou se ela pessoa não. Eu falava:” mamãe tem uma índia aqui na porta olha, tem uma índia”; eu falava: “mãe, tem um preto ali ó, mãe, parece que ele é escravizado”... Era o Pai Benedito. “tem um preto ali mãe, chama ele, chama ele pra dentro de casa”. E aí ia morrer alguém da família desencarnar, eu falava: “mãe o Lázaro teve aqui agora”. Aí passava um pouquinho: “ mamãe, o Lázaro, o Lázaro foi mordido, o Lázaro foi...uma cobra mordeu o Lázaro, mamãe, o Lázaro morreu”- que é um primo nosso-Então eu ia contando as coisas para minha mãe e ela muito católica, a família muito católica, inclusive eu, dentro da Igreja, aquelas fitas vermelhas, azul tudo no pescoço, e a mamãe foi ficando apavorada...(DEPOIMENTO DE ANA LUZIA, 2018,p.5).

Porque meninas educadas e professando a fé na Igreja Católica manifestaram esses fenômenos? Tereza, Maria Baiana, Conceição e Ana Luzia vinham de lares altamente católicos e todas eram, inclusive, participantes das filhas

<sup>110</sup> Segundo a medicina, o que dona Tereza apresentava pode ser um tipo de sonambulismo, mas na época não foi investigado pelos médicos. Segundo o Espiritismo, ela estaria num estado de atividade mediúnica inconsciente. Isso explica ela sair a noite e não lembrar de nada no dia anterior. O fato de ir para uma encruzilhada foi interpretado pela religião umbandista como incorporação de espíritos sofrendores. Todo ritual de firmeza e tratamento foi para ‘fechar seu corpo’ a esses espíritos e permitir que ela mesma pudesse ter controle sobre o fenômeno.

de Maria. Eram mulheres devotas e de muita prática religiosa, e elas desconheciam a doutrina Espírita e as teorias em torno de mediunidade.

Dona Roxa também dormiu três dias consecutivos e foi uma senhora com a sua religião popular e seus saberes tradicionais que conseguiu diagnosticar e tratar sua 'loucura':

Ai eu, dormi 3 dias, com duas noite, sem ver nada. Aí tem uma senhora que trabalhava, assim muito oculto né? Chamaram ela, ela chegô lá, falou:” Ó essa menina tem 3 entidades, três, três acompanhamento, dois na cabeça e um nos pé, se não tirar, ela não vai acordar”. Ela tirô, fez as pressa, pegô e levantô, com três dias. No outro dia, na mesma hora eu levantei. Eu peguei a primeira entidade, eu fiquei doida... aí pronto. Eu subia no trem, descia... no outro dia já começou a pegar os Preto-Velho prá trabalhar, mas ninguém nunca me ensino o que que era firmar uma vela, fazer trabaio... Eu trabalhava muito...(DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p.3).

Os rituais que compõem o tratamento para essas manifestações 'mediúnicas' nos Centros de Umbanda, se iniciam com uma/um diretora/diretor espiritual que assume o caso, acompanha o 'paciente' e restabelece o seu controle sobre seu corpo. Após isso o tratamento continua com esse 'paciente' tomando consciência das interpretações religiosas sobre sua vida e permitindo que espíritos de outros espaços possam habitar seu corpo por algumas horas semanais, liberando assim 'energia' armazenada e não tendo mais transtornos destes tipos. Ou seja, a pessoa entende que o transe mediúnico<sup>111</sup> é parte de sua cura e que somente estando no controle deste transe é que encontra satisfação para seu corpo e sua mente:

Com o tempo e por meio do desenvolvimento mediúnico, ter o transe induzido pelo ritual torna-se algo cada vez mais natural em sua vida. O transe mediúnico passa a ter hora e lugar para acontecer, o médium avisa seu inconsciente de que isto não deve acontecer de forma desordenada ou desequilibrada (CUMINO, 2018, 107).

A esse respeito, Wellington Zangari em sua pesquisa com médiuns mulheres que estavam em estado de incorporação na Umbanda, constatou que:

A mediunidade de incorporação é o resultado de uma construção social e individual em que estão em jogo os conceitos ou crenças grupais relacionados à mediunidade e à doutrina da Umbanda de uma forma geral, e a aspectos individuais das médiuns, tanto cognitivos quanto afetivos (ZANGARI, 2005.p.81).

<sup>111</sup> Na Umbanda o transe que existe é o transe de incorporação, onde o médium está manifestado com um guia de Umbanda, que coabitam o mesmo corpo passando a ter coexistência comum: “Por isso o médium deve aprender a ficar quieto e não interferir para que seu guia possa se manifestar” (CUMINO, 2018,p.40).

O transe pode e deve ser controlado numa instituição religiosa, preparada com todos os apetrechos e materiais necessários para que esse processo aconteça em harmonia, de tal forma que o paciente, agora chamado de médium, possa entrar e sair do transe sem prejuízo algum a seu corpo e às pessoas, e possa, assim, ter uma vida comum. O transe de incorporação diz respeito ao próprio ser humano em seu protagonismo e busca de entendimento sobre sua própria existência no mundo: “a mediunidade de incorporação não remete apenas a uma ausência mais ou menos permanente do ego da médium, mas à manifestação de outra identidade completa, ou em vias de se tornar completa” (ZANGARI, 2005, pp.84-85).

Todas as mulheres entrevistadas passaram por isso, e entendem que fora da incorporação não há salvação para elas, pois retornam ao estado em que estavam antes dos tratamentos de cura religiosa. Isso foi para as mulheres na segunda metade do século XX, uma alegria e um sofrimento, pois ao mesmo tempo em que se livravam do que lhes parecia um fardo, elas tinham que assumir uma religião marginalizada pela família e pela sociedade, cujos rituais eram extraordinários diante da comunidade, causando estranheza e curiosidade ao mesmo tempo.

No caso de Dona Roxa, muitas pessoas interpretaram os fenômenos apresentados por ela como dons divinos, e por isso ela passou a ser muito apreciada na comunidade. Foi assim que ela ganhou respeito no seu bairro:

Aí começaram o povo. Eu era nova (risos) –Ah... menina se eu te contar... é muita coisa- Era nova, aí o povo pegava me dizer: “Me benze” Ó minha Nossa Senhora. Eu me acabava... “Benzer? Eu não. Eu não vou benzer ninguém não.” Agora se chegasse: “Ó você me passa um raminho?” Ai bem... Eu ia lá, pegava o raminho passava... mas dizer: “me reze, me benze”. Acho que tava me enganando, não queria levar essa mão de benzedeira (risos), mas a gente não se domina né? Não. Hoje eu já entendo que a espiritualidade é uma coisa incrível, e é boa (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p.5).

Mas isso despertou, também, incômodo na comunidade. Nem todos ficaram satisfeitos com seu empoderamento e: “ depois que o Canedo cresceu, eu já tinha passado por muitos trabalho, demanda, muita gente já lutou pra mim arrancar daqui”. (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p.5 ). Essa realidade de aceitação e negação vai fazer parte da vida dessas mulheres que vão se apegar com a linguagem religiosa e às práticas mágicas e sociais atribuídas ao transcendente para viver com poder em suas comunidades.



Figura 92: Dona Roxa em reunião na comunidade. Disponível em: Fotos disponíveis em <https://imprensacriativa.wixsite.com/imprensacriativa/mulheres-em-destaque>. Acesso em 25 de set. 2019

Conceição, como Maria Baiana, teve seus sofrimentos aplacados por médicos que entenderam seus quadros clínicos para além da explicação científica convencional. O doutor Delfino, por exemplo, além de perceber a mediunidade, encaminhou Conceição para um Centro de Umbanda:

Porque o doutor Delfino, ele me encaminhou para lá por que ele percebeu que minha mediunidade, que eu incorporava muito né? Então quando eu mudava meu comportamento, eu mudava a voz... Ele sabia que eu não era de Kardec, então ele já me mandou para os Irmãos do Caminho, e lá quando eu chego para conversar com o mentor, eu lembro que eu fiquei assim, né? Com medo, que eu tinha tanto medo das coisas que já estavam acontecendo... aí o mentor falou assim: “Filha tá passando da hora de você pôr o branco né”? Eu fiquei assim...não entendia de nada...eu não entendia de nada como funcionava, tinha os estudos que o doutor Delfino passava pra mim, mas assim mesmo eu fiquei com medo e tal. Mas aí foi... eu pus o branco direitinho, e daí que os meus guias começou a vir, sabe? (DEPOIMENTO DE CONCEIÇÃO, 2017,p.6).

Essa contribuição do profissional é ainda um desafio para a classe médica, devido a uma série de fatores que grassam tradicionalmente as universidades de medicina no Brasil<sup>112</sup>.

### 3.1.3. A experiência de menina curadoras

E aí realmente ela curou, o médico assustou, perguntou como? Que tinha acontecido aquilo, aí nós falou que era remédio de raiz, remédio caseiro, contou da alimentação dela e eles ficaram... Deu os parabéns pra meu cumpadi, né? Que era meu cumpadi, por que eu era menina, né? Falavam que era meu cumpadi....E ela curou você sabe como..  
(Maria baiana).

Flormaria também conheceu a espiritualidade pequena, mas no caso dela, a manifestação foi diferente. Ela tinha sete anos quando a mãe entrou em coma por causa de um parto com pré-eclâmpsia. Ela narra:

Com 7 anos, né? Eu recebi a primeira entidade que fez uma cura através do meu aparelho na minha mãe. É minha mãe tava em coma de um parto. Hoje, hoje não, há 40, 50 anos nos descobrimos que se chama “eclâmpsi”. Naquele tempo não tinha nem medico direito, só tinha um ou dois médicos, na Santa Casa de Misericórdia, onde é a Americana hoje. Meu pai foi lá, falou com o médico, ele pegou a pastinha dele, foi lá olhou minha mãe falou: “Essa aqui... essa aqui não escapa não, ela tá em coma!”. Ai minha bisavó e minha vó que eram índias, pegou e sabia de certas coisas espirituais, feitiçaria, bruxei, naquele tempo. Aí fez uma prece lá, e pôs a mão na minha cabeça, e eles disseram que eu incorporei, saí tremendo, chegou lá pôs... pediu uma água, falando língua estrangeira, e pôs a água no algodão, e foi passando na minha mãe, nos pés, no plex da minha mãe que a gente fala umbigo, umbigo que que tá fazendo ali, aí foi voltando,

<sup>112</sup> No Brasil existem 180 escolas de medicina, sendo que 41,6% são públicas e 58,3% são privadas. A maioria delas está localizada na região sudeste do país ( 83,3% ) e somente 14% delas tem cursos de Espiritualidade e Saúde, com treinamento prático para seus alunos. Uma situação bem diferente dos Estados Unidos, por exemplo, onde existem 140 escolas de medicina e 100 delas possuem essa formação na sua grade curricular. Alguns fatores são apontados para isso como o fato de existir uma racionalidade médica própria que se relaciona com o lugar que ocupam os fenômenos subjetivos relacionados ao processo de adoecimento no paradigma. Também há um papel condicionante dos embasamentos teóricos em relação a categorização de doenças e a forma como o profissional deve interpretar o sofrimento do paciente. Em outras palavras: existe uma dicotomia entre o diagnóstico da doença e a intervenção terapêutica onde os sintomas subjetivos não são considerados e por consequência não se sabe lidar com eles. Além disso, os médicos são conduzidos por padrões científicos, focados em habilidades técnicas e nos aspectos objetivos da doença, evitando o envolvimento emocional com seus pacientes. (ALCOCER, 2018, pp.40-46; BOLETIM DA UFMG. 2015); Disponível em: <https://site.medicina.ufmg.br/inicial/espiritualidade-no-ensino-e-na-pratica-da-medicina/>. Acesso em 24 set. 2019).

voltando, com menos de 4 a 5 horas minha mãe tava sentada na cama. Então eu acredito que isso...eu fui usada.(DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018, p.3).

Novamente a explicação de Flormaria para o fato ocorrido é religioso, e mais do que isso, ela traz na sua memória a tradição indígena das mulheres de sua família, de sua ancestralidade que guardavam os segredos das mulheres mais antigas da nação e transmitiram para ela. A religião pode guardar a memória de gerações de famílias inteiras.

Na narrativa de Flormaria, é descrito um trabalho religioso todo feminino. Há a figura da bisavó, da avó, dela e da mãe. A mãe foi curada num ritual que utilizou apenas água, que 'limpando' o corpo de sua mãe retirou a doença. Havia poucos médicos em Goiânia naquela época e um deles foi chamado para a cura da mãe, mas não conseguiu fazê-lo.

O mesmo relato de cura encontra-se na história de Maria Baiana. Ela tinha cerca de doze anos e estava morando em Itumbiara com a família, quando a mãe começou a ter pneumonia recorrente (ela cita 24 pneumonia em um ano) e por causa da baixa imunidade ficou tuberculosa com um dos pulmões totalmente comprometido. Novamente seu padrinho que era médico, deu um ano de vida para a mãe e resolveu como ainda era de praxe, isolá-la em uma cidade mineira com temperaturas mais frias. O medo da filha de perder a mãe foi muito grande, pois já não tinham pai e eram três irmãos menores de idade. Ela se lembra de ter recorrido a Deus que lhe 'falou' em sonhos:

Eu dobrei o joelho no chão, pedi clemência pra Deus. Perguntei para o Divino Espírito Santo, se essa religião era do bem, se essa religião é de Deus, e se é que eu tinha alguma coisa para fazer, que eu desse conta de curar minha mãe, ele me mostrasse aonde que tinha essa cura como fazer. Claudete, eu dormir e sonhei com uma pomba em cima da minha cama, a pomba empezinha, tremendo e sabe quê na minha cabeça? Aquela incutição de vir embora para Goiânia, eu só pensava em vim embora para Goiânia. Cheguei no meu padrinho e falei: "Padrinho, eu já sei que pra onde nos vai" aí ele falou: "prá onde minha filha?" "prá Goiânia" (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017,p.8).

Estando em Goiânia foram abrigados por uma família conhecida com a qual tinha laços de compadrio<sup>113</sup>. Foi neste contexto que recebeu sua primeira entidade quando essa família organizou uma romaria para Trindade e ela se juntou ao grupo:

Quando a gente chegou no trevo de Trindade, eu recebi meu primeiro guia na vida. No meio da rua, lá no trevo. E o que é mais interessante: eu nunca tinha entrado em terreiro de Umbanda né? Nunca tinha visto nada. Aí eu vi eu, conversando daqueles trem, jeito estranho, sentei no meio fio, pedi um cachimbo, eu vi eu falando toda essas coisas [...] Era uma Preta velha, vovó Ana, não esqueço dela nunquinha, não trabalho com ela mas eu nunca mas esqueci (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.9).

A mãe foi encaminhada para o hospital de doenças tropicais, mas enquanto esperava uma vaga no hospital de doenças tropicais, ela ficou sendo medicada em casa, e foi aí que a 'vovó Ana' retornou:

Eu tava, de doze pra treze anos, aí quando foi no outro dia ela prometeu pro meu cumpadi, que ia provar para mim que ia curar minha mãe. Quando foi no outro dia lá na casa de meu cumpadi, ela desce novamente eu passei o dia inteirinho sentada dentro de casa com medo dela descer, sendo que ela desceu lá no meio da rua e eu com medo de ela entra em qualquer lugar ela desce, né? Aí quando foi no outro dia, no final da tarde ela desceu e conversou com meu cumpadi. Vou te dizer: ela passou um remédio para minha mãe, que aí é outro problema na minha cabeça: " gente como é que eu arrumei esse trem, aonde que eu tenho onde que isso vai curar minha mãe, isso não vai curar minha mãe". [...] Ela passou para minha mãe, sabe o quê? Chifre de angola. E vai nós imaginar onde é que vai arrumar chifre de angola. Não sabia que angola tinha chifre. [...] Rapaz, e para achar esse bendito chifre? "gente aonde que vamo achar? " e meu cumpadi vai daqui, vai dali, acha o chifre. E fizeram o chá do chifre da angola ( DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.10).

O tratamento durou até a mãe se restabelecer por completo. Além do chá feito com raspa do chifre de galinha de Angola, ela comia doces com canela para se restabelecer da doença até que finalmente ficasse totalmente curada. A mãe morreu com 84 anos e de doença cardíaca. Nunca mais teve nada nos pulmões:

Aí nós tava fazendo o tratamento dela paralelo, depois de dois meses, que ela tava fazendo o tratamento com a Preta velha indo e tal, chegando lá, os médicos não acreditou na recuperação dela. Tomando chá todo dia, tomava o chá... é torrava aquele chifre, rapava ele e fazia o chazinho. Aí fazia aquilo lá todo dia, todo dia fazia. Depois ela chegava e ela ensinou a comer beterraba com açúcar -a Preta velha- é tudo isso que ela ensinava a fazer doce de beterraba... eu aprendi a fazer doce de beterraba que ela ensinou, doce de beterraba, banana da terra...aí ela ia passando um monte de trem para fortalecer, canela, tudo que ela ensinava nos fazia, né? E aí realmente ela curou, o médico assustou perguntou como? Que tinha acontecido

<sup>113</sup> Os laços de compadrio foram muito comuns na história do Brasil, principalmente entre escravizados e sertanejos. O compadrio denota uma relação social, onde o compadre firma, pelo batismo, laços de parentesco que se formam a partir de relações estritamente sociais. Desta forma, os laços familiares se ampliavam para além do sangue e reforçava uma rede de solidariedade.

aquilo, aí nós falou que era remédio de raiz, remédio caseiro, contou da alimentação dela e eles ficaram... Deu os parabéns pra meu cumpadi, né? Que era meu cumpadi, por que eu era menina, né? Falavam que era meu cumpadi...E ela curou você sabe como...(DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017,p 11).

Curar com água, com chifre de Angola, com alimentos eram elementos da medicina caseira, muito usada nas famílias sertanejas e escravas no Brasil, que atualmente está sendo valorizada pelo ministério da saúde, sob o nome de práticas integrativas e complementares<sup>114</sup>. São conhecidos os embates entre a medicina popular, agora chamada de naturopatia<sup>115</sup> e a medicina tradicional no país. Em Goiânia, esses confrontos foram muito grandes. Na medida em que jovens foram se formando em Medicina e vindo trabalhar no estado, eles foram se organizando. Em 28 de novembro de 1950 foi fundada a Associação Médica de Goiás -AMG, que teve como um dos fundadores Clovis de Figueiredo, marido de dona Antonieta Alessandri. Ela se pensava como “um escudo de defesa dos médicos como categoria profissional” (Godinho, 2005, p. 107). Também em 1955 foi criada a Revista Goiana de Medicina. A AMG tinha como uma de suas diretrizes combater o curandeirismo “ que tirava o mercado médico e causava muitas mortes e invalidez” (GODINHO, 2005, p.110). Lúri Godinho relata uma dessas lutas contra o curandeirismo quando a AMG procurou o governador Pedro Ludovico, ainda na década de 50, que também era médico, para que ele pudesse resolver o grave problema de competição que os médicos estavam tendo com os curandeiros. Pedro Ludovico, por sua vez, chamou o secretário da saúde, Peixoto da Silveira, que para resolver o problema marcou uma reunião com “a maior autoridade curandeirística de Goiânia<sup>116</sup>, um senhor negro e forte que atendia no atual Setor Coimbra e

---

<sup>114</sup> Em 1986, realizou-se no Brasil a VIII Conferência Nacional de Saúde que discutiu a implantação das medicinas tradicionais e práticas complementares em saúde. Neste mesmo ano, um grupo de médicos iniciaram o Hospital de Fitoterapia Ayurvedica em Goiânia, que mais tarde passou a se chamar Hospital de Medicina Alternativa, totalmente público dentro do sistema SUS. Este hospital tem um plantio próprio de ervas medicinais, com as quais se produzem medicamentos fitoterápicos no mesmo local, e é distribuído para a população interessada. Atualmente há mais de 19 segmentos de práticas integrativas e o hospital se tornou um Centro Estadual de Referência (CREMIC). Essa experiência provocada por médicos que foram estudar na Índia e trouxeram a perspectiva para a capital, não significou uma valorização do saber local e das práticas tradicionais dos povos originários desta região. Elas não foram nem estudadas, nem valorizadas e tampouco agregadas ao saber médico. (Disponível em <http://fernandoloiacono.blogspot.com/2012/01/hma-hospital-de-medicina-alternativa.html>. Acesso em 13 out.2019)

<sup>115</sup> É uma forma de medicina alternativa que recorre a uma série de práticas pseudocientíficas que tem por base a medicina popular funcional e não a medicina baseada em pesquisas científicas.

<sup>116</sup> O livro não menciona o nome desse curandeiro e nem explora suas atividades.



eficiente cabo eleitoral, um dos mais prestigiados por Pedro Ludovico” (Godinho, 2005, p. 111). O homem foi à reunião, muito bem vestido, usando terno e jaleco. Escutou os argumentos dos médicos em silêncio: “Nós, médicos, estudamos mais de seis anos e ainda erramos, imagine quem não tem estudo” (Godinho, 2005, p. 111). No final da reunião, ao se despedir, o curandeiro “enfiou a mão no bolso e lá sacou um vidrinho: Doutor, leve aqui esse remedinho que é um santo alívio para os rins. Que foi a forma de dizer que nunca iria abandonar o curandeirismo” (Godinho, 2005, p. 111).

Essa passagem ilustra os embates que tiveram médicos profissionais e médicos curandeiros legitimados pelas comunidades em busca de alívio para suas dores e restituição da saúde. Mas revela também a cumplicidade das autoridades estatais em relação a esses curandeiros, pois eram líderes nos bairros, compensava com suas práticas a ausência de políticas públicas em saúde e eram captadores de votos na época das eleições.

Em seu depoimento Maria Baiana se ressentiu de como os médicos elogiaram seu compadre pelo restabelecimento da saúde da mãe: “Deu os parabéns pra meu cumpadi, né? Que era meu cumpadi, por que eu era menina, né? Falavam que era meu cumpadi...E ela curou você sabe como...(DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p 11).

A menina que portava a Preta velha, que ensinava a fazer os remédios para a cura de outra mulher, é totalmente omitida pelo dono da casa. Ele podia ter contado o que realmente acontecera, mas há um silêncio sobre a ação da menina e de sua entidade por sua família. É o compadre homem que vai ganhar os méritos. Maria baiana justifica: “ por que eu era menina, né? Falavam que era meu cumpadi...”. De fato, mulher, preta e menina não tinham mérito algum ou competência para fazer curas, ainda mais se dissesse que estava a mando de uma entidade transcendental que lhe trazia os tratamentos que deveriam ser utilizados na paciente.

Os descendentes de escravizados e de indígenas guardaram seus conhecimentos de medicina popular e tradicional na religião. Quando um Preto-Velho ou um Caboclo ‘desce à terra’ para uma cura, esses conhecimentos são acionados e são qualificados como conhecimentos ancestrais. Daí a importância desse conhecimento e ação acontecer no ambiente sagrado, pois se um simples velho preto trouxesse esse conhecimento para a comunidade, imediatamente a

ideologia da medicina moderna logo trataria de desqualificar esse conhecimento, mas como é o Preto-Velho ou o Caboclo que o traz no contexto religioso, a aceitação é imediata, afinal os deuses não falham. Essa estratégia de cura popular ainda continua sendo uma grande opção no nosso país, mesmo em cidades urbanas onde há grande rede de médicos e indústria farmacêutica.

O fato de termos uma tradição de medicina muito elitizada, com médicos advindos de uma determinada classe social, afasta os diagnósticos médicos da compreensão das crenças em geral da maioria da população, que prefere uma segunda opinião para o tratamento de seus corpos e que muitas vezes recorrem a esse tipo de conhecimento. Isso explica, em partes, os motivos de tantos passarem pelos Centros de Umbanda, mesmo sendo de outras denominações religiosas e estarem tendo acompanhamento médico profissional. Além disso:

O tratamento médico despersonaliza o doente, ao passo que o tratamento religioso “visa agir sobre o indivíduo como um todo, reinserindo-lhe como sujeito, em um novo contexto de relacionamentos”. O tratamento mais humanizante fornecido pela religião, consiste numa reorientação mais plena do comportamento do doente, à medida que “transforma a perspectiva pela qual este percebe seu mundo e relaciona-se com outros” (RIBEIRO; DWORAK; SILVA. In: ECCO, 2016,p. 64).

A esse respeito, Dona Roxa reflete quando lembra do que sua avó falava:

Então a gente tem que levar, né? Essa [religião], ela ainda falava assim: “É cheia dos espinhos. É aonde ia curar as doença que ia aparecer. Que médico, homem branco, ela falava assim: “homem branco não ia curar, não sabia o quê que era, só na espiritualidade que ia curar” Eu tô vendo hoje... tá aí, já tá aí, né? DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018,p. 25).

Outro fato importante a ser analisado é como é descaracterizado o conhecimento advindo de classes marginalizadas como os povos indígenas e povos descendentes de africanos, e essa atitude mantém uma hierarquia de classes no Brasil. A perseguição às religiões afro-brasileiras é tentativa de deslegitimar a organização e o conhecimento de afrodescendentes. Num contexto de economia capitalista com ênfase no individualismo e meritocracia, quanto mais esses conhecimentos forem negados ou destruídos, melhor para a continuidade de uma ideologia que sustenta desigualdade de classes e raças. Os povos negros e indígenas tem que ser destruídos a todo custo e a ‘guerra santa’ a eles é implacável: destruição de suas memórias ancoradas em terreiros e Centros; desqualificação de suas crenças religiosas e por consequência de seus tratamentos a base de ervas,

banhos, chás e alimentos; negação de sua capacidade de organização política e social; negação de rede de solidariedade e de economia empreendidas por esses grupos; negação de sua relação com a natureza, destruindo a mesma em nome do progresso e atualmente do agronegócio.

Os umbandistas sabem disso. Sentem isso na pele, dia após dia, sabem da intolerância racial e religiosa; conhecem as ideologias que são construídas para fazê-los acreditar que esses conhecimentos ou suas práticas religiosas são obsoletas, arcaicas, selvagens, ultrapassadas. Manter um Centro de Umbanda neste contexto é um sinal de resistência cultural popular organizada e toda organização social dos povos de terreiro passam por esse crivo, inda que esta não seja a motivação primordial.

Essa ideia de 'espírito primitivo' que está deslocado da modernidade também foi enfrentada por Flormaria na década de 60. Após sua experiência de curar a mãe, passou a ter adormecimentos no corpo com consequentes desfalecimentos. O pai, que acolheu a condição da filha, preocupado com ela procurou dona Antonieta Alessandri, já naquela época no Centro Espirita Irradiação Cristã, no Setor Universitário. Ela de imediato diagnosticou a mediunidade da adolescente:

Ai foi acontecendo outros, com 13 anos eu senti é... o corpo dormente, eu senti perda, eu sentindo. Ai meu pai... tinha a Irradiação pertinho do... da finada Maria Antonieta, meu pai me pegou desmaiada e me levo lá né?: "Ó, eu acho que não é doença, prá levar prá medico, prá hospital dona Maria Antonieta, eu acredito que é espirito". Ela mandou me sentar lá, pegou nas minhas mãos, falou que era. Aí fez o passe e eu fui melhorando, melhorando, e falou: " seu Epaminondas o senhor tem que trazer ela pra assistir as aulas, prá ela... tá muito nova mas num e prá... num pode deixar ela exercer a mediunidade dela agora, mas com o tempo não vai ter quem controla. Sabe, isso aí já veio de berço". E papai contou o caso com 7 anos, ela acreditou, e falou: "isso existe e foi verdade, e ela vai, só que ela, com o tempo, ela não pode ficar aqui, que as linhas dela é outra linha". As linhas que minha vó jogou né? As linha que pediu a Deus. Sabia que eu ia ser uma umbandista, uma pessoa para trabalhar de... com ações e reações, com atos, né? (DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018, p.4).

Dona Antonieta afirma para o pai que as 'entidades' da moça não estavam num Centro Kardecista, que ela tinha 'outras linhas', isto é, outras formas de conhecimento que redundariam em outras práticas religiosas. Flormaria interpreta essa fala de dona Antonieta como o prenuncio de que seria umbandista.

Suas entidades continuaram a se manifestar e ela começou a manipular. Menina branca, de pais conhecidos da comunidade, alguma coisa tinha que ser feita

para que não associasse sua mediunidade à mesma manifestação de Candomblé ou macumba, cujo imaginário estava associado às práticas de homens e mulheres negros, tido como ignorantes. Goiânia tinha a resposta para isso, afinal seus Centros espíritas de Umbanda, queriam justamente se distanciar dessa história e dessa cultura. Foi assim que ela foi encaminhada para a ‘Umbanda de luz’ no Centro Espirita Irmã Iara:

E eu fazia passe, mas aí tava... mas quando eu fechava os olhos, firmava, dizia caboco, Preto-Velho, e eles não aceitavam, naquele tempo não aceitavam, achava que era espírito primitivo. Não, não, ela achava... e ela mesmo que me encaminhou. Ela falou: “ olha, cê... você lembra do seu Cartesino, do seu Romeu Belá? Ele era cego, ele pôs a mão na minha cabeça, e falou: “filha, eu vou te aconselhar a você ir para um Centro de Umbanda, mas eu vou te ensinar aonde você vai frequentar, que essa senhora dirige Umbanda branca, uma Umbanda de luz, uma Umbanda de caridade. Você não pode estragar sua mediunidade, indo prá Candomblé, pra macumba, essas coisas, cê num... cê num... sua áurea não é disso” e pegou e deu endereço, e mandou eu ir lá: Irradiação Espirita Irmã Iara (DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018, p. 6).

Como já foi refletido, a cidade de Goiânia permitiu a existência de Centros Espíritas que estivessem ao alcance dos necessitados sem ofender a classe média branca nascente da nova capital. Mulheres, negros e migrantes de todos os lugares tinham que se adequar a essas condições. Como acontece na cultura brasileira havia o era público e privado, o que podia aparecer, e o que tinha que ser escondido. A sociedade de aparências ainda estava latente e a Umbanda permitia estar no espaço público com outra roupagem, desvestida de qualquer coisa que fosse tradição africana ou indígena, com perfume de modernidade, com Pretos-velhos e Caboclos sendo interpretados agora como espíritos de luz, com práticas de curas acessíveis a população comum e desassistidas pelas autoridades. A linguagem religiosa dava conta dessa nova estratégia que oculta para manter, e as manifestações de clarividência empoderavam aos poucos as mulheres empobrecidas, fossem elas brancas, caboclas ou negras.

#### 3.1.4. A clarividência como linguagem religiosa

Você volta, que o povo ainda precisa de você, mas você obedecerás meus segmentos, e quando chegarás o tempo, você lembrará de tudo (Jesus da Conceição).

A chamada mediunidade que os Espíritas e umbandistas identificam tem diversos componentes que permitem manifestações físicas. Um desses componentes seria a clarividência.

A palavra clarividência significa 'ver claramente, com clareza'. Na doutrina Espírita significa: "faculdade de ver sem o concurso da visão; percepção sem o concurso dos sentidos" (SAMPAIO, 1999, p.3). Na Umbanda, entende-se como "a visão mediúnica que permite ver o mundo astral" (CUMINO, 2018, p.37). Na psicologia é definida como uma "modalidade de percepção extrassensorial cuja fonte de informação reside em eventos-acontecimentos no meio físico- que podem ocorrer distante do receptor no tempo e/ou no espaço" (CARDEÑA, 2013, p. XVII). O termo 'Clarividência' também é aplicado, em certas escolas de espiritualismo e ocultismo, à chamada 'visão espiritual', que permite enxergar planos espirituais ou pelo menos algo pertencente a tais planos.

Nas experiências das mulheres umbandistas, a clarividência é conhecida. Ela é identificada nas experiências anômalas acontecidas em casa ou nas ruas, em fatos ou acontecimentos que à primeira vista não tem explicações e que são extraordinárias diante do cotidiano ordinário.

Dona Lurdes morava em Taguatinga quando as experiências anômalas se tornaram cada vez mais forte. Numa dessas experiências, ela teve o que se pode chamar de experiência fora do corpo seguida de uma experiência de quase morte<sup>117</sup>. No espiritismo e na umbanda pode ser chamada de desdobramento ou viagem astral. Ela ficou desacordada de tal forma que as pessoas pensaram que ela tinha morrido: "ela não morreu, mas pro povo morreu " (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018, p.9). Por causa de seu estado entendido como morte, ela foi colocada num caixão para ser velada:

Assim, que quando colocou ela no caixão, né? Então já era mais ou menos umas sete horas da noite, quando ela voltou. E aí o povo... povo saiu tudo correndo, aí um ficava de lá de longe. A mãe dela falava assim: "Uai, será que tá viva?" (risos) Aí que ela foi voltando devagarinho, devagarinho (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018, p.9).

---

<sup>117</sup> Nas pesquisas feitas com pessoas que tiveram experiências fora do corpo, constatou-se que a maioria delas incluem experiências de quase morte (Alvarado, 2013, p.143).

A experiência de Lurdes a levou para fora de seu corpo. Ao retornar contou para o marido que em sua experiência, ela passou por três lugares diferentes. Inicialmente um anjo a levou para o céu, onde conheceu a corte de Deus, Cristo e os anjos. Após isso foi levada por um anjo mensageiro, que segundo ela era o único que pode entrar no que ela identificou como inferno. Ficou pouco tempo lá e depois disso foi para o mar, onde se encontrou com o rei Olorum<sup>118</sup> e seus príncipes encantados que seu Jesus associou aos negros d'água. Era uma crença que havia em Posse, onde morava, e que remetia à ideia de que havia negros protetores dos rios e das águas, para os quais a população levava oferendas e as depositava nos rios. Eram os negros d'água: "Então eles iam lá na fazenda, eles bebia, eles... Meu tio botava muita pinga prá eles, fumo. Então, eles não mexia na fazenda, protegia" (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018, p.11).

Ao final de sua jornada, ela ouviu uma voz:

Você volta, que o povo ainda precisa de você, mas você obedecerás meus segmentos, e quando chegarás o tempo, você lembrarás de tudo." Aí todo mundo lá velando ela, né? Quando deu fé ela chegou, entrou no corpo dela, levantou, todo mundo correu (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018, p.9).

Essa experiência de Lurdes fez o marido acreditar que ela era uma espécie de ser escolhido e iluminado: "ela tinha uma conhecimento que nenhum Padre, nenhum Pastor não tinha. As palavra dela era...Então a sabedoria dela era muito divina" (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018, p.9).

Desdobramento não era a única experiência religiosa que Lurdes teve, ela também tinha retrocognição e precognição, e esse foi um dos motivos pelo qual ela foi muito procurada para atendimento:

Ela estava conversando com você aqui, ela sabia a sua vida todinha, desde quando você nasceu, sem você falar. Só que ela não dizia nada. Aqui, ela tava aqui brincando com você e conversando, ela sabia tudo o que acontecia, e o que não tinha acontecido. Então ela tinha uma vidência e uma sabedoria muito grande. Ela tinha um conhecimento (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018, p.9).

Dona Dulce também era clarividente. Suas primeiras manifestações ficaram conhecidas através de deduções de fatos acontecidos ainda quando estava no Mato Grosso, como esta narrativa sobre ela:

---

<sup>118</sup> Em algumas tradições umbandistas, Olorum é tido como o Deus único e supremo. É o Pai, criador do céu e da terra, enquanto que Oxalá seria o Filho. A mitologia vem da tradição Ketu que venera Olorum como o único Deus criador.

Meu pai tocava garimpo [...] ela tocava pensão.[...]Ela disse que ia lavar um arroz... Um dia meu pai ficou muito no garimpo, não pegou nada...[...] Ela foi pôr um arroz na travessa, e o pessoal na mesa prá almoçar, e ela tinha uma empregada, chamava Anita, aí ela foi e pegou a travessa, e foi enchendo de arroz prá mandar prá mesa. No que ela pôs a concha dentro da travessa, brilhou, brilhou dentro da concha. Aí ela pegou a travessa de arroz e pediu prá Anita guardar. Ela falou: “Não, Anita, guarda, guarda essa travessa de arroz e me dá outra, porque eu vi um trem brilhar aí dentro.” Ela: “então dona Dulce, a senhora viu?” Ela: “vi, deixa lá que depois eu vou ver.” Aí em outra travessa ela pôs o arroz, serviu todo mundo. Depois que todo mundo almoçou, os hóspedes, né? foram embora, ela pegou aquela travessa de arroz e passou na peneira. Foi olhar, não tinha nada. Aí quando foi de tarde chegou meu pai com diamante de oito grão... oito... oito quilates (Depoimento de Preta e Humberto, 2018, p.3).

O brilho que saía da travessa de arroz tinha algum significado, o que atiçou a curiosidade de dona Dulce e de todos, e quando o marido chegou com a pepita de diamante, imediatamente se associou o material garimpado com o brilho da travessa. Era como se dona Dulce tivesse previsto ou tido uma revelação de que a pepita de diamante seria encontrada. Como não foi a única vez que isso aconteceu, a comunidade começou a admitir que dona Dulce tivesse poderes clarividentes, o que fazia dela uma mulher extraordinária<sup>119</sup>: “E ela...e ela conta que sempre ela via as coisas, né? É, ela era vidente, ela... ela via. Ela via as coisas. [...] Desde moça” (Depoimento de Preta e Humberto, 2018, p.2).

Mas sua capacidade de clarividência ia mais além, pois podia sentir dores em seu corpo relativas às outras pessoas. Um dia o filho Humberto furou o pé no garimpo, na mesma hora o pé dela doeu também:

Quando eu furei o pé numa raiz de pau na estrada do garimpo, ela viu... ela caiu. Ela tava na pensão, quando saiu nela, ela caiu. Aí a empregada: “Que foi dona...?” “Algum menino meu machucou.” Aí meu pai me trouxe nos braço com espeto dentro do pé assim ó... Porque ela tinha... ela tinha...Ela era demais, né? Ela tinha essa coisa do saber (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, p. 4).

Era uma sensibilidade de estar à distância e sentir dores, revelando a ela que o filho estava doente, como aconteceu em outra ocasião:

Eu tava em Itaituba lá, sou vendedor. Fui descer no rio prá tomar banho e torci o pé. Torci o pé que eu fiquei uns seis dias sem poder trabalhar, ela com o pé também doendo, doendo, que era eu que tinha machucado: “você machucou o pé?” “Machuquei mãe.” Então tudo isso ela via, ela tinha

<sup>119</sup> Durkheim traz as categorias de extraordinário e ordinário para entender os limites entre sagrado e profano. O fato de dona Dulce prever o futuro com objetos materiais chamou a atenção da comunidade para ela: “como estão fora do curso ordinário das coisas, esses acontecimentos são atribuídos a causas extraordinárias, excepcionais, ou seja, em suma, extrariaturais” (1996, p.9).

essas... Essas vidência, né? (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, p.4).

Não se sabe se é uma herança genética, o fato é que a avó também tinha: "E minha vó também via tudo também, né? É. A mãe da minha mãe era vidente também"(DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, p. 6)

Ver e anunciar eventos que ainda não aconteceram é outra manifestação das chamadas videntes que tem premonição<sup>120</sup>:

E outra coisa, se eu falasse assim, eu tava conversando com você, de repente vinha aquele negócio na minha boca e eu falava as coisas pra você, sem sentir, sabe? Eu falava e as coisas aconteciam. Aí ele falava que aquilo ali, o povo já: "ai, isso é coisa do demônio, isso é não sei o quê", aí virava só aquela complicação, sabe? Porque eu falava e os trem acontecia (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017, p. 4).

Às vezes predizer o futuro pode acontecer de diversas formas, pois pode haver um sonho, visões, ou mesmo escuta de vozes. De qualquer forma, a pessoa capta a sensação de dor de outra pessoa próxima ou ligada a ela. Conceição previu a morte de um amigo do pai:

Eu ouvia as vozes, né? Eu pronunciava coisas que não eram minhas, era visão, eu era vidente mas eu não sabia o que era isso. Era clarividente, eu sabia, por exemplo, as vezes eu acordava assim: "Fulano morreu" quer dizer eu tinha essas premonições, vinha em sonhos. Eu lembro muito bem uma vez que eu cheguei (eu era muito nova) e falei assim: "Pai, o Zé Mario morreu hoje" desse jeito. Nossa! Eu lembro que meu pai levou tanto susto, que ficou tão descontrolado. "Menina, você é doida?" "Não sei o quê...". Ai com isso eu nunca mais comecei a falar sabe? Mas ai eu via, assim eu, sentia que a pessoa ia morrer (DEPOIMENTO DE CONCEIÇÃO, 2017, p. 2).

A reação do pai de Conceição foi negar o que a filha tinha visto em sua mente e que tinha conhecimento. Além de negar, ela foi repreendida por estar inventando, mentindo ou desejando mal para o amigo do pai. A contrarreação de Conceição foi mesma que muitas mulheres tiveram para não serem desacreditadas ou para não serem taxadas a todo o momento de loucas. O falar era para elas uma oportunidade de serem escutadas e compreendidas, de compartilhar dramas que vivenciavam,

<sup>120</sup> Na psicologia essas experiências são classificadas como Experiências Ligadas a Psi (PREs, do inglês *psi-related experiences*) ou Psi espontâneo. As experiências ligadas a Psi incluem relatos de experiências de telepatia, onde há comunicação direta de mente a mente; clarividência que são os conhecimentos anômalos de eventos distantes; precognição que é o conhecimento do futuro; retrocognição, que é conhecimentos de fatos ou pessoas do passado e psicocinesia que é a ação da mente sobre a matéria (Irwin, 2013, p. 168. In: Cardeña, 2013.).



mas diante da reação negativa das pessoas, todas optaram pelo silêncio das clarividências:

E tinha uma coisa também que ela... que ela faz assim, de premonição. Com o esquema de não gostar de falar nisso, mas a gente pelo convívio, a gente sabia, né? Então, ela muitas vezes, ela... Previa as coisas, e... batia (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, p. 17).

Dona Erotildes também tinha uma sensibilidade muito grande com as pessoas. Ela sentia, sonhava, via situações do futuro que ainda não tinham acontecido. Isso a entristecia, e talvez por não saber como lidar com isso, ela preferia o silêncio. Dificilmente contava aos outros a revelação que tinha:

Então às vezes eu chegava aqui, por exemplo, ela entrava no carro, aí ela falava assim “é, meu filho, eu sonhei com um rio, uma água suja... Essa água muito suja... Tá tudo bem lá na sua casa?”. Eu falava “tá, tia, tá tudo bem”, “é, mas não tava bem não”... Isso da família, parentesco, alguém prá... sabe? Então ela tinha isso. E tinha assim, às vezes a gente saía daqui, ela saía, entrava no carro e eu dava benção pra ela e ela respondia aí já se calava. E ia, aquele trajeto daqui pra lá todinho caladinha. Quando ia chegando lá, aí eu consultava ela. “Tia, quê que foi?”, “não, meu filho, tô rezando aqui porque hoje formou pessoa lá, assim e tal, e essa pessoa não... Não falei nada pra ele, mas eu vi um acidente, sabe?” E aí dois, três dias, sabia que a pessoa tinha sofrido um acidente. Aí eu pegava e falava pra ela “não tia, a senhora coisou?”, ficava “não, meu fi, eu não sei de nada... Eu não sei de nada[...] Que tava acontecendo com a pessoa, ela não gostava, não falava, mas às vezes, de vez em quando ela deixava, quando era uma pessoa mais querida, ou era uma pessoa que ela pegava afeição, ela sabia direitinho dessas coisas aí, isso aí, eu presenciei foi várias e várias vezes (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, p. 18).

Dona Erotildes via em sua mente o que tinha acontecido antecipadamente aos outros, ou seja, e o que ela via, realmente acontecia. Cristiano, seu sobrinho convivendo com ela, aprendeu a interpretar seu silêncio que, talvez, lhe trouxesse angústias:

A Dra. Maria Alice, o Dr. Flávio, o pessoal que convivia com ela também muito, sabia de muitas coisas que ela via e acontecia, mas as pessoas não gostavam de falar. Porque tem muita gente que interpreta isso, assim, de uma maneira errada. A pessoa pensar “ah, não, a pessoa quer o mal de fulano”, né? Ou a pessoa tá desejando mal, e não é, simplesmente alguém chegava e falava pra ela, no ouvido dela, agora ela não gostava de falar pra gente. Ela só... A gente reconhecia o dia que ela tava triste, jururu, que não havia motivos (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, p. 18).

Além da vidência, Ana Luzia experimentou o fenômeno de levitação:

E eu comecei a levitar. A mamãe chegava, ela ia entrando, né? Só você sabe, essa época da gente onze, doze anos a gente tomava conta da casa, lavava, passava, cozinhava, fazia tudo. Então mamãe chegava e a panela

tava no fogo queimando, e ela não me achava e aí ela saía louca por aí: “gente, cadê a Ana?” Achando que eu estava no vizinho brincando, conversando tal porque é criança né? Naquela época a gente era criança, não é? Então ela me via na parede, me via no teto, aí ela começou a ficar apavorada e era tudo inconsciente, eu nunca vi acontecer, eu não sentia o momento também não. Acontecia...(DEPOIMENTO DE ANA LUZIA, 2018, p.5).

Ana Luzia relata levitação espontânea<sup>121</sup> que experimentou na puberdade e da qual ela não tem memória. Tudo foi contado para ela posteriormente, o que pode significar que essa experiência acontecia quando estava em estado de transe. O fenômeno impressionou a mãe que não sabia o que fazer. Ela tentou de tudo:

Aí ela começou, ela chamou padre, chamou benzedor, chamou...não adiantava fazer o culto dentro de casa e não adiantava, os padres fazia missa dentro de casa não adiantava e eu lá presa no telhado, aí algum vizinho falou para ela: “tem um Centro ali na Rua 80, ali atrás do grupo Zé Honorato- a gente morava ali perto- chama o presidente de lá”. Mamãe hesitou, hesitou, mas chamou que ele foi, que ele olhou: mediunidade. Essa menina tá incorporada. Mamãe: “credo”. Aí isso tudo coisa do demônio né? (DEPOIMENTO DE ANA LUZIA, 2018, p.6)

Ouvir que a filha estava incorporada era sinônimo de possessão demoníaca. Essa confusão se fez na história e continua a ser dissipada, ainda hoje, por novos movimentos religiosos que exploram essa ideia, presente no senso comum, como uma motivação para que haja mais adeptos nesses movimentos<sup>122</sup>.

Talvez por isso a mãe tenha hesitado em chamar um Espírita para ajudar a filha. São diversos os depoimentos que atestam que houve esforços de outros religiosos na explicação e resolução dessas experiências R/E. Entretanto, nos depoimentos coletados sobressai o sucesso dos umbandistas.

<sup>121</sup> A levitação também é um fenômeno extrassensorial ligado a psicocinesia. Nele o corpo humano consegue quebrar as leis da gravidade e ficar suspenso no ar. Alguns estudos têm trazido explicações científicas ligadas ao magnetismo do próprio corpo. A levitação é um dos fenômenos mais antigos encontrados nas narrativas de místicos que se tornaram santos ou de bruxas que foram condenadas à fogueira. Ele podia ser sinônimo da presença de deus com o santo que no estado místico (EAC) levitava ou sinônimo da presença de algum demônio que de posse do corpo fazia coisas extraordinárias.

<sup>122</sup> A esse respeito as leituras de CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, Templo e Mercado: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis, Editora Vozes, 1997; MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Edições Loyola, 1999; BIRMAN, Patrícia. *Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens*. In *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, ISER, v. 17, nº 1-2, 1996; BIRMAN, Patrícia. *Mediação Feminina e Identidades Pentecostais*. In *Cadernos Pagú*, Campinas, UNICAMP nº 6-7, 1996; PIMENTEL, Fernanda da Silva. *Quando o Psique se liberta do demônio: um estudo sobre a relação entre exorcismo e cura psíquica em mulheres na Igreja Universal do Reino de Deus*. (Dissertação) Mestrado em Ciências da Religião, PUC-SP. São Paulo, 2005.

A história registrou, também, essas experiências anômalas no Brasil através do Tribunal de Santo Ofício. Mulheres como Luzia Pinto, Ângela Vieira, Branca, Lucrecia, Graça e Catarina foram mulheres processadas pelos tribunais de justiça que as tinham como mulheres 'endemoniadas' e 'feiticeiras', pois revelavam esses fenômenos, perdendo a consciência, entrando em transe, fazendo adivinhações e curas (DAIBERT, 2015). Elas praticavam cerimônias junto à população local como os Calundus onde entravam em transe, incorporavam e faziam os trabalhos religiosos. Nesses rituais elas eram sacerdotisas, e tinham incorporações entendidas pelo Santo Ofício como possessões demoníacas e eles foram comuns na América Portuguesa.

Desta forma, mulheres no período colonial foram atormentadas em suas experiências R/E e encontraram no Calundu a possibilidade de controle da mesmas. A mesma dinâmicas se processou com essas mulheres em Goiânia do século XX e sua relação com os Centros de Umbanda, pois foram lá que compreenderam e se apoderaram das suas experiências R/E.

O fato de esta cosmovisão banto continuar existindo, ainda nos dias de hoje, a despeito do tempo, da diáspora, da industrialização, da ciência e do desenvolvimento tecnológico para o olhar do corpo, do cosmo e do controle de doenças ainda é objeto de novas investigações.

Isso não quer dizer que pessoas em outras Igrejas ou espiritualidades não vivenciem experiências anômalas. Não somente elas vivenciam, como encontram, muitas vezes, acolhida, compreensão e resolução desses conflitos em suas denominações religiosas.

### 3.2. CONSTRUINDO NOVAS EXPERIÊNCIAS PESSOAIS E FAMILIARES ATRAVÉS DA RELIGIÃO

Eu ficava pê da vida de viver dentro dos terreiros, incorporando para todo mundo e eu ter aquele sofrimento, criando os filhos, trabalhando (o marido tinha deixado) né? E eu achava que aquilo era um sofrimento hoje eu sei que não é. Hoje eu reconheço que aquilo lá para mim foi uma vida, que eu precisava de passar por ela, né? Hoje eu reconheço que foi através do sofrimento que eu cheguei aonde cheguei hoje,

porque tudo a gente não passa sem mudança de um problema,  
um por quê...não existe nada sem razão de ser  
(Maria Baiana)

Passando o período de estranhamento de suas diferenças corporais e de seu poder de ‘manifestar espíritos’, essas mulheres assumem suas contingências, seus ‘dons especiais’ ou ‘defeitos’ e passam a conviver consigo mesmas. Não foi fácil para nenhuma delas: “E eu peguei essa missão, porque já nasci com ela. Eu sofri muito, eu sofri...”(DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p.2). Todas utilizam a palavra ‘sofrimento’ para expressar o que foi sentir-se e viver diferente das outras pessoas num mundo social onde a hegemonia e a universalidade são valorizadas em detrimento de um país multicultural e sincrético.

O grande desafio que tinham que enfrentar era equilibrar o trabalho profissional que garantisse suas próprias sobrevivências com a vida familiar e com a vida religiosa. Cada uma foi criando estratégias que as permitissem sobreviver às intempéries advindas de suas opções religiosas, dentro de contextos possíveis a cada uma delas.

Dona Dulce nasceu em 1929 na cidade de Andaraí no estado da Bahia, mas na década de 30 veio com os pais para Mato Grosso, para uma cidade chamada Tesouro, para trabalhar no garimpo. Em 1944 ela se casou com um cearense que também trabalhava nesta lida. Desta união nasceram nove filhos, mas quatro vieram a falecer ao longo da vida, restando atualmente apenas cinco. Em 1961 ela veio com o marido e a família num pau de arara de Tesouro para Goiânia, devido à expulsão da terra pelos fazendeiros de lá:

O meu pai era político, ele era cabo eleitoral. Naquele tempo tinha dois partidos, era UDN e o PSD. Aí desse lado tinha um candidato, que nós morava na terra dele, meu pai mexia com garimpo. Aí o de lá tinha o Bibiu que trabalhava pro Ladislau entre Porto e Barra do Garças. E foi lá e conversou com meu pai, que se meu pai trabalhasse com o Bibiu, lá do lado de lá, eles ia dar uma máquina de costura prá minha mãe, sabe? Se ela trabalhasse numa máquina de costura... e punha ela prá trabalhar no colégio como professora. Aí meu pai não pôde deixar de aproveitar essa oportunidade. Aí foi trabalhar com o Bibiu, sabe? Bibiu era um dos grandes cabo eleitoral lá, e o candidato dele era o Malau, que morava em Barra do Garças. Aí o meu padrinho, meu padrinho mesmo ficou sabendo que meu pai ia trabalhar contra ele. (que meu pai sempre trabalhou com ele, que eles dois era compadre). Aí foi e pediu as terras. A gente chama até de Corcovado. Aí meu pai... nós veio prá Tesouro, e meu pai foi trabalhar como lavrador de bagreiro como se fala, sabe? Que é cascáio rodado. É muito trem, se a gente for explicar você num entende... Aí foi que uma tia nossa, que minha tia foi passear lá, mais o marido dela, que é o Sargento Estevão

[...] aí foram, resolveu trazer minha mãe (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, p. 5).

Chegando aqui se estabeleceram na região de Campinas, na rua Pouso Alto, morando por doze anos 'de favor' num barracão de seu Kato e dona Nadir, que eram os donos da Casa Central, uma casa comercial muito conhecida no Setor central onde a família foi trabalhar:

Aí nós vendemos tudo prá ir embora prá Goiânia. Chegou aqui o seu Cátio mais a dona Nair, tinha deixado um galpão reservado prá nós, que meu avô pediu, a minha vó pediu, falou assim: "Ó, minha filha vai vim mais os menino, vamo guardar esse barracão aqui." Sem conhecer, sem o seu Cátio e dona Nair conhecer, sabe? Aí trouxe... Já tava no lugar certo. Aí cada pessoa: dona Nair; a outra Nadir, dona Nadir; um deu uma colher, outro deu garfo, outro deu prato, sabe? Prá minha mãe. Até mobilharam, uns trezinho. Aí minha mãe foi trabalhar na feira mais meu pai, eu fui trabalhar mais meu avô na... na loja. Fui vender feira... vender meia lá na vila, no Mercado Vila Nova naquela época. O meu irmão que era o mais velho já trabalhava de viajante mais um tio meu. E assim nós foi... (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, p. 9).

A solidariedade foi o sustento da sobrevivência em Goiânia. Dulce, além da força de trabalho no comércio, ofereceu, também, seu conhecimento de cura para dona Nadir, curando-a de uma ferida crônica numa perna. Ela acreditava que o ferimento não tinha cura médica porque se tratava de 'macumba'. Com seus conhecimentos foi utilizando folhas, fumo, até a mulher se curar. Esta lhe ficou grata pelo resto da vida.



Figura 93: Dona Nadir, seu Kato, seu Júlio e dona Dulce: A amizade entre os dois casais ultrapassou o tempo. Acervo da família Viana de Oliveira

Dulce foi trabalhar na Vila Nova com vendas de roupas, principalmente com enxovais. Aos poucos foi ficando habilidosa na atividade laboral. Para ter controle de

suas vendas ela fazia anotações em cadernos, com o nome das clientes, a venda, as prestações e o dia dos pagamentos:

Ela faleceu trabalhando na feira. Não, na feira não, na Vila Nova. De casa em casa. Tinha freguesa. Vamos supor, essa rua aqui quase tudo era freguesa dela. Ela saía de uma casa, ia prá outra, saía de uma casa, ia prá outra. Se tivesse o caderno dela aí podia tirar umas fotos da Vila Nova. Que ela vendia, anotava tudinho. [...] “Recebi de fulano de tal Cr\$10,00, semana que vem de fulano Cr\$10,00” (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, pp. 14-15).

Assim, Dulce ficou independente financeiramente, ganhou dinheiro, criou os filhos, pagou prestações escolares para netos e filhos de vizinhos, adquiriu a sua casa própria com o marido, e até comprou um carro, mas não aprendeu a dirigir. Dependia dos filhos para isso:

Minha mãe com um corcelzinho. Aí de vez em quando levava minha mãe na Vila Nova. No outro sábado eu levava, no outro sábado era o Bel que levava, no outro sábado era o Ném e, depois, era minha mulher que levava ela. E sempre levando ela na Vila Nova prá ela receber as prestação dela, vender mais. Ela vendia era muito mesmo, era... Naquela época não tinha televisão, não tinha propaganda e ela vendia, se a pessoa pudesse pagar Cr\$2,00 por semana pagava, se pudesse pagar Cr\$1,00 por semana pagava, depois pagava Cr\$20,00 por... 20 cruzeiros, naquele tempo era cruzeiro (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, p. 9).

A espiritualidade continuou a ser forte em Dulce. Ela sentia necessidade de vivenciar elementos de sua crença religiosa. Assim, uniu o trabalho às possibilidades de exercer seu sacerdócio. Com as freguesas ia ficando conhecida, marcava encontros, começou a ir à casa de uma e de outra quando chamavam para que fosse fazer algum ‘trabalho’ que necessitasse de incorporação: “É, tinha casa que abria a porta prá ela receber o povo, porque sempre... Ela ainda não tinha o Centro, ela fazia os trabalhos na casa do povo” (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, p. 12). Sua fama cresceu e foi nesta época que ela conheceu a dona Josephine, uma descendente de libanesa que logo se prontificou a trabalhar com ela na atividade religiosa.



Figura 94: Dona Dulce cortando o bolo e dona Josephine em pé. Uma parceria no Centro de Umbanda. Acervo da família Viana de Oliveira

Ficaram muito amigas e desde a década de 70 passaram a dividir as responsabilidades nos trabalhos no Centro de Umbanda, que elas se prontificaram a administrar. Dona Josephine ficou responsável pelo desenvolvimento dos médiuns e dona Dulce incorporava e atendia as pessoas. Ora atendia individualmente, ora atendia em grupo.

O marido, Júlio, inicialmente trabalhou com ela nas vendas, mas depois sentiu a necessidade de ir buscar a mercadoria fora para revender e distribuir ao atacado. Então se tornou viajante. Até que em 1972 parou de viajar e passou a confeccionar sacolas de feira de napa usada, retiradas de capa de sofás envelhecidos. Foi neste mesmo ano que Dulce montou a Casa de Oração Mãe Dulce, inicialmente na Avenida Itália e mais tarde transferido para a Vila Lucy. O nome não era para ser esse, mas como todos a conheciam por esse nome, os médiuns acabaram optando por deixar esse nome.

O marido não gostava de sua religião e por isso nunca a acompanhou na sua opção. Ela era uma grande mediadora e sabia separar bem o trabalho religioso, da vida familiar e do casamento. Ela não queria dissabores com o marido. Então criou uma estratégia que fez com ela pudesse se dedicar à religião e ao mesmo tempo não desapontar o marido: Ela atendia em casa com a permissão do marido e ela ocultava do marido sua tarefa religiosa no Centro de Umbanda, que ele sequer desconfiou que existisse enquanto estava vivo: “Aí ela teve que começar trabalhar escondido dele. Escondido. Ele faleceu sem...ele, sem saber que ela fazia o trabalho

de incorporar. Incorporava, sabe?”(DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, p.10).

Inicialmente, o marido permitiu que a mulher atendesse em casa e apenas para benzer as pessoas:

No começo, lá no barracão, meu pai deixou ela benzer as pessoa, né? Que ele não sabia que ela incorporava com os espíritos, ele não queria que ela incorporasse não. Ele era contra. Ele era contra. Aí era uma fila imensa de gente, era de cedo até de noite. Aí ele começou implicar, né? Porque ela não comia direito nem nada e é só... mas também ele tinha ciúme dela, ia muito homem também, né? Muito homem prá ela conversar e ficar só... Morria de ciúme da minha mãe também. E aquela fila imensa (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, pp.9-10).

Na realidade, o marido não tinha problema com a religião em si, mas ele tinha muito ciúmes da esposa atender outros homens. Então ele foi criando diversas justificativas para que ela parasse de atender as pessoas, como a falta de tempo para nutrição da esposa, o incômodo das pessoas no lar, o mal estar da incorporação. Diante disso, Dona Dulce propôs cobrar os atendimentos. O marido aceitou:

Não, aqui meu pai não importava, que ela tava sentada lá, alimentava. Por causa... Aí ela já cobrava R\$40,00 por pessoa. Aí ela falava prá pessoa: “Vou cobrar prá manter minha água e luz, que eu vou ficar aqui o dia todo aqui.” Aí o velho deixava (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018,p.16-17).

Se ela atendia algumas vezes por semana em sua casa, os outros dias ela atendia no Centro de Umbanda no Setor sudoeste da capital. O Centro passou a funcionar de dia por causa da disponibilidade dela. Até hoje se inicia os trabalhos às 17hs e por volta das 19hs ou mais tardar 20hs ele fecha suas portas. Funciona, atualmente, nas segundas, terças e quartas à tarde, e nos sábados às tardes, para o desenvolvimento dos médiuns. Desta forma, ela podia sair e voltar com tranquilidade sem trazer aborrecimentos para o marido ou a família:

Falava... Falava que ia vender roupa mais o meu irmão. Minha mãe era muito inteligente, ela... ela tapeava o velho. Falava: “Não, eu vou.. eu vou na casa de fulano, tem uma festa. Vamos Ju?” Chamava ele, ele não ia. Ou ia vender roupa. Chamava: “Vamos Ju?” “Não, vou não.” Ela falou: “Não, então eu vou.” Aí eu levava ela no Centro. Assim: “Mãe? Mãe, eu vou, levo.” Sabia que ele não ia: “Vamos moço, nunca contrariou ele. Ela nunca contrariou (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018.p.17-18).



Dona Dulce, também, foi uma mulher que soube tirar proveito de sua fama, muitas vezes trazendo benefícios para a família. Era o que acontecia quando chegava ao serviço público de saúde com seus filhos:

Aí ela levava nós no hospital. Quando nós chegava no hospital, diziam assim: “A dona Dulce lá tá fora.” “Traz ela aqui.” Aí já mandava pegar ela lá: “Ajuda meu fío, meu fío tá lá fora com esse problema.” “Vai lá, busca ele ligeiro.” Então nós não tinha problema de ficar ni fila. Aí os médicos já chamava nós na frente, já dava olhada, examinava, já dava os remédio. Aí nós ia embora. Nunca... Todo lugar que ela chegava nesses hospitais tinha um médico conhecido, tinha enfermeira conhecido. Ela não ficava na fila, minha mãe não ficava em fila (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018,p.25)

Se dona Dulce usou a estratégia da mentira ocultando fatos do marido para preservar o casamento, outras mulheres trouxeram seus maridos para a religião umbandista. Uma delas é Flormaria. Ela cresceu tendo o apoio de sua mentora, a dona Ana Pereira de Moraes, presidente da Irradiação Espírita Irmã Iara, que ficava no Setor Negrão de Lima. Ficou lá por 22 anos e foi onde aprendeu o conhecimento e a prática da religião: “Eu estudei, fiz até o segundo grau, que naquele tempo falava assim: “É normal, prá ser professora” (risos), mas eu preferi continuar minha vida espiritual.” (DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018, p. 3).

Aos 18 anos se casou e com 19 anos teve seu primeiro filho. Nos anos seguintes tiveram outros três filhos, totalizando quatro filhos do casamento. Em 1976 foi morar com a família na cidade goiana de Posse: “Ai nós mudamos, meu sogro faleceu e deixou uma pequena terra lá, um lugarzinho pro meu marido, e fomos tomar conta. Inaugurei meu Centro lá que é uma maravilha” (DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018, p. 7.)

Foi lá que montou seu segundo Centro de Umbanda, o Centro Espírita Pai André de Guiné que ela levou da Vila Caiçara onde administrava o Centro antes de ir para Posse. Em Posse, o Centro que tinha capacidade para 450 pessoas sentadas, prosperou. E durante 24 anos contribuiu com a cidade, formando médiuns, acolhendo pessoas carentes e distribuindo roupas e alimentos a quem deles necessitassem.

Em 2001 retornou para Goiânia e alugou uma casa com quintal grande no Setor Moraes, onde inaugurou seu terceiro Centro de Umbanda com o mesmo nome e lá permanece até hoje.

Desde o começo, Flormaria aprendeu a sobreviver economicamente de sua espiritualidade. O que ganhava de alguns atendimentos trazia para casa, pois o marido foi conseguindo outras ascensões profissionais, o que permitiu que ela ficasse mais livre para o trabalho religioso:

Meu marido é... Trabalhava na escola superior de educação física, era zelador ali, lá formou em professor, depois fez direito né? E fez... Prestou prá polícia militar, passou, aposentou como primeiro tenente da polícia. É um advogado, é professor formado, é aposentado de educação física, e militar (DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018, p.3).

No início, quando chegou a Posse e abriu o Centro de Umbanda, o marido não gostava de ela chegar a casa tarde da noite. Começaram as brigas por motivo de ciúmes:

Os primeiros anos, eu, eu demorava um pouco nos trabalhos, ele era muito ciumento (risos), eu chegava em casa ele ficava bravo: “pelo amor de Deus. O Centro... o trabalho não pode terminar dez e meia, onze horas” eu falei: “bem, termina dez e vinte. Até que a gente troca de roupa, entra todo mundo na Kombi, vai faz uma arremessa, vem trazer a nossa turminha aqui demora, chuvoso e tudo”. “Ah! mas isso não tá certo”. Falei “ocê que sabe. Eu não posso deixar, porque é uma missão que eu tenho”. “ Ah...porque não sei o quê...” Um dia ele falou assim: “você escolhe ou o Centro ou eu” eu falei: “eu escolho o Centro” (DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018, pp.7-8).

Muitas foram as mulheres que se viram obrigadas a escolher entre sua religião e o casamento. Maria Baiana conta que fez o que estava em seu alcance para manter o matrimônio, fazendo sacrifícios que acreditava podia salvar o casamento:

Meu primeiro marido era engenheiro, nós dois aprendemos, nós dois começamos a namorar na escola. Só que eu larguei de estudar pra ajudar ele a estudar, você ver o que, que é mulher, né? E pra poder ir, foi quando ele formou que ele foi embora pro Mato Grosso, arrumou umas aí. Aí ele formou e arrumou uns serviços em Mato Grosso. Foi eu que não quis ir, é a história da bendita religião né? Aí eu já tinha aderido à religião, aí ele pegava e falava que eu tinha que escolher a religião ou ele. Aí eu falei então: “Vai”. Eu arrumei outro filho nesse meio vai e vem né? Aí, ele ficou indo e vindo implorando pra mim ir, pra mim ir aquela coisa toda...acabei arrumando outro filho e eu não fui. Aí eu falei: “não”... Escolha... Aí eu peguei falei: “Não, entre você e a religião, eu fico com a religião” (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.74-75).

Ter que escolher entre a manutenção do casamento e a separação por motivos religiosos, não deve ser fácil, mas parece que o motivo religioso é apenas umas dessas justificativas. Muitas vezes o casamento vai mal por infidelidade conjugal, pela violência doméstica ou pela falta de liberdade que elas sentem nas

suas decisões. Então, a religião entra como um componente significativo para que essas mulheres possam decidir sobre o que lhes parecem melhor para suas vidas.

Se muitas mulheres tiveram que realmente enfrentar uma separação para continuarem seus sacerdócios na Umbanda, outras, como Flormaria, ficaram firmes em suas determinações religiosas e conseguiram trazer o marido como parceiros em suas obras:

Aí ele conscientizou. Foi umas 4 horas da manhã, ele veio, pediu perdão, sabe? Que quando foi ver... a Preta velha invadiu ele né? (risos) Aí que era uma parte de egoísmo, que ele tinha que confiar, que eu já era mãe de 3 filhos dele, porque que ele tava assim? Se ele sabia onde eu estava, conhecia a procedência, via que a mãe de santo era uma pessoa íntegra, e porque quem levava a gente era o seu...era João Pacheco, era um senhor casado, avô, um homem muito respeitador, a turma que entrava era todo mundo casado, então por quê? Que foi refletindo, viu que ele falou uma bobagem, eu falei: “não meu bem tá tudo perdoado. Vamos seguir...”. Aí ele entrou. Tá 42 anos comigo, ele bate tambor (Depoimento de Flormaria, 2018, p.9).

Essa negociação nem sempre foi fácil para a maioria das mulheres, que muitas vezes se viram sozinhas na educação de seus filhos e ao mesmo tempo tendo que dirigir a casa religiosa. No caso de Flormaria, ela conseguiu que o marido se tornasse médium da casa, o que deu um fim aos conflitos matrimoniais, pois ele estava com ela nos trabalhos religiosos, e, portanto não tinha mais desconfiança de sua conduta.

O casal educou os filhos na religião, mas, à medida que cresceram foram se deslocando de seus locais de origem para outras lugares. Ela tem filho morando na Suíça, em Portugal e na Bahia. Hoje conta com alguns netos no Centro de Umbanda que ficaram morando com ela e se orgulha de ter uma família unida:

Agora o neto que é dentista, eu criei, participa da corrente. O advogado participa, meu marido advogado participa, a psicóloga minha neta participa. É dois netos, três netos e meu marido, e a.. os filhos mora fora, mas quando... de lá ligam pede pra mim olhar, quando tão no Brasil tão tudo participando, tem festa eles colaboram, eles ajuda tudo... e é assim a vida. Minha família é unida nessa parte (DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018,p. 9).

Mesmo os irmãos, muitos que estão atualmente participando em Igrejas evangélicas, respeitam sua religião, porque a entendem como sua missão de vida neste mundo e porque acreditam que ela é da ‘Umbanda do bem’. Ela mesma define assim sua prática religiosa:

Com rituais maravilhosos, que eu não tenho ritual, eu não mecho com, na linha preta, nem branca, nem azul, eu não mecho com vela preta, nem (risos)... Eu posso fazer o bem com a vela preta, e o mau com a vela branca, que vai depender da minha intenção, do meu coração. Eu gosto de trabalhar na prática da... da feitura de desmanche, se tem uma mulher sofrida com o marido e a amante tá fazendo porcarias, eu vejo e descubro, ela vem aqui conta, eu vou procurar ajudar desmanchar aquele... tirar aquela pessoa, não matar, não tenho poder pra isso. Não acredito que o ser humano tem poder para isso. Essas coisas existem? Sim, mas depende da fé e da compreensão de cada um, porque a coisa só pega em você, quando você não acredita em Deus, quando você acredita, e não pratica nada pra receber o retorno. Eu acredito que você tem tudo pra ser feliz (ênfase no “tudo pra ser feliz”) mesmo com pequenos problemas, às vezes com desgosto, alguma contrariedade que existe em famílias, todos nós temos problema, uns de um jeito, outros de outro, uns que tem solução, outros que às vezes cê... faz tudo (ênfase “faz tudo”) e não consegue achar a ponta da meada, mas você não perdendo a esperança e a fé, você vai. A gente reanima, cria coragem, tem fé tem... a gente vê o sofrimento dos outros, a gente aprende a ver que o da gente é mínimo. Às vezes eu penso que eu to passando por um pedaço difícil, quando (ênfase no “quando”) vem gente aqui parece que é pra dar um exemplo... Parece não, é. Eu falo: “meu Deus, como que to chorando de barriga cheia” (risos). E a gente vê o problema dos outros que é mais (DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018, p. 5).

É comum ouvir nos depoimentos a defesa das suas próprias identidades, já que se encontram numa sociedade que criou estereótipos para a religião umbandista, com ideias de Umbanda lícita e da Umbanda ilícita.

A história registra o nascimento de Dona Geraldina, em 1931, na cidade de Morrinhos, num estábulo de animais: “porque a minha vó não tinha lugar para, para ganhar ela, então ela nasceu num estábulo, e ali mesmo minha vó cuidou né?” (DEPOIMENTO DE IARA, 2018, p. 2). O pai abandonara a mãe para viver com outra família que tinha constituído. Nisso a mãe perdeu a casa e os bens, ficou com os filhos e uma delas em seu ventre. Geraldina teve uma infância marcada pela pobreza, pela ausência do pai e pela presença de muitos irmãos.

Quando tinha 15 anos veio morar com um tio, irmão de sua mãe, em Campinas, e como era muito católica, participante das Filhas de Maria, conseguiu uma bolsa de estudos no colégio Santa Clara das irmãs franciscanas. Não se sabe por que não chegou a se formar no colégio que tinha o curso de normal para professoras. Foi nesta época que conheceu aquele que viria a ser seu marido.

Foi ficando mocinha, conheceu meu pai. Meu pai veio da Bahia com muita dificuldade também, ele conta que ele veio num, num, num burro. Jegues né? Ele, toda a família, porque eles lá, eles perderam pai e mãe, e veio todos para Goiânia, meu pai da Bahia, minha mãe de Morrinhos, né? E meu pai trabalhava no açougue, e morava com um irmão. Minha mãe conheceu meu pai, e eles se casaram (DEPOIMENTO DE IARA, 2018, p. 3).

Em 1949 casou-se contrariando a vontade da família que não aceitava o casamento:

Tudo contra, que minha mãe era branca, tinha uma certa aparência né? Porque ela morava com meu tio, assim, tio, colégio católico... e o meu pai era negro, pobre, baiano, açougueiro, então teve já essa, essa, essa rejeição. Disso aí a vida dela mudou muito, porque realmente foi uma vida de muita dificuldade (DEPOIMENTO DE IARA, 2018, p. 3).

Apesar de ser pobre, dona Geraldina era branca e o homem de sua escolha para se relacionar era negro, pobre e açougueiro. A questão racial se fez presente, mas isso não a dissuadiu de sua opção.

Após o casamento o casal foi morar no Setor Pedro Ludovico, onde ela ficou até a sua morte, e foi também quando se intensificaram as experiências R/E com as visões e as precognições. A cunhada Teresinha a levou para um Centro Kardecista, onde ela aprendeu a dar passes e a manipular numa mesa, mas isso intensificou ainda mais os sintomas advindos dos estados de transe. Assim, a mesma cunhada resolveu levá-la ao Centro de Umbanda dirigido por dona Merita, que ficava no Setor Pedro Ludovico mesmo. Lá ela teve suas primeiras incorporações:

Ela começou a ver os índios. Ela começou a ver os índios, que eram os Caboclos, e ela ficou apavorada, e aí diz que ela a, a andar dentro desse salão, e arranhar parede, e “me tira daqui, esses índios vai me comer, olha a flecha Terezinha, comadre Terezinha, cuidado, cuidado”. Mas ela estava vendo os próprios guias. Aí ela recebeu uma entidade dela, que chamava Janaina de Ronda, é uma criança, infantil. E essa Janaina de Ronda fez a festa. Todo mundo começou a gostar muito dela, e ela começou a frequentar, e foi frequentando (DEPOIMENTO DE IARA, 2018, p.4).

Quando dona Merita precisou viajar a Ipameri ausentando-se por alguns meses, foi dona Geraldina a escolhida para dirigir o Centro. Ela não entendia nada de administração religiosa e sabia da responsabilidade da tarefa lhe imputada. Contou com a ajuda dos seus guias espirituais para adquirir esse conhecimento:

Ela só sabia orações católicas, ela não sabia ritual, ela não sabia erva, ela não sabia nada. Então, o chefe de cabeça dela que é o mentor da casa espiritual, o Pajé de Flecheira chegava, aí ele começava a dar as ordens: “põe a vela aqui, põe água no pote, faz assim, sal, isso, aquilo”, então ela tinha que estar manifestada para administrar, porque ela não sabia administrar, e ele é que foi ensinando ela, incorporando. Eu sei que no primeiro dia de trabalho, ela precisou vender uma dúzia de ovos dela, para comprar vela, porque não tinha nem vela para abrir o Centro, e ela tinha umas galinha, pegou os ovos, vendeu e compro um maço de velas, para começar os trabalhos, e de lá pra cá esse, esse número foi aumentando (DEPOIMENTO DE IARA, 2018, p.5).

Quando dona Merita retornou, Geraldina quis continuar seu trabalho religioso em seu próprio Centro e foi o marido que juntando material usado de construção, ergueu junto com os médiuns um barracão de tábuas no lote que havia adquirido, também no Setor. Assim foi fundado o Centro Espírita São Sebastião no final da década de 50. Junto com o Centro Espírita São Miguel Arcanjo, no Setor Universitário e a Tenda Espírita São Sebastião, no Setor Coimbra, formam os Centros mais antigos de Umbanda na capital, que continuam a subsistir apesar do tempo.

Dona Geraldina unia a dedicação ao trabalho religioso, com o trabalho profissional e educação dos filhos: “Dava aula. É nas, nas fazendas, nos interior assim, bairro né? [...] Ela trabalhava no mercado, ela vendia verdura, nos éramos seis nessa época” (DEPOIMENTO DE IARA, 2018, pp.3;6).

O marido, inicialmente, não queria participar do trabalho religioso que ela realizava, pois sentia medo diante do que via: “a princípio o meu pai não ia, porque ele tinha medo, ele ficava em cima das árvores assistindo os trabalhos, porque ele tinha medo também dos Caboclos, só depois que ele começou” (DEPOIMENTO DE IARA, 2018, pp.5). Mas depois o medo se transformou em ciúmes:

Ela trabalhava, cuidava de nós, cuidava do terreiro, muita gente, o meu pai com pouca cultura né? E, tinha as fases de ciúmes né? Porque ela era muito querida, minha mãe era uma mulher muito bonita, mas muito séria, muito sistemática, cuidava muito bem de nós, das pessoas, toda vida muito procurada. Aí saiu uma vaga para ela no estado, ela foi trabalhar, no estado. Na escola, como merendeira (DEPOIMENTO DE IARA, 2018, p.9).

Ao mesmo tempo em que dona Geraldina foi trabalhar como merendeira, o marido conseguiu uma vaga no Departamento de Estradas de Rodagem de Goiás- DERGO., o que fez a família melhorar financeiramente, mas isso não impediu as crises de ciúmes que o marido tinha da esposa. Ela nunca sucumbiu às chantagens do marido e desejava manter o casamento:

Mas meu pai tinha muito ciúmes dela, e ela lutou muito para chegar até aqui, na própria federação, tinha brigas horríveis<sup>123</sup>, [...] muitos homens, só voz dela de mulher, então ela batia o pé mesmo, ela era uma pessoa determinada, ela batia o pé e falava. Ela cadastrou muito Centro aqui, foi

<sup>123</sup> Nas atas da Federação não ficou registrado as discussões e reflexões que dona Geraldina trazia para as reuniões. Sabe-se que ela esteve presente por anos a fio, por causa de suas assinaturas, mas o silêncio da fala dos participantes é visível nos registros.

quando João de Abuque veio, ela achou João de Abuque<sup>124</sup> no Setor ferroviário, largado lá, diz que numa pobreza que fazia dó( DEPOIMENTO DE IARA, 2018, p.9).



Figura 95: Dona Geraldina numa festa de Candomblé no terreiro de João de Abuque. Foto disponível em tese (Ulhôa, 2011, p. 123).

Aos poucos o marido percebeu que não adiantava brigar e muito menos breocar a esposa. Ela tinha autonomia e determinação em suas opções. Tornou-se médium do Centro e passou a acompanhá-la em seus trabalhos. Geraldina faleceu vítima de uma septicemia adquirida no tratamento médico de cura para um câncer no estômago em 2008.

Também Rosalina teve experiência parecida em seu casamento. Ela ainda estava no Centro Espirita Pai Boiadeiro quando conheceu seu futuro esposo:

Aí passou, né? O tempo... aí, a gente, o meu marido vai, aí eu casei e já vem a outra história. Meu marido não aceitava. Não, ele era católico, aí ele falava que aquilo era bobeira, ele não... Ele não aceitava aquilo não. Ele não achava que aquilo era verdade (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017, p. 7).

Para o marido a religião lhe parecia um grande teatro com personagens mentirosos, apesar de que ela já era umbandista quando ele chegou à vida dela. Para gerenciar a relação, Rosalina resolveu se afastar da religião. O tempo passou,

<sup>124</sup> Dona Geraldina deu apoio e acolhida para João de Abuque que veio da Bahia com a família e queria continuar tocando seu Candomblé aqui na capital. A esse respeito Pai Elmo nos informa que quando ela foi visitar João de Abuque ela ficou estarecida com a miséria. Imediatamente pegou um sofá seminovo que tinha na sua casa e um fogão e mandou para João de Abuque, que cozinhava no chão com a família. Foi ela também que arrumou um barracão para ele morar no Setor Pedro Ludovico e como dona Geraldina era muito conhecida na sociedade goianiense, ela levou João de Abuque com ela para que ficasse também conhecido e pudesse ter apoio de pessoas com referência para seu trabalho religioso. Até a morte de João de Abuque o sofá podia ser visto no terreiro dele, pois ele nunca se desfez do objeto que para ele significava sua acolhida e permanência na capital. (DEPOIMENTO DE ELMO, 2018; ULHÔA, 2011, pp.113-123)

vieram os dois filhos e depois disso, ela voltou novamente e ter novas experiências religiosas/espirituais e a adoecer. Ela atribuiu os males ao fato de ter abandonado sua missão de cura. Os fenômenos recomeçaram e mais forte ainda do que antes, porque agora incluía precognição:

Que eu deixei a minha missão pra trás, que eu não podia ter quebrado a minha missão, aí meu marido ele sempre duro, não aceitando, não queria aceitar, aí houve um episódio lá, assim, familiar que eles chegaram e me falou: “tan, tan, tan”, aí eu cheguei e falei: “tá acontecendo assim, assim e assim”, aí ele falou: “quem falou isso pro cê?”, aí eu: “me falou, eles me falaram aqui no meu ouvido”. Aí ele ficou cabreiro: “que que é?”, como que eu sabia daquilo ali, foi alguém que me contou, aí eu: “foi alguém sim, mas alguém espiritual, alguém falou aqui pra mim”, aí ele ficou “ah, esses trem do cês aí, isso aí, acho que é coisa de bruxaria”, aquilo só pode ser bruxaria, né? Um trem desse, tal, né? Aí foi passando, aí começou a acontecer as coisas, aí eu falava. Falava “ó, assim e assim”, aí o trem acontecia de novo. Aí ele pegou, viu que eu tinha que voltar (Depoimento de Rosalina, 2017, p 7).

Rosalina sentia necessidade de ter a aprovação do marido para continuar na Umbanda e como suas experiências religiosas lhe davam revelações futurísticas, ela aproveitou disso para deixar o marido instigado. Não se sabe bem qual o motivo além desse, mas o fato é que ele parou de implicar com a esposa e sua religião. Quando se mudou para o Setor Santos Dumont, ele mesmo ergueu um barracão para ela tocar o seu próprio Centro. Ele nunca participou, mas isso não a impediu em sua determinação. De vez em quando o marido visita o Centro para receber um passe das entidades.

Se os maridos de Flormaria e Rosalina aceitaram a mediunidade e o sacerdócio de suas esposas, o mesmo não aconteceu com a mãe Conceição. Como ela se casou nova e o marido conviveu com suas experiências anômalas, o casal optou pelo fim do casamento:

Porque na época que eu era casada, eu tinha muito esse negócio de incorporar, só que eu não sabia, então meu marido começou a ficar desorientado com isso, meu marido não entendia, inclusive ele não aceitava eu ser médium, incorporar, ser espírita por que ele era muito religioso, mas tradicional da família do nordeste e acabamos separando (DEPOIMENTO DE CONCEIÇÃO, 2017, p.3).

Já Mãe Lia de Oyá não teve sucesso em seu matrimônio e utilizou a religião como argumento para sua separação. Para ela, o sacerdócio era muito mais interessante que o casamento. Ela também teve, como mãe Dulce, que se dedicar a atividades profissionais para sobreviver. Com a mediunidade aflorada, ela se afastou



da escola quando menina, pois tinha medo das manifestações junto aos colegas. Assim, ela consegue hoje ler alguma coisa, mas não escreve a não ser seu próprio nome.

Entre 1960 e 1990, Mãe Lia conviveu com sua madrinha no Centro de Umbanda, aprendendo os ofícios religiosos. Foram trinta anos de uma escola prática e de uma grande amizade. Mas tinha que trabalhar para sobreviver:

De dia eu ia lavar roupa, cozinhava na casa de... de gente, trabalhava de doméstica, e a noite eu ia tocar violão, cantava lá no tamborim, eu tocava violão e ganhava as brocha... as brocha eu ganhava brocha, eu levava pra casa as vezes um leite, um pão. Lá onde eu trabalhava eu levava a sobra de comida pros meu filho comer, mas eu criei todos, e hoje cada um tem sua profissão. Graças a Deus (DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, p. 5).

Mãe Lia experimentou, como muitas mulheres as múltiplas funções do trabalho feminino para sobreviver: “estritamente relacionada com o trabalho das domésticas na casa de seus patrões estava a atividade servil das lavadeiras executada fora dessas casas” (HAHNER, 2003, p. 218).

Aos 20 anos conheceu aquele que viria a ser seu marido e com ele teve três filhos, sendo que o menino faleceu. Restou-lhe as duas meninas que ela criou juntamente com outras crianças que foi adotando em sua missão religiosa (ao longo da vida ela cuidou e educou 12 crianças). O marido era fazendeiro, mas não aceitava que filhos de outras pessoas coabitassem com sua família:

Meu marido, a gente tinha uma fazenda e meu marido era muito mulherengo, e tal, e tal. Ai meu marido [...] Ele foi embora, ele foi embora. Porque eu... eu sou muito amorosa, eu tenho muita dó das pessoas, cê entendeu? Tenho dó demais. E jamais eu ia deixar aquelas crianças jogadas no mundo. Ele não queria as crianças. Jamais eu ia abandonar, jamais. Era minha missão, Deus me deu ela, meus Orixás, e eu continuei e até hoje eu tenho minha missão. Não deu certo. Ele foi embora, Casou com outra (Depoimento de Mãe Lia, 2018, pp. 6-7).

Talvez Mãe Lia tenha visto mais sentido em viver com suas crianças do que com seu marido, pois apesar das dificuldades econômicas, tinha maior liberdade para fazer suas escolhas. De fato, ela não se casou novamente até 2016, quando contraiu novas núpcias. Alternou o trabalho econômico com a vida religiosa, até que por volta dos quarenta anos de idade começou novamente a ter doenças que não tinham diagnósticos médicos. Procurou um terreiro de Candomblé e encontrou o pai Carlos de Oya, que tinha seu terreiro no Setor Garavelo em Aparecida de Goiânia. Lá foi ‘internada’, ‘raspada’ e ‘catulada’ pelo pai de santo que recomendou que fosse

o mais breve possível para a Bahia para encontrar a cura definitiva: “Ai eu fui... ai eu fiz... na Bahia, graças a Deus, graças a Deus. Eu fui feita com a mãe menininha. No Gantois. Fiquei recolhida lá. Eu fiquei lá 3 meses” (DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, p.10). Ela conta que teve que levar dinheiro para ficar lá, pois tudo era muito caro: “O Candomblé é luxo, né? Muito luxo” (DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, p.10).

Na realidade existe uma rede econômica criada pela religião candomblecista que a faz sobreviver, tirando vantagens do mercado econômico, e onde uma pessoa recolhida, aprende o ofício religioso e daí pode montar seu próprio terreiro, estendendo o conhecimento a outras pessoas. Assim, o que se perde de dinheiro ao ficar ‘internado’ numa casa, se ganha ao ‘recolher’ outra pessoa no futuro porque essa irá pagar a quantia solicitada<sup>125</sup>. Como a Umbanda não tem essa prática, os Centros e Tendas tendem a ser mais simples e terem muitas dificuldades na sua manutenção. Daí a ideia de que a caridade seria o cerne do umbandismo e que, neste sentido, a Umbanda seria uma religião mais original e mais próxima do povo carente. A ideia de caridade nos Centros de Umbanda foi herdada do Kardecismo, onde ‘não existe salvação fora da caridade’ e ela foi aplicada no contexto dos sujeitos que estavam fazendo a religião acontecer

Após sua recuperação, Mãe Lia passou a tocar Candomblé em seu Centro de Umbanda. Com isso pôde se dedicar totalmente à religião, atendendo as pessoas e recolhendo-as em sua casa. Desta forma pôde deixar o trabalho nas casas de famílias e passou a ter outra renda para sobreviver. Segundo ela, já recolheu e fez 120 filhos em seu Candomblé, sendo que quatro deles moram nos EUA e um em Portugal.

Outra diretora espiritual de Umbanda que também é iniciada e segue os preceitos do Candomblé e mãe Isabel de Oxum. Sua avó Cecília e seu avô Nicolau,

---

<sup>125</sup> Essa mesma dinâmica foi aplicada por Edir Macedo na Igreja Universal do Reino de Deus. E por isso não foi estranho para as pessoas levarem dinheiro para se livrarem de doenças ou de ‘encostos’ que supostamente atrapalhavam o progresso econômico e emocional em suas vidas. Da mesma forma que não se trata de modelo empresarial para o terreiros de Candomblé, o pastor usou do mesmo artifício para vender a ideia de que estava fazendo o bem e a caridade para as pessoas, livrando-as de males que as acometiam. A diferença é que a IURD fez desta dinâmica um negócio muito rentável, oferecendo o serviço a milhares de pessoas e multiplicando seu patrimônio, enquanto o Candomblé continua sendo uma religião oferecida a poucas pessoas, muitas delas que trazem alguma memória de seus antepassados e outras pelo glamour que a religião tradicional oferece (PRANDI, 2003).

saíram de São Raimundo Nonato no Piauí em deslocamento pelo Brasil. Foram parar em Araguari, cidade de Minas Gerais. Depois foram para Brasília e na década de 60 se estabeleceram em Goiânia. Assim que aqui chegaram procuraram o ‘Capa Rosa’, chefe da milícia goianiense que tomava conta dos trabalhadores que aqui chegavam para se estabelecer. Ele também era umbandista e foi ele que orientou onde deviam armar seu barraco: na Nova Vila. Cecília e Nicolau vinham de tradição de juremeiros do Piauí e ela sabia benzer e ele fazer garrafadas. Eles foram os pais de Francisca, que conheceu no coreto da praça da matriz de Campinas o homem que se tornaria pai de Isabel. Este, por sua vez, era filho de Elvira e Erundino, que vieram de São Paulo, uma década antes, e se estabeleceram no Setor Campinas. Elvira arranhou emprego na casa do governador, trabalhando como passadeira de roupas. Após o casamento dos pais que aqui se conheceram, o casal foi morar na Nova Vila até que veio a ordem de tirar todos daquela área e a família foi morar no Setor dos Funcionários, na rua P37, que é uma rua de frente para a Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição.

A mãe que estava grávida dela e já tinha tido um parto anterior com complicações médicas, procurou dona Joseth para cuidar dela. Desta forma, aos poucos a mãe Francisca, sua avó Cecília, o avô Nicolau e os tios e tias dela entram como médiuns na Tenda e começam a fazer parte da corrente mediúnica. O único que não entrou na religião foi o pai de Isabel, que preferiu continuar como membro ativo da Igreja Católica.

Quando a mãe estava com nove meses de gravidez, ela foi desenganada pelos médicos do Hospital Samaritano onde atestaram que a criança em seu ventre estava morta e que tinha que ser retirada. Desesperada, a mãe correu para dona Joseth que imediatamente incorporou o espírito do Caboclo Lampião que:

Fez uma reza na barriga dela, e amarrou com umas fitas, 7 fitas, cada uma de uma cor, das cor dos Orixás, e amarrou na barriga dela, e falou pra ela que quando ela entrasse na escada, que aquela fita arrebentasse era a hora que eu ia nascer, então ela saiu de lá com essas fitas, o banho de rosas, e quando ela subiu as escadas a fita rompeu, e aí o Caboclo estava em Terra, o Caboclo foi e veio a vó, Galinha dos Pretos-velhos, a chefe da casa, no aparelho da mãe Josa, e aí a vovó fez o meu parto, me trouxe ao mundo, me consagrou a Oxum, né? Ela, a vovó disse que eu seria o presente a Oxum, por Oxum ter me dado a minha vida, e aí daquele momento em diante eu nasci, nasci dentro do terreiro, e lá dentro ela passou os resguardo, durante os resguardo dela eu fiquei no quarto, aonde eu recebi todos os cuidados entre ervas, banhos, e tudo que era de equilíbrio para minha ancestralidade e a minha mediunidade, então lá eu nasci (DEPOIMENTO DE ISABEL, 2018, p.5).

Assim, Isabel nasceu no Centro de Umbanda<sup>126</sup> pelas mãos da vovó Galinha dos Pretos-velhos e ficou na Tenda até os 18 anos. Toda sua formação religiosa se deu na Umbanda, e saiu da corrente quando o pai não queria mais que a mãe ficasse no trabalho com dona Joseth:

Ele não queria que ela... Porque geralmente lá na minha madrinha Josa, na mãe Josa, tem as funções, então ela tinha que ter dedicação, de ir pro terreiro, ajuda, ficar lá, e isso fazia com que ela ficasse afastada dos afazeres de casa, e ele como machista preferiu aceitar que ela abrisse uma porta, do que ela continuar aonde ela estava.(DEPOIMENTO DE ISABEL DE OXUM, 2018,p.8)

Novamente, vemos outra mulher deixar suas funções religiosas para satisfazer a vontade e do marido. Ela, na sua negociação com o esposo, aproveitou a chance e criou na sua própria casa o Centro Espírita Caboclo Sete Flechas e passou a ser a madrinha Chica. Lá ela passou a atender, a benzer e a fazer as garrafadas para distribuir aos que precisavam de curas. E Isabel ficou com a mãe no novo Centro. Após 1 ano de trabalho, ela fechou o Centro: “despachou todos os assentamentos, as entidades” (DEPOIMENTO DE ISABEL DE OXUM, 2018, p.8) e passou a ser membro da Congregação Cristã do Brasil. Lá ficou até sua morte.

Isabel, querendo continuar na Umbanda, foi se instalar no Centro Espírita Pai João da Caridade Santa Helena de dona Iracy Soter de Castro. Nesta época ela já estava casada e com um filho pequeno que vivia muito doentinho: “porque aí ele nasceu, e nasceu cheio de probleminhas, probleminhas, aquilo que os pediatras não encontravam resposta”(DEPOIMENTO DE ISABEL DE OXUM, 2018, p.9).

Convencida de que era um problema espiritual, entrou para a corrente mediúnica do Centro no Urias Magalhães e lá ficou entre os anos de 1991 a 2003, até a morte de dona Iracy. Com sua morte, Isabel se voltou para o Centro Espírita Anjo Ismael, de Luís Sales e lá ficou até 2009. Foi nesta época que começou a adoecer gravemente e não obtinha cura nem no hospital, nem no Centro de Umbanda. Diante desse impasse resolveu procurar um terreiro de Candomblé e foi no terreiro de Divaldina de Oxum que ela foi iniciada no ritual de Candomblé. Ficou lá seis anos, mas mesmo assim os males não desapareceram. Foi aí que conheceu

---

<sup>126</sup> Reginaldo Prandi traz um depoimento de outra criança, só que esta nasceu no terreiro de Candomblé em Aracaju, a mãe Manudê, que se tornou mãe de santo do terreiro de Candomblé Santa Bárbara em São Paulo (PRANDI, 1996, pp. 168-173). Provavelmente outras crianças devem ter nascidos em terreiros e centros de Umbanda, uma vez que esses templos são ao mesmo tempo moradias de seus organizadores.

o Pai Paulo de Odé, que ao jogar os búzios identificou sua doença de nascença. Ela havia nascido abiku<sup>127</sup> e por isso precisava de outra iniciação especial. E assim foi feito em 2017. Desde então, ela recuperou a saúde e hoje dirige o Centro Espírita Cabocla Jurema.

Os relatos de Mãe Lia e Isabel sobre a recuperação da saúde num terreiro de Candomblé estão ligados à ideia de que a Umbanda enquanto religião tem suas limitações. Isso faz com que muitos umbandistas recorram ao Candomblé para ‘firmarem suas cabeças’, ou ‘curarem doenças ancestrais’ ou mesmo ‘fortalecer e proteger o corpo para enfrentar os trabalhos de incorporação’. De alguma forma se mantém a crença de que existem ‘feitiçarias’ e ‘macumbas’ que somente o Candomblé pode resolver, porque lida com situações que a Umbanda ‘não dá conta’. Isso faz com que muitos adeptos da Umbanda, principalmente dirigentes, procurem também a espiritualidade do Candomblé. Alguns chegam mesmo a trazer elementos e rituais do Candomblé para seus Centros.

Quando o Candomblé começou a popularizar em Goiânia, na década de 80, alguns Centros de Umbanda se tornaram terreiros de Candomblé também, como foi o caso do Pai Boiadeiro:

Voltei pro Pai Boiadeiro, chega lá no Pai Boiadeiro, aí o Lázaro, Pai Lázaro hoje, né? Porque ele passou pro Candomblé, Pai Lázaro. Aí ele vai e começou a mudar os trabalhos, é... começou a vir, veio uma senhora da Bahia pra ensinar, fazer trabalho, fazer descarrego na casa dos médium e aquilo ali tudo tinha um custo, a gente tinha que pagar por aquilo. É... Aí eles pegando, era pra ir lá na minha casa fazer um descarrego, que disse que minha casa tava muito carregada, e aí foi na casa de cada um, e aí cê já viu que aquilo ali tava um meio comercial (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017,p. 8).

Isso foi, também, um dos fatores que levou alguns médiuns a fundarem seus próprios Centros de Umbanda, onde podiam preservar suas tradições e rituais, como foi o caso de Rosalina quando resolveu criar seu próprio Centro de Umbanda para se afastar da doutrina do Candomblé com a qual não teve afinidades.

---

<sup>127</sup> Na tradição ioruba, existem crianças que nascem para morrer. São crianças que se apresentam numa condição de muita fragilidade de saúde, entendidas como crianças que pertencem ao outro mundo, e que não cortaram vínculos com o mesmo, e por isso seu desejo é de retorno para o céu junto com seus ancestrais. Por isso essas crianças vivem atribuladas na esperança da morte o mais rápido possível. Existem determinadas oferendas que podem cortar esse vínculo com o outro mundo, permitindo que elas se esqueçam de lá e passem a viver uma vida longa aqui na Terra (Verger, 1983 ,pp. 138-139).

Mesmo nos Centros de Umbanda fundados por Mãe Lia e Isabel, o ritual umbandista goianiense foi mantido, tendo apenas agregado o uso do atabaque e a saudação aos orixás nos rituais da Umbanda.

Atualmente Centros de Umbanda com dirigentes mais jovens e que recebem certa influência da Umbanda de São Paulo, através da internet, tem introduzido em suas casas religiosas, determinados rituais e práticas advindos do Candomblé.



Figura 96: Médiuns saudando os orixás e as entidades representadas no Congá. Acervo da FUCEGO

Tereza teve uma experiência diferente com sua família na religião. Ela se casou com o dirigente do Centro de Umbanda onde foi tratada em sua 'mediunidade' confundida com loucura. Tereza conheceu Amâncio no Centro Espirita Ogum Beira Mar no Amor a Caminho da Luz. Nascido em Jataí, em 1929, ele iniciou sua vida religiosa com dez anos num Centro Espirita Kardecista, mas depois passou a receber entidades ligadas à Umbanda. Segundo dona Tereza, seu Centro deve ter por volta de 70 anos, mas ele só foi registrado no cartório em 1969: "até então os terreiros a polícia batia, sabe? Que era perseguido. Então você pode ver que grande parte dos terreiros ainda não tem nome" (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018, p. 8).

De fato, essa prática de não regularização dos Centros aliada ao contexto de intolerância contra as religiões afrobrasileiras fez com que muitas iniciativas umbandistas seguissem na clandestinidade e muitos dirigentes de Umbanda

‘tocassem suas giras’ discretamente, sem fazer propaganda e sem exibição pública da fachada de suas instituições.

Além disso, Amâncio era policial militar e foi delegado em várias cidades, inclusive Lagolândia com quem teve uma grande amizade com Santa Dica que se tornou sua comadre.

O namoro, o noivado e o casamento se deram em dois meses. Ela tinha 18 anos e ele 45 anos e nunca havia se casado, pois acreditava que sua profissão era de risco e podia deixar a família abandonada a qualquer momento. O pai se opôs ao casamento e queria matá-lo pois achou que queria se aproveitar da sua filha, muito mais nova em idade do que ele. Já a mãe, por sua vez, adorou a ideia da filha estar em segurança:

Agora, minha filha, eu posso morrer em paz”, porque aí ela sabia que eu não ia ficar sozinha porque o meu pai vivia nas obras aí e ele não ia ficar me levando e aí para ela o casamento para ela era... coitada, a mulher casada era protegida, sabe? Foi criada assim, uns mineiros daqueles antigos, então era bem arraigado mesmo, a mulher casou está protegida. Então para ela... E eu casei dia dez de fevereiro, dia nove de maio ela desencarnou (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018, p. 15).

Nesta ocasião Amâncio já estava reformado por problemas de saúde, pois tinha doenças pulmonares e do coração. A junta médica do estado deu seis meses para ele morrer, mas ele contrariando os laudos médicos viveu mais 38 anos depois desse relatório.

Seu casamento se deu num único dia. Às 13hs casou-se no cartório de Campinas e às 19hs na paróquia católica da Vila União com o padre Alberto que celebrou o casamento numa missa e era frequentador assíduo no Centro de Umbanda. Às 21hs estava no Centro de Umbanda, onde Hermano Pereira de Lima, que era um dos dirigentes junto com Amâncio no Centro, fez o casamento. Tiveram um único filho, o Henrique, e adotaram uma menina que era afilhada de Amâncio.

Uma das condições impostas por Tereza para o casamento foi continuar estudando. Assim, depois de casada fez faculdade de enfermagem, mas nunca conseguiu emprego na profissão:

Você sabe por quê? Foi mais para cuidar do filho, e parte espiritual não dava tempo. E naquele tempo uma enfermeira chefe não era fácil. Você arrumar hospital aqui em Goiânia não, só quando morria um, não é igual hoje que tem várias enfermeiras de curso superior em um hospital, naquele tempo não era assim. Eram pouquíssimas. A vaga era pouca (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018, p. 17).

Recebeu uma oferta para ir para o Rio de Janeiro trabalhar na ala de ginecologia do hospital Bonsucesso, mas recusou por causa da família, da distância e da religião:

Mas também não me causou sofrimento não, porque eu já tinha noção e consciência de que eu já tinha preparado, já tinha feito as minhas alianças com orixás. Então estou tudo dentro do segmento de Umbanda, já era coroada mãe de santo, quer dizer, mãe de santo é relativo, é diretora espiritual que é o nome correto da Umbanda. Pai de santo é Candomblé (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018, p. 18).

Assim, Tereza completa este ano 50 anos de direção espiritual na direção de um Centro de Umbanda.

O trabalho na direção de um Centro de Umbanda não é fácil. Estão disponíveis 24 horas para a comunidade, todos os dias, sem direito a descanso, férias, remuneração, segurança, muitas sacrificando o tempo que podia estar com a família ou no lazer para estar cuidando e dando atenção a outras pessoas que estão necessitadas:

Porque aqui não se tira férias. Primeiro de janeiro a 31 de dezembro. Porque como é que eu falo para um Orixá ou para os mensageiros “Olha, vocês ficam aí e eu vou tirar 30 dias, depois eu volto, aí eu chamo vocês de volta?”, se eu tivesse esse poder eu ganhava na Sena, minha filha, toda semana sem jogar, porque eu não jogo? (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018, p. 19).

Mas todas elas encaram essa opção de vida como uma missão designada pelo mundo divino para elas cumprirem aqui na Terra por que: “eles que governam, eles é que me aceitam, não sou eu que aceito eles, porque o dia que ele não me quiser mais como, eles põem outro no meu lugar” (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018, p.19). E é a essa obediência que elas creditam o sucesso de suas casas de Umbanda.

Dona Alvina a esse respeito deseja que após a sua morte seu Centro de Umbanda seja fechado, pois não quer que ninguém fique mantendo os trabalhos que ela assumiu desde a década de 60:

Eu sou assim: eu sou da minha casa de oração, prá dentro da minha casa. Nunca arrumei minha mala prá passear, falar assim: “Eu vou fechar a porta do meu Centro, que eu tô arrumando prá passear.” Nunca fiz isso, entendeu? E não pretendo também dar minha casa de oração prá fio meu a hora que eu faltar. Você entendeu? Vou **[fechar]**, porque isso é uma vida muito cobrada, entendeu? Você faz o que faz, e acaba daí você ainda não é bem...(DEPOIMENTO DE ALVINA, 2108, p. 4).



Sua fala se refere a ingratidão que sente receber por parte dos próprios umbandistas, pois ela desenvolveu muitos médiuns que hoje tem seus próprios Centros de Umbanda, mas estes mesmos médiuns vivem se queixando e reclamando dela, nunca estão satisfeitos com o que receberam. De fato, dona Alvina vai elencando as pessoas em sua memória que passaram na casa dela: O Arantes, conhecido com pai Zulu que tocou a Tenda de Umbanda São Miguel Arcanjo na Vila Isaura, junto com sua esposa Carmelita; a Maria Baixinha que fez o Centro Espírita Caboclo Iguaçu; a dona Firmina; o mestre André; a dona Cileusa; a dona Alice; o Pai Kenio; a mãe Isa... e ela segue atualmente com muitos médiuns na sua casa: “Eu tenho amor pelos médium, assim, como se fosse meus filhos” (DEPOIMENTO DE ALVINA, 2018, p. 6).

O cansaço de dona Alvina é visível. Ela está com 83 anos, 60 deles dedicado á religião. Ela chegou a Goiânia em 1960, vindo de Orizona, no interior do estado e se fixou no Setor Pedro Ludovico onde morava uma de suas irmãs. Era filha de roceiros e não pode estudar, porque o pai a proibiu:

Meu pai era preto, minha mãe era loira. Você sabe como é que é. Nós fomo criado no mato mesmo, no serviço. Meu pai não deixava as fia muié estudar. Não deixou, não podia estudar, porque se estudasse virava muié de vida livre. Você entendeu? (DEPOIMENTO DE ALVINA, 2018, p.1).

Seu irmão, Manoel Pedro, tinha o Centro Espirita Caboclo Pena Branca no Parque Amazonas e foi lá que ela teve contato com a Umbanda e desenvolveu sua mediunidade.



Figura 97: Foto de Manoel Pedro existente no altar do Centro de Umbanda de dona Alvina. Acervo do Centro Espírita Caboclo Pena Branca

Na sua morte, ela herdou a casa como um compromisso estabelecido no leito de morte do irmão: “Não deixa fechar minha casa de oração.”(DEPOIMENTO DE ALVINA, 2018, p. 3). Dona Alvina analisa a cidade de Goiânia pelo passado e pela experiência religiosa que teve, observando a conduta das pessoas e resumindo:

Era bom, você tinha pessoas de fé, você tinha pessoas mais... é... mais constante. É... Não tinha tantos problemas, você entendeu? Eu acho assim, é a minha maneira de pensar. Que você não via fofoca dentro do Centro. Ele era rígido, o meu irmão. Meu irmão, ele era um rapaz muito... muito assim, severo, sabe? (DEPOIMENTO DE ALVINA, 2018, p. 2).

Do Setor Pedro, ela foi para a Vila Rosa e somente com a morte do marido, que também era policial militar como o irmão e que vai morar em Aparecida de Goiânia. Ela mesma comprou o lote e construiu o Centro com a ajuda de um médium da casa que era mestre de obras. Ela teve seis filhos e narra que seu esposo não gostava da religião no começo da vida conjugal, mas depois se acostumou. Apesar de todas as vicissitudes pelas quais passou, ela é apaixonada pela religião:

Eu gosto da Umbanda e eu vivo pela Umbanda. É bom. E na minha maneira eu acho bom, sabe? Porque na minha maneira eu gosto assim: eu gosto de benzer, eu gosto de dar conselho, eu gosto de unir as pessoas (DEPOIMENTO DE ALVINA, 2018, p. 7).

Outra mulher apaixonada pela religião é dona Uiara: “Eu to feliz com minha missão. Sou feliz mesmo. Só deu ter saúde através desses guias, precisa de mais alguma coisa?” (DEPOIMENTO DE UIARA, 2018, p.19). Ela tem a mesma idade que dona Alvina, mas começou na Umbanda um pouco mais velha. Ela, também, nasceu na roça, no povoado de Barreiros, na cidade de Araxá, Minas Gerais. Aos dez anos veio para a cidade para estudar. Fez até a quarta série e com 15 anos veio para Goiânia, onde morou com uma irmã mais velha na Rua 72. Depois disso foi ser porteira em escola estadual. Ficou 35 anos trabalhando como vigia em escola até se aposentar. O marido era mecânico e foi ele que em 1977 convidou-a para uma sessão de Umbanda na casa de um amigo na Rua Ipameri, em Campinas. Lá conheceu ‘os Pretos-velhos e os Exus’. Depois de um ano querendo intensificar a prática religiosa, o marido a incentivou a abrir um terreiro, E assim, ela foi e abriu um Centro, na Rua José Bonifácio, em Campinas, onde morava com o marido e os filhos. Foi lá que os guias a aconselharam a ter um barracão próprio para esse trabalho religioso, separado do espaço de moradia. Ela conta a dificuldade de alugar um imóvel para essa finalidade no início dos anos 80:

É, aí eu então vou alugar um... aluguei um barracãozinho, um cômodo na Cidade Jardim, eu morava em Campinas e ali, ali a mulher: “aqui cê pode fazer seus trabalho tem nada não”... Quando fala prá fazer trabalho, ninguém quer saber de aluguel, alugar prá ninguém não, viu? É preconceito (Entrevista dona Uiara, 2018, p. 2).

A esse respeito, Conceição teve a mesma experiência, mais recentemente no ano de 2015, portanto 35 anos depois, quando foi procurar casa para alugar para abrir seu Centro de Umbanda:

Aí eu fiquei, rodava Jardim América, Bueno, Coimbra. Ninguém, quando falava que era pra montar um Centro, não queriam, ainda mais de Umbanda, nossa... O preconceito é muito grande (ênfase em muito), muito grande. Se você... De 10 que aceitam o Centro Espírita, um só aceita a Umbanda (DEPOIMENTO DE CONCEIÇÃO, 2017, p.6).

Em 1983, dona Uiara conseguiu comprar com o marido um lote e ergueu um barracão para o Templo de Umbanda Ogum Iara, na Vila Boa, onde está até hoje.

O marido nunca foi médium de incorporação, mas:

Ele era bruxo. Não, ele mandava eu fazer. Ele agachava lá no Centro: “Uiara faz isso, isso e isso pro fulano de tal aí”, eu fazia, aí as pessoa melhorava só deu fazer assim mesmo, a pessoa melhorava (DEPOIMENTO DE UIARA, 2018,p. 4).

Ela recebe uma entidade médica, o doutor José Ferreira da Rocha que já curou, segundo ela, três homens com HIV.

Mantém a organização do Centro e os rituais de sua Umbanda no mesmo ritmo que aprendeu:

A minha Umbanda desde que eu comecei é uma coisa só, mas os outros terreiros eu não sei, porque eu larguei de ir, eu ia demais nos outros terreiros...Ah... tem terreiro que cê dá até descrença... descrença, descrença, meu Deus do céu, ver os guia comendo, aqui os guia não come nem nada. Cê vai no terreiro, eles dá farofa pros Exu. Os Exu come? Como se tivesse... tudo errado. Deus me livre, Nossa Senhora (DEPOIMENTO DE UIARA, 2018, p. 4).

Em sua narrativa, analisa a diferença entre seu conhecimento e o praticado no Candomblé, onde se costuma oferecer alimentos e aguardentes para os exus.

Romilda nasceu em Buriti Alegre e veio com a família para Goiânia. Sua irmã desde pequena apresentava fenômenos paranormais, tinha desmaios, seu corpo se enchia de rugas e feridas. Era levada cerca de duas vezes no mesmo dia ao hospital. Como os médicos não a curavam, Romilda e mãe procuraram um médium muito famoso no Setor Urias Magalhaes que tinha uma fama de curador e grande vidente, Paulo Onofre de Melo<sup>128</sup>: “Seu Paulo era um pai de santo assim, que tudo que você perguntava para ele, ele tinha a resposta na ponta da língua prá te dar” (DEPOIMENTO DE SUELI, 2018, p.).

---

<sup>128</sup> No início da década de 60, no setor Urias Magalhães foi criado o Centro Espirita Amor e Fraternidade por Paulo Onofre de Melo. Sabe-se pouca coisa dele. Provavelmente é migrante do nordeste e tinha grandes habilidades paranormais, o que o fez ficar famoso em Goiânia. Era um pai de santo que conseguiu reunir muitos médiuns em sua casa pela disciplina e rigorismo de seus métodos. Por exemplo: ele tinha um ritual de fechamento de corpo com punhal quente em brasa que marcava mãos, pés, ombros e tórax dos corpos dos médiuns quando estes estavam incorporados. Eles testemunhavam depois que com o ‘corpo fechado’ ficavam imunes a qualquer perigo de doença ou ameaça de morte. Os médiuns usavam roupas coloridas em determinados rituais, com estilos bastante incomuns quando comparados com outras casas. Era um pai de santo que jogava búzios e cobrava pelo serviço de consulta e de ‘trabalhos’ que fossem encomendados para que ele fizesse. Como era muito competente no que fazia, gozou de boa fama, era muito procurado e tinha condições financeiras muito boas. Sua fama se estendeu também como de um homem mulherengo, apesar de ser casado e que gostava de se divertir com mulheres, inclusive médiuns da casa. Foi encontrado morto dentro de um motel com parada cardíaca em 1984, o que fez muitos acreditarem que tinha sido castigo dos céus por ter sido ganancioso demais.



Figura 98: Paulo Onofre de Melo na Sociedade Espírita Cavaleiros de Ogum. Ele está ao centro e dona Romilda no canto direito. Foto de arquivo pessoal

Foi assim que Romilda conheceu aquele que seria seu grande formador e mentor. Nesta época ela já estava casada e com quatro filhos. Um nasceria depois formando cinco filhos do casal. Seu marido João, trabalhava com garagens guardando e consertando carros. Como a situação financeira era muito precária, ela chamou a prima Sueli que tinha na época 15 anos para cuidar de seus filhos e foi trabalhar no Parque Novo Mundo. Nesta época ela abria a casa dela como pensionato para hospedagens temporárias para policiais, técnicos e estudantes que necessitassem de pernoite.

Ao mesmo tempo começou a frequentar o Centro Espírita Amor e Fraternidade na década de 70 e desenvolver-se religiosamente na casa. Como tinha muita facilidade em aprender os rituais do Centro, seus fundamentos e a tradição, logo se tornou mãe de santo da casa<sup>129</sup>.

Paulo Onofre, cujo orixá regente era Ogum, reunia semanalmente os médiuns para desenvolvimento e acompanhava individualmente cada um deles, lhes

<sup>129</sup> Paulo Onofre mantinha uma hierarquia na casa. Na medida em que os médiuns iam avançando no conhecimento e nas práticas podiam receber títulos como mãe pequena, pai pequeno, pai de santo, mãe de santo, dentre outros.

orientando a respeito de seus orixás, com seus correspondentes banhos, cores, roupas, guias e oferendas. Tinha como método de desenvolvimento a roda de gira, com todos de branco, que foi muito tradicional em Goiânia, e ensinava-os a fazer os correspondentes trabalhos de magias e desmanche de feitiços. Nas giras todos deviam saber os pontos de cor e admitia atabaque em seu Centro. Também fazia trabalhos nas cachoeiras, matas e rios. No final de ano reunia os médiuns para fazer os 'barcos' e despachar para Iemanjá.



Figura 99: Umbandistas reunidos na cachoeira para obrigação na década de 70.  
Foto de arquivo pessoal

A sede do Urias Magalhães foi transferida para o Jardim Balneário Meia Ponte e depois para o Setor Fama, na Rua Bernardo Sayão, a mesma rua onde se compraria o terreno para a construção da sede da Federação. Neste terreno foi feito um acordo entre a FUEGO e Paulo Onofre na década de 80, concedendo parte do terreno para que ele construísse um barracão e pudesse tocar o Centro de Umbanda, e em troca ele cuidaria do terreno e da Federação. E assim foi feito. Foi nesta época que criou que a Sociedade Espírita Cavaleiro de Ogum, onde todos os médiuns passaram a ser sócios beneficentes da Sociedade e deviam contribuir com mensalidades.

Tudo Romilda aprendera com ele, de modo que em 1984, quando ele faleceu, o Centro ficou na sua direção por ser a sucessora dele como mãe de santo:

A Romilda era a única que tinha um desenvolvimento melhor, tinha mais consciência, tinha mais amor pela religião, ia de uma mediunidade muito grande, que atendia todos os casos. Tanto na fé quanto no conhecimento,

como na parte de conselho, na parte de benzer e tudo. Era uma mãe. O espírito dela, a essência dela era como já uma mãe espiritual dentro daquele corpo material (DEPOIMENTO DE TOM, 2017, p.5).

Everton, apelidado Tom, por sua vez, chegou de Tocantins, também em 1984 e veio para trabalhar e morar com sua madrinha que, por coincidência era vizinha de Romilda. Assim que Tom a conheceu se apaixonou por ela:

Quando eu cheguei aqui, me encantei com ela à primeira vista. Era casada, tinha o espírito dela, tinha tudo. Me encantei por ela, fiquei doido. Uma senhora baixinha, desse tamanho, eu fiquei doido. E ela era casada. Logo, logo acompanhei ela no Centro. Ela estava tomando conta do Centro já (DEPOIMENTO DE TOM, 2017, p.6).

Para Tom a Umbanda era novidade e o romance também. Ele tinha na época 19 anos e vinha de tradição católica. Logo ele se envolveu com a religião. Como não era médium de incorporação, ele logo passou a dominar os aspectos administrativos do Centro, dar palestras e ajudar no desenvolvimento dos médiuns. De fato, em 1985 ele criou um estatuto e registrou o agora Centro Espírita Cavaleiros de Ogum, e Romilda ficou como presidente vitalícia.

Sua motivação inicial não era a espiritualidade, mas acompanhar Romilda a todo o momento. Logo nasceu afeição mútua entre eles com bastante sintonia. Diferente do marido dela que nunca a apoiou ou a acompanhou nas suas tarefas religiosas, Tom estava o tempo todo presente. Um ano depois, eles oficializam para o Centro o romance e resolvem tomar uma atitude. Em sua narrativa ele conta que depois que passou a primeira noite com ela, lhe disse:

Você não pode mais, porque se ficarmos um com o outro é adultério. E eu não sou, porque estou na idade de 19 anos e eu não vou cometer adultério e passar por cima disso aí. Aí, relatamos. Foi um pandemônio danado. Eu fui na casa dela, na casa do marido dela, lá e eu peguei, carreguei ela lá. Ela largou tudo para trás, deixou tudo para trás. Deixou os filhos, deixou tudo (DEPOIMENTO DE TOM, 2017, p.7).

Romilda abandonou o marido e os filhos para viver sua grande paixão. Nesta época havia apenas seis anos que havia sido promulgado a lei do divórcio no Brasil.

A Umbanda nunca teve doutrinas morais a respeito de casamento, e tampouco existe o conceito de pecado e culpa na religião umbandista, mas pode-se imaginar o que Romilda enfrentou na sociedade pela reação dos médiuns do Centro:

Quando foi relatado esse relacionamento, quando se tornou público meu e dela, houve uma comoção, um abalo muito grande. A gente descobriu umas

falsidades das pessoas. Aí, perdemos muitos médiuns, muitas meninas, muitas pessoas não aceitaram (DEPOIMENTO DE TOM, 2017, p.7).

Deste dia em diante foram morar juntos. Na época ele tinha 20 anos e Romilda tinha 43 anos. Viveram por dez anos juntos, trabalhando no Centro e na federação, até que Romilda começou a ter problemas de saúde.

Foi nesta mesma época que a Federação propôs ao casal que trocasse o local onde estava estabelecido o Centro de Umbanda de Romilda, na sede da federação, por um terreno no Jardim Jabaquara que estava sendo loteado. A Federação tinha ganhado um terreno lá e queria fazer a troca. Tom não queria, mas Romilda gostou da ideia. Desta forma, o Centro de Umbanda foi transferido da Fama para o Jardim Guanabara II. Na época estavam se fazendo os loteamentos e ainda não tinha toda a infraestrutura necessária para a satisfação de necessidades dos moradores. O Centro de Umbanda se tornou uma referência para a população local:

Aqui é um Setor que tinha muita gente de grande pobreza. A gente trabalhava com cestas básicas, a gente recebia do governo - a Cavaleiro de Ogum recebia - cestas para a federação. O governo dava para a federação e a gente cadastrou 20 famílias que recebiam essas doações. Então, tinha muita gente que vinha aqui (DEPOIMENTO DE TOM, 2017, p.7).

Além disso, Romilda tinha a mesma prática de outras lideranças religiosas na Umbanda. Ela se dedicava tempo integral para atender as pessoas, escutá-las e na medida do possível trazer soluções para seus problemas, e lhes oferecer assistência, o que fez as pessoas terem acesso ao Centro de Umbanda:

Nunca permitimos cobrar, nunca cobra. O trabalho é gratuito, a filosofia: deu de graça, recebeu de graça e deu de graça. Igual muitos por aí que cobram trabalho, parte, essas coisas. Cavaleiro de Ogum nem sempre. Tanto é que é entidade civil de caráter religioso, filantrópico, científico e esotérico sem fins lucrativos. Não existe... nem nós... Ou é do nosso esforço pagando as mensalidades, ou o estatuto meu agora me dá direito de pleitear do governo, donativos, cestas, qualquer coisa para benefício e comodidade da comunidade. Eu não mexi ainda não, mas a gente consegue angariar recursos para ajudar. Aqui no Guanabara não tem muito mais essa pobreza de antes. Na época, tinha. Distribuí cestas, roupas, alimentos. Todo lugar procurava uma ajuda e encontrava. A Romilda recebia a todos, ajudava todos (DEPOIMENTO DE TOM, 2017, p.7).

Romilda promovia, também, festas religiosas como a festa a São Cosme e São Damião, a São Pedro e isso reunia as pessoas do bairro. Tom diz a esse respeito:

Ela era uma pessoa alegre, uma mão de fada na cozinha. Fazia uma comida para o santo que cheirava a quilômetros, vinha gente de longe para



comer um peixe que ela fazia para São Pedro. Era devota demais na Umbanda, era devota a alguns santos, que representam o Orixá da Umbanda, sabe? Era São Pedro, São Jorge. Nas festas de São Pedro, ela fazia um peixe, um dourado que muita gente nessa festa fazia fila para comer esse peixe com pão (DEPOIMENTO DE TOM, 2017, p.7).

Alguns anos depois Romilda adoeceu. Inicialmente veio o diagnóstico de diabetes e com ela uma retinopatia diabética que a deixou cega de um olho. Na época conseguiu um tratamento novo que estava chegando a Goiânia, a laser, e conseguiu salvar o olho. Curada disso, alguns meses mais tarde ela teve um infarto. Ela ficou sete dias infartada e necessitou colocar um *stent* cardíaco. Mais tarde veio a insuficiência renal. Ficou quatro anos fazendo hemodiálise, o que era uma luta cotidiana:

Lá na clínica de renal, doutor Raimundo lá do Incor. Foram quatro anos, terça, quinta e sábado. Quatro horas. A gente saía daqui 11 horas, pegava o Ônibus e ficava lá até quatro horas, saía de novo. Passou por um processo complicado de restrições, de sensação de gosto, de desejo, porque não podia comer, não podia beber certas coisas. Tinha médico para tudo. Quando não estava terça, quinta e sábado, nós estávamos segunda, quarta e sexta de manhã no nefrologista, angiologista, cardiologista, oftalmologista (DEPOIMENTO DE TOM, 2017, p.7).

Mesmo com todo esse quadro, ela nunca deixou de trabalhar no Centro de Umbanda:

A gente começou a ir lá para fazer a hemodiálise. Quatro vezes, três vezes por semana. Terça, quinta e sábado. Segunda, quarta e sexta, a gente estava no Centro trabalhando. E ela sempre alegre, feliz, satisfeita, nunca falou nada, de jeito nenhum. Nunca brigou, nunca reclamou, nunca... mudou nada (DEPOIMENTO DE TOM, 2017, p.7).



Figura 100: Romilda e Tom junto na vida e na umbanda. Acervo da FUCEGO

A história de Romilda e Tom ultrapassou as convenções sociais. Ela na sua liberdade tomou as atitudes que achou melhor para viver sua vida afetiva e foi em busca de um companheiro que a acompanhou em sua trajetória de vida religiosa. Romilda morreu em 2004. Depois disso, Tom se desfez dos objetos do Centro e ele foi fechado, mantido apenas a instituição jurídica. Em 2012, o espaço do Centro foi reaberto por um irmão de santo de Romilda, o médium Henrique que reabriu o Centro e está hoje revitalizando nele a religião.

### 3.3. DA ESCRAVIDÃO À LIBERDADE NA RELIGIÃO: AS SENHORAS DOS CENTROS DE UMBANDA

Então a gente tem a missão. Ele deixou a missão assim: da gente cumprir, ver essas forças espiritualmente, porque não é eu só, tem muita gente né? Então muitos não entende bem  
(Dona Roxa)

Três mulheres negras, três meninas que tiveram trajetórias diferentes e não se conheciam. As mulheres negras no Brasil, bem como todos os

afrodescendentes<sup>130</sup> vivenciaram realidades diferentes de homens negros e mulheres negras de outros países, pois:

Devido as diferentes formações sociais, ser negro ou “não-branco” no Brasil, nos EUA, nos países da Europa, na África do Sul e em Angola são experiências vivenciadas de maneiras distintas não apenas por conta das óbvias diferenças políticas econômicas e culturais, mas sobretudo pelas diferenças entre o significado social de ser negro e ser branco resultantes de diferentes mecanismos político-jurídicos de racialização-cor da pele, nacionalidade, religião... (ALMEIDA, 2018, p. 62).

Soma-se a isso a classe social em que estavam inseridas, que lhes forneceram as condições possíveis para a sobrevivência econômica e a vivência social. Atualmente as estatísticas apontam que as mulheres negras estão na categoria mais baixa da pirâmide social e em Goiânia não foi diferente:

As mulheres negras compõe a base da sociedade, estando abaixo da mulher branca, do homem negro e do homem branco, enfrentando assim opressões que partem desses outros grupos. “O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas.” (CARNEIRO, 2003, p.3). Segundo dados do IPEA (2011 apud Silva 2013, p.115), no ano de 2009 13,4 % das mulheres negras viviam em uma situação de extrema pobreza, enquanto apenas 5,5% de mulheres brancas estavam na mesma situação (ASSIS, 2018,p.2).

As mulheres negras constitui um quarto da população brasileira. Em 2009 elas eram quase 50 milhões de mulheres em uma população total que, naquele ano, apontava para 191,7 milhões de brasileiros.

Trata-se, aqui, de mulheres negras que construíram histórias singulares de resistência, persistência e identidade, mesmo frente à violência de um projeto branco dominante e modernizador da sociedade goianiense<sup>131</sup>.

<sup>130</sup> Quando se menciona categoria ‘negra’, refere-se ao conjunto de mulheres que se declaram pretas ou pardas no censo do IBGE.

<sup>131</sup> Ser branco ou ser negro são construções sociais. (ALMEIDA, 2018, p.60). Nas sociedades de diáspora africana o racismo se desenvolveu estabelecendo o que alguns autores definiram como “linha de cor”, isto é, debaixo da ideia de racismo criou-se uma separação, uma segregação feita a partir da cor da pele das pessoas. Isso permitiu aos mais claros ocuparem posições superiores na hierarquia social, enquanto os mais escuros foram mantidos nas posições inferiores, independentemente de sua condição (ou seus privilégios) de gênero. (GELEDES, 2016, p. 12)



Figura 101: Maria Baiana com as mulheres negras no Encontro Estadual de Mulheres Negras de Goiás na Vila Cultural Cora Coralina em novembro de 2018. Disponível em: [mhttps://www.facebook.com/enmulheresnegrasgoias/photos/a.2203072583266870/2211670229073772/?type=3&theater](https://www.facebook.com/enmulheresnegrasgoias/photos/a.2203072583266870/2211670229073772/?type=3&theater) Acesso em 18 set.2019

### 3.3.1. “Virei mãe de leite do barracão”: a Rainha de Alto Paraíso

Vem mais aquela história, que acha que o negro, por ser negro, porque ele veio lá... ele é burro, é pobre e ignorante. Eu ouvi isso demais...  
(Maria Baiana)

Maria Mendes, chamada na família de Zinha, nasceu em 1948 num daqueles pequenos lugarejos que foi inundado com a hidrelétrica de Furnas na década de 60. Sua mãe, dona Joana, era indígena da nação Avá-Canoeiros do tronco linguístico Tupi-guarani e morava junto com seu povo em Muquém, distrito de Niquelândia. O pai viera de um povoado chamado Engenho Velho, no município de Angical, na Bahia e passando pelo Goiás, quando tinha 19 anos levou a menina de 14 anos

consigo: “ meu pai foi que levou ela para conhecer o mundo, meu pai catou ela da tribo, novinha, fugiu com ela” (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.2). Assim passaram a viver juntos e se estabeleceram numa região de Furnas, perto de Itumbiara, na divisa do rio Paranaíba, que divide o estado de Minas e Goiás. Com a construção do Sistema Brasileiro de Furnas, seu lugarejo foi alagado e permanece debaixo das águas.

A avó paterna era ‘dona de terreiro’ e profetizou que sua primeira neta seria sua herdeira na espiritualidade. O pai cresceu dentro do terreiro e por isso trouxe consigo seu conhecimento das garrafadas. Já a mãe, mantinha-se afastada da tradição sócio- religiosa do marido.

Maria Mendes analisa que sua história começa com a tragédia de seu nascimento: “a minha história, minha tragédia de nascimento já se deu com a Umbanda já, antes de meu nascimento” (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.1). Ela conta que quando a mãe engravidou o médico por engano diagnosticou uma ulcera no estômago e propôs tratamento com cirurgia. Enquanto se preparava para tal ato, e tomando os remédios prescritos, ela teve um sonho no qual aparecia um médico dizendo para que não fizesse a cirurgia e que ela deveria tomar um remédio de laboratório chamado *gravetina*, pois ela estava com “mal de nove meses”. De fato, o marido foi na farmácia e comprou o remédio, e sabendo da gravidez fez uma garrafada de remédios para ela tomar e foi assim que a gravidez pode prosseguir.

Mesmo assim ela nasceu pré-termo, o que a impossibilitava de sucção do leite materno e por isso chorava muito. Acabou ficando desnutrida e muito sensível o que fez o pai um dia tomar a atitude de levar a criança no Centro Espirita em Itumbiara. Era um Centro Kardecista e a criança foi posta em cima da mesa de trabalhos espirituais e lá ela foi batizada e confirmada sua herança espiritual de família:

Aí eles pegaram e falaram que eu tava trazendo uma missão muito grande porque da família de meu pai, eu era a primeira filha neta mulher e eu estava recebendo... eu recebi a herança umbandista... eu tinha recebido a herança espiritual da família de meu pai (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.1).

Em 1956 seu pai foi assassinado, como tantos garimpeiros, numa briga de bar por uma pequena pepita de ouro que havia garimpado. O fato mudaria a vida da

menina que foi deixada pela mãe aos cuidados do padrinho na cidade de Itumbiara, o qual a colocou para viver no Colégio Diocesano, um internato para meninas dirigido pelas irmãs do Sagrado Coração de Jesus. Lá, com oito anos de idade, experimentou o trabalho infantil como forma de pagamento pelos seus estudos:

E eu trabalhava, eu trabalhava para poder ganhar o estudo, eu trabalhava lá pra ganhar o estudo. Limpava... Ajudava na cozinha, eu fazia de tudo lá para poder ganhar o estudo (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017,p. 5).

Aqui se verifica a diferenciação da menina pobre negra das outras crianças que não precisavam trabalhar. Essa prática foi muito comum em conventos e internatos nesta época.

Foi lá que começou suas manifestações mediúnicas. Depois que passou pelo Hospital Psiquiátrico Dr. Aduino Botelho e retornou para casa, iniciou-se as fases dos pesadelos e do medo e ao mesmo tempo continuou seus estudos no colégio da cidade.

Tinha doze anos quando a mãe foi acometida de doenças do aparelho respiratório e por isso teve que se mudar com sua família para Goiânia, vindo a morar com um compadre da família. Após a primeira manifestação de incorporação, passou a participar do Centro Espírita Pai João de Minas. Além da manifestação da Preta-velha, também apareceu uma cigana. Ela foi uma das primeiras mulheres a manifestar uma entidade cigana na capital.

Maria baiana foi, assim, iniciada na Umbanda por Divino Eustáquio, que era de Brasília, mas tinha seu Centro na Fama. Ele era filho de João Chapéu de Couro, da Bahia. Depois trabalhou com o Pai Roberto que foi feito na África porque ele era da Cruz vermelha e foi lá no continente fazer um trabalho voluntário e voltou de lá iniciado na religião. O Pai Roberto administrou a casa junto com Divino Eustáquio até que com a morte do Divino o imóvel foi vendido.

Em 1966, com 18 anos, ela abandonou o Centro Espírita para conviver com um homem, pois o mesmo não a aceitava com a religião umbandista. Foi uma relação conturbada, pois ela desejava muito essa convivência, ao passo que ele não manifestava essa mesma vontade. Teve dois filhos e se separou porque ele bebia muito e mantinha relações com outras mulheres, fazendo com que ela se sentisse muito desrespeitada:

Ele não aceitava, ele me colocou entre a cruz e a espada, né? Ou ele ou a religião. Ele largou de mim de novo, nós largamos e ele foi embora voltei para casa da minha mãe com um neném no braço e outro no bucho (Depoimento de Maria Baiana, 2017, p.12).

Mas depois retornou com ele na esperança de poder manter esse relacionamento. Teve mais um filho e a violência psicológica aumentou. Ela tinha que tomar uma decisão difícil que exigia dela uma maturidade emocional. Parecia que tudo estava muito ruim e ela tinha que resolver o problema. Ela aos poucos passou a se sentir mal fisicamente, e desanimada emocionalmente. Além disso, o filho mais velho incorporou com três anos de idade, e ela interpretou o fato como uma provação que exigia dela resistência diante da incapacidade de decisão e da revolta que estava sentindo pelo fracasso do casamento e o peso dos filhos na juventude. Acabou retornando para a religião: “Aí começou tudo de novo, a peregrinação, as perturbação voltou tudo de novo. Aí eu fui obrigada a caçar outro Centro” (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p 13).

Assim, retornou à prática religiosa, pois desta forma se sentia melhor e talvez mais valorizada: “Aí eu fui até...voltei de novo pro Centro. Eu ficava bem, ficava bem. Quando eu voltava, eu ficava bem” (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017,p 13).

Maria Mendes encontrou conforto na religião. De fato a Umbanda é uma religião, como toda outra expressão religiosa, consoladora. Ela encontrou apoio e carinho nos ‘braços’ de suas entidades, uma vez que não encontrou nos braços do companheiro. Além disso, ela podia distrair seus pensamentos e se envolver com os problemas dos outros, desviando o foco de si mesma para as outras pessoas. É neste processo terapêutico que ela vai entendendo a importância de estar presente na religião de uma forma mais rotineira, interpretada por ela como ‘sua missão’. Com tudo isso, conseguiu abandonar o marido. Assim, ficou com a responsabilidade de três crianças que passou a cuidar junto com sua mãe. Para isso, Maria se desdobrava no trabalho para cuidar agora dos filhos:

Trabalhando né? Eu fui pra... Eu trabalhava... Como é que fala, eu trabalhava de doméstica, cozinheira... eu era cozinheira, que eu aprendi no convento, eu aprendi a cozinhar, graças a Deus, eu ia muito bem, eu era chamada para trabalhar em casas e fui trabalhar e cuidar. Depois de dois anos, três anos parece, eu não me alembro, eu tava com vinte e dois anos, eu já estava com dois filhos no braço sozinha...com vinte e dois anos e trabalhando em casa de família, né? (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017,p 11).

O campo de trabalho para as mulheres negras traziam o reflexo do tempo da escravidão. Numa sociedade rigidamente dividida em classes, as mulheres negras permaneciam no nível mais baixo da escala social:

As mulheres negras continuavam a assumir os piores tipos de trabalho e a suportar tratamentos desumanos. Conquanto o final da abolição da escravatura no Brasil em 1888, supostamente, propusesse a substituição do serviço não remunerado pelo trabalho assalariado, as condições de trabalho e os tipos de emprego para as mulheres negras das cidades permaneciam basicamente inalterados. Mesmo nos tempos da escravidão, poucos escravizados libertos experimentaram uma mudança marcante nas suas condições materiais em razão da alforria. Depois de 1888, as mulheres negras continuaram a trabalhar como domésticas, cozinheiras, babás, lavadeiras, vendedoras ambulantes e algumas vezes prostitutas. As oportunidades de emprego disponíveis eram as mais reduzidas e de pior remuneração (HAHNER, 2003, p.207).

Foi nesta ocasião, trabalhando em casas de família que ela começou a namorar de novo. Pouco tempo depois eles se casaram civilmente e viveram juntos por 35 anos, quando ele veio a falecer. O novo esposo era maranhense e exercia a profissão de pedreiro. Após o casamento, foram morar no estado do Maranhão, na cidade de São Luís, num bairro chamado Quebra Pote e foi lá que ela teve oportunidade de participar de um terreiro de Tambor de Mina<sup>132</sup>. Nesta tradição ela presenciou uma liturgia que acontecia dentro do mato, debaixo das árvores e foi assim que ela aprendeu novos rituais: “Eu fui preparada, inclusive na linha de Minas, na linha de Tambor de Minas, na beira do rio Codozinho” (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p 15). Foi lá que conheceu uma entidade do Terecô maranhense, a linha dos Léguas<sup>133</sup>. Ficou morando em São Luís por três anos (1971-1972) até que engravidou e resolveu voltar para Goiânia: “Aí eu voltei pro braço de minha mãe, pra poder ter o outro filho depois dos três filhos do primeiro marido, eu tive mais quatro com o segundo marido”(DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p 16). E assim o casal cuidou de sete filhos.

<sup>132</sup> Tambor de mina é uma manifestação religiosa de origem jeje que surgiu no Maranhão e se difundiu pelo Pará, Amazonas, Piauí, Rio de Janeiro, São Paulo e outros Estados brasileiros. Ele preserva quatro grupos de entidades espirituais na sua tradição: os voduns e orixás; os gentis ou fidalgos; os Caboclos e os tobossis e as princesas. (FERRETTI, 1991, pp.1-2)

<sup>133</sup> O Terecô também nasceu no Maranhão. É uma manifestação de origem banto-angolana que se sincretizou com o Tambor de Mina. Entre suas diversas entidades espirituais há uma família de Caboclos chamada de Léguas Boji Boá da Trindade. Trata-se de entidades que se tornaram muito populares e foram migrando pelo Brasil. Alguns relatos colocam a origem dessa família como da época colonial quando negros escravizados o invocavam porque tinham fama de enganar o senhor para proteger os escravizados de severos castigos (FERRETTI, 2003, pp. 95-108).



Poucos anos depois, o filho mais velho do segundo casamento adoeceu e os tratamentos médicos não funcionavam. A criança piorava a noite, fazendo com que tivesse que correr para o hospital por causa de convulsões. Assim ela tinha que se dividir entre o trabalho de dia e ficar no hospital as noites. Sua mãe lembrou que ela tinha capacidade de curar espiritualmente e que se os remédios da medicina não estavam funcionando, o transcendente poderia curar. Ela realmente por causa do trabalho e da família se encontrava longe da prática religiosa no Centro de Umbanda. Mas, se ela sentia insegurança de fazer isso sozinha, isto não era problema para mãe:

Aí minha mãe fez uma mesinha, um altar, a bendita da mesa (ênfase em mesa) falou que eu ia fazer que eu ia ter a mesa, colocou a mesinha, um altar pra a baiana descer. Aí ela foi fazer um tratamento com ele de sete dias, aí todo dia que abria a mesinha lá, chegava uma visita (risos). Aí: “não... é por que eu fiquei sabendo que o fio, neto da senhora sarou, tá bem com a benção aí, eu trouxe o meu também, orar, benzer, prá cuidar”. Aí é onde tudo iniciou (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p 18).

A vizinhança sabendo da cura do filho começou a pedir que também olhasse pelos seus filhos. A ausência de políticas públicas de saúde que pudessem realmente acompanhar as crianças e suas mães no atendimento à saúde integral e tratamentos de doenças, deixava uma lacuna para que os moradores do bairro encontrassem outras soluções para este problema. E como já era de praxe, recorreu-se ao sagrado. Ela acredita que aí foi que sua ‘missão’ realmente se iniciou. Como tantas outras mulheres na Umbanda, ela começa sua jornada espiritual na sua própria casa. É a religião doméstica, onde se cuida de crianças doentes e de pessoas necessitadas. É impossível para essas mulheres ficarem somente cuidando de si mesmas ou de suas famílias. Assim, se estabelece uma rede de relações dela com os moradores locais, com os moradores do bairro e aos poucos com pessoas de outros bairros ou até mesmo de outras cidades que ficam sabendo que ela tinha uma ‘entidade que curava’. Aos poucos não se tratava mais somente de cura física, mas de resolução de outros problemas, o que a faz incorporar outras entidades como a cigana, a pomba gira, o vaqueiro, etc...

A casa ficou pequena para os atendimentos. O marido alugou um barracão na Vila Abajá, no Setor Campinas, onde um cômodo da casa foi tirado apenas para essa finalidade de atendimentos espirituais. Em 1976, com o peso do aluguel, o casal aceitou a proposta de se tornarem caseiros numa chácara no Setor Bueno. Ela

lá continuou seus atendimentos até que quatro anos depois, em 1980 resolveu oficializar os trabalhos. Nasceu assim a Casa Umbandista Mãe Maria Baiana, registrado em cartório e com uma novidade em Goiânia: foi o primeiro Centro a oferecer a linha de ciganos e a linha dos Léguas.

A casa começou a ter muitos participantes e de bairros diferentes como o Jardim América, a Nova Suíça e o Setor Fama. Ela tinha como vizinhos, na parte de cima do Setor Bueno, pessoas da alta sociedade como a família de Alfredo Nasser<sup>134</sup> que era seu vizinho e outras pessoas que começaram a procurá-la pelos seus serviços espirituais:

Muita gente... eu tive foi uma doutora Denise que trabalhava lá no Setor... Lá no hospital Santa Lúcia, eu tinha... Vinha na minha casa era isso, era médico, era engenheiro... uma pessoa de dentro da minha casa era os dono do Diário da Manhã, na época era cinco de março foi até na época que o Batista Custodio foi preso (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p 21).

A Umbanda não faz acepção de pessoas. Todas são bemvindas no Centro religioso e a todas as entidades dispõem a mesma atenção. O fato de pessoas de um estamento social, considerado superior na sociedade brasileira, frequentarem um Centro de Umbanda administrado por pessoas de classes consideradas inferiores, revela que, apesar dos preconceitos vigentes, existe uma interdependência nessa modalidade religiosa. Este fato traz como consequência o empoderamento de diretores e diretoras espirituais nesta religião, diante de pessoas com ensino superior, científico ou mesmo com uma conta bancária gorda. O fato de médicos procurarem Centros de Umbanda está ligado, por um lado a uma curiosidade de conhecer uma religião tão popular e a outro lado, por presenciarem casos médicos sem solução, que tem verdadeiras reviravoltas a partir desses 'médicos espirituais'. Como ainda é algo pouco pesquisado pela ciência, muitos médicos ou se inclinam para a religião Espírita ou aderem à religião umbandista na tentativa de serem menos incapazes em seus ofícios. Além disso, a maioria procura, também, alívio em seus problemas pessoais, como todas as pessoas o fazem quando buscam a religião.

Assim, Maria Mendes, agora conhecida como Maria Baiana, se dividia entre o trabalho, o cuidado com as famílias e o serviço religioso. Recebia a nata da

---

<sup>134</sup> Jornalista e político goiano que exerceu mandatos de deputado estadual, federal e de senador. Foi ministro da justiça na fase parlamentar de Tancredo Neves em 1961.

sociedade em seu Centro, bem como as pessoas mais modestas advindas do Setor Fama: “os pobres que eu tinha lá em casa, era o pessoal que foi da Fama” (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017,p 21).

Com o passar do tempo se viu numa encruzilhada para deixar o bairro por causa da gentrificação, mas também porque a mentalidade escravocrata se manifestava novamente nas relações com ela:

Eu tinha uma consulente, que morava no fundo da minha casa, na frente da minha casa, mulher do dono do Diário de Manhã, Consuelo Nasa, ela não saía de dentro da minha casa, chegou um ponto, maior dos motivos que a Rainha fala que a maioria das pessoas que iam lá em casa iam para pagar, ela chegou um ponto que ela me considerava uma propriedade dela...Ela ajudava.... a gente tem que falar o que é, né? Ela ajudava demais a cuidar dos meus filhos, mas em compensação que os cachorros dela era lá em casa, era cuidado lá em casa, aquela coisa... E ela ajudava demais a minha família, mas ela tava achando que eu já era propriedade dela: “ amanhã”... Ela ligava e: “amanhã, tal horas o carro tá passando aí e nós vamos viajar para tal lugar...”Não tinha como, eu não podia ir, minha irmã trabalhava no Diário da Manhã também com ela... Você entendeu como que era, o que virava? Minha irmã era funcionária dela e eu era considerada também como funcionária. Aí até que por fim, os espíritos “encrespou”, né? Aí foi quando a Rainha falou: “nós vamos embora daqui, nós vamos embora pra longe e vai trás de nós quem precisar” (Depoimento de Maria Baiana, 2017, p 46).

Maria Baiana se ressentia que apesar de tudo que fazia, a relação entre ricos e pobres, entre brancos e negros se reproduzia da mesma forma como fora na época da escravidão. Apesar de ela ser uma diretora espiritual com seus próprios conhecimentos, ela passa a ser instrumentalizada pela senhora branca rica, o que a faz repensar suas prioridades. Chega mesmo ao ponto de pensar que devia cobrar consultas dessas pessoas que acabavam enxergando nela uma ‘propriedade’ que se pode manipular segundo seus interesses. Essa manipulação acontece de uma forma mansa e branda através do assistencialismo, onde a relação de amizade é forjada com bens materiais, na tentativa de fazer com que elas fiquem dependentes do que oferecem e assim reforce ‘naturalmente’ sua inferioridade. O que torna difícil sair desse ciclo vicioso de subordinação.

Para se empoderar numa sociedade onde o racismo estrutural<sup>135</sup> grassa, ela passou a receber sua entidade de frente, que simplesmente se identificou como 'A Rainha'. Ela não era qualquer pessoa, quando estava no trabalho religioso, ela se tornava a Rainha. Maria Baiana comprou um trono para essa entidade que atendia sentada neste trono e que a acompanha até os dias de hoje em seu Centro. Se para a sociedade vigente, ela era apenas uma mulher negra que podia ser instrumentalizada pelos poderes econômicos e sociais, para a espiritualidade ela era a Rainha e como tal tinha que ser respeitada e reconhecida. No seu Centro, a Rainha reina e diz para Zinha que apesar das tentativas de invisibilização, ela é sua filha querida e protagonista de sua história.

Em 1982, se mudou para o bairro do Alto Paraíso na periferia do município de Aparecida de Goiânia. Ela acredita que foi sua entidade que a levou para lá, pois o dinheiro para a compra do lote veio da doação de um deputado para a Rainha: " Foi a Rainha. Ela que era a dona do dinheiro, foi ela que comprou" (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p 24). Ela pegou o cheque e comprou o lote porque a mesma entidade havia se manifestado dizendo que eles em breve teriam que ir para outro local:

Ela falava assim pra nós ir embora.[...]Ela contou onde que era o lote, ela falou que do lado tinha mata pra atravessar de lá, pra cá, que nós atravessava um córrego e realmente tinha um córrego ali, tinha não, até hoje tem um corregozinho né? Mas antigamente era um córrego bom mesmo. Aí ela explicou tudo, do outro lado tinha um morro, ela explicou tudinho do jeito que era aqui. Aqui tinha água, no nosso lote jorrava água era uma mina, e ela falou: "nós vamos prá cima duma mina, nós vamos construir um congá em cima duma mina" (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p 25).

Assim, quando ela foi expulsa da chácara no Setor Bueno, ela se mudou para Aparecida de Goiânia. Desta forma, as mulheres na Umbanda tomam decisões baseadas em suas intuições, advindas da presença de suas entidades que as acompanham em suas trajetórias, sejam elas fortuitas ou de infortúnios. Elas afirmam que estas mesmas entidades estão sempre perto, acompanhando-as,

---

<sup>135</sup> Para Silvio Almeida a sociedade brasileira tem como elemento integrador da sua organização econômica e política o racismo estrutural. Ele é a manifestação normal de uma sociedade e não é apenas um fenômeno patológico, ou algo 'anormal'. É o racismo que fornece sentido lógico e tecnológico para as formas de desigualdades e violência que moldam a vida social contemporânea. As expressões raciais que se realizam no cotidiano são apenas manifestações desse racismo estrutural que além de um processo formador político e histórico da nação, é também processo da constituição das subjetividades dos indivíduos, que afetados por ele tem suas práticas sociais (ALMEIDA, 2018, pp. 38-48).

cuidando-as e amparando-as nos momentos mais difíceis. Tudo isso faz com que a religião seja uma peça primordial para o empoderamento dessas mulheres no nível individual e social.

Com o passar do tempo, adotou uma menina no dia do nascimento, hoje adolescente, que ela acredita que é a reencarnação de sua mãe por ter trejeitos e gostos que se parecem com a da falecida mãe.



Figura 102: Maria Baiana uma voz entre as mulheres negras. No Espaço Cora Coralina.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=570867520008719&set=t.100005567087599&type=3&theater>. Acesso em 24 de junho de 2019.

Atualmente tenta sobreviver à custa de trabalhos artesanais, pois não conseguiu sua aposentadoria:

E até hoje eu trabalho pra poder dar conta das coisas. Eu faço xuxinha, eu faço tapete, eu faço tudo que se precisar de coisa aí eu faço. Eu faço pra poder manter. Tem meus filhos também que me ajuda muito né? Até o Centro me ajuda, então eu consigo viver assim (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.73).

Dois fatores incidem sobre não ser aposentada. Em primeiro lugar, ela nunca pagou o INSS por falta de informações. É comum essa situação no país, pois muitos

trabalhadoras, principalmente as mais antigas, não foram instruídas sobre esses deveres e tampouco os patrões tinham essa preocupação com seus funcionários<sup>136</sup>.

Nada, que aposentada? Eu nunca fiz o... Eu nunca trabalhei de carteira assinada nem nada. A vida inteira...mas naquela época é a mesma coisa igual eu falo pra você, né? É uma época, que todo mundo era tudo muito rude, né? A gente não tinha instrução nenhuma. Ninguém registrava nem nada, não tenho, eu não tenho aposentadoria, não tenho nada (Depoimento de Maria Baiana, 2017, p.73).

Hahner aponta que os serviços governamentais que fiscalizavam os serviços nas fábricas, indústrias ou comércios, nunca investigavam as condições de trabalho de empregadas domésticas, pois:

Inquirir sobre essas tarefas femininas tradicionais seria visto como invasão de privacidade. Não apenas a elite mas também a imprecisa classe média, incluindo os burocratas, tinham empregadas domésticas. Qualquer investigação no serviço doméstico constituiria uma violação da santidade dos seus lares (HAHNER, 2003, p.218.)

Outro fator é que quando ela tentou se aposentar por idade (na qual ela teria direito) o INSS alegou que ela tinha uma casa no seu nome e na época inclusive tinha um carro usado. Mesmo entrando com processo judicial, ela não conseguiu:

Eu entrei com um processo aí. Aí pegou, foi que falou que não, que eu não tinha direito. Eu tinha bens é, por que não é uma aposentadoria, é um auxílio do governo [...] Você tem que ser uma... como se diz? Um indigente. Eu, vá, né? Eu ser indigente? Tem que ter sete filhos, tudo bem de situação graças a Deus. Eu lutei muito. Tem poucos que tem curso superior, mas todo mundo tem curso técnico, todo mundo tá bem empregado, foi isso o maior problema. (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.73)

Maria Baiana resiste às mentalidades e práticas de uma sociedade que foi na sua formação escravocrata. Em sua opinião, essa sociedade foi idealizada e realizada com a participação da Igreja Católica que demonizou o povo negro:

Eles, eles... idealizou isso. Foi culpa de quem? Da Igreja Católica. Porque quem trouxe essa... essa... rama de demônio, foi a Igreja Católica prá poder pôr temor nos negros. Pra pôr temor nos negros, pros negros não... Eles falavam que o negro tava louvando o diabo. Por quê? Porque se o senhorzinho lá batia no escravizado e tal, eles iam louvar de noite, e no outro dia acontecia um acidente, acontecia alguma coisa com o senhor, aí

<sup>136</sup> Somente em 2015 foi sancionada a lei complementar nº 150, que regulamentou a emenda constitucional nº 72 e que ficou conhecida como a PEC das domésticas. Nesta lei foi estendido à empregada doméstica todos os direitos que gozavam os demais trabalhadores formais no regime da CLT, como registro assinando em carteira de trabalho, salário com base no mínimo nacional ou de acordo com a categoria nos estados, jornada de trabalho de até 44 horas, sendo 8 horas diárias, horas extras ou banco de horas, adicional noturno, intervalos para descanso e alimentação, repouso semanal remunerado, vale transporte, direito de descanso nos feriados nacionais, estaduais ou municipais, 13º salário, férias remuneradas, licença-maternidade, salário família, FGTS, aviso prévio remunerado e seguro desemprego.

era eles... uai, aí a macumba surgiu aí (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p 49).

Realmente, o sistema escravocrata permitiu a existência de crenças que atormentavam o cotidiano dos escravizados, estereotipando os batuques e a macumba, atribuindo aos negros um poder sobrenatural que eles não tinham, mas que trazia subjacente o medo dos senhores de escravizados de rebelião, de serem assassinados, de morrerem de doenças incuráveis. É esse povo que tenta se reconstruir nesse universo multifacetado e plural onde Maria Baiana é uma dessas mulheres.

### 3.3.2. “Uma missão com muitos espinhos”: a pioneira de Senador Canedo

Eu sei que falam de mim, que eu sou macumbeira, pode falar,  
eu só quero ter o Pai ao meu lado, né?  
(Dona Roxa)

Em dia 08 abril de 2016, na sede do Centro de Referência da Assistência Social-CRAS, no Setor central, na cidade de Senador Canedo, realizou-se o 2º encontro de mulheres com o tema: “fortalecimento e empoderamento da mulher: contra a violência e o bem viver” Promovido pela Coordenação Nacional de Entidades Negras-CONEN, por Lucilene Vitorio Rodrigues, coordenadora do Fórum CONEN Centro Oeste, pelos Agentes Pastorais Negros- APNs e Coordenadora do APNs Goiás, pela Comissão da Diversidade da OAB Goiás e pelo Grupo Mulheres da organização Mulheres Negras Dandara no Cerrado, o encontro além das reflexões fez uma homenagem a uma das moradoras mais antigas da cidade: a Dona Roxa: “nossa matriarca, patrimônio histórico e cultural de nossa cidade. Uma cidade que não tem uma Secretaria de Cultura que catalogue e documente toda a contribuição que esta guerreira fez e faz por nossa cultura” (<https://imprensacriativa.wixsite.com/imprensacriativa/mulheres-em-destaque>).

Edelzuita, conhecida como Dona Roxa nasceu em 1934 e é neta de avós que viveram no cativeiro. Sua família, muito pobre, vivia na zona rural de uma cidade do interior chamada Morro do Chapéu no sertão baiano. Ela não sabe muito da origem da família, mas acena para as histórias do tempo da escravidão explicadas pela experiência religiosa:

Minha nação, a família de meu pai... caso mais antigo, morreu quase tudo doido, mas porque naquela época deles, época de cativo, esses povo mais antigo, num tinha aquela, aquela coisa da, da parte espiritual, não sabia, porque antigamente tinha o benzedor, o que eu alcancei era o benzedor, o curador, a pessoa ia lá, benzia, dava um remedinho de folha, que a gente morava na roça mesmo, mais não tinha essa noção de, de dizer a parte espiritual (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018,p.1).

Segundo ela, os antepassados ficaram 'doidos', provavelmente como consequência da escravidão, mas que ela interpreta como interferência do mundo espiritual. A condição de sua família era de muita precariedade, como foi a condição da maioria de homens e mulheres negros após a escravidão. Ela relembra que, quando pequena, ouvia falar dos nagôs que era um povo presente na cidade vizinha, mas que nunca foram lá para verificar:

Tinha em Cachoeira de São Felix, e até hoje tem lá, onde ouvia falar nos Nagô...ah...tem os Nagô, os Nagô véio, mas prá ir lá era difícil. Ninguém ia porque não tinha dinheiro, não tinha nada, não tinha condição, não tinha nada, nem ninguém foi, só que ouvi falar que tinha, né? (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018,p.1).



Figura 103: Dona Roxa participando e sendo homenageada por organizações de mulheres em 2016. Foto disponível em <https://imprensacriativa.wixsite.com/imprensacriativa/mulheres-em-destaque>. Acesso em 25 de set. 2019

Provavelmente Dona Roxa é uma remanescente de uma comunidade quilombola, que necessariamente não quer dizer comunidade de escravizados



foragidos das fazendas, mas de redes criadas pelos ex-escravizados e escravizados no final do século XIX e início do XX que permitiu a sobrevivência e existência dos ex-escravizados<sup>137</sup>.

Ela acredita que suas habilidades religiosas têm origens genéticas: “E eu peguei essa missão, porque já nasci com ela”(DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p.2) pois sua família também passou por situações que na época eram inexplicáveis e sua ascendência tinha os ‘fenômenos mediúnicos’ que se manifestou nela:

E também meus avós, meu povo, da parte do meu pai, meu pai explicou assim... que perdia e que ia morrer no mato, só achava ela pela saia, e os caçador vinha cá e falava pro meu avô ir lá buscar ela, o que restava de mortal, porque já tinha morrido... saía assim prá dentro do mato... Então já tinha uma nação, uma raiz, mas não sabia (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018,p.1).

Desde muito cedo teve que trabalhar ajudando seus pais na roça e nos afazeres de casa. O pai, Francisco, também era clarividente e previa o futuro, mas nunca aceitou sua condição espiritual. Este fato, para ela, seria a causa da doença de coração que acometeu o pai e causou sua morte. Cresceu num ambiente onde havia festas para os orixás. O próprio pai fazia as festas para Ogum e atendia quando era solicitado, apesar de não gostar de fazer isso:

Uma pessoa chegava e falava assim, ele chamava Francisco: “seu Chiquim, eu tô assim, assim, assim”. Ele ficava calado, ficava calado, e a pessoa clamava, falava: “não, vem cá mainha”. A pessoa ia, ele cuidava, a pessoa ficava bão mas ele não gostava. E foi assim, assim que viveu direito... meu pai morreu com 60 anos (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018,p.2).

Suas memórias alcançam a avó, dona Genoveva, que era índia e uma forte liderança na comunidade. Com ela aprendeu o cuidado com as pessoas:

Porque a minha bisavó era muito velhinha, quando eu alcancei ela... aquela saia cumprida, aquela camisas de golinha né? E ela era índia, e aquela era forte. Se você quisesse uma coisa: “ Ó Dona Genoveva eu tô assim, quero assim”, “ó minha fia...é perder qualquer coisa ou sumira”... ficava assim, falava: “não, pode deixar minha fia”...você achava em qualquer lugar (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018,p.24).

<sup>137</sup> Algumas pesquisas tem se debruçado para outra organização, também chamada de quilombo em alguns locais, cujos habitantes seriam remanescentes da comunidade de senzala que existiu em engenhos na Bahia durante a escravidão. No pós-abolição, foi comum a permanência desses ex-cativos e descendentes nestas propriedades ou povoados próximos, o que possibilitou a manutenção dos laços familiares e comunitários. A elas se juntaram outras famílias na busca de sobrevivência comum e laços de socialização a partir de uma rede de solidariedade entre elas (CARMO, 2013).

Nas rodas a noite, em torno da fogueira, ela ia aprendendo a lição dos mais velhos, na contação de histórias e na sabedoria que eles iam cunhando a partir de suas experiências de vida. Ela lembra que a avó:

Cansava de falar que no tempo da...no fim da era, a Igreja...(ah.. Ela não sabia falar muita coisa) que a Igreja Católica, Igreja de Deus ia ser muito pasto pra pouco rastro. A Igreja espírita, a espiritualidade, a missão ia ser cheia [...] cheia de espinho, cheia de espinho, mas feliz aquele que frequentasse e aguentasse as coisas que iria acontecer, as difama que ia ter, a humilhada que ia ter [...] e feliz aquele de quem aguentasse tudo até o fim, e que ia no tempo aparecer muitos falsos, muita cura falsa em nome de Deus. E apareceu os profetas fazendo cura em nome de Deus e era as ovelha negra, tá ai, tá ai. Ela falava, eu era pequena, mas eu assuntava tudo o que ela falava. Eu nunca tive essa cabeça pequena de sentar, acender fogo assim, sentar pra conversar, e eu ficar rindo do meu pai. Isso não... e eu nunca esqueci. Tá ai, é tá ai... (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018,pp.24-25).

Sua memória se refere às perseguições pela qual passou em sua vida, onde o embate entre as religiões foi cada vez se tornando mais forte. Do seu ponto de vista, a Igreja Católica criticou muito a 'Igreja Espírita', mas esta não sucumbiu, e ficou fortalecida contra as difamações e humilhações. Por tudo isso, ela define sua história como muito sofrimento, ou como sua avó definia: uma missão com muitos 'espinhos'.

De fato, a vida de Dona Roxa não foi fácil. Em tudo ela teve que ser firme em seus propósitos. Apesar de ter as experiências R/E desde os dez anos de idade, foi apenas com 18 anos que ela foi 'raspada e catulada' numa roça de Candomblé. Já estava casada e com filhos. Enviuvou logo depois. Não quis ficar morando na Bahia e veio para Goiás. Aprendeu desde cedo as diversas estratégias possíveis para sobreviver. Quando o filho mais velho estava na idade de 'catular', ela voltou para a terra dos pais. O pai queria que ficasse morando lá, mas ela não desejava isso. Pedindo dinheiro para um e para outro, conseguiu carona até Montes Claros e de lá seguiu com os filhos para a grande Goiânia. Foi acolhida novamente pelos moradores da localidade. Tinha deixado suas coisas com a comadre Ninha que a recebeu com braços abertos.

Não se sabe muita coisa da vida amorosa de Dona Roxa, o que se sabe é que ela casou duas vezes e duas vezes enviuvou. Como se casou muito nova, logo ela teve filhos e pouco tempo depois o marido morreu. Veio para Goiânia aos 24 anos, com os filhos pequenos. Não se sabe se encontrou um marido aqui ou o

trouxe em sua viagem, mas o fato é que logo ele foi embora, deixando-a sozinha numa região estranha para ela: “ O primeiro me largou com os meninos pequenos, eu sofri muito também né? Ele era espiritual, mas graças a Deus, a, a Deus primeiramente e os Orixás, meu deu a proteção” (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p.9).

Sozinha, ela teve que enfrentar uma cidade que ainda estava se construindo. Então começou a ver na sua diferenciação religiosa uma forma de sobrevivência. Ela não tinha estudos, tampouco uma profissão definida mas ela tinha os conhecimentos do seu povo e do Candomblé baiano. Agora podia realizar trabalhos espirituais que lhe rendesse sustento para a família.

Assim, ela entendeu desde muito cedo que podia tirar proveito de suas capacidades mediúnicas para sustento de sua família. Atendendo na sua casa e somando seus conhecimentos da religiosidade familiar com que estava adquirindo, ela vai ficar famosa e vai ser convidada para fazer trabalhos de iniciação e outros cuidados com os de filhos de Candomblé e Umbanda pelo Brasil todo:

Trabalhar... Trabalhava o espiritual, trabalhava o material. Eu ia pra Goiânia, eu viajei muito, e onde me chamava eu ia, e não cobrava, eles me ajudava né? É assim, eu ia para Santa Catarina, Rio Grande do Sul, eu não cobrava, mas ele me ajudava. É passagem, é pra São Paulo... Eu trabalhei foi muito em São Paulo, muito, muito em São Paulo. Às vezes chegava hoje, passava três dias, já chegava, não tinha, aqui não tinha telefone, né? Era telegrama, passava o telegrama para uma amiga minha lá em Goiânia, pra eu viajar, que o dinheiro já tinha depositado lá pra ela pegar o dinheiro e me dar o dinheiro pra passagem. Trabalho espiritual, trabalhei muito minha filha, trabalhei, lá. Ó: Pará, Floresta, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. Se eu te falar o lugar que São Paulo, o lugar que eu já trabalhei foi muito, muito, muito, muito. Só ia sozinha, com Deus (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p. 11).

Sua vida material se funde com a vida espiritual. Uma sacerdotisa do Candomblé e da Umbanda, como ela mesma se define: “Minha vida tem sido isso aí, em pé, levanta e tudo. Mas eu gosto da Umbanda, gosto do Candomblé, sou de Candomblé, mas aqui eu trabalho Umbanda” (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p. 11).

No trabalho conheceu muita gente, e teve um novo marido que lhe deu mais filhos. Ao longo de sua vida pariu 11 filhos, sendo que há três anos, um dos filhos veio a falecer. Na medida em que as crianças foram crescendo, iam cuidando uma das outras, e tinha a ajuda da rede de solidariedade dos vizinhos que era seu apoio para seu trabalho:

Aí meus filhos foi crescendo né? Foi me ajudando né? Essa menina aí era que tomava conta dos menino, as vezes quando eu ia pra longe, eu pedia uma pessoa... ai eu casei de novo né? Fiquei uns tempo sem casar, mas aí eu tinha minhas filha. Aí nessas viagem, casei de novo, meu marido morreu também...Com 16 anos eu fiquei viúva.. Fiquei com os menino pequeno também, os pequeno dele né? Ai eu trabalhando, fui levando a vida, pegando com Deus (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p.12).

Mesmo com tanto trabalho Dona Roxa não enriqueceu. Mora numa casa simples com uma filha e os netos, num bairro de periferia em Senador Canedo. Os demais filhos todos moram perto dela: “É, mora tudo aqui, meus filhos mora tudo aqui, tem três anos que Deus levou um, ficou dez” (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p.19). Ela não tem bens imobiliários, não tem aplicações em bancos, não tem reserva de dinheiro alguma. Justifica para si mesmo a vida de pobreza numa opção pessoal:

Graças a Deus eu nunca tive nada. Hoje eu digo pra você, fale da espiritualidade quem quiser. Eu não... Não falo... Que o que eu tenho, graças a Deus, que me deu. Deus primeiramente, Senhor do Bonfim e meus Orixás. E nunca cobre nada de ninguém. Não tenho nada? Graças a Deus, e se eu quisesse ter, tinha, porque eu trabalho é pra gente rico, prá empresário (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p.12).

Esta sua fala tem dois componentes passível de análise. Em primeiro lugar ela associa a espiritualidade com a simplicidade e esta à pobreza. É muito comum essa confusão de uma virtude com a situação econômica no Brasil. Em segundo lugar, se associa ‘as coisas de Deus’ ou a ‘espiritualidade’ à uma vida de caridade e esta se revela na pobreza material. Não ter bens materiais ou não acessar a uma classe mais rica, é sinal de que se manteve fiel às suas raízes, que foi honesta, que não cedeu à ‘tentação do dinheiro’. Na realidade, sabe-se que as possibilidades de ascensão social para mulheres negras na periferia, com pouca escolarização e que trabalham com serviços religiosos são muito raras.

Como toda pessoa empobrecida, ela conta com outras estratégias que permita a ela transitar pela cidade com a mesma dignidade daqueles que tem status. Empodeirada há muitos anos pela sua religião, ela convive com pessoas de todas as classes e manuseia com essas relações conforme suas necessidades:

Trabalho aqui é prá empresário. Mas procura eles, se eu exploro deles. Não. Eu tenho um senhor aqui em Aparecida, empresário, seu Caio. Ele, há muitos anos que eu trabalho. Já tem uns 20 anos que eu olho as coisa dele. Mas se ele saber que eu sinto qualquer coisa, ele liga quatro vezes por dia, saber como eu tô aqui: “que que a senhora tá precisando, que que a senhora quer? Não... Nós vamos correr atrás” Mas eu nunca, eu nunca aproveitei de ninguém, e sempre quando eu vou fazer as obrigações é caro,

porque para fazer uma obrigação de santo, se sabe, é caro (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018, p.12).

Assim Dona Roxa convive com todos e com tudo, mesmo com os possíveis conflitos que derivam dessas relações.

Como o pai, ela nunca gostou da 'missão' que recebeu e relutou muito para aceitar sua condição espiritual. Essa resistência ao 'sacerdócio' religioso na sua juventude estava ligada à incompreensão social que foi muito grande:

Não, queria não. Povo esculhamba muito a gente. Agora não me importo não, pode chamar. Eu já sofri tanto... Tanto sofrimento espiritual, que por mim eles pode me chamar tudo, eu não cedo (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018,p.9).

Ela fechou e abriu seu Centro de Umbanda várias vezes por desanimar das críticas e incompreensões da sociedade. Acredita que foi a Federação que lhe deu apoio e proteção para continuar sua obra. Na última vez que fechou sua casa, pai Kênio<sup>138</sup> ficou sabendo e foi ter com ela, animando-a a continuar. Recebeu críticas e julgamentos de todos os lados, enfrentou a luta pela sua sobrevivência e de sua família, fez inimigos, mas ganhou muitos mais amigos e amigas. Ficou conhecida no bairro e na cidade. Mantém até hoje em sua casa e Centro de Umbanda a Festa do Divino Espírito Santo, onde prefeitos, vereadores e deputados podem disputar o espaço político para eleições, mas acima de tudo ela nunca 'cedeu'. Ser vítima ou desistir não faz parte de seu protagonismo histórico ou religioso. Por isso ela enfatiza que não é mãe de santo:

Porque ninguém é pai de santo, a gente é zelador de santo, eu digo todo dia, a gente não é nem pai nem mãe, a gente é zelador de santo, a gente zela, né? Eu falo assim "num fala pai de santo, mãe de santo, eu sou zeladora de santo" mas mãe de santo eu não sou, essa palavra tá errado, eu acho errado (DEPOIMENTO DE DONA ROXA, 2018,p.21).

Apesar de todo seu protagonismo, ela não se envaidece. Considera-se uma simples zeladora de santo. Os zeladores são descaracterizados no Brasil onde as profissões de trabalho manual são desvalorizadas em detrimento de profissões mais técnicas ou de trabalho mental. Mas é justamente neste lugar que Dona Roxa quer estar: zelando pelos santos e cuidando de seus filhos e filhas de Senador Canedo.

---

<sup>138</sup>Refere-se ao babalorixá Kênio de Oliveira Silva, do Ilê Axé Alaketu Omi Oxalufan, localizado na Vila Rosa e que foi presidente da Federação entre os anos de 2009 a 2016.

### 3. 3. 3. Pela raça e para além da raça: a matriarca de Goiânia

Em termos de bondade e religiosidade, a Tilde passou aqui e deixou um legado, só que ninguém deu conta (CRISTIANO)

Erotildes do Carmo nasceu na rua Manchorra, antigo Campo da Forca<sup>139</sup> na cidade de Goiás. Ela era a filha caçula do terceiro casamento de Manoel do Carmo e quando ela veio ao mundo o pai já estava com cerca de 96 anos. Na casa velha, que ainda existe, ela brincava debaixo de um cajueiro quando criança. O casal teve oito filhos, mas apenas seis sobreviveram. Pouco se sabe da vida de Manoel do Carmo:

Porque o pai dela chamava Manoel do Carmo, dizendo meu pai que foi porque ele nasceu no dia de Nossa Senhora do Carmo, então ele tinha o sobrenome “do Carmo” porque ele havia nascido nesse dia. Aí ele era um escravo, um ex-escravo, que a gente sabia” (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, p.11).

Ele nasceu em 1832 no Rio de Janeiro segundo informações recolhidas na família, vindo ainda como escravizado para o Goiás: “Nasceu no Rio. Ele foi escravo, né? Ele foi escravo. Tanto é que ele ajudou muito a fazer muros de pedras. Ele fazia muros de pedras” (DEPOIMENTO DE CARLOS, 2018, p.12).

---

<sup>139</sup> Em depoimento, o campo da força ficou assim conhecido porque era um local onde havia uma força destinada como penalização para os escravizados que fugiam das fazendas. Essa informação da memória popular não foi confrontada com a documentação histórica.



Figura 104: Homenagem a Manoel do Carmo em calendário do ano de 2014. Acervo do Centro Espírita São Miguel Arcanjo

Apesar da memória familiar, a prefeitura da cidade de Goiás, determinou seu nascimento em Santa Rita das Antas, na antiga província de Goiás. A família, também acredita que a Praça do Carmo existente na cidade de Goiás é uma homenagem a esse escravizado e que ele talvez tenha ajudado na construção da Igreja Nossa Senhora do Rosário<sup>140</sup>:

O meu pai falava que ele ajudou na construção da Igreja do Rosário, ele ajudou na construção da Igreja do Rosário. A minha irmã, a Marlene, ela entrou pesquisando na documentação antiga lá de Goiás, mas não conseguiu achar nada que constasse que ele trabalhou lá, sabe? Mas naquela época era difícil demais... (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, p.27).

Manoel ficou conhecido na cidade como Mané Carne de Porco, porque quando já estava mais velho, ele comprava porcos, matava-os, colocava numa gamela grande, assentava numa trança de pano e ia vender nas ruas. Assim, ele e sua família ficaram populares na cidade:

<sup>140</sup> De fato, a Igreja pertenceu aos escravizados até o ano de 1900, o que pode indicar a participação de Manoel do Carmo. Como trabalhava com pedras pesadas, chegou a ficar 'rendido', ou seja, adquiriu uma hérnia grande na barriga.

Ficou conhecido na cidade inteirinha como Mané Carne de Porco, aí os filhos herdou, igual a Tilde, todo mundo lá em Goiás... “ah, Erotildes Carne de Porco”, então passou de geração pra geração, até hoje até os meus... até o meu menininho hoje que tem dez anos de idade, ele vai lá pra cidade e o povo mais velho fala: “ó o leitãozinho ali, aquele lá é leitão, ó... leitãozinho” (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, p.28).

Também foi na velhice que se casou pela terceira vez com uma afilhada que na época tinha 15 anos, e esta foi a mãe da menina Tilde. Ele faleceu em 1939 com 107 anos de idade. Com a morte do pai, os irmãos se separaram e cada um foi morar com uma família, pois sendo uma família numerosa foi difícil mantê-la unida apenas pela viúva. A participação de outras família era comum, principalmente dos compadres e comadres que tinham o compromisso com os afilhados nestes momentos de perda. Tilde, como era carinhosamente chamada no seio familiar ficou morando com seu irmão, Manoel do Carmo Junior e juntos foram habitar a casa do padrinho do irmão, Valdir Junior da Rocha Lima. Lá permaneceram até o casamento do irmão com uma moça quase da idade de Tilde. Após o casamento foram morar numa chácara e a mãe de Tilde foi morar junto com eles, onde ficou até a sua morte.

Tilde crescia e como toda menina, queria se divertir no carnaval, sair às ruas livremente e além do mais começou a ter divergências com a cunhada, por serem muito próximas em idade. Foi então que o irmão conseguiu um novo lar para ela: “Aí depois que ela ficou mocinha assim, de uns nove, dez anos de idade, ela foi morar com o Dr. Hélio” (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, p.1). Na realidade o irmão não sabia bem o que fazer com a menina e conversando com o Hélio Seixo de Brito, família tradicional de ricos fazendeiros na cidade de Goiás, ele resolveu dar para o doutor Hélio a menina: “aí foi que meu pai deu ela pro Dr. Hélio” (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, p.14).

No contexto de pós-abolição, foi muito comum famílias com mais condições financeiras ‘adotarem’ crianças empobrecidas, principalmente meninas negras que vinham para morar e trabalhar junto a essas famílias. A justificativa era de amparo e caridade, pois na medida em que as traziam para casa, fornecia um lar e um trabalho como forma de pagamento pela moradia e alimentação. Assim, muitas meninas negras e outras nem tão negras, tiveram como destino a casa de pessoas mais abastadas na sociedade, onde tiveram que se adequar e se disciplinar nas novas condições de trabalho:



Algumas famílias costumavam criar meninas carentes, órfãs ou não, incorporando-as ao circuito familiar. Era costume trazer menores do interior e mesmo de além-mar para os serviços domésticos, o que em alguns casos se transformava em exploração do trabalho de desprotegidos em ambiente desconhecido. Essas meninas arcavam com os afazeres do domicílio muitas vezes sem nada receber, outras vezes com parca remuneração ou submetendo-se a pagamentos incertos (MATOS, 1994, p. 210).

Assim, Erotildes foi trabalhar e residir na casa desta família: “ela foi morar com eles já pequenininha, passou a vida inteira lá” (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, p.8). Realmente ela nunca mais saiu de lá. Trabalhou sempre como babá das crianças da família:

Desde quando ela foi pra lá, que era o Dr. Hélio, que era pai do Dr. Hélio, já foi pra tomar conta do Dr. Hélio que era recém-nascido. Então ela era menina, mas o Dr. Hélio era menino também, né? Era pequeno. Então ela foi pra tomar conta dele. Aí ela tomou conta dele, tomou conta das filhas dele... A Maria Alice, o Helinho, né? Dr. Helinho também, e... são mais dois, uma mulher e um outro homem, né? Não tô lembrando agora o nome deles. Que chama Licinha, Licinha, mas é... E depois tomou conta dos filhos da Dra. Maria Alice, e por último, dos netos dela, da Maria Alice. Quatro gerações tomando conta de crianças deles (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, p.7).

Ela não tinha estudos e nem teve oportunidade de fazer isso depois da nova vida. Tampouco sequer tinha registro de nascimento, mas passou a fazer parte da casa de Hélio e trabalhou lá na família Seixo Brito uma vida inteira na família.

Hélio Seixo de Brito nasceu na cidade de Goiás em 1909. Era filho de Amâncio Seixo de Brito e Maria Bárbara Couto Brandão Seixo de Brito. Estudou no antigo Lyceu de Goyaz (depois transferido para Goiânia) e seguiu para o Rio de Janeiro onde fez a Faculdade Nacional de Medicina, se formando em 1935. Dois anos depois se casou com Célia Coutinho, filha de Alice Augusta de Santana Coutinho que foi colunista nos jornais ‘A rosa’ e ‘Voz do povo’ e de João José Coutinho, fazendeiro e político da cidade de Goiás. O pai era titular do cartório da cidade e ficou deputado estadual entre os anos de 1935-1937.

Em 1938 o casal foi morar em Leopoldo de Bulhões e em 1939 na cidade de Inhumas, onde nasceu o filho Hélio Seixo de Brito Filho. Transferiu-se para Anicuns,

onde em 1945, o pai participou da criação da União Democrática Nacional-UDN<sup>141</sup>. Em 1947 transferiu-se para Goiânia para assumir a Secretaria de Educação e Saúde no governo de Jerônimo Coimbra Bueno, vitorioso nas eleições pela UDN. Começou aí uma carreira política, seguida depois pelo filho Hélio. Ele se tornou deputado estadual após sua gestão na Secretaria, entres os anos de 1951 a 1955. Em 1960 ganhou as eleições para a prefeitura de Goiânia, também pela UDN. Foi a primeira prefeitura de oposição à política do governador Mauro Borges, filho de Pedro Ludovico e sua gestão teve essa marca de uma capital com mais autonomia da gestão governamental. Ficou prefeito até 1966, quando mudou de partido se filiando a Aliança Renovadora Nacional- ARENA. Depois disso se dedicou como médico e superintendente na Organização da Saúde do Estado de Goiás-OSEGO e em 1980 filiou-se ao PDS.

Além de Hélio Junior, o casal teve mais três filhos, a Regina Célia, o Ronaldo e a Maria Alice. Não se tem certeza de quando a menina Erotildes foi morar com a família. Um registro de nascimento de Erotildes tirado muitos anos depois pela família Brito, coloca sua data de nascimento em 1928. Se ela realmente tinha onze anos quando foi morar com a família como babá, ela deve ter se agregado a eles pela ocasião do nascimento do menino Hélio Júnior<sup>142</sup> ou um ano mais tarde. Neste caso viu o nascimento dos demais filhos do casal e foi responsável pelo cuidado e crescimento de todos eles.

---

<sup>141</sup> A UDN nasceu como uma espécie de associação de partidos estaduais contra a ditadura do Estado Novo, e como oposição a Getúlio Vargas e ao getulismo. Embora tenha surgido como uma frente, a UDN organizou-se em partido político nacional, participando de todas as eleições, majoritárias e proporcionais, até 1965. Seu principal adversário das urnas era o Partido Social Democrático-PSD, de representação majoritária no Congresso e que em Goiânia era representado pelo governador Pedro Ludovico Teixeira, sua família e correligionários.

<sup>142</sup> Hélio de Seixas de Brito Junior fez carreira política como o pai. Atuando como advogado se tornou secretário de administração na gestão do prefeito Francisco de Freitas Castro. Em 1979 foi eleito deputado estadual pela ARENA ficou até 1983. Após isso se filiou ao Partido da Frente Liberal-PFL, e teve três gestões como vereador entre os anos de 1997 a 2009 pelo mesmo partido. Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/deputado/perfil/deputado/1648>. Acesso em 29 set.2019.



Figura 105: Erotildes na sua juventude na sua função de babá das crianças da família Seixo Brito. Acervo do Centro Espírita São Miguel Arcanjo

Após o casamento de Maria Alice, ela vai trabalhar para ela, cuidando agora de seus filhos:

Os netos do doutor Hélio, hoje já... já são, inclusive, são médicos formado, trabalha lá naquele hospital de... Hospital de Olhos? É, Hospital de Olhos de Goiás. Tem dois. Ela foi babá deles.[...] E, além dos dois, um chama Flávio, é doutor Flávio, e o outro doutor Yano. E tem também uma... Tinha uma menina também, que hoje parece que ela mora em Brasília, se não me engano é até uma odontóloga, não sei, ela chama Aris, Aristeona. Acho que é esse que é o nome dela mesmo, sei que mora em Brasília. Então ela foi babá dessas pessoas quando criança, né? (DEPOIMENTO DE CARLOS, 2018,p.6).



Figura 106: Foto de dona Erotildes com o filho e o neto de Maria Alice. Acervo do Centro Espirita São Miguel Arcanjo.

Fazer parte da ‘casa grande’ foi o destino de milhares de mulheres negras após abolição. A mentalidade escravocrata de fornecer alimentação, roupa, moradia e alguma ‘ajuda’ de vez em quando foi mantida pela família Seixo Brito. Ela, de fato, se tornou ‘membro’ da família, ou pelo menos ela se sentia assim:

Nas relações de trabalho nos domicílios, procurava-se estabelecer, consciente ou inconscientemente, dispositivos estratégicos capazes de estreitar os vínculos de patrões e criados, e simultaneamente estabelecer relações hierárquicas. Alternando autoritarismo e violência com concessões e regalias, procurava-se a adesão dos criados (MATOS, 1994, p. 208).

Mesmo depois de aposentada, ela ia todos os dias na casa dos ex-patrões (exceto nos sábados e domingos depois de certa idade), que também passou a cuidar dela, enviando o motorista com o carro para pegá-la e em sua casa e devolvê-la no fim da tarde:

Quando era mais ou menos dez, onze horas, eu vinha busca-la pra leva-la até a casa do Dr. Hélio, que mesmo depois de não trabalhar mais, ela pegou o hábito de ir e vir todos os dias, de segunda a sábado. Já tava aposentada. Ela ia pra lá, ficava sentada, conversando com a prima dela que tá lá, a Maria Ferraz, assim, não é bem prima dela, é prima da minha mãe, mas tem aquele parentesco, né? E as duas começou a trabalhar lá desde pequenininha, então... Criou esse vínculo (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, p. 2).

Além da amizade com a colega de trabalho de muitos anos, ela ia também para cuidar e conversar com Maria Alice<sup>143</sup>, com quem tinha uma ligação especial que perdurou até sua morte:

Aí ela ficava assim... lá, ficava lá sentada, assistia televisão lá, as novelinha dela, eu vinha, buscava ela aqui, ela almoçava lá... Assistia a televisão. Quando eram duas horas, três horas, por aí, ela ia ajudar a menina a enxugar os prato, então tudo assim ela ajudava, ajudava, e ela subia lá pra cima e ficava conversando com a Dra. Maria Alice até ali por volta das cinco horas, que era a hora que eu trazia ela de volta, né? (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, pp.10).

Era a família que Tilde conheceu, conviveu e amou. Lá passou sua infância, adolescência, juventude, sua vida adulta e velhice. Criou laços afetivos com os membros da família:

Porque a Tilde, na realidade assim, eles lá é que eram a família dela. Ela mesmo falava pra mim: “não, eles são minha família”, porque ela foi morar com eles já pequenininha, passou a vida inteira lá, então eles é... Mas estimavam ela como uma da família mesmo (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017,p.8).

Erotildes exerceu na casa a função de babá, acompanhando a família em todas as suas vicissitudes. Viu as crianças nascerem, viu a primeira patroa falecer, a dona Célia em 1994 e presenciou a morte do primeiro patrão em 2003. Aprendeu a tirar proveito disso também, pois se ela dependia afetivamente e materialmente da família, esta também abria concessões, permitindo que curassem as crianças em caso de doença ou benzesse a casa como limpeza e proteção. Além disso, havia relações afetivas envolvidas de ambos os lados:

Mesmo muitas vezes envolvidos nas malhas da dominação pessoal, os criados reinterpretabam as estratégias patronais, ocupando, conscientemente ou não, brechas abertas. No convívio estreito com os patrões, os criados acabavam gozando de privilégios e compartilhavam com a família seus problemas cotidianos. Se, em geral, as relações eram envoltas de tensões, em alguns lares teciam-se laços de amizade e vínculos de afetividades, solidariedade e cumplicidade. Empregados antigos eram em geral muito bem informados sobre as intrigas e segredos da família, algumas criadas eram confidentes das patroas, que podiam contar em qualquer situação com sua lealdade (MATOS, 1994, p.208)

Quando foi morar com Maria Alice, o marido Flávio Bezerra, advogado, quis mantê-la como a família anterior fazia:

---

<sup>143</sup> Foram feitos diversos contatos telefônicos com Maria Alice para que nos desse uma entrevista a respeito de dona Erotildes. Nenhum deles teve resultado satisfatório.

Aí quando ele faleceu, o Dr. Flávio pegou e falou assim “olha, as coisas continuam tudo como o Dr. Hélio fazia”, então eles pegavam, ela chegava, não tinha um salário, porque ele pegou, aposentou ela, mas era assim... A Tilde era uma pessoa assim, se chegasse lá e falasse assim “ó doutor, eu tô precisando de 300 reais hoje, e tal e tal” então sempre continuou isso assim, o Dr. Hélio fazia, o Dr. Flávio passou também... Ela era quase como um membro da família. (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, p.8)

A função de Erotildes na casa era cuidar das crianças, o que a fez acompanhar a família em viagens: “A Tilde era só pra tomar conta dos meninos, e brincar, essas coisas assim, quando eles viajavam, eles levavam ela como babá, né? Acompanhavam eles” (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, p.7). Numa dessas viagens, ela teve a oportunidade de ir para Salvador e lá conheceu a famosa Mãe Menininha do Gantois. Reginaldo, filho de criação de Erotildes compara a fama da líder do Candomblé baiano com Erotildes aqui em Goiânia:

Ela viajou muito com a... Com a família do Dr. Hélio. Ela cuidava, então pra tudo quanto é canto que eles iam, ela ia também, eles não deixavam ela pra lá. Eles foram para a Bahia exatamente pra levar ela pra poder conhecer a Mãe Menininha, lá tem a Mãe Menininha, tinha né?[...] E a mãe pequena era um terreiro muito famoso na Bahia, né, muito cheio o tempo todo. Era praticamente uma popstar na época, tanto que quando ela faleceu, foi notícia no mundo inteiro, no país inteiro, né? Minha tia também, ela... Esses políticos tudo aqui de Goiânia vinham muito aqui, benzer, olhar carteadado, essas coisas (DEPOIMENTO DE REGINALDO, 2017, pp.7-8).

Erotildes se casou. Não se sabe a época e com quem. Ela já estava em Goiânia e o contato com a família de sangue foi escasseando aos poucos. Também nada se sabe sobre sua vida de casado e de sua viuvez. Muitas criadas se casavam e tinham filhos, como constata Maria Izilda:

O casamento e, principalmente, a maternidade alteravam a participação da mulher na função de doméstica, pois ela geralmente deixava de dormir na casa dos patrões e passava a preferir o trabalho como diarista, embora um grande número delas permanecesse no emprego de solteira (MATOS, 1994, pp.2018-209).

O que se sabe é ela teve um filho e cedo ela perdeu o marido e o filho:

Olha, ela teve um marido que eu não conheci também, porque eu morava lá prá Goiás e num cheguei a conhecer. Aí eu não sei nem quanto tempo ela viveu com esse homem. Eu não sei quanto, qual foi o tempo que eles viveram. Sei que ela chegou a ter um filho que não sobreviveu, também porquê... Isso eu lembro porque ela mostrou a foto. Ela tinha uma foto, mas o tempo que eles viveram juntos eu num... não lembro.[...]. Parece que ele chamava Macalho, eu lembro bem que eles falavam que o nome dele era Macalho (DEPOIMENTO DE CARLOS, 2018, pp.13-14).



Figura 107: Erotildes e seu marido.  
Acervo do Centro Espírita São Miguel Arcanjo.

Ela dormia com a foto do filho debaixo do travesseiro, mas depois a foto desapareceu. Em 1976 ela vai adotar uma criança que nasceu em sua casa. A mãe foi uma dessas mulheres que por lá passou e ficou morando. Não deu tempo de ir à maternidade para dar a luz. O menino nasceu pelas mãos de Erotildes que resolveu ficar com o menino para ela. Era, de certa forma o substituto do filho perdido:

Ela tinha uma foto, que ela mantinha essa foto desse filho dela, com ela, na cabeceira da cama. Depois ela sumiu com a foto. Ele morreu bem pequeno. Ela falou que não quis mais ter filho: “porque Deus tirou meu filho, então você é o meu filho”. E aí ela criou um monte, mas aí ela não quis mais ter filho, não quis mais casar (DEPOIMENTO DE REGINALDO, 2017, p. 11).



Figura 108: Erotildes com o filho Reginaldo na sua casa. Acervo do Centro Espírita São Miguel Arcanjo

Também não se conhece os motivos que levaram Erotildes a se mudar para o Setor universitário. Sabe-se, por depoimento dela mesmo, que foi antes da legalização do Setor, quando ainda era tudo ‘invasão’ de migrantes trabalhadores:

Aí, eu perguntei: “Vó, tem quanto tempo que a senhora tá com essa casa aberta?” “Ih, meu filho, tem mais de sessenta anos...”, aí eu: “Isso tudo, Vó? A senhora não tá errando nas contas, não?”, e ela: “não, quando eu vim pra cá, o Setor Universitário era uma invasão, não tinha nem casa aqui, aqui era tudo um brejo”. Aí eu fui fazer as contas: Goiânia tem mais ou menos uns oitenta, noventa anos, né? E o Setor Universitário surgiu na década de cinquenta quando foi criada a Universidade, a PUC, então no mínimo sessenta anos tem, porque ela é anterior à criação do Setor Universitário. (DEPOIMENTO DE ELI, 2018, p.1)

Uma das hipóteses de opção pelo bairro está na participação dela no Centro Espírita Santo Antônio que ficava no Setor Universitário. Acredita-se que foi lá que ela começou a frequentar a religião umbandista e lá desenvolveu sua mediunidade. Pode ser que lá ela tenha conhecido o marido e dessa experiência tenha nascido o casamento e o Centro de Umbanda.

Esse silêncio sobre a vida de Erotildes está ligado à sua aprendizagem com a família Seixo Brito. Ela era uma mulher de poucas palavras e quase nunca relatava experiências de sua vida para o filho, parentes, médiuns e amigos. Muito reservada, preferia o silêncio de seu quarto, a leitura pessoal ou a oração a qual se dedicava cotidianamente. No trabalho como benzedora, ou no trabalho com as entidades



espirituais, dialogava exclusivamente com o indivíduo em questão guardando sigilo de suas escutas.

O Centro foi um empreendimento pessoal dela

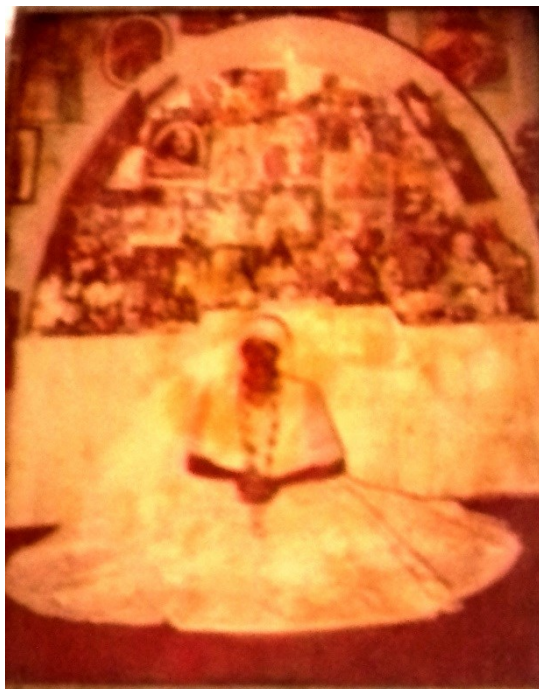


Figura 109: Dona Erotildes no Centro na década de 70, uma das matriarcas da religião. Acervo do Centro Espírita São Miguel Arcanjo

Depoimentos nos informam que ela construiu um pequeno galpão e foi morar lá. Acredita-se que foi na época que se casou. Por isso saiu da casa dos patrões, apesar de continuar trabalhando lá. Aos poucos construiu um barracão e destinou os cômodos da frente para a religião. Mesmo depois da morte do marido, continuou morando lá. A casa de Erotildes e o Centro de Umbanda são muito simples e construído em mutirão. O que revela que a família Seixo Brito não os ajudou nesta empreitada, nem mesmo quando Hélio Seixo de Brito se tornou prefeito. Mas sabe-se que melhorias do bairro, como asfalto, foram da gestão dele.

Talvez seja por esta mesma época que Erotildes começou a ganhar um salário mensal por seus serviços. O filho Reginaldo entende que as relações de Erotildes com as famílias dos patrões estava ligada com a mentalidade escravocrata que mantém baixos salários a trabalhadores braçais e tem críticas a respeito:

Tinha, na verdade, aquele laço, criou aquele laço, sabe na época da escravatura? Você sai e tem uma família branca que vai lá, pega um retirante do nordeste, traz pra Goiás e aquela pessoa fica... Acaba tendo um laço de gratidão por aquela família a vida inteira. Por mais que aquela família maltratou, é assim... Basicamente esta é a visão que eu tenho, não

que eles maltrataram ela, mas era um salário mínimo só, eles também são osso duro de roer (DEPOIMENTO DE REGINALDO, 2017, p. 14).

Também ela teve sua aposentadoria pela benevolência dos patrões, pois como eram advogados e com influência política, conseguiram uma aposentadoria para ela. Na sua morte, o velório e o enterro foram realizados pela família Seixo Brito. Ela está enterrada no jazigo desta família, para decepção dos amigos, médiuns e familiares: “Foi em Santana, eles pediram:” . “Não, pode deixar que daqui a Tilde, a tia, nossa mãe, ela vai pro nosso jazigo” (DEPOIMENTO DE REGINALDO, 2017,p. 31).

Mas para além de babá de crianças, Erotildes foi benzedeira, rezadeira, cartomante, hospedeira e diretora espiritual. Mulheres de hábitos firmes e muito rígida com horários, ela cumpria uma rotina após sua aposentadoria. Acordava geralmente por volta das 5hs da manhã e fazia suas leituras e orações:

Ela tinha o hábito de acordar bem cedo. Assim, por em torno de 5h da manhã, prá rezar. Isso era diariamente. Ela acordava de madrugada, por volta das 5h da manhã prá rezar. Então ela rezava e fazia pedido prá pessoas que iam lá procurá-la prá essa finalidade, também para os amigos, parentes. Tudo ela lembrava, né? Fazia as orações e fazia os pedidos prá essas pessoas, né? (DEPOIMENTO DE CARLOS, 2018, p. 2).

Apesar de não ter sido escolarizada, pois mal sabia assinar seu nome, ela aprendeu a ler e gostava muito de leituras: “Porque ela mãe lia muito, a minha tia lia três livros de orar... assim... Cinco livros de oração por dia, todo dia” (DEPOIMENTO DE REGINALDO, 2017, p. 28-29).



Figura 110: Livros de leitura e estudo de dona Erotildes. Acervo do Centro Espírita São Miguel Arcanjo

Após isso, tomava café da manhã que preparava no seu fogão a lenha: “ até no último mês, ela tinha, tem um fogãozinho caipira lá, ela não deixou de fazer comida. Ela era muito independente, não dependia de ninguém (DEPOIMENTO DE REGINALDO, 2017, p. 14). Ela manteve o hábito de cozinhar na casa dela no fogão a lenha. Talvez no início, as dificuldades financeiras de ter gás de cozinha a tenha obrigado a fazer o fogão a lenha, mas com o tempo ela se acostumou ao gosto da comida feita na lenha e ela preparava suas refeições neste fogão.



Figura 111: Fogão a lenha na cozinha de dona Erotildes. Acervo do Centro Espírita São Miguel Arcanjo

Após o café matinal, ela defumava a casa toda, inclusive o Centro. Levava o café na cuia de coco e a colocava junto à imagem dos Pretos-velhos. Após esse ritual é que ia atender as pessoas que desde muito cedo faziam filas para serem atendidas. Dependendo do caso, podia jogar o baralho, diagnosticar casos de doenças médicas, oferecer beberagem de ervas preparadas por ela mesma, encaminhar para trabalhos ligados à espiritualidade do Centro de Umbanda.

Por volta das onze horas da manhã, fazia seu almoço que consistia de arroz, feijão, abóbora, jiló, quiabo, carne moída, peixe e frango. Ela revezava esses mantimentos em sua dieta. Às vezes ia almoçar na casa dos patrões, e ficava durante a tarde, retornando no começo da noite, onde jantava, assistia novela na televisão e depois dedicava uma ou duas horas novamente para a oração. Mesmo nos dias que tinha trabalho no Centro, às noites, ela mantinha o hábito de orar antes de dormir. Orava pelos membros da sua família, da família Seixo Brito, pelos

médiuns da casa, pelos vizinhos, pelas pessoas que a solicitaram durante o dia, enfim por todos que conhecia.

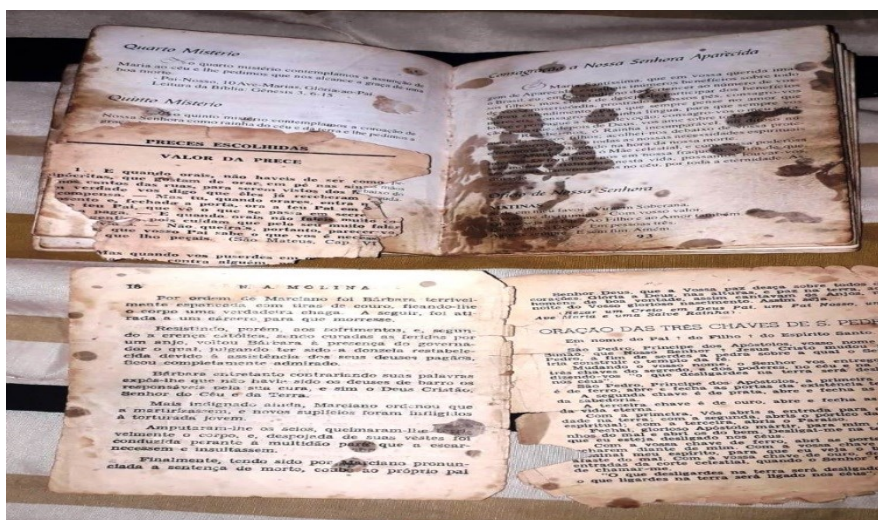


Figura 112: Livro de orações de dona Erotildes, envelhecidos pelo tempo. Acervo do Centro Espírita São Miguel Arcanjo

Sua prática de benzer se estendia, também, à família que ela trabalhava. Ela tinha o hábito de defumar a casa dos patrões semanalmente, rezar por eles e complementar a medicina que ela levava para os membros da família quando estavam doentes:

Ela fazia o banho e levava, mas eles tudo que ela fazia eles tomavam. Ela criou os filhos dela, como criou eu também. Ela que dava o remédio, levava, cuidava... Lógico que eles também, tudo médico, mas ela tinha total liberdade também... E daí eles também acreditavam muito, também. Ela benzia, levava ramo pra poder benzer. Ela benzia praticamente a família deles toda (DEPOIMENTO DE REGINALDO, 2017, pp.5-6).

No Centro de Umbanda, ela era de fato a matriarca. Tudo passava por ela, segundo as suas regras e formas de pensar. Ela não se preocupava muito em agradar as pessoas, mas em realizar um trabalho que lhe parecia correto dentro de sua compreensão religiosa. Os médiuns da casa tinham que tomar banho de ervas antes do trabalho, não podiam ter bebido soluções alcoólicas ou ter comido carne vermelha nestes dias; deveriam comparecer com suas roupas totalmente brancas, as guias no pescoço que ela mesma fazia para cada um individualmente, e estar pronto para o início da sessão que era impreterivelmente às 20hs. O trabalho durava cerca de duas horas, dependendo dos consulentes a serem atendidos e terminava às 22hs. Isso porque ela tinha:

uma preocupação com os médium e com as pessoas que frequentavam também o Centro. A pessoa que vinha para cá, geralmente ela chegava

sete horas, saía as dez, e as vezes o último ônibus passava aqui às dez e meia. Então ela ficava preocupada! Porque na época dela, as pessoas não tinham carro, vinha todo mundo de ônibus, então ela zelava pela segurança tanto da assistência dela, como dos médium dela. Tinha gente que vinha de outra cidade e dormia aqui, daí ela “Não, meu filho, pode vim”, aí vinha uma vez por mês, até médium, duas vezes por mês, e aí dormia, porque pra voltar pra casa não tinha como, né? Aí ela zelava muito, ela falava “não é nem por causa do Centro, é a segurança do meu médium. Ir e voltar” (DEPOIMENTO DE REGINALDO, 2017,pp.21-22).

Em algumas giras como naquelas dedicadas aos Exus e Pomba Giras o número de pacientes eram muito maior, exigindo que os médiuns não se prolongasse nos atendimentos e terminando as 22h30. Mantinha no quintal do Centro uma plantação com diversas ervas com a finalidade de uso dos frequentadores do Centro, sendo também usadas para fazer os remédios que Erotildes distribuía gratuitamente aos necessitados. Usava muitas velas em seu Centro, que cada médium deveria trazer para seus consulentes e era a única doação que ela aceitava dos praticantes da fé:

Os médiuns dela e assistência muitas vezes não traziam, mas quando ela via que a pessoa não tinha condição, ela pegava da dela e dava. “Não, meu filho, vai lá e acende em tal, tal e tal lugar, pede isso e isso e isso, e então no dia que você puder você traz, cê devolve essa caixinha de vela aí”. Aí a pessoa não trazia uma só caixinha de vela, trazia três caixas de vela fechada. Tinha dia que chegava aqui e tinha dez, e não era essas caixinhas pequenas, eram aquelas caixa mesmo, que vinham com mais vinte caixinhas dentro da caixa. Trazia dez, mandava muito dinheiro, só que ela não aceitava dinheiro (DEPOIMENTO DE REGINALDO,2017,p.18).

Ela recebia diversas entidades, dentre elas o Caboclo Sete Encruzilhadas, o Zé Pilintra e o exu Maioral.



Figura 113: Dona Erotildes no trabalho religioso. Acervo do Centro Espírita São Miguel Arcanjo

O Centro funcionava três vezes por semana e cada dia tinha uma linha de trabalho segundo a necessidade da assistência. Sua casa era uma porta aberta a todos que ali quisessem estar, e foi assim até os últimos anos de sua vida.

Eli foi um dos mais jovens a participar como médium da casa. Vindo de tradição pentecostal, da Igreja Assembleia de Deus chegou à religião por intermédio de um namorado. Após passar por diversas casas, foi recebido pela Dona Erotildes: “a vó me recebeu de braços abertos, não perguntou de onde eu vinha, quem tinha me iniciado, porque a Vó é mãe, acolhedora, ela nunca perguntou ou puxou ficha de ninguém” (DEPOIMENTO DE ELI, 2018,p.7). Da mesma forma, foi percebendo o diferencial na casa dela. Ele recorda de uma passagem em que passava por situações financeiras muito ruins e não tinha dinheiro para comprar as ervas para fazer o banho que antecede os trabalhos. Dona Erotildes, percebendo o drama do rapaz lhe diz: “meu filho, eu não vou pedir dinheiro não, porque às vezes a gente pede dinheiro pra uma mãe de família, ela não tem dinheiro pra comprar o leite do filho e eu vou pedir dinheiro?” (DEPOIMENTO DE ELI, 2018, p.8). Essa e outras experiências o fizeram ficar membro do Centro onde está atualmente.

Tudo isso fez Erotildes ficar muito conhecida e se tornar uma referência para o bairro e para a religião: “Foi passando muito médium, né? Muito médium mesmo. Tem muita gente boa aí por Goiânia que passou por aqui” (DEPOIMENTO DE REGINALDO, 2017, p. 15).

Mesmo com tudo isso, Erotildes odiava ficar em evidência. Fazia o que fazia porque gostava. E, assim, quanto mais o anonimato, mais ela ficava conhecida:

Uma vez eu levei ela lá na Câmara. Meu chefe pediu, sei lá, tem gente que gosta de benzer a casa, né? Aí vinha direto pedir. Quando a pessoa tava abrindo alguma loja, ou tava de casa nova, tava sentindo que tava dando alguma coisa errada, ela ia lá e benzia a casa da pessoa. E eu levei ela na Câmara Municipal e Deus me livre. Pra sair, nós teve que chamar alguém porque o pessoal cercou ela. Sim. Queria que ela passasse, e nós fomos só... E a gente foi pra lá era sete horas da manhã. Aí como ela era bem conhecida em Goiânia, quando o povo ouviu que ela tava lá... (DEPOIMENTO DE REGINALDO, 2017, p. 6).

Todas as tentativas de entrevistá-la ou de premiações por parte da comunidade que reconhecia sua contribuição pela cidade, foi rejeitada por

Erotildes<sup>144</sup>: “Não quero” [...] “Não. Isso é bobagem, eu gosto de ficar aqui quietinha” (DEPOIMENTO DE REGINALDO, 2017, p. 6).

Uma passagem na vida de Erotildes é no mínimo curiosa. Ela recebeu uma carta da sua mãe, já falecida, psicografada pelo médium Chico Xavier, que a enviou diretamente pelo correio para sua casa na cidade de Goiás. A carta foi enviada após várias tentativas da falecida de se comunicar com a família em vão. Ela o fazia através de uma janela que às sete horas da manhã abria sozinha, e quando a fechavam no trinco, ela tornava a abrir e foi assim por algum tempo, até que a carta chegou endereçada a dona Erotildes:

Passados muitos anos, um dia a gente recebeu uma carta do... Como é aquele que morreu? Médium? Chico Xavier. Recebemos uma carta do Chico Xavier endereçada à fazenda, aí como os carteiros todo mundo conhecia, Chácara Morena Chave, então é do seu Manuel, aí mandou a carta pra lá. Porque até então ele não sabia o endereço, ele escreveu, psicografou a carta e deixou. Aí ele pedindo que a mãe da Tilde tinha pedido pra ela fazer um trabalho lá, pra ela, porque... Ela tava desassossegada, não sei o quê. Aí o meu pai pegou, falou “ah, então deixa a Tilde vim aí”, a Tilde com todo o pessoal, foi lá, fizeram o trabalho pra ela, não sei... você acredita que depois disso a janela nunca mais abriu? Nunca mais. Até hoje a mesma janela, os mesmos trinco, tudo do mesmo jeitinho (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, p. 30).

Assim, Erotildes teve em sua vida uma possibilidade de estratégias para tirar proveito de situações com as quais poderia ter sucumbido ou desaparecido. Ao invés disso, ela se empoderou com a religião e forneceu sentidos para sua vida, para além dos infortúnios advindos de seu lugar social e racial. Essa resistência encontrada nela e em tantas outras mulheres vítimas da desigualdade social, de gênero e raça, permitiu outra forma de transitar pela sociedade, utilizando a linguagem religiosa como uma roupagem aceitável e tolerada pela sociedade brasileira.

A história dessas mulheres revela que apesar de toda a dominação física e mental, a mulher negra resistiu. Ela nunca foi uma ‘tabula rasa’, nem mesmo no tempo da escravidão. É justamente como negra e como escrava que ela construiu e reconstruiu seu mundo, seu universo e preencheu o vazio que foi trazido pelo desenraizamento e pelo exílio forçado (VALENTE & GUSMÃO, 1991, p 26). Essas mulheres num contexto de pós-abolição inscreveram suas histórias, cada uma ao

---

<sup>144</sup> Houve apenas uma estudante da UFG que conseguiu por intermédio do filho Reginaldo fazer uma gravação em fita com ela e vários médiuns. Entretanto, o resultado desta gravação nunca foi devolvido para o Centro.

seu modo e a religião guarda essa memória e essa teimosia em viver sua originalidade cultural e religiosa.

#### 3.4. CONSTRUINDO NOVAS EXPERIÊNCIAS SOCIAIS NO ESPAÇO URBANO: AS FESTAS E OS ATENDIMENTOS COMO EXPRESSÃO DA CARIDADE

Aqui... Isso aqui eu tenho testemunho aqui. Que eu moro aqui tem 60 anos. Meu sofrimento foi aqui. E aqui eu tô. Esse é o primeiro cantinho aberto aqui dentro de Senador Canedo. É esse aqui. Mas nunca explorei de ninguém. Eu faço, o que puder eu fazer, ajudar eu ajudo, não olho se é pobre, se é rico, se é nada. Do jeito que eu olho o rico, eu olho o pobre, do jeito que olho um advogado eu olho um que chega aqui arrastando prá mim.  
(Dona Roxa)

O espírito do Caboclo Sete Encruzilhadas ao apresentar a nova religião no início do século XX, definiu: "A Umbanda é a manifestação do espírito para a prática da caridade". A esse mandato, os umbandistas respondem prontamente e enfrentam incompreensões por sua opção:

Nós umbandistas temos que mostrar a caridade na salvação, a prática da caridade para a salvação. Palavras do Caboclo Sete Encruzilhadas. É a manifestação do espírito para a caridade. Então até as famílias, nossas famílias, são contra a Umbanda, então nós lutamos demais com isso (DEPOIMENTO DE ANA LUZIA, 2018, p.4).

Os umbandistas entendem sua religião pela sua prática social. O médium que incorpora o faz pela caridade; o cambono que apoia as atividades religiosas o faz pela benevolência de servir; a diretora da casa cumpre sua missão sem nada cobrar ou receber por isso. Desta forma, os umbandistas entendem que a diferenciação de sua religião das demais é a prática social da religião através da caridade:

Porque é igual a gente fala, a Umbanda é paz, amor e caridade. Palavra de Deus não se vende. Aí a gente tem a casa, igual tô falando pra você, a gente faz festa, a gente faz galinhada, eu tenho até um brechó ali, né que a gente... Pra poder arrecadar dinheiro, a gente pede no dia de trabalho, muita gente ainda fala, por exemplo: "ah, cê podia cobrar pelo menos um real nessas ficha tudo", aí Eles falam: "não, porque se cobrar um real numa ficha, tá cobrando o passe, e a palavra de Deus não se vende" (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017, p. 33-34 ).



Trabalhar gratuitamente oferecendo sua contribuição à comunidade é o cerne da religião umbandista. Nada pode ser cobrado com quantia de dinheiro, e muitas vezes o médium que vai atender os consulentes, gasta do seu próprio salário comprando velas, ervas e outros materiais que considera necessário para o bom andamento do trabalho realizado nos Centros de Umbanda. Muitos consideram que essa é a grande diferença da Umbanda de outras religiões afro-brasileiras, como o Candomblé: “cê sabe que no Candomblé tem muito luxo, né? Ele é muito ritualista. E a Umbanda é aquela Umbanda de Preto-Velho. Roupinha branca, né?” (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017, p.9).

Conceição analisa que, independente da vertente umbandista adotada pelo Centro de Umbanda, a definição de Umbanda passa pelo trabalho gratuito:

Eu vejo assim o que eu entendi o que eu aprendi o que eu acredito. É a Umbanda é aquela que não cobra, mas você tem que respeitar as vertentes né? Por que existe aquela vertente que é junto com o Candomblé né? Que é a vertente cruzada né? Que é uma Umbanda trançada que eles falam ou umbandomblé, né? Aí o pai de santo já tem o recurso dele, mas é difícil também, não é fácil. Então a Umbanda mesmo. Ela não cobra (DEPOIMENTO DE CONCEIÇÃO, 2017, pp.15-16).



Figura 114: Mãe Conceição, com copo na mão, ao centro com seus médiuns. Foto disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=898811560228010&set=t.1309979003&type=3&theater>.  
Acesso em: 25 out.2019

Mãe Lia de Oya é sacerdotisa no Candomblé Ketu e ao mesmo tempo dirigente da casa de Umbanda vovó Maria Conga. Ela, também difere a Umbanda pelo princípio e da caridade, preferindo a Umbanda por essa prática:

Porque eu sou simples. Não dou conta de manter o luxo pra mim. Você tá entendendo? Não dou conta de manter o luxo. Muito, muito luxo, né? As roupa muito cara, aí não tem como manter. E a Umbanda já é...já é uma coisa simples, é a caridade, é o amor, é aquele carinho, sabe? É , é totalmente diferente, mas eu amo minha, minha nação. Eu amo meus irmão da Umbanda e do Candomblé, eu amo eles (...) Que o Espiritismo é amor, ele é caridade, ele é ajudar as pessoas, se chega uma pessoa na minha casa não tem o que comer, eu mais do que de pressa na minha vida, eu vou arruma o dele de comer, não tem roupa? Eu saio pedindo né, Cora? Eu peço todo mundo e ajuda, cê entendeu? Há dificuldade, mas também é muito amor (DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, p.14).



Figura 115: Mãe Lia. Foto de arquivo pessoal

Mãe Lia entendeu a religião pela prática do amor, porque ela recebeu isso na sua história. Todas as pessoas entrevistadas sentem muito amor pela religião e tem senso de zelo pela Umbanda. Elas têm muita gratidão pelas entidades espirituais que lhes restituíram a saúde e permitiram novas construções de sentidos de vida após as experiências religiosas pelas quais passaram.

Ter um Centro de Umbanda é seguir as orientações de seu guia. E o chefe da casa pede ação social e que essa seja o objetivo da religião existir naquele espaço físico:

E a única coisa que Ele pediu que essa casa tinha que trabalhar muito com o social, com aquelas pessoas que é quase excluídas da sociedade, né?

Era o compromisso que eu ia fazer que essa casa... ia fazer (DEPOIMENTO DE CONCEIÇÃO, 2017, p.6).

Além do atendimento cotidiano com os consulentes e, no caso das diretoras espirituais, no desenvolvimento dos médiuns e manutenção da casa, os umbandistas, com sua prática religiosa ainda praticam a caridade com os mortos. No ritual de ‘transporte’, se permite que os espíritos obsessores possam ter outras oportunidades de vivência que não sejam somente de viver no passado se vingando daqueles que outrora lhe fizeram mal. Já no trabalho de incorporação, permitem que os espíritos desencarnados das chamadas entidades espirituais venham fazer o bem e a caridade na terra: “Então, eles também sabem fazer caridade” (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017, p. 22), contribuindo assim para a evolução desses espíritos que mesmo desencarnados devem continuar suas jornadas:

Então a gente recebe aqui o orixá, o guia evoluído para ajudar aqueles que estão vagando espiritualmente, porque todo mundo fecha a porta, todo mundo chama de demônio, todo mundo maltrata, pois eles já estão maltratados. Então nós lutamos para que ele ache um caminho melhor. Você pode ver aqui muito. Chamamos os exus? Chamamos. Chamamos pomba-gira? Chamamos... (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018, p.22).

Acredita-se que o crescimento evolutivo de todos aconteça pela caridade e essa é a única responsável pela evolução de todos:

Um caminho de... (como se diz?), de salvação, de resgate, eu acredito, porque a Umbanda, o Espiritismo, é um cumprimento de dever que a gente tem com Deus, um compromisso. E esse compromisso leva nós a crer que nós temos o nosso pedaço sanado, suavemente, e vai ficar muita coisa ainda, ninguém... (senão todo mundo ia ser umbandista, mas num é). Mas quem cumprir com a missão que assumiu, cumprindo ela, eu acredito que a gente... Só através da caridade que há salvação, é caridade (DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018, p.21).

Todo Centro de Umbanda era uma espécie de posto de assistência social numa determinada rua ou bairro. Para lá se dirigiam todos que quisessem e necessitassem de orientações, informações, trabalho, comida, roupa, hospedagem. Para isso, essas casas eram organizadas com dois trabalhos distintos e complementares: o trabalho litúrgico religioso e o trabalho social.

Na prática litúrgica religiosa os Centros ofereciam as sessões de giras com incorporações das entidades espirituais, o trabalho de transporte, práticas sacramentais e atendimentos individuais. Além disso, os Centros observavam os seus tempos litúrgicos que se compunha de festas religiosas ao longo do ano.



Figura 116: Médiuns em rituais e festas da umbanda que são momentos de confraternização. Acervo da FUCEGO

Na prática sócio caritativa, tinha-se os atendimentos fora do horário litúrgico, compondo-se de atendimento individual, muitas vezes com auxílio de cartas de baralho, benzimentos, encomenda de remédios caseiros, orientações, encaminhamentos, e em casos graves a busca de um ritual religioso na mata ou na cachoeira que fosse capaz de dar conta da necessidade do cliente. Também podia haver hospedagens e distribuição de alimentos, roupas e brinquedos.

Conceição explica o motivo pelo qual na maioria das vezes o atendimento espiritual se transforma em amparo social:

Por que eles são assim: eles vem... O que eu vejo é assim: eles não tem muito contato assim, não tem condições de ir pro médico e tal, né? E ali eles conseguem muitas coisas com os guias, sabe? De orientação, né? Um passa remédio... mas quando eles precisam, aí a gente fica sabendo: Ah... fulano tá precisando de remédio. Aí a gente vai atrás (DEPOIMENTO DE CONCEIÇÃO, 2017, p. 7).

Desta forma, os Centros de Umbanda abriam suas portas, todas as semanas, em dias diferenciados, para proporcionar um atendimento a todos que dele necessitassem. Dona Erotildes atendia nas giras do Centro as segundas, quartas e sextas, e uma vez por mês recebia as entidades ditas de esquerda:

Assim, Centro Espírita é uma coisa engraçada, né? Tem época que era super lotado e tinha dia que só tinha ela. Por exemplo, segunda feira, é porque como eu falo pra você, ela era muito rígida com horário. Não só com horário, mas com o jeito de tratar, por exemplo... O pessoal gosta muito da

esquerda, igual, até hoje por isso que eu te falo... Se chama esquerda praticamente por causa disso nesse Centro, ela não aceitava isso. Mas de jeito nenhum. Com ela, era só uma vez por dia, por mês, e só na sexta-feira (DEPOIMENTO DE REGINALDO, 2017,p. 10).

A grande marca de Dulce era sua clarividência manifestada em retrocognição e precognição. As pessoas se impressionavam como ela conseguia descobrir a história de vida das pessoas que a procuravam. Quem a conheceu atesta que ao chegar nela, ela apenas olhava a pessoa ou tocava em sua mão e narrava o que as pessoas estavam passando, desfilava sua história e somente depois dizia o que a pessoa devia fazer diante dos problemas detectados por ela. Essa poderosa clarividência fez sua fama crescer e a fazia ser muito procurada por todos:

Dulce se dividia entre o trabalho econômico e o trabalho religioso. Sustentava sozinha o Centro de Umbanda. Ela falava assim ó: “Se você quiser dar um Cr\$1,00, Cr\$2,00 prá ajudar no aluguel”. Às vezes, ninguém dava nada, ela tirava da aposentadoria e pagava o aluguel (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, p. 16).

Dulce, como outras diretoras espirituais não aceitava receber remuneração por seu trabalho. O umbandista sabe dessa praxe na religião e ele vai se envolvendo nesta perspectiva. Todos são chamados para o trabalho voluntário e o mutirão:

Ela desenvolveu o dela, o Centro dela. Ela teve o Centro dela aqui. Aí depois de... Na década de 60, 70 prá cá, aí ela já alugava, ela já... ela já alugava a casa. Era, né? E já... Aí o... o... os frequentadores, aí ajudava, cada um dava uma importância, ela faz... eles fazia promoção, fazia festas de Cosme e Damião, fazia muita coisa (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018,p.11).

Além de atender na Casa de Oração Mãe Dulce, fundada por ela, onde já passaram mais 400 médiuns em todos esses anos, ela juntava suas forças físicas e meios financeiros para reunir ‘os filhos da casa’ e levá-los para fazer oferendas na mata. Geralmente a data escolhida para esse evento era no dia 07 de setembro

Também faz parte da religião, receber médiuns da casa, conhecidos ou mesmo pessoas desconhecidas para receber sacramentos no Centro. Cada casa religiosa tem suas próprias regras quanto a fornecer esses sacramentos, mas no geral todos são bem-vindos. A religião umbandista é inclusiva, todos podem ter acesso a despeito de suas opções na vida. A esse respeito mãe Lia esclarece:

Batizo, casamento...já, vários. Filhos do pessoal dela, tudo batizado aqui. E casamento, teve já quatro casamentos. Até que eu fiz um de duas sapatão, aí o pessoal me excomungou. É filha, veio ate, é, repórter falar comigo.

Falei: “uai não sei porque cê tá discriminando não, é ser humano” ai eles calou. Falei: “uai não tô te entendendo não, a minha religião não renega ninguém não. A minha religião não renega ninguém. Seja ele bandido, seja ele ladrão, seja ele gay, seja ele sapatão, seja ele o que for, a minha religião não renega” . Aí, nossa não acredito, foi feio, mais aí depois veio muita gente querendo casar (DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, p.23).

Também na casa de Oração Mãe Dulce se realizou um casamento de duas mulheres. O templo todo as recebeu com muito carinho e fizeram uma festa para elas



Figura 117: Noivas na Casa de Oração Mãe Dulce em 2018. Foto de arquivo pessoal

Todos os Centros de Umbanda seguem um calendário religioso próprio, organizando os momentos de devoção e de festa para suas divindades. Festas para São Sebastião, Nossa Senhora da Conceição, Santa Bárbara, Ogum, Xangô, Iansã, Iemanjá , a festa dos Pretos-velhos, de São Cosme e São Damião, a São Francisco de Assis, aos Caboclos e tantas outras. Elas são propostas num calendário religioso pelas dirigentes da casa, mas todos os membros se envolvem no tempo religioso. A comunidade local também se envolve, oferecendo donativos para a festa religiosa.

Dona Erotildes festejava todo ano o padroeiro da casa: São Miguel Arcanjo no dia 29 de setembro muitas vezes com grande festa:

Tinha muitos que tinham outras casas e vinham pra cá, principalmente nas festas festivas, na festa de São Miguel Arcanjo [...] E era a festa que todo

mundo... Ela é em Setembro, final de setembro... Começava a chegar, no começo de setembro, começava a chegar maços de refrigerante. Alguém falava assim “Tia, tá chegando bolo”...Já chegou a ter treze bolos aqui. A comunidade que mandava. Bolo de supermercado prático, o pessoal das panificadoras, gente de longe, ligava e ó “fi, eu não posso tá aí, mas a senhora tem alguma conta que eu possa depositar dinheiro, pra poder ajudar a festa e tal?” (DEPOIMENTO DE REGINALDO, 2017,p.15).

Era comum ao organizar uma festa religiosa num Centro, os demais organizarem caravanas para participarem juntos. Até hoje é uma prática comum.

Mestre André organiza todo mês de abril uma grande festa para seu Exu, o seu Tranca Rua. Inicialmente ele fazia na sua casa, mas como os convidados se tornaram numerosos, há alguns anos tem realizado a festa numa chácara em Aparecida de Goiânia



Figura 118: Mestre André com convidados no jantar oferecido na homenagem ao Tranca Rua em 2018. Acervo da Ordem Universal do Planalto Central

A festa se inicia com um toque de atabaque, onde são invocados os orixás e logo depois o ‘dono da festa’ vem para ser homenageado. Após sua ‘vinda’, outras entidades espirituais da mesma falange se fazem presente. No caso de seu Tranca Rua, após ele se manifestar, outros médiuns também trazem seus exus e pombas giras para participarem da festa. Todos vão dançar, atender e conversar com as pessoas. Neste dia, é comum os médiuns usarem roupas próprias para receberem seus guias como numa festa. As roupas coloridas, as bebidas, o som do atabaque colore e anima a festa que vai durar cerca de duas a três horas. Após isso, todos os

participantes se servem de um jantar preparado pelos médiuns da casa especialmente para esse momento.

Mas, sem dúvida alguma, a maior festa religiosa da Umbanda goianiense é São Cosme e São Damião no dia 27 de setembro<sup>145</sup>.



Figura 119: Convite para a festa de São Cosme e São Damião. Acervo do Centro Espírita José Baiano

Todos os Centros de Umbanda visitados comemoram essa data com festividade, e de fato, a população corresponde à expectativa da festa ao comparecem em grande peso. Carlos, que foi médium do Centro São Miguel Arcanjo se lembra de uma dessas festas:

Eu lembro de festa lá de São Cosme e São Damião, sempre, isso aí todo ano tinha, 27 de setembro. [...] Ela simplesmente trabalhava na linha de São Cosme e Damião, né? Das crianças. E fazia aquelas mesada com doces, né? E iam muitas crianças nesse dia, participava. Então as pessoas levavam balinha, essas coisas. Coisa de criança mesmo (DEPOIMENTO DE CARLOS, 2018, p.9).

Enquanto que para a Igreja Católica São Cosme e Damião são comemorados no dia 26 de setembro por seu martírio, o qual foi promovido pelo Império Romano no século IV, na Umbanda eles são festejados no dia 27 de setembro pela sua

<sup>145</sup> A festa de São Cosme e São Damião foi trazida ao Brasil pelos portugueses. Por sua vez os africanos vindos da Nigéria tinha em seu panteão um orixá gêmeo, o orixá Ibeji, que também estava ligado à cura. Com o tempo, os santos: “perdeu o significado dado pela hagiografia católica, de dois médicos, e passou a ser representado através de dois meninos, alusão a Ibejis” (SOUSA JUNIOR, 2003, pg. 122-123).



benevolência e cuidado que tiveram com as crianças. Eles são lembrados por serem os irmãos gêmeos que se tornaram médicos e devotaram a vida à caridade, curando os enfermos sem receberem dinheiro e cuidando das crianças. Por isso os médiuns devem se esmerar para promover uma festa para toda a comunidade, para todo o bairro e cidade. Todos são convidados e muitos vão com o objetivo de se divertir e comer as guloseimas, pois na festa são confeccionados bolos, pipocas, balas, doces em geral, refrigerantes e todos podem ter acesso. Há inclusive Centros que a quantidade é tão grande de comensais, que a população local leva tigelas de plástico para levarem bolo para casa e fornecerem a seus familiares e vizinhos.



Figura 120: Fila de pessoas para levarem bolos e doces para casa na festa de São Cosme e São Damião no Centro Espírita Vovó Maria Conga. Foto de arquivo pessoal.

São Cosme e São Damião, na Umbanda, constitui uma falange na linha de Oxalá e as crianças são essas falangeiras. Elas são compreendidas como seres de luz, conhecidas como Erês ou Ibejis e são considerados espíritos de crianças que também vem do mundo transcendental visitar o planeta Terra e ajudar seus habitantes através dos Centros de Umbanda. Quando elas ‘baixam’ nos Centros, elas pulam, gritam, correm, brincam de roda, pedem bênçãos aos presentes adultos, como forma de respeito.



Figura 121: Mãe Lia incorporada na Cosminha junto com outros médiuns, também incorporados em Erês. Foto de arquivo pessoal.

Sentam no chão, ganham presentes que os consulentes os oferecem como prenda para alcançar alguma graça, para agradecer alguma coisa que recebeu ou mesmo como sinal de conexão com elas. Gostam de doces, e bebem sucos, refrigerantes e mel. É sempre uma algazarra nos Centros de Umbanda quando tem suas presenças.



Figura 122: Doces, bolos e balas na festa de São Cosme e Damião. Acervo da Tenda Espírita Pai João das Matas

Elas, também, atendem aos consulentes, aconselham e principalmente os animam com sua alegria e confiança a seguirem suas jornadas com fé e

esperanças. Apresentam-se com seus nomes que pode ser Mariazinha, Chaguinha, Pedrinho, Joãozinho, Zezinho, Pilãozinho, Aninha, Cosminha, Douim, etc.

Assim, a festa de São Cosme e São Damiao, não só foi sendo apropriada pelos umbandistas, mas recriada por eles:

Com o tempo a Umbanda também se uniu à fé e com ela os seres encantados se agregaram à roda. Nesta cadência, a tradição que nasce de um processo de encontros, interpenetrações, convergências culturais, vem se reinventando intermitentemente, gerando a cada dia novas formas de fazer (NASCIMENTO, 2014, p. 8).

No Candomblé, também as crianças se fazem presentes em alguns momentos, como no recolhimento do abiã para a iniciação. Elas são tidas como mensageiros dos orixás. Uma vez que os orixás não falam, ele envia sua criança que se comunica com a comunidade, expressando sua vontade ao zelador de santo a respeito de seu filho, ou ensinando os fundamentos da religião ao noviço que está recolhido. Assim, o noviço recolhido no 'roncó' passa muito tempo incorporado em sua criança brincando e ensinando ao seu 'cavalo' como deve prosseguir daquele momento em diante, uma vez que deixará de ser um abiã para se tornar um yaô.

A festa de São Cosme e São Damião é muito tradicional no Templo de Oração de Maria em Aparecida de Goiânia. Tanto que o próprio Centro de Umbanda recebe o nome de Cosme e Damião. A tradição da festa nasceu do entendimento de Maria de Lurdes, que desde pequena foi consagrada a Cosme e Damião num Centro de Umbanda e que, segundo sua crença, cuidou de sua mediunidade por anos. Então, ela manteve todos os anos a festa para eles. Mesmo após sua morte, o Centro continua a tradição da mesma forma que ela fazia.

Sua devoção criou uma escola de alfabetização dedicada a Cosme e Damião e a criação de um galpão, que também recebeu o nome dos santos, localizado no hospital de cura, que outro expoente da Umbanda, seu Quinino, criou em Aparecida.

A festa, por muitos anos, foi realizada na rua, pelo número grande de pessoas que desejavam participar. Ela, como nas outras casas, tem a participação de todos na arrumação do espaço, enfeites e distribuição de convites. Mas existe uma tradição que ainda é mantida na casa: a confecção do bolo. Atualmente, os alimentos oferecidos no dia da festa, são comprados porque a indústria de doces facilitou a confecção dos mesmos. Então, aos poucos os doces e bebidas industrializados foram ocupando o lugar dos antigos bolos, biscoitos, pipocas, pé de

moleque, manuês, suco de frutas caseiros. Mas no Templo de oração de Maria, as mulheres se reúnem três dias inteiros para confeccionar um bolo grande com mais de 100 kg.



Figura 123: Festa de São Cosme e Damião com o bolo ao Centro no Templo de Oração de Maria em 2018. Foto de acervo pessoal.

O bolo é feito por médiuns da casa, que estão devidamente participando na corrente e que se preparam com banhos para o ato. A confecção é um ato sagrado também. Inicialmente se utilizava farinha de trigo na confecção do bolo, mas depois começaram a experimentar usar bolachas do tipo Maria, ovaladas, e isso permitiu que toda a comunidade participasse, pois doavam caixas e caixas de bolachas para essa finalidade. A criatividade diferenciou a prática e a tornou tradicional.



Figura 124: Confeccionando o bolo com bolachas em 1994. Acervo do Templo de Oração de Maria

Além da festa promovida pelos Centros, alguns deles também recebiam a festa de outros foliões, como Dona Roxa em Senador Canedo ou dona Erotildes no Setor Universitário:

A Folia de Reis. Ela recebia, benzia os foliões, dentro do congá, na frente do altar, fazia tudo isso naquele período das festividades de reis, como eu tive o privilégio de receber foliões lá junto com ela numa dada ocasião, né? E ela fazia questão de receber, benzer, eles cantavam, fazia as cantorias, enfim. Isso pra mim era muito bonito porque é a cultura popular do Brasil, né? (DEPOIMENTO DE WASHINGTON, 2018, p.5).



Figura 125: Dona Erotildes recebe os foliões na festa de Santo Reis em seu Centro. Acervo do Centro Espírita São Miguel Arcanjo

Dona Rosalina tinha e ainda tem a festa junina, mas com todo cuidado de não misturar a festa promovida pela casa religiosa com uma festa comum:

Então assim, nós aqui não pode trabalhar, é... não pode beber. Nós faz festa, aqui eu faço festa junina que é o lado social da casa... Tem bebida? Tem, porque nem todos que vem na festa, né? Não tem... Mas nós médium, ninguém pode beber. Se você falar "Rosa, eu gosto de uma cerveja", você pode beber, eu não posso. Eu não posso te oferecer. Eu como dirigente não posso te oferecer. Mas também não posso impedir. Então é isso aí, então eu tenho esse trabalho, pessoas aí que era alcóolatras daqueles que perdeu família, perdeu trabalho, depois que começou a participar da doutrina, graças a Deus se recuperou (DEPOIMENTO DE ROSALINA, 2017,p.16)

Se as festas religiosas eram importantes como instrumento estratégico para promover a comunidade como um todo, os atendimentos promovidos por essas mulheres eram muito mais eficazes, porque trazia em sua característica a capacidade de individualização. Quando se está num ritual de gira, sendo atendido por uma entidade, o sujeito geralmente se anima e se propõe a voltar, seja para um tratamento ou um atendimento mais específico de acordo com sua necessidade. Daí a disponibilidade das diretoras espirituais que tiravam tempo de suas vidas pessoais e cotidianas para atender aos consulentes em outro horário que não fossem no ritual religioso. Geralmente, elas já definiam previamente determinados horários para atendimentos, o que não as impediu de atender fora desses horários.

Os atendimentos podiam ser gratuitos, cobrados pela consultora ou podiam receber gratificações de acordo com as condições dos consulentes:

Eu estou há quase 50 anos, não sei de nada, mas o pouco que sei eu gosto de fazer com amor, com fé, coragem, caridade, não cobro nada de ninguém. O que eu cobro aqui? Se quer vim aqui bater um tarô, isso eu cobro, eu não fiz... não fiz propaganda, quem vem conta pro outro que vem (DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018, pp.3).

No início não foi fácil, pois Goiânia ainda estava pouco estruturada. Os bairros eram de difícil localização, com ruas que não era asfaltada e que com as chuvas ficavam enlameadas. Os moradores moravam espaçados, distante dos Centros de comércio e postos de saúde, e as necessidades dos moradores eram muitas. A existência deste tipo de assistência foi possível graças a essa lacuna do estado e por outro lado, a disponibilidade que essas mulheres se colocavam dentro deste contexto. A consequência foi a legitimação do papel de sacerdotisas e 'assistentes sociais' para essas mulheres na periferia.

Dulce quando chegou ao bairro Garavelo, foi uma das primeiras moradoras, e foi acolhendo cada novo vizinho que chegava e criando, por consequência, uma identidade para todos a partir da sua própria rua e moradia.

Era no espaço doméstico que Dulce forjava novas relações, e ia ficando conhecida, atendendo aos moradores do bairro e de outras localidades. Assim a religião saía do espaço físico do Centro de Umbanda para fazer-se presente na sua casa. Começou com algumas pessoas sabendo de sua capacidade mediúnica, aos poucos outras pessoas, nas mais variadas situações procuravam a dona Dulce para conversar, se aconselhar, pedir uma reza, uma indicação profissional, enfim, para se posicionar no universo urbano dentro das pequenas possibilidades que existiam.

Dulce para isso utilizava um jogo de baralho comum, com os quais atendia individualmente um por um. A fila crescia, a sala era tomada de pessoas. Passou a cobrar 40,00 por cada jogo de cartas. Com o dinheiro mandava o filho comprar gêneros alimentícios e preparava as refeições do dia para todos:

Eu tô falando porque é verdade, o que era, quando ela era viva, a amizade que ela tinha com todo mundo aqui. Nossa, a casa dela era cheia, cheia, cheia direto. Cheia... cheia assim... Gente vinha almoçar aqui direto.[...] Botava prá dar almoço prá todo mundo. Ia ler baralho,...Mulher, aí eu tinha que cozinhar prá 30, 40 pessoas...dia todinho. Ela dava almoço e dava um lanche à tarde. Aí eu tive que fazer café, pão com manteiga, era pão de queijo. Eles chegavam aqui cedo. Ia ser atendido lá pelas 3h da tarde. Tinha gente até de noite. Escuta, não tem restaurante aqui perto, não tem lanchonete, não tem nada. Ela ficava com dó do povo. Ela tinha que alimentar. Os 40 que ela ganhava, o dinheirinho, gastava na comida. Tudo... tudo... E ela [ **a filha Preta**] ela que ia fazer comida, a panelona mesmo. As panelas de carne. Fogão... era fogão industrial.[...] Aquilo prá ela era um prazer, Nossa Senhora. Aí tinha vez que ela não tava aguentando mais. De noite gente aqui esperando. Eu: “Gente, minha mãe dá conta não” (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, pp.26-27).

Os filhos cresceram vendo a casa geralmente cheia de pessoas. Aprenderam a conviver com tudo isso. Seus depoimentos revelam saudades de um tempo não tão distante assim. Como Dulce personalizava as consultas, estas demoravam e por isso o dia ficava curto para tantos atendimentos: “Aqui, quando ela... quando ela abria baralho mesmo, na mesa de dentro, aqui tinha mais de 60 pessoas” (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, p.16).



Figura 126: Filas de pessoas esperando o atendimento na casa de mãe Dulce no Setor Garavelo na década de 90. Foto do acervo da família Viana Oliveira

Os filhos atribuem a doença terminal da mãe de falência renal a dois fatores: por causa dos atendimentos, onde ela bebia pouca água, pois não se lembrava de hidratar o próprio corpo; e porque tomava diariamente um analgésico chamado *torsilax*, que, acreditam, tenha paralisado os rins dela.

Na mesma perspectiva encontramos Lurdes num bairro praticamente abandonado pela prefeitura em Aparecida de Goiânia. Ela, também, foi junto com o marido uma das primeiras moradoras. Janaina, filha de Lurdes descreve o bairro quando era pequena, acreditando que apesar das dificuldades, o relacionamento entre as pessoas era melhor:

Era tudo chão. Agora já tem asfalto, as casas todas muradas. Eu acho que antes era melhor. Eu acho assim, por que... Porque não tinha mais, né? A casa era mais afastada, tinha muita planta, tinha mato prá todo canto. Hoje você quase não vê mato, não vê planta. A pessoa hoje, né? Vizinho... Era tudo aberto. Hoje os vizinhos tá tudo fechado, não vê nem cara de ninguém (DEPOIMENTO DE JANAINA, MARIA DE FÁTIMA E JESUS, 2018, p. 29).

Assim que a população começou a chegar e se estabelecer no Jardim Mansões do Paraíso, Lurdes passou a ser o Centro das atenções. Para lá acorriam todo tipo de pessoas:

Essa casa não faltava gente, era gente saindo e gente entrando. Uns, assim, que prejudicou muito ela, porque deixava ela... Ela acabava de deixar de comer prá atender as pessoas, que às vezes nós tinha que ficar brigando: “Mãe, você tem que almoçar.” E, às vezes, ela almoçava era 5h da tarde, isso. Porque ela queria dar atenção às pessoas... E vinham. Até



um... Uma palavra que ela falava a pessoa saia feliz, saia cantando (DEPOIMENTO DE JANAÍNA, MARIA DE FÁTIMA E JESUS, 2018, p.5).

As pessoas começaram a encontrar conforto e satisfação de suas necessidades na medida em que ia visitá-la e como a demanda era muito grande, Lurdes não conseguia parar de atender:

É tanto que, às vezes, a gente... Nós, como os filhos, às vezes, a gente tinha que barrar as pessoas, porque minha mãe... Porque se deixava minha mãe ficava, passava de meia noite com pessoas aqui. É verdade. Chegou os fatos de acontecer isso, né? Porque as pessoa não queria ir embora. Tinha gente que dormia aqui. Dormia aqui prá ficar...Às vezes, ela dormia 5h da madrugada (DEPOIMENTO DE JANAÍNA, MARIA DE FÁTIMA E JESUS, 2018, p.6).

Não eram apenas pessoas do bairro que iam vê-la. Também pessoas de outros bairros e até de outras localidades que ficavam sabendo de seus trabalhos e vinham se consultar com ela: “Vinha doença, vinha problema de vida amorosa, vinha problema de câncer, vinha problema espiritual, entendeu? Então essa... A Vó Cambinda gostava de resolver e cuidar” (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018, p. 22).

Os atendimentos eram individuais e dependendo do problema, havia encaminhamentos como banhos, remédios, oferendas nas matas ou cachoeiras, tratamento mais prolongado onde a pessoa deveria retornar outras vezes. Para melhorar o trabalho de atendimento, a própria vó Cambinda que atendia na pessoa de Maria de Lurdes, sugeriu uma inovação estratégica:

Então era assim. Era muita gente que queria falar com a Vó Cambinda. E aí ela só atendia, porque é demorado, né? Atendia só quatro pessoas. Aí Eles falou: “Segunda... Na outra segunda, abre mais um dia prá nós ter, prá nós falar com a Vó.” E aí ela tirou esse dia, na segunda-feira. E nós... E o preço quem que botava era eles, não era nós que...Assim: “Eu vou pagar, que eu quero... eu quero...” Mas aí deixava aquele dinheiro que vinha. Era prá comprar vela, comprar os mantimento pro Centro...pagava o talão de luz...essa coisa da casa mesmo, do Centro...pagar água...comprar as coisa da limpeza. Era o modo de contribuir com a casa, né? (DEPOIMENTO DE JANAÍNA, MARIA DE FÁTIMA E JESUS, 2018, pp.19-20).



Figura 127: Dona Lurdes com a Vó Cambinda atendendo consulente  
Acervo do Templo de Oração de Maria

Mesmo assim, Janaina acredita que esse trabalho árduo, que deixava sua mãe feliz, mas muito cansada ao mesmo tempo, fez com que ela não cuidasse bem da saúde e esse foi um dos motivos do seu adoecimento:

Num importava, tava nem aí não, tava nem aí não. Vinha, dormia e deixava ela dormir 5h da madrugada. Isso também foi causando também a doença dela. Foi. Sono, falta de sono. Foi por isso que eu acho que foi um dos motivo que ela ficou sem oxigênio no cérebro. Porque ela não deixava as pessoas...tavam sugando ela. E minha mãe não importava, porque minha mãe... Nossa, minha mãe, o quê que minha mãe mais gostava era conversar, fazer o bem ali o tempo todo ((DEPOIMENTO DE JANAÍNA, MARIA DE FÁTIMA E JESUS, 2018, p. 7)

Essa dinâmica de atendimento na casa fora do horário do ritual religioso é compreendida por essas mulheres como parte de sua missão religiosa que tinham abraçado. Não se trata de uma Igreja que tem seu culto religioso num determinado horário onde as pessoas participam e depois vão embora, retornando na próxima semana. A Umbanda é uma religião centrada no ser humano enquanto indivíduos na qual ela deve envolver com todos os cuidados possíveis. Quanto menor o Centro, e mais periférico, maior a participação das pessoas.

O modelo adotado por essas mulheres de estar plenamente no trabalho durante a semana e não buscar algum tipo de compensação por isso está em declínio na atualidade. Com o advento da teologia da prosperidade por propagada

por várias Igrejas cristãs pentecostais, as religiões afro-brasileiras têm clamado por um modelo de 'dedicação exclusiva' à religião, de modo que venha a se dedicar tempo integral para as tarefas religiosas e da instituição, retirando desse trabalho sua sobrevivência pessoal e familiar. Esses sacerdotes cobram um pecúlio para abrir um jogo de búzios e depois cobram outro valor para fazer os demais trabalhos, que lhes são revelados no jogo, e que seriam primordiais para a restauração da saúde física, financeira, social, familiar e profissional do consulente. Também jovens umbandistas em Goiânia estão tentando praticar esse modelo nas novas casas em que estão administrando.

Mas na periferia de trinta anos atrás esse modelo era desconhecido, ou pelo menos não fazia muito sentido devido ao contexto socioeconômico da clientela. De qualquer forma, as pessoas se relacionavam afetivamente com essas mulheres e muitas vezes passavam apenas para visitá-las: "Minha mãe tinha aquela mania de coar café. E aí ela deixava as garrafas cheias, as pessoas, às vezes, passava aqui prá tomar um cafezinho, só prá ver ela e ir embora" (DEPOIMENTO DE JANAÍNA, MARIA DE FÁTIMA E JESUS, 2018, p.5).

Os atendimentos resultavam em sucesso na maioria dos casos, porque as pessoas geralmente retornavam e contavam aos outros, o que tinha obtido naquele ritual ou na consulta. Flormaria descreve um desses casos:

Já vi gente debruçar aqui ô, chorando homem e mulher: "a senhora viu aí, eu ia me..". e tava preparado prá suicidar" ahan... (ênfatisando que o fato aconteceu várias vezes), e eu tirar da cabeça... levantar aquela pessoa, levar até o altar, fazer prece, e chorar, e chorar, e abraçar essa pessoa, e a pessoa voltar daí dois dias, agradecendo que reanimou e tudo. O que foi isso? Palavra minha, foi energia, né? A gente fez essa doação e pronto (DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018, pp.3-4).

Não se tem fontes que pudessem estimar quantos casos de situações vulneráveis foram resolvidas nestes Centros. Não se produz documentação. Não há listas de chamada ou inscritos, não se registra quantas pessoas foram atendidas, seus nomes ou mesmo a problemática que veio em busca de solução. Tudo é feito no mais completo sigilo e por isso a confiança mútua existem entre ambas as partes. Também não se sabe quantas pessoas passaram por esses Centros e passam ainda diariamente. A religião tem a mesma praticidade de outras religiões no país:

Prática. Eu gosto de trabalhar na prática da... da feitura de desmanche, se tem uma mulher sofrida com o marido e a amante tá fazendo porcaria, eu vejo e descubro, ela vem aqui conta, eu vou procurar ajudar desmanchar

aquele... tirar aquela pessoa, não matar, não tenho poder pra isso. Não acredito que o ser humano tem poder para isso. Essas coisas existem? Sim, mas depende da fé e da compreensão de cada um, porque a coisa só pega em você, quando você não acredita em Deus, quando você acredita, e não prática nada pra receber o retorno (DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018, pp.4).

Dona Erotildes também atendia casos assim:

Eu lembro bem de um senhor. Pessoas que tinha algum problema no casamento, sabe? Não tava dando certo o casamento. Aí, procurava. Igual eu lembrei desse senhor. Procurava ela prá fazer alguma coisa prá resolver, prá... A pessoa não queria se separar, né? Alguma coisa... Mas tava tendo alguma coisa que na... na... na vida conjugal... Então procuravam ela também prá essa finalidade. Sempre ajudava. Eu lembro bem que ela ajudava muito essas pessoas. Iam procurá-la...(DEPOIMENTO DE CARLOS, 2018,p.15).

Erotildes, sem dúvida, fez jus ao título de benzedeira que teve ao longo de sua história. Junto com a benção, vinha o acolhimento, a escuta, as soluções:

Ela começava seis horas da manhã, chegava dez horas da manhã ela pegava e encerrava, porque senão não parava. Tinha fila de gente esperando, aí é lógico, o pessoal queria sentar, conversar um pouco com ela, fazer um agrado... não tinha jeito, né? Criança, adulto, tudo, de qualquer jeito. Aí tinha pessoas que eram mais graves, ela pegava e passava o remédio, fazia, pegava... fazia banho, prá pessoas, com as plantas que tinham aí para as pessoas passar. As pessoas melhoravam e ficavam gratas para o resto da vida, né? Dizem que até uma pessoa de câncer ela curou, eu até sei, é aquela plantinha ali, ó... (aponta). Três pinguinhos, um litro de água. Não pode ser mais porque é veneno, né? (DEPOIMENTO DE REGINALDO, 2017, p. 17).

Ela era, por consequência, uma curandeira. Tinha compromisso com aqueles que a procuravam. Quando não conseguia fazer um remédio na hora, passava na casa do consultante para deixar:

Fazia remédio pras pessoas, o dia que ela não dava conta de fazer os remédio tudo aqui, ela colhia as folhas, levava, fazia lá na casa do Doutor, fazia lá por conta dos vidro e tudo, aí às vezes eu trazia ela, às vezes a gente passava na casa de um ou outro prá deixar, porque ela tinha essa plenitude por eles, sabe? Se eu falasse assim: "Doutor, vou levar a Tilde, ela ainda vai em tal lugar" então eles: "leva, espera, se ela na hora que ela quiser vim, traz, se ela quiser ir pra outro lugar ela vai". Então ela tinha essa liberdade (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, p.17).

Mas, a principal contribuição de Erotildes à cidade foi a abertura de sua casa para hospedagem de deslocados que chegavam à cidade. Ela acolheu muitos membros de sua família que vinham da cidade de Goiás, e pessoas desconhecidas, migrantes recém-chegados do nordeste e que não tinham referências aqui na cidade:

Mas ela tinha um coração muito bom, é... Gostava de ajudar as pessoas, é... Como eu disse: ela acolhia. As pessoas chegavam lá, eu não sei, eu até ficava assim: “Como que as pessoas sabem que... que ela ia arrumar um... um... um lugar prá pousar, prá ‘fi’... Prá ficar alguns dia até arrumar um outro lugar?” Pessoas que vinham do Nordeste. Principalmente pessoas que vinham do Nordeste. Vinham prá Goiânia e acabava chegando lá, né? Até parecia, assim, como se já fosse indicada prá ela, mas não era. Eu não sei, acabava chegando lá (DEPOIMENTO DE CARLOS, 2018, pp. 20).

Isso revela mais uma vez, o quanto foi difícil para os forasteiros se estabelecerem na nova cidade, e, como muitos receberam a solidariedade local para conseguir permanência na cidade. Essas mulheres não eram procuradas especificamente porque pertenciam a religião umbandista. Sabe-se que a religião, seja por desconhecimento ou por preconceito não gozava de boa fama na cidade. Era uma religião subterrânea na maioria das vezes, julgada de forma negativa no senso comum e ao mesmo tempo considerada de poder de grande magia e mistério.

O fato é que elas eram procuradas por sua fama de benzedadeiras, de curandeiras, de cartomantes, de caridosas. E por causa da necessidade premente a religião delas pouco importava. É claro que elas juntavam seu conhecimento religioso com a prática de recepção e atendimento às pessoas. E também muitos que foram atendidos nestas sessões, acabaram participando da casa religiosa posteriormente. Flormaria sistematiza seu ministério:

Eu fui usada pra um milagre de cura, como tem hoje João de Deus, Zerigó que teve, Chico Xavier, e outros, e outros, e outros, e outros, né? Que fazem curas através de aparelhos mediúnicos. Não é a gente. Atrás da gente quem faz é os mentores do espaço superior, eles que são a equipe de médicos do espaço, né? De Bezerra de Menezes tudo... eu acredito muito, vejo. Aqui tem... nós temos trabalho de cura nas terças- feira, né? Que muitas pessoas ligam pra mim, vem no outro dia e fala, que sentiu muito bem, que a dor que estava passou. Porque é fé. Eu não curo ninguém, quem cura é Deus, né? E a gente é usado através da mediunidade e nessa mediunidade na linha de... do Bezerra de Menezes tem aí os nosso irmão trabalhadores (DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018, pp.3).

Outra mulher que fez atendimentos embaixo de uma lona foi Mãe Lia. Ela não tinha no começo do seu ministério, local nem para morar, nem para atender. E foi atendendo numa lona na Vila Mauá que ela conheceu seu grande beneficente:

Não, eu abri debaixo da lona, entendeu? Na Vila Mauá. Eu atendia as pessoas debaixo da lona, era superlotado. Muito... Graças a Deus. Ai foi que um senhor veio dos Estados Unidos, do Canadá, levou a mãe dele lá no meu Centro, e a mãe dele era surda, cega e muda. Aí ele falou que ele tava num hotel muito caro aqui em Goiânia, e uma menina que tava

limpando lá, falou lá da casa. Aí ele foi, levou a mãe dele e falou: " Ó dona Mãe Lia, eu trouxe minha mãe pra senhora é... cuidar da minha mãe" Eu falei: "Ó, eu não tenho condições". Aí a doutora Hermione, que eu trabalho, falou pra ela assim ó: "Ela vai ter que ficar aqui". Como que essa véia ia ficar na minha casa? Não tinha cama...Como? Não tinha comida. Como que a dona Helena ia ficar na minha casa? Mas a entidade mandou, eu tive que cumprir. Eu tinha uma caminha de solteiro, eu pus o colchão e pus ela lá. Aí todo dia Zé Mário trazia pra mim arroz, feijão, comida lá do restaurante, pronta pra mim e meus filhos. Ele não contou que tinha feito isso aqui pra mim não, dentro de 30 dias (DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, p.8).

Como a mãe ficou curada com o tratamento oferecido por mãe Lia e suas entidades, o filho Zé Mário comprou um terreno no bairro no Jardim Presidente e construiu uma casa e um local para o Centro de Umbanda de mãe Lia. Era longe do Centro da cidade, mas num local acessível na época. Ela se mudou para lá e continuou seus rituais e atendimentos diários com a população interessada.

Além dos atendimentos mãe Lia adotou diversas crianças e educou como se fosse seus filhos. Eram crianças que mulheres abandonavam com ela, e outras que ficaram morando com ela:

É, assim o, a mãe desses dois [...] elas foram embora. Aí o filho dela deu meningite ela trouxe pra mim, e não voltou mais, entendeu? A mãe do Caio e do Luca também foi a mesma coisa, elas foram embora e não voltou mais. A mãe desses outros dois que tá aqui, mora aqui comigo também, trabalha aqui comigo, dos outros dois (DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, p.6).

Além dos atendimentos, essas mulheres ainda faziam doações em creches, Igrejas e alimentava por consequência os famintos: "E às vezes chegava uma pessoa aqui e falava assim: "ah, eu tô com fome, tô sem lugar pra dormir", ela recolhia" (DEPOIMENTO DE CRISTIANO, 2017, p.4).

Dulce foi além, quando a vizinha enviuvou, ela a ajudava com cestas básicas e quando a outra vizinha, o marido abandonou, ela logo se prontificou a pagar a escola do rapaz para que este não parasse de estudar:

Tinha uma viúva ali que passava fome, né? Era. Mãe dava ajuda toda... Direto, ela mandava cesta, os trem tudo. Tinha uma ali em cima que o filho dela tava estudando, o marido largou.[...] Aí ela falou: "Vou tirar meu filho da escola, tava prá formar." Ela falou: "Não vai tirar de jeito nenhum." Aí ela pagou tudinho até que o menino formou prá medicina. (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, p.29)

Também podiam ir a domicílios fazer trabalhos religiosos, dependendo da gravidade do caso, como encontramos na prática de Erotildes:

Aí ela foi, algumas vezes, lá na fazenda desse senhor fazer trabalho. Inclusive, fazia até noturno também, né? Porque esse senhor, ele foi lá

porque a filha dele... Veja bem, ela tinha... Era uma menina, deveria nessa época ela ter o quê? Uns 15 anos. Ela tinha um desmaio que não sabia...É, qual era a causa. E ele já tinha levado ela ao médico, feito os exames, num... Ela continuava com aquilo. Ela era uma pessoa normal, mas, às vezes, acontecia aquilo com ela. Então, ele procurou apelar à tia prá que fizesse alguma coisa, prá ver se resolvia, né? É... Esse problema que a filha dele tinha. E com isso, ele convidava prá ela fazer trabalho lá na fazenda dele. Eu lembro bem disso (DEPOIMENTO DE CARLOS, 2018,p.15).

Frequentar o Centro de Umbanda ou praticar a religião não é exigência na Umbanda e tampouco critério para a prática da caridade. A Umbanda não é proselitista e sua ação caritativa na sociedade vai além dos frequentadores do Centro. As diretoras espirituais dos Centros de Umbanda não ficaram limitadas ao seu espaço físico religioso, tampouco ao seu calendário religioso. Eram mulheres que se identificaram com a vida cotidiana em seus bairros. Eram conhecidas por todos e desejavam, de alguma forma, o bem estar da comunidade, pois:

Pessoas autotranscendentes são capazes de esquecer de si mesmas, identificando-se com o universo como um todo e aceitando a existência de relações que estão além do pensamento analítico e dedutivo (ALMINHANA, 2017,p.61).

Vejamos esse exemplo na festa de natal que Dulce promovia todos os anos no bairro do Garavelo em Goiânia:

A cesta básica, sabe? Ia juntando o que ela ganhava. O Centro, do pessoal do Centro aqui, ela enchia um quarto desse assim cheio. É... só cestas básicas. Aí ia juntando, quando era no dia de Natal, dia 24 ela vestia de... Meu... meu irmão vestia de Papai Noel, o caçula. E ela vestia a roupa dela, aí arrumava caminhonete, enchia a caminhonete com esse trem tudinho e subia na rua aqui. Nós andava essa rua tudinho dando prá todo mundo. Óleo prá um, arroz prá outro, balinha pros menino, brinquedo. Que ela fazia isso foi muitos e muitos anos. Então toda vida quando chegava época de Natal o pessoal passava: "*Dona Dulce, vai ter Natal?*" Minha mãe: "*Vai.*" Aí lá na rua passava: "*Oh, dona Dulce, vai ter Natal?*" "*Vai.*" Ela ia ajuntando, preparando, aí quando era no fim do ano... Que a gente tinha uma caminhonete, né Preta? Vinha, oferecia a caminhonete prá ela, aí enchia, sabe? E meu irmão vestido de Papai Noel saía distribuindo nas casas (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018,p. 19).

Já dona Erotildes comemorava a chegada do Ano Novo no bairro, se confraternizando com todos, na medida em que todos se mobilizavam para doar alimentos roupas e brinquedos:

Aí chegava brinquedo de tudo quanto é lugar. Aí o pessoal vinha para cá. Ela fazia uma festa, com refrigerante, bolo, rapidão, doce e tal, o pessoal vinha e tal, e ela entregava os presentes. Depois acabou ficando mais... Depois nos últimos até eu ia falar assim "tia, mas aqui o bairro... a senhora tem que ir para um bairro mais carente, porque aqui hoje em dia o pessoal não precisa" porque aqui antigamente o bairro era muito pobre, né? Tinha

uma casa aqui, outra lá em cima, na verdade eu passava aqui por dentro, passava por ali, as casa não eram muradas, e era mais distante também, né? Então o pessoal que morava aqui era bem de classe... bem humilde, também. Então era um vizinho ajudando o outro, aquela coisa de antigamente (DEPOIMENTO DE REGINALDO,2017,p.16).

Mas, subjacente ao assistencialismo material, que com certeza melhorava a vida daquelas pessoas, estava uma socialização surpreendente que criava redes de solidariedade e que aproximava as pessoas num mesmo contexto social, onde todas eram forasteiras, arriscando uma vida melhor em busca de trabalho para sobrevivência e de novas relações sociais.

Dulce era uma pessoa inquieta e de muita iniciativa. Aproveitava todas as ocasiões para alegrar a vida das pessoas, levando comida e balas:

Deixa eu te contar um negócio aqui prá você, nós levava ela na Vila Nova [...] E tinha uns pezão de manga, aquele monte de gente. Aí quando ela acabava de fazer, ela passava na padaria: “Não mãe, faz isso não mãe, vamos embora.” Eu doído também prá tomar uma... Ela: “Não, vamos passar aqui, eu quero comprar os trem pro menino.” Ela comprava duas caixas de bombom...Comprava 100 pão de queijo e punha no colo. Quando ela chegava na casa da... da freguesa, esqueci o nome da freguesa, sabe? “Óh, Dona Dulce...” Mas menino, mas parecia marimbondo. [...] Parecia marimbondo, mas eram pessoas. Era mais de 100 pessoas. É menino de todo lado. Era menino, era muié, era véio... E ela dava um bombom prá um, pão de queijo prá outro. E só via braço de gente. Aí o que ficava sem, ela dava dinheiro: “Toma ó, num sobrou, você vai lá e compra” (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, pp.27-28).

Também se preocupava com os moradores das ruas de Goiânia e de Trindade, a despeito do receio dos filhos diante dessa população:

E ela separava uns... uns 15 bombom, uns 15 pão de queijo e a gente virava a curva, que ela dava pros maloqueiro fumando droga, sabe? Aí ela parava: “Para aí, para aí.” No que eu parava o carro já vinha tudinho, os cara tudo drogado e ela dava prá eles. Falei: “Mãe, a senhora não pode fazer isso mais não, que é até perigoso, vai assaltar nós. ”Ela fazia isso mesmo. Nós gritava: “Mãe, não faz isso.” “Pode parar, pode parar.” Nós parava o carro e ela chamava eles [...] Ajuntava o ano todinho aquelas notinha de R\$2,00, fazia os pacote, aí ia prá Trindade prá dar prá aqueles mendigo lá.(DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018,p.28)

Dona Geraldina, saindo do Setor Pedro Ludovico, também prestou muita assistência a vários pontos da cidade de Goiânia:

Então foi isso aí, minha mãe, tinha médiuns na casa que tinha condições melhores, ela montava cesta, ela saia nos bairros, debaixo das pontes, levando comida pro povo, levando roupa, agasalho, dava final de ano, ela saia procurando as crianças para dar brinquedo, tudo que ela angariava, e com isso o nome dela foi ficando conhecido, foi ficando conhecido, muito, muito mesmo (DEPOIMENTO DE IARA, 2018, p.10).



Na medida em que os bairros foram sendo gentrificados na área central e sul de Goiânia, a população foi sendo deslocada para as periferias. O Jardim América, onde está o Centro de Conceição não tem muita população economicamente carente. Os participantes do Centro vêm de outras localidades e por isso ela sensibilizou a comunidade religiosa para buscarem contato com pessoas mais sofridas e que não frequentam o Centro:

Também os primeiros anos, a gente foi surgindo assim. A gente começava a trabalhar aqui no pessoal do lixão né? Eram cinco pessoas só da casa que foi trabalhar no lixão, ajudava a fazer, juntar cesta básica, eu sei que no primeiro ano a gente levou, consegui só 12 cestas. Aí no outro ano 16, aí foi crescendo, eu sei que esse ano a gente conseguiu arrecadar 60 cestas, né? Roupas, né? Brinquedo pro pessoal, mas esse pessoal bem carente mesmo sabe? (DEPOIMENTO DE CONCEIÇÃO, 2017, p.7).

Mas toda essa inserção no bairro, não garantiu que a intolerância religiosa não chegasse a elas. O preconceito e ignorância, reforçados ultimamente por discursos religiosos fundamentalistas, atingem essas mulheres e suas iniciativas. Rosalina descreve uma dessas passagens:

Sempre eu faço a festa de São Cosme e São Damião, é... Todo vinte e sete de setembro a gente faz a festa. Então tinha os bolos, né? Ganhava muito bolo. Aí a diretora lá da creche, né, falava pra elas que podia levar, sobrava o bolo né? Aí levava, aí os menino, as evangélica não comia e não deixava pros meninos delas comer, então tinha esse tipo de coisa assim (DEPOIMENTO ROSALINA, 2017,p.30).

Ainda impera a ideia de que os Centros de Umbanda são maléficos e que qualquer coisa que venham deles podem fazer mal, até mesmo por estar imbuído de forças 'demoníacas'.

Por conta disso, nas periferias, as Igrejas pentecostais disputam os fiéis com a Umbanda e para isso precisa da 'conversão' da diretora espiritual, pois ela assim fazendo, influencia todos os membros da religião:

Aí a gente através disso aí, quando os crentes chegou começaram a fazer mobilização tentando me tirar.[...] a primeira Igreja que teve foi bem na minha rua aqui do lado de cima é a presbiteriana, eles faziam campanha na minha porta de madrugada. Por que diz que eu tinha a mão de cura, que eu tinha o dom do Espírito Santo, mais tava no caminho errado Eles queriam que eu me com... como é que se fala? Se convertesse. Eles vinham fazer campanha aqui na minha porta, eu acordava de manhã cedo com eles orando, todo mundo na minha porta, nossa, foi uma luta bem grande até... Graças a Deus hoje não ninguém implica, mas eu passei por um pedaço feio (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.26).

A despeito de tudo que dona Maria Baiana fazia no bairro e na acolhida das pessoas, esses recém-chegados habitantes que estabeleciam novas Igrejas com velhas mentalidades, lutavam veemente contra suas crenças e suas práticas religiosas. Maria Baiana achou um jeito de driblar a relação mostrando um trabalho social que beneficiava a todos, independente das religiões:

Cada uma que chegava queria me peitar (risos), a da Assembleia de Deus foi também, depois veio a Universal da mesma forma. Cada Igreja que chegava aqui eles achavam que eu era o demônio, e que eu tava atrapalhando eles. Aí depois eu acho que eu ganhei o reconhecimento com isso sabe principalmente depois da creche, por que aí a creche já foi mais recente tem 20 anos, eu fundei a creche há 20 anos atrás (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.26).

Dona Tereza também enfrentou intolerância religiosa quando foi instalada uma enorme Igreja Pentecostal do lado de sua casa onde está localizado o seu Centro de Umbanda:

Então essa Igreja aqui ela veio para cá. O primeiro bom dia que nós ouvimos foi que Jesus tinha dito para eles que era para destruir aqui [...] Durante 20 anos nós aguentamos, jogavam pedra, pau, gritava dia e noite, só que eles jogam e corre, corriam. Mas não era por covardia, coitados, deixa para lá, ignorância (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018,p.28).

A situação foi piorando. Muitos vinham para o culto na Igreja e estacionava bem na porta da casa de dona Tereza. Ela ficava impossibilitada de sair com o carro para algum lugar. Como ficaram muito tempo em silencio, a prática se naturalizou e para não dar conflito novamente, quando precisavam sair, chamavam um táxi:

Teve uma época que eles tampavam aqui a frente que a gente não saia nem de bicicleta, não passava nem uma bicicleta daqui, a gente tinha que descer aqui e ir lá na esquina para sair de casa, o carro ficava na garagem, a gente andava de táxi (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018, p.28).

Para não entrar em conflito e mostrar justamente que eram pessoas sociáveis, aguentaram todo tipo de vexame durante 20 anos. Até que um dia, Tereza começou a desconfiar que tinha que mudar suas atitudes:

Porque nós aprendemos, pelo menos aqui que nós aprendemos é que já passou milhares de médiuns, então aqui “Deixa para lá”, “nós não somos assim”, “então deixa Deus tomar conta”, mas não é, quer dizer, de uns 20 anos para cá eu percebi que não é, não se pode deixar tudo na mão de Oxalá (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018, p.28).

Com essa firme convicção, se aprontou um dia para ir a um casamento, que ia ser madrinha, e a frente da sua casa estava lotada de carros pertencentes aos fiéis da Igreja Pentecostal. Ela saiu e:

Cheguei ali assim e falei: “Olha, avisa o pastor que o dono dessa caminhonete aí, eu vou acelerar o meu carro agora e vou passar por cima. Pode estragar o meu carro todo, mas o dele também vai, porque eu estou atrasada [...] e tem 40 minutos que eu estou pedindo vocês para tirar. E não vou chamar táxi como das outras vezes” (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018,p.29).

Na época, ela tinha um corcel velho. Ligou e acelerou para sair. O dono da caminhonete apavorado ligou o carro e desocupou o portão da garagem. Após esse fato, no dia seguinte, ao acordar pela manhã rezou:

Com oxalá, com ogum, falei: “Meu pai, a lei da terra foi criada para ser usada, senão não teria, e eu estou comunicando o Senhor, eu vou usar a lei da terra, não vou desviar nenhum... pedir a exu, nada, que nós nunca fizemos e nem vamos fazer nunca... mas a lei da terra eu vou usar” (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018, p.30).

Chamou um advogado e montou um processo contra a Igreja. Com tudo isso, ela entende hoje que a discriminação, o preconceito e a intolerância religiosa que existe contra a religião, são culpa também dos umbandistas porque eles ficam resignados e não agem: “vamos ser honestos, 50%, porque 50% a culpa é nossa” (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018, p.28).

Outra vitória que se orgulha de ter conseguido foi conversar com o pastor a respeito da religião e da fé. Ela conta que se incomodava muito porque a Igreja funcionava dia e noite. Saía um grupo e entrava outro. O culto começava às 4h30 da manhã e ia até a noite, o que faziam com que o casal não conseguisse ter sua privacidade de descanso e de sono. A pregação do pastor nos microfones incomodava mais ainda porque a temática era em torno de satanás: “ Menina, mas era: “Sai, Satanás”. Vinte e quatro horas por dia gritando: “Sai, sai, sai” (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018,p.30). Então, um dia, ela chamou o pastor e disse:

“Moço, vocês veneram demais esse Satanás, eu não conheço ele”. “Não?”. Eu falei: “É, uai, vocês falam nele 24 horas [...] Eu falei: “Olha aqui, vocês conhecem aqui, vocês sabem a hora que eu encerro, vocês conhecem os pontos de abertura, vocês conhecem o ponto de encerramento, que quando nós começamos a encerrar, você não entra, param os carros e vai embora, e se nós atrasar vocês ficam aí até nós encerrar. Você já ouviu nós mandar o Satanás sair?”. Aí ele olhou para mim assim, eu falei: “Sabe por quê? Porque dentro da minha Igreja Deus está”. “E se Deus está lá, Ele [o **satanás**] não. Então eu vou tocar o que não está dentro da minha Igreja? Agora vocês não acreditam que Deus esteja. Porque se vocês acreditassem que Jesus estava lá, vocês não iam tocar o Satanás o tempo inteiro. Jesus leva o Satanás para vocês?”. Nunca mais, você não ouve um grito “Sai, Satanás não” (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018,p.31).

De alguma forma, o pastor deve ter refletido sobre o conteúdo, pois ela diz que depois disso pararam os gritos que ordenavam Satanás e com orgulho ela afirma: “Durante esses anos todos tinha um tal de “Sai, Satanás” que esse quem acabou fui eu, eu acho que eu acabei foi em Goiânia inteira” (DEPOIMENTO DE TEREZA, 2018, p.30).

Essas mulheres empoderadas pela religião e pela comunidade foram tomando aos poucos consciência de que tinham poder e direitos. Foram aprendendo a conviver com a adversidade, foram buscando conhecimento e participando de movimentos que pudessem lhes oferecer proteção para suas práticas religiosas. Ao fazer isso, ganharam o respeito daqueles, que num primeiro momento já vinham com uma ideologia de que o mal estava nestas religiões e que ao combatê-las estariam fazendo um bem para a humanidade. Seja no conflito, com processos judiciais ou mesmo em tentativas dialogais, os novos pentecostais estão aprendendo a conviver com essas mulheres e suas práticas religiosas.

### 3.5. A CARIDADE NA FILANTROPIA, NA PROMOÇÃO SOCIAL E NA AÇÃO SOCIOPOLÍTICA.

Eu não sou ninguém. Sou uma cidadã, Maria Mendes e mãe  
também, e aqui eu represento as mães do bairro, sou  
presidente do bairro  
(Maria Baiana)

No dia 19 de julho se comemora o dia da caridade no Brasil. A data foi promulgada pela lei nº 5.063 pelo presidente Humberto Castelo Branco, em 1966. A lei se justificava “com a finalidade de difundir e incentivar a prática da solidariedade e do bom entendimento entre os homens”. Segundo a lei no seu segundo artigo, as comemorações desse dia seriam promovidas pelos ministérios da saúde, educação e cultura tendo como atividades obrigatórias: visitas a hospitais, casas de misericórdias, asilos, orfanatos, creches e presídios, e a todos os demais lugares onde a pobreza e a dor mais se façam sentir. Assim, em plena ditadura militar, o marechal Castelo Branco decretou a data para promover o ato de ajudar ao próximo no ‘progresso da humanidade’, no mesmo ano em que União dos Estudantes foi

colocada na clandestinidade e seus membros começaram a ser perseguidos pelo regime militar.

A promulgação da lei estava envolvida em duas ideias. A primeira é o escondimento das ações do Estado, tanto de censura e perseguição, quanto de ocultamento de políticas sociais que deveriam ser sua competência. A segunda se refere ao exercício da caridade enquanto filantropia, apropriando-se de uma prática recorrente no século XIX e XX, para omitir o governo na atenção à população carente de bens materiais, reforçando, assim uma determinada compreensão de prática de caridade como conceito em si mesmo<sup>146</sup>, e aplicando-o na sociedade capitalista industrial que se modernizava no país.

Assim, visitar instituições sociais que abrigavam os excluídos da sociedade mostraria um país que crescia em direção ao progresso econômico e moral. É claro que ao fazer isso, reforçava-se no senso comum o conceito de ‘caridade governamental’ enquanto ‘ajuda’, isto é, amparar os empobrecidos. A mensagem religiosa cristã, tão bem conhecida da população, salta das Igrejas para se fazer presente no ato de um governo ditatorial. Reforçava-se, assim, a ideia de que o governo era bom, não porque promovia políticas públicas e sociais como era sua finalidade, mas porque incentivava iniciativas da população com os desvalidos; de que a hierarquização de desigualdade econômica e social era natural e os pobres necessitam do assistencialismo de quem está nos degraus mais alto da pirâmide.

É verdade que as Igrejas cristãs durante todo o século XIX e XX investiu em instituições filantrópicas como as santas casas de misericórdia, orfanatos, escolas técnicas, hospícios e asilos para doentes crônicos, mentais e idosos. Então, aos poucos a caridade foi ganhando este rosto filantrópico.

Também o Espiritismo, desde sua chegada ao Brasil reforçou sua perspectiva máxima de que “fora da caridade não há salvação<sup>147</sup>”. Assim, os Espíritas, aos poucos foram ficando conhecidos e ganharam o respeito da sociedade por suas

---

<sup>146</sup> A palavra caridade vem do latim *carita* e *carus*, significando amor de alto valor, digno de apreço. No senso comum, a palavra foi associada a alguém que é despojado e tem amor para com o próximo se doando a ele. A religião cristã ao longo da sua história teve uma preocupação com os pobres e desafortunados e desde sua existência foi oferecendo como solução a prática da caridade. A partir da Idade Média a caridade foi exercida em mosteiros, albergues, asilos, leprosários, rodas dos expostos e mais tarde, a partir do iluminismo e da revolução industrial, a caridade se transformou em filantropia exercida em instituições como as santas casas de misericórdia, orfanatos, escolas, hospícios e asilos. (Nascimento, 2001; Marcílio, 1998)

<sup>147</sup> Kardec, Alan. O evangelho segundo o Espiritismo, capítulo XV.

obras filantrópicas aos quais se atingia muita gente. Cozinhar e distribuir sopas aos moradores de rua, coletar roupas usadas e distribuir em orfanatos ou outros Centros Espíritas para que os pobres pudessem ter acesso; construir hospitais Espíritas para a população carente; fazer projetos de assistência à criança pobre, reforçando conteúdos escolares e ensinando técnicas de trabalho; promover lares de mães adotivas para crianças abandonadas; fazer enxovais de bebês e amparar mulheres grávidas; acolher e encaminhar dependentes químicos, etc. Todas essas atividades fizeram parte de ações caritativas por parte de Espíritas e cristãos católicos e evangélicos.

Foi nesta perspectiva de caridade como filantropia que tia Leda criou o Lar das meninas de Pai Joaquim, voltada única e exclusivamente para meninas abandonadas e/ou órfãs. Assim, meninas que se viam em situações de vulnerabilidade por causa de morte na família, ou por esta não poder mais sustentar as pequenas meninas, enviavam-nas ao internato.

O Lar foi criado em 18 de abril de 1978 e era uma casa bem pequena que abrigava as crianças. Em 1993 a casa tinha 23 meninas de 1 a 15 anos.



Figura 128: Prédio da Escolinha Lar das Crianças de Pai Joaquim em 1993. Foto do Jornal Amor em Pai Joaquim, 1993

Em 2002, com a ajuda do Projeto Casa da Criança<sup>148</sup>, o Lar foi reconstruído em mutirão com arquitetos, engenheiros e empresários da construção. Ao final de cinco meses, estava pronta uma casa grande com quartos, biblioteca e oficina de costura. Neste mesmo ano a casa registrou a presença de 60 meninas entre 4 e 14 anos.



Figura 129: Frente do Lar das Crianças Pai Joaquim em 2004. Disponível em: <http://www.ceupja.com.br/lar-das-criancas-paijoaquim/>. Acesso em 12 dez. 2018.

Uma dessas meninas foi Alessandra. Nascida em Aparecida de Goiânia, viveu no Lar entre os anos de 1995 a 2004. Tinha 4 anos quando entrou e 13 anos quando saiu. Sua mãe era empregada doméstica, e passava por muitas dificuldades econômicas. Como foi trabalhar na casa de um dos médiuns do Centro, conseguiu deixar as duas filhas no Lar enquanto trabalhava. Pouco tempo depois ela faleceu e as meninas ficaram com o pai que abusou sexualmente de Alessandra, perdendo assim a guarda dela. Assim passou a ser responsabilidade total do Lar das Crianças Pai Joaquim, como tantas outras crianças que advinham de famílias disfuncionais ou que eram abandonadas e que tiveram como destino a obra social do Pai Joaquim. Sua irmã mais nova logo foi adotada por uma família, mas ela rejeitou todas as possibilidades de ir morar em casa de alguma família.

<sup>148</sup> O Projeto Casa da Criança surgiu em 1999 em Recife quando um casal de arquitetos reuniram outros arquitetos e decoradores para um trabalho social e beneficente voltado para crianças. Assim, foram ao abrigo público Casa da Carolina e transformaram as estruturas físicas do abrigo, o que consequentemente transformou também a relação da criança com seu meio ambiente. Após essa experiência, o Projeto se ampliou e passou a estarem presentes em outros estados da Federação, fazendo reformas em abrigos, creches e demais espaços para crianças com câncer e/ou com deficiências. Disponível em: [http://www.projetcasadacrianca.com.br/index.php?p=sobre\\_projeto](http://www.projetcasadacrianca.com.br/index.php?p=sobre_projeto). Acesso em 19 set.2019.

Assim como foram comuns as adoções no Lar, foram comuns também meninas de rua serem recolhidas para o Lar, o que causava muitos conflitos no cotidiano das meninas. Também, por falta de pessoal, as meninas mais velhas tomavam conta das menores, abusando geralmente de sua autoridade e exacerbando nos castigos físicos com as pequenas, o que trouxe aborrecimentos para a direção e para as crianças.

No Lar, além de irem para a escola, tinham atividade de artesanatos e de costura no contra turno escolar. Também as meninas ajudavam nas tarefas de cozinha, como explica Alessandra:

Acordava 7hs. Aí tinha lanche. As que ia prá escola, ia né? Ia, que já fica o muro emendado, bem do lado. Fica quase dentro do Centro já. E voltava da escola, tinha o almoço meio dia, lanche da tarde e a janta. O horário de dormir era sempre 9hs (...) tinha que ir pro Centro primeiro tomar o passe, toda segunda-feira. Era obrigado. Aí depois, dormir. Só na segunda que ia pro Centro. (...)Tinha um...um reforço, tinha muitos... Como que oficina, né?... Tinha muita gente que lá vive de doação, né? Então muita gente ajudava nessas 'parte', a pintar pano de prato, auxiliar as 'meninas' a costurar, artesanato...essas coisas...cozinhar (DEPOIMENTO DE ALESSANDRA, 2018, p.3).

Alessandra se recorda das dificuldades econômicas pelas quais o Lar passava, pois a alimentação era muito deficitária porque dependia das doações de pessoas de boa vontade. Atualmente o Lar das Crianças Pai Joaquim atende apenas crianças no período matutino, fornecendo atividades no contraturno escolar, pois já não dispõe de logística para abrigar o que foi o antigo orfanato e passa por muitas dificuldades financeiras, devido a morosidade no repasse das verbas previstos nos contratos celebrados com a prefeitura.

Apesar de esta obra social ter sido uma iniciativa de tia Leda e ser mantida pelo Centro de Umbanda, ele nunca foi usado como pretexto para incentivar ou estimular a religiosidade umbandista nas crianças. O único contato com a religião era nas segundas feiras, quando as crianças eram levadas ao Centro e o Pai Joaquim de Angola as vinha benzer. Creditava-se a Ele a oportunidade dessas meninas terem uma vivência alternativa que não fossem as famílias violentas, os abrigos ou mesmo as ruas. Também Tia Leda fazia conexões entre essas crianças internadas no Lar, com “famílias goianienses que se ofereciam para recebê-las por dois ou três dias” em suas casas ( JORNAL AMOR EM PAI JOAQUIM, 1993).

Tia Leda, como as demais mulheres lideranças na religião umbandista, batalhou muito para concretizar sua missão de realizar seu sonho de uma casa



religiosa na capital de Goiás. Ela era uma católica fervorosa nas fileiras das Filhas de Maria quando recebeu a missão de fundar um Centro de Umbanda na cidade, após se curar de uma moléstia renal no Centro Espiritualista de Umbanda Pai Joaquim de Aruanda, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. Ela é sobrinha do Dr. Colombino Bastos, o fundador do primeiro Centro de Umbanda da capital, o Centro Espiritualista Eclético Tenda do Caminho.

Para cumprir sua missão o caminho não foi fácil, pois diferente de outras mulheres que lideravam a Umbanda, ela nunca teve a compreensão e nem o apoio da sua família. Assim começou sua obra como um Centro de Umbanda doméstico, nas casas de amigas interessadas em vivenciar a religião. Após esse período obteve permissão do marido para fazer um culto religioso num cômodo situado ao fundo de sua casa. Deu certo por um tempo, mas depois mudou para um cômodo na rua 91, e depois alugou uma sala no Setor Campinas. Depois de um tempo, alugou outra sala no bairro Popular, próximo da estação ferroviária. Com tantas voltas e idas, tomou coragem e foi até o gabinete do prefeito falar com Íris Rezende, que por sinal era afilhado do marido de uma grande amiga da família. Conseguiu sensibilizar e persuadir o executivo e ganhou um terreno de 17.000m<sup>2</sup> no Setor Urias Magalhães.

Na época, o Setor era um grande matagal. Um ano depois, tia Leda e seus médiuns se viram num grande conflito com o prefeito Manoel dos Reis e Silva, pois agora a prefeitura reivindicava o lote doado. Ela e seu grupo foram defender o terreno confiscado pela prefeitura, até que o marido lhe disse: “ou o terreno, ou eu”.

Ela preferiu o marido e perdeu uma boa parte do terreno que ganhou da gestão anterior (BRITO, 2016, pp. 124-126). Então entendeu que devia logo ocupar o terreno e juntando os amigos, simpatizantes e umbandistas do Centro, construíram uma pequena casa com dinheiro de obras beneficentes como jantares, bingos, festivais de chopp, etc... Em 1975, essa pequena casa deu lugar a um galpão maior que ficou sendo a sede do Centro até 1991. Nesta época foi inaugurada a sede atual, com 400m<sup>2</sup> a partir de um projeto arquitetônico de um conhecido que doou seu serviço. Para a construção, se conseguiu um espaço na Exposição Agropecuária de Goiânia onde o Centro mantinha uma barraca dedicada a cultura de Minas Gerais. Durante quatro anos, os médiuns se uniam em torno da barraca e seu potencial de venda. A abóbada do Centro ficou a cargo da União das Lojas Maçônicas



Figura 130: Barraca de Minas Gerais promovida pelo Centro Espiritualista Umbandista Pai Joaquim de Angola no Parque de exposição de Goiânia, em 1992. Foto do jornal Amor em Pai Joaquim.

No Jardim Monte Cristo, Maria de Lurdes junto com o marido apostou na promoção social de jovens e crianças através da educação. Na medida em que foi ficando conhecida e com os atendimentos, começou a ter consciência em qual realidade estava inserida. Os pais iam trabalhar e as crianças e jovens ficavam em casa, muitas vezes sem supervisão de um adulto. Além do mais, traficantes de drogas chegavam no bairro para aliciar as crianças. Então, dada a realidade resolveram abrir as portas do Centro para formação religiosa das crianças, em forma de catequese uma vez por semana, mas depois se ampliou para uma escola de alfabetização porque no bairro as crianças não tinham escolas e Lurdes achou por bem educar os meninos para não ficarem vagando nas ruas. Assim nasceu a Escolinha Cosme e Damião de combate às drogas:

Nós fazia esse trabalho, né? Dava aula, catequese, né? E dava aula também por que... É... A alfabetização, primeiros anos que eles não tinha, né? Menino pequeno, então a gente dava essa aula. Tinha a minha menina que era professora, a Nacinalva e a Jane. E aí foi... Nós fomo educando esses meninos. Aqui no Centro, é (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018,p. 23).



Figura 131: Escola Cosme e Damião dirigida por Maria de Lurdes da Conceição. Acervo do templo de Oração de Maria

Para a escola tiveram a assessoria do professor Alcides, que segundo depoimento ele era da universidade que ficava na Vila Brasília<sup>149</sup>. Além disso, o casal iniciou um trabalho desportivo, entusiasmando os jovens a participar de time de futebol. A novidade é que Lurdes teimou em criar um time de futebol feminino. A princípio o marido não queria, achava que as meninas podiam se machucar ou causar outros problemas, mas a esposa assumiu a ideia e logo tratou de colocar as duas filhas mais velha no time. Uma delas já era casada e o marido se tornou diretor do time. Foi um sucesso. As meninas fizeram história levando o nome do bairro por onde passavam. Era o Monte Cristo Esporte Clube de Aparecida de Goiânia. O fato de o time levar o nome do bairro, mostra o desejo de Lurdes de protagonizar os moradores da cidade. O time foi fundado em 1993 e permaneceu até 2012, quando ela adoeceu e a família não teve condições de continuar o trabalho por ela iniciado.

Durante a década de 90, o jornal *Aparecida Hoje* na sua coluna de esportes noticiava sobre os jogos disputados pelo time feminino. Na edição da semana de 26/8 a 01/09 de 1995, com o título *A mulher com a bola toda*, o jornalista registrou:

<sup>149</sup> O professor Alcides na época tinha o educandário Alfredo Nasser na cidade de Aparecida, que atualmente é o Colégio de Aplicação Alfredo Nasser juntamente com a Faculdade Alfredo Nasser-UNIFAN, e tinha sido vereador entre os anos de 1977 a 1982. Nesta época estava interessado em ser prefeito de Aparecida e talvez por isso tenha se aproximado do bairro dando apoio à iniciativa de dona Lurdes. Foi candidato duas vezes ao cargo executivo, mas perdeu. Atualmente é deputado federal pelo estado de Goiás.

Há muito tempo, no Brasil, o futebol deixou de ser “coisa de homem”[...] Em Aparecida, a história não é diferente. No Jardim Monte Cristo, por exemplo, todas as terças e quintas feiras, cerca de 20 garotas, na faixa etária de 14 a 17 anos, trocam a maquiagem pela chuteira e correm para os treinos do Monte Cristo Esporte Clube. Essa equipe de futebol feminino foi fundada há dois anos, pela dona de casa, Maria de Lurdes da Conceição, que, também, dirige a Escolinha Cosme e Damião de combate às drogas. A maioria das integrantes trabalha como empregada doméstica e cinco são casadas (JORNAL APARECIDA HOJE, 1995)



Figura 132: Foto do time de futebol feminino Monte Cristo Esporte Clube em 1995. Acervo do Templo de Oração de Maria.

Havia muitas prioridades para Maria de Lurdes no bairro, mas ela se preocupou com as meninas. E o fez de uma maneira não muito convencional, afinal organizar times de futebol feminino não é fácil. A ação social dela não era filantropia. Ela pausava pela promoção social das mulheres na medida em que se envolvendo com esportes elas poderiam melhorar a saúde, os relacionamentos, melhorar o desempenho profissional e se envolver mais com a comunidade do bairro.

Em fevereiro de 1996, o jornal registrava a vitória do Monte Cristo Futebol Clube por 9 a 3 contra o Campineiro Futebol Clube, dando ao time o troféu de campeão. Nesta época, o time contou com o patrocínio da Associação de moradores do bairro vizinho, a Cidade Livre.



Figura 133: Time de futebol feminino Monte Cristo Esporte Clube. Dona Maria de Lurdes no canto direito, em pé, com uma blusa branca listrada. Acervo do Templo de Oração de Maria

Seguindo a trilha da esposa, Jesus organizou o time masculino de adolescentes, jovens e adultos:

Aí nós fizemos um campo aqui ó, onde é essa avenida ali. Então eu treinava os meninos. Depois formei o time dos homens, dos veteranos. Depois formei o outro time dos meninos já... normal então tinha quatro time, o veterano e o time mesmo do... Nós botemos Monte Cristo Esporte Clube. Né? E tinha também de vôlei também, que minha menina que fazia parte. Então esse meu deu sucesso, nós chegamos até disputar campeonato em Goiânia. Enfrentemos o Aliança, enfrentemos Goiânia...O Aliança mesmo, o Goiânia, enfrentemos o Gama, é...Itumbiara. Enfrentemos um bocado de time, um timinho que eu era técnico do time (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018, pp. 23-24).

Os times tiveram êxitos e troféus que foram conquistados e que permanecem no templo de Oração de Maria:



Figura 134: troféus de vitórias dos times femininos e masculinos no Jardim Monte Cristo. Acervo do Templo de Oração de Maria.

Mas Jesus afirma que isso foi apenas estratégia para algo muito maior, isto é, possibilitar aos adolescentes e jovens que pudessem ter outras escolhas que não fossem o caminho das drogas, e por consequência da criminalidade: “E a doutrina também de libertação de drogas. Ensinar os meninos respeitar os pais, né? Então muitos meninos que usava droga nós conseguimos libertar” (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018, pp. 22).



Figura 135: Meninos da Escola Cosme e Damião com seu Jesus a direita e Maria de Lurdes a esquerda. Acervo do Templo de Oração de Maria.

Jesus sabia que se dependesse das autoridades governamentais os meninos pereceriam nas cadeias. Daí sua preocupação de criar alternativas atrativas e comunitárias que pudessem ‘libertar’ esses jovens da sedução do tráfico de drogas. Quando em 2011, Maria de Lurdes adoeceu e começou a fazer tratamentos médicos, ficou difícil continuar com os times. Então a Secretaria de Esportes de Aparecida lançou um Programa de esportes, que Jesus acredita foi inspirado na sua luta e de sua esposa:

Foi aonde que hoje na Secretaria do Estado que é a... é... Fala não sei o que Feliz Esporte, nasceu da minha escola. Aí o Colatino pegou e adaptou isso na Secretaria do Esporte, nasceu da nossa escolinha. (DEPOIMENTO DE JESUS, 2018, p. 23)

Além disso, distribuía cestas básicas de acordo com a necessidade dos moradores:

Teve uma... uma época que a gente fez... De dar a cesta prá pessoas, assim, quando nós... Com a ajuda da federação, a gente escolheu as pessoas, né? Que mais necessitava, e nós dava cesta sim. Nós também fazia bingo. Nós já fez... Nós fazia também doação, nós reunia os médium, fazia cesta para dar às pessoas, roupa, tudo. Aqui a vontade era essa, que é a... Como a cesta que pedia pros médium, e os médium tava tudo trabalhando, empregado, eles falou: “Não padrinho, tem algumas pessoa necessitadas aí...” Então nós saiu descobrindo as pessoas (DEPOIMENTO DE JANAÍNA, MARIA DE FÁTIMA E JESUS, 2018, p. 9).

Todo esse trabalho e dedicação foram iniciativa e manutenção do casal que nunca contou com investimento político porque Jesus rejeitava veemente esse tipo de relação:

Uma coisa que eu nunca gostei, mexer com governo. Eu nunca gostei de ficar rabo preso com ninguém, eu gosto de ser independente. Então eu preciso... Eu prefiro ocupar a minha comunidade do que ficar na porta de um vereador, de um deputado mendigando, pedindo eles prá fazer isso, fazer aquilo. Gosto... Toda vida gostei de ser independente (DEPOIMENTO DE JANAÍNA, MARIA DE FÁTIMA E JESUS, 2018, p. 10).

Dona Erotildes também recebia muita gente em seu Centro, mas também não gostava de receber doações de políticos. Atendia os políticos que a procurassem para ‘desmanchar algum feitiço’ ou ‘curar alguém’, mas não recebia doações alguma deles. Aliás ela não recebia nada de ninguém. A menos quando achava que devia cobrar em algum jogo de baralho.

Também mãe Uiara não gostava desse tipo de relacionamento, pois pressuponha realizar os desejos deles, mesmo sem afinidade alguma com a religião:

Veio um político aqui, queria... eu falei “não meu filho, eu não faço trabalho pra ninguém não, pra ganhar dinheiro? Não, de jeito nenhum, aqui é pra quem tá doente, pra quem tá necessitado” falei pra ele. “A é?” eu falei “é”, e eu vou te falar aonde cobra cê corre, não resolve merda nenhuma, resolve mais com 5 anos volta tudo que era, é, se você cobrar os trabalho vale pra 5 anos, isso tudo os guia que me ensinou, com 5 anos volta tudo que era (DEPOIMENTO DE UIARA, 2018. p.9).

Dona Geraldina também não quis tirar proveito de sua posição e interagir com os políticos. Ela preferia o trabalho interno com seus médiuns no Centro, onde juntava cestas básicas, roupas e brinquedos para as crianças do bairro:

O que ela fazia era de caridade, era de dom dela sabe? Mas, primeiro ela não gostava de política. Não, ela não gostava, ela, ela ficava, nossa, quando dava época de política, eles procuravam ela, recebia porque a casa é aberta, casa de Deus, mas ela não gostava de política, o que ela fazia era reunir ajuda dos próprios membros, para distribuir para quem precisava, em nome do Centro, em nome de alguém, mas nunca assim, por, é, ongs, não, nada disso. Era voluntariamente. Junto com os médiuns. (DEPOIMENTO DE IARA, 2018, p.23)

Por causa de sua postura, todos no bairro a conheciam e a estimavam. Ela preferia assim a ficar cliente da política local. Isso uniu a comunidade de seu Centro de Umbanda, pois todos sabiam que eram importantes protagonistas no processo de funcionamento do Centro de Umbanda: “Ela passou isso para gente, ela era muito carismática. As pessoas confiavam nela, ajudavam ela, porque sabia que ela ajudava as pessoas” (DEPOIMENTO DE IARA, 2018, p.23).

Ela nunca recebeu, segundo a filha, doação de político nem para ajudar no Centro, nem para distribuir no bairro, mesmo quando vinham oferecer a ela. Iara, a filha sua sucessora no Centro, continua com a mesma prática:

Com certeza, e eu sou do mesmo jeito. Cabresto com ninguém, porque você sabe como que é depois né? Vem cobrar, então assim, precisa fazer esse telhado, reúne todos os médiuns, faz uma feijoada, rifa alguma coisa, a gente faz o telhado... Agora precisa por o piso. Vai, junta todo mundo, compra o piso; vamos pagar os carnês, IPTU a gente junta todo mundo, vamos pagar o IPTU, entendeu? (DEPOIMENTO DE IARA, 2018, p.23).

Dona Lurdes, Dona Erotildes, dona Uiara e dona Geraldina foram mulheres que entenderam a prática da caridade enquanto práticas assistencialistas em seus bairros e na cidade. Para elas a intromissão de pessoas ligadas à política estatal atrapalhava mais do que ajudava em seus ministérios. Elas preferiram seguir caminhos próprios no cumprimento religioso e reforçar a vida da comunidade umbandista, a relação entre os médiuns e suas famílias, a solidariedade dos vizinhos composto de pequenos comerciantes, trabalhadores em geral, donas de



casa e demais moradores. No fundo se tratava de uma questão de ética, porque esses candidatos á política as procuravam nas épocas de campanhas eleitorais para que elas pudessem ‘fazer um trabalho’ ou ‘dar um jeitinho’ dentro da possibilidade da magia religiosa, para eles obterem vitória nas eleições. Era a isso que as mulheres renunciavam. Não queriam ser meros instrumentos para a entrada desses homens no poder. Além do mais acreditavam que a religião não tinha essa finalidade.

Mesmo as que abriram suas casas para políticos entrarem, serem consulentes, fazerem donativos para o Centro de Umbanda, ou mesmo fazerem campanhas em época de eleições compartilhavam da mesma ideia:

Depois que a gente começou a... Quando era na época da minha irmã era mais, porque era aquela esperança da gente fazer um trabalho, fazer uma abertura que você vai ganhar. E eu não faço isso. Quando a pessoa chega, a primeira coisa que eu já falo é isso. Não aceito. Eu não aceito. Cê quer vir tomar um passe, cê quer vir limpar, pegar uma energia de fortalecimento, pra você ir prá campanha... Mas não vem oferecer dinheiro, oferecer coisa pra mainha pra que você possa ganhar (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p. 60).

Era uma mentalidade que criava uma prática que popularizava os Centros de Umbanda através de suas fortes e carismáticas lideranças que conquistavam adeptos para a religião e fascinava pelo espírito includente.

Tom, do Centro Espírita Cavaleiros de Ogum, vai mais longe ao afirmar a necessidade de separação entre religião e política:

Cavaleiro de Ogum é apartidário. Não se envolve religião com política. Ao contrário de muitos, que acreditam que a política alavanca até religião, eu não. Nunca. Já apareceu vereador querendo reunião para falar. Eles são guias, os adeptos são guias exercendo seus direitos. A casa tem restrição em permitir que vocês venham fazer qualquer tipo de encenação ou trabalho político. E nem vai atrás de político buscar benefício. Nunca fui. Mas se algum político por acaso quiser fazer uma doação, do sentimento do coração dele, desvinculado da... um dia, se essa casa for minha, é bem-vindo. Mas nunca pegar o gatilho de um político visando a casa civil, em hipótese alguma (DEPOIMENTO DE TOM, 2017, p. 21).

Parece que o modo como se pensa política no Brasil e seus desdobramentos acaba criando essa contradição entre as necessidades políticas da cidade e a contribuição religiosa que os Centros de Umbanda doam ao espaço urbano.

Além disso, dificilmente um grande empresário ou agente político que assume uma função pública, assume em público a participação religiosa na Umbanda, o que faz com que os Centros de Umbanda fiquem numa situação de semiclandestinidade.

É cultura no Brasil negar a prática religiosa em religiões tidas como inferiores ou negras, mesmo entre os umbandistas. Ao perguntarem por sua religião negam. Maria Baiana diz a esse respeito: “Católica, Espírita,... É a mesma coisa, é o medo de ser discriminado, é o medo de tá trabalhando e ser mandado embora, ser amigo do fulano e não ser amigo mais”(DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p. 50).

Por isso muitos são os que vão aos Centros, tiram proveitos de seus conhecimentos e práticas religiosas, mas geralmente não assume a identidade religiosa umbandista.

Outras lideranças religiosas, mais flexíveis, souberam tirar proveitos dessa relação, aproveitando tudo que lhes era oferecido pelos agentes políticos, como bens materiais e sua influência:

Eu tive aqui aquele deputado. Toda vez que a família precisa, me liga e eu atendo, é do... como que ele chama? Que é um carequinha, que tem uma filha que teve câncer, (barulho com a boca, indicando frustração por não lembrar o nome), ai meu deus eles me... Cesar... Paulo de ces... Cesa... celsa... Paulo, Paulo Cesar... José Paulo Cesar, ele é deputado federal .É, ele sempre vem. Vem, faz os trabalho tudo. O Roni Cesar que mexeu... me levou a pouco tempo. Eu fui ver uma pessoa, eu ate pedi uma vaga para uma pessoa lá de Posse que tá com câncer, trouxe a Naira, ela ficou dois meses lá, sendo bem tratada. Eles vieram aqui em casa, na Kombi, pegou. Isso eu tive, do Rony Cesar, né? Que eles têm essa fundação que faz quando as pessoas vem do interior, né? Que fica aqui, albergue que fala? É, vem para Araújo Jorge fazer tratamento, vem pro hospital das clinica, e fica, né, eu vim para pegar somente uma assinatura dele, as Kombi chegou lá e, pois elas duas lá, ficou dois meses (DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018,p.16).

Flormaria aproveitou das ofertas que alguns clientes ligados a cargos legislativos e executivos ofereciam, para cuidar de pessoas com câncer oriundas da cidade de Posse, bem como conseguiu doações para a população de lá:

Eu já recebi bastante convite, já recebi livros, mas lá em Posse. Não sei se foi porque na época, o Maguito ia muito lá em Posse, e ele assinou pra mim lá, muita disposição, eles assinaram. Uma vez a primeira dama mandou pra mim 60 colchões, mandou... parece que uns 300 quilos de feijão (DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018,p.15).

Também contou em sua prática caritativa com a colaboração de empresários e de profissionais liberais que doava bens materiais:

Tem um senhor aí, um, um empresário, ele chama Marcelo, todo ano (ênfase em “todo ano”) na festa de Cosme e Damião eu ganho mil brinquedo dele. Fica cheio um quarto de madeira que eu tenho. Eu levo tudo pro interior e aqui, sabe? Esse, todo ano (ênfase novamente em “todo ano”), ele é empresário, ele me dá, tem nada haver com política. E de outro, doutor Marcelo lá da clinica, neurológico, também ele e a esposa frequenta aqui. Ele, ele é neurologista, eu faço tratamento nele aqui (risos). Ele e a

esposa. Eles têm clínica ali, ao lado da... tem a, a clinica de neurologista lá no Bueno, aquele de cá... Clínica.. não sei como que é o nome...prediozinho verde, é deles. E ele, quarta-feira está os dois aqui, e terça-feira eu vou, ele vai passar na linha de cura, esses também sempre fazem doações de cobertor, de brinquedo, de enxoval. Ela compra, ela não pede ninguém não. Aqui no bairro não tem ninguém pobre assim, a gente, eu levo muito pro interior. Lá em Posse eu tenho famílias cadastradas. Aí meu filho é publicitário e avisa que eu tô indo com três, quatros caminhonetes. Nós temos uma, dois médiuns, um tem outra, outro tem outra, e a gente ainda arruma assim com parente de médiuns, que trocam o carro e nos vamos nas caminhonetes e leva feijão, cobertor, isso nós fazemos sem nada de governo (DEPOIMENTO DE FLORMARIA, 2018, p.17).

Os Centros de Umbanda tinham a presença de um público diversificado, dentre eles os agentes políticos, os quais vinham participar em seus rituais religiosos. Muitos vinham em busca dos auxílios que a religião oferecia. Dona Dulce atendia a todos que a procurassem, não fazia distinção de ninguém, e mais que isso, cativava as pessoas com sua generosidade e doação. Ganhou assim muitos admiradores que estavam sempre doando bens materiais ao Centro ou lhe devolvendo favores. Muitos deles frequentavam o Centro rotineiramente:

Tinha muitos... muitos candidatos, né? Deputado vinha aqui, Prefeito vinha, médicos... Se você vê a quantidade de médico que vinha aqui. Eu num tô... Enfermeiros, né Preta? Ah, vinha, Juiz, doutor. O Doutor, aquele de coração mermo lá, como é que é o nome dele? Doutor Malano sempre aqui, olhava ele. Doutor Dionísio. [...] Vinha direto aqui ler a mão com ela, o dono da Casa Fortaleza, o Ceará. Direto vinha todo mundo aqui ler. E eu falo prá você que é muito certo, porque essas pessoas conhecida aqui vinha era muitos e muitos anos, toda semana vinha. Porque se fosse falso, eles não vinham mais. Eles não vinha. Essas pessoas grandes são inteligentes, como é que eles vinham toda semana pedir orientação prá ela? Né? Que isso jamais é benzeção, era orientação que ela... Conselho, orientação, conselho. E todo mundo que vinha se dava bem (DEPOIMENTO DE HUMBERTO E PRETA, 2018, p. 17).

A diferença entre dona Flormaria e dona Dulce é que esta última unia sua ação caritativa assistencialista com a ação política no seu bairro, pois foi presidente da associação de bairro e com a influência dos agentes políticos conseguia atender as muitas carências dos moradores do bairro. Como não havia promoção social, muitos políticos gostavam disso, pois distribuir cestas básicas e promover festas era um lobby interessante para a campanha eleitoral.

De qualquer forma, a Umbanda era uma religião, que realmente se conectava com o bairro e não apenas com os seguidores da religião. Dona Dulce trazia alegria ao bairro com sua atitude altruísta e generosa, mas mais do que isso, ela movimentava toda a sua família, a comunidade umbandista e o bairro para a

realização das festas que realizava, desde o recolhimento dos mantimentos até a distribuição. Ela recebia donativos de todos que quisessem participar, não excluindo ninguém: “Muitos políticos também que ajudou ela. Gente de Jataí, de Caarapó, de Rio Verde, Brasília. Vieram muita gente” (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, p. 16).

Realmente Dulce estava sempre presente no bairro e promovia almoço e jantares com intuito beneficente de retorno numerário para melhorias no próprio bairro:

Aí ela ia, almoço. Igual eu ia falando prá você, todo ano, por exemplo, tinha uma feijoada. Aí um ano era na casa da minha mãe, o outro ano na casa da Vanda, no outro ano na casa da... da Cida. Aí a última vez que teve aqui foi uma rabada aqui no almoço. Eu fui mais o menino tudo, nós foi comprar essa rabada, teve que comprar 23 rabadas, não sei quantos quilo de trem prá fazer. Aí era mais de 200 pessoas que vinha. Todo ano, sabe? Assim (...) É, fazia essas festonas, sabe? Assim de... de almoço. Era muita coisa. (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018, p.20).

Talvez o fato de ela ganhar tantas doações, que eram justificadas como retribuição pelas graças alcançadas pelas entidades espirituais que ela recebia no trabalho religioso, tenham permitido a ela organizar e fazer as festas e as doações que fazia no bairro.

Ela ganhava muita coisa também. A minha mãe, ela ganhava roupa, ganhava saco de arroz, ganhava saco de farinha desses fazendeiros que vinham... dos políticos...trazia queijo, bolo. Trazia peixe, frango. Era aqueles trabalhos prá hortifrutigranjeiro, trazia caixa de tomate, trazia caixa de beterraba, caixa de repolho de brinde prá ela. “Ó dona Dulce...” Frequentava o Centro, fazia corrente... Tinha um cara lá da Ceasa, né? Também. Trazia caixas de tomate, trem... Porco. Ela ganhava leitoa. Quando ela final de ano ganhava Leitoa. Ganhava trem demais. Ela dava prá mim, dava pro cumpadre Julinho. Aqui era trem demais, ganhava muito. Isso era desse jeito (DEPOIMENTO DE PRETA E HUMBERTO, 2018,p.29-30).

Mãe Lia também teve uma atuação junto à associação de moradores do bairro. Foi também uma das primeiras a habitar o Jardim Presidente e acolheu praticamente todos os demais moradores inserindo-os na vida do bairro. Nunca foi presidente da Associação, mas sempre atuava junto com a comunidade local:

Quando tinha, a gente participava, e era aqui, que tinha um, uma, como é que fala? [...] A associação do bairro que era aqui, não tem mais, assim acabou. Aí tinha peça, a gente, a gente fazia barraquinha, a gente vendia trem pra arrecadar, pra ajudar, cê tá entendendo? Agora não tem mais. É o bairro tá... Abandonado né? Abandonado (DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, pp. 15-16).

A associação conquistou muitas coisas no bairro através de campanhas junto à prefeitura. Ultimamente o bairro está desarticulado, pois a presidente sofreu um derrame vascular e nenhum outro morador quis assumir a vaga.

Para mãe Lia, tudo que ela fez se resume em doação. Foi uma vida diferente onde foi muito incompreendida familiar e socialmente:

Ai filha, eu passei tanta provação quando eu tive a minha missão, que, teste né?... espiritual... prá ver se eu conseguia mesmo. Passei por muita aprovação. Os outros me xingavam, é crente, evangélico, sabe? Mas eu venci, em nome de Deus. Hoje, hoje vem pastor na minha casa. Vem padre, graças a Deus. Vem passear, vem consultar (DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, p. 16).

Mas da qual ela tem muito orgulho:

Tem vitória muita. Não tem coisa melhor que você ver uma pessoa caída ali e sofrendo e você levar sua mão, e aquela pessoa receber a vitória, não tem como, não tem como. Não tem preço, não dá (DEPOIMENTO DE MÃE LIA, 2018, p 22).

Maria baiana é com certeza uma grande figura na Umbanda goianiense, mas além de líder religiosa, ela foi e é ainda uma das maiores lideranças na cidade de Aparecida de Goiânia:



Figura 136: Maria baiana inspirando as novas gerações de dirigentes umbandistas no segundo encontro de jovens umbandistas, realizado em outubro de 2018.

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1880100385373977&set=t.100005567087599&type=3&theater>. Acesso em 24 de junho de 2019

Praticamente tudo que existe atualmente no seu bairro, Jardim Alto Paraíso, foi luta e conquista dela: "No passado eu fundei a associação de moradores, eu

fundei a associação do clube de mães, sabe, tudo aqui foi eu que iniciei tudo”(DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.43).

Em 1982, ela chegou ao bairro e foi a terceira moradora de uma série de lotes vendidos sem nenhuma infraestrutura para as famílias ocuparem a cidade, pois não havia luz, água, ônibus, posto de saúde, comércio. Para sair do aluguel construiu um barracão e uma cisterna e do lado ergueu junto com seus médiuns a Casa Umbandista Maria Baiana que trouxera do Setor Bueno.

Eu fui a terceira moradora daqui. Pra nós conseguir construir uma escola aqui, eu atravessava isso aqui no peito, que era só brejo, fazenda, essas coisas, chácaras, essas coisas aqui, pra chegar lá no Colina Azul pra pegar ônibus. Porque se você não quisesse pegar o ônibus interestadual, você tinha que ir por aqui pra pegar uma estrada pra poder ir pro Centro de Aparecida. Tinha nada... posto de saúde nosso aqui era lá no Novo Horizonte”(DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.43).

Como era muito mato e poucos moradores, cada vez que chegava uma nova família era motivo de alegria. Ela ia lá e ajudava na mudança, a fazer as barracas de lona e dar os primeiros cuidados a esses novos habitantes do bairro:

Eu chegava lá, quando tinha criança eu catava as crianças, trazia pro Centro, a meninada pra dar comida, que os pais tava debaixo de lona, no outro dia eu catava o marido ou a mulher e nós ia pros políticos, pedi ajuda, pedi tijolo, pedi o que nós pudesse ganhar (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.44).

A situação era muito precária. Como o bairro estava nascendo e não tinha a presença do Estado, os moradores precisavam unir suas forças para se apoiarem uns nos outros. Foi graças a ela, por sua experiência, carisma e iniciativa, que muitas crianças nasceram com assistência:

Até parto de criança eu peguei. Já peguei muito bebê aqui. O primeiro que peguei eu quase morri de tremer, na hora que eu cheguei lá com a mulher chorando, mandaram me chamar, mas não falaram que que é não, mas só que depois que ocê faz o primeiro, acaba o medo, né? Aí quando eu cheguei lá, na hora que eu chegue lá: “que que é?”, “não, a Maria José tá dando nenê”, e eu: “gente, ocês tinha que ter levado ela pro médico”, “mas que jeito que leva?” Que jeito que leva e o nenê tá nascendo lá, mas eu tremia, mas eu tremia e a Preta velha encostou. Fez tudo... bonitinho. No outro dia de manhã cedo, nós pegamos o taxi e levamos para o hospital para ver se tava tudo normal, o médico chegou e deu parabéns, “continua, parabéns, perfeito o parto”. Aí...Voltou tudo de novo (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.44).

O parto foi feito pela Preta velha que lhe ensinou como cuidar das mulheres parturientes. Ela perdeu a conta de quantas crianças nasceram por suas mãos.

Em 1995, iniciou uma creche no bairro como obra social do Centro de Umbanda, junto com seus médiuns. A motivação se deu a partir de uma família, de dona Eulina, que fora abandonada pelo companheiro e como necessitava ir para o trabalho, deixava em casa sozinha cinco crianças, sendo a mais velha de seis anos que convivia com mais três irmãos e mais uma criança que era neta da mulher. A menina mais velha ficava encarregada de dar mamadeira para a menorzinha que tinha seis meses de idade, e que ficava encima do fogão para ela aquecer. Alguém denunciou a mulher e chamou o Conselho Tutelar, e como ela era a presidenta do bairro foi chamada para confirmar a situação de abandono. Mas quando ela chegou lá e viu as crianças, disse aos conselheiros que eles não iriam levá-las:

Eu conhecia a mulher. Sabia que a pessoa era boa e tudo, aí eu pulei na frente e não aceitei eles levar os meninos, briguei mesmo, eles chegaram em mim e falaram que ia me levar até presa. Aí todo mundo que tava junto falou que “pode descer o camburão que tem que levar muita gente. Se a Mãe Maria cês levar, a Mãe Maria, leva as mãe tudo” (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.44).

Diante do fato, o conselho perguntou quem ela era e ela se identificou: “Eu não sou ninguém. Sou uma cidadã, Maria Mendes e mãe também e aqui eu represento as mães do bairro, sou presidente do bairro” (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.28).

Após isso assinou o termo de responsabilidade, pegou as crianças e levou-as para sua casa. Quando dona Eulina chegou no fim da tarde, ela foi recebê-la na porta da casa dela e explicou o que tinha acontecido e concluiu:

De agora pra frente não precisa se preocupar: você levanta cedo, dá banho nos seus filhos, e larga lá em casa. Eu vou cuidar pra você. Essa mulher chorava tanto (olha só) tadinha né? Mas ela chorava tanto, chorava tanto e me agradecia e agradecia tanto pelo o que eu fiz. Tanto que os meninos dela me chamavam de mãe (olha só), a bichinha me chamava de mãe (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.28).

Outras mães ficaram sabendo do fato e recorreram a Maria Baiana para socorrê-las: “Daí começou, todo mundo chegava, né? Aí chegava “ah, cê pegou os menino da Eulina, pega os meu também”, “ah, os meu tão passando fome”, e aí eu fui juntando, fui juntando.” (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.40). Quando viu ela já tinha cerca de 50 crianças na sua casa.

Com tamanha demanda, ela recorreu ao prefeito Norberto Teixeira<sup>150</sup>.

Aí, quando ele ganhou nós fizemos a convenção dele, nós fomos ajudar ele fazer a convenção pra ele ser prefeito, Aí quando ele ganhou, quando foi no primeiro ano dele, eu cheguei. E ele: “uai Maria, eu pensei que vocês moravam no paraíso, ninguém nunca falou de lá...”E eu fui reclamar justamente, porque não tinha uma escola para as crianças, não tinha nada (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p. 45)

Ele foi lá para ver a situação. Diante da realidade que encontrou, cedeu um terreno para ela, mas a construção da creche foi por conta do Centro e dos moradores. Para edificar a creche, e depois sustentá-la fazia eventos com a contribuição e participação dos médiuns e moradores colaboradores. A renda desses eventos era para sustento da creche. Além disso, ela “ ia pra essas fábricas grandes, pedia doação, assim que eu toquei a creche vinte anos” (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.41).

Maria Baiana viu uma oportunidade de se aproximar da política quando Norberto Teixeira ganhou as eleições para a prefeitura da cidade. Ela aproveitou de sua amizade para trazer benefício para o bairro.

A creche funcionou por vinte anos. Com os demais prefeitos conseguiu convênio para pagamento dos funcionários e professores, mas a manutenção e a alimentação continuaram sendo do Centro de Umbanda.

Em 2000, Maria Baiana sofreu um acidente dentro de um supermercado quando fazia compras para a creche. Passou por vários tratamentos para refazer tendões e ligamentos numa perna que hoje é sustentada apenas por músculos. Com a mobilidade reduzida, numa cadeira de rodas não teve mais condições de administrar a creche. Tentou uma nova direção, mas não obteve sucesso:

Eu fechei por que aí vem aquela burocracia e a troca de governo, de prefeitos aí existe o tal do preconceito: uns ajudam, outros não ajudava, e eu lutei muito, eu lutava muito, corria muito atrás das coisas para poder fazer, né (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, pp.29-30).

Após o fechamento da creche, o bairro ficou sem outra instituição de amparo para as crianças. Hoje ela está ‘na luta’ para conseguir uma CMEI<sup>151</sup> a ser instalada no próprio bairro. Com as mudanças nas leis, ela reconhece que hoje é muito mais

<sup>150</sup> Norberto Teixeira era estudante universitário e frequentava com a namorada o Centro de Maria Baiana que existia no setor Bueno. Marlene se tornou médium do Centro e mais tarde esposa de Norberto. Ele teve duas gestões na prefeitura de Aparecida de Goiânia: 1983 a 1988 e de 1993 a 1996. Faleceu em 2011.

<sup>151</sup> Centro Municipal de Educação Infantil.



difícil abrir e manter uma creche: “Eu só tenho um magistério, eu não tenho curso superior. Na minha época, o magistério era tudo, hoje não é mais. Eu não tenho a qualificação pra assinar por uma creche “ (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p. 41).

Mas sua ação social no bairro foi além da creche, porque na medida em que as crianças cresciam e se tornavam jovens ela criava atividades para mantê-los na creche, para eles aprenderem a fazer pão,

Pano de prato, pintar, crochê, nós ensinava de tudo. Os menino lá não ficava lá aleatório só por tá não, nós pegava a idade ainda, porque na minha época, foi de cinco anos pra cá que mudou essa questão de idade aí, só até seis anos. Eu tinha menino lá de nove, dez anos, até quinze anos nós pegava. Ia prá escola e depois voltava pra creche. Nós levava pra escola. Porque até isso, eu graças a Deus eu tinha carro, meu menino passava a mão no carro e saia entregando os meninos nas escolas (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, pp. 42-43).

Maria Baiana nunca foi filiada a nenhum partido político. Tampouco se insere em discussões ideológicas sobre direita ou esquerda. Mulher prática, morando numa periferia outrora abandonada, mas que continua cheia de problemas sociais, ela sempre quis soluções para seu povo. Aprendeu com a Umbanda essa praticidade de resolução de problemas. Por isso, o caminho da militância política é para ela apenas uma estratégia para conseguir para o bairro os benefícios necessários que o tire da marginalização e da miserabilidade.



Figura 137: Maria Baiana na sua luta cotidiana com os vereadores para olharem para a periferia. Foto disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1008808349294441&set=t.100005567087599&type=3&theater>. Acesso em 24 de junho de 2019

Por isso, não foi somente com Norberto Teixeira que ela se aproximou. Quando chegou a Aparecida, o secretário de ação urbana de obras da prefeitura era Leo Medanha. Era com ele que tinha que conseguir materiais e bens para a construção de casas, pavimentação de ruas, eletricidade e água. Leo Medanha foi um comerciante que era corretor de imóveis e que enriqueceu vendendo lotes na cidade de Aparecida de Goiânia. Além disso, era evangélico, membro da Igreja Assembléia de Deus, mas isso não o impediu de ter os moradores do bairro, e os frequentadores do Centro de Umbanda como seus clientes eleitorais:

Era deputado e era crente e não tinha discriminação comigo, eles faziam campanha eleitoral, eles faziam campanha aqui, que eles andavam, que era época que eles andavam de pé, né? De fazer comércio, tudo fazia aqui em casa” (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p. 48).

Diz isso se referindo as candidaturas de Leo Medanha para se eleger vereador da Câmara Municipal em 1988 e para se eleger deputado estadual em 1994 e 1998.

Atualmente o filho de Leo Medanha está sendo o gestor da cidade e mantém com ela a mesma cordialidade:

O pessoal tava falando mal do prefeito aqui e eu não reclamo. Porque pra começar, esse prefeito daí foi praticamente criado dentro da minha casa [...] Mesmo sendo crente, o pai dele que era o Leo Medanha. Então ele hoje é do mesmo jeito, onde que ele chega, ele tá, ele me abraça, me coisa, né? Então, eu não, com o meu respeito (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p. 48).

Ela acredita que as conquistas dela a partir de sua fé e determinação, de princípios que trata a todos por igual, mas que cuida dos mais necessitados, tenha lhe dado evidência social e respeito, afinal:

Nós ficava aqui assim ó, chegava uma mudança por que era alegria, né? Por que não tinha ninguém, quando chegava eu ia lá, e ajudava, construía, eu ia atrás dos políticos, pedia ajuda para construir o barracão. Eu trazia os filhos, os meninos pra dentro da minha casa. Virei mãe de leite do barracão, eu virei presidente do grupo de mães, entendeu? Então aí como diz os outros eu adquirir um respeito muito grande, graças a Deus no trabalho social que eu fiz, depois eu construí creche, né? Construí a escola através de buscar, lutar. Nós fizemos uma Escola Municipal que aqui não tinha nada né? Não tinha nada, nada. [...] Eu fui que fiz tudinho, eu que fui trazendo tudo (DEPOIMENTO DE MARIA BAIANA, 2017, p.26).

É desta forma, ela resume sua vida quando olha para o bairro hoje e vê as transformações e como foi a protagonista neste processo.

O engajamento social no bairro Santos Dumont, com os atendimentos, distribuição de cestas básicas e auxílio aos mais necessitados levou dona Rosalina a se engajar na política. Ela se filiou no Partido Democrático Trabalhista-PDT e saiu candidata a vereadora em 2016.



Figura 138: Folder com divulgação da candidata a vereadora em 2016. Acervo do Centro Espírita José Baiano

Ela se registrou no tribunal eleitoral com o nome de Rosa, com o qual é conhecida no bairro, e recebeu 589 votos, ficando como 1º suplente por seu partido. Dona Rosalina recebeu muito apoio dos umbandistas, amigos e conhecidos que fizeram doações para sua campanha, mas não usou o Centro de Umbanda como palanque e em nenhum momento utilizou de seu cargo como dirigente espiritual para conseguir vitória eleitoral, pois ela se elegeu pelo bairro e não pela religião, inda que tenha sido sua experiência religiosa, e seu ministério sacerdotal que a tenha promovido em sua ação com os moradores.

Mestre André também foi candidato a vereador em Aparecida de Goiânia neste mesmo ano de 2016. Como Rosalina não se elegeu. Entretanto, seu

engajamento político é diferente de Rosalina. Ele, realmente deseja colocar a religião umbandista na plataforma política. Pensa até numa bancada de religiões de matriz afro brasileira no Congresso, incluindo o Candomblé, o Omolokô, a Angola, as tradições de Ifá e a Umbanda, pois:

Existe uma omissão muito grande nos estado ao combate do racismo religioso e a intolerância, e a nossa religião esta sofrendo as consequências disso, porque as outras religiões, elas estão bem estruturadas politicamente, e nos estamos sendo a parte fraca desse processo. Então esse avanço só será possível através de uma organização, de uma estruturação politica, de uma consciência politica, é, é por parte da, daquele que conduz o rumo de nossa religião neste país (DEPOIMENTO DE MESTRE ANDRÉ, 2017, p. 27).

Este é um debate difícil que mestre André está convicto que tem que travar para o bem da religião. Animado, ele está sem partido no momento, mas pensa em alavancar uma nova plataforma politica daqui a alguns anos.

Quase todos e todas dirigentes espirituais já receberam homenagens e títulos de cidadãos honorários e portam esses certificados em seus centros de umbanda. Afinal, em maior ou menor escala, o Estado reconhece a contribuição dessas lideranças para o crescimento social no bairro e sua imensa contribuição na organização social da cidade. A religião é tolerada por ser popular, o que, em época de campanha politica, pode ser decisiva na contagem dos votos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta pesquisa eu não sabia da imensa contribuição que a umbanda tinha na cidade. Imaginava-a como uma religião pequena, invisibilizada pelas mídias sociais e pela sociedade em geral e com um corpus desorganizado e fragmentado. Qual não foi minha surpresa quando ao adentrar na vida de mulheres simples, mas igualmente perseverantes, fui tecendo o fio da história que a partir da vivência religiosa permitiu um protagonismo na construção da cidade. Aos poucos fui conhecendo uma religião com forte poder de persuasão, com doutrinas, ritos e linguagem universais e mais do que isto, unificadora de pessoas de diversas condições sociais, raciais e de gênero.

Para entender a religião umbandista é necessário sair do conceito de religião enquanto crença e instituição social, para considerar a religião enquanto vivência, enquanto experiência. Essas experiências sob o crivo do paradigma newtoniano-cartesiano tenderam a ser vistas como ‘fantasias’, ‘alienação’, ‘ilusão’, ‘ignorância’, ‘primitivismo’ ou até mesmo como ‘loucura’, influenciando as ciências médicas, psicológicas e sociais, que muitas vezes lhes deram uma interpretação mecânica do seu saber. Reafirmo o ponto de vista de William James quando afirmava: “os objetos científicos são abstrações, somente as experiências individualizadas são concretas” (JAMES, 2017). E foi justamente mergulhando nesta realidade que descobri as mulheres com suas experiências religiosas e a ressignificação que dela fizeram.

Nesta pesquisa foi rejeitado o conceito de história universal que muitas vezes cria preconceitos, visão limitadora, crenças e estereótipos e rouba a dignidade e identidade das pessoas. As histórias importam e elas podem ser usadas para capacitar e harmonizar, para reparar a dignidade perdida, para reconquistar o lugar de direito que cada protagonista social teve e tem ao longo da história. Foi dentro desta perspectiva que as mulheres falaram e contaram suas narrativas pessoais e coletivas. Esse lugar de fala que guarda determinadas memórias, abre espaço, também, para revisitar a literatura, as teorias, as categorias fixas que muitas vezes não permite flexibilidade e liberdade para voos mais altos.

Cada Centro de Umbanda que sobreviveu ao tempo, se revela como um verdadeiro museu, cujos objetos e ritos contam histórias e revelam fatos vividos por

homens e mulheres que lá deixaram suas histórias, de sobrevivências, de amores e desamores na cidade.

Apesar de todos os esforços torna-se muito difícil para qualquer pesquisador definir a Umbanda na cidade de Goiânia, quando se pensa no sentido institucional. Enquanto religião, ela tem o rosto de seus moradores, as práticas religiosas de tradições conservadas no âmbito das famílias e a flexibilidade necessária para adaptar essas tradições nas novas realidades. Ela clama pela autoridade religiosa que as legitima e confere poderes às suas lideranças. Ela nasce de necessidades prementes de indivíduos que se estende às famílias e comunidades. Ela segue o padrão perpetuado na história do Brasil de memória da escravidão e de seus descendentes andarilhos em busca de acolhida e de identidade própria; dos povos autóctones que foram se inculturando nas realidades dos povoados coloniais e das novas cidades republicanas; de sertanejos abandonados pelo Estado em diversas situações e épocas, e de migrantes em busca de sobrevivência e de aventura. A Umbanda reúne todas essas situações e guarda na sua memória essas trajetórias, vivências e sínteses de seus construtores que traduzem alegria, canto, movimento e esperança. É uma Umbanda sincrética e criativa que permanece viva e que se coaduna com uma determinada manutenção de 'ordem' na cidade, conseguindo, portanto, não somente sobreviver, mas se multiplicar a despeito das mudanças significativas pelas quais foi sendo submetida.

Ao tocar no tema do sincretismo, tão caro às ciências sociais e antropológicas, reivindico a ideia de continuidades e discontinuidades. Cada comunidade religiosa de umbanda criou sua especificidade a partir de condições concretas e históricas vividas por cada grupo, constituindo uma forma particular de se mostrar na realidade social. Por isso, demonstrou-se aqui que cada comunidade religiosa alcançou diferentes significados e que essas relações foram além das dissimulações, encobrimentos, roupagem ou mesmo farsa. Cada centro de umbanda foi se fortalecendo, se reestruturando e se reconstituindo num universo fragmentado, interrompido pelas diásporas experimentadas por seus habitantes. O sincretismo foi construído e está sendo redefinido o tempo todo.

As mulheres donas de centros de umbanda conseguiram ressignificar suas experiências religiosas a partir de dois fatores: domínio das experiências anômalas, através do transe controlado no ambiente religioso, e vida saudável através da

autotranscedência. Ao invés de paralisarem com suas experiências R/E, ou ficarem na dependência das explicações médicas científicas que apenas ofereciam controles a partir de drogas químicas ou internações hospitalares, elas se abriram para a cura no exercício religioso cotidiano e na religião encontraram uma gama de possibilidades de serem elas mesmas com liberdade e com uma vida saudável onde trabalho, amor, família e vida social se fizeram presentes. Neste sentido, elas foram mulheres, antes de tudo, em busca de si mesmas, de se entenderem como seres humanos que tinham condições especiais em seus corpos com as quais tinham que conviver e que eram ininteligíveis para si, para suas famílias e para a comunidade médica-científica.

São mulheres que, no processo de construir suas autoestima e, acreditarem em suas capacidades, encontraram na religião a autonomia necessária para isso. Neste sentido, a religião umbandista na sua vivência, rompe com estereótipos patriarcais, racistas e classistas, e permite que as pessoas encontrem suas identidades. É, neste sentido, uma religião brasileira, diferente dos cristianismos que vieram importados da Europa ou dos Estados Unidos. Ela realmente dialoga com os trabalhadores, com os empobrecidos, com aqueles que não aparecem como sujeitos na historiografia. Ela se permite, num país multicultural, dar respostas diferenciadas para situações concretas e neste sentido, se torna uma religião popular, onde as liberdades das pessoas podem dar acesso à criatividade e à resolução de problemas.

Nenhuma das mulheres que foram entrevistadas afirmou que entraram por este caminho por livre escolha. A maioria delas vinha de lares de tradição cristã católica e não tinham referencia da religião umbandista, mas esta se apresentou como o caminho possível para superar as experiências anômalas que tinham e esse caminho lhes possibilitou uma autotranscedência, que as fez se voltar para a alteridade, para o cuidado com as pessoas ao seu redor. Essa mudança de foco, de si mesmas para o outro, parece ter sido fundamental para a manutenção de suas saúdes. Com isso, elas não apenas se curaram de formas definitivas, mas também proporcionaram cura e sentido de vida para a sociedade em que estavam inseridas. Elas queriam ser pessoas aceitas na sociedade e se para isso tinham que assumir a autotranscedência no caminho religioso, elas o fizeram e a sociedade as acolheram.

Assim, acredito que não se pode mais contar a história da capital de Goiás sem a contribuição impar que essas mulheres forneceram na construção de uma identidade social, a partir do *locus* de uma religião teimosa que resistiu inserida num contexto de desigualdade de classe, de gênero e raça. Elas se empoderaram para empoderar seus bairros e suas comunidades religiosas. Multiplicaram lideranças religiosas e políticas que, com certeza, perpetuarão a memória delas e de suas lutas no futuro.

Não tenho a pretensão de terminar esta pesquisa afirmando que essa é a totalidade da história da Umbanda na cidade de Goiânia. Pelo contrário, dei alguns passos a mais, seguindo a trilha deixada por pesquisadores anteriores em relação a essa imensa história composta de distintos sujeitos, em momentos diferenciados, que compõe uma moldura deste quadro complexo da história da Umbanda e da cidade.

Eu fui em busca do centro de umbanda mais antigo, fundado em 1958 e que ainda está ativo na atualidade. Isso não quer dizer que antes desta data não havia Centros de Umbanda. Acreditamos pelos depoimentos e pelas falas do senso comum que havia muitos outros Centros antes disso e que ainda são passíveis de investigação. Também se sabe que Centros de Candomblé, com rituais étnicos também existiam antes dessa data, o que se torna objetos de estudo significativos para novos pesquisadores que tenham interesse em trabalhar com história das religiões a partir das tradições afro brasileiras no estado de Goiás.

Também não se esgota nesta tese as possibilidades das diversidades existentes na construção religiosa da Umbanda. A diversidade e heterogeneidade ao invés de ser um ponto fraco se torna justamente o ponto mais alto e forte da religião. Não é a universalidade que fortalece e legitima a institucionalidade e continuidade da religião, mas sua força social. O fato de existirem ambiguidades, diversidades, hermenêuticas teológicas e vivências de formas as mais variadas na religião umbandista, revela a cultura brasileira e a forma de pensamento e crenças desenvolvidas pelo nosso povo. A diversidade religiosa, neste sentido revela a diversidade cultural e ao mesmo tempo se tornam verdadeiros patrimônios históricos da cidade que se perpetua para as novas gerações.



## REFERÊNCIAS

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. *Adauto Junqueira Botelho*. Disponível em: [http://www.anm.org.br/conteudo\\_view.asp?id=116](http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=116). Acesso em 22 jul.2019.

AGUIAR, Paulo Roberto D. C. *Neurociência e estudos da ampliação da consciência*. In: MORAES, Maria Lúcia; SILVA, Leonardo. *Psicologia e espiritualidade*. Porto Alegre, 2015.

ALCOCER, Solange Andrea Díaz. *Religiosidade e Espiritualidade na formação acadêmica de cursos de saúde no Brasil: uma revisão*- Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade)

ALEGO-Assembleia legislativa do Estado de Goiás. *Hélio Seixo de Brito Júnior – ARENA*. Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/deputado/perfil/deputado/1648>. Acesso em: 29 set.2019.

ALMEIDA, Sílvio. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALMINHANA, Letícia Oliveira. *A personalidade como critério diferencial entre experiências religiosas/espirituais e transtornos mentais*. In: MORAES, Maria Lúcia; SILVA, Leonardo. *Psicologia e espiritualidade*. Porto Alegre, 2015.

ALMINHANA, Letícia Oliveira. *Modelos de personalidade e a diferenciação entre experiências anômalas saudáveis e patológicas em contexto religioso*. REVER · Ano 17, Nº 2 , mai/ago. 2017

ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. *Cultura tradicional banto*. Luanda, Secretariado arquiocesano de pastoral, 1985.

ALVARADO, Carlos S. *Experiências fora do corpo*. In: CARDEÑA, Etzel (orgs). *Variedades da experiência anômala: análise de evidências científicas*. São Paulo: Editora Atheneu, 2013.

ALVES, Maria de Lourdes. *Goiânia: uma cidade de migrantes*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

ALVES PENA, Rodolfo Ferreira; SOUZA, Jailson Silva, SCAMARAL, Eliesse e SILVA, Mary Anne Vieira. *Comunidades de Terreiro em Goiás: Espacialidade, Particularidades e Políticas Públicas*. Disponível em: [http://www.prp2.ueg.br/sic2010/fronreira/arquivos/trabalhos\\_2009/ciencias\\_humanas/sic/comunidades\\_de\\_terreiro.pdf](http://www.prp2.ueg.br/sic2010/fronreira/arquivos/trabalhos_2009/ciencias_humanas/sic/comunidades_de_terreiro.pdf). Acesso em 17 fev.2017

ARANTES, Débora J; TOASSA, Gisele. *Movimento da Reforma Psiquiátrica em Goiânia, GO: Trajetória histórica e implantação dos primeiros serviços substitutivos*. Revista Psicologia e Saúde, v. 9, n. 2, p. 47-60, maio/ago. 2017.

ARRAIS, T. *A gentrificação na necrópole*. Disponível em: <http://necropolegoiania.com.br/textos/a-gentrificacao-na-necropole/>. 2014. Acesso em 08 out. 2018

ASSIS, Camila Vieira da Silva. *Mulheres negras, opressões, feminismo negro e entretenimento*. Disponível em: [http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos\\_completos/425-51242-15072018-114301.pdf](http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/425-51242-15072018-114301.pdf). Acesso em 28 out.2019.

BACELLAR, Laura. *O Ramayana de Valmiki*. São Paulo: Berlendis, 2012

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. Vol 2. São Paulo: Livraria Pioneira Editora/Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

BELLORIO, Grazielli Bruno. *Adensamento e verticalização em Goiânia nos planos diretores de 1968-2007*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento territorial) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.

BERNARDES, Genilma D'Arc. *O cotidiano dos trabalhadores da construção de Goiânia: o mundo do trabalho e extratrabalho*. *Revista UFG*, Goiânia, n.6, ano XI, jun. 2009.

BERTH, JOICE. *Empoderamento*. São Paulo: Polen, 2019.

BIRMAN, Patrícia. *O que é Umbanda?* São Paulo: Brasiliense, 1983.

BIRMAN, Patrícia. *Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens*. In *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, ISER, v. 17, nº 1-2, 1996.

BIRMAN, Patrícia. *Mediação Feminina e Identidades Pentecostais*. In *Cadernos Pagú*, Campinas, UNICAMP nº 6-7, 1996.

BORGES, Barsanufu Gomides. *O Despertar dos Dormentes*. Goiânia, Ed. UFG, 1990.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRITO, Lucas Gonçalves. *“O véu do Congá de Pai Joaquim”*: Cosmovisão, ritual e experiência, ou sobre três aspectos do conhecimento umbandista. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

BROWN, Diana. *Uma história da Umbanda no Rio*. In: Brown, Diana et al., *Umbanda e Política*. Rio de Janeiro: ISER, n. 18, 1985, p. 9-42.

CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, Templo e Mercado: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis, Editora Vozes, 1997.

CARDEÑA, Etzel (orgs). *Variedades da experiência anômala: análise de evidências científicas*. São Paulo: Editora Atheneu, 2013.

CARMO, João Paulo Pinto. *Um lugar chamado quilombo: trajetória de uma comunidade negra formada em um Engenho do Recôncavo Baiano (1890-1930)*. Disponível em: <http://anpuhba.org/wp-content/uploads/2013/12/Joao-Paulo-Pinto-Carmo-ST-17.pdf>. Acesso em 12 de set. 2019.

CASTRO, Sílvia Alessandri M. de Castro. *Irradiação Espírita Cristã: memórias 1951-1995*. Goiânia: Alfa, 1995.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHAUL, Nars Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

CHAUL, Nars Fayad. *A construção de Goiânia e a transferência da capital*. Goiânia: Centro Editorial e Gráfico da UFG, 1988.

CÓDIGO PENAL de 1890. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 12 jan. 2017.

CONCONE, Maria Vilas Boas. *Uma religião brasileira: Umbanda*. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.

ATA DA SEGUNDA CONVENÇÃO NACIONAL DO CONSELHO NACIONAL DELIBERATIVO DA UMBANDA – 25 de agosto de 1978. Disponível em: <https://ceubrio.com.br/o-condu>. Acesso em 12 dez.2018.

COSTA, Fernando Viana. *Um ornitorrinco no cerrado: bairros populares e outros pioneiros na formação e expansão urbana de Goiânia*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade federal de Goiás, Goiânia, 2016.

COSTA, Lívia Batista. *Da defesa da honra á defesa da vida: uma história da violência contra a mulher na cidade de Goiânia*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

CUMINO, Alexandre. *Médium: incorporação não é possessão*. São Paulo: Madras, 2018.

\_\_\_\_\_. *História da Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo: Madras, 2010.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. *Diário da manhã*: Célia Coutinho Seixo de Brito, a mulher na história de Goiás. Disponível em: <https://www.dm.com.br/opiniaio/2018/02/celia-coutinho-seixo-de-britto-a-mulher-na-historia-de-goias/> Acesso em 29 set. 2019.

DAIBERT, Robert. *A religião dos bantos*: novas leituras sobre o calundu no Brasil colonial. Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 28, nº55, p. 7-25, janeiro-junho 2015.

DIÁRIOS DE DONA DIDI. Disponível em: <http://blogdadonadidi.blogspot.com>. Acesso em 24 nov.2017.

DEL PRIORE, Mary. *Do outro lado*: A história do sobrenatural e do Espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014.

DIAS, Rafael de Nuzzi. *Correntes ancestrais*: os Pretos-velhos do Rosário. Dissertação (Mestrado em Ciências na área de Psicologia)-Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

DIAS, Rafael de Nuzzi; BAIARRÃO, José Francisco Miguel Henriques. *Aquém e além do cativo dos conceitos: perspectivas do preto-velho nos estudos afro-brasileiros*. Memorandum, 20, 2011, 145-176. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a20/diasbairrao01>. Acesso 23 mar. 2018.

DINIZ, Ana Maria. *Goiânia de Atilio Corrêa Lima (1932-1935)*: Ideal estético e realidade política. Dissertação (Mestrado em arquitetura e urbanismo) - Faculdade de arquitetura e urbanismo, Brasília, 2007.

DURKHEIM, Èmile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FARIAS, Sheila de Castro. *A colônia em movimento*: fortuna e família no cotidiano colonial. Editora Nova Fronteira, 1998.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DE UMBANDA. *Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda*: trabalhos apresentados ao 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, reunido no Rio de Janeiro, de 19 a 26 de outubro de 1941. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1942.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. *Formas Sincréticas de Religião Afro-Ameríndia*: O Terecô de Codó (MA). Cadernos de Pesquisa. São Luís, UFMA, 14, n.2, jul./dez. 2003, p.95-108. Disponível em: <http://www.repositorio.ufma.br:8080/jspui/handle/1/280>. Acesso em 23 abr.2018.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. *Encarte do LP*: tambor de mina, cura e baião na casa fanti-ashanti. São Luís, SECMA, 1991.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FLORENTINO, Manolo; Góes, José Roberto. *A paz das senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, 1790-1850*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FUEGO. *Primeiro livro de atas*. Goiânia, dezembro de 1968.

\_\_\_\_\_. *Livro de atas*. Goiânia, 1969.

\_\_\_\_\_. *Livro de atas*. Goiânia, 1972.

\_\_\_\_\_. *Livro de atas*. Goiânia, 1976

\_\_\_\_\_. *Ata da Fundação Pai Xangô*. Goiânia, 1993-2003

GALEANO, Eduardo. *Las palabras andantes*. Buenos Aires: Catálogos, 1993.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

GELEDES. *Racismo institucional: uma abordagem conceitual*. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/FINAL-WEB-Racismo-Institucional-uma-abordagem-conceitual.pdf>. Acesso em 28 out.2019.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIUMBELLI, Emerson. *Zélio de Moraes e as Origens da Umbanda no Rio de Janeiro*. In: Caminhos da Alma. São Paulo: Selo Negro, 2003.

GODINHO, Iuri Rincón. *Médicos e medicina do século XVIII aos dias de hoje em Goiás*. Goiânia: Editora da UCG/Contato comunicação, 2005.

\_\_\_\_\_. *A construção: cimento, ciúme e caos nos primeiros anos de Goiânia*. Goiânia: Contato comunicação, 2013.

GOMES, Flávio dos Santos. *Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GONÇALVES, Alexandre Rodrigues. *Goiânia: uma modernidade possível*. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Ed. UFG, 2002.

GONÇALVES, L. M. *Os vazios urbanos como elemento estruturador do planejamento urbano*. [artigo científico]. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/306032432\\_Os\\_vazios\\_Urbanos\\_como\\_elemento\\_estruturador\\_do\\_planejamento\\_Urbano](https://www.researchgate.net/publication/306032432_Os_vazios_Urbanos_como_elemento_estruturador_do_planejamento_Urbano)>. Acesso em 30 set. 2018

GUILARDUCCI, Tânia Maria. *Surgimento do Espiritismo em Trindade-GO*. (Trabalho de Conclusão do Curso História) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003.

HÄHNER, June E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.

IG. Último Segundo. *Casamentos e batismos realizados por padre casado serão anulados*. 2008. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/casamentos-e-batismos-realizados-por-padre-casado-serao-anulados/n1237648983911.html>. Acesso em 4 dez. 2018.

ISAIA, Artur Cesar. *A Umbanda e o Estado Novo: para além da repressão*. *Revista. Estudos de História*. Franca, v. 13, nº 2, p. 297-314, 2006.

JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 2017.

JORNAL 'Amor em Pai Joaquim'. Edição comemorativa dos 25 anos do CEUPJA. Goiânia, 7/7/1993.

JORNAL *O imparcial*. Rio de Janeiro, Edição 1964 de 19/10/1941

JORNAL *O repórter*, 1976.

JUNG, Carl G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, Vozes, 2000.

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns: Espiritismo experimental*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *A gênese*. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013.

\_\_\_\_\_. *O livro dos espíritos*. São Paulo: Mundo Maior Editora, 2012.

LARA, Sílvia Hunold. *Campos da violência: escravizados e senhores na Capitania do Rio de Janeiro, 1750-180*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LIMA, Leandro Oliveira. *As metamorfoses recentes no espaço urbano de Senador Canedo: rearranjos nos espaços da metrópole goiana*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

LINARES, Antonio Ronaldo; TRINDADE, Diamantino Fernandes; COSTA, Wagner Veneziani. *Iniciação à Umbanda*. São Paulo. Madras, 2018.

LOPES, Nei. *Bantos, malês e identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

MAGGIE, Yvonne. *Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARCONDES, Mariana Mazzini (org). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: Ipea, 2013.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da infância abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARCUSSI, Alexandre. *Estratégias de mediação simbólica em um calundu colonial*. Revista de História da USP, São Paulo, v. 155, p. 97-124, 2006.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

MARINHO, Clorisnete Borges. *Região sul de Goiânia: um lugar valorizado na metrópole*. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 19, 2006.

MARTA, Silvana. *51 terreiros comemoram exu: "o guardião dos caminhos"*. Disponível em: <http://impresso.dm.com.br/edicao/20190424/pagina/3>. Acesso em 25 de abr.2019

MATOS, Maria Izilda Santos. *Porta adentro: criados de servir em São Paulo de 1890 a 1930*. In: BRUSCHINI, Cristina, SORJ, Bila (orgs). *Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil*. São Paulo: Marco Zero/Fundação Carlos Chagas, 1994.

MAUÉS, R.H. *Um aspecto da diversidade cultural do Caboclo amazônico: a religião*. In: VIEIRA, Célia Guimarães et al. (orgs.). *Diversidade biológica da Amazônia*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001, pp. 253-272.

MELLO, Márcia Mertran. *Goiânia: cidade das pedras e das palavras*. Goiânia: Ed. UFG, 2006.

MELLO, Wandyr Marques. *O sagrado no "sagrado" – Terreiros de Umbanda na Cidade de Anápolis*. (Trabalho de Conclusão de Curso de Geografia) - Universidade estadual de Goiás, Anápolis, 2006.

MENDONÇA, Jales Guedes Coelho. *A invenção de Goiânia*. O outro lado da mudança da capital. Goiânia: Vieira, 2012.

MENEZES, Eleuzenira Maria de. *Migrantes nordestinos na construção de Goiânia*. Goiânia: PUC-GO, Kelps, 2012.

MORAES, Lúcia Maria. *A segregação planejada: Goiânia, Brasíliae Palmas*. Goiânia: Ed. da UCG, 2003.

MORAES, Maria Lúcia; SILVA, Leonardo. *Psicologia e espiritualidade*. Porto Alegre, 2015.

MOTA, Juliana da Costa. *Goiânia, anos 60: os planos diretores de Luís Saia e de Jorge Wilhelm: Serete e as diferentes práticas de planejamento urbano nos períodos pré e pós SERFHAU*. In: XI ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA em planejamento urbano e regional-ANPUR. 2005, Salvador. Disponível em: <http://www.xienanpur.ufba.br/541.pdf>. Acesso em 13 ago. 2018.

MOTT, Luiz. *O calundu-Angola de Luzia Pinta: Sabará, 1739*. Revista do Instituto de Arte e Cultura, Ouro Preto, n. 1, p. 73-82, dez. 1994.

MOYSÉS, Aristides. *Goiânia: metrópole não planejada*. Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

MOYSÉS, Aristides. BERNARDES, Genilma D'Arc. *Segregação urbana e desigualdade social em Goiânia: Estado, mercado imobiliário e dinâmica socioespacial*. In: MOYSÉS, Aristides (coord.). *Cidade, segregada urbana e planejamento*. Goiânia: Ed. da UCG, 2005, p. 173-203.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em 23 set. 2018

NASCIMENTO, Luísa Mahin A. L. *Culto doméstico a Cosme e Damião em Cachoeira, Recôncavo da Bahia*. IV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais / UFRB, 2014.

NASCIMENTO, Dilene Arruda. *Filantropia e assistencialismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Quadratim/FAPERJ, 2001.

NAVARRO, Azpílcueta. *Cartas jesuíticas 2: cartas avulsas*. Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1988.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 1996.

NETO, Francisco Riva (Yamunisiddha Arhapiagha). *Umbanda a proto-síntese cósmica: epistemologia, ética e método da escola de síntese*. Editora Pensamento, 2002.



NEVES, Frederico de Castro. *Getúlio e a Seca: políticas emergências na era Vargas*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, nº 40, p. 107-131, 2001.

NOGUEIRA, Léo Carrer. *Umbanda em Goiânia: das origens ao movimento federativo (1948-2003)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

\_\_\_\_\_. *Umbanda em Goiânia – limites entre religião e magia*. (Trabalho de Conclusão de Curso em História) - Universidade estadual de Goiás, Anápolis, 2005.

OLIVEIRA, Adão. Francisco. *A Reprodução do Espaço Urbano de Goiânia: uma cidade para o capital*. *Observatório das Metrôpoles*, Rio de Janeiro, v. 31, p.01-25, 2004. Disponível em: <[https://observatoriogeogoiias.iesa.ufg.br/up/215/o/Oliveira\\_ad\\_o\\_francisco\\_reproducao\\_espa\\_o.pdf](https://observatoriogeogoiias.iesa.ufg.br/up/215/o/Oliveira_ad_o_francisco_reproducao_espa_o.pdf)> Acesso em 23 jun.2018.

OLIVEIRA, Adão. Francisco. *Metrôpoles e metropolização no Brasil: o caso de Goiânia*. *Sociedade e Cultura*., Goiânia, v. 16, n. 1, p. 155-169. /dez. 2012.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro – Umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

OLIVEIRA, Jorge Itaci. *Orixás e voduns nos terreiros de Mina*. São Luís: VCR Produções e Publicidades, 1989.

OLIVEIRA, José Henrique Motta. *Das macumbas à Umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira*. São Paulo: Editora do Conhecimento, 2008.

PAULA, Éder Mendes. *Hospital Psiquiátrico Prof. Adauto Botelho: Identidade, Política e Exclusão em Goiás (1954-1995)*. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2009/doc%20\(18\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2009/doc%20(18).pdf). Acesso em 28 jul.2019.

PAULIN, L. F. e TURATO, E. R.: *Antecedentes da reforma psiquiátrica no Brasil: as contradições dos anos 1970*. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. 11(2): 241-58, maio-ago. 2004.

PASTORE, Everaldo A. *Renda fundiária e parcelamento do solo: Goiânia (1933-1983)*. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano) – Universidade de Brasília, Brasília, 1984.

PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*. Lisboa Occidental: Oficina de Manoel Fernandes da Costa, 1728)

PICCININI, Walmor. *História da Psiquiatria: Adauto Junqueira Botelho: notas biográficas*. *Psychiatry on line Brasil*, Vol.14, Nº 2, 2009. Disponível em:

<http://www.polbr.med.br/ano09/wal0209.php>. Acesso em 22 jul.2019.

PIMENTEL, Fernanda da Silva. *Quando o Psique se liberta do demônio*: um estudo sobre a relação entre exorcismo e cura psíquica em mulheres na Igreja Universal do Reino de Deus. (Dissertação) Mestrado em Ciências da Religião, PUC-SP. São Paulo, 2005.

PINHEIRO, André de Oliveira. *Revista Espiritual de Umbanda*: mito fundador, tradição e tensões no campo umbandista. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

PINTO, Tancredo da Silva; Freitas, Byron Torres. *Umbanda*: Guia para a organização de terreiros. Rio de Janeiro: Editora Eco, 1972.

\_\_\_\_\_. *As mirongas de Umbanda*. Rio de Janeiro: Gráfica e editora Aurora, 1957.

\_\_\_\_\_. *A origem da Umbanda*. Rio de Janeiro: Editora espiritualista, 1970.

\_\_\_\_\_; Souza, Gerson Ignez. *Negro e branco na cultura religiosa afro-brasileira*: Os egbás. Rio de Janeiro: Gráfica e editora Aurora, s/d.

PRANDI, Reginaldo. *Herdeiras do axé*: sociologia das religiões afro-brasileiras. São Paulo: Hucitec, 1996.

PRANDI, Reginaldo. *As religiões afro-brasileiras e seus seguidores*. Civitas, Porto Alegre, v. 3, nº 1, jun. 2003.

RAMOS, ARTHUR. *A aculturação negra no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia editora nacional, 1942.

RAMOS, Marcos Paulo de Melo. *A Negativação semântica das religiões de matriz africana a partir do discurso evangélico*. (Trabalho de Conclusão de Curso em História) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2007.

REIS, João José; Gomes, Flávio dos Santos (org). *Liberdade por um fio*: História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

RIBEIRO, Antônio Lopes; DWORAK, Krzysztof; SILVA, Sandra Célia Coelho Gomes. *Milagre, fé e cura na religiosidade popular*. In: ECCO, Clóvis(org). *Religião, saúde terapias integrativas*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

RICARDO, Raquel Pinto Fabeni. *Entre caminhos, fluxos e interdições* – Mapeando o campo religioso negro na região sul de Goiânia. (Trabalho de Conclusão do Curso de bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade federal de Goiânia, Goiânia, 2007.

RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1982*. Fortaleza: imprensa Universitária, 2014.

RIVAS, Maria Elise. *O mito de origem: uma revisão do ethos umbandista no discurso histórico*. São Paulo: Arché Editora, 2014.

ROHDE, Bruno Faria. *Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista*. Disponível em: [www.pucsp.br/rever/rv1\\_2009/t\\_rohde.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_rohde.pdf), março 2009, pp. 77-96

RODRIGUES, Fernando Rocha. *História política de Goiás: o governo de Pedro Ludovico Teixeira e a dominação tradicional*. *Multi-Science Journal*, Goiânia, 1(2):3-12, 2015.

RODRIGUES, Raymundo Nina. *Os africanos no Brasil*. Rio de Janeiro, 2010. [http://www.bvce.org.br/DownloadArquivo.asp?Arquivo=RODRIGUES\\_Os\\_africanos\\_no\\_Brasil.pdf](http://www.bvce.org.br/DownloadArquivo.asp?Arquivo=RODRIGUES_Os_africanos_no_Brasil.pdf). Acesso em 06 mar.2018

SÁ JUNIOR, Mario Teixeira de. *A invenção da alva nação umbandista – a relação entre a produção historiográfica brasileira e a sua influência na produção dos intelectuais da Umbanda (1840-1960)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2000.

SAMPAIO, Jader. *Vidência ou clarividência*. Boletim GEAE, nº 329,1999. Disponível em: <https://espírito.org.br/artigos/videncia-e-clarividencia-2/>. Acesso em 12 de set. 2019.

SANDENBERG, Cecília M. B. *Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista*. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848>. Acesso em 02 de out. 2019.

SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes. *Preto-Velho: As várias faces de um personagem religioso*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SANTOS. S.S. R. *Relações institucionais na gestão do espaço metropolitano: o caso do município de Goiânia*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial - MDPT) - Departamento de Ciências Econômicas, Goiânia, 2008.

SAÚDE INFORMA- BOLETIM IMPRESSO MENSAL DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFMG, nº 44. Disponível em: <https://site.medicina.ufmg.br/inicial/espiritualidade-no-ensino-e-na-prática-da-medicina/>. Acesso em 09 set.2019.

SCAMARAL, Eliesse. *Notas bibliográficas sobre a história do Candomblé em Goiás*. In: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em 20 mar.2017

SCAMARAL, Eliesse e SILVA, Mary Anne Vieira. *Comunidades de Terreiro em Goiás: Espacialidade, Particularidades e Políticas Públicas*. In: [http://www.prp2.ueg.br/sic2010/fronteira/arquivos/trabalhos\\_2009/ciencias\\_humanas/sic/comunidades\\_de\\_terreiro.pdf](http://www.prp2.ueg.br/sic2010/fronteira/arquivos/trabalhos_2009/ciencias_humanas/sic/comunidades_de_terreiro.pdf). Acesso em 17 fev.2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade*. In: NOVAIS, Fernando & SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da vida privada no Brasil: Contraste da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, vol.4, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. In: NOVAIS, Fernando & SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, vol.3, 1998

SILVA, Woodrow Wilson da Matta. *Umbanda e o poder da mediunidade*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1978.

\_\_\_\_\_. *Lições de Umbanda e quimbanda na palavra de um Preto-Velho*. Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 1984. Edição digitalizada. Disponível em <https://imperiodequimbanda.com.br/licoes-de-Umbanda-e-quimbanda-na-palavra-de-um-preto-velho>. Acesso em: 15 set. 2017.

\_\_\_\_\_. *Umbanda de todos nós: compêndio hermético*. São Paulo: Ícone, 2018.

SILVEIRA, Renato. *Do calundu ao candomblé: os rituais de fé africanos ganham seu primeiro tempo no início do século XIX*. In: FIGUEIREDO, Luciano (org.) *Raízes africanas*. Rio de Janeiro: SABIN, 2009.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: Identidade, povo, mídia e cotas no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2015.

SOUSA JUNIOR, Vilson Caetano de Sousa. *Orixás: santos e festas*. Salvador: Eduneb, 2003.

SOUZA, Leal. *O Espiritismo, a magia e as sete linhas de Umbanda*. Rio de Janeiro, S/E, 1933.

SOUZA, M. E. *Apropriação de áreas públicas em Aparecida de Goiânia-Uso, abandono e gestão na cidade atual*. Dissertação (Mestrado em Geografia) -Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

SOUZA, Ricardo Luiz. *Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular*. Natal: IFRN, 2013.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da compadecida*. Rio de Janeiro: editora Agir, 2013.

SWEET, James H. *Recriar África: Cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)*. Lisboa: edições 70, 2007.

TERRIN, Aldo. *O sagrado off limits: a experiência religiosa e suas expressões*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Umbanda e sua história*. São Paulo: Ícone, 1991.

\_\_\_\_\_. *Antônio Eliezer Leal de Souza: o primeiro escritor da Umbanda*. São Paulo: Editora do Conhecimento, 2009 (2009 b)

\_\_\_\_\_. *Umbanda Brasileira: um século de história*. São Paulo: Ícone, 2009 (2009 a).

\_\_\_\_\_. *História da Umbanda no Brasil*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2014.

\_\_\_\_\_. *História da Umbanda no Brasil*. Registros históricos, vol.4. Limeira: Editora do Conhecimento, 2016.

\_\_\_\_\_. *História da Umbanda no Brasil*: Registros históricos no período. Vol.6. São Paulo: Editora do Conhecimento, 2017.

\_\_\_\_\_. *A construção histórica da literatura umbandista*. São Paulo: Editora do Conhecimento, 2010.

\_\_\_\_\_. *História da Umbanda no Brasil*. Memórias de uma religião, vol.3. São Paulo: Editora do Conhecimento, 2015.

ULHÔA, Clarissa Adjuto. “*Essa terra aqui é de Oxum, Xangô e Oxóssi*”: um estudo sobre o Candomblé na cidade de Goiânia. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

VAINFAS, Ronaldo. *A Heresia dos Índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VALENTE, A. L., & Gusmão, N. M. *Duas Mulheres Negras: histórias de religiosidade popular e resistência*. Cadernos De Campo. São Paulo: USP, 1991, 1(1), 27-34. Disponível em : <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v1i1p27-34>. Acesso em 28 set.2019.

VALLE, Edênio. *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo: Loyola, 2010.

VELOSO, Airton; VELOSO, Eurípedes. *Primórdios do Espiritismo em Goiás*. Goiânia: FEEGO, 2010.

VELOSO, Airton. *Raízes Espíritas: região metropolitana*. Goiânia: FEEGO, 2012.

VERGER, Pierre. *A Sociedade Egbé orun dos Àbíkú: as crianças nascem para morrer várias vezes*. Revista Afro-Asia, nº. 14, pp. 138 a 160, 1983.

XAVIER, Francisco Candido. *A caminho da luz: História da civilização á luz do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espirita Brasileira-FEB, 1939.

ZANGARI, Wellington. Uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de Umbanda. Boletim Academia Paulista de Psicologia, vol. XXV, núm. 3, setembro-dezembro, 2005, pp. 70-88. São Paulo, 2005.

**ANEXO 1****LISTA DOS CENTROS DE UMBANDA REGISTRADOS NA FEDERAÇÃO  
DE UMBANDA DO ESTADO DE GOIÁS NA DÉCADA DE 70**

<b>Nº</b>	<b>CENTRO DE UMBANDA</b>	<b>DIRIGENTE</b>	<b>SETOR</b>
1	C.E 3 poderes	Ana Pereira Bailão	Nova Vila

2	C.E Pai João	José Gonçalves	Campinas
3	C.E Pai João da caridade Santa Helena	Iracy Soter de castro	Urias Magalhães
4	C.E Anjo Ismael	Luís Fernandes Sales	Ferroviário
5	C.E Pai Tomas	Antônio Silvério de Faria	Vila Aurora
6	C.E Ogum Beira Mar	Natanael Inácio Nascimento	Universitário
7	C.E Irmãos do Caminho	Geraldina Araújo	Oeste
8	Tenda Humilde Castelo Branco	Teobaldo José Pereira	Universitário
9	Tenda Pai Oxalá	Evatis Pereira da Silva	Universitário
10	Tenda Caboclo Pena Branca	Alvina Maria de Oliveira	Parque Amazônia
11	C.E Nossa Senhora da Natividade	Alzira Natividade	Parque Amazônia
12	Tenda Espirita São Sebastião	Artur Tancredo	Coimbra
13	C.E São Sebastião	Geraldina Ataídes	Pedro Ludovico
14	C.E São Miguel Arcanjo	Erotildes do Carmo	Universitário



15	C.E Fé e Amor	Gabriel Elias Neto	Fama
16	C.E Mãe Iemanjá	Maria Batista Silva	Ferrovário
17	C.E 7 Flechas	Pedrinha de Souza Carvalho	Fama
18	Agremiação Espirita Adolpho Bezerra de Menezes	Tenente Coronel Francisco Ferraz de Lima	Ferrovário
19	C.E Nossa Senhora da Conceição	Joseth Rodrigues Montavão	Ferrovário
20	C.E Pai Oxalá	João Martins Alves	Ferrovário
21	C.E Amor e Caridade Caboclo 7 Fechas	Divina Borges dos Santos	Ferrovário
22	C.E São João Batista	João Soares da Cruz	Ferrovário
23	C.E Ogum Iemanjá	Benedita Lemos Santos	Popular
24	C.E de Umbanda Pai Joaquim de Angola	Leda Xavier Sacramento	Urias Magalhães
25	C.E Amor e Fraternidade	Paulo Onofre dos Santos	Urias Magalhães
26	Fundação Evangélica Umbandista Tranca Rua das Almas	Antônia Figueiredo San Tiago	Urias Magalhães
27	C.E de Umbanda Pai Manoel Caboclo Urubatã	João Lopes de Sales	Urias Magalhães

28	C.E Nossa Senhora da Conceição	Damiana Pereira Amaral	Pedro Ludovico
29	C.E Pai Oxalá e cabocla Iara	Silvéria Francisca de Assis de Jesus	Pedro Ludovico
30	Tenda Espirita Maria Conga	Maria Luiza Marcelo	Funcionários
31	Centro Espirita de Umbanda Pai Manoel Maior e Mãe Iemanjá	Severino Pinto de Oliveira	Novo Mundo
32	Tenda Espirita São Jorge	Maria de Lurdes Evaristo Nunes	Fama
33	Tenda União e Fraternidade	José Trajano Filho	Fama
34	Tenda Espirita Jesus dos navegantes	Estacelina de Assis	Santa Helena
35	Tenda Espirita Nossa Senhora da Guia	Salomão Rodrigues Araújo	Santa Tereza
36	C.E Pai Benedito	João Venâncio de Araújo	Granja Cruzeiro do Sul
37	C.E São Jorge	Clodomildo Teodoro Bueno	Campinas
38	Tenda Anabá São Jorge Guerreiro	Degenetrix Dutra Ferreira	Granja Cruzeiro do Sul
39	C.E São Jorge Praticando a Doutrina Cristã	Oswaldo Monteiro da Rocha	Sudoeste

40	Tenda Espirita Tupã	Maria Ruth Calmon	Cândida de Moraes
41	Tenda Espirita São Jorge Guerreiro Vovó Maria Rita	Ligia Maria de Sousa	Fama
42	C.E Santa Barbara	Maria Barbara de Jesus	Cidade Jardim
43	C.E de Umbanda Jorge Guerreiro e Pai Manoel	Leônidas de Oliveira	Vila São José
44	Cabana Espirita de São Jorge Guerreiro	Julieta Maria da Silva	Bela Vista
45	Tenda Espirita Umbandista Caboclo Tupinambá	Maria Almiria S.	Novo Mundo
46	C.E Umbandista Senhor Boiadeiro e Vovô Nagô	José Siqueira de Freitas Filhos	Palmito
47	C.E Caboclo Juremeira	Joana Lino dos Anjos	Serrinha
48	Centro de Umbanda Nossa Senhora Aparecida	Maria Monteiro de Melo	Aeroviário
49	Tenda Espirita pai Serafim e Manoel Baiano	Antônio Campos	São Paulo
50	Tenda Pai Ancião	José Bernardes	Cidade Jardim

		Teixeira	
51	Tenda Maria Mãe Preta do Congo	Terezinha de Jesus Resende	Crimeia Oeste
52	Cabana Espirita Humilde de Iemanjá	Eurípedes Araújo	Palmito
53	Tenda de Umbanda Pai de 7 Serras	Euclides do Nascimento Arantes	Vila João Vaz
54	Terreiro de Umbanda Nossa Senhora da Conceição	Nilton Martins da Silva	Bela vista
55	Centro Jorge Guerreiro e Vovó Cambina	Argenti Monteiro	Progresso
56	C.E Caminheiro de Jesus	Wanderley Cardoso	Jardim América
57	C.E Bom Jesus da Lapa	Altatram Martins dos Santos	Parque Amazonas
58	Tenda Espirita Cabana da África	Pedro Martins dos Anjos	Pedro Ludovico
59	C.E São Sebastião Caboclo 7 Flechas	Lourenço Vieira Loza	Vila União
60	Tenda São Vicente de Paula	Olidia Maria Bernardes	Parque Amazonas
61	C.E Jorge Guerreiro Pai Antônio de Congo	Pedro Goncalves da Silva	Novo Mundo
62	Tenda pai João de	João Gomes	São Paulo

	Aruanda		
63	Tenda Espirita Caboclo Rompe-Mato e Arranca toco	Luís Carlos Kurnet	Balneário Meia Ponte
64	C.E Cabocla Jurema e Pai Francisco	Luís Eduardo Silva	Oeste
65	Tenda de Umbanda Caboclo Sultão das Matas	Irineu Martins dos Santos	Santa Helena
66	C.E Ogum Beira Mar no Amor a caminho da Luz	Amâncio Rodrigues de Matos	Sudoeste
67	Tujupar de Xangô Xapanã	Lourival Inácio de Souza	Fama
68	C.E Fé Esperança e Caridade	Maria Faria de oliveira	Santa Helena
69	C.E São Francisco de Assis	Jeronimo Luiz Rita	Sul
70	Tenda Espirita Rei Congo Caboclo Esperança	Nilza Nascimento	Novo Mundo
71	Centro de Estudos Espirituais Santa Joana D'Arc	Estela Batista de Freitas	Oeste
72	Terreiro de Umbanda Iansã e Ogum das Matas	Alda Borges dos Santos	Ferrovário

73	Tenda Fé amor e Caridade no Espírito Santo	Divina Maria da Silva	Jardim América
74	Terreiro Pai João das Matas Virgens	Gino Nogueira Cruz	Jardim América
75	Abace de Omoloko de Oxum e Iansã	Plinio Mamede	Bueno
76	C.E Caboclo Índio Serra Negra	Leônidas Goncalves da Silva	Cidade Jardim
77	C.E Santa Ana	João dos Santos de Moraes	Fama
78	Terreiro Pai Oxóssi das Matas	Juarino Ferreira Maias	Jardim América
79	C.E" Amor e Caridade "do Caboclo Sete Flexas e Pai Francisco	Moacir Alves de Souza	Sem endereço
80	Tenda Espirita "Cosme e Damião"	Adalgisa Maria da conceição	Jardim Planalto
81	Tenda Espirita Pemba Santo Antônio e Mãe Iemanjá	Francisco Gonçalves dos Santos	Cidade Jardim
82	C.E "Eurípedes de Garsanulfo e Pai Tomé"	Aparecida Carvalho da Silva	Granja Cruzeiro do Sul
83	Centro Espiritualista" Maria Madalena	José de Freitas Filho	Vila Operária

84	Tenda Espirita "Caboclo Sete Velas"	Sebastião Pereira de Oliveira	Cidade Jardim
85	C.E" São Jorge Guerreiro"	Reaulino José de Freitas	Ferrovário
86	C.E "Templo dos 12 Apóstolos"	Rafael Silvestre da Silva	Industrial
87	Tenda de Umbanda "Oxóssi Pena Branca e Caboclo Serra Verde"	Geraldo José Gouveia	Cidade Jardim
88	C.E Grupo de Moçambique Pai Quirino de Angola Patanganga e Atabaque	Lourenço Monteiro dos Santos	Funcionários
89	C.E" Pai Jacob"	Maria Rosa de Oliveira	Goiá
90	C.E" Três Reis Magos, Rei Curibanda e Caboclo Arranca Touco"	Ana Josefa de Souza	Goiá
91	C.E" Maria do Monte"	Orlanda Tenuta de Moura	Norte Ferrovário
92	C.E de Umbanda "São Pedro Xangô"	José Pereira Marinho	Sudoeste
93	Cabana de "Ogum de Nagô"	Maria Alves Cardoso	Vila Nova
94	Cabana de "Pai João"	Lazaro José dos Reis	Parque Amazonas

95	Cruzada Evangélica Umbandista	Emmanuel Pereira Lima	
96	Tenda Espirita "Irmã Celina" São Cosme e Damião"	Celina de Melo Nascimento	Vila Nova, Vila Bandeirante, Jardim Novo Mundo
97	Cabana de Santo Antônio de Ouro	Maria da Luz Oliveira	Cidade Jardim
98	Solar de Caritas	Ruth Tavares Martine	Sul
99	Tenda "Marufe Zaffir"	Marlene Dantas Lima	Serrinha
100	Tenda "Fé, Amor e Caridade"	Conceição Maria Cardoso	Vila João Vaz
101	Tenda Espirita "Pai José"	S. Moraes Sarmento	Vila Nova
102	Cabana "Luz de Pai Martim"	João José dos Santos	Goiá
103	Cabana de Pai Joaquim de Angola	Antônia Balduino Pereira	Pedro Ludovico
104	Cabana de Ogum Guerreiro	Maria dos Santos	Vila São Francisco
105	C.E Pai João	Benedito Merciano Cordeiro	Sudoeste
106	C.E Seara São Vicente de Paula	Virgilato Antônio da Silva	Funcionários
107	Tenda Pai Joaquim	Hilda Alves Claro	Vila Bandeirante



	de Aruanda		
108	Cabana de Ogum de Ronda	Rita Costa Dias	Vila Santa Rita
109	Tenda Espirita São Benedito	Francisco Rodrigues da Silva	Balneário Meia Ponte
110	Cabana de São João Batista	Joaquim Batista	Sul
111	Tenda Espirita Tonico Baiano	Zoroastro Rita da Silva	Universitário
112	Tenda Pai José e São Jorge	Vicente Ferreira de Lima	Cidade Jardim
113	Cabana de Santo Antônio do ouro Fino	Maria da Luz Oliveira	Cidade Jardim
114	Tenda Espirita São Miguel Arcanjo	Erotildes do Carmo	Universitário
115	Tenda de Ogum Maré	Manoel Pedro	Parque Amazonas
116	Tenda Maria de Angola	Edsonina Fernandes Sousa Lino	Bueno
117	Tenda Espirita São Sebastião	Artur Tancredo	Coimbra
118	Tenda Espirita Rei Caramuru	Aldair Coelho da Assunção	Vila Regina
119	C.E de Umbanda João Grande	Jurandir Rodovalho	Vila Coimbra

120	Seara Bom Jesus Beatriz	Magnólia Rodrigues	Vila Mauá
121	Sociedade Espirita Caboclo Cobra Coral	Celino Porfirio	Vila Operária
122	C.E Caboclo das 7 Encruzilhadas	José Camargo	Vila Santa Helena
123	Cabana de São Jorge	Sofia Maria de Jesus	Capuava
124	Cabana de São Jorge	Maria Aparecida de Jesus	Funcionários
125	C.E Corrente Espirito Santo	Maria Costa de Campos Santos	Vila Ana Maria
126	C.E União e Fraternidade	Maria Divina Martins Arruda	Campinas
127	Centro São Benedito	Joel Pereira Santos	Campinas, Vila Vera Cruz
128	Cabana de Ogum Beira-Mar	Pedro Amaral de Lima	Jardim Europa
129	Cabana de Pai Jacob	Benedito José da Silva	Bueno
130	C.E São Jorge	Maria Jorge Tristão	Campinas
131	Cabana de Umbanda Rainha Janaina	João Lazaro Cardoso	Vila Redenção
132	Tenda de São Batista	Odilon Mauricio de Santana	Jardim América

133	C.E Manoel Maior	Jaques Tadeu Maior	Jardim América
134	Tenda Três Corações Cosme, Damião e Dom	Onero Gomes da Costa	Vila São José
135	Templo de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro	Maria Madalena de Souza	Vila São José
136	Tenda de Umbanda Sete Estrelas	José de Freitas Caires Sobrinho	Marechal Rondon
137	Tenda Caboclo Pena Verde	Doralice Maria Souza de Miranda	Vila São José
138	Tenda de Umbanda Santo Antônio	Antônio Alves Barreto	Universitário
139	Congá da Vovó Rita	Maria da Silva Mendes	Vila São José
140	C.E da Paz de Ogum	Alzira Rosa de Jesus	Funcionários
141	Tenda Salomão	Adevar Mendes	Jardim Europa
142	C.E tenda de Nagô Velho, Cabocla Flexa Azul	Dinah Siqueira Campos	Vila Redenção
143	Tenda Mestre João	Terezinha Maria de Moraes	Novo Mundo
144	C.E Pai João Iemanjá	Maria da Conceição	Vila Coimbra, Jardim América

145	Cabula da Bahia	Agenor Neves Ferreira	Vila João Vaz
146	Terreiro Ogum Beira Mar	Maria Ieda Guarina Dal Sasso	Cidade Jardim
147	Professor de Umbanda	Inácio da Silva Neiva	Vila Operaria
148	Cabana Joana D'Arc	Pedro Silvestre Machado	Vila Redenção
149	C.E Pais e Caridade	Wilma de Castro	Bueno
150	Tenda de Umbanda Pai Jacó	João dos Santos Souza	Aeroporto
151	Cabana São Jorge	Aparecida Luiza de Oliveira	Bueno
152	Tenda Nagô	Luiz Carlos de Oliveira Penha	Jardim Esmeralda, Bueno
153	C.E Cabana Peito de Aço	Rita V.de Jesus Freitas	Cidade Jardim, Centro
154	Tenda Espirita Caboclo Gira Mundo	Ruth de Almeida Oliveira	Rodoviários
155	Núcleo Espirita Pai José de Aruanda	Luiz Rocha de Almeida	Sudoeste
156	Tenda "Pai Joaquim de Angola	Maria Correia Miguel	Vila Pedroso
157	C.E Santa Joana D'arc	Antônio Caetano da Silva	Goia

158	C.E “Luz nas Trevas”	Pedro Vicente Tomaz	Jardim América
159	Centro de Umbanda pai Xangô	Lídia Alves de Oliveira	Pedro Ludovico
160	Tenda Espirita” Caboclo Tupã”	José Nunes da Silveira	Vila Santa Helena
161	Casa de Oração das “Sete Estrela e Caboclo Sete Mata”	Nalzira Maria de Jesus	Parque Amazonas
162	Cabana Nossa Senhora da Guia	Paulo Xavier de Chacido	Pedro Ludovico
163	C.E de Umbanda Pai Jacob	Olímpia Francisca de Jesus	Campinas
164	C.E “Rei Congo”	Julia Alves	Vila Operaria
165	Tenda Umbandista “Sete Flechas”	Adanilio Limeira de Carvalho	Fama
166	Casa de Oração Vovó Cambinda	Maria Geralda Pereira	Sudoeste
167	Tenda “Caboclo Sete Flexas e Maria João”	Maria Luiza Alves de Oliveira	Vila Brasília
168	C.E Drº Eurípedes de Barsanulfo	João Miguel Jacob	Parque João Braz
169	C.E Cabocla Jurema	Socorro Pereira de Lima	Avenida Botafogo com 2ª Radial
170	Centro “Rei Cibamba”	Rosa Izabel Pereira	Vila Santa Luzia

171	Tenda de Oxalá Guiam Ubirajara	Irani Nunes da Silva	Fama
172	Tenda Espirita do Caboclo Pedra Dona Roxa	Antônio C.de Morais	Centro
173	Tenda Pai João Francisco	Rosa Nicoliche Luiz	Avenida T - 2
174	Tenda Umbandista São Jerônimo Caboclo Ubirajara	Francisco Pereira de Souza	Universitário
175	Tenda de Umbanda "Mamãe Yara"	Marisa Dantas Machado	Novo Horizonte
176	C.E" Cabana Africana de Pai Cipriano"	Gidela Lourenço Silva	Vila Nova
177	Tenda Espírita de Lei	Eufrosina Arrais Ferreira	Vila Brasília
178	C.E Estrela do Oriente	Terezinha Dias Rezende	Centro
179	Tenda Espirita Velho Abaluaê e Sultão das Matas	Arlindo Rodrigues Lima	Vila Redenção
180	Academia Brasileira de Umbanda	Edson Nunes	Campinas
181	Tenda Espirita "Caboclo Marinheiro" Deus, Amor e Caridade	Mariana Moreira Meirelles	Peri

182	Terreiro de Umbanda Filho do Divino Espírito Santo	Vicente Joaquim Teixeira	Pedro Ludovico
183	Tenda Espirita São Sebastião	Arlindo Bueno Fernandes	Coimbra
184	Tenda Santo Antônio	Raimunda de Souza	Jardim América
185	Tenda Nossa Senhora da Conceição e Ogum de Nagô	Divina Rodrigues Lima dos Santos	Serrinha
186	Tenda Pai Cipriano	Maria Santos Lima	Progresso
187	Tenda de Umbanda Oxóssi Pena Branca	Naidiê de Souza	Ferrovário
188	Tenda Espirita Santo Antônio	Darcisio Pereira da Cunha	Novo Mundo
189	Altar da Caridade	Antônio Pinto de Morais	Alto da Gloria
190	C.E Caboclo Ubirajara	Heleno José Castro	Novo Mundo
191	C.E ogum Rompe Mato	Maria Aurélia Ferreira Barros	Parque Amazonas
192	Tenda Espirita Pai Mateus	Deoclezina da Silva Duarte	Vila Irajá

**ANEXO 2****LISTA DOS CENTROS DE UMBANDA REGISTRADOS NA FEDERAÇÃO  
DE UMBANDA DO ESTADO DE GOIÁS NA DÉCADA DE 90**

	<b>CENTRO DE UMBANDA E CANDOMBLÉ</b>	<b>DIRIGENTE</b>	<b>SETOR</b>
1	Centro Espirita Tupã	Baiano	Campinas
2	Centro Espírita João Grande	Não consta	Jardim América
3	Abaça de Oxum-Caboclo Pena Branca, Pai Velho do	Irene Pereira da Silva	Vila Mutirão



	Congo		
4	Abaça reino Encantado de Oxum	Joaquim de Melo Nunes	Vila Mutirão
5	Casa da Benção	Paula Casadei	São Francisco
6	Centro Espírita 7 Flechas	Wilson de Souza	Fama
7	Centro Espírita Oxum	Maria Divina de Souza	Parque Anhanguera
8	Tenda Espírita São Sebastião	Orcelina Cardoso dos Santos	Vila Mutirão
9	Centro Espírita Oxalá Guiam-Casa de Oyá	Regina de Oyá	Jardim Europa
10	Centro Espírita São Francisco de Assis	Carlos	Nova Vila
11	Centro Espírita Anjo Ismael	Pai Luiz	Jardim Goiás
12	Centro Espírita Estrela do Oriente Cabana Pai Jacob	Mãe Maria	Setor Rio Branco
13	Centro Espírita São Sebastião	Iara Barbosa	Pedro Ludovico
14	Centro Espírita Nossa Senhora da Conceição	Mãe Damiana	Setor dos Funcionários
15	Centro Espírita Pai Oxalá e Cabocla Iara	Mãe Silvéria	Pedro Ludovico
16	Centro Espírita Ogum-Beira mar	Pai Amâncio	Setor Sudoeste

17	Templo de Iansã e aldeia do Caboclo	Pai Manoel	Madre Germana
18	Centro Espírita Pai Emmanoel	Fernando Luíz de Sales	Jardim Vitória
19	Centro Espírita Cavaleiros de Ogum	Everton Cabus	Jardim Guanabara II
20	Ilê Aseí de Obaluauê	Iraci Ferreira da Cruz	Setor Urias Magalhães
21	Centro Espírita Fé e Amor	Daniel Chagas Porto	Setor Fama
22	Abaçá Asé Oyá Raisan Aluaondé	Juvenal Carneiro Neto	Faiçalville III
23	Centro Espírita Nossa Senhora da Conceição	Maria Augusta de Jesus Oliveira	Mutirão I
24	Centro Espírita São Jorge	Não consta	Parque Real
25	Centro Espírita Pai João e Caboclo Gira Mundo	Mãe Sebastiana	Parque Amazonas
26	Centro Espírita José Baiano	Mãe Rosalina	Setor Santos Dumont
27	Tenda Espírita padre Cicero do Juazeiro	Mãe Maria Lima	Parque João Braz
28	Centro Espírita São Pedro	Mãe Maria Limiro	Setor Urias
29	Centro Espírita Mãe Maria	Mãe Nair	Jardim Novo mundo
30	Centro Espírita Nossa Senhora da Conceição II	Mãe Josete	Pedro Ludovico

31	Ilê Axé de Iemanjá	Pai Sérgio	Jardim Novo Mundo
32	Centro Espírita Deus Ama a Verdade	Pai Edmundo	Setor Sudoeste
33	Tenda Iemanjá e Oxóssi	Não consta	Novo Mundo
34	Centro Espírita Caboclo Ubirajara Peito de Aço	Mãe Maria	Jardim Nova Esperança
35	Tenda de Umbanda Mina de Oxum	Não consta	Jardim Alto Paraíso
36	Centro Espírita Ogum Beira-Mar	Pai Natanael	Jardim Europa
37	Templo de Caridade Ogum de Xangô	Não consta	Parque Atheneu
38	Templo de Umbanda São João Menino	Não consta	Jardim América
39	Templo Espiritualista Pai Joaquim de Aruanda	Não consta.	Setor Coimbra
40	Centro Espírita Ogum de Ronda	Não consta.	Vila Redenção
41	Templo Espírita Mãe Iemanjá	Não consta.	Jardim Europa
42	Cabana Caboclo Martin Marinheiro	Não consta.	Balneário meia Ponte
43	Tenda Espírita São Francisco de Assis	Não consta.	Vila Nova
44	Centro Espírita Yemanjá e	Não consta.	Cidade Jardim

	Xangô		
45	Centro Espirita Cabocla Jurema	Não consta.	Cidade Luz
46	Axé Ilê Logum Edé	Não consta.	Jardim Novo Mundo
47	Centro Espirita Vovó Maria Conga	Não consta.	Vila Americana do Brasil
48	Casa da Benção Padre Cicero	Não consta.	Jardim Novo Mundo
49	Núcleo Espirita Pai José de Aruanda	Não consta.	Parque Anhanguera II
50	Tenda Oxóssi Boiadeiro 7 Flechas	Não consta.	Setor Norte Ferroviário
51	Tenda Espirita Coração de Jesus	Não consta.	Jardim Europa
52	Centro Espirita Ogum Iara	Não consta.	Vila Rosa
53	Cabana Espirita Caboclo & Estrelas	Não consta.	Jardim Novo Mundo
54	Centro Caboclo Pena Branca	Não consta.	Setor Sul
55	Centro Espirita Aimoré	Não consta.	Vila Santa Tereza
56	Abaça de Nanã	Não consta.	Jardim América
57	Tenda Espirita Cosme e Damião	Não consta.	Vila Monticelle

58	Centro Espirita Jô de Aruanda	Não consta.	Setor Urias Magalhães
59	Tenda Espírita Senhor do Bonfim	Não consta.	Jardim América
60	Centro Espirita São João Batista	Não consta.	Setor João Vaz
61	Centro Espirita Pai Joaquim de Angola	Não consta.	Setor Alfaville
62	Tenda Pai Joaquim da Mata Virgem	Não consta.	Parque Anhanguera II
63	Centro Espirita Cabocla Jurema das Matas	Não consta.	Recanto das Minas Gerais
64	Centro Espírita Nossa Senhora da Natividade	Não consta.	Parque Amazonas
65	Centro Espirita Caboclo das Pedreiras	Não consta.	Urias Magalhães
66	Ilê Axé Oxalufã	Não consta.	Novo Horizonte
67	Ilê Axé Omi Gbato Jegedé	Marcos Torres	Crimeia Oeste
68	Cabana do Pena Branca	Não consta.	Setor Pedro Ludovico
69	Centro Espirita Sultão das Matas	Não consta.	Jardim América
70	Centro Espirita Pai Jacob	Não consta.	Jardim América
71	Centro Espirita Caboclo Tupinambá	Lazaro Divino Teles	Setor Palmito

72	Caboclo 7 Flexas	Não consta.	Centro
73	Alê Axé Ofá Logun	Não consta.	Jardim Buriti Sereno
74	Centro Espirita Zé Pelintra	Não consta.	Vila Concordia
75	Centro Espirita Cantinho das Almas	Não consta.	Vila São José
76	Centro Espirita São João Batista	Não consta.	Balneário Meia Ponte
77	Terreiro de Umbanda Ogum Xoraquê	Não consta.	Setor Balneário Meia Ponte
78	Centro Espírita Caboclo Iguaçu	Pai José	Jardim Olímpio
79	Centro Espírita Amor e Caridade/Caboclo 7 Cachoeiras	Não consta.	Setor Ferroviário
80	Centro Espiritualista Pai Pequeno	Não consta.	Conjunto Dona Iris II
81	Comunidade Espirita Filhos de Aruanda	Não consta.	Residencial Fortville
82	Centro Espirita Mãe Dulce	Mãe Dulce	Vila Lucy
83	Núcleo Espirita Ogum de Lei	Mãe Renilde	Jardim Novo Mundo
84	Centro Espírita João da Caridade	Mãe Iracy	Urias Magalhães
85	Centro Espírita Pai Joaquim	Não consta	Jardim Novo Mundo

	de Minas		
86	Tenda Espírita Xangô e Sultão das Matas	Antônio Carlos Vieira	Jardim América
87	Centro de Psicografia Nossa Senhora do Carmo	Aparecida das Graças Marques Carneiro	Setor ferroviário
88	Centro Espírita União Espiritual João Baiano	Maria da Glória Alves Carrijo	Novo Horizonte
89	Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo	Valdeci Alves Ferreira	Vila Irani
90	Centro Espírita José Pilintra e Pai Joaquim de Angola	Clarindo Alves de Araújo	Jardim das Oliveiras
91	Associação Espírita Caboclo Ubirajara	Francisco Leme de Oliveira	Jardim América
92	Centro Espírita da Paz Estrela do Oriente	Isabel Cândida da Cunha	Vila São José
93	Ilê Ibá de Obaluaê Casa das Folhas	Iva Rosa Simões	Setor Urias Magalhães
94	Centro Espírita São Francisco dos Passos	Maria das Graças da Silva	Nova Esperança
95	Casa dos Orixás	Sebastião de Matos Santos	Jardim da Luz
96	Centro Espírita São João Batista	(Antônio Geraldo Rodrigues de Oliveira) Jarbo Brito dos Santos	Setor João Vaz
97	Abaça de Oxóssi Ofá de	Aparecida Taveira da	Jardim Ana Lucia

	Prata	Silva	
98	Centro Espírita Pai João das Matas Virgens	José Rodrigues da Silva	Recanto das Minas Gerais
99	Centro Espírita Vovó Maria Conga	Maria Antônia Terceira	Conjunto Caiçara
100	Centro Espírita Ogum Megê	Oswaldo Luiz Sobrinho(fechado)	Setor Pedro Ludovico
101	Centro Lar Espírita Cigana do Egito	Divina Ferreira Vilas Boas	Jardim Lageado
103	Cabana Caboclo do Oriente	Inês de Jesus Souza	Nova Esperança
104	Abaça Xangô Arodê	Leni da Silva Carvalho	Vila Mutirão I
105	Centro Espírita a Caminho da Luz	José Luiz Pinheiro de Souza	Setor Jardim Diamantina
106	Centro Espírita Caboclo 7 Estrada	Jurema de Oliveira Brasil	Setor Centro Oeste
107	Tenda de Umbanda Santa Edwigem	Maria Batista Pereira	Setor Candido de Moraes
108	Centro Medalha Milagrosa	Maria Rita Evangelista	Jardim Presidente
109	Caboclo 7 Flexas	Júlia dos Reis	Jardim Bela Vista
110	Centro Espírita de Aluvaia	Juliana Barreto Rodrigues	Setor Urias Magalhães
111	Centro Espírita Vovó Maria Conga	Maria Margarida da Silva	Jardim Presidente



112	Pai Tomás de Aruanda	Cleber Rodrigues Magalhães	Jardim Dom Fernando
113	Tenda Espírita Senzala	André Cristiano Alves Cardoso	Vila Nova
114	Terreiro de Umbanda Caboclo Flechas	Morisomardem Ribeiro	Conjunto Vera Cruz
115	Centro Espírita Pai Moçambique de Angola	Lázaro Eurípedes	Bairro Feliz
116	Ilê Asé Baboia Yly Obaláa	Sebastião Alves Martins (fechado)	Bairro da Vitória
117	Tenda Espírita de Iboallama	Cecílio Tomé Camilo	Setor São José
118	Agremiação Esp Drº. Adolfo Bezerra de Menezes	Ewane Loiola de Souza	Centro
119	Tenda Cigana do Oriente	Gerson Lopes de Oliveira	Setor Sudoeste
120	Centro Espírita Fonte Luz	Maria Enedir Figueira dos Santos	Jardim das Oliveiras
121	Centro Espírita ogum Beira Mar no Amor ao Caminho	Amâncio Rodrigues de Matos	Setor Sudoeste
122	Tenda de Umbanda Mãe Benedita	Concebida Rosa	Recanto Estrela Dalva
123	Pai José Mestre Talus	Jesus Ferreira da Silva	Finsocial
124	Casa São Francisco de Assis	Ivonete Marcos de Souza	Vila Barcelos

125	Consultório São Cipriano	José Antônio Pereira da Silva	Jardim Planalto
126	Severino Baiano na lei de Xangô	Maria Amélia Ribeiro da Costa	Setor Santa Luzia
127	Centro Espírita José Baiano	Rosalina Moreira dos Santos	Setor Santos Dumont
128	Império Solar (Edif)	Armando de Rezende Júnior	Bairro São Lucas
129	Tenda Espírita Seara de Oxum	Keila de Souza Lacerda	Jardim Leblon
130	Centro Espírita Casa de Xangô	Maria Helena Gomes Cerejeiro	Setor Castelo Branco
131	Centro Espírita Pai José Arimatéia	Josema Torres Licori	Setor Pedro Ludovico
132	Centro Espírita Corrente do Espírito	Roberto Barbosa da Silva	Vera Cruz II
133	Centro Espírita Raio de Sol	Sergipe Gonçalves Correia	Bairro São Francisco
134	Centro Espírita Nossa Senhora Aparecida	Sinval de Sousa Reis	Vila Maria
135	Cabana Pai Xangô	Ademar Batista de Alcântara	Jardim Pompeia
136	Terreiro Caboclo Lage Grande	Rosália dos Santos	Novo Horizonte

137	Centro Espírita Casa de Oração	Alzira Maria Marques	Sem endereço.
138	Centro de Umbanda Pai Benedito	José de Almeida Lourenço	Vila Redenção
139	Ilê Axé Iba Ibome	Mestre Luizinho	Setor Pedro Ludovico
140	Ilê Axé Onilewá	Tereza Cleidecer Dias	Jardim Buriti Sereno
141	Axé Ojúsun Akotun	Kerley Luciano da Silva	Jardim Fonte Nova
142	Ilê Axé Canto de Oxum	Maria Luíza da Silva	Setor Urias Magalhães
143	Ilê Axé Alaketú Omol'Oyá	Maria de Lurdes Ribeiro de Assis	Parque das Nações
144	Casa de Oxum e Oxalá Ilê Eromim	Ênio Pereira da Cruz	Village Garavelo II
145	Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição	Josete Montalvão	Setor dos Funcionários
146	Ilê Axé Araketu Omi Oxolufan	Kênio de Oliveira Silva	Vila Rosa
147	Ilê Axé Oxum e Oxalá	Marizene da Silva Souza	Vila Santa Luzia
148	Ilê Axé Ogum Beira Mar	Zélia Ponce de Leones	Jardim Balneário Meia Ponte
149	Ilê Axé Maria Conga Sereia do Mar	Valéria Eurípedes S. Santos	Jardim Liberdade

150	Casa Baiana Maria Madalena	Não disponível	Não disponível
151	Centro Espírita Abaça	Aldair Pessoa	Parque Flamboyant
152	Casa Oxum e Xangô	Divaldina Maria Domingos da Silva	Pontal Sul I
152	Cantinho dos Orixás	Pai Carlos	Jardim Vila Boa
154	Reino dos Orixás	Sereno – J.M. N	Não consta
155	Ilê Axé Ig G Balé	Jome Arantes Camargo	Jardim Tiradentes
156	Casa Vó Lurdes	Maria de Lurdes Barbosa Alves	Setor Pedro Ludovico
157	Templo de Oração de Maria Santíssima	Salmo Vieira da Silva, Jesus da Conceição	Jardim Monte Cristo
158	Centro Espírita Luz e Caridade	Wesley Leal	Setor Pedro Ludovico
159	Ilê de Alamburu	Martim Wanderson Teixeira	Conjunto Uirapuru
160	Ilê de Oxalá Xangô e Iansã	Michel Nascimento	Não Consta
161	Centro Espírita Cavaleiro de Ogum	Everton Cabús	Jardim Guanabara II
162	Casa de Oxóssi Lage Grande	José Alves da Silva	Setor Perim
163	Seara do Senhor	Maria Isabel de Holanda Silva Costa	Vila Santa Helena

164	Pai Jacob	Antônia Francisca de Souza	Setor Lóris
165	Tenda da Prática Espírita Obreiros de Jesus	Livino José dos Santos	Cidade Jardim
166	Centro Espírita Caboclo Pena Branca	Lorena Siqueira Rosa	Jardim América
167	Abassá de Obaluayiê	Elmo Rocha	Conjunto Uirapuru III
168	Casa de Umbanda Caboclo Pena Branca	Alvina Maria de Oliveira	Mansões Paraíso
169	Ilê Axé Mutambalé	Mariléia ti Oxumaré	Não Consta
170	Egbé Herdeiros de Ifá	Awofá Ifakemi Miguel ti Obatalá	Setor Pedro Ludovico
171	Terreiro de Umbanda Mártir São Sebastião	William de Xangô	Não Consta
172	Tenda Espírita Leão da Tribo de Judá	Não consta	Setor Real Grandeza
173	Centro Espírita Morada dos Ventos	Edivam do Ogum	Não Consta
174	Casa Pai Cipriano	José Antônio	Não Consta
175	Terreiro de Umbanda Pai Xangô	Lucaya de Oxalá/Wesley	Não Consta
176	Centro Espírita Pai Oxalá	Deuzuíta (Dona	Não Consta

		Rocha)	
177	Templo de Umbanda Ogum Iara	Uiara Marina Duarte Vieira	Vila Boa
178	Centro Espirita São Sebastião	Geraldina B. Ataídes	Setor Pedro Ludovico

### ANEXO 3

#### RELAÇÃO DOS CENTROS VISITADOS E DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

##### 1. Tenda Espirita Vovó Maria Conga

Endereço: Jardim Presidente

Fundadora: Maria Luzia Mendes

Atual diretora espiritual: Maria Margarida da Silva ( Mãe Lia)

Idade: 65 anos

Local onde nasceu: Ituiutaba - MG

Grau de escolaridade: Segundo ano do ensino fundamental(lê mas não escreve)

Profissão e ocupação: Empregada doméstica, faxineira, cozinheira, lavadeira de roupas, cantora em bares. Hoje vive como sacerdotisa do Candomblé

Data da entrevista: 29.02.2018

##### 2. Centro de Umbanda Mãe Maria Baiana

Endereço: Jardim Alto Paraíso-Aparecida de Goiânia

Fundadora e Diretora espiritual: Maria Mendes Pereira da Silva (Mãe Maria Baiana)

Idade: 70 anos

Local onde nasceu: Furnas-MG

Grau de escolaridade: Ensino Médio-Magistério

Profissão e ocupação: Empregada doméstica, faxineira, cozinheira, artesã.

Data da entrevista: 02.08.2017

**3. Fraternidade Espírita Luzes de Aruanda-FRESLA**

Endereço: Conjunto Riviera

Fundadora e diretora espiritual: Ana Luzia da Silva de Paula

Idade: 75 anos

Local onde nasceu: Morrinhos- GO

Grau de escolaridade: Ensino superior/ Pedagogia e Direito

Profissão e ocupação: Empregada doméstica, lavadeira de roupas, professora. Hoje está aposentada.

Data da entrevista: 23.06.2018

**4. Centro Espirita Mensageiros da Estrela Guia**

Endereço: Jardim América

Fundadora e diretora espiritual: Maria da Conceição R. Alves

Idade: 65 anos

Local onde nasceu: Goiânia-GO

Grau de escolaridade: Ensino superior/Mestrado em Letras

Profissão e ocupação: Professora aposentada

Data da entrevista: 11.11.2017

**5. Centro Espirita Pai Oxalá**

Endereço: Senador Canedo

Fundadora e diretora espiritual: Edelzuita dos Santos Souza (Dona Roxa)

Idade: 84 anos

Local onde nasceu: Morro do chapéu-BA

Grau de escolaridade: semiletrada

Profissão e ocupação: Aposentada

Data da entrevista: 22.03.2018

**6. Centro Espirita Pai André de Guiné**

Endereço: Setor Moraes

Fundadora e diretora espiritual: Flormaria Sidião Araújo

Idade: 72 anos

Local onde nasceu: Goiânia-GO

Grau de escolaridade atualmente: Ensino médio

Data da entrevista: 15.06.2018

**7. Centro Espirita São Sebastião**

Endereço: Setor Pedro Ludovico

Fundadora: Geraldina Barbosa Ataídes (falecida)

Data de falecimento: 2008

Local onde nasceu Morrinhos-GO

Grau de escolaridade: Ensino fundamental

Profissão e ocupação: Professora informal/Merendeira/outros

Diretora espiritual: Iara Ataídes

Entrevista: Iara Ataides

Data: 04.04.2018

**8. Centro Espirita Reino dos Orixás**

Endereço: Jardim Tiradentes-Aparecida de Goiânia  
 Fundadora e diretora espiritual: Isaíldes Oliveira e Souza-Isa de Oxum  
 Idade: 58 anos  
 Local onde nasceu: Araxá- MG  
 Grau de escolaridade: Ensino superior  
 Profissão e ocupação: Professora do ensino básico no estado de Goiás  
 Data da entrevista: 24.07.2017

### **9. Templo de Umbanda Ogum Iara**

Endereço: Jardim Vila Boa  
 Fundadora e diretora espiritual: Uiara Marina Duarte Vieira  
 Idade: 84 anos  
 Local onde nasceu: Barreiros – M.G  
 Grau de escolaridade: Quarta série do Ensino Fundamental  
 Profissão e ocupação: Aposentada do serviço público (porteira de escola)  
 Data da entrevista: 03.05.2018

### **10. Centro de Umbanda Cabocla Jurema**

Endereço: Jardim Luz-Aparecida de Goiânia  
 Fundadora e diretora espiritual: Isabel Cristine Dias dos Santos (Isabel de Oxum)  
 Idade: 48 anos  
 Local onde nasceu: Goiânia-GO  
 Grau de escolaridade: Ensino superior  
 Profissão e ocupação: Servidora Pública  
 Data da entrevista: 07.05.2018

### **11. Centro Espírita Caboclo Pena Branca**

Endereço: Setor Mansões Paraíso  
 Fundador: Manoel  
 Diretora espiritual: Alvina Maria de Oliveira  
 Idade: 83 anos  
 Local onde nasce: Orizona-GO  
 Grau de escolaridade: Semiletrada  
 Data: 21.03.2018

### **12. Centro Espírita Ogum Beira Mar no Amor a Caminho da Luz**

Endereço: Setor Sudoeste  
 Fundador: Amâncio Rodrigues de Matos  
 Diretora espiritual: Tereza Barbosa de Matos  
 Idade: 65 anos  
 Local onde nasceu: Ceres  
 Grau de escolaridade: Curso superior-Faculdade de enfermagem  
 Profissão e ocupação: Nunca trabalhou como enfermeira. Dedicou-se à família e à religião.  
 Data da entrevista: 29.05.2018

### **13. Centro Espírita José Baiano**

Endereço: Setor Santos Dumont  
 Fundadora e diretora espiritual: Rosalina Moreira dos Reis



Idade: 61 anos  
 Local onde nasceu: Avelinópolis  
 Grau de escolaridade: Ensino Técnico em laboratório  
 Profissão e ocupação: Técnico de laboratório/Operadora de máquina em fábrica/Funcionária do Vapt-Vupt  
 Data da entrevista: 22.11.2017

#### **14. Templo de Oração de Maria Centro Espirita Vó Cambinda, Pai Joaquim, São Cosme e São Damião**

Endereço: Jardim Monte Cristo  
 Fundadora: Maria de Lurdes (falecida)  
 Idade: 63 anos  
 Data de falecimento: 2016  
 Local onde nasceu: Posse  
 Grau de escolaridade: Semiletrada  
 Profissão e ocupação: Empregada doméstica/ Manicure  
 Diretor espiritual: Jesus da Conceição  
 Entrevista 1: Jesus da Conceição  
 Data: 07.03.2018  
 Entrevista 2: Janaina Maria da Conceição Aquino, Maria de Fátima e Jesus  
 Data: 15.06.2018

#### **15. Centro Espirita São Miguel Arcanjo**

Endereço: Setor Universitário  
 Fundadora: Erotildes do Carmo  
 Idade: 88 anos (idade aproximada)  
 Data de falecimento: 2016  
 Local onde nasceu: Cidade de Goiás  
 Grau de escolaridade: semiletrada  
 Profissão e ocupação: Empregada doméstica/babá  
 Diretor espiritual atual: Padrinho Zelismar  
 Entrevista 1: Reginaldo  
 Data: 09.11.2017  
 Entrevista 2: Carlos Gomes do Carmo  
 Data: 17.03.2018  
 Entrevista 3: Washington Fernando de Sousa  
 Data: 14.03.2018  
 Entrevista 4: Eli Silveira Alves Junior  
 Data: 17.03.2018  
 Entrevista 5: Cristiano do Carmo  
 Data: 05.12.2017

#### **16. Tenda Espirita Pai João das Matas**

Endereço: Setor Garavelo em Aparecida de Goiânia  
 Fundadora e diretora espiritual: Karen Rosenthal Sant'Ana Pires  
 Idade: 45 anos  
 Local onde nasceu: Goiânia-Go  
 Grau de escolaridade: Magistério/Ensino Superior de História  
 Profissão e ocupação: Professora estadual e diretora de escola

Data da entrevista: 01.08.2018

**17. Casa de Oração Mãe Dulce**

Endereço: Vila Lucy-Setor Sudoeste

Fundadora: Dulce Viana de Oliveira (falecida)

Idade: 89 anos

Data de falecimento: 2015

Local onde nasceu: Andaraí-BA

Grau de escolaridade: semiletrada

Profissão e ocupação: agricultora rural/comerciante

Diretor espiritual: Júlio Viana de Oliveira

Entrevista: Humberto Viana de Oliveira e Preta Viana

Data: 31.03.2018

**18. Centro Espírita Cavaleiros de Ogum**

Endereço: Jardim Guanabara II

Fundadora: Romilda Cassiana Batista

Idade: 64 anos

Data de falecimento: 2004

Local onde nasceu:

Grau de escolaridade: Ensino fundamental incompleto

Profissão e ocupação: Doméstica

Diretor espiritual: Henrique Teixeira

Entrevista: Everton Cabus (TOM)

Data: 04.11.2017

Entrevista: Sueli

Data: 11.04.2018

**19. Centro Espiritualista de Umbanda Pai Joaquim de Angola**

Endereço: Urias Magalhães

Fundadora e diretora espiritual: Leda Xavier Sacramento

**20. Centro Espírita Nossa Senhora da Conceição**

Endereço: Setor Ferroviário

Fundadora e diretora espiritual: Joseth Rodrigues Montalvão

**21. Tenda Espírita São Sebastião**

Endereço: Setor Coimbra

Fundador: Alberto Mendes Rosa (Bita)

Diretor espiritual: Ricardo Silva Toledo

Entrevista 1: Ricardo

Data: 04.06.2018

Entrevista 2: Alba Soares da Silva, Luzia Moreira e Keila Moreira Silva Moraes

Data: 17.07.2018

Entrevista 3: Luzia Moreira

Data: 28.09.2018

**22. Ilê Axé Alaketu Omi Oxalufan**

Endereço: Vila Rosa

Fundador e babalorixá: Kenio de Oliveira Silva

Idade:

Local de nascimento: Trindade

Grau de instrução: Ensino Superior/ Direito

Data de entrevista: 20.03.2018

### **23. Abassá de Obaluayê**

Endereço: Senador Canedo

Fundador e sacerdote: Elmo Rocha

Idade: 60 anos

Local de nascimento: Belo Horizonte-MG

Grau de instrução: Contabilidade e administração

Profissão e ocupação: Gerente de empresa/Gestor de projetos/ órgãos sociais

Data da entrevista: 05.12.2017

### **24. Ordem Universal do Planalto Central**

Endereço: Sítios Santa Luzia- Aparecida de Goiânia

Fundador e sacerdote: André Luís

Idade: 49 anos

Local de nascimento: Goiânia-Go

Grau de instrução: Ensino Superior em Tecnologia Superior em Educação

Profissão e ocupação: Diretor de secretaria na prefeitura de Goiânia (informática, Igualdade racial)

Data da entrevista: 19.11.2017

### **25. Casa de Convergência Assistencial do Universo Espiritualista- CASUE**

Endereço: Jardim Tiradentes

Fundador e diretor espiritual: Warley Portugal

Idade: 38 anos

Local de nascimento: Goiânia

Grau de instrução: Ensino Superior em gestão de pessoas e administração

Data da entrevista: 14.03.2018

### **26. Agremiação Espirita Dr. Adolfo Bezerra de Menezes (fechado)**

Endereço: Centro de Goiânia

Ex-dirigente: Ewane Loyola

Data da entrevista: 30.06.2018

### **27. Centro Espírita Fé e Amor**

Endereço: Setor Fama

Fundador: Gabriel Elias Neto

Diretor espiritual: Daniel Chagas Porto

